JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 19 de setembro de 1976 | Ano LXXXVI — N.º 164

TEMPO

Bom com aumento de nebulosidade. Temp. estável a principio, declinando após. Ventos Norte/Noroeste rondando para Sudoeste, fracos/moderados com possíveis rajadas. Máxima 31,5 (Bangu). Mínima 15,5 (Alto da Boa Vista). Mapas na pág. 25.

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com 146 páginas em quatro cadernos de **Classificados**, Noticiário, **Caderno Especial, Caderno B, Serviço** e **Caderno de Quadrinhos.**

PREÇOS, VENDA AVULSA:

Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais:
Dias úteis . . . . Cr$ 3,00
Domingos . . . . Cr$ 4,00

SP, PR, SC, RS, MT, BA, SE, AL, RN, PB, PE, ES, DF e GO:
Dias úteis . . . . Cr$ 5,00
Domingos . . . . Cr$ 6,00

CE, MA, AM, PA, PI, AC e Territórios:
Dias úteis . . . . Cr$ 5,00
Domingos . . . . Cr$ 7,00
Argentina . . . P$ 5
Portugal . . . . Esc. 12,00

ASSINATURAS — Domiciliar (Rio e Niterói):
3 meses . . . . Cr$ 245,00
6 meses . . . . Cr$ 440,00

(São Paulo, capital)
3 meses . . . . Cr$ 400,00
6 meses . . . . Cr$ 800,00

Postal, via terrestre, em todo o território nacional, inclusive Rio:
3 meses . . . . Cr$ 245,00
6 meses . . . . Cr$ 440,00

Postal, via aérea, em todo o território nacional:
3 meses . . . . Cr$ 280,00
6 meses . . . . Cr$ 500,00

EXTERIOR — Via aérea: **América Central, América do Norte, Portugal e Espanha:**
3 meses . . . US$ 207.00
6 meses . . . US$ 414.00
1 ano . . . . US$ 829.00

América do Sul:
3 meses . . . US$ 150.00
6 meses . . . US$ 300.00
1 ano . . . . US$ 600.00

Demais países:
3 meses . . . US$ 304.00
6 meses . . . US$ 609.00
1 ano . . . . US$ 1 218.00

— Via marítima: **América, Portugal e Espanha:**
3 meses . . . US$ 41.00
6 meses . . . US$ 82.00
1 ano . . . . US$ 164.00

Demais países:
3 meses . . . US$ 58.00
6 meses . . . US$ 116.00
1 ano . . . . US$ 232.00

Estatização do fosfato faz o prejuízo subir

Elevam-se a cerca de 350 milhões de dólares anuais — a preços de 1974 — os prejuízos nacionais devido à entrega da exploração do fosfato de Patos de Minas a um consórcio de empresas estatais que não detêm as áreas onde se encontra o minério, assim como as divergências entre funcionários de outras empresas públicas que se sentiram marginalizados no projeto.

Descoberto pela CPRM no rastro de pesquisas de diamante feitas pela Empreendimentos Minerais — uma empresa privada brasileira — o fosfato esbarrou depois que se resolveu dar uma solução na qual o grupo escolhido — Petrofertil, Camig e Fibase — marginalizou a própria CPRM e a Vale do Rio Doce.

O fosfato é um nutriente indispensável para o desenvolvimento da agricultura, ao lado do nitrogênio e do potássio. Mais de 50% da demanda brasileira é suprida através de importações, cujos preços têm subido consideravelmente no mercado internacional. As jazidas de Patos de Minas são propriedade de quatro empresas privadas — que detêm cerca de 76% da área potencialmente produtora — e da CPRM, no restante.

Em Brasília, informou-se que a criação da empresa de economia mista para a exploração do minério continua dependendo de aprovação, pelo Congresso, do projeto que permitirá à CPRM negociar com empresas privadas nacionais ou multinacionais os resultados de suas pesquisas. (Página 39)

Volta Redonda/RJ

À falta de canaletas apropriadas, o gusa corre em sulcos na direção do lingoteamento, antes de chegar à aciaria

Geisel diz por que não aceita ser mediador entre ricos e pobres

O Presidente Ernesto Geisel admitiu ontem que a baixa renda *per capita* do Brasil, "nos diferencia essencialmente dos países desenvolvidos", mas afirmou que "não cultivamos essa diferença com sentimento radical". "Acreditamos que o desenvolvimento depende, em grande parte, do nosso próprio esforço", disse, um dia depois de ter recusado a proposta do *Premier* Takeo Miki para colocar o Brasil na posição de mediador entre as nações industrializadas e as subdesenvolvidas.

Em duas entrevistas coletivas, uma a jornalistas japoneses e outra a brasileiros, o Presidente desmentiu que o Brasil esteja disposto a patrocinar a formação de um cartel de exportadores de minério de ferro, anunciou que seu Governo não vê antagonismos entre a ação do Estado e a da iniciativa privada e afastou a possibilidade de se patrocinar um reequipamento imediato do parque ferroviário nacional. Foram feitas 21 perguntas e as respostas somaram duas horas e meia. Não se tratou de temas políticos internos.

A pedido do Presidente, interessado em alcançar as edições dominicais dos jornais brasileiros, foi antecipada a divulgação do comunicado conjunto assinado por Geisel e pelo *Premier* Miki que durante três dias de negociações sofreu pelo menos 17 alterações relevantes no texto.

O Presidente Geisel e D Lucy embarcam hoje para Kioto, antiga Capital imperial do Japão, com 1 mil 600 templos e as melhores fábricas de seda do país. A comitiva presidencial deixa o Japão amanhã às 18h. (Páginas 30, 31, 32, 33, 34 e 35)

Ministro alerta para marcha do xistossoma

A xistossomose ameaça atingir a Amazônia e o pantanal de Mato Grosso e a partir de então, admite o Ministro da Saúde, Paulo de Almeida Machado, será impossível controlá-la. O Ministério, que em seus 25 anos pouco ou quase nada fez para atacar a doença, enfrenta hoje, ao lançar o Plano Nacional de Combate à Esquistossomose, os mesmos obstáculos e restrições das fracassadas campanhas anteriores.

O uso indiscriminado de um medicamento — o Mansil — para o tratamento da esquistossomose pode ter, dizem os pesquisadores, consequências graves, ao substituir uma doença por outras. E o caramujo transmissor, hermafrodita que em três meses gera 10 milhões 500 mil outros caramujos — podendo cada um deles liberar até 500 mil cercárias, forma do *Schistosoma mansoni* — é de difícil erradicação.

Com uma determinação sem precedentes na história da saúde pública brasileira, o Ministério dispõe-se a enfrentar o problema. O número atual de doentes, no país, é estimado entre 8 e 14 milhões, embora o total exato somente seja conhecido dentro de um ano, ao se encerrar o inquérito epidemiológico que a Superintendência das Campanhas realiza entre colegiais de sete a 14 anos de idade.

Uma das características atuais da esquistossomose é uma inversão em sua progressão — agora também levada da cidade para o campo, após chegar aos grandes centros em consequência do êxodo rural. No Estado de São Paulo o caramujo hospedeiro é encontrado em 46% dos municípios. (Págs. 21, 22, 23 e 24)

Gasto público é a causa da inflação atual

O aumento semestral dos gastos públicos superior em 80% ao registrado nos primeiros seis meses do ano passado foi apontado pelos professores Otávio Gouveia de Bulhões, ex-Ministro da Fazenda; Ernane Galveas, ex-presidente do Banco Central, e Carlos Geraldo Langoni, da Fundação Getúlio Vargas, como o principal elemento de pressão inflacionária este ano.

Eles consideraram que a economia brasileira esgotou sua capacidade ociosa, em função do expressivo crescimento do Produto Interno Bruto nos últimos anos. Para evitar a reaceleração dos preços, os professores recomendam o controle rígido do crédito e dos gastos públicos, conforme diretriz agora adotada pelo Conselho Monetário Nacional. (Página 45 e editorial)

Cardeal diante de Pinochet pede liberdade

A defesa dos direitos humanos e das liberdades foi o tema da homilia pronunciada ontem, data nacional chilena, pelo Cardeal Raul Silva Henriquez, durante o *Te Deum* ecumênico oficiado na catedral de Santiago, na presença do Presidente Augusto Pinochet, membros da Junta, Ministros de Estado e visitantes estrangeiros, entre eles o General e Ministro do Exército brasileiro, Sílvio Frota.

Destacou que "nosso empenho pelos direitos de Deus reclama um análogo respeito pelos direitos do homem, pois Deus quer que seus filhos sejam amados e respeitados. E o homem violentado pela injustiça sente germinar em si o ressentimento e a contraviolência". (Página 19)

Siderúrgica culpa Cacex pelos atrasos

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), mesmo admitindo sua parcela de culpa nos problemas verificados no Estágio II de expansão da Usina de Volta Redonda, entende que a Cacex prejudicou seriamente a execução do plano porque demorou seis meses para autorizar a importação de equipamentos necessários à nova aciaria da unidade.

A Siderúrgica prevê que o atraso no Estágio II será superado no terceiro plano de expansão, embora este tenha-se iniciado com um atraso de quatro meses. Caso uma empresa norte-americana entregue os instrumentos de controle da nova aciaria em outubro, esta entrará em funcionamento no mês seguinte, quando o alto-forno nº 3 elevará sua produção para 6 mil toneladas/diárias de gusa. **(Pág. 42)**

Iugoslavo teme Moscou com a morte de Tito

A União Soviética espera apenas a morte do Marechal Tito para tentar a desagregação da Iugoslávia, aproveitando divergências partidárias e étnicas, afirma Milovan Djilas, que chegou a ser apontado como herdeiro natural de Tito e hoje vive marginalizado, depois de cumprir prisão por discordar do Presidente.

O agravamento do estado de saúde de Tito (84 anos) aumenta as especulações sobre o futuro político da Iugoslávia, uma federação de seis nacionalidades, "unidas pela personalidade forte do Marechal." Mas o país "sobreviverá, mesmo que tenha que pagar um preço alto e a despeito dos planos e sonhos de ocupação de Moscou", ressaltou Djilas. (Página 14)

Premier chinês adverte contra URSS e EUA

Diante de 1 milhão de chineses reunidos na Praça da Paz Celestial, em Pequim, para prestar sua última homenagem a Mao Tsé-tung, o *Premier* Hua Kuo-feng, virtual sucessor do Presidente, pediu a seu povo que se mantenha unido para enfrentar o desafio "dos dois imperialismos, o americano e o soviético", e prometeu manter-se fiel à política de seu predecessor.

Na oração fúnebre, o *Premier* deixou claro que a URSS é o inimigo principal da nação chinesa. Hua Kuo-feng não poupou críticas à "camarilha revisionista de Moscou" e acentuou também que, no plano interno, a luta contra Teng Hsiao-ping e seus partidários será intensificada. (Pág. 20)

"Caderno B"

Mais de 400 fotografias — selecionadas em mil — compõem a I Exposição Internacional de Arte Fotográfica da Cidade do Rio de Janeiro, a ser inaugurada às 18h de amanhã, no Salão da Caixa Econômica Federal. Roupas completas, coloridas, transparentes e leves, com o mesmo tecido: é a bandagem cirúrgica que virou moda.

Lazer e conforto é um excelente debate. Será no MAM, em dois ciclos, com 70 aulas. Nos anos 40, o banho nas águas da Baía de Guanabara era saudável. Hoje ameaça com hepatite, tifo, esquistossomose. Antigamente tinha lagostas, badejos; hoje tem lixo e óleo. Plantados no inverno os crisantemos começam a florir breve.

Serviço

Conselho de Contas assusta 64 prefeitos

A falta de licitação e de empenho prévio na aplicação dos recursos, além do uso dos vales, são as irregularidades mais encontradas pelo Conselho de Contas do Município, que há um ano — quando foi instalado — assusta as 64 Prefeituras do Estado. Há poucos dias, acusou os Prefeitos de S. João de Meriti e Bom Jesus de Itabapoana por práticas ilegais.

Desde sua instalação, o Conselho de Contas já recebeu 3 mil 800 processos rejeitou as contas de cinco prefeitos e aprovou as de 30. **(Página 8)**

Quadrinhos

PEANUTS

"Especial"

Dezoito de setembro de 1946. O relógio no velho Palácio Tiradentes marca 15h. O Senador Melo Viana, do PSD mineiro, assume a tribuna, o vozerio vai baixando até desaparecer e ele anuncia a promulgação da nova Constituição, "instrumento pelo qual emergimos de um regime ditatorial sombrio, em que as garantias individuais foram canceladas".

Por que Mao Tsé-tung venceu seus muitos rivais e se tornou líder inconteste? Para os comunistas chineses, "ele via longe". O banho acidental de Kossiguin num rio de seu país virou especulação política. Os escândalos da Lockheed estão espalhados por todo o mundo. O valor da Declaração de Helsinqui talvez não seja igual ao papel em que esta foi escrita.

Coluna do Castello

O dever de informar

Brasília — *Por decisão política do Presidente da República suspendeu-se a censura prévia aos jornais, com as exceções conhecidas. Essa realidade parece hoje irreversível, apesar de certos remuos internos do sistema. Foi um extraordinário passo avante, o qual permitiu debate suficientemente amplo para que o povo, inclusive a parcela militar do povo, ampliasse substancialmente suas informações sobre fatos e problemas nacionais e pudesse participar de um debate que se vai generalizando, malgrado, no caso do Poder Legislativo, condicionado à ameaça do Ato nº 5, instrumento que sobrevive contraditoriamente com uma política de distensão e gera intranquilidade na área que a distensão procura tranquilizar, enquanto esta torna apreensivos os setores favoráveis à ortodoxia do processo revolucionário. Esse dualismo é fonte de tensões e, se contribui, como se alega, para manter o equilíbrio, será certamente um equilíbrio altamente instável.*

A suspensão da censura prévia não pode ainda ser tomada como plenitude da liberdade de imprensa. E' possível que, como no caso da democracia, jamais se alcance essa plenitude, mas o fato é que deveremos aperfeiçoar nossas práticas (além das instituições) para alcançarmos o nível mais alto possível de liberdade. O Governo, como se sabe, não abre mão do seu caráter sigiloso. Operações governamentais, sobretudo de natureza política ou legislativa, só chegam aos leitores de jornais por meio de pequenas informações que vazam aqui e ali. Não há informações sistemáticas, nem há livre acesso dos jornalistas às fontes de informação, ciosamente guardadas pelo Governo. Os Ministros nada têm a dizer e proíbem seus funcionários de falar com repórteres. Há obviamente exceções e Ministros e auxiliares responsáveis que entendem do seu dever manter diálogos de informação e esclarecimento. Isso acontece em escala reduzida, mas felizmente do melhor nível.

Como sintoma de que o Governo persiste em manter suas atividades sob o mais estrito sigilo está esse caso dos exames médicos a que se submeteu recentemente o Vice-Presidente da República no exercício da Presidência. O General Adalberto Pereira dos Santos é um homem estimado, bondoso por natureza e afável. Além disso, simboliza ele no momento a continuidade do Poder e da ordem, sendo sua pessoa e o que com ela se passa do interesse geral. Pois bem, não é lógico que, tendo de assumir por 10 dias a Chefia do Governo, num período estabelecido com grande antecedência, tivesse ele resolvido submeter-se no curso desses mesmos dias a exames médicos. Obviamente, ocorreu uma emergência, que terá deixado aflitos seus amigos.

O General Adalberto, no entanto, não é neste momento um homem privado. E' o Chefe do Estado e a Nação tem o direito de saber o que acontece com ele e o Governo o dever de manter a Nação informada. Ora, menos de 24 horas depois de ter ele assumido a Presidência, foi conduzido ao Rio numa operação sigilosa, codificada, de aparência militar e internado sucessivamente em dois hospitais, o Central do Exército e a Clínica São Vicente, constando ainda que se convocou para plantão uma equipe de especialistas do Hospital das Clínicas em São Paulo. O Presidente pessoalmente desapareceu da Capital por um período aproximado de 48 horas, numa emergência que levou o Sr Célio Borja, Presidente da Camara, e imediato na linha de substituição do Presidente, a transferir, já na segunda-feira, a data da sua viagem à Espanha, também marcada com grande antecedência.

Esses fatos não podem nem devem ser do conhecimento privativo de um pequeno contingente de pessoas que tomam deliberações graves à revelia da Nação, sem o conhecimento dela, como se estivéssemos na China ou na Rússia e como se houvesse um Politburo a produzir decisões secretas. O Governo deveria desde o primeiro momento ter informado do transito do Presidente em exercício de Brasília para o Rio, dos motivos médicos reais que determinaram essa remoção e do desfecho, ao que tudo indica feliz, desse caso. O regime, malgrado o baixo grau de institucionalização, tem mecanismos prontos a serem acionados e se o estado de saúde do Presidente aconselhasse sua substituição a Constituição prevê uma linha de substituidores que só foi violada uma vez, quando se recusou posse ao Vice-Presidente Pedro Aleixo por ter-se manifestado ele contrário à aprovação do Ato nº 5.

Claro que o General Adalberto Pereira dos Santos, que é um homem comunicativo, não determinou o sigilo em torno das medidas louváveis para lhe preservar a saúde. O que aconteceu é da natureza desse regime hermético, que procura operar à margem do povo, no estilo salvacionista das autocracias de todos os tempos. A abertura de canais de comunicação do Governo é a próxima etapa no caminho da conquista da liberdade de imprensa, pendente, obviamente, do acesso às fontes de informação. O Governo não é de ninguém especialmente, mas da Nação, como um todo.

Carlos Castello Branco

Francelino afirma que Arena não quer adiar reforma do Judiciário

Belo Horizonte — O Deputado Francelino Pereira disse ontem, nesta Capital, que a direção da Arena não pensa em sugerir ao Presidente Geisel o adiamento para 1977 da remessa ao Congresso do projeto de reforma do Poder Judiciário, explicando que o assunto é de interesse especifico desse Poder e, "por isso mesmo, não tem conotação politico-partidária".

"O seu exame pelo Legislativo", acrescentou, "receberá, estou certo, a compreensão patriótica e o apoio de ambos os Partidos, já que nenhum deles dispõe de quorum suficiente para a sua aprovação". Lembrou que entendimentos dessa natureza "sempre ocorrem no Congresso quando se trata de medida de interesse fundamental do pais".

Sem preocupações

Segundo o presidente da Arena, o projeto de reforma do Poder Judiciário ainda está sendo examinado pelo Ministro Armando Falcão. "As informações são de que a medida será proposta ao Legislativo ainda no corrente ano, dependendo agora de decisão do Presidente da República após o seu regresso ao Brasil".

— Trata-se, como se sabe, de assunto de interesse especifico do Poder Judiciário e que, por isso mesmo, não tem conotação politico-partidária — esclareceu o Deputado Francelino Pereira.

Após manifestar sua confiança em que os dois Partidos saberão examinar o projeto com compreensão patriótica, unindo-se na sua aprovação, disse que "nestes instantes os Partidos agem sempre sem preocupações eleitorais, visando unicamente servir às instituições dentro de um plano superior". Negou que haja preocupação por parte da Arena ou do Governo de encaminhar ao debate, nesta época, assuntos polêmicos.

Programa eleitoral

O presidente da Arena passará o fim de semana em Belo Horizonte, devendo regressar a Brasilia amanhã. No dia seguinte, examinará com o Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Ministro Xavier de Albuquerque, a lei que fixou novas regras para a propaganda no rádio e televisão.

Embora considere a lei e a regulamentação já expedida pelo TSE "suficientemente claras, incontroversas", o Deputado Francelino Pereira deseja conhecer os verdadeiros objetivos da representação que o MDB pretende dirigir à Justiça Eleitoral.

De Belo Horizonte, o Deputado Francelino Pereira telefonou ontem a todos os presidente de Diretórios Regionais da Arena, recomendando que aguardem a orientação do Partido sobre as diretrizes gerais da campanha partidária.

— E' claro — lembrou o Deputado — que nenhum entendimento com vistas à propaganda eleitoral terá validade fora dos claros textos da legislação vigente, para cujo fiel cumprimento sempre velou a Justiça Eleitoral do pais.

Concentrações

O presidente da Arena retornará a Minas para participar, dia 25, de uma concentração no Sul do Estado, na Cidade de Passos, com a presença de deputados federais e estaduais e dos representantes municipais de 46 cidades da região. No dia seguinte irá a reunião semelhante em Sete Lagoas, no dia 30 a Betim, dia 1º de outubro em Lavras, dia 2 em Varginha, Pouso Alegre e Itajubá e, finalmente, dia 7 de outubro, no Rio de Janeiro.

Segundo ele, essas reuniões, que ele prefere não chamar de comicios, mas de uma "concentração de esforços", será conduzida por ele em Minas, Rio e Espirito Santo, até o dia 8 de outubro.

Bonifácio rejeita o marca-passo

Belo Horizonte — O lider do Governo na Camara dos Deputados, Sr José Bonifácio de Andrada, que nas últimas 24 horas melhorou sensivelmente, ainda reluta em usar o aparelho marca-passo instalado pelos médicos para ajudar as suas pulsações cardiacas, porque considera que "não pode marcar passo, quando se sabe que sou lider do Governo de um pais que vai para frente".

Os médicos que assistem o Sr José Bonifácio no Hospital Vera Cruz vão se reunir, hoje pela manhã, para decidirem sobre sua transferência — que poderá ocorrer na tarde de hoje ou amanhã — do Centro de Tratamento Intensivo — CTI — para um apartamento no último andar do Hospital.

Mesmo sob protestos do Deputado José Bonifácio, os médicos mantiveram e vão manter, por algum tempo, instalado junto ao seu coração o aparelho marca-passo.

Trova no Ceará é contra MDB

São Paulo — "Há quatro coisas na vida; que não se deve fazer; casar com moça falada; fazer negócio sem vê; tirar esmola de cego; votar no MDB". Essa trova está sendo cantada o dia todo junto à estátua de Padre Cicero, no Juazeiro do Norte, por um dos autores de literatura de cordel e, segundo chegou ao conhecimento do Deputado Freitas Nobre, emedebista de São Paulo, estaria desgastando na região a campanha dos candidatos do Partido da Oposição.

MDB irá ao TSE em busca de esclarecimentos sobre aplicação da Lei Falcão

Brasília — O presidente nacional do MDB, Deputado Ulisses Guimarães (MDB-SP) e o advogado do Partido, Sr Alfredo Campos Melo, encaminharam ao Tribunal Superior Eleitoral uma representação, solicitando esclarecimentos sobre a aplicação da Lei Falcão.

A Oposição pede ao Tribunal que faça uma "complementação" da Instrução 10 050, de julho de 1976, que regulamenta a propaganda eleitoral gratuita, com o objetivo de "obviar incertezas que têm chegado ao conhecimento do Partido".

AS DÚVIDAS

1 — Se será permitido utilizar fundo musical nos programas de rádio e televisão, inclusive na abertura e encerramento dos mesmos, como meio de identificar os Partidos.

2 — Se durante a propaganda na televisão será admitida a focalização como fundo (cenário), de siglas partidárias e outros símbolos.

3 — Se as fotografias poderão ser exibidas através do processo conhecido como **table top**, sucessivas e dinâmicas, em vez de estáticas. Isto permitiria à Oposição apresentar seus candidatos em seus próprios ambientes de trabalho dando conhecimento aos eleitores de suas atividades, por meio de slides.

4 — Esclarecimento quanto ao tamanho das fotografias que serão publicadas nos jornais, junto **com o curriculum vitae** dos candidatos.

5 — A norma fixada pela Resolução 10 050 estabelece que "o horário da propaganda será dividido em cinco minutos e previamente anunciado" e, ainda, que "os espaços de tempo gratuito serão reservados metade durante o dia, entre 13h e 18h e a outra metade à noite, entre 20h e 23h". Assim, os Partidos políticos terão direito a 12 espaços, sendo que cada um terá direito a 12 espaços por dia, o que equivale a uma hora, sendo 30 minutos à tarde e 30 minutos à noite.

AUDIÊNCIA

Diante disso o que o comando emedebista quer saber é "se vai haver alternância nesse horário. Ou seja: se o horário das 20h às 20h05m, cabendo a um Partido hoje, caberá ao outro amanhã".

Nesse item, a representação da Oposição incluiu a advertência de que é necessário assegurar o respeito ao disposto na lei que fala em cinco minutos, não podendo, em cada ocasião serem estendidos a 10, 15 ou mais minutos.

O MDB tem informação de emissoras que pretendem fazer a fusão "o que ensejaria a interrupção da audiência pelo telespectador, além de desrespeitar a lei que fala em cinco minutos isolados".

Além disso, o MDB pede que seja determinado aos tribunais regionais e juízes eleitorais a utilização dos espaços das rádios e televisões deferidos à Justiça Eleitoral, para a divulgação da cédula única e ensinamentos de como votar.

Já que não será possível aos Partidos, como nas campanhas anteriores, esclarecerem eles próprios os eleitores, a função cabe à Justiça Eleitoral "e é tanto mais importante na medida em que alertará os votantes a não votarem em candidatos de outros municípios".

Brasil vai à ONU com muita atenção ao Oriente Médio

Luís Barbosa

Brasília — A má repercussão do voto anti-sionista na Assembléia passada fará com que o Brasil volte às Nações Unidas nesse final de ano com a atenção redobrada para todos os temas controvertidos da agenda de 119 itens e, em particular, para os assuntos relativos ao Oriente Médio, a palestinos e israelenses.

Essa orientação está implícita no tom moderado do discurso que o Chanceler Azeredo da Silveira vai pronunciar da tribuna da ONU no próximo dia 23 — uma espécie de pausa no crescendo pró-árabe que caracterizou os pronunciamentos oficiais no Itamarati, desde o final de 1973.

Maratona

O Ministro das Relações Exteriores fala na ONU depois de cumprir uma autêntica maratona aérea: 28 horas de vôo, em três etapas, entre Tóquio e Brasília, e mais nove horas de viagem entre Brasília e Nova Iorque. O rigor do protocolo inibe o Chanceler de abandonar a comitiva do Presidente Geisel quando ela escalar em Los Angeles, depois de concluída a visita ao Japão, na terça-feira. Isso representaria, quando menos, uma economia de 15 horas de vôo no programa total de viagens.

Abrindo, como em todos os anos, a sessão dos debates da Assembléia-Geral, dessa vez o Brasil conta com o trunfo de aproximações políticas e econômicas mais íntimas com todas as grandes potências do chamado Bloco Oriental: os Estados Unidos — através dos memorandos de Kissinger — a França, a Grã-Bretanha e o Japão, representados pelas visitas do Presidente Geisel, e ainda pelo rescaldo do acordo nuclear com a Alemanha Ocidental.

São essas credenciais de prestígio que o Ministro Silveira fará necessariamente constar de um trecho do seu pronunciamento em Nova Iorque.

Norte-Sul

Obrigatórias, também, serão as referências ao desenvolvimento do diálogo Norte-Sul, uma idéia a que o Brasil se vinculou desde a sessão especial da ONU que antecedeu à Assembléia-Geral do ano passado. A série de reuniões que se desenrolam em Paris sob o patrocínio do Presidente Giscard D'Estaing não corresponde exatamente ao que propos o Chanceler Silveira no seu discurso de setembro de 75, mas mesmo assim ainda é o que mais se aproxima à idéia de uma conciliação de interesses econômicos básicos entre os países industrializados (Norte) e as nações subdesenvolvidas (Sul).

Em benefício dos propósitos conciliatórios com que os delegados brasileiros pretendem agir depois da má experiência ditada pelas ordens do Palácio do Planalto em novembro passado, essa XXXIa. Assembléia-Geral da ONU tende a ser uma reunião mais equilibrada em termos políticos. O tema mais explosivo, ao que tudo indica, será a proposta da criação de um organismo supranacional incumbido de combater os atos de terrorismo.

A primeira impressão da existência de uma unanimidade natural em favor dessa proposta se desfaz tão logo se apresentem os interesses conflitantes dos países árabes e sobressaiam as suspeitas dos grupos palestinos de que tal iniciativa visa prejudicar sua ação política.

Sem jogadas

No plano geral, essa nova assembléia tende a ser uma reunião pobre em matéria de grandes iniciativas políticas. Isso se deve ao fato de que pelo menos duas das potências com assento permanente no Conselho de Segurança atravessam momentos delicados na conjuntura interna. Os Estados Unidos, em plena campanha sucessória presidencial, e a China, ainda mal refeita da perda do Presidente Mao Tsé-tung, ocultando certamente uma surda disputa interna pelo preenchimento do vazio aberto com o desaparecimento de seu líder máximo.

Em ambos os casos, definitivamente, esse final de ano não é o momento indicado para realizar grandes jogadas políticas. Tanto para chineses como para os norte-americanos, não há quem assuma a responsabilidade das iniciativas mais arrojadas.

A disputa maior

A eleição maior, porém, irá travar-se no plano da Secretaria-Geral da Organização, entre o atual titular, o austríaco Kurt Waldeheim, e o Presidente mexicano Luis Echeverria Alvarez.

O Itamarati não esclarece qual sua tendência nessa votação, porém são notórios os compromissos que ligam o Brasil à candidatura mexicana em nome de uma solidariedade continental.

Para Echeverria, porém, são poucas as chances de sucesso. Sabe-se que os Estados Unidos encaram com muitas reservas a hipótese da sua escolha, temendo para a ONU um período de incertezas e, aventuras.

Racismo

Superado o problema do colonialismo português, a segregação racial na Rodésia e na África do Sul passam a ser o tema principal dessa nova Assembléia da ONU, havendo pelo menos em relação ao regime do Sr Ian Smith, em Salisbury, perspectivas de uma ação dramática e enérgica, sem precedentes nos anais da organização internacional. Isso porque em favor do atual Governo rodesiano já não existe mais ninguém. Mesmo as tênues simpatias da África do Sul de nada valem no caso. Kissinger já fez todas as advertências cabíveis e, na melhor das hipóteses, o *Premier* Smith e seus companheiros terão de se conformar com uma renúncia "honrosa" para evitar a intervenção direta dos *capacetes azuis* em Salisbury.

Quanto ao *apartheid* sul-africano, este também será um período de definições importantes, podendo o Primeiro-Ministro Voster beneficiar-se tão-somente de breve sobrevida que lhe foi outorgada pelos esforços conciliatórios do Secretário de Estado Henry Kissinger junto aos líderes africanos.

Como nas duas últimas Assembléias-Gerais, a África do Sul terá suas credenciais negadas pelo comitê incumbido do assunto e tal decisão será ratificada, se necessário, pela quase totalidade dos votos de plenário.

Colonialismo

O tema colonialismo, aparentemente resolvido com a independência das ex-colônias portuguesas, surge, pelo contrário, mais complicado e explosivo quando a ONU irá dedicar-se ao trato dos chamados "problemas remanescentes". Nessa categoria se enquadram os casos das ilhas Malvinas (Falklands), envolvendo a Argentina e a Inglaterra; de Belize, arrolando a mesma Inglaterra e a Guatemala; de Guan, cujos direitos de independência os Estados Unidos contestam; o Saara espanhol, disputado por Marrocos, Mauritania e Argélia; o Timor, já sob o controle de fato da Indonésia; e as ilhas Seychelles, perdidas ao largo da costa africana, no Indico, à altura da Tansania, e o crônico problema de Namibia.

Dois Líbanos

Outros problemas paralelos surgem à margem dos temas da agenda. O da representação do Líbano, por exemplo. Informações chegadas de Nova Iorque dão conta de que nos corredores da ONU já transitam, impávidas, delegações credenciadas pelo Presidente cristão Suliman Franjieh e pelo ex-Primeiro-Ministro muçulmano Fachid Karami. Aparentemente, com a demissão de Karami, prevalecerá o grupo credenciado por Franjieh. Porém, só na aparência, pois um novo grupo poderá ser indicado pelo futuro Presidente libanês, Sarkis.

Tudo isso, deverá ser resolvido pelo comitê das credenciais, certamente com a indispensável ratificação do plenário.

Visto a estrangeiro terá mudança

O Governo vai simplificar drasticamente o processo burocrático para a entrada de estrangeiros no país, a concessão de vistos de permanência e licenças para exercício de atividades remuneradas.

Um grupo de trabalho composto pelo chefe do Departamento Consular do Itamarati, pelo chefe da Divisão de Imigração do Ministério da Justiça, pelo delegado de Mão-de-Obra do Ministério do Trabalho e pelo chefe da Divisão de Polícia Marítima do Departamento de Polícia Federal reuniu-se durante dois dias sucessivos, no Ministério das Relações Exteriores, para examinar todas as etapas dos diferentes processos ligados à entrada e permanência de estrangeiros no país.

A idéia

— Nossa idéia — explicou o Embaixador Armindo Cadaxa, do Departamento Consular do Itamarati — é tornar tudo mais simples e eficiente. Vamos eliminar todas aquelas exigências burocráticas que não sejam essenciais ao processo. Iremos aperfeiçoar outras tantas, tentando, no final, tornar tudo mais breve e mais simples.

Atualmente qualquer processo de ingresso de estrangeiros no país, para obtenção de visto de permanência, começa esbarrando na exigência de que o interessado apresente folha corrida policial do país de origem, atestado de bons antecedentes e atestado médico completo — exigências essas que, por si só, já bastam em alguns casos, para retardar a tramitação do visto em três, seis e até oito meses.

O período mais dramático de seleção ocorreu ao final de 1974 e início do ano passado, com a chegada em massa de imigrantes de nacionalidade portuguesa (portanto beneficiados pelo acordo de igualdade de direitos e deveres Brasil-Portugal), saídos às pressas, com todos seus familiares, de Angola e Moçambique.

Veranistas reclamam porque loucos de Muri ouvem música muito alto e vivem livres

Pode uma clínica de doentes mentais se instalar em meio a uma comunidade de veranistas, numa região com um dos melhores climas do país, sem causar perturbações aos que procuram descansar nos fins de semana? A pergunta é de muitos moradores de Muri, em Friburgo, e se refere à Clínica de Repouso Santa Lúcia. O estabelecimento abriga 102 doentes, todos carentes, internados com recursos do INPS e da Prefeitura de Friburgo. A maior queixa dos veranistas é que os pacientes gostam de ouvir música muito alto e têm muita liberdade.

Para os médicos da clínica, os doentes não causam a menor perturbação. Para o Prefeito Amancio de Azevedo, o estabelecimento se instalou em local errado. A principal queixosa, Sra Anna de Souza Pinto, moradora da Av. Três de Setembro, vizinha da clínica, quer ver os doentes longe dali, pois frequentemente seu quintal é invadido. Para os moradores pobres, a clínica muitas vezes presta auxílio de emergência, quando alguns de seus familiares têm problemas de saúde e são atendidos pelos médicos da Santa Lúcia.

LEI E LOCAL

No atual código de obras de Friburgo, aprovado em 1942, nada se relaciona com os locais onde se devem instalar clínicas para doentes mentais. Só existe uma lei, de 1947, que proíbe a instalação de hospitais de doenças infecto-contagiosas num raio de 5 quilômetros do grupo habitacional. Com isto, a Clínica Santa Lúcia funciona dentro da lei, embora o prefeito afirme que até o fim do ano o novo código de obras do município estará aprovado e os diretores da clínica serão pressionados a fim de que se estabeleçam em um bairro mais afastado.

"De fato", diz o prefeito, "acho que Muri não é um local apropriado para clínicas de doentes mentais. Principalmente a Santa Lúcia, que fica na beira da estrada, por onde passam 3 mil caminhões por dia. Há pouco tempo, um doente tentou escapar e morreu atropelado."

INVASÃO

A Sra Anna de Souza Pinto, mora em Muri há dois anos, em casa alugada. Desde que foi para ali não conseguiu o descanso que esperava. Frequentemente, os doentes mentais escapam para o seu quintal, sentam no gramado até que venha um enfermeiro:

"Cheguei a fotografar um deles, sem camisa, enrolado numa toalha, sentado no meu jardim. Fiz isto para provar que na clínica não há o cuidado necessário com os doentes. Quando não é isto, é a música alta que tocam no galpão junto ao meu muro. E' o dia inteiro e não há quem aguente".

A queixosa chegou a ir à polícia e algumas de suas alegações foram ouvidas. A direção da clínica recebeu um ofício da delegacia pedindo que a lei do silêncio fosse respeitada, ou seja, música alta só até às 22 horas. Além disto, nenhuma medida foi tomada.

RAZÕES DA PSIQUIATRIA

A Clínica de Repouso Santa Lúcia é dirigida pelo médico José Arnoldo Faria Salomão, chefe da unidade sanitária de Friburgo, e era de propriedade do Dr Chamberlein Noé, atualmente coordenador do INPS na região, com quem a clínica mantém convênio.

Existem dois estabelecimentos, um para homens, o de Muri, e o feminino, que fica no bairro Sans Souci, perto do centro de Friburgo. O tratamento empregado nas duas clínicas é chamado pelo Dr José Salomão de psiquiatria praxista: os doentes estão sempre em atividade ocupacional, não há grades nas janelas e portas e o eletrochoque só é usado quando o paciente chega muito furioso, coisa que quase não acontece, segundo o médico.

"A maioria dos pacientes da clínica masculina é de alcoólatras. Raramente aparecem doentes furiosos. Quando isto acontece, são indigentes enviados pela Prefeitura. Para estes, temos um pavilhão, separado das casas de veranistas, mas quase nunca está ocupado".

O salão colado ao muro de D Anna de Souza Pinto é o pavilhão de psicoterapia ocupacional. Bem junto à casa da queixosa, fica o palco do teatro onde os pacientes encenam suas peças.

"Esta é a unidade mais importante da clínica", diz o Dr Salomão. E é justamente contra ela que a vizinha tem reclamações. Dizer que a música perturba quem quer descansar pode ser verdadeiro, mas os doentes têm direito a tratamento. Aqui abolimos as grades e qualquer coisa que lembre prisão."

MURO E MANIA

Sobre as fugas dos doentes para o quintal de D Anna de Souza Pinto, o médico disse que são inevitáveis dentro da terapia escolhida. Acredita que a solução está a caminho, com a construção de um muro de 2 metros de altura entre a clínica e a casa da vizinha.

"Entramos em contato com o proprietário da casa e ele concordou que construíssemos o muro, desde que depois recuperássemos a sebe-viva. Depois da obra pronta, garanto que não haverá mais fugas. O doente que morreu atropelado era maníaco depressivo e quando alguém tem esta doença e quer se suicidar, dificilmente deixa de fazê-lo, apesar de toda a vigilância."

Friburgo/RJ

O Prefeito condena o local da clínica

Friburgo/RJ

A clínica fica à beira da estrada. Recentemente, um doente tentou fugir e morreu atropelado

Informe JB

Mais uma vez

As duas entrevistas concedidas ontem pelo Presidente Ernesto Geisel, onde é sensível a ausência de perguntas políticas, assim como é notória a existência de um entendimento no sentido de evitá-las, reabre, mais uma vez, a indagação das dificuldades existentes para que venha a ser feita uma entrevista, em território nacional, com perguntas determinadas pelas prioridades nacionais.

* * *

Do formalismo da entrevista concedida em Paris, ao início de uma distensão já observada em Londres, o Presidente chegou, no Japão, a respostas bastante esclarecedoras.

A característica de suas frases é uma espécie de sinceridade quanto a assuntos que, sendo tratados por outras pessoas do Governo, acabam estimulando quimeras.

* * *

Tomando-se um exemplo bastante simples, basta lembrar seu comentário a respeito do sistema ferroviário, cujo estado é de obsolescência e no qual vêm sendo feitos remendos. Esta é a realidade. No entanto, quantas pessoas já o disseram? O que se vê, com freqüência, é a transformação mágica de grandes problemas em grandes soluções que pertencem ao campo exclusivo da fantasia.

* * *

Dando entrevistas no exterior e começando agora a aflorar temas nacionais o Presidente pode contribuir para que os acertos e os erros do Governo sejam julgados a partir de conceitos claros.

Deixando a seus Ministros o dom da palavra e o dever das respostas à imprensa, o Presidente deixa escapar uma oportunidade de afinar a orquestra da administração pública.

Mudança e reforma

Todos os apelos do MDB em nome da concórdia, da conciliação e da reconciliação poderão vir a ser cobrados pelo Governo se, depois de novembro, houver interesse em se fazer alguma espécie de mudança política.

Nesse caso a Oposição será chamada para negociar o que haverá a mudar. E não será muita coisa.

* * *

Se a Oposição não puder ser chamada ou, sendo-o, vier a ser difícil de ser atendida, não haverá mudança. Haverá reforma, e não será de pouca coisa.

Erro

O Presidente Geisel foi levado a uma armadilha de protocolo. Programaram a sua visita a Quioto com a duração de um dia.

Na realidade, trata-se muito mais de um passeio no supertrem que anda a 250 quilômetros por hora do que propriamente uma visita à velha Capital do Japão com seus 1 mil 600 templos.

* * *

Um dia não dá para se conhecer direito nem o famoso Pavilhão Dourado que, na parência, é muito simples e exatamente por isso exige muita paz e falta de pressa para ser olhado.

Para pessoas condicionadas a programas cronométricos os pagodes são todos iguais e idênticos aos cartões postais.

O caos

Diálogo ocorrido entre o Ministro da Fazenda, Sr Mário Henrique Simonsen, e um curioso:

O curioso — Ministro, o senhor não acha possível que depois de recorrermos a todas as teorias econômicas a inflação continue nos desafiando? Será que a inflação brasileira está acima das fórmulas da economia?

O Ministro — Essa sua pergunta equivale a indagar o que aconteceria com o mundo se a lei da gravidade fosse revogada.

Maus indícios

Tóquio registrou em acordes e talhas a chegada dos piores subprodutos da falta de educação nacional.

Na madrugada de ontem cantavam-se enredos de escolas de samba no silencioso saguão do Hotel Otani.

* * *

Enquanto isso alguns predadores deixaram gravadas nas placas de alumínio dos elevadores do Hotel algumas expressões menos recomendáveis da língua portuguesa.

Maus números

Estatística levantada pelo professor canadense R. E. McKown, da Universidade de Alberta, em torno da política africana: em 21 anos ocorreram 104 movimentos militares em seus 38 países.

Desses, 35 foram bem sucedidos.

* * *

Com essa relação a África toma, de longe, o centro de sede dos golpes, que fazia parte das jóias do tesouro da política latino-americana.

A melhor relação custo-benefício de toda a África está com o Daomé: 11 tentativas geraram cinco golpes.

A pior é a do Sudão: 13 tentativas só derrubaram dois Governos.

É preciso medir

Na sexta-feira, em Tóquio, o Ministro da Indústria e do Comércio, Sr Severo Gomes, afirmou que, como o Japão, o Brasil desenvolve uma política no sentido de "nos afastarmos dos Estados Unidos".

Essa declaração foi feita ao Mainichi Shinbum.

* * *

Ontem o Presidente Geisel disse em sua entrevista que "nós somos um país estreitamente vinculado aos Estados Unidos".

* * *

Não há conflito gritante entre as duas afirmações, como, aliás, não se pode dizer que haja conflitos gritantes entre as declarações de alguns ministros entre si e de alguns deles com afirmações do Presidente.

Mas, também, dizer que as frases são semelhantes exige profundo esforço de retórica.

Estados quietos

Há mais de um mês o Governo federal criou faixas de remuneração para dirigentes de empresas públicas.

Nenhum Estado seguiu o exemplo.

* * *

Alguns, certamente pagam pouco. Outros, certamente pagam de forma descontrolada, inconsequente e sem receios de fiscalização.

Sem seguirem o exemplo federal, tomado por ordem direta do Presidente, esses Governadores arriscam-se a serem apanhados em vendavais de denúncias.

* * *

Depois, vão dizer que tudo não passa de um plano comunista.

Comunismo é subverter a ordem e não acompanhar, ao nível estadual, o que é feito na esfera federal.

O assunto

Resposta rápida do Presidente Geisel ao trocar cumprimentos com uma repórter do jornal paraense *O Liberal:*

— Você não vai querer me entrevistar a respeito de cassações. Vai?

* * *

O Liberal foi a tribuna escolhida pelo Senador Jarbas Passarinho para prestar seu discutido depoimento a respeito dos usos e costumes utilizados em 1968 para cassar gente.

E sobretudo quanto aos hábitos do jurisconsulto Luís Antonio da Gama e Silva, que à época ocupava o Ministério da Justiça.

Lance-Livre

- O Presidente Geisel estará em Itajaí, no litoral de Santa Catarina, na próxima sexta-feira, para a inauguração da Inebrasa, subsidiária das Indústrias Eletromecanicas do Paraná. Vai participar ainda do encerramento do Congresso das Associações Microrregionais.
- **As exportações de açúcar brasileiro este ano devem ficar na faixa de 250 milhões de dólares. O mês de agosto fechou com um total de 150 milhões de dólares. O preço internacional do açúcar acaba de sofrer uma queda de Cr$ 180 em tonelada.**
- O Município do Rio de Janeiro vai consultar este mês o Ministério da Fazenda para saber o percentual de aumento, para o próximo ano, do Imposto Predial.
- **Nas mãos do Ministro Ney Braga a regulamentação do voto unitário na Federação Carioca de Futebol. Antes da lei federal, cada clube tinha direito a um voto por campeonato conquistado.**
- Chega este fim de semana ao Brasil para participar da 20a. Conferência da Agência Internacional de Energia Atômica, o Sr Myron Kratzer. É o assessor do Sr Henry Kissinger para assuntos nucleares.
- **O Geipot concluiu o trabalho sobre o aproveitamento do fundo da Baía de Guanabara, através da construção de vias expressas para desafogar o tráfego na Avenida Brasil. Faltam agora os recursos para começar a obra.**
- Com o anúncio do aumento para os carros novos, cresceram no Rio e em São Paulo as vendas de carros usados.
- **O Sr Mário Leão Ludolf vai candidatar-se a um novo mandato na Fierj, onde está há mais de 10 anos.**
- Empresários cariocas vão dirigir-se ao Ministro Mário Henrique Simonsen pedindo que estude o problema do desconto de duplicatas. Por lei só podem cobrar juros, em caso de atraso de pagamento, de 1%, enquanto os bancos o fazem com 2,5 ou 3%, deixando-lhes a diferença.
- **Nos últimos 15 dias ocorreu um grande esvaziamento na Zona Franca de Manaus. Diversos importadores retornaram aos países de origem, principalmente para o Panamá e Hong-Kong. Muitas lojas comerciais, de propriedade de brasileiros, estão com as prateleiras vazias.**
- A Unicef já está vendendo seus cartões de Natal e agendas para 1977.
- **Esta semana o Almirante Julio de Sá Bierrenbach, Secretário-Geral da Marinha, deixa o Hospital Central da Marinha, onde foi operado sexta-feira.**
- O presidente nacional do MDB, Deputado Ulysses Guimarães, chegará no próximo dia 23 ao Pará, onde ficará dois dias. Participará de concentrações populares em Belém, Bragança, Santarém, Alenquer e Cametá.
- **Grupos empresariais mexicanos estão interessados em culturas de trigo na zona irrigada do vale do São Francisco, na Bahia.**
- O DNER vai permitir uma tolerancia no prazo pera que as empresas adotem o uso do tacógrafo nos ônibus interestaduais. A indústria nacional não tem como atender à demanda a curto prazo. Enquanto isso as pessoas continuarão a morrer nas estradas.
- **O óleo de soja voltou a sofrer nova alta. As exportações provocaram o aumento.**
- Na chegada ao Rio, num dia chuvoso, o avião que trazia o Ministro Mário Henrique Simonsen não conseguiu descer no Aeroporto Santos Dumont, onde seus auxiliares o esperavam. No Galeão, o Ministro teve de enfrentar uma fila de táxis. Ele sexta-feira estará novamente no Galeão, para uma conferência na Ecemar.

JORNAL DO BRASIL vai inaugurar rádio em Minas dia 1.º de outubro

A segunda de uma cadeia de emissoras em frequência modulada que o JORNAL DO BRASIL pretende montar em todo o país estará no ar em Belo Horizonte, a partir de 1º de outubro. A rádio mineira incluirá o jornalismo em sua programação, além de alguns dos melhores programas transmitidos no Rio em AM.

Com a JB-FM em Belo Horizonte, o JORNAL DO BRASIL estende a Minas sua experiência no campo do rádio, sem trair o espírito que sempre presidiu as realizações da empresa: qualidade, bom gosto e credibilidade, sem concessões ao sucesso fácil.

A NOVA ESTAÇÃO

A RÁDIO JB-FM de Belo Horizonte será a primeira iniciativa da empresa fora do Rio e a ela se seguirá a emissora de Salvador. Com 10 quilowatts de potência, antena direcional e equipamento RCA Victor, americano, a rádio mineira atingirá toda a cidade de Belo Horizonte e municípios vizinhos, na frequência de 90.7.

Instalado no Bairro das Mangabeiras, próximo à residência de verão do Governador de Minas, o prédio da emissora foi construído em área recentemente urbanizada, com o projeto do arquiteto Reinaldo Calvo, que procurou atender às determinações da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado de Minas Gerais: o edifício não se destaca, mas se dilui na paisagem, revestido, inclusive, com minério da região (ganga), usado em antigas construções mineiras.

PROGRAMAÇÃO

A programação seguirá o estilo da RÁDIO JB-FM, do Rio, com módulos musicais de 15 minutos, entremeados por intervalos de dois anúncios, no máximo, além da informação da hora certa. A programação, que tem como responsável Cleber Pereira, estará no ar das 7h à meia-noite. Alguns programas serão transpostos da RÁDIO JB-AM do Rio, como o **Especial** — entrevista com um artista e apresentação de sua obra. Em Belo Horizonte o **Especial** será aos domingos, das 19h às 20h.

Optou-se por incluir o radiojornalismo na FM de Minas por estar o nome do JORNAL DO BRASIL tradicionalmente ligado à informação jornalística. Assim, de segunda a sexta-feira, será transmitido, às 9h da manhã, o programa **Hoje no JB**, com cinco minutos do resumo das principais notícias do jornal.

IGUAL AO DO RIO

Também o **Jornal do Brasil Informa**, noticiários de 10 minutos transmitidos no Rio em AM, estará na FM mineira quatro vezes por dia, às 8, 13, 18 e 22h. O **JBI** será basicamente igual ao do Rio, com o mesmo apuro de redação e as mesmas notícias nacionais e internacionais. Apenas serão substituídas as notícias locais do Rio pelas de Belo Horizonte, pois que a direção da emissora pretende que a Rádio preste realmente serviços à cidade. Na mesma linha, haverá noticiários de hora em hora, com duração de um a dois minutos.

A Rádio estará sob a responsabilidade de Acílio Lara Resende, diretor da sucursal do JORNAL DO BRASIL em Belo Horizonte. Seu coordenador-geral é Roberto Márcio. Será aproveitado o material jornalístico produzido pela sucursal. Três jornalistas foram contratados exclusivamente para a emissora.

Os cinco locutores contratados (escolhidos entre 35 testados), assim como os quatro operadores de transmissão e funcionários da administração e departamento de publicidade, foram selecionados entre profissionais mineiros.

Serventuário tem propina na Bahia

Salvador — Oficiais de Justiça da Bahia recebem dinheiro por fora das custas dos processos porque ganham muito pouco — reconhece o presidente da Associação dos Oficiais de Justiça do Estado, Agnaldo Cyrino da Costa. Os advogados chamam CPF (custas por fora) à propina que pagam aos serventuários para que as diligências se façam com rapidez.

O Sr Agnaldo da Costa reconhece que a propina é ilegal, mas justifica: "O Estado se limita a oferecer aos oficiais de Justiça um passe de coletivo como meio de locomoção; eles são obrigados a aceitar propina das partes interessadas a fim de pegar um táxi para realizar suas tarefas com a brevidade exigida pela Justiça".

Os cartórios da Bahia estão oficializados desde a administração passada. Um oficial de Justiça recebe Cr$ 1 mil 600 mais 20% de custas, ou seja, do dinheiro arrecadado pela Fazenda em cada processo. "Este dinheiro é tão pouco" — diz o Sr Agnaldo Costa — "que às vezes um serventuário recebe apenas Cr$ 3,50."

Sul festeja Revolução Farroupilha

Porto Alegre — Cerca de 1 mil 500 homens da Brigada Militar participarão, hoje, do desfile comemorativo da Semana Farroupilha, a ser realizado na Avenida João Pessoa, em presença do Governador Sinval Guazzelli e do Comandante do II Exército, General Fernando Belfort Bethlem.

Doze companhias de PMs desfilarão a pé, motorizadas e a cavalo, num percurso de três quilômetros. O desfile será encerrado pelo 4º Regimento de Polícia Montada, cujo patrono é o herói da Revolução Farroupilha, General Bento Gonçalves.

Feira da Providência acaba hoje

A XVI Feira da Providência será encerrada às 24h de hoje, após quatro dias de funcionamento; foram apurados Cr$ 4 milhões e 150 mil visitantes só na quinta e sexta-feira. A feira abre hoje ao meio-dia e estão esgotados os estoques de muitas barracas internacionais, como a da Noruega, que vendeu todo o seu bacalhau logo no primeiro dia.

A Feira sempre engarrafa o transito nas adjacências da Lagoa, como na Rua Jardim Botanico, principalmente no sentido Jóquei—Botafogo. Há grande número de guardas para orientar os motoristas, mas os organizadores da Feira acreditam que o transito só deverá melhorar hoje se o público atender aos apelos para não ir de carro até lá.

MOVIMENTO

Desde a abertura houve grande movimento de público ontem. A maioria correu para ver se conseguia comprar artigos importados, que já na sexta-feira estavam no fim, como o uísque da barraca da Inglaterra. As blusas bordadas da Romênia, atração de todos os anos na Feira, foram quase todas vendidas no primeiro dia. Na barraca da Siria o preço do artesanato em cobre baixou e a venda subiu. Os vinhos da França estavam praticamente esgotados à tarde, mas os patronos da barraca acreditam que sobrará para hoje os perfumes e queijos.

O coordenador econômico da Feira, Sr Orlando Travancas, acredita que as vendas diminuam hoje, porque as barracas da área internacional estão com os estoques quase todos vendidos.

Ontem se apresentaram os conjuntos folclóricos da Casa dos Poveiros, Carioquinhas e um show afro-brasileiro, com demonstração de capoeira. Mas os jovens que estavam na Feira preferiram dançar ao som de música pop, tocado nas barracas que vendiam equipamentos de som. Os alto-falantes tocavam mais música estrangeira que brasileira.

Colegiado da Faculdade de Economia da UFF confirma suspensão de seis alunos

Professores que participaram ontem da reunião de quase três horas do Colegiado da Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal Fluminense informaram que foi mantida a suspensão de 30 dias imposta pelo diretor da Faculdade, Sr Eutacílio Leal, a seis dirigentes do Diretório Acadêmico Hermann Júnior. Sete professores votaram a favor e três contra.

A confirmação da punição, entretanto, foi negada pelo presidente em exercício do Colegiado, vice-diretor da Faculdade, Sr Otávio Vaz de Almeida Albuquerque: "Só segunda-feira (amanhã) será conhecido o resultado oficial". A suspensão foi aplicada no início do mês porque os alunos distribuiram boletim considerado injurioso pelo diretor da Faculdade.

REUNIÃO

A reunião começou às 8h 10m e até as 11h 50m foi realizada a portas fechadas. Do lado de fora, cerca de 200 alunos aguardavam a decisão. Quando as portas se abriram, o Sr Otávio Vaz de Almeida Albuquerque admitiu a entrada de repórteres, anotando, antes, seus nomes; excluiu da sala dois que estavam sem identificação profissional.

Disse que presidiu a reunião como vice-diretor da Faculdade, porque o diretor "estava em causa". E acrescentou: "Meu cargo é exatamente para esses assuntos e, por esta razão, procuro me manter fora das jogadas e não tomo posições. Diante da insistência dos repórteres, disse que o diretor da Faculdade toma atitudes muito pessoais, não convocando a diretoria para discutir qualquer assunto.

— Portanto — ressaltou — não cabe a mim, como vice-diretor e presidente em exercicio do Colegiado, dar publicidade ao assunto, pois não posso me antepor à técnica administrativa e ao diretor.

Participaram da reunião os professores Renato Augusto da Mata, Maria Hortense Ferro, Antônio da Costa Dantas, Ralph Miguel Zerkovsky, Antônio Carlos Mendes Barbosa, Luis Mororó, Miriam Garcia Nogueira, Dryden Castor de Arezzo, Osmar Moura da Costa e Carlos Alberto.

JULGAMENTO

O julgamento foi feito sem a presença dos seis dirigentes do Diretório Acadêmico e portanto sem defesa. Com este argumento, os membros do Conselho Universitário entraram ontem com recurso no sentido de ser permitida a sua participação na reunião, tendo por base o Artigo 22 do Estatuto da Universidade que diz: "Os conselheiros têm livre acesso a qualquer reunião." O presidente do Colegiado indeferiu, alegando que seguia o Regimento Interno da Universidade. Segundo recurso foi feito, mostrando que a resposta não tinha validade, "já que o Estatuto fica em escala superior ao Regimento." Novamente foi indeferido com o seguinte parecer: "Não procede a alegação apresentada."

A suspensão dos alunos deve-se ao boletim distribuido na Faculdade, cujo texto foi considerado injurioso a professores pelo diretor Eutacilio Leal. Os alunos criticavam o novo método de contratação de professores — sem concurso — e reivindicavam melhores aulas, apontando falhas. O diretor suspendeu toda a diretoria do DA e proibiu os alunos de assistirem às aulas e prestarem exames até o final do mês, significando futura reprovação por falta de frequência.

Logo depois da punição, os alunos recorreram ao advogado Eduardo Seabra Fagundes, que deu o seguinte parecer, subscrito pelo Sr Sobral Pinto: "Os textos tidos como injuriosos, em verdade não o são, o que torna ilegitima a punição, a meu ver, sob o aspecto formal."

Médico quer integrar a reabilitação

O Brasil deve criar urgentemente um conselho nacional de reabilitação fisica, a exemplo do Equador, Chile, Peru, Argentina e Uruguai, para que se integre à ação dos 13 centros existentes e possam ser criados novos postos no interior, afirmou ontem o Dr Joaquim Rezende, reumatologista e especialista em reabilitação fisica.

Ele vai representar o Brasil na Consulta Latino-Americana de Reabilitação Social dos Incapacitados Fisicos, que se realizará do dia 26 até 3 de outubro na República Dominicana, com a participação de 18 paises. O médico apresentará os trabalhos realizados na Maternidade da Praça 15, que reforça a alimentação de gestantes pobres para garantir o desenvolvimento normal do feto.

CENTRALIZAR

O Dr Joaquim Rezende diz que o Brasil precisa centralizar as entidades envolvidas no programa de reabilitação fisica e social que o INPS realiza, pois há "muitos órgãos particulares espalhados nos grandes centros urbanos que não mantêm interligações nas ajudas e campanhas de recuperação".

"A criação de um órgão normativo, com apoio do Governo, traria resultados positivos na resolução dos problemas sociais que enfrentamos. A situação do Brasil é boa, tanto que pretendo levar as estatisticas do INPS mostrando que, de 1975 até o inicio do ano, recebemos 9 mil 654 incapacitados fisicos, dos quais 4 mil 155 retornaram aos empregos."

Na República Dominicana o Dr Joaquim Rezende — membro da Academia Nacional de Medicina — participará de grupos de trabalho, "colocando o Brasil como um dos paises latino-americanos mais interessados na resolução dos problemas burocráticos que cerceiam o desenvolvimento pleno da reabilitação fisica".

Conselho de Contas assusta os Municípios do Estado há um ano

Niterói — Uma herança de 70 processos complicados, transferidos do antigo Tribunal de Contas — apelos até de comerciantes para interferência em divida que a Prefeitura se nega a pagar e a expectativa do afastamento de um prefeito acusado de corrupção — estas são algumas das atividades do Conselho de Contas dos Municipios, que há um ano vem assustando os 64 Prefeituras fluminenses.

Instalado há um ano, o Conselho já recebeu 3 mil 800 processos, emitindo pareceres contrários à aprovação de cinco contas e favoráveis a 30. A falta de um auditório para receber os prefeitos, carência de áreas para as nove inspetorias regionais e a demora na aprovação, por parte do Governador, do nivelamento de salários com os servidores da antiga Guanabara — que ganham três vezes mais — são as principais reivindicações do Conselho, "para atuar com mais motivação".

O que é

O Conselho de Contas dos Municipios foi criado pela Constituição do Estado com a função de auxiliar às Camaras Municipais no controle externo da fiscalização financeira e orçamentária dos municipios e seus órgãos de administração indireta. Mas o presidente do Conselho, Sr Fortunato Barreto de Mesquita, acha que, "além da missão de policiar e disciplinar a aplicação dos recursos municipais, pode e deve realizar um trabalho de esclarecimento e orientação junto aos prefeitos".

O movimento financeiro e orçamentário das Prefeituras fluminenses só passou a ser controlado a partir de dezembro de 1973, quando uma lei deu essa atribuição ao Tribunal de Contas do antigo Estado do Rio. Este só teve atuação de fato no exercicio de 1974 e até março de 1975, quando houve a fusão.

Antes de 1973, o Tribunal de Contas estava impedido dessa fiscalização em virtude de o Governador Jeremias Fontes haver baixado um decreto-lei (a Assembléia estava em recesso) dando a atribuição ao Departamento das Municipalidades.

O antigo Tribunal de Contas, no entanto, entrou com uma representação junto ao STF arguindo de inconstitucionalidade ao Departamento das Municipalidades para essa competência, com base no fato de os membros serem demissiveis à vontade do Governador do Estado. No Conselho de Contas ocorre o contrário e os nomes dos sete membros dependem ainda da aprovação da Assembléia Legislativa.

Ao esclarecer que "o Conselho não julga as contas, e sim emite um parecer prévio que é encaminhado às Camaras Municipais para exames", o Sr Fortunato Barreto de Mesquita assinalou que as irregularidades mais comuns observadas nas Prefeituras são a falta de licitação, o uso de vales e a falta de empenho prévio na aplicação dos recursos. Ele fez questão de frisar que "até agora não constatamos nenhum indicio de desonestidade por parte dos prefeitos".

— O que existe são irregularidades oriundas, muitas vezes, do despreparo do prefeito ou, na maioria dos casos, falta de recursos técnicos e humanos para um controle rigoroso dos recursos em função da aplicação das leis. Até agora não houve peculato e não acredito que surgirá algum caso. As próprias inspeções que temos feito têm revelado a falta de habilidade do administrador em função do dinheiro público.

Dos pareceres contrários emitidos nas contas dos prefeitos, somente o do Prefeito de São Fidélis em 1972, Humberto Lusitano Maia (Arena), foi feita uma representação junto ao Ministério Público. As demais foram: São Sebastião do Alto, referente ao exercicio de 1971, na administração do Prefeito Hélio Teixeira Vogas (Arena); Bom Jesus do Itabapoana (1973 e 1974), do Prefeito Noé Vargas (MDB); e do Prefeito de Cantagalo no exercicio de 1973, Nilo Guzzo (Arena).

As contas

Na opinião do presidente do Conselho, entre as contas apreciadas a que mais agradou foi a do Prefeito Marcos Tamoyo. O relator do processo, Conselheiro Emanuel de Moraes, afirmou que "ao concluir o exame tive a mesma sensação que se tem ao findar a leitura de uma obra literária de qualidade maior, lida com espirito critico e analitico".

Critico literário, o Sr Emanuel de Moraes acrescentou que "digo isto talvez por um vicio de função colateral, contudo, sem exagero, posto que as falhas, e algumas serão apontadas, revestem-se das caracteristicas dos pecadinhos que, por vezes, também os cometem até os autores daquelas obras excepcionais".

Outra particularidade foi observada nas contas do ex-Prefeito Joaquim Lavoura (falecido), de São Gonçalo, que antes tinham sido rejeitadas pelo antigo Tribunal de Contas. Os documentos foram, entre outros 70 processos, como herança para o Conselho de Contas que, após baixar diligências, constatou que as contas estavam corretas" e merecendo até elogios". O Prefeito Joaquim Lavoura morreu dois dias antes da aprovação.

O Conselho julgou ainda a legalidade de 60 aposentadorias de servidores municipais e expediu 190 notificações a prefeitos sobre instrução de prestação de contas e contratos. Respondeu a várias consultas, mas a mais pitoresca foi a de um comerciante de Juiz de Fora, dono de um restaurante no qual, em 1973, o Prefeito de Três Rios, Sr Samir Macedo Nasser, promoveu um banquete para um grupo de politicos. Na consulta o comerciante indagava como receber as despesas que o Prefeito se negava a pagar. Pedia depois a interferência do Conselho, que se julgou "incompetente para apreciar a matéria".

Representações

Mas a repercussão das atividades do Conselho de Contas do Municipio passou a assustar os prefeitos fluminenses a partir da decisão em representar contra a Prefeitura de São João de Meriti, junto ao Governador Faria Lima. A representação, aprovada dia 14, acusa o Prefeito Denoziro Afonso (MDB) de "praticar corrupçao em manipular Cr$ 2 milhões 729 mil 248 e 55 centavos."

O relatório de uma inspeção especial feita na tesouraria daquela Prefeitura revelou que o dinheiro era distribuido em vales e cheques, beneficiando, inclusive, vereadores partidários do Prefeito. No voto do relator, Conselheiro Adalberto Barreto, consta também que o próprio tesoureiro da Prefeitura, Sr Antônio José Apostólico, justificou um vale de Cr$ 88 mil como sendo "para custear a convenção partidária."

Na sessão seguinte, dois dias depois (o Conselho se reúne às terças e quintas), foi aprovada uma representação contra a Prefeitura de Bom Jesus do Itabapoana. Esta, no entanto, ficou limitada à apreciação da Camara Municipal, a autora das denúncias da existência também de pagamentos feitos através de vales. Foram as duas únicas representações aprovadas em razão de inspeções especiais.

No caso de São João de Meriti há a hipótese de o Governador elaborar um decreto de intervenção no municipio e encaminhá-lo à apreciação da Assembléia Legislativa, que tem o prazo de cinco dias para a decisão final. Os deputados do MDB, no entanto, temem que, pelo fato de a Assembléia contar com a maioria do MDB, o Governador transfira o assunto para a área federal, através do AI-5.

EBTU quer pré-metrô em Capitais

O diretor da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (EBTU), General Ivan Wolf, afirma que o sistema do pré-metrô que está sendo desenvolvido no Rio, "muito versátil e econômico", poderia ser aplicado em outras Capitais como Belo Horizonte, Salvador, Brasília, Recife e Porto Alegre.

O dirigente da EBTU, acompanhado dos assessores Wilson Ramos e Francisco de Oliveira, assistiu a uma ampla exposição sobre a técnica e a operação do pré-metrô entre Maria da Graça e São João do Meriti, pelo diretor de Planejamento do Metropolitano, engenheiro Fernando Mac Dowell.

O pré-metrô, cujo custo é 10 vezes menor que o do metrô subterrâneo, terá sua construção iniciada em janeiro próximo, prevendo-se sua conclusão em fins de 1978. Terá 17,5 km de extensão e 12 estações, seguindo o seu traçado o leito do antigo ramal ferroviário Rio D'Ouro. No dia 21 de dezembro, o metrô receberá as propostas para a construção dos carros que têm características de um bonde moderno.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1976

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito
Editor: Walter Fontoura
Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro
Diretor: Bernard da Costa Campos
Diretor: Lywal Salles

Inflação Verdadeira

Reunidos para um debate sobre a natureza da inflação brasileira atual, o professor e ex-Ministro Octávio Gouveia de Bulhões, o ex-presidente do Banco Central, Ernane Galveas e o professor Carlos Langoni concordam num ponto sobre o qual nos temos manifestado reiteradamente: a influência dos gastos do setor público como fonte de pressão sobre os preços.

Com a experiência prática e teórica que acumularam ao longo do tempo, não se pode negar a essas figuras da vida brasileira a seriedade e a cristalina objetividade de algumas conclusões. Se a receita da União cresce de junho do ano passado a junho deste ano em 68,6% e se a despesa aumenta no mesmo período em 89,5%, é evidente que o setor público está exercendo uma forte pressão de demanda direta ou indireta sobre a economia.

Considerando-se a existência de um déficit meramente contábil, mas a realidade de atrasos nos pagamentos de obras públicas e de transferências de recursos aos Estados, é fora de dúvida que o Governo deve arcar com a responsabilidade pelos elevados índices de preços que verificamos nos últimos meses, frustrando as expectativas de um declínio da taxa inflacionária nesta parte do ano.

Quem considera a expansão dos meios de pagamento (papel-moeda em poder do público e depósitos à vista nos bancos) verá, também, que não realizamos progressos no controle da moeda durante os últimos exercícios. Segundo os números publicados por *Conjuntura Econômica* em seu balanço do semestre passado, estamos com taxas anuais de expansão de 45%, repetindo uma *performance* que não mudou muito nos três últimos anos.

Ora, é evidente que o quadro da economia brasileira hoje difere muito do que os Ministros Gouveia de Bulhões e Roberto Campos encontraram em 1964, quando mal saíamos de uma crise política de sérias proporções e de um total descontrole sobre os preços, com o país beirando a anarquia. Os ônus que pagamos para o retorno a taxas favoráveis de crescimento do Produto Interno Bruto, da disciplina monetária e da tranqüilidade social, são por demais conhecidos.

As autoridades monetárias dispõem hoje de recursos muito mais amplos para lidar com a liquidez do sistema financeiro, embora estejamos ainda longe do amadurecimento necessário entre as instituições que foram criadas e que operam no mercado aberto.

É urgente assim que se tomem medidas capazes de proporcionar estabilidade à economia e que se corrijam distorções acumuladas ao longo do tempo, tais como as decorrentes da falsa impressão de que dispomos de haveres não monetários quando na realidade estamos lidando com meios de pagamento. Por outras palavras, é preciso que se reordene o fluxo da poupança e que a política de taxas de juros de fato venha a distinguir depósitos à vista de poupança a longo prazo.

Não parece, na atual conjuntura — a qual não deve ser encarada apenas pelo seu ângulo econômico, estatístico, mas também político — que estejamos no caminho de um completo ordenamento dos gastos públicos. A própria estrutura de Governo proporciona a dispersão de iniciativas, e o Conselho Monetário Nacional perdeu parte das atribuições que tinha no Governo anterior. Menos pelas pessoas, e mais pela mecânica de decisões, é assim provável que continuemos sujeitos a boas intenções, mas com instrumentos geradores de despesas divididos, o que resultará na continuidade de tomadas de decisões capazes de manter o setor público como acelerador número um da inflação. Se pudemos constatar isto até aqui, não será válido duvidar do que poderá acontecer adiante?

Outro ponto a considerar nas circunstâncias atuais: a elevada propensão das empresas para o endividamento financeiro, em lugar de contarem com capital próprio. É preciso vencer as resistências dos que se opõem à capitalização das sociedades anônimas, aos que mal compreendem o significado de uma nova Lei das S/A e ao papel do empresário numa sociedade moderna. Longe de se expressarem em números e cifras, tais conceitos significam política, e a política requer lideranças capazes de refletirem adequadamente sua época e sua gente. Por certo não se pode esperar que parta do Governo uma ação neste sentido. Se ela não vier dos próprios empresários, nada há a fazer.

Marcha à Ré

Nas últimas semanas mais um país latino-americano extirpou a política de sua vida, substituindo-a por uma espécie de culto indefinido a uma espécie de Estado ideal que vem caracterizando os últimos anos da História desta errática parte do mundo.

Desde o aparecimento dos regimes autoritários das primeiras décadas do século, poucas foram as épocas em que tantos latino-americanos viveram com tão poucos direitos e debaixo de tantas obrigações.

De diversas capitais do continente ouve-se o necrológio da democracia liberal e o anúncio de alvoradas de novos regimes que, como todos os regimes de todos os tempos, proclamam-se comprometidos com mais justiça, mais liberdade e mais progresso. Em alguns casos há progresso, em poucos recupera-se alguma liberdade — e em nenhum se ganha mais justiça social, econômica ou política. Como o progresso material e a liberdade são variáveis da vida política, que vêm e se vão, é reconhecidamente entristecedor que não se façam progressos com a justiça, elemento indispensável à construção de sociedades mais dignas para as futuras gerações.

Essa nova deificação do Estado ideal é parte de um ciclo que o continente está aparentemente condenado a pagar. Assim como teve as repúblicas parlamentares das oligarquias, os regimes populistas e os Estados autoritários dirigidos por autocratas corruptos como os Srs Perez Jimenez, Fulgencio Batista e Rafael Trujillo, tem agora regimes fechados onde mitificam-se simultaneamente critérios errados de disciplina coletiva, ordem pública, eficiência técnica e progresso econômico.

Há mais de 10 anos a região vem assistindo a uma sucessão de movimentos na crista dos quais emergem sempre governantes comprometidos com esses temas. Essas foram as promessas do General Ongania que pretendeu varrer o peronismo, mas foram também as do General Lanusse, que, com a mesma retórica, passou o bastão do Poder ao velho General e seus acólitos. Fez-se o sim e fez-se o não com o mesmo discurso. Hoje, em Buenos Aires, mantém-se a mesma situação e retorna-se à argumentação de Onganía. Nessas idas e vindas um só prejuízo é indesmentível: o do povo argentino.

No Uruguai, o Presidente Bordaberry, eleito em pleito livre, demoliu as instituições em nome da ordem, foi demolido também em seu nome, e aqueles que o apearam do Poder instalam agora um novo Presidente, comprometido com uma ordem futura. Na incapacidade para se abrir o regime ou para fechá-lo, revela-se apenas a mesma sinuosidade ocorrida na Argentina.

No Chile, o General Augusto Pinochet conduz, baseado nos mesmos critérios, um Governo que pretende a recuperação nacional do desastre marxista por métodos que se transformaram em origem, em todos os idiomas do mundo, de um neologismo político: a pinochetização.

De todos os voláveis ciclos políticos do continente, onde todos os governantes prometeram sociedades justas baseadas nas características nacionais, surgiram só dois modelos que se podem proclamar singulares: o mexicano e o haitiano. Num está instalada uma ditadura de tipo balcânica, noutro uma comandita retrógrada onde a dinastia Duvalier reina através de um simulacro republicano. São dois exemplos grotescos mas indiscutivelmente singulares. Os demais são comuns, e nem sempre deixam de ser grotescos.

Em 10 anos de experiências autoritárias não se conseguiram resultados estáveis nem em regimes de retórica esquerdista nem nos de retórica direitista. Conseguiu-se apenas o amortecimento da atividade política e o agravamento real, ainda que clandestino para os meios de divulgação oficiais, da situação social. Garantiu-se a ordem do presente, mas não se conjuraram os elementos que podem provocar as desordens do futuro.

Assim ocorreu também com as velhas repúblicas, as ditaduras dos caudilhos e todas as outras experiências que, ao longo dos séculos, fizeram com que esta parte do mundo tivesse os mais bem comportados desencontros com a História. E a cada desencontro o continente pode ficar mais ordenado, mas, conforme os livros ensinam ainda no colégio, prossegue a sua disciplinada marcha para trás.

Sabedoria

Falando ao filho que embarca para o estrangeiro, diz um personagem de Shakespeare: "Vai, meu filho, e vê como o mundo é governado com pouca sabedoria".

Para adquirir o mesmo conhecimento, em nossos dias, o esforço é bem menor. Há a comunicação de massas. Mas o resultado é mais penoso. Em vez de uma guerra, assistimos a 20. Em vez de notícias distantes dos tiranos, temos de ver com mais frequência do que seria desejável o rosto inexpressivo dos déspotas, enrijecidos pela vontade de poder. O desconcerto do mundo transforma-se num vento insistente que nos sopra a tentação da irracionalidade. A História parece zombar dos direitos humanos, invertendo as expectativas de otimismo.

O homem, entretanto, é uma criatura que se arrepende, e que pode voltar sobre os próprios passos. A solução só se torna impossível quando se oculta a existência da doença.

Ziraldo

EU SABIA QUE ESSE RAPAZ IA ACABAR AQUI...

Cartas

Tratamento hospitalar (I)

Perdi agora meu marido — Altino Noronha Cardoso, com apenas 46 anos de idade, em virtude do abandono em que ele ficou no Serviço de Cardiologia do Hospital Miguel Couto e pela incompetência e irresponsabilidade de dois médicos: o primeiro, que assinou sua **alta no HMC** sem ao menos examiná-lo; o segundo a médica estagiária Dra Marisa, no Hospital da Lagoa, que lhe mandou aplicar uma injeção causadora de sua entrada em coma e seu falecimento. Faço essa revelação para evitar que outros passem por esse mesmo tipo de tratamento.

Margarida Alves Cardoso — Rio (RJ).

Tratamento hospitalar (II)

Quando entramos no Hospital Miguel Couto e vemos a multidão de pessoas ali atendidas diariamente, em vários padecimentos e em idades bem diversas, é que podemos avaliar a sua imensa utilidade, fruto da iniciativa do saudoso Governador Pedro Ernesto. Dá vontade de oferecer cestas de flores em cada fim de ano, ou mesmo daqui a pouco, quando do seu 40.º aniversário.

Conheço-o desde a época de sua construção e dele me tenho valido sempre que a necessidade chega — para mim mesmo ou para outrem que me têm confiado crianças para levá-las a tratamento ali. Em todos os casos sempre muito bem atendido.

Inácio de Almeida — Rio (RJ).

Venda de telefone

Sobre a carta do leitor José Duarte (JB, 6/9/76) sob o título **Telerj e Cetel**, acrescento a seguinte informação: em maio de 1975, pouco antes de mudar de residência — do Leblon para a Estrada da Gávea — compareci à CTB para pedir transferência de meu telefone, onde fui informado de que o local para o qual ia era servido pela Cetel. Consequentemente, dizia-me a funcionária, eu deveria **vender** o meu telefone CTB e comprar um Cetel.

Foi o que fiz e recebi, dentro do prazo prometido — diga-se a bem da verdade — o meu 399 e, com ele, as famosas contas absurdas e um som que, na opinião de um amigo engenheiro de telecomunicações, para vir do Leblon até minha casa, passa por Bento Ribeiro. Berro ao aparelho em tal altura que se o fizesse pondo a boca na janela minha sogra, no Leblon, ouviria sem precisar pôr o fone ao ouvido.

Mas o pior: depois de mim, outras pessoas **no mesmo prédio** conseguiram transferência de suas linhas CTB... Gostaria de receber uma explicação.

Roberto R. S. Argento — Rio (RJ).

SPC

É vergonhoso o que se faz contra o pobre consumidor, que precisa recorrer ao crédito! Há algum tempo, apesar de estar quite com as prestações contraídas com a Bemoreira-Ducal, meu nome foi colocado nas garras do SPC. Após inúmeras reclamações, marchas e contramarchas, tive que desembolsar Cr$ 30 só para o SPC dizer que sou um bom sujeito.

Agora, após ter liquidado o maldito carnê, recebo uma comunicação afirmando que novamente meu nome foi para o SPC. Isto é um abuso! Já protestei mas de nada adianta. Eles querem mais Cr$ 30. É preciso acabar com esta corja, essa gente inescrupulosa que comodamente se instala sob o pomposo título de Serviço de Proteção ao Crédito com o único intuito de encher os já abastados bolsos dos donos de lojas. E a gente paga e não pode falar nada. Será que não há ninguém que possa fazer alguma coisa? Com a palavra as autoridades.

José Sérgio Damico — Rio (RJ).

Automóveis e frisos

Concordo plenamente com o espírito da campanha do DNER, cuja idéia chave consiste em que "o motorista ainda não entendeu o automóvel". Mas como motorista, estudante de Desenho Industrial e interessado em problemas de **design**, tenho de dizer o seguinte: os carros nacionais pecam por excesso de frisos e cromados e por um irresponsável descuido na área de segurança.

Alvaro Milanez Junior — Rio (RJ).

Tensão e intranqüilidade

Na confluência das Ruas J. Carlos e Araucária, no Jardim Botanico, há pequeno logradouro simpaticamente designado por Praça dos Jacarandás. Para diminuta e elevada área central, avós, mães e babás escapam dos apartamentos com suas crianças, nas primeiras horas da manhã e nas últimas da tarde. O local, entretanto, é inadequado e perigoso. As responsáveis mostram-se geralmente tensas e intranquilas, pois de vez em quando uma ou outra correm para capturar um fujão ou fujona que ameaça desabar do planaltinho sem qualquer proteção, com o risco adicional de ser colhido pelos carros que contornam a praça.

Sugestão ao Prefeito Marcos Tamoyo: mandar guarnecer de cercado telado o trecho de poucos metros quadrados, para o lazer menos sobressaltado das crianças. O bom gosto de um especialista faria aprazível o local e a custo baixo certamente.

Haroldo Albuquerque — Rio (RJ).

Civismo da CTC

E' com indignação que escrevemos a esse Jornal para falar na demonstração de civismo que a Cia. de Transportes Coletivos vem apresentando neste Estado do Rio de Janeiro. Ela se constitui num dos maiores absurdos já vistos, pois o local reservado para a indicação do percurso do coletivo serve, no momento, para expressões de civismo, de certo custeadas pela população desta cidade. Cabe explicar aos responsáveis que existem órgãos estaduais próprios para o incentivo cívico e esclarecer à CTC sobre o seu **único e exclusivo dever:** servir a população da melhor forma possível.

Sandra Moreira de Brito e Franklin Falácio — Rio (RJ).

Fundos do BIRD

Na qualidade de ex-funcionário do Banco Mundial (BIRD), gostaria de esclarecer um equívoco, que aliás acontece em muitos países, o qual foi justamente mencionado no artigo **Carta do BIRD levanta debate sobre a política industrial** (JB, 6/9/76), ou seja, que o banco "opera fundos oriundos de grandes conglomerados multinacionais".

O BIRD tem capital próprio proveniente, em parte, de fundos de 125 países membros, dos quais o Brasil também é, com uma participação de 1,48% (segundo dados em meu poder de 1974). Uma outra parte procede de fundos obtidos por numerosos empréstimos do mercado internacional de capital, **sem nenhuma ligação direta com conglomerados multinacionais.** O restante dos fundos resulta de lucros operacionais e pagamentos de serviços de dívidas efetuadas por devedores.

Marcel F. Kohler — Rio (RJ).

Redação no vestibular

Felizmente o atual método de ensino é fortalizado com fatos verídicos em carta publicada pelo JB em 6/9/76. Quanto à redação nos vestibulares, seria uma boa medida, mas não o é por não existir preparação conveniente nos curriculuns anteriores de 1º e 2º graus.

Lembro que o ensino moderno é 90% à base de visualização, portanto, impraticável à redação.

Vicente Lopes Peçanha — Rio (RJ).

Sem futuro

Trago minha total solidariedade e aplausos à carta do Sr Jeo Moreira Linhares — **Descontentamento.** Afinal são tão numerosos os males que afetam os outrora alegres e descontraídos cariocas que ocupariam integralmente as páginas do JB. Os prejuízos estão tanto na Zona Norte como na Zona Sul e esse Jornal teria material para várias e várias reportagens.

Constritada e sem antever um futuro promissor para os viventes ou morrentes da ex-Cidade Maravilhosa, deixo aqui o meu desabafo.

Ligia Pinheiro Bravo — Rio (RJ).

Falta de respeito

Na missa na Igreja da Candelária em 30/8/76 por alma do ex-Presidente Juscelino Kubitschek, um grupo de cinco ou seis homens (pareciam políticos) impecavelmente vestidos deu mostra de grande falta de respeito e de educação. Fizeram uma roda e conversaram sem parar, em voz alta e às vezes riam, impedindo as pessoas próximas de participarem da cerimônia religiosa. Um deles chegou ao cúmulo de ficar de costas para o altar, durante toda a celebração.

Elza Josefina Silva — Niterói (RJ).

Conduta jornalística

No mesmo dia (15/9/76) em que o JORNAL DO BRASIL dirige mensagem aos seus leitores, na qual transmite a sua linha de conduta de jornal sério e esclarecido, saiu a reportagem sobre a inconsciente e selvagem depredação dos parques florestais do país.

Por tudo o que oferece de bom e esclarecedor, destaco esse Jornal que não precisa de bajulações estéreis ou de editoriais parciais para se tornar o melhor do país. Aliás, vale ressaltar aqui que a maior parte dos universitários do Rio lê o JORNAL DO BRASIL. Parabéns.

Ricardo Martins Campos — Rio (RJ).

As cartas dos leitores serão publicadas só quando trouxerem assinatura, nome completo e legível e endereço. Todos esses dados serão devidamente verificados.

S. A. JORNAL DO BRASIL, Av. Brasil, 500 (ZC-08). Tel. Rede Interna: 264-4422 — End. Telegráfico: JORBRASIL Telex números 21 23690 e 21 23262.
Assinaturas: Tel. 264-6807.

SUCURSAIS

São Paulo — Av. São Luís, 170, loja 7. Tel.: 257-0811.
Brasília — Setor Comercial Sul — S.C.S. — Quadra 1, Bloco K, Edifício Denasa, 2º and. Tel.: 25-0150.
Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º and. Tel.: 442-3955 (geral) e 222-8378 (chefia).
Niterói — Av. Amaral Peixoto, 116, salas 703/704 — Ed. Ribeiro Junqueira — Tel.: 722-1730. Administração: Tel.: 722-2510.
Curitiba — Rua Presidente Faria, 51 — Conj. 1 103/05 — Ed. Surugi. Tels.: 24-8721 e 24-8783.
Porto Alegre — Av. Borges de Medeiros, 915, 4º andar. Tel. Redação: 21-8714. Setor Comercial: 21-3547.
Salvador — Rua Chile, 22 s/ 1 602. Telefone: 3-3161.
Recife — Rua Sete de Setembro, 42, 8º andar. Telefone: 22-5793.

CORRESPONDENTES

Boa Vista, Rio Branco, Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Cuiabá, Vitória, Florianópolis, Goiania, Washington, Nova Iorque, Paris, Londres, Roma, Moscou e Los Angeles.

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS

UPI, AP, AFP, ANSA, DPA e Reuters.

SERVIÇOS ESPECIAIS

The New York Times, The Economist, L'Express e The Times.

A Carapuça

Antônio de Abreu Rocha

Ainda na poeira do alvoroço, está na hora de refletir sobre a "mordomia".

"Por mim, pelo meu feitio reservoso, deixava morrer na nascença a questão" (J. C. Carvalho). Se as ditas não se parecessem com os "comunistas": estão em toda parte...

Diga-se, ao corrente da pena, que esses "comunistas" daqui não oferecem tanto perigo: comem manteiga demais: não tarda morrerem de esclerose no sangue! E se os políticos não perderem a mania de achar "comunista" atrás da porta e debaixo da mesa, vai acabar que eles terão uma vitória estrondosa nas eleições de novembro...

Apesar do esforço desenfreado do presidente Francelino Pereira. E olhem que o Deputado Francelino Pereira é madeira de lei. Tem a desinibição do nortista, que é; a prudência do mineiro, que ficou sendo; e a sabedoria do baiano, que aprendeu com o mestre Luis Viana Filho. Mas, chega de tanto "comunista".

Inimigo de eleição do Governo é o custo de vida. Não adianta tapar o sol com a peneira. Nem com propaganda. Estômago não e s c u t a. Só sente.

Enquanto a carestia apertar, não haverá governo que possa ganhar eleição. Nem Arena. Nem MDB. É um tombo atrás do outro.

E convenhamos que mudar faz bem. Fortalece a democracia. Obriga quem governa a ter cuidado. Força a quem quer governar a preparar-se melhor. Não é ficar aí uma Oposição descuidada, que deixa criar "mordomia" por todas as 15 bandas.

Por um lado, Camões está certo:

"Não se aprende, Senhor, na [fantasia:
sonhando, imaginando ou es- [tudando;
senão vendo, tratando e pele- [jando"!

Se contasse, n i n g u é m acreditava. Ninguém seria capaz de sonhar nem imaginar, nem estudando, o que pode fazer uma "mordomia". Foi preciso ver, tratar e pelejar. Mordomia chegou e parou. E há de passar.

Deixou foi uma lição muito clara. Aliás, duas.

Imprensa livre para falar, dizer, contar — não deixa criar "mordomia". Sem imprensa, elas nascem, criam, crescem, engordam; e devastam. Ninguém sabe, ninguém viu.

Outra coisa é o papel, a obrigação da Oposição. Onde há Governo, tem de haver Oposição. Se criou "mordomia", faltou Oposição. Falhou a Oposição? O dever da Oposição é mostrar a raiz. Antes de nascer. Se, mesmo assim, nasceu, mostre o grelo e exija tesoura.

Coisa boa é uma imprensa livre de censura. Embora incomode. Como uma Oposição consciente. Não há mordomia que aguente. É como o ditado popular: não nasce; se nascer, não cria; se criar, eu mato! E imprensa livre não é só jornal, não. É tudo. Escritores. Artistas. Compositores. Deixem a moçada criar. Não tem perigo. Só faz efeito o que se sintoniza com a opinião pública. Leitor só aplaude aquilo que ele próprio está querendo dizer. O mais é perda de tempo. Não tem ressonância. Ninguém cria opinião pública. Só conduz. Se não fosse assim, Portugal todo só seria salazarista... A Literatura, a Música, a Arte precisam ligar-se à realidade sociopolitica. Se não, como é que pode?

O Governo não quer mordomia. Mas, se a Oposição deixa, e a crítica não fala, fica. Se não tem alguém para falar, só se pode esperar que o mal cresça.

Falar nisso, onde tem andado a Oposição? Ou por outra: onde andou a Oposição? Não havia? Como é que não mostrou a mazela? O Governo sozinho não dá conta. E não vê. Quem mostra é a Oposição. Governo tira o pé, Oposição põe o nariz. Aponta, mostra, previne. Se a mordomia engorda, alguém falhou. A culpa é da Oposição. Tem obrigação de falar. Pôr a boca no mundo. Usar a liberdade de falar, de mostrar, de opor. Não se opôs, por quê? Não podia?! Aí a culpa é de quem impediu a oposição. Vejam lá: em quem cabe a carapuça?

Antônio de Abreu Rocha é professor da Universidade Federal de Minas Gerais.

Comentários à margem da idade das Constituições

Barbosa Lima Sobrinho

Tivemos duas Constituições que, dadas as condições da América Latina, tiveram o mérito de resistir à erosão dos acontecimentos. Uma foi a de 1824, outra a de 1891. E' verdade que ficaram longe da marca, que a Constituição dos Estados Unidos alcançou, com quase dois séculos de vigência e de autoridade.

A Constituição brasileira de 1824 só desapareceu em 1889, durando, assim, 65 anos, o que na época poderia ser considerado demonstração de longevidade, até mesmo em face das criaturas humanas. Não falemos dos poetas, que mal transpunham a adolescência. Mas José Bonifácio, por exemplo, andou beirando os 75 anos. Em compensação, Pedro I morreu aos 36 anos e Pedro II ficou mais ou menos nos 65 anos da Constituição. O Visconde do Rio Branco desapareceu com 61 anos e raros alcançaram os 77 anos do Marquês de Olinda ou do Duque de Caxias. Não era pouco, para uma Constituição, chegar à idade provecta da Carta de 1824, tanto mais quando a sua morte veio a coincidir com a arteriosclerose de Pedro II, gastando-lhe alguma cousa de sua capacidade de iniciativa, no momento em que precisava ir ao encontro de acontecimentos que o surpreendiam.

E o que se sabe é que a Constituição de 1824 não teve as bênçãos de mares bonançosos. Precisou enfrentar duas guerras externas. E se é verdade que Pedro I pôde contornar o golpe de estado de 7 de abril de 1831, com o ato de sua abdicação, nem por isso foram tranquilos os dias que chegaram com a luta dos Farrapos no Rio Grande do Sul, a fase tumultuária da cabanagem, as revoluções liberais de São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco. E venceu todas essas crises, sem precisar de outras forças que os meios de defesa que ela própria criara.

Esses meios de defesa se restringiam à faculdade de *dispensar* "algumas formalidades que garantem a liberdade individual", como se dizia no seu Artigo 179. *Dispensar* é menos do que *suprimir*, pois que já deixa implícita a transitoriedade da medida. E para efetivar aquela dispensa, reclamava-se um ato especial do Poder Legislativo. Somente quando não estivesse funcionando o Poder Legislativo, e quando corresse "iminente perigo", é que o Poder Executivo teria a faculdade de adotar, por sua iniciativa, aquela providência de "dispensar" as formalidades que garantiam a liberdade individual. Mas isso mesmo em caráter "provisório", que devia cessar imediatamente, quando desaparecesse "a necessidade urgente que a motivou". E ainda não satisfeita com a autorização concedida ao Poder Executivo, a Constituição impunha, em todos os casos, uma prestação de contas minuciosa ao Poder Legislativo, para que se relatasse como haviam sido exercidas as faculdades outorgadas em caráter provisório. Devia, pois, e vale a pena recordar os próprios termos constitucionais, "remeter à Assembléia, logo que reunida for, uma relação motivada das prisões e de outras medidas de prevenção tomadas; e quaisquer autoridades que tiverem mandado proceder a elas serão responsáveis pelos abusos que tiverem praticado a esse respeito".

O notável publicista do Segundo Reinado, que foi Pimenta Bueno, assinalava a importancia e a significação desses dispositivos, que valiam por uma autorização cautelosa, protegida pela necessidade da aprovação do Poder Legislativo e pela mais eficaz de todas as sanções, a da publicidade, que assim ficava garantida. E dizia Pimenta Bueno então: — "A suspensão das garantias constitucionais é, sem dúvida, um dos atos de maior importancia do sistema representativo, e tanto que em tese não deve ser admitida e nem mesmo tolerada. E' um ato anormal, que atesta que a sociedade se acha em posição extraordinária, e tal que demanda meios fora dos comuns ou regulares".

O lema do Império não fora o da *Ordem e Progresso*, mas tão-somente o de *Ordem e Liberdade*, no pressuposto de que, existindo essas duas condições, o Progresso viria naturalmente, como decorrência de uma situação de Ordem, estimulada pelo gozo da Liberdade, que abre margens maiores às contribuições individuais. Numa das ocasiões, em que se debatia a necessidade da segurança do Estado, houve alguém que perguntasse o que poderia valer a Liberdade sem a ordem. Ao que de pronto o paraense Souza Franco retrucou perguntando, também, o que poderia valer a ordem, sem a liberdade.

O Estado ganha prestigio, e por isso mesmo redobra de forças e autoridade, quando usa os seus poderes de defesa com a cautela de quem considera que foi criado justamente para a garantia dos direitos individuais. De certo que a força material é indispensável, mas é tanto mais poderosa quanto mais moderada se revelar, no uso de medidas, que nenhum doutrinador deixaria de considerar medidas de exceção, por isso mesmo provisórias, limitadas pela duração dos fatos a que procuram atender, pois o que caracteriza e valoriza a ordem é a preservação das liberdades que ela se destina a assegurar.

E' verdade que nem sempre foi assim, durante a fase do regime imperial. Pedro I se desmandou, usando Comissões Militares, a que costumava impor sua vontade, educada no culto do absolutismo, embora nem sempre soubesse fugir à sedução de atitudes liberais. Quando ele exigia a morte de Frei Caneca e até mesmo a sua degradação eclesiástica, estava longe daquele herói generoso, que sacrificou a própria vida na defesa do Cartismo português. E foram essas medidas violentas que criaram o clima propício ao 7 de abril de 1831, que o levou à contingência da abdicação.

O que prova que o segredo da autoridade é uma dosagem sutil, em que a força é um dos elementos, mas nem sempre o mais importante. O maior poder dos Governos não está nas penalidades de que se valha, mas no respeito que possa inspirar, fundado, não nos aplausos dos áulicos, mas na consciência dos cidadãos, quando podem encontrar nos seus governantes os mais esforçados defensores de seus direitos.

Greve cria problemas para Sadat

Cairo — Apenas um dia depois de sua reeleição, pela esmagadora maioria de 99,939% dos votos do Parlamento, o Presidente egípcio Anwar Sadat encontra-se diante de uma das maiores greves dos últimos tempos em seu país.

Os motoristas de ônibus e motorneiros de bonde do Cairo negaram-se ontem pela manhã, sem aviso prévio, a iniciar os serviços, deixando milhares de pessoas em dificuldades para chegar a seus trabalhos. Embora as greves sejam proibidas por lei no Egito, eles decidiram paralisar aqueles serviços, exigindo aumento salarial e uma bonificação especial pelo trabalho no dia santo de Ramadan.

TENSÃO

O Governo israelense reforçou as tropas de repressão a manifestações nas principais cidades da Cisjordania, procurando impedir protestos contra a morte de um estudante árabe, durante comemorações religiosas do Ramadan, em Jerusalém. O morto, identificado pelas autoridades apenas como "um rapaz de 24 anos" foi enterrado ontem em sua cidade natal, Hebron.

Arafat impõe condição para aceitar retirada

Beirute — O dirigente palestino Yasser Arafat condicionou a retirada global de suas forças das posições que ocupam em Beirute a um prévio acordo de cessar fogo no Libano, e a garantias, fornecidas pela direita cristã, de que a legitimidade da presença militar palestina no país será reconhecida.

As exigências de Arafat foram feitas na Cidade de Chtoura, no vale do Beka, controlado pelos sirios, e seu interlocutor, o Presidente eleito Elias Sarkis, prometeu-lhe proporcionar "toda a segurança relativa ao futuro da resistência palestina no Libano", mas antes de uma decisão final foi consultar os Presidente da Siria, Hafez Assad, e do Egito, Anwar Sadat.

A proposta de Chtoura

Sobre as conversações entre Arafat e Sarkis, às quais também assistiram o Vice-Ministro sirio de Defesa Naji Jamil e o emissário da Liga Árabe Hassan Sabri El Kholy, estendeu-se ontem em comentários o jornal *Al Moharrer*, chegado à resistência palestina.

Segundo disposições do acordo estabelecido em princípio em Chtoura, Sarkis designará após o dia 23 — data marcada para sua posse — um novo Alto Comando independente das partes em conflito, que será encarregado de reorganizar as Forças Armadas libanesas.

Além disso, forças emprestadas a vários países árabes velarão pela aplicação dos acordos existentes entre a resistência palestina e o Estado libanês, em cooperação com a Liga Arabe. Um ponto que ainda poderá gerar divergências diz que as forças sírias atualmente estacionadas no Libano permanecerão como integrantes destas forças árabes, só saindo após a completa reestruturação das forças armadas libanesas.

Os resultados dessa primeira conferência em Chtoura só serão conhecidos provavelmente amanhã; ontem Arafat consultaria seus aliados, os progressistas libaneses, enquanto Sarkis viaja a Damasco e vai ao Cairo. Os dois se encontrarão novamente hoje ou amanhã, podendo — caso tudo caminhe bem — marcar uma visita conjunta ao Presidente sirio Hafez Assad, com quem Arafat não se avista desde junho, quando as forças palestinas foram desalojadas pelas tropas sirias das regiões de Bekaa e Akkar.

Enquanto isso, o Ministro do Interior e do Exterior Camille Chamoun, que é também o líder dos conservadores cristãos, advertiu que Sarkis não poderá se investir de suas funções se não prestar juramento formal na quinta-feira. Vários juristas libaneses, no entanto, o contradizem, afirmando que as circunstancias excepcionais que o país atravessa justificam que Sarkis se converta automaticamente em Chefe de Estado na data marcada para expirar o mandato de Suleiman Franjieh.

Os combates prosseguem, violentos, em torno de Tripoli, no Norte, e em Beirute, onde violentos tiroteios se travaram nas linhas de demarcação das zonas muçulmana e cristã, que atravessam a Capital de Norte a Sul.

O Embaixador Charles Malek, ao centro, abriu ontem o Congresso da União Libanesa Mundial

Libaneses reúnem-se no Rio

Vinte e cinco representantes de cerca de 10 milhões de imigrantes libaneses de todo o mundo reuniram-se ontem pela primeira vez fora de Beirute, no Hotel Intercontinental-Rio, abrindo o Congresso da União Libanesa de Cultura Mundial. A sessão foi presidida pelo ex-Presidente da Assembléia-Geral da ONU, Embaixador Charles Malek, representante do Governo do Libano.

Depois de afirmar que "os libaneses devem ser bons patriotas nos países que os acolhem, se quiserem dignificar o Libano", Malek passou a presidência aos dois presidentes da União, Anthony Abraham e Salim Makhlou, que representam as duas facções em que estão divididos os chamados "libaneses de ultramar".

Da agenda de ontem, cujos 17 itens foram aprovados por unanimidade, não foram realizadas duas palestras do ex-Ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, que esteve entretanto no hotel, pela manhã, com os congressistas.

A União Libanesa de Cultura Mundial, fundada em 1961, preocupa-se em "unificar esforços para a pacificação da familia libanesa e a união do Libano".

Abraham, dos Estados Unidos, fez uma oração pedindo "a bênção de Deus para os trabalhos do Congresso" e apresentou um relatório de suas atividades durante o último ano, assim como Makhlou, que representa a Colômbia. Os trabalhos se estenderam até tarde da noite e, nos próximos dois dias, deverá ser eleito o novo presidente da entidade.

Kissinger muda posição e vê hoje Smith

Pretória — Depois de vários desmentidos, o Secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger acabou anunciando ontem, oficialmente, que deverá encontrar-se hoje, na Capital sul-africana, com o Primeiro-Ministro rodesiano Ian Smith, que se desloca à África do Sul a pretexto de assistir a um jogo de rúgbi. O encontro será às 4h30m de Brasília.

Kissinger chegou a Pretória sexta-feira, pessimista sobre os resultados de sua missão de paz ao Sul da África. Antes visitara os Presidente Nyerere, da Tanzania, e Kaunda, da Zambia, que lhe exigiram o reconhecimento pelos Estados Unidos da guerrilha negra e pediram que pressionasse Smith a entregar o Poder aos negros da Rodésia dentro de dois anos.

Otimismo

Círculos diplomáticos destacam que o fato de Kissinger ter anunciado seu encontro com Smith, depois de se avistar em Pretória com o *Premier* sul-africano John Vorster e com dirigentes negros do país, reflete uma viragem a favor do Secretário de Estado norte-americano.

Kissinger havia assinalado, com veemência, que não se avistaria com Smith se o *Premier* rodesiano persistisse em sua disposição de não fazer concessões à maioria negra do país. Os Estados Unidos não estabeleceram relações diplomáticas com a Rodésia quando Smith declarou unilateralmente a independência do Reino Unido, em novembro de 1965.

Numa declaração recente, Smith afirmara-se disposto a encontrar Kissinger "a qualquer momento", esclarecendo, no entanto, que sua vinda a Pretória nada tinha a ver com a visita do Secretário de Estado, pois fora programada há muito e ainda antes de se conhecerem os planos do chefe da diplomacia norte-americana. Ontem, Smith assistiu ao jogo entre os Springbok sul-africanos e os All Blacks neozelandeses, na companhia de Vorster. Kissinger não esteve presente.

A África do Sul deseja insistentemente uma entrevista entre Kissinger e Smith, já que vê nela a última possibilidade de evitar uma escalada na guerrilha rodesiana, com inevitáveis consequências para todo o Sul do continente africano.

Questão namíbia

Na reunião Kissinger-Vorster foram feitos alguns progressos na questão da independência da Namíbia. Sexta-feira, em Lusaka, o Secretário anunciou perspectivas favoráveis para solucionar o problema, aceitáveis para as Nações Unidas, os Estados africanos negros e a SWAPO (Organização do Povo da África do Sudoeste), organização militante do nacionalismo negro namíbio.

Ontem, os dois estadistas voltaram a se entrevistar durante duas horas e meia e analistas acreditam que Kissinger pôde ter uma idéia mais clara da posição sul-africana, à qual comunicará aos Presidentes Nyerere e Kuanda, com quem voltará a se encontrar na próxima semana.

Kissinger também dialogou, na Embaixada norte-americana em Pretória, com os principais líderes negros, mulatos, indianos e da Oposição branca sul-africana, com o objetivo de esclarecer os pontos-de-vista dos Estados Unidos com relação ao *apartheid*.

Participaram da conferência o chefe zulu Gatsha Puthelezi, o Ministro-Chefe de Bophutatswana Lucas Mangope, o presidente do Partido Trabalhista (dos mulatos) Sonny Leon e os líderes da Oposição branca Colin Eglin, do Partido Progressista Reformista, e Sir de Villiers Graaf, do Partido Unido, entre outros.

Ao final do encontro, Buthelezi disse que se for concretizada a entrega do Poder à maioria negra da Rodésia, os negros sul-africanos exigirão o mesmo em seu território.

Questão sul-africana

Ontem, ainda, o Secretário Henry Kissinger, falando aos 150 empregados brancos e negros da Embaixada de seu país, voltou a proclamar a oposição norte-americana a qualquer ideologia de segregação racial, afirmando: "O conceito de dignidade humana deve ter vigência universal. Os Estados Unidos não podem estar de acordo com as concepções segregacionistas".

Acrescentou que empreendeu a atual viagem à África Austral porque "os riscos de conflito na região são muito reais e caso a situação piore haverá graves repercussões para a estabilidade internacional".

E explicou que Washington negocia com Pretória porque "esta tem a chave, ou pelo menos pode dar uma contribuição decisiva para qualquer solução dos problemas da região".

Calma volta à África do Sul

Johannesburg — De acordo com porta-voz policial, a situação em todas as cidades negras e mulatas da África do Sul foi de calma durante a noite de sexta-feira e ontem, quando se registraram apenas tentativas isoladas de incêndio.

Em Oudtshoorn, no entanto, na Provincia do Cabo, 1 mil 500 km a Sudoeste de Johannesburg, o proprietário de uma casa comercial disparou contra dois mulatos que, afirmou, estavam roubando leite, matando um e ferindo outro.

E em George, também na Provincia do Cabo, o guarda de um hotel disparou e feriu um rapaz mulato. O incidente não foi explicado.

Djilas teme intervenção da URSS após a morte de Tito

Os soviéticos tentarão se aproveitar das contradições nas altas esferas da Liga Comunista e nas diferentes etnias que formam o país, cujo futuro estará ameaçado quando a Iugoslávia não tiver mais à sua frente uma personalidade tão forte quanto a do Marechal Tito, declarou o ex-dirigente iugoslavo Milovan Djilas, um dos maiores adversários do regime de Tito.

Em entrevista a Le Figaro, Djilas falou das dificuldades econômicas, da política externa e da tentativa de Moscou de dividir o país, e acusou a União Soviética de ser o único império que subsiste no mundo. No caso de um conflito "quente" entre Leste e Oeste, Djilas acha que Belgrado permaneceria neutra.

A entrevista

Pergunta — Acredita que o futuro político da Iugoslávia esteja definitivamente assegurado e que as instituições definidas pelo Marechal Tito poderão sobreviver a ele sem grandes choques?

Resposta — Não creio que o futuro da Iugoslávia esteja definitivamente assegurado. Ficará sempre exposto às manobras da União Soviética. E seu destino se encontrará certamente mais ameaçado amanhã do que hoje, porque a Iugoslávia não terá à sua frente uma personalidade tão forte quanto a do Marechal Tito.

Os soviéticos procurarão aproveitar-se das contradições no âmbito das altas esferas do Partido e nas diferentes etnias que formam o país. E quem poderá excluir a possibilidade de que, em um momento de crise, não surjam correntes diversas sob o pretexto de salvar o socialismo e no propósito de preservar o estatuto social dos burocratas?

Continuo, entretanto, convencido de que a Iugoslávia sobreviverá, mesmo que tenha que pagar um alto preço. Diferentemente do que se passou na Tcheco-Eslováquia, haverá sempre ali alguém que lutará. Por outro lado, não se deve esquecer que os soviéticos foram apenas co-participantes da libertação da Iugoslávia, diferentemente do que se passou no Leste, notadamente na Hungria e na Bulgária.

P — Um dos principais êxitos do Marechal Tito, em matéria de política interna, consistiu certamente em reduzir as divergências seculares existentes entre as diversas etnias da comunidade iugoslava. Acredita que a arbitragem que exerceu nesse domínio poderá ser mantida por seus sucessores?

R — Penso que certas instituições sofrerão modificações. Por exemplo, a presidência colegiada tal como foi concebida, não me parece mais viável depois que o Marechal Tito tiver desaparecido.

Melhoramentos deverão igualmente ser aplicados ao nível do Comitê Central, assim como no Parlamento, mesmo que não sejam mudanças radicais.

Poderemos usufruir maiores liberdades intelectuais. As questões filosóficas não serão mais tabus para o Governo. As obras literárias não sofrerão mais da atmosfera de suspeição que atualmente as envolve.

P — A Liga dos Comunistas Iugoslavos é uma formação monolítica ou sofre ela consequências de interesses das nacionalidades que a compõem?

R — A Liga não poderia ser monolítica. Não apenas do ponto-de-vista étnico, mas também no plano social e ideológico. Só o Poder é monolítico. A intelligentsia iugoslava está longe de ser totalmente marxista.

Por outro lado, os camponeses ainda existem. E se representam pouca coisa na esfera política, constituem um fenômeno social que não pode ser negligenciado. Devo frisar que, em nosso país, o Estado é proprietário de apenas 15% das terras.

P — A atividade dos kominformistas parece ter-se ampliado nestes últimos 18 meses na Iugoslávia. Quais, em sua opinião, as causas profundas disso e suas consequências?

R — Na minha opinião, os partidários do Kominform não representam mais um perigo real. A grande maioria dos processos instaurados contra eles nestes últimos anos referia-se a homens idosos, totalmente desligados das gerações jovens.

P — O Marechal Tito foi, desde o início, um dos principais pregadores do não alinhamento. A Iugoslávia não alinhada, mas de um socialismo original, notadamente definido pela autogestão, teria, ao mesmo tempo, se livrado da evidente tentativa soviética para empolgar a identidade do país?

R — A política exterior iugoslava, tal como está sendo exercida pelo Poder, inscreve-se, de um modo geral, em um quadro lógico e concreto. Do meu ponto-de-vista, entretanto, Belgrado deveria preocupar-se mais em aproximar-se da Europa. Mas não aderir, sob preço algum, evidentemente, à Aliança do Atlântico, que atualmente está reduzida a um condomínio germano-americano.

A política do não alinhamento tem-se revelado positiva no plano prático. Ela, sobretudo, ampliou as possibilidades econômicas da Iugoslávia e a tornou popular no Terceiro Mundo.

No plano ideológico, em troca, essa política não me parece realista, na medida em que sua aplicação retoma, entre outros, velhos slogans da luta de classe, que não têm para a Iugoslávia maior significação e que, além disso a afasta inegavelmente da Europa. É um jogo sutil que convém manipular com extrema prudência.

Porque é preciso compreender que o único imperialismo que subsiste no mundo é o soviético.

P — A Macedônia iugoslava sempre constituiu um pomo de discórdia entre Belgrado e Sófia. Sobre esse terreno, além disso, Moscou sopra alternadamente frio e quente, de acordo com a evolução de suas relações com Belgrado. Que solução vê para esse problema?

R — Não se trata de um pomo de discórdia. Fale-me antes de uma megalomania búlgara atiçada pelos soviéticos. Repare que Moscou não aborda jamais de frente a questão macedônia. Os soviéticos fazem um jogo diabólico. Podem ficar certo de que eles não deixarão, em caso algum, a Bulgária engolir a Macedônia.

Saiba também que, em certas universidades da URSS, ensina-se meticulosamente o idioma macedônio. Levantar a questão da Macedônia através dos búlgaros visa unicamente a tentar desmembrar a Iugoslávia. Depois de criar uma Macedônia autônoma pró-soviética, a Bulgária seria incorporada ao império.

P — No caso de um conflito "quente" irromper entre Leste e Oeste, qual seria a posição de Belgrado? Continuaria neutra ou se alinharia sob a bandeira do socialismo internacional?

R — Neste caso, a Iugoslávia certamente permaneceria neutra. Na realidade, não creio em um conflito global entre Leste e Oeste. Esse espantalho é periodicamente agitado pela URSS e seus satélites, a fim de fortalecer internamente seu regime. E os comunistas das democracias populares que vivem em um mundo alienado, porque vegetam no meio de uma ideologia submetida ao apodrecimento das plantas que se desenvolvem em compartimentos fechados, acabam por acreditar nisso.

Além do mais, a sombra da China, ao fundo dos horizontes asiáticos, permanece para Moscou um pesadelo permanente, suscetível de lhe tirar qualquer veleidade de jogar o tudo ou nada de uma aventura generalizada na direção do Oeste. O que não impedirá Moscou, se o Ocidente não mostrar maior disposição, de embolsar um ou outro país, que lhe cairia maduro entre suas mãos.

Belgrado/Arquivo

Em maio, Tito fez 84 anos e cortou bolo com sua mulher

O contestador

O montenegrino Milovan Djilas (65 anos) teve papel destacado nas lutas pela libertação da Iugoslávia, contra o invasor nazista. Foi membro do Comitê Central da Liga dos Comunistas e ocupou altos postos no Governo formado em Belgrado após a Segunda Guerra Mundial, sob a Presidência do Marechal Tito, de quem era apontado como herdeiro natural.

Contudo, passou a discordar publicamente de Tito, sendo condenado em 1962 a oito anos e oito meses de prisão. Ao mesmo tempo, tornou-se também um dos maiores contestadores do regime stalinista. Libertado antes de cumprir a pena, em 1966, o autor de Nova Classe *e* Sociedade Imperfeita *(proibidos em seu país), teve seu passaporte confiscado em 1973, quando pretendia realizar conferências nos Estados Unidos.*

Nesta entrevista a Le Figaro, a primeira que deu nos últimos 10 anos, Djilas falou da evolução do comunismo em seu país e no mundo. "Na hora em que Tito se vê obrigado a interromper suas atividades, este testemunho revela-se particularmente estarrecedor", diz o jornal.

Quadro étnico preocupa Marechal

"Mais do que tudo é o problema das nacionalidades que me impede de dormir", declarou o Marechal Tito, numa das inúmeras vezes a que se referiu ao complicado quadro étnico do seu país: seis Repúblicas (Sérvia, Croácia, Eslovênia, Bósnia-Herzegovina, Macedônia e Montenegro), dois territórios autônomos (Voivodina e Kossovo), além de minorias albanesa, húngara, turca, tcheco-eslovaca, romena, búlgara e italiana.

O incontestável prestígio popular de Tito, consolidado na resistência contra o ocupante alemão, e o apoio que lhe dão as Forças Armadas contribuíram até agora decisivamente para que o mosaico de nacionalidade que formam o país não tivesse rompido sua difícil coesão política e administrativa.

Mas Tito está com 84 anos e as antigas rivalidades entre as Repúblicas não foram superadas; apenas assumiram, ao longo do tempo, novas feições. Para complicar o quadro, o problema sucessório já está equacionado. E multas das inquietações e divergências que nestes últimos anos se vêm registrando nos altos escalões da administração e do Partido podem ser atribuídas a essa perspectiva, cada dia mais próxima de uma decisão.

Desde há cinco anos os discursos do Marechal Tito têm sido uma repetida advertência a seus concidadãos para alertá-los sobre os perigos que ameaçam, segundo ele, a unidade da nação iugoslava e seu peculiar regime socialista, estruturado no controvertido princípio da autogestão nas empresas.

A Liga dos Comunistas — nome que os iugoslavos deram a seu Partido — que vinha desempenhando mais um papel de orientador do que centralizador político, passou, há três anos e por decisão de Tito, que preside a República e o Partido, a funcionar como uma direção que estabelece normas, na base de um ressuscitado "centralismo democrático", que procura manter sob controle os quadros não apenas políticos mas também os administrativos.

Afirmou Tito, que é croata, que a autoridade do Estado estava se diluindo em "polêmicas estéreis". "Necessário pois, — declarou em 1973 — acabar de uma vez por todas com um liberalismo podre que estava embaraçando a ação do Estado e anestesiando o Partido".

A verdade é que até hoje o Governo central vem encontrando dificuldades inarredáveis para reduzir a defasagem entre um Norte industrializado e um Sul subdesenvolvido. No mesmo Estado iugoslavo coexistem, por exemplo, uma Eslovênia, cuja renda anual média é de 1 mil 200 dólares (Cr$ 14 mil) por habitante, e um território autônomo, Kossovo, cuja renda é de 300 dólares (Cr$ 3 mil 500) por habitante.

Se as Repúblicas industrializadas têm se declarado dispostas a deixar uma parte de seus rendimentos a seus compatriotas menos desenvolvidos, entendem também que, para modernizar seus próprios equipamentos, devem conservar boa parte dos frutos de seu trabalho.

De qualquer modo, porém, aceitam com má vontade o direito que a administração central se atribuiu de confiscar rendas e redistribuí-las como melhor lhe pareça. Dirigentes croatas já foram destituídos porque reivindicaram para sua República uma autonomia quase total em matéria econômica.

Em 1971, quando foi debatida uma nova reforma constitucional, Tito denunciou os "inimigos exteriores" interessados em dividir o país e criticou "a indiferença de iugoslavos diante do perigo que os ameaça". A seu ver, alguns dirigentes croatas se revelaram demasiadamente complacentes em relação aos nacionalistas locais.

Para "restabelecer a disciplina partidária", uma depuração em larga escala atingiu liberais, tecnocratas, anarquistas, pequeno-burgueses e os nacionalistas croatas que puseram a cabeça de fora

A noção de "centralismo democrático" — que os contestadores chamam de "centralismo burocrático" — foi em boa parte reabilitada, depois de ter sido progressivamente abandonada por Tito a partir de seu rompimento com Stalin.

Essa volta ao passado, esse retorno a dogmas que pareciam sepultados para sempre na Iugoslávia, foi explicado como uma reação natural de uma forte personalidade de um chefe habituado a ser ouvido e obedecido e que, já octogenário, vê as cartas da sucessão sendo postas na mesa por mais jovens, que pretendem governar discutindo. Estes argumentam que a democracia suporta e exige a contestação, pois os debates não provocam crises, apenas as revelam, e assim elas poderão ser resolvidas mais facilmente.

Parece certo, pelo menos até agora, que nenhum croata ou esloveno responsável sonha em formar um Estado independente. A História ensinou-lhes viver juntos, ao lado dos sérvios e das demais nacionalidades que compõem o Estado iugoslavo. Todas as minorias possuem estatutos próprios, que autorizam o uso de sua língua nacional na escola, na vida pública e na imprensa.

Nesse país há 57 anos estão reunidos povos que durante séculos de separação sofreram as mais diferentes influências econômicas, religiosas, idiomáticas, políticas e culturais. São pelo menos quatro idiomas, dois alfabetos, três religiões. Tudo isto reunido poderá formar um só Estado?

"Se não tivéssemos cedo nos engajado na luta contra as tendências nacionais isolacionistas" — declarou Tito — "teríamos talvez, depois de uns seis meses de tiroteio, desembocado na guerra civil. Iríamos então permitir que alguém de fora chegasse aqui para restabelecer a ordem e a paz?

Sérvia, o maior contingente

Com seus 8 milhões 500 mil habitantes, a Sérvia formava, desde o século XII, um Estado independente. Mais tarde caiu sob domínio otomano. Os sérvios, contudo, conservaram seu idioma e permaneceram fiéis à religião ortodoxa e ao alfabeto cirílico. Depois de muitas tentativas malogradas, conquistaram, em 1815, sua autonomia.

Croácia, um povo dividido

A Croácia (4 milhões 500 mil habitantes) percorreu um caminho difícil. Conquistada pelos húngaros no século XII, passou em certa época pelo domínio otomano. No entanto, na maior parte de sua história foi submetida às influências ocidentais. Os croatas, em sua maioria, são católicos. Utilizam o alfabeto latino. O sentimento nacional dos croatas se manifestou mais fortemente em meados do século XIX. Seus inspiradores se dividiam em dois grupos. Uns pretendiam afirmar seus direitos dentro do conjunto austro-húngaro.

A idéia iugoslava nasceu, de certo modo, na Croácia. Com apoio das tropas italianas e alemãs, um grupo croata extremista de direita — os ustachis — criou durante a II Guerra um Estado croata.

Bósnia-Herzegovina, a influência turca

A Bósnia-Herzegovina (3 milhões 750 mil habitantes) foi conquistada pelos turcos em 1453 Suas províncias foram ocupadas pela Áustria em 1878 e a ela anexada 30 anos mais tarde. A longa presença otomana talvez tenha marcado a Bósnia-Herzegovina mais do que as outras Repúblicas iugoslavas. Em 1961, 1 milhão 500 mil cidadãos se registraram como sérvios e 710 mil como croatas.

Eslovênia, um estilo ocidental

Com seus 1 milhão 700 mil habitantes, a Eslovênia é a mais homogênea das repúblicas iugoslavas. Os eslovenos se distinguem de seus concidadãos pelo idioma, muito diferente do servo-croata, e sobretudo pelo seu estilo de vida, bem mais ocidental.

A influência germanica foi all profunda, quase exclusiva. Conquistada pelos Hasburgos em 1278, a Eslovênia manteve-se austríaca quando o restante da atual Iugoslávia estava submetido ao domínio otomano. Depois da derrocada do Império Austro-Húngaro, os eslovenos se decidiram pela união com os sérvios e os croatas.

Macedônia, tensão na fronteira

A Macedônia (1 milhão 600 mil habitantes) libertou-se do domínio turco após a I Guerra Mundial. A existência de uma Nação Macedônia só foi reconhecida, contudo, depois da II Guerra. O idioma falado nessa república tem muita semelhança com o búlgaro. Na região vive uma importante minoria, considerada búlgara pelas autoridades de Sofia, e macedônia por Belgrado.

Montenegro, uma tradição de luta

Montenegro (550 mil habitantes) opôs uma resistência encarniçada e por vezes vitoriosa aos otomanos, que nunca conseguiram se instalar firmemente nessa região montanhosa. Os montenegrinos, aos quais se aliaram numerosos refugiados sérvios, criaram no fim do século XV um Estado independente. Desde o fim da I Guerra Mundial sua Assembléia Nacional decidiu a união do país com os demais eslavos do Sul.

Soviéticos acusam Ford e Carter

A viagem "particular" de Harriman a Moscou

Dev Murarka
Correspondente

Moscou — Jimmy Carter, o mais provável futuro Presidente dos Estados Unidos, está em Moscou neste exato momento — na pessoa do octogenário ex-Governador Averell Harriman, que realiza uma viagem "de caráter privado". Naturalmente, ele garante que se encontrou com Jimmy Carter, antes de sua partida, apenas para lhe dizer: "Alô, Jimmy, estou indo para Moscou rever velhos camaradas. A gente se vê quando você já tiver tomado posse".

Naturalmente, é mais do que provável que ele se encontre com Leonid Brejnev, que faz questão de receber todos os americanos de alto nível que visitam a cidade. E está fora de cogitação que o velho emissário do Partido Democrata cumpra uma missão em Moscou a serviço do candidato democrata à Presidência. Estas vulgaridades da vida política não são para o ex-Governador Harriman.

Ele é um velho simples que trata da própria vida. Os jornalistas o importunam desnecessariamente na privacidade da Embaixada americana onde ele não pode falar de política partidária de jeito nenhum. Isto para não mencionar o pequeno grupo dos altamente selecionados correspondentes de jornais importantes de seu país que irão diligentemente tomar nota da visita privada de um inocente americano a Moscou.

E' apenas por acaso que, na delicada opinião de Harriman, Carter seja "um grande sujeito que os russos podem interpretar mal por não conhecer". Pode ser que, se Harriman estiver no seu melhor estado de espírito, possa ajudar a superar estes pequenos desentendimentos, tão essenciais à irmandade das superpotências. Mas você sabe, estes são assuntos de família, e os estranhos não deveriam meter seu nariz, a menos que jurassem manter um reverente silêncio quanto a esta discussão de política doméstica num nível internacional. Não fica bem para o prestígio das superpotências.

Sujeito formidável esse Kissinger, se esfalfando por aqueles africanos. Bom sujeito, o Ford. Ah, mas não será o Carter muito melhor com os asiáticos, africanos, latino-americanos — ele também sabe espanhol — europeus, chineses e russos acima de tudo — ele é um cientista nuclear, afinal de contas. O SALT não é nada para ele. Ele foi feito para coisas grandes.

Ah, meus caros amigos russos, vocês não conhecem Carter. Pobres de vocês. Claro, claro, vocês conhecem Ford, e acham melhor até o diabo, que vocês conhecem, do que quem não sabem o que é. Bem, naturalmente, só aqui entre nós, Ford é, na verdade, um pouco simplório. Ele não entende as sutilezas da posição da América e tampouco entende vocês. Vejam bem: agora mesmo, quando existe uma grande necessidade de diálogo entre os dois países, o que faz ele? — retira de Moscou o Embaixador Stoessel e o envia para Bonn. Bem, eu lhes pergunto: vocês merecem um tratamento tão rude depois de toda a boa vontade demonstrada nos últimos anos? Eu sou favorável à Declaração de Helsinqui. Carter também. A détente é détente em qualquer língua. Não é possível ter duas palavras a respeito dela.

Bem, Georgy (Arbatov, Chefe do Instituto dos Estados Unidos em Moscou e um influente conselheiro de Brejnev), seus amigos não precisam ter qualquer preocupação a respeito de Carter. Ele tem um coração de ouro, mesmo que se expresse de uma forma meio brusca. Esperem até Brejnev se encontrar com ele. Ele se sentirá como se estivesse abraçando um irmão que não via há muito tempo.

Vocês naturalmente entendem que não farão nenhum bem ao Carter se começarem a elogiá-lo neste momento. Mas deixem apenas de elogiar Ford um pouco, vocês sabem. E tudo estará bem. Vou dizer o mesmo a Leonid Ilyich, quando o encontrar.

Você sabe, Georgy, estou ficando velho. Tenho idade suficiente para ser seu pai. Conheço seu país como a palma da minha mão e amo o seu povo. Devotei toda minha vida a promover o entendimento e a amizade entre nossos dois grandes povos. Admito que tivemos alguns pontos de preocupação aqui e ali. Agora, a nova geração está assumindo o Poder.

Eles não se entendem uns com os outros tão bem quanto nós. E' nosso dever ajudá-los. O Carter é assim. Certo, certo, eu lhe transmitirei tudo que você me disse. Espero que logo que ele tenha se instalado na Casa Branca, possamos arranjar uma conferência de cúpula e pôr as coisas em ordem, principalmente esses assuntos pendentes em que Ford não ousou tocar por medo de perder a eleição. Estou sendo muito tendencioso novamente? Mas, francamente, ele não tem a menor chance. O público americano ama o Carter. Ele é honesto, sincero e não pertence a nenhum grupo. Eu lhe digo: seu povo vai gostar de Carter. E' apenas uma questão de semanas agora. Portanto, vamos preparar o caminho para boas relações entre Carter e Leonid Ilyich, e tudo ficará muito bem. Até logo, ou como vocês dizem em russo, dosvidânia.

Moscou — O *Pravda*, órgão oficial do Partido Comunista soviético, atacou ontem os dois candidatos norte-americanos à Presidência porque "ambos fecham os olhos e tentam ignorar os abusos contra os direitos civis nos Estados Unidos enquanto manifestam sua preocupação pelos judeus soviéticos".

Na busca de mais votos, prossegue o *Pravda*, Ford "precipitou-se em garantir aos sionistas de que se manterá firme na convicção de que a Declaração dos Direitos Humanos da ONU deva ser aplicada a todos os Estados". Quanto a Carter, relembra suas críticas à URSS "por desrespeito ao acordo de Helsinqui".

"Contudo, recorda o artigo soviético, os Estados Unidos até hoje não firmaram o tratado internacional sobre os direitos econômicos, sociais e culturais nem o sobre os direitos civis e políticos elaborados pela ONU e assinados pela União Soviética".

Japão já desmonta Mig

Tóquio — Com a autorização pessoal do Primeiro-Ministro Takeo Miki, técnicos da Agência Nacional de Defesa do Japão começaram ontem, com a ajuda de especialistas norte-americanos, a desmontar o caça soviético Mig-25, no Aeroporto de Hakodate, a cerca de 800 quilômetros ao Norte de Tóquio. Um porta-voz da Agência informou que as autoridades norte-americanas prometeram colaborar no desmonte, transferência e inspeção do avião.

Segundo a imprensa japonesa, o Mig será levado depois para a Base de Hyakuri, nos subúrbios da Capital, por um avião Galaxy da Força Aérea Americana. A desmontagem, segundo a Agência, seria realizada sob a premissa de que o Mig-25 violou o espaço aéreo japonês e a ajuda norte-americana seria justificada pela possibilidade de o Mig ter partes cuja manipulação exige altos conhecimentos tecnológicos, temendo-se que algumas possam estar dotadas de dispositivos de autodestruição.

Kissinger não crê que acordo do mar possa ser obtido

Nações Unidas — "Nego-me a crer que um tratado de Direito do Mar possa ser realizado", afirmou o Secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger em nota ontem divulgada pela delegação dos Estados Unidos que participou da Quinta Conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar.

Acrescentou que é necessário agora que os paises interessados iniciem negociações realistas, pois, segundo ele, a alternativa de um tratado "não servirá nem aos interesses nacionais nem aos da comunidade internacional". Disse ainda Kissinger que os Estados Unidos "como potência global" têm interesse maior na prevenção de conflitos sobre a utilização dos espaços oceanicos.

As delegações à Quinta Conferência regressaram ontem a seus paises, depois de sete semanas de reuniões e depois de verem malogrados os esforços para transpor o impasse referente aos direitos sobre a exploração de minerais na área submarina do Atlantico.

A Conferência, que tem o patrocínio das Nações Unidas, instalou-se pela primeira vez em 1973. Mais de 150 paises estão atualmente empenhados na tarefa de elaborar um tratado internacional referente ao aproveitamento das riquezas que os oceanos encobrem. De um modo geral, esses paises estão de acordo que uma entidade internacional deverá administrar as explorações do leito submarino. Os Estados Unidos, porém, têm insistido no sentido de que os governos e as empresas privadas tenham acesso assegurado aos metais que existem sob os oceanos, de modo particular o niquel.

Kissinger, em sua declaração escrita, acusou certas delegações de recorrerem a "táticas de confrontação" durante a Quinta Conferência. E afirmou que "tais táticas só podem malograr e levar inevitavelmente a situações de impasse e "a uma ação unilateral".

Um novo milagre, o austríaco

Arlette Chabrol

Viena — *Houve o milagre japonês e o milagre brasileiro. Fala-se agora no milagre austríaco. Não se deve ter muito entusiasmo por um sistema econômico, cujo aspecto milagroso reserva, frequentemente, muitas surpresas, e nem sempre muito agradáveis.*

Contudo, o que se passa na Austria, este pequeno país neutro, situado na fronteira do mundo ocidental e comunista, merece ser examinado de perto. E' o único país da Europa em que a economia se porta bem. Seu índice de desemprego caiu para 1,1%, um recorde, considerando-se que a maioria dos países ocidentais se debatem com este grande problema, inclusive a Alemanha Ocidental e os Estados Unidos.

Cooperação econômica

E' importante assinalar que esta política de pleno emprego — um pouco devido à saída de numerosos trabalhadores estrangeiros — não se faz em detrimento da estabilidade do preço. E' certo que a Austria é uma nação muito pequena (83 mil 850 km2 — ou seja 100 vezes menor que o Brasil — com cerca de 7 milhões 500 mil habitantes) para não ter necessidade de recorrer aos produtos estrangeiros em grande escala.

Por conseguinte, ela sofre, como todo mundo, o aumento de preços, mas limitado — da ordem de 7,5%, em 1975. Uma inflação que poderia fazer inveja a muitos países europeus.

Mas não se pode falar em milagre econômico. Se a inflação e o desemprego na Austria permanecem tão suaves neste período de excesso, a razão é que uma longa prática de concentração e cooperação em todos os domínios da política econômica se estabeleceu entre os parceiros econômicos e sociais (esta expressão compreendendo o empresariado e os sindicatos).

Este sistema, que se chama em alemão Sozialpartnerschaft, *só é contestado pelo Partido Comunista Austríaco (PCA), porque rejeita a luta de classes, base da teoria marxista. Mas nos demais setores, no tabuleiro político e econômico, ele é reconhecido e quase incontestado.*

Assim, entre 1968 e 1973, calculou-se que houve de 0,7 a 5 minutos de greve por ano por trabalhador, na Austria, em comparação à Suíça que é de um a três, o Japão, de um a 170, a França, de um a 266, e os Estados Unidos, de um a 644.

Negociação

Por que os trabalhadores austríacos fariam greve, se eles conseguem resolver tudo pelas negociações?, indagou uma jornalista francesa, servindo há dois anos em Viena, e que não esconde sua admiração por este consenso social tão eficaz.

Os conflitos sociais, de fato, se resolvem entre quatro grandes organizações: a Camara Federal da Economia Industrial, que é a representante legal dos interesses de todas as empresas independentes do país (da indústria ao comércio, passando pelo turismo, as finanças, o seguro). A Conferência dos Presidentes das Camaras de Agricultura, que agrupa os representantes legais dos interesses dos agricultores. A Camara dos Trabalhadores Austríacos, que é a representação legal de todos os trabalhadores, com exceção dos funcionários da administração (mas os das empresas públicas nela figuram). Seus membros são eleitos pelos associados da Camara, os socialistas constituindo o grupo mais importante.

Finalmente, a Confederação dos Sindicatos Austríacos (OGB), que agrupa trabalhadores da indústria privada e dos serviços públicos — exatamente 60% do conjunto dos trabalhadores austríacos. Dezesseis sindicatos fazem parte desta confederação, agrupados por profissões e não por opções políticas. Contudo, na OGB surgiram facções ideológicas, e aí também, os socialistas são majoritários.

Estas quatro organizações, muito centralizadas, se reúnem frequentemente em assembléias, a mais conhecida sendo a Comissão Paritária dos Preços e Salários, na qual participam dois representantes de cada organização, quatro membros do Governo federal, bem como o Chanceler ou seu Ministro do Interior, que preside.

Esta Comissão se reúne uma vez por mês, em tempos normais, e resolve todos os assuntos que não puderam ser resolvidos por unanimidade (é um princípio absoluto) nas Subcomissões. Uma vez por trimestre, estas mesmas pessoas fazem um exame completo da política econômica do país, na presença do presidente do Banco Nacional austríaco. Reúnem-se ainda extraordinariamente sempre que as circunstancias o exigem.

Governo profissional

Assim, as negociações interprofissionais sobre salários só podem se realizar se a Comissão Paritária o aceitar. Este poder de bloquear ou autorizar as negociações permite evidentemente obter uma política salarial equilibrada, evitar os excessos e conservar uma boa coordenação entre os diferentes sindicatos.

Quanto ao aumento dos preços, ele deve sempre ser submetido ao exame da Comissão Paritária ou da Comissão oficial dos preços. O objetivo é só autorizar os aumentos inevitáveis. Neste domínio, o poder dos parceiros econômicos e sociais não é muito bem repartido. As sanções pela não observação dos princípios fixados em comissão não são aplicadas e os representantes dos trabalhadores não têm quase escolha senão usar de toda sua influência e diplomacia para frear o aumento dos preços diante do empresariado. A verdade é que os resultados, ainda que imperfeitos, são muito mais satisfatórios que na maioria dos outros países europeus.

Por outro lado, a Sozialpartnerschaft *ultrapassa o quadro dos preços e salários, em suma, da política das rendas em geral. Ela alcança também outros problemas. A política agrária, a lei sobre impostos, a política do comércio exterior são outras tantas questões discutidas com os parceiros econômicos e sociais. Todas as questões sociais, igualmente.*

Daí esta crítica, proferida às vezes no exterior, mas que os austríacos assumem orgulhosamente: os parceiros econômicos e sociais acabaram por constituir uma espécie de segundo governo, que faz sombra aos Partidos políticos. E' verdade, mas a Austria se porta bem.

Malta inicia apuração das eleições

La Valetta — Malta inicia hoje a apuração das eleições gerais para o Parlamento, que indicaram elevadíssimo índice de comparecimento dos eleitores nos dois dias de votação, principalmente na vizinha ilha de Gozo, considerada baluarte do Partido Nacionalista do ex-Premier George Borg Olivier, favorável ao Ocidente.

Diversas ambulancias levaram pacientes internados em hospitais até às seções eleitorais, enquanto várias pessoas desmaiavam nas extensas filas pelo forte calor. Espera-se que os 65 lugares do Parlamento sejam divididos quase igualmente, dando a um dos Partidos uma possível vitória de um voto, que pode decidir o futuro da ilha nos próximos cinco anos: alinhamento com o Ocidente ou continuação da aliança com a Líbia e a China.

O atual Primeiro-Ministro Dom Mintoff, do Partido Trabalhista, obteve a vitória em 1971 por apenas uma cadeira.

Voto dos jovens decide hoje eleições suecas

Estocolmo — O voto por correspondência e meio milhão de novos eleitores poderão inclinar a balança, hoje, dia de eleições na Suécia, em favor de um dos grupos que disputam o Poder, há 44 anos nas mãos do Partido Social Democrático, do Primeiro-Ministro Olof Palme. As pesquisas de opinião apontam uma diferença de quatro décimos para a coligação governante (PSD e Partido Comunista).

Apesar da escassa diferença — os realizadores da pesquisa afirmaram que os socialistas terão 48,9% contra 48,5% dos votos para a coalizão anti-socialista — nunca a hegemonia do Partido Social Democrático esteve tão ameaçada.

Oposição "incapaz"

Palme, *Premier* há sete anos, foi ontem a Gotemburgo, segunda cidade do país, considerada reduto liberal (um dos Partidos de Oposição), e durante comício ressaltou o tema predominante de sua campanha, ao salientar que enquanto os socialistas mantêm a estabilidade há 44 anos, existe uma Oposição dividida e incapaz de governar.

Os Partidos Liberal, Conservador e Centrista — oposicionistas — apelaram ao senso cívico dos cidadãos, advertindo-os contra os "perigos da socialização", os riscos da energia nuclear — acabam de ser inaugurados novos reatores atômicos, às vésperas do pleito — e pediram luta contra a inflação, renovação da política familiar e mais segurança nos empregos. O principal chefe oposicionista, o centrista Thor Faeldin, preferiu encerrar sua campanha em Estocolmo, e nos apelos ao eleitorado ressaltou a necessidade de mudanças no Governo "para evitamos a aventura da socialização".

O voto por correspondência, agora adotado, poderá diminuir sensivelmente o número de abstenções, que na última eleição chegou aos 10%. Apesar das chances conservadoras, corre uma anedota política, afirmando que é graças ao conservadorismo do povo sueco que os socialistas têm sido votados, sistematicamente, nas últimas décadas.

As principais forças políticas

Partido Social Democrata (Sveriges social-demokratiska Arbetare) — Desde 1932 — com a exceção de um curto período de três meses em 1936 — o Primeiro-Ministro em Estocolmo tem sido sempre um social democrata. O Partido sucedeu ao chamado Partido Social Democrata dos Trabalhadores, fundado em 1889, e que em 1920 constituiu um Governo homogêneo minoritário na Suécia, o segundo Governo socialista da Europa. Coloca-se como "o Partido dos assalariados", o gerente dos interesses dos trabalhadores diante dos interesses do poder econômico. Adere à tese de que a sociedade igualitária virá através das reformas sociais. Os sociais-democratas têm 156 lugares no Parlamento.

Partido da Esquerda Comunista (Vansterpartiet Kommunisterna) — O VPK mantém-se fiel ao marxismo ortodoxo. No entanto, desde o XXII Congresso do VPK, verificou-se uma adaptação do Partido às normas da democracia sueca e aos princípios parlamentares. Como reação, formou-se mais à esquerda um novo Partido, a Aliança Comunista Marxista-Leninista, que por sua vez cindiu-se em duas facções antes das eleições de 1973, o Partido Comunista da Suécia e a Aliança Comunista Marxista-Leninista Revolucionária. Nenhum deles obteve cadeiras no Parlamento, e a divisão ameaça inclusive enfraquecer a participação do tradicional VPK este ano. Seu líder é Lars Werner, de 41 anos, e conta com 19 lugares no Parlamento, importantes para que a Social-Democracia sobrepuje a Oposição.

Partido Centrista — (Centerpartiet), anteriormente chamado Bondeforbundet, ou Aliança dos Agricultores — O mais poderoso Partido do bloco da Oposição não socialista tem atualmente 90 cadeiras no Riksdag, isto é, mais 19 do que antes das eleições de 1973, o que dá uma medida de seu crescimento. Os centristas são, tradicionalmente, os defensores das pequenas e médias empresa. Defendem também a descentralização da economia e do Poder. Apesar do seu antigo nome, os agricultores constituem hoje somente 23% de seu eleitorado.

Partido Liberal (Folkspartiet, isto é, um sueco Partido Popular) — Os liberais são os defensores da livre empresa e da economia de mercado. Com 34 cadeiras no Parlamento, menos 24 do que antes das eleições de 1973, o Partido Liberal foi o que mais perdeu. No entanto, as pesquisas indicam que vem se estabilizando nos últimos tempos, provavelmente graças à manobra de seu líder, Per Ahlmark, 37 anos, que procura um diálogo com o bloco socialista e dá um rumo um pouco à esquerda para suas posições.

Partido Conservador (hoje chamado em sueco Moderata Samlingspartiet, isto é, Partido Moderado Reunido, mas que anteriormente era designado Hogerpartiet, literalmente Partido da Direita) — E' o paladino das grandes empresas e da alta burguesia e de uma sociedade baseada na propriedade privada e na livre empresa. Os conservadores recuperaram-se depois das últimas eleições e contam atualmente com 51 cadeiras no Parlamento. Seu líder, Gosta Bohman, de 65 anos, desfruta de muita confiança entre seus simpatizantes.

Palme, o "Premier"

Olof Palme já foi descrito como "um homem que logo atrai ou profunda antipatia ou uma apaixonada devoção" e quem, por não fazer nada para ocultar sua inteligência, "exerce um efeito perturbador sobre o homem médio da Suécia".

Aos 49 anos, tem uma longa carreira política, iniciada no movimento estudantil, o que lhe garante um infalível apelo sobre os jovens. Em 1952 foi eleito presidente do Sindicato Nacional de Estudantes, e em 54, "descoberto" pelo então Primeiro-Ministro social-democrata Tage Erlander, que fez dele seu secretário e, desde 1969, seu sucessor.

Faeldin, o rival

Thornbjorn Faeldin, de 50 anos, líder do Partido Centrista desde 1971, levou seu Partido a crescer muito nos últimos anos e foi o grande vencedor das eleições de 1973. Principal opositor de Palme, será provavelmente o novo Primeiro-Ministro, em caso de vitória da Oposição.

Começou sua carreira como líder estudantil, sendo presidente da Liga da Juventude Centrista de sua região, no Norte do país, e foi eleito para o Parlamento em 1958, retornando em 1967, após uma derrota em 1964. Membro de comissões parlamentares sobre o desemprego e localização de indústrias, é árduo defensor da ecologia e ferrenhamente contrário à ampliação do uso da energia nuclear.

Cardeal chileno pede por direitos humanos

Zenaide Azeredo

Santiago — A defesa dos direitos humanos foi o tema principal do discurso do Cardeal-Arcebispo de Santiago, Raul Silva Henriquez, pronunciado durante a cerimônia mais importante realizada neste 18 de setembro, data nacional do Chile, no solene Te Deum Ecumênico cantado na Catedral de Santiago ontem, diante do Presidente Pinochet e demais integrantes da Junta-Militar, Ministros de Estado, corpo diplomático e outras autoridades nacionais e estrangeiras.

O ato, celebrado por representantes de cerca de 10 religiões permitidas no Chile, começou às 11h20m quando chegou à Catedral o Presidente da República, General Augusto Pinochet, sendo assistido somente por autoridades, convidados e imprensa. Diante da igreja, alguns populares comprimiam-se nos jardins e ruas laterais, enquanto a banda da guerra e instrumental dos cadetes da Escola Militar Bernardo O'Higgins introduzia os primeiros acordes do Hino Nacional.

A homília

Após a celebração da introdução do ato religioso, constando de cantos, leitura da doxologia pelo representante da Igreja Ortodoxa, da carta aos romanos, pelo secretário-geral da União das Igrejas Evangélicas e do Evangelho, o Cardeal Silva Henriquez iniciou a leitura da homilia, um texto de 10 páginas.

Observando que a Igreja não se atribui competência ou autoridade "que não tenham sido dadas por Cristo", o Cardeal afirmou que "nosso empenho pelos direitos de Deus reclama um análogo respeito pelos direitos do homem. Deus quer que seus filhos sejam respeitados e amados (...) e o homem violentado pela injustiça sente germinar em si o ressentimento e a contraviolência. Na injustiça, a paz encontrou seu primeiro obstáculo".

Citando a Octogésima Adveniens de Paulo VI e um texto referente a "Bispos do Chile, Evangelho, Política e Socialismos", disse o Cardeal de Santiago que, "qualquer que seja a ideologia, conduta ou simpatia do ser humano, ele se constitui no próximo", acrescentando que "a justiça evangélica não discrimina nem exclui ninguém".

Em seguida disse que ao governante, mais que a qualquer outra pessoa cabe executar a justiça "para construir a paz".

— Ser autoridade — salientou — quer dizer consagrar-se ao serviço da justiça e do bem-comum.

Adiante, citando desta vez Santo Tomás de Aquino, recordou que se uma lei se separa da razão passa a ser injusta, e então, "mais que lei, é violência". Numa voz pausada e firme, o Cardeal Silva Henriquez alertou que "não se dá autoridade senão para o bem e saúde do povo, que é a suprema lei, sem esquecer todavia que na proteção dos direitos humanos individuais, o poder civil terá que olhar principalmente pelos fracos e pobres".

Ao declarar que a Igreja se mantém disposta a oferecer sua colaboração, "leal, generosa e sincera para que prevaleça a justiça", lembrou que mais que justiça necessita-se igualmente de amor para construir um mundo de paz. "Há quatro anos" — observou — "diziamos que a violência não é o único nem o melhor caminho e que os povos não mudam nem sequer progridem substituindo uma violência por outra. O ódio, diziamos ainda em 1971, envenena e pode matar a alma de uma sociedade. Temos que matar o ódio, antes que o ódio envenene e mate a alma de nosso Chile", assinalou num tom dramático.

Dirigindo-se aos presentes, destacou o Cardeal que para se construir a paz é necessário ainda o fator liberdade: "Não existe ordem ou tranquilidade sem liberdade, e os membros de um corpo social gozam de tranquilidade quando sabem que seus direitos fundamentais estão juridicamente protegidos contra toda arbitrariedade e é este precisamente o sentido e objetivo da ordem: assegurar as condições que permitam o exercício da liberdade. Uma ordem obtida à custa de liberdade seria um contrasenso e o povo objeto desta ordem não é povo e sim uma massa".

Defendendo ainda a vivência em liberdade, justificou o religioso este seu pensamento, diante da ameaça de massificação "presente em todo mundo contemporaneo". E foi citando o Papa XII, que Dom Silva Henriquez falou sobre democracia, comentando que "o cidadão deve ter condições de ter sua opinião própria e poder expressá-la"... E ainda que "existem dois direitos inerentes ao cidadão nesta democracia: a manifestação de sua opinião sobre os deveres e sacrifícios que lhe são impostos e não estar obrigado a obedecer sem ter sido escutado".

Em seguida deu seu parecer sobre o exercício desta liberdade, "que não deve ser identificada com anarquia ou arbitrariedade, mas sim regulamentada e protegida por um ordenamento jurídico, objetivo e uma autoridade impessoal, submetida ela mesma à lei e ao permanente juízo do povo".

E antes de finalizar, pedindo paz, justiça, amor e liberdade para o Chile, enumerou as razões pelas quais a Igreja clama por estes atributos, argumentando que o motivo principal se fundamenta no amor da Igreja pela vida.

Dirigindo-se às autoridades presentes reiterou:

"Não é necessário inventar um caminho: nossa mais pura tradição democrática e republicana é o caminho. Cabe-nos agora reconquistá-la e readequá-la a situações sempre em transformação, educando-nos ao exercício de nossa liberdade assentemos o cimento profundo da solidariedade e segurança nacionais."

Brady vê ameaça nas idéias

Santiago do Chile *(Da enviada especial) — Para o Ministro da Defesa do Chile — a mais alta autoridade militar depois do General Pinochet — o maior perigo que a América Latina enfrenta atualmente é o da "infiltração de idéias estranhas ao espírito do povo deste continente", acrescentando que as Forças Armadas de todos os países americanos têm como missão precípua manter-se alerta no sentido de evitar danos irreparáveis que porventura possam acontecer, bem como assegurar a soberania territorial de cada nação.*

Apesar de ter passado toda a manhã recebendo visitas de cortesia de delegações militares estrangeiras convidadas a participar dos festejos do 166.º aniversário da Independência do Chile, o General Herman Brady Roche mostrava-se bem humorado ao conceder uma entrevista a jornalistas brasileiros, recusando-se, porém, a responder a uma pergunta referente à estratégia comum a ser adotada pelas Forças Armadas do hemisfério visando manter a segurança continental.

Atlântico Sul

Ao ser indagado sobre a possibilidade de formação de uma aliança militar latino-americana para defesa do Continente, nos moldes da OTAN — Organização do Tratado do Atlantico Norte — o General Brady disse que para garantir a segurança do Continente e traçar as metas a serem seguidas pelos diferentes Governos já existe a Junta Interamericana de Defesa, funcionando nos Estados Unidos. No seu entender esta é a única entidade com tais características que deve continuar existindo, fundamentando-se nos problemas próprios e no nacionalismo de cada um, "o que aliás já vem sendo feito há algum tempo", comentou.

Sobre a situação existente hoje no Atlantico Sul, sobretudo no que diz respeito a Angola, Brady admitiu a existência de uma preocupação real por parte do Brasil e Argentina, ligada à segurança continental, confessando, todavia, desconhecimento de detalhes dessa preocupação dos vizinhos. Deixando claro que expressava sua opinião pessoal e não a do Governo chileno, o General Brady revelou seu estupor sobre a situação angolana, lamentando que "países como Cuba e União Soviética, que gostam de levantar o estandarte da defesa dos direitos humanos, não mostrem o menor constrangimento em intervir militarmente nos problemas internos de outros países. "Não vejo nisto" — afirmou — "um grande respeito à causa dos direitos humanos".

Questionado sobre o caráter militar das reuniões mantidas com os representantes dos Exércitos estrangeiros presentes em Santiago, declarou o Ministro que as visitas que tem recebido obedecem a um caráter social, negando que alguma conferência de características castrenses houvesse sido mantida, nestes últimos dias.

O fundamental nestas audiências é a maior aproximação entre as Forças Armadas latino-americanas, pelo melhor conhecimento dos chefes militares de cada nação, possibilitando um entendimento mais profundo das Forças Armadas destes países.

Acentuou em seguida que negociações castrenses e afinidade entre as Forças Armadas brasileira e chilena sempre existiram, e esclareceu que esta afinidade nasce de um sentido nacionalista e patriótico formado ao longo dos anos através da carreira militar.

Brady Roche manifestou ainda seu respeito pelas Forças Armadas do Brasil, salientando que as relações entre as representações militares dos dois países se tornaram mais estreitas desde que seus Governos "sentiram a identidade de princípios, representados notadamente no desenvolvimento nacional e na posição de respeito à institucionalidade e aos verdadeiros princípios". Consultado sobre a qualificação que poderia dar às relações político-militares entre Brasil e Chile, respondeu simplesmente: "Excelentes".

Referindo-se à situação interna de seu país, o Ministro da Defesa afirmou que o Governo militar chileno não havia estabelecido prazos para permanecer no Poder e sim metas e quando estas fossem cumpridas se poderia pensar numa mudança de atitude, conforme declarações já feitas anteriormente pelo Presidente Pinochet, esclareceu.

— Nunca tivemos intenção de tomar o Poder no Chile, principalmente por causa de nossa tradição democrática, porém, de qualquer forma não pensamos em nos eternizar em tal posição — observou.

Recorda-se com relação a este ponto que o General Brady era Comandante da Guarnição de Santiago, quando ocorreu o golpe de setembro de 1973, sendo responsável pela colocação de suas tropas nas ruas. Mostrando-se consciente da imagem negativa que o Chile tem no exterior disse o General que o prestígio do país começa a melhorar, principalmente do ponto-de-vista econômico, devido ao fato, no seu entender, de vários Governos estrangeiros se terem certificado de que "o atual Governo chileno é responsável e cumpre seus compromissos".

Respondendo a uma pergunta sobre o número real de presos políticos no Chile, o Ministro da Defesa disse que apesar deste assunto fugir um pouco à sua área de atuação, tinha conhecimento da existência de pouco menos de 200 pessoas encarceradas por motivos políticos. Em seguida, indagado sobre o aniquilamento da subversão no Chile, declarou que apesar de inexistirem focos de resistência, o terrorismo nunca é exterminado, porém, acrescentou, "atualmente, no Chile, ele se encontra controlado".

Leia editorial "Marcha à Ré"

Embaixador argentino nos EUA renuncia por divergir do Chanceler Guzetti

Buenos Aires — O Embaixador argentino em Washington, diplomata Arnaldo Musich, renunciou ao cargo por "divergir dos pontos-de-vista adotados pelo Chanceler César Guzetti", afirmou o jornal *Clarín*. O pedido de afastamento, formalizado ontem, já foi aceito pelo Governo do Presidente Videla.

Musich, colaborador econômico do ex-Presidente Arturo Frondizi (1958/62), foi nomeado para o posto e o assumiu no dia 19 de julho passado. Retornou à Argentina 50 dias depois e ontem comunicou sua decisão "irrevogável" de afastar-se, "por motivos particulares".

"PERSONA NON GRATA"

O jornal *Clarín* acrescentou que um dos desentendimentos entre o Chanceler e seu Embaixador nos Estados Unidos deveu-se ao fato de Musich ter recebido na representação diplomática, logo ao assumir o posto, o Padre católico americano James Martin Weeks, que foi detido em Córdoba por supostas atividades subversivas, e libertado graças à intervenção do Departamento de Estado.

Antes de ser nomeado Embaixador, Arnaldo Musich fez parte da missão econômica liderada pelo Ministro (da Economia) José Martinez de Hoz, que visitou várias instituições financeiras, públicas e privadas, dos Estados Unidos, há dois meses.

Uruguai e Argentina inauguram nova ponte

Montevidéu e Buenos Aires — Num comunicado conjunto destribuído pouco depois da inauguração, ontem às 11h da manhã, de uma ponte sobre o Rio Uruguai que ligará a cidade argentina e Puerto Unzue à uruguaia de Fray Bentos, os Presidentes Jorge Videla e Aparecido Mendez afirmaram que a construção e o "mais novo e transcedental elo da integração física Argentina—Uruguai".

A ponte, construída graças a financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), tem 5 quilômetros e meio de extensão. As obras duraram 36 meses e o custo total ascendeu aos 24 milhões de dólares (Cr$ 270 milhões). Terá o nome do herói da independência argentina, San Martin.

Hua e Wang agora controlam Poder na China

Pequim — O Primeiro-Ministro Hua Kuo-feng, que é também vice-presidente do Partido Comunista (o presidente era Mao Tsé-tung emerge talvez definitivamente, a deduzir-se de longo cerimonial fúnebre em honra do líder desaparecido, como o novo homem forte da China. Logo após ele, e a ele "estreitamente vinculado", como assinalaram as rádios e TVs do país, aparece o segundo vice-presidente do Partido, Wang Hung-wen.

Todos os altos dirigentes da China, políticos e administrativos, participaram ontem das solenidades finais em homenagem a Mao e, pela primeira vez desde a morte de Chou En-lai em janeiro último, os jornais publicaram uma extensa lista da alta hierarquia chinesa. O único nome que não figurou na relação foi o do Marechal Liu Po-cheng.

Observadores ocidentais ressaltam a maneira pela qual Hua Kuo-feng conseguiu mobilizar o país durante a semana dos funerais de Mao. Foi um teste decisivo em que esteve à prova sua capacidade para manter sob controle, através da máquina partidária e da estrutura governamental, um enorme país de quase 1 bilhão de pessoas política e sentimentalmente excitadas pela morte de seu velho líder.

A lista das personalidades ontem fornecida pela agência oficial de notícias Nova China, e que como sempre segue a mais rigorosa escala hierárquica, tem os seguintes nomes: Hua Kuo-feng, 55 anos, Primeiro Vice-Presidente do Comitê Central do Partido e Primeiro-Ministro; Wang Hung-wen, 45 anos, Segundo Vice do Partido; Marechal Yeh Chien-Ying, 77 anos, Terceiro Vice do Partido e Ministro da Defesa; Chan Chung-chiao, 60 anos, membro do Comitê Permanente do Bureau Político, Vice-Primeiro-Ministro e Diretor do Departamento Político do Exército; Soon Ching-ling, 86 anos, Primeiro Vice-Presidente da Assembléia Nacional Popular; Chiang Ching, viúva de Mao, 63 anos, membro do Comitê Político; Yao Wen-yuan, 50 anos, membro do Bureau Político.

Pequim/UPI

Ao lado do Vice Wang Hung-wen, o Premier Hua faz o elogio de Mao

Pequim/UPI

Um milhão de chineses participaram do funeral na Pça. Tien An Men

No discurso, ataques à URSS e EUA

Pequim — Uma exortação à unidade interna dos chineses e à sua unidade "com o proletariado internacional e o Terceiro Mundo para formar uma ampla frente de luta contra a exploração do homem pelo homem e o imperialismo tanto da União Soviética quanto dos Estados Unidos" foi feita ontem pelo Primeiro-Ministro Hua Kuo-feng, no discurso fúnebre que pronunciou em homenagem ao Presidente Mao Tsé-tung.

Único orador na cerimônia de adeus a Mao, o Primeiro-Ministro fez-se intérprete do sentimento do povo chinês diante da perda de seu líder: "Nestes dias, todo o Partido, todo o Exército, e todo o povo, fomos tomados de uma aflição infinita pela morte do Presidente Mao Tsé-tung. Foi sob a direção do Presidente Mao que a atormentada nação chinesa se pôs de pé. Por isso, de todo o coração o povo o ama, confia nele e o venera".

Trechos do discurso

"Sob a direção do Presidente Mao, nosso Partido se desenvolveu e se fortaleceu continuamente, convertendo-se de vários grupos comunistas com algumas dezenas de membros num Partido que hoje conta com mais de 30 milhões de militantes e dirige a República Popular da China. Um Partido disciplinado, armado com a teoria marxista-leninista e que pratica a autocrítica ao mesmo tempo em que se mantém estreitamente ligado às massas populares. Um grande, glorioso e correto Partido marxista-leninista".

"Nos últimos 50 anos, graças à direção do Presidente Mao, nosso Exército apazigou as campanhas contra-revolucionárias desencadeadas pelo Kuomitang contra as bases de apoio revolucionárias. Realizou com êxito a mundialmente célebre Grande Marcha de 25 milhões de pessoas. Derrotou o imperialismo japonês. Aniquilou 8 milhões de soldados da camarilha de Chiang Kai-shek, armado pelo imperialismo norte-americano e, depois da fundação da República, sustentou vitoriosamente a guerra de resistência à agressão norte-americana de ajuda à Coréia. Rechaçou também as provocações militares perpetradas pelo social-imperialismo soviético e a reação em nosso país".

"O Presidente Mao estabeleceu que, em nosso país, para tomar o Poder mediante a força armada, não haveria outro caminho senão o de criar bases de apoio rurais, usar o campo para cercar as cidades e tomá-las depois. Ele sintetizou a experiência histórica de nosso Partido e assinalou que um Partido comunista construído conforme a teoria e o estilo revolucionário marxista-leninista, um exército dirigido por tal Partido, e uma frente única de todas as classes e grupos revolucionários, também dirigida pelo Partido, eram as três principais armas mágicas do Partido Comunista da China para derrotar o inimigo da revolução chinesa. A vitória da revolução que o povo chinês fez sob a direção do Presidente Mao mudou a situação no Oriente e no mundo, abrindo um novo caminho para a causa das nações e povos oprimidos".

"O Presidente Mao advertiu reiteradamente a todo o Partido, todo o Exército e todo o povo: "Não se pode esquecer nunca a luta de classes", e indicou que a sociedade socialista cobre uma etapa histórica muito ampla e que, através de toda a extensão desta etapa, existem classes, contradições de classes e luta de classes, existe a luta entre o caminho socialista e o capitalista, existe o perigo de restauração do capitalismo, e existe a ameaça de subversão e agressão por parte do imperialismo e do social-imperialismo".

"Interpretando os interesses e a vontade da classe operária e dos pequenos camponeses que querem continuar a revolução, o Presidente Mao iniciou e dirigiu pessoalmente a grande Revolução Cultural Proletária em que se pulverizou o compló restauracionista de Liu Shao-chi, Lin Piao e Teng Hsiao-ping, criticou-se sua linha revisionista contra-revolucionária e recuperou-se aquela parte da direção do Partido e do Estado usurpada por eles, garantindo deste modo o avanço triunfal de nosso país no caminho do marxismo-leninismo".

"O Presidente Mao Tsé-tung é o maior marxista do nosso tempo. Com o sublime heroísmo de um revolucionário proletário, iniciou, no movimento comunista internacional, a grande luta de crítica ao revisionismo contemporâneo, que tem a camarilha de renegados soviéticos como centro, imprimindo um vigoroso desenvolvimento à causa revolucionária do proletariado mundial e à causa da luta dos povos contra o imperialismo e o hegemonismo, e promovendo o progresso da história humana."

Apelo à unidade

"Todo o Partido, todo o Exército, todas as nacionalidades de nosso povo devem responder ativamente ao chamado do Comitê Central do Partido, converter a dor em força, continuar com a causa que o Presidente Mao deixou por terminar. Praticar o marxismo e não o revisionismo. Trabalhar pela unidade e não pela cisão. Atual de forma franca e honroda, e não urdir intrigas e maquinações. E, sob a direção do Comitê Central, levar até o fim a causa revolucionária proletária em nosso país."

"No plano interno, devemos estudar conscienciosamente o pensamento marxista-leninista de Mao Tsé-tung, tomar a luta de classes como chave, atermo-nos com firmeza à linha fundamental e à política do Partido para toda a etapa histórica do socialismo, perseverar na continuação da revolução sob a ditadura do proletariado, garantir a grande união do povo das diversas nacionalidades dirigida pela classe operária e baseada na aliança operário-camponesa, aprofundar a luta de crítica a Teng Hsiao-ping e de contragolpe ao vento direitista, aderir aos princípios de independência, autodecisão e auto-sustentação, realizar esforços para converter o nosso num poderoso país socialista e fazer contribuições comparativamente grandes para a humanidade. Devemos cumprir a sagrada causa da libertação de Formosa e a unificação da pátria".

Contra o social-imperialismo

"No plano internacional, devemos continuar aplicando resolutamente a linha e a política revolucionária do Presidente Mao nos assuntos externos e nos ater com firmeza ao internacionalismo proletário, e jamais procurarmos a hegemonia. Devemos fortalecer nossa unidade com o proletariado internacional e as nações e povos oprimidos do mundo inteiro, com os povos do Terceiro Mundo, e com todos os países vítimas de agressão, subversão, intervenção, controle e ameaças do imperialismo e do social-imperialismo, e formar a mais ampla frente única contra o imperialismo e, particularmente, o hegemonismo das superpotências, a União Soviética e os Estados Unidos".

"Devemos nos unir a todos os autênticos Partidos e organizações marxistas-leninistas do mundo e lutar junto com eles para abolir o sistema de exploração do homem pelo homem em todo o mundo, fazer realidade o comunismo e assegurar a emancipação de toda a humanidade".

Um milhão viram os funerais

Pequim — Na mais grandiosa cerimônia fúnebre já prestada a um líder popular, cerca de 800 milhões de pessoas, das quais 1 milhão comprimidas na Praça Tien Am Men, renderam ontem entre soluços a última homenagem ao Presidente e Chefe do Partido Comunista Chinês Mao Tsé-tung, aos acordes da **Internacional**, e sob um céu nublado.

Os funerais começaram às 3h da tarde em ponto, mas por volta de meio-dia a Praça já estava abarrotada de gente, operários vestindo seus macacões azuis de trabalho, quadros do Partido em túnicas verdes e brancas, camponeses em camisas pretas e, na tribuna vermelha especialmente construída para a ocasião, os mais altos dirigentes da República Popular da China e a viúva de Mao, Chiang Ching, de preto.

"SIMPLICIDADE E EMOÇÃO"

Por toda a Praça Tien Am Men (Porta da Paz Celestial), em faixas negras ou amarelas — cores do luto chinês — liam-se palavras-de-ordem, sendo que na maior, um chamado: "Permaneçamos fiéis à última vontade do Grande Timoneiro Mao Tsé-tung, para levarmos a causa proletária até o fim". Um gigantesco retrato do chefe desaparecido, com 15 metros de altura, podia ser visto por qualquer um, de qualquer lugar da praça — segundo o depoimento do único jornalista estrangeiro presente.

As 3h da tarde, pontualmente, soaram as sirenas de todas as fábricas de Pequim, e os apitos de locomotivas, navios mercantes e barcos de guerra no resto do país. Ao cabo de três minutos, foram respeitados mais três minutos de silêncio. Em seguida, o presidente da cerimônia e mais jovem (41 anos) dirigente do Partido Comunista, Wang Hung-wen, agora o segundo na hierarquia chinesa, declarou iniciadas as solenidades. O único orador foi o atual Primeiro-Ministro, Hua Kuo-feng.

Nenhum estrangeiro, a não ser o repórter francês Georges Biannic, da agência France Presse. Em seu testemunho jornalístico, Biannic ressaltou que "o adeus da China a Mao Tsé-tung foi de tão impressionante dignidade, de tão emotiva simplicidade, que nem os estrangeiros puderam conter o pranto. Não tenho dúvida: Mao morreu, porém continua presente".

Por volta, de 3h20m, ao concluir seu discurso, o *Premier* Hua deu a palavra a Wang Hung-wen, que ordenou à Banda do Exército de Libertação Popular (ELP) a execução de hinos e marchas.

DESTINO DO CORPO

Até agora não se sabe que destino será dado ao corpo de Mao. Geralmente, os líderes chineses são cremados ou enterrados no cemitério militar de Papaosham, no subúrbio da Capital. A exceção ocorreu nos funerais do ex-Primeiro-Ministro Chou En-lai, braço-direito de Mao, que pediu que suas cinzas fossem dispersas nos rios da China.

Fala-se ainda que o cadáver de Mao será, a exemplo de Vladimir Lenin, fundador da União Soviética, e de Ho Chi-minh, líder comunista do Vietnã, preservado numa urna especial.

Acabada a solenidade, no centro de Pequim, a multidão arrastou-se a quarteirões situados fora da área fechada ao tráfego (só reiniciado às 18 horas), percorrendo distancias de cinco a 10 quilômetros. Os moradores de Pequim, em sua maioria, voltaram para casa de bicicleta.

Alguns demoraram-se mais tempo no local de concentração e, de acordo com o repórter Georges Biannic, "permaneceram longos minutos com os olhares cravados no retrato do líder chinês". Muitos choravam copiosamente, outros enxugavam lágrimas furtivas, na mais impressionante demonstração de amor a um líder nacional.

O locutor da TV de Pequim informou que nessa última semana, "atendendo ao pedido do Comitê Central" a produção algodoeira superou em 16,6% toda a produção do mês passado.

Xistossomose é incontrolável se chegar à Amazônia

Nos seus 25 anos de existência, pouco ou quase nada o Ministério da Saúde fez para evitar a expansão da esquistossomose, tendo como alegações a falta de um medicamento específico e de um veneno efetivo para combater o caramujo transmissor. Hoje a doença ameaça chegar à Amazônia e ao pantanal de Mato Grosso e, se isso ocorrer, não será mais possível controlá-la, admite o Ministro Paulo de Almeida Machado.

Agora é anunciado — e está em execução — um Plano Nacional de Combate à Esquistossomose que vai gastar Cr$ 1 bilhão só no Nordeste. Semelhante às campanhas anteriores, o Plano enfrenta as mesmas restrições dos pesquisadores: assim, o uso indiscriminado de um remédio, o Mansil, para tratar os doentes, pode ter graves consequências, substituindo um problema de saúde por outro.

O caramujo também é difícil de erradicar. Apenas um caramujo pode, em 90 dias, gerar uma descendência de 10 milhões 500 mil novos animais e cada caramujo infestado libera até 500 mil cercárias, forma do Schistossoma mansoni capaz de infestar o homem.

Apesar disso, e de a erradicação da doença depender fundamentalmente da melhoria das condições sócioeconômicas, o Ministério da Saúde parece ter uma determinação que há muitos anos não é vista em nossa saúde pública. Se vai durar é outro problema e, caso não ocorra, o atual plano será apenas mais um entre os muitos que nasceram e morreram nos últimos anos, vitimados pela descontinuidade administrativa que sempre caracterizou o Ministério da Saúde.

São Paulo tem focos em 46% das cidades

"O quadro da esquistossomose em São Paulo não é alentador", afirma o presidente do Conselho Técnico de Coordenação das Atividades de Combate à Esquistossomose, Sr José de Toledo Piza, que complementa: "A distribuição das espécies hospedeiras atinge a 46% dos municípios e a movimentação dos portadores da moléstia, além do deficiente saneamento básico, coloca o Estado como foco potencial importante".

São Paulo tem nos imigrantes a causa principal da progressão da doença. Até março deste ano, segundo a Cacesq o total de casos autóctenes era de 9 mil 426, enquanto os casos importados atingiam a 64 mil 789 pessoas, havendo famílias que chegavam com 15 membros infectados.

"Bóias-frias"

Também os trabalhadores rurais volantes, os *bóias-frias*, são elementos propagadores da esquistossomose pois viajam diariamente entre as lavouras e as cidades. Apenas entre 1973 e 1974 entraram em São Paulo 36 mil 449 migrantes com esquitossomose, o que está levando o Governo do Estado a fiscalizar com mais rigor a entrada de novas pessoas, inclusive instalando novos postos de inspeção nos limites do Estado.

"O problema é brasileiro — diz o Sr Toledo Piza — e como tal deve ser encarado de uma forma global. Não somos contra o fluxo migratório, mas os indivíduos doentes deveriam ser atendidos e tratados em suas cidades de origem". Em São Paulo o combate à esquistossomose é — segundo o Secretário de Saúde, Sr Walter Leser, uma ação multidisciplinar.

"Quando constituímos a Cacesq, convidamos membros de outras Pastas. A Secretaria de Obras, por exemplo, deve desenvolver uma atuação decisiva no setor do saneamento básico. A da Agricultura, na orientação de projetos de irrigação, enquanto a do Interior contribui para a detecção de focos ativos.

Focos novos

Até abril deste ano existiam no Estado 350 focos localizados e sob controle (33 foram extintos), mas podem surgir novos focos esparsos, como um que apareceu recentemente próximo à Universidade de São Paulo, junto à algumas favelas que contrastam com novos conjuntos residenciais na região.

Mas, para o Sr Toledo Piza, a melhor forma de vigilancia epidemiológica, seria uma ação conjunta com o Governo federal, que deveria tratar os migrantes em suas áreas endêmicas, evitando a ação descontinuada "que tem infelizmente caracterizado até aqui a administração pública nacional".

Apesar das contra-indicações, o presidente da Cacesq afirma que São Paulo não vai abandonar a medicação por Hycantone (Etrenol), pois o considera muito eficaz e no Estado 75 mil 789 pessoas já foram tratadas com ele. Essa posição não interferirá na adoção do Mansil, sugerida pelo Ministério da Saúde.

O Mansil está sendo testado nos moradores dos barracos construídos sobre mangue no bairro de Socó, Município de Cubatão, onde vivem em palafitas interligadas por tábuas, 7 mil pessoas, em sua maioria crianças, numa situação sanitária "gravíssima".

O melhor medicamento
(Pág. 22)

O número de doentes
(Pág. 23)

O combate ao caramujo
(Pág. 24)

Xistossomose ainda não tem um remédio certo

Um dos objetivos da atual campanha contra a esquistossomose é reduzir drasticamente o número de doentes, pela aplicação em massa de um remédio capaz de curar a doença com apenas três comprimidos: o Mansil ou oxamniquine, capaz de substituir com vantagem o Etrenol, usado até aqui mas que, além de ser injetável, apresentou muitos problemas.

Para o consultor técnico da OMS, Sr. Luis Rey, "medicamento para a esquistossomose é o Mansil". As maiores autoridades no assunto concordam com ele, mas apenas em termos de tratamento individual. Todos acham prematuro usar a droga em larga escala, enquanto não for possível evitar a reinfestação e conhecer a fundo as conseqüências dessa aplicação, algumas bastante perigosas, advertem os cientistas.

REMÉDIO EFETIVO

Há cerca de um ano a Fundação Serviço Especial de Saúde Pública começou a receber verbas para executar melhorias sanitárias no Nordeste, com prioridade para as áreas endêmicas à esquistossomose, enquanto simultaneamente surgiu no mercado internacional o oxamniquine (Mansil), remédio que — segundo o superintendente das Campanhas do Ministério da Saúde, Sr Ernani Motta — tem a vantagem de ser administrado por via oral e com efeitos colaterais leves como dores-de-cabeça, tonturas e vômitos que desaparecem dois a três dias após a ingestão.

"Quando era posto à venda em outros países, o medicamento foi enviado ao Ministério para testes e experimentado em Guaira, Paraná, região onde há uma grande migração de nordestinos, em em Touros, Rio Grande do Norte, onde 70% da população estavam infestados", lembra.

Depois de contatar que o remédio foi capaz de curar entre 95 e 96% dos casos, a Superintendência das Campanhas aprovou o Mansil, dispondo-se à aplicá-lo em massa para reduzir a incidência de portadores. Segundo o Sr Ernani Mota, o Ministério encontrou um substituto para o Hycantone (Etrenol), que considera "eficiente, embora tenha graves efeitos colaterais (é cancerígeno, capaz de produzir deformações em fetos, e altamente tóxico para o fígado), exigindo acompanhamento médico e tornando a sua aplicação antieconômica".

CONTRA-SENSO CIENTÍFICO

Mas nem todos são tão entusiastas do medicamento. O professor Ricardo Veronesi, docente de Doenças Tropicais da Faculdade de Medicina da USP, classifica o anúncio inicial do tratamento de 3 milhões de pessoas com o Mansil como um "contra-senso científico." Outro pesquisador, o titular da cadeira de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da UFRJ, Dr José Rodrigues Coura, considera esse emprego em larga escala "prematuro e desaconselhável".

Para o professor Coura nenhuma experiência de campo realizada até o momento, no Brasil e em outros países, comprovou a possibilidade de controle da doença pelo tratamento dos doentes. Ao contrário, as experiências realizadas, entre as quais a nossa com o tratamento de mais de mil casos no interior de Minas, demonstraram o surgimento de resistência primária ao remédio em mais de 10% dos casos tratados. Além disso voltaram a ocorrer infestações e ao cabo de apenas dois anos 30% dos indivíduos tratados estavam novamente doentes.

"Outro problema — prossegue — é a impossibilidade de tratar todos os indivíduos infectados. Há ausências, negativas de tratamento e principalmente contra-indicações como gravidez, epilepsia e outras doenças neurológicas, além de doenças hepáticas, renais e cardíacas."

O professor Coura adverte ainda que o uso do **Oxamniquine** pode causar efeitos colaterais importantes como alucinações e convulsões em mais de 1% dos indivíduos tratados, o que ocorre quando a droga é utilizada em larga escala.

"Além da impossibilidade de controle da esquistossomose, pelo tratamento em massa, há o risco de ocorrer uma seleção das linhagens resistentes de **schistosoma mansoni** (verme causador da doença), pois as cepas (linhagens) que sobreviverem ao tratamento poderão infestar os caramujos e substituir os vermes sensíveis, eliminados pelo remédio, o que acabaria — ao cabo de certo tempo — tornando a doença intratável", adverte.

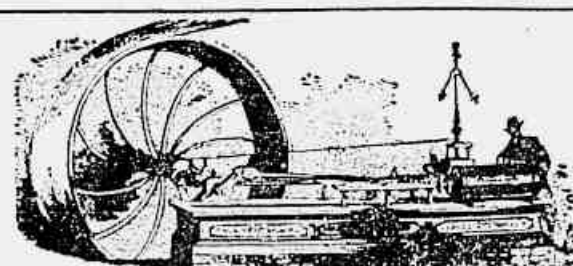
Não se esgotam aí os perigos e — segundo o Dr José Coura — outro risco importante é a possibilidade de transformação de casos benignos da doença em formas graves, devido à reinfecção após o tratamento. Mais de 90% dos casos de esquistossomose em áreas endêmicas são benignos e com poucos vermes que protegem o indivíduo contra novas infecções. "Se tratarmos esses indivíduos e eles continuarem em áreas endêmicas poderão se reinfestar com uma grande carga de vermes e evoluir para uma forma grave." Embora essa possibilidade ainda não tenha sido totalmente comprovada, deve ser considerada e estudada antes de se iniciar uma campanha de massa.

TRATAMENTO MORTAL

Em Pernambuco, o professor Bezerra Coutinho, titular de patologia da Universidade Federal de Pernambuco, é ainda mais sóbrio em suas previsões e explica por quê: "O tratamento da esquistossomose, qualquer que seja o remédio, é sempre perigoso. Quando os vermes morrem são carregados pelo sangue para o fígado e, deteriorados, afetam o seu tecido, provocando lesões tão graves que conduzem à cirrose e podendo causar a morte. O risco é diretamente proporcional à quantidade de parasitos que o doente carrega."

"Num cálculo muito otimista, vamos supor que nos 8 milhões de brasileiros infestados, um em cada mil esteja em estágio avançado de contaminação. Sendo assim, se esses 8 mil tomarem os medicamentos adotados pelo Ministério, fatalmente não resistirão à deterioração dos vermes e morrerão. E isso em termos de óbitos já é pior do que a epidemia de meningite", adverte.

Mas nesse ponto os pesquisadores já divergem frontalmente e para o professor José Coura a teoria do agravamento da doença pela liberação das toxinas, provocada pelo tratamento "não tem respaldo científico nem foi demonstrada na prática". Apesar disso, afirma que há uma contra-indicação para a fase aguda (toxêmica) da doença, quando a ação dos medicamentos pode agravá-la ainda mais e — eventualmente — matar.

Negando a possibilidade de qualquer problema, o Ministério considera o Mansil uma "esperança que permitirá o tratamento de cerca de 14 milhões de brasileiros doentes". O Ministro Paulo de Almeida Machado vai além: para ele até mesmo o Hycantone deve ser considerado como uma "alternativa viável" para as pessoas que não possam tomar Mansil.

Ninguém ainda sabe quantos brasileiros têm xistossomose

"Dentro de um ano o Ministério da Saúde saberá exatamente quantos doentes com esquistossomose exitem no Brasil, quando for concluído o inquérito epidemiológico que a Superintendência das Campanhas (SUCAM) está realizando entre escolares, de sete a 14 anos, em todo o país. Atualmente estima-se que existam entre 8 a 14 milhões de doentes."

A afirmação é do Ministro da Saúde, Paulo de Almeida Machado, que revela ter sido a atual campanha precedida "por uma ampla análise de viabilidade" e que, além disso, "não pretende a erradicação da doença — a curto prazo — mas apenas baixar a transmissão a níveis compatíveis com o grau de desenvolvimento do país, impedindo que a endemia prossiga contaminando mais gente".

AÇÃO INTEGRADA

"Todos estão de acordo quanto às dificuldades de controle da esquistossomose, que residem nos óbices de integração de quatro medidas necessárias individualmente: o saneamento básico, a educação sanitária, o controle temporário da densidade do caramujo e a eliminação dos portadores a curto prazo, durante o período de redução do caramujo. A falha de um desses itens basta para comprometer o êxito da campanha" — lembra o Ministro.

Na sua opinião, a execução integrada das quatro medidas constitui um "desafio gigantesco", muito difícil, mas não impossível. Em Caravelas, na Bahia, foi possível integrar essas ações e construiu-se um sistema de abastecimento de água em apenas 90 dias. "Nessa ocasião o Ministério convenceu-se de que tem capacidade operacional e partiu-se para um programa mais amplo, o Projeto Alagoas, com duração de quatro anos, mas cujo desenvolvimento — devido ao ritmo — já pode ser previsto para apenas 36 meses", diz o Sr Paulo de Almeida Machado.

O Projeto Alagoas inspirou a expansão até os Estados vizinhos, nascendo assim o programa especial de combate à esquistossomose, um programa novo que une as quatro atividades básicas, enquanto todas as atividades anteriores eram diferentes, destinadas apenas ao tratamento de doentes. Só quando houver pronta a infra-estrutura do Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento no Nordeste é que virão os remédios, cuja aplicação será feita numa campanha de massa.

O Plano tem recursos de Cr$ 4 bilhões, dos quais 800 milhões serão utilizados para obras de saneamento. Até o final do ano a Sucam gastará, segundo o Ministro, Cr$ 50 milhões em preparação de pessoal, mudando a infra-estrutura de campo, permitindo a localização de criadouros de caramujos e avaliando sua importancia epidemiológica. Só quando essa fase estiver concluída começarão o combate ao caramujo e o tratamento dos doentes.

SANEAMENTO CARO

"Outro fato importante dentro do programa de combate à esquistossomose é o saneamento básico, que quase sempre esbarra em problemas econômicos. No interior dos Estados nordestinos é comum as pessoas não poderem pagar a taxa de ligação de água — varia entre Cr$ 120 e Cr$ 150 — quando esta pertence a companhias estaduais. Então — prossegue o Sr Almeida Machado — não é importante saber quantos municípios têm água e, sim, quantas casas são servidas por água."

"Dando saneamento básico estaremos prevenindo também outras endemias, como o tracoma e a doença de Chagas e impedindo a proliferação de diversas verminoses. Além disso vamos interiorizar as ações de saúde colocando uma unidade próxima de onde mora o homem, capaz de atender aos reclamos de uma família normal, evitando grandes percursos em busca de assistência", disse o Ministro.

"Esse é um caminho coerente — prossegue — cuja metal final é melhorar a qualidade de vida da população, pois não basta que o Ministério dite normas e ofereça recursos para criar uma infra-estrutura, sendo fundamental que normas e recursos façam parte de um sistema integrado de saúde.

A necessidade de dinamizar a campanha contra a esquistossomose deve-se a uma preocupação que, a seu ver, é a de todo sanitarista consciente: "Há duas áreas no país que, se forem invadidas pela esquistossomose, então sim, poderemos afirmar categoricamente que nunca mais erradicaremos a doença — o pantanal de Mato Grosso e a Amazônia." E adverte: "Essas áreas são muito favoráveis à instalação da doença."

Doença parte hoje da cidade para o campo

Uma forma grave de esquistossomose, atingindo principalmente crianças, vem sendo registrada com frequência cada vez maior em Recife e outras capitais nordestinas. O homem, desestimulado pelos baixos salários que lhe impõe a vida no campo, corre para as cidades, trazendo atrás de si as endemias que vão progressivamente se tornando urbanas.

Sem especialização e com parcos recursos, ele passa a morar em áreas densamente povoadas, na periferia dos grandes centros, onde as residências são precárias e o saneamento inexistente. Em consequência, começa a ser notada uma inversão na progressão da esquistossomose, agora levada da cidade para o campo.

Exemplos

A revelação é do professor Bezerra Coutinho que estuda o problema da esquistossomose há 40 anos. Para mostrar a expansão da doença em áreas urbanas, cita o exemplo de um riacho que corta a cidade universitária, onde se localiza o prédio da Sudene. "Antes, o córrego não apresentava problemas, mas com a instalação do canteiro de obras da autarquia, em 1968, começaram a proliferar caramujos, e cerca de 60% dos moluscos examinados passaram a ser hospedeiros que transmitem o **Schistossoma mansoni.**"

O fato não permaneceu isolado. Um trabalho do professor constatou a presença de esquistossomose em bairros como Peixinhos, Salgadinho, Fundão de Dentro, Beberibe e Curado, todos habitados por gente pobre que tão cedo não será assistida pelo Ministério da Saúde, já que a atual campanha se limita ao interior.

Mas não é apenas no Recife ou nas capitais nordestinas que a doença tem características urbanas. No Rio, há 25 anos são conhecidos focos de esquistossomose como o de Jacarepaguá e os da Tijuca (Usina e Furnas) e que até hoje, segundo o professor José Rodrigues Coura, não estão sob controle, apesar das várias campanhas realizadas.

No Rio, subindo a bem asfaltada e sinalizada Estrada das Furnas, ao lado do número 1 467, vê-se à direita uma pequena estrada de terra batida, com passagem para um só veículo e que termina na Favela Mata Machado, antes residência do Conselheiro do mesmo nome — hoje literalmente a zona do agrião.

Os 380 canteiros das 17 hortas de agrião aquático — agricultura predominante na região — são regadas pela água canalizada dos mesmos córregos e rios utilizados por 61,90% da população para destino final dos dejetos **in natura.** Esse sistema de esgostos perpetua o ciclo da esquistossomose nos rios, onde a população também se banha.

1970 – 1976

Em abril de 1970, a Superintendência das Campanhas do Ministério da Saúde (Sucam) descobriu e apontou um novo foco de esquistossomose na então Guanabara — a favela de Mata Machado, no Alto da Boa Vista. A partir daí iniciou-se uma campanha de saneamento e de educação da população.

O Projeto Rondon realizou, em julho de 1973 — a pedido da Sucam — um estudo sobre a esquistossomose na favela. O relatório preparado e entregue aponta a presença de 595 criadouros de caramujos nos 380 canteiros de agrião aquáticos, nos rios Cachoeira e Tijuca; no córrego Gávea Pequena; em seis nascentes e 17 hortas.

Os criadouros foram analisados e o do rio Cachoeira e os de quatro valas de irrigação das hortas de agrião resultaram positivos com cercárias de **Schistossoma mansoni.** Entre 1970 e 1972, datado levantamento, o índice de **Schistossoma** baixou: na escola Mata Machado, de 20,30% para 1,7%; na favela, de 16% para 5,3%. O relatório concluía sugerindo exames mensais nas áreas infestadas.

Relatórios & resultados

No local a população está educada e alerta; a Sucam vem realizando anualmente (e não mensalmente) exames de fezes das 284 crianças da Escola Mata Machado e das professoras, além de fazer um controle da população, identificando os portadores da moléstia e tratando-os com Hycantone e Oxamniquine.

Mas as águas da região continuam contendo caramujos; a favela recebe novos habitantes portadores da doença, ainda não erradicada, e não tem esgoto canalizado; os rios continuam sendo contaminados.

As crianças escutam na escola o alerta das "tias" para os perigos de nadar nos rios, mas no verão, época propícia à proliferação e infestação dos caramujos, um banho de rio é bem mais atraente do que uma aula teórica sobre a doença e suas consequências. Existe o foco, a transmissão continua.

Dentro da Escola Mata Machado, nas paredes há cartazes do tipo: "Vacine seu filho contra a meningite". O pátio em frente, de terra batida, fica alagado quando chove e as valas de esgoto em volta, abertas, se misturam às águas da chuva.

Um funcionário da Sucam disse que na favela não foi feito o saneamento e em consequência a transmissão ainda existe, controlada, com menos potência apenas devido ao trabalho educativo feito junto à população.

"Mas — acrescenta — o resultado de um trabalho apenas educativo, ou de eliminação dos efeitos, sem ir à causa, é limitado. O mais importante é o desenvolvimento socioeconômico, pois que adianta ensinar às pessoas que elas devem ter privadas, se essas pessoas não têm dinheiro para comprá-las e instalá-las?"

Arcoverde/PE

Água encanada, lavanderia e esgotos não bastam para erradicar o caramujo, um problema socioeconômico da pobreza

Combate ao caramujo tem meios precários

Todo o orçamento do Brasil não basta para exterminar o caramujo transmissor da esquistossomose com moluscocidas. Até hoje todos os métodos usados no combate à doença são precários e é necessário conhecer as espécies transmissoras e seu comportamento, fazer saneamento básico e tratar os doentes.

Segundo o professor Wladimir Lobato Paraense, da Universidade de Brasília, a erradicação da doença no Brasil é praticamente impossível. Para dar uma idéia da ineficiência dos moluscocidas, lembra que um único caramujo — hermafrodita — pode reproduzir-se e originar, em apenas 90 dias, 10 milhões 500 mil novos animais.

Doença em expansão

Segundo o professor Lobato Paraense, que dirige uma equipe de pesquisadores em seu laboratório, que serve como referência à Organização Mundial da Saúde, a esquistossomose está atualmente em expansão em todo o Brasil e suas pesquisas no Pará, Amazonas e Mato Grosso mostram que existem caramujos potencialmente transmissores da doença, desde Manaus até Tabatinga, por toda a bacia amazônica.

"O mais lamentável" — diz — 'é verificar-se que há 26 anos um grande inquérito epidemiológico já denunciava o problema da esquistossomose e previa a gravidade que hoje assume. Naquela época São Paulo tinha apenas um pequeno foco em Santos e hoje há em todo o Estado pelo menos 20 mil casos'.

"Outras regiões como os Estados do Rio, Paraná, Maranhão e Pará também não eram problema naquela época", lembra o pesquisador, acrescentando que "as condições ecológicas da Amazônia e do pantanal de Mato Grosso e o inevitável movimento migratório de nordestinos fazem crer que a esquistossomose está entrando nos únicos lugares do país onde não havia sido detectada a sua presença".

Admite o pesquisador ser "impossível" erradicar a doença nas condições atuais do Brasil, embora seja possível controlá-la em algumas áreas, com pouco volume de água e condições satisfatórias de saneamento.

Caramujo resistente

"Nunca erradicaram caramujo de lugar nenhum. O que acontece é que, quando se faz combate intensivo, ele aparentemente desaparece, mas logo depois surgem os que se enterraram ou outros trazidos pela reinvasão da água. Em Taru Mirim, na região do vale do Rio Doce, em Minas, a Fundação Sesp, do Ministério da Saúde, tentou inutilmente erradicar o caramujo durante mais de dois anos", lembra o Dr Lobato Paraense.

O problema econômico também é importante na manutenção e evolução da doença e pode ser avaliado pelo episódio ocorrido com ele em Taru Mirim. Conta que viu uma velha carregando duas latas com água contaminada. Numa rápida conversa descobriu que ela sabia estar se contaminando e procurou orientá-la no sentido de ferver ou armazenar por alguns dias a água antes de usá-la. "Mas como" — perguntou a mulher — 'se não posso comprar lenha nem outras latas além destas?"

Para o professor Aloisio Bezerra Coutinho, catedrático de patologia da Universidade Federal de Pernambuco, a situação econômica é "fundamental". "Ou se melhora de vez o nível econômico e sanitário da população, ou então não se faz nada".

Todos os pesquisadores são unanimes em ressaltar a importancia da melhoria do nível de vida para a erradicação da doença. O professor José Rodrigues Coura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, declara-se de acordo com o Ministro Paulo de Almeida Machado. "Não devemos ficar de braços cruzados em matéria de saúde pública, esperando o desenvolvimento, mesmo porque o progresso só poderá beneficiar algumas dessas áreas dentro de 20 a 30 anos, com o sacrificio de toda uma geração".

Caramujos perigosos

Mesmo diante da impossibilidade de erradicar definitivamente a doença, qual deve ser o caminho para — pelo menos — baixar o atual índice de doentes, estimado pelo próprio Ministério da Saúde em torno de 14 milhões de atingidos?

Para o professor Lobato Paraense, não basta montar um sistema de saneamento básico, com água encanada, banheiros públicos, lavanderias e esgotos. E' preciso, além de tudo, ensinar e educar o povo, predador por natureza, solucionando os problemas socioeconômicos da pobreza. "Mas como?" Pergunta.

Um dos caminhos para combater mais eficazmente a doença é localizar onde estão as espécies transmissoras. No momento o professor Paraense e sua equipe fazem um mapeamento nacional dos focos desses caramujos. Das 19 espécies de *Planorbideos* encontradas no Brasil, apenas três podem transmitir a doença.

"A *Straminia*, uma das espécies transmissoras, é encontrada em todo o país, mas só transmite em seu habitat no Nordeste, sem que se saiba por quê. A *Biomphalaria tenagophila* espalha-se da Bahia para baixo mas só é transmissora em São Paulo e no Rio. O terceiro tipo, a *Biomphalaria glabrata*, também se distribui por todo o país, principalmente em Minas e Bahia e é transmissora onde quer que seja encontrada. O grave é que a *B. glabrata* já foi encontrada no Amazonas e Norte do Pará" — lembra o professor Lobato Paraense.

Para o pesquisador, todos os planorbicidas (remédio que matam caramujos) são poluentes, afetando, de um modo ou de outro, a vida aquática. A opinião é partilhada pelo professor Aloisio Bezerra Coutinho, para quem "as substancias químicas atiradas nos rios provocarão destruição da flora e da fauna, exterminando também os inimigos naturais dos caramujos que voltarão — em consequência disso — a aparecer em número muito maior".

Nas regiões onde a incidência de xistossomose é maior, tem-se encontrado índices de até 100%, como no Rio Grande do Norte. Na cidade de Pureza, Norte do Estado do Rio, foram encontrados índices de 98,1% de incidência da doença em crianças de 7 a 14 anos

Preconceito caro

O conhecimento do comportamento dos focos dos caramujos, através de pesquisas científicas, é recomendado pelo biólogo José Rabelo de Freitas, da Universidade Federal de Minas Gerais, que estuda desde 1952 a ecologia dos vetores.

Segundo ele, há no país uma idéia preconcebida de que é difícil, demorado e caro o combate ao caramujo, o que considera "puro preconceito" porque ainda não é conhecido o custo de uma campanha de erradicação de moluscos em seu habitat. O estudo do comportamento dos focos, o último dos quais em Itabira (MG), permitiu em alguns casos a erradicação de focos em até uma semana.

No momento as diversas experiências de erradicação, através do combate biológico, usando-se inimigos naturais do caramujo para exterminá-lo, não foram em geral bem sucedidas. Segundo o professor Lobato Paraense, uma das melhores espécies predadoras de caramujos, o peixe apiari, foi experimentado no vale do Itororó, exigindo tantas obras de engenharia para possibilitar a sua sobrevivência que o projeto acabou por ser abandonado como antieconômico.

Hoje em dia o veneno usado em todo o país para a erradicação dos caramujos é o Bailuscid, considerado efetivo para exterminar caramujos mas também capaz de matar peixes, plantas e animais aquáticos. O veneno é importado da Alemanha mas em pouco tempo o Brasil poderá substitui-lopelo Fiocruz 01, um sal de cobre e ácido abiético, substancia extraída do breu e que tem ação moluscocida, sem poluir o ambiente nem matar outros animais além do caramujo.

O novo produto já foi experimentado em focos no Rio, segundo o médico Paulo Barragat, coordenador da Farmanguinhos, divisão da Fundação Osvaldo Cruz que produz o veneno. Nos testes verificou-se que mesmo dado em concentrações cinco vezes superiores às necessárias para exterminar o caramujo, o Fiocruz continuava inócuo para os peixes e animais de sangue-quente.

Com a fabricação do Fiocruz o país poderá reduzir em até cinco vezes os custos dos moluscocidas. Atualmente existem ainda 50 toneladas de Bailuscid em estoque, quantidade suficiente até o primeiro semestre do próximo ano, mas já no próximo mês Manguinhos estará produzindo 250 quilos diários de Fiocruz. Se os testes finais do produto (que serão feitos em Alagoas) repetirem os resultados do Rio (92,6% dos caramujos mortos em 24 horas), o produto deverá ser produzido em escala industrial e substituir gradativamente o veneno importado.

Erradicação passa de Alagoas para o Ceará

Sem a cobertura colorida da televisão, mas empregando os mesmos métodos utilizados em União dos Palmares, Alagoas, a Fundação SESP e a Superintendência das Campanhas (Sucam) iniciaram uma grande campanha para a erradicação da esquistossomose nos Municípios de Russas e Morada Nova, no vale do Jaguaribe, no Ceará.

A campanha se estenderá a 153 localidades de 10 municípios e prevê obras de saneamento básico: tratamento e canalização de água potável, sistema de esgotos ou fossas, chafarizes e lavanderias, além de educação sanitária da população, o que deverá consumir cerca de Cr$ 70 milhões em dois anos, beneficiando 300 mil pessoas.

Ceará

Para o Dr Mauro Cornélio, coordenador do setor de saneamento da campanha, tem havido acentuado crescimento dos casos de esquistossomose no vale do Jaguaribe, principalmente em Russas e Morada Nova, uma área em acentuado desenvolvimento agropecuário que começou com os projetos de irrigação desenvolvidos na região (os maiores do Nordeste) pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

Apesar de o projeto ter selecionado e tratado previamente as populações que habitam e cultivam as áreas e — além disso — construído valas de irrigação que impedem a presença do caramujo, logo verificou-se que tudo poderia ser comprometido pela existência em Russas, município limítrofe ao projeto de irrigação, de uma população com um índice de contaminação de 90%.

Paralelamente aos trabalhos que já começaram em Russas e Morada Nova, a campanha de erradicação da esquistossomose no Ceará abrangerá os municípios do vale do rio Pacoti, nas regiões serranas de Baturité e Maranguape, onde há dezenas de pequenos cursos de água e onde o índice de infestação é de 30 a 60%.

Pernambuco

No Nordeste são comuns os municípios onde a incidência de esquistossomose é igual ou superior a 90%, como por exemplo 14 municípios pernambucanos, nove dos quais na Zona da Mata do Estado. Mas, apesar disso, a campanha contra a doença já começou no Estado que será executada pela Fundação SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), cujo potencial foi "descoberto agora pelo Ministério", segundo informou em Pernambuco o presidente do SESP, Sr Aldo Vilas Boas.

Para todo o Nordeste serão gastos Cr$ 1 bilhão e a campanha deverá estender-se a 233 municípios da região. Apenas em Pernambuco serão gastos Cr$ 363 milhões distribuídos por 317 localidades em 74 municípios com aproximadamente 1 milhão 200 mil habitantes. Serão construídos 207 sistemas de água, além de executadas 398 mil melhorias sanitárias domiciliares e 328 escolares, prevendo-se ainda a instalação de 162 chafarizes, banheiros e privadas.

Dos 74 municípios a serem beneficiados com o programa, três já estão com as obras concluídas: Ribeirão, Palmares e Água Preta, onde a incidência de esquistossomose varia entre 30 e 90%. Apenas nessas regiões o SESP reformou 7 mil 965 casas e até o final do ano pelo menos mais 10 municípios terão as atividades de construção encerradas.

Rio Grande do Norte

Também no Rio Grande do Norte a campanha prevê uma integração entre a Fundação SESP e a Sucam. Ali serão aplicadas 170 mil 331 doses de Mansil entre a população de 26 municípios onde o mal é endêmico.

Ao lado da aplicação do medicamento serão construídos sistemas de saneamento básico, que até 1978 deverão atingir 24 municípios e 153 localidades, beneficiando 178 mil 610 habitantes. O SESP aplicará Cr$ 66 milhões 737 mil enquanto a Sucam gastará, sem contar os medicamentos, Cr$ 2 milhões.

Campanhas não chegam ao final

No dia 10 de janeiro de 1973 o JORNAL DO BRASIL informava que o então Ministro da Saúde, Mário Machado de Lemos, prometia lançar na Bahia o Plano Nacional de Combate à Esquistossomose, anunciando na ocasião que em quatro anos a transmissão da doença seria anulada.

Há seguramente oito anos não se faz nada na Bahia para combater a esquistossomose, segundo o chefe do escritório da Sucam na região, Sr José Moniz de Aragão. Somente no próximo ano a campanha atual chegará ao Estado. Que fim levou a campanha de 1973? Ela, como outras campanhas, fracassou por falta de continuidade e entrosamento entre os diversos setores que cuidam da saúde pública. Poderá a atual sobreviver?

Plano malogrado

Se algumas atividades contra a esquistossomose já demonstraram êxito — como a realizada pelo Centro de Pesquisas Ageu Magalhães há mais de 10 anos no Município do Cabo — simplesmente não passaram do caráter experimental. No distrito de Pontezinha, Município do Cabo, a construção de lavanderias, chafarizes e a educação sanitária da população chegaram a provocar resultados animadores, com a redução do índice de infestação de 90 para 20%.

Mas o trabalho parou e a doença voltou a atacar toda a região em proporções ainda maiores. A Sucam não dá qualquer informação e a Sudene que tinha um convênio com a então Suvale para controle da verminose em perímetros irrigados, também não pôde levar seu plano adiante, apesar de ter programado 9 milhões de exames de fezes e o tratamento de 7 milhões de contaminados. (O anúncio desse plano foi feito na imprensa em 12 de agosto de 1974 e previa a liberação de Cr$ 50 milhões).

Segundo técnicos da autarquia o trabalho sempre foi prejudicado pelo atraso no fornecimento das verbas. Em consequência nem as pessoas contaminadas receberam tratamento, nem os exames foram feitos. Enquanto isso, reconhecem os técnicos da Sudene, a doença vai alastrando-se com a abertura de novas estradas e a construção de barragens. Um dos exemplos mais críticos é a barragem da Boa Esperança, na fronteira do Maranhão com o Piauí, onde a doença não existia antes e hoje — devido às migrações — cresce assustadoramente, chegando a uma situação quase incontrolável.

Sem continuidade

No Rio Grande do Norte, o Município de Touros serviu no ano passado como campo de experiência para a aplicação do Mansil e, segundo o Dr Kerginaldo Trigueiro, da Sucam, as 2 mil pessoas que tomaram o medicamento apresentaram um índice de cura superior a 90%. Apesar disso ele próprio reconhece que a população pode terse infestado novamente devido à falta de condições socioeconômicas e de educação sanitária.

Outra experiência, desta vez com Hycantone — amplamente anunciada na ocasião — foi feita em Baleux, na Paraíba, onde foram localizados 616 doentes. Desses — logo numa fase inicial — verificou-se que apenas 360 poderiam ser tratados, pois as más condições físicas dos demais não permitiam o uso do Hycantone.

O programa durou seis meses e contou com a participação de 100 estudantes, orientados por médicos da Sucam e do SESP. Na ocasião, custou Cr$ 145 mil 816.

Apesar disso, tão logo foi concluída a experiência a cidade voltou à vida antiga e hoje são raros os que se lembram da campanha e das recomendações. Na época a Companhia de Águas religou gratuitamente a água de 320 casas e ligou mais 197 à rede de distribuição, mas a população continuou lavando roupas e retirando água do rio. O Prefeito da cidade, Sr Lourival Caetano (MDB), afirma que depois da campanha o município não recebeu nem mais um tostão e a educação sanitária não foi à frente.

Padre & polícia

Mais ou menos o mesmo é o panorama de Baldim, município mineiro a 98 quilômetros de Belo Horizonte e onde há sete anos o sanitarista Naftale Katz testou pela primeira vez o medicamento *Hycantone* em 830 pessoas. Hoje o município ainda continua registrando casos de equistossomose, apesar de um controle periódico feito pela Sucam.

O grande desafio para Ildeu Paiva Silva, funcionário do posto médico, é convencer os moradores de que não devem banhar-se nos córregos. Para ele, somente uma mobilização constante do padre ao delegado de polícia poderá convencer os moradores de que as águas são perigosas, pois a ação dos médicos, apenas, é insuficiente.

Dois tremores de pouca intensidade atingem o Japão

Tóquio — Dois pequenos tremores de terra foram registrados ontem no Japão, mas não há notícias de vítimas ou prejuízos graves. O Serviço de Meteorologia informou que o primeiro atingiu um ponto na escala japonesa (máximo de sete) em Tóquio e o segundo dois na Cidade de Fukuyama, Província de Hiroxima, onde foi localizado o epicentro.

Observatórios sismológicos informaram que o epicentro do primeiro tremor, às 1h24m (13h24m de sexta-feira em Brasília), foi no fundo do Oceano Pacífico, a uns 60 quilômetros a Leste da baía de Tóquio. O segundo ocorreu às 8h40m (20h 40m de sexta-feira em Brasília), provocando corte de energia que afetou o tráfego ferroviário.

ITÁLIA

Roma — Mais quatro tremores de terra ocorreram ontem de madrugada e no início da manhã em Friuli, na base dos Alpes, e um outro na Cidade de Ganzano, nas colinas Albanas, sobre o lago Nemin, informou o Observatório de Trieste. Os primeiros tiveram quatro e cinco graus na escala Mercalli (de 12) e o último entre três e quatro.

Foi o segundo tremor em dois dias em Genzano, a sete quilômetros de Castel Gandolfo, residência de verão do Papa, que ontem despediu-se do Prefeito da cidade, sacerdotes e policiais, pois retornará ao Vaticano nesta semana. De 16h18m de sexta até 2h40m de ontem não houve tremor de terra na região de Friuli, a maior trégua desde o reinício das atividades sísmicas, no sábado retrasado.

AJUDA

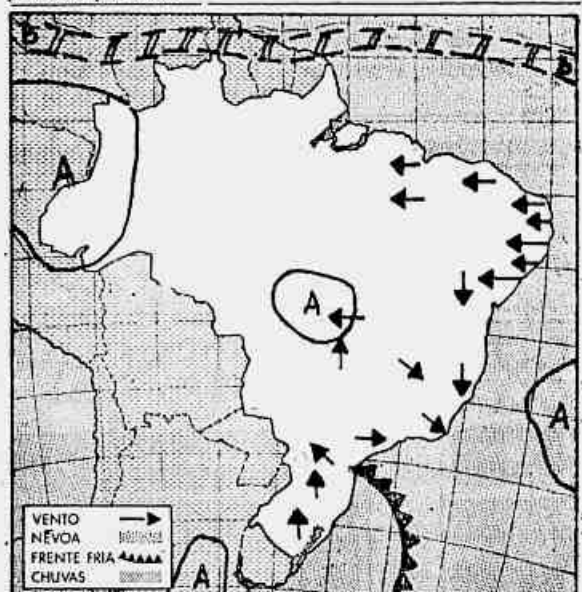
Os abalos em Friuli ocorreram às 2h 40m (5 graus Mercalli), às 2h 45m (4 graus), às 3h 11m (4 graus) e às 7h 48m (5 graus). Quanto ao tremor em Genzano, o sismólogo Rodolfo Conselo, do Observatório Geofísico de Monteporzio, afirmou que não representa perigo para Roma, que fica a 30 quilômetros de lá. Lembrou também que há séculos ocorreram abalos nas colinas Albanas, onde ficam vários vulcões extintos.

O Governo italiano espera financiar um amplo programa de ajuda às vítimas dos terremotos no Norte do país com um imposto adicional sobre carros, motocicletas, aviões particulares e iates a motor, conforme decidiu sexta-feira o Conselho de Ministros.

Os donos de carros terão de pagar, uma só vez, até 200 mil liras (Cr$ 2 mil); o dono de um jato privado, cerca de 10 milhões de liras (Cr$ 100 mil). O objetivo é arrecadar umas 300 milhões de liras (Cr$ 3 milhões).

A fuga em massa das localidades e aldeias atingidas por sismos no vale de Tagliamento continua neste fim de semana. Incluindo os que saíram da Capital da província Udine, o jornal *La Stampa*, de Turim, calcula em 35 mil o número de migrantes, a maioria alojada nos balneários de Ligneno, Bibione e Grado, no Adriático.

MAPAS DO TEMPO

Transmitida pelo satélite meteorológico NOAA-4 e recebida pelo Instituto de Pesquisas Espaciais em Cachoeira Paulista, entre 10h 17m 11h 27m, a fotografia mostra as manchas brancas, nuvens que podem ocasionar chuvas. A parte escura é indicativa de tempo bom. A distorção gráfica no mapa do Brasil é consequência da altitude em que foi operada a fotografia (1.446,2 km) e a aberração da esfericidade provocada pela lente.

ANALISE SINÓTICA DO MAPA DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE METEOROLOGIA INTERPRETADA PELO JB — Frente fria fraca localizada entre Florianópolis e Paranaguá, pelo litoral sem atividade. Anticiclone tropical c/centro de 1022 mb, localizado a 21ºS e 26ºW. Anticiclone polar c/centro de 1027 mb, localizado a 35ºS e 61ºW.

NO RIO

Tempo bom com aumento de nebulosidade. Temperatura estável a princípio declinando após. Máxima 31,5 (Bangu). Mínima 15,5 (Alto da Boa Vista).

TEMPERATURA E TEMPO NOS ESTADOS

Amazonas — Bom com nebulosidade a Este. Temperatura estável. Máxima 34,4. Mínima 24,4.

Acre — Rondônia — Nublado passando a bom com nebulosidade. Temperatura estável. Máxima 34,0. Mínima 22,6.

Maranhão — Piauí — Ceará — Bom com nebulosidade. Temperatura estável. Máxima 27,6. Mínima 23,1.

RGN — Paraíba — Pernambuco — Nublado no litoral, bom com nebulosidade nas demais regiões. Temperatura estável. Máxima 28,3. Mínima 21,1.

Brasília — Bom com nebulosidade sujeito a ligeira instabilidade com pancadas e trovoadas esparsas a partir da tarde. Temperatura estável. Máxima 29,9. Mínima 14,2.

Minas Gerais — Bom com nebulosidade variável, possível instabilidade à tarde no Triângulo e Sul. Temperatura em elevação. Máxima 27,6. Mínima 13,4.

São Paulo — Nublado possível instabilidade a Oeste/Norte do Estado à tarde, passando a bom com nebulosidade. Temperatura em declínio. Máxima 24,8. Mínima 14,2.

Paraná — Bom com nebulosidade. Temperatura em declínio. Máxima 26,0. Mínima 12,4.

Rio Grande do Sul — Bom. Temperatura em declínio. Máxima 18,7. Mínima 13,5.

O SOL

Nascer — 5h 46m
Ocaso — 17h 18m

A CHUVA

Chuva (em mm) recolhida no posto do Departamento Nacional de Meteorologia do Aterro do Flamengo, Cidade do Rio de Janeiro:

Últimas 24 horas	0,0
Acumulada este mês	53,9
Normal mensal	53,2
Acumulada este ano	807,8
Normal anual	1 075,8

A LUA

MING.

De 16 a 22 de setembro

OS VENTOS

NORTE

Norte/Noroeste rondando para Sudoeste

O MAR

MARÉS

Rio-Niterói — Baixa-mar: 5h 48m/0,3m e 18h 22m/0,4m. Preamar: 12h 55m/1,1m. **Cabo Frio** — Baixa-mar: 5h 22m/0,3m e 18h 03m/0,5m. Preamar: 12h 06m/1,0m e 23h 56m/1,0m. **Angra dos Reis** — Preamar: 12h/1,1m. Baixa-mar: 5h 30m/0,2m e 18h 14m/0,4m.

TEMPERATURAS

Dentro da Baía	21º
Fora da barra	21º

TEMPO NO MUNDO

Temperaturas máximas de ontem e previsão do tempo para hoje, nas cidades seguintes: Buenos Aires 11, seminublado — Caracas 28, nublado — Lima 19, coberto — México 23, céu limpo — Santiago 15, nublado — Madri 24, ensolarado — Lisboa 28, nublado — Roma 29, bom — Paris 17, variável — Londres 20, variável — Nova Iorque 22, nublado.

Campanha contra a meningite começa amanhã na Zona Sul

A Secretaria Municipal de Saúde inicia amanhã a vacinação contra a meningite em 10 postos nas regiões administrativas de Copacabana, Flamengo, Lagoa, Santa Teresa e Paquetá. Vai imunizar 130 mil crianças de seis meses a seis anos residentes na área — última etapa da campanha no Rio.

Os postos de vacinação contra a meningite funcionarão de segunda a quinta-feira, das 8 às 16h. O trabalho de imunização será iniciado amanhã com a presença dos Secretários de Saúde do Estado, Sr Woodrow Pimentel Pantoja, e do Município, Sr Felipe Cardoso, que visitarão a Escola Roma, no Lido, e o Centro de Saúde Barros Barreto, na Rua Toneleros.

Postos

No Flamengo, a aplicação será no Centro Manoel José Ferreira (Rua Silveira Martins, 161), Colégio Notre Dame de Sion (Rua Cosme Velho, 98), Escola México (Rua da Matriz, 67) e Unidade Especial de Saúde Pública (Rua da Passagem, 179), além de uma unidade volante. A Secretaria Municipal de Saúde calcula em 38 mil 700 o número de crianças residentes nessa área, com idades de seis meses a seis anos.

Para Copacabana, está prevista a imunização de 35 mil crianças. A vacinação será feita no Centro Barros Barreto (Rua Toneleros, esquina de Figueiredo Magalhães), na Escola Roma (Praça do Lido), Escola Penedo (Rua Raul Pompéia, 138) e contará também com duas unidades volantes.

Na Lagoa estarão funcionando postos no Centro de Saúde Pindaro de Carvalho Rodrigues (Rua Jardim Botanico, 187), na Fundação Leão XIII (na Favela da Rocinha), Escola Almirante Tamandaré (Estrada do Tambá, 296, Vidigal) e no Clube de Regatas Flamengo, na Rua Mário Ribeiro, além de uma unidade volante. Nessa área, a imunização deverá atingir 28 mil 200 crianças de seis meses a seis anos.

Em Paquetá, a população nessa faixa de idade calculada em cerca de 400 crianças — será vacinada no Centro de Saúde Bichat de Almeida Rodrigues, na Praça Bom Jesus. Em Santa Teresa, aproximadamente 22 mil crianças deverão ser imunizadas no Centro de Saúde Ernani Agricola (Rua Áurea, 42), na Escola Júlia Lopes de Almeida (Rua Almirante Alexandrino, 3466) e na unidade volante que circulará pelo bairro também das 8 às 16h.

Postos fecharam muito antes da hora

Por falta de vacinas, 15 dos 17 postos fixos que ontem faziam a imunização de crianças contra a meningite na Praça da Bandeira, Tijuca, Vila Isabel, Ilha do Governador, Jacarepaguá e Centro encerraram o trabalho antes do meio-dia e não às 16 horas, como estava previsto, provocando reclamações de centenas de pessoas que compareceram aos locais.

Em vários postos, como na Ilha, as mães acusavam os funcionários de querer "encerrar cedo o expediente de sábado", sem acreditar nas explicações de que os estoques tinham acabado e era impossível conseguir mais, porque o restante das vacinas estava nos postos da Zona Sul, que iniciam amanhã a vacinação.

Afluência

Ontem, último dos quatro dias da campanha de vacinação nas seis áreas, somente o Centro de Saúde da Rua do Resende e a Matriz de Santana, ambos no Centro, dispunham de vacinas para aplicação durante a tarde.

Nos demais, embora com cartazes fixando o término do trabalho às 16h, os estoques se esgotaram antes de meio-dia. Foi o caso do Centro de Saúde e da Administração Regional da Ilha do Governador, que utilizaram na parte da manhã as últimas das 16 mil doses recebidas para os quatro dias de vacinação. Mais de 50 crianças tiveram de voltar para casa sem receber as aplicações.

No Centro de Saúde Augusta Estrela, em Vila Isabel, um funcionário explicou que antes de meio-dia já se tinham esgotado as últimas 1 mil 300 doses da vacina. Estava aconselhando as pessoas que apareciam depois a procurarem os postos da Zona Sul a partir de amanhã. Na sua opinião, o bom tempo de ontem levou aos postos grande quantidade de pessoas que não se animaram a levar as crianças nos dias anteriores por causa do frio e da chuva.

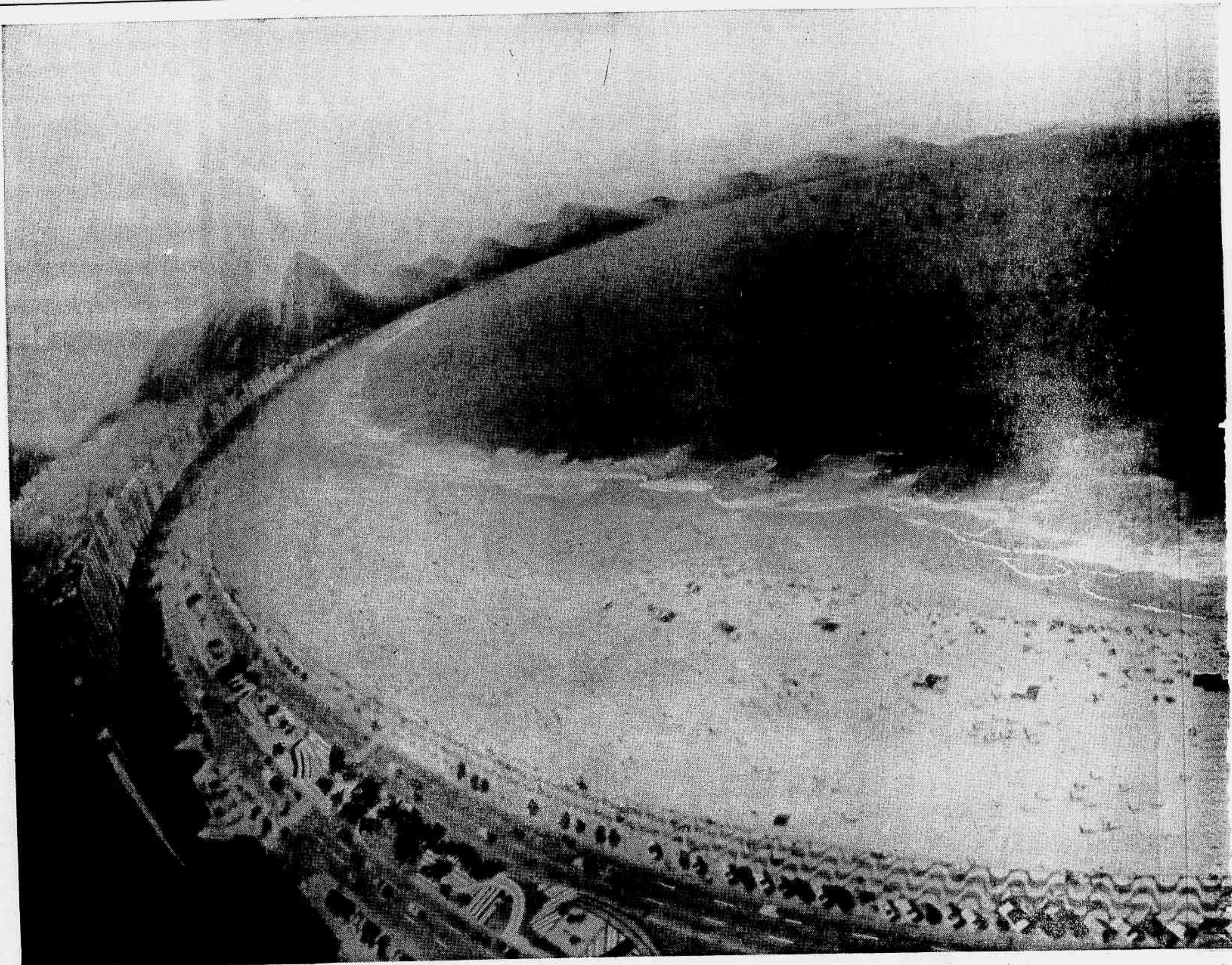
O Secretário Municipal de Saúde, Felipe Cardoso, atribuiu a falta de vacinas ocorrida ontem à afluência de "gente de fora", referindo-se a moradores de outros bairros que foram procurar os postos que funcionavam ontem, fazendo com que as previsões fossem ultrapassadas.

Previsão

Na Tijuca, as 45 mil doses recebidas pelo Centro de Saúde Heitor Beltrão, Clube Municipal e Unidade Satélite para os quatro dias da campanha também terminaram ontem cedo e os funcionários, que aconselhavam a procura dos postos da Zona Sul a partir de segunda-feira, previam a repetição do problema nesses postos, que também passarão a receber moradores de fora de suas áreas.

Na Escola Pereira Passos, no Rio Comprido, e no Serviço de Saúde dos Portos, no Centro, os estoques também terminaram ontem de manhã, o mesmo acontecendo no Esporte Clube Maxwell, em Vila Isabel, que às 11h tinha aplicado as últimas 6 mil doses recebidas para quatro dias de vacinação. Uma funcionária do Clube disse que tinha pedido mais vacinas ao Centro de Saúde de Vila Isabel, mas recebeu a informação de que toda a reserva disponível fora enviada aos postos da Zona Sul.

No Centro de Saúde Jorge Saldanha Bandeira de Melo, em Jacarepaguá, a vacinação iniciada ontem às 8h, foi encerrada as 9h30m, quando terminou o estoque, que "não deu nem para a saída", segundo um vacinador. Os cinco postos de Jacarepaguá — quatro fixos e um volante — receberam 38 mil doses de vacina contra a meningite para os quatro dias da campanha, encerrada ontem, mas centenas de crianças deixaram de ser atendidas por falta de estoque.

O caminho livre da vida.
Hoje, o lançamento de um requintado projeto
na Avenida Atlântica.
Edifício Antonio Vivaldi. Avenida Atlântica,
esquina de Sá Ferreira.

Aponte sua vida para um

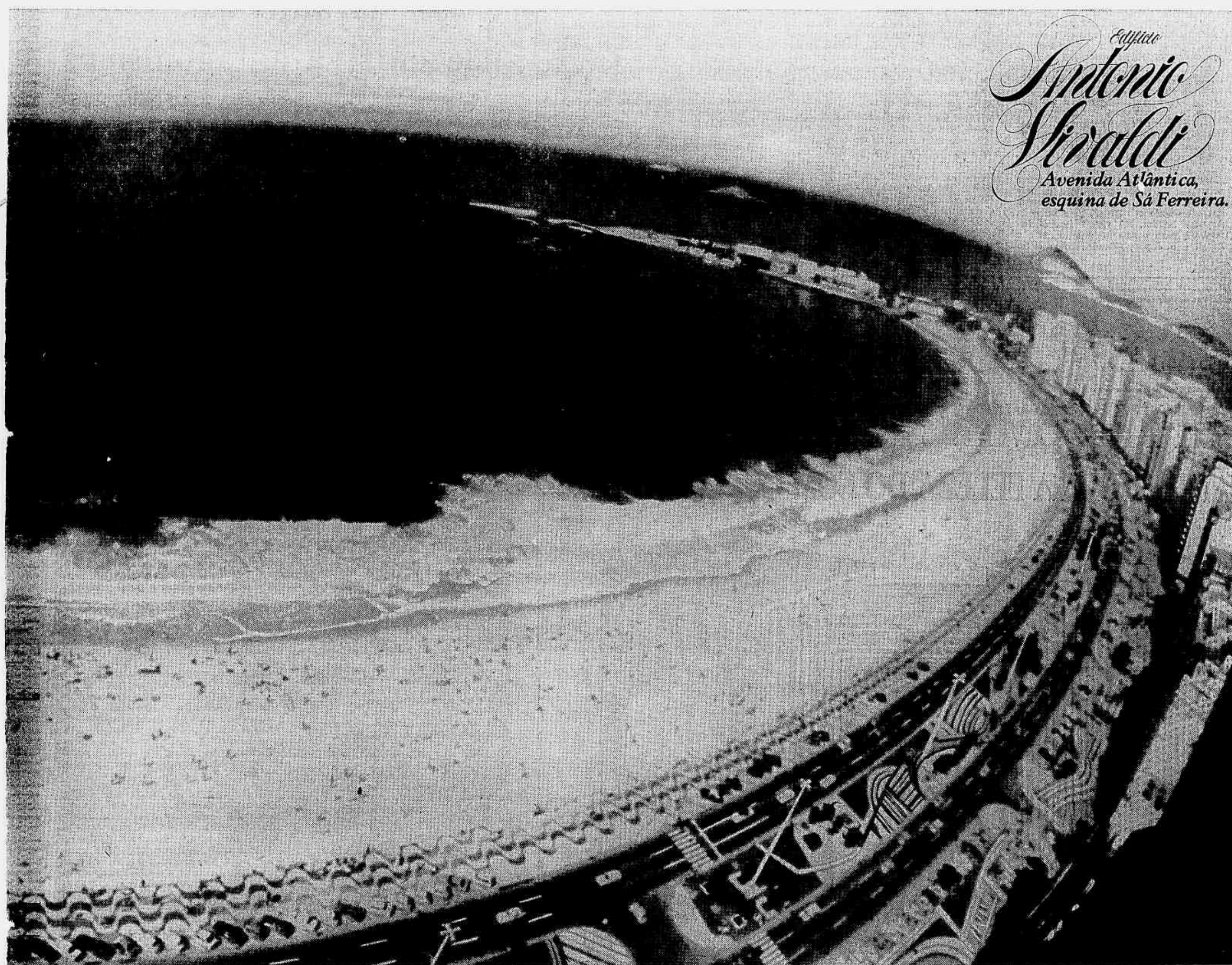
Avenida Atlântica, esquina de Sá Ferreira.
Um endereço de categoria internacional, para um requintado projeto.
Venha hoje mesmo conhecer o seu apartamento de frente para a praia de Copacabana.

Da sua varanda, o mar. E mais nada.
Seu apartamento tem características exclusivas de conforto e beleza como há muito não se fazia em Copacabana.
Você pode percorrer toda Copacabana e não vai encontrar, num ponto assim, um terreno como este.

Para um endereço de categoria internacional, um apartamento como você sempre sonhou.
Para uma localização tão perfeita, uma planta que supera tudo o que você podia esperar. Analise.
Setor social: sacadas e varandas de frente para o mar. Salão nobre, sala de jantar. Toilette.

Setor íntimo: 4 amplos dormitórios, sendo uma suíte e com a opção de você transformar o último dormitório em biblioteca ou sala íntima. 2 banheiros.

Setor de serviços: espaços generosos para a copa-cozinha, 2 quartos de empregada, dependências completas e mais 3 ou 4 vagas na garagem, já incluídas no preço.

Associada à ADEMI

Edifício
Antônio Vivaldi
Avenida Atlântica, esquina de Sá Ferreira.

horizonte sem limites.

Apresentação de nível internacional

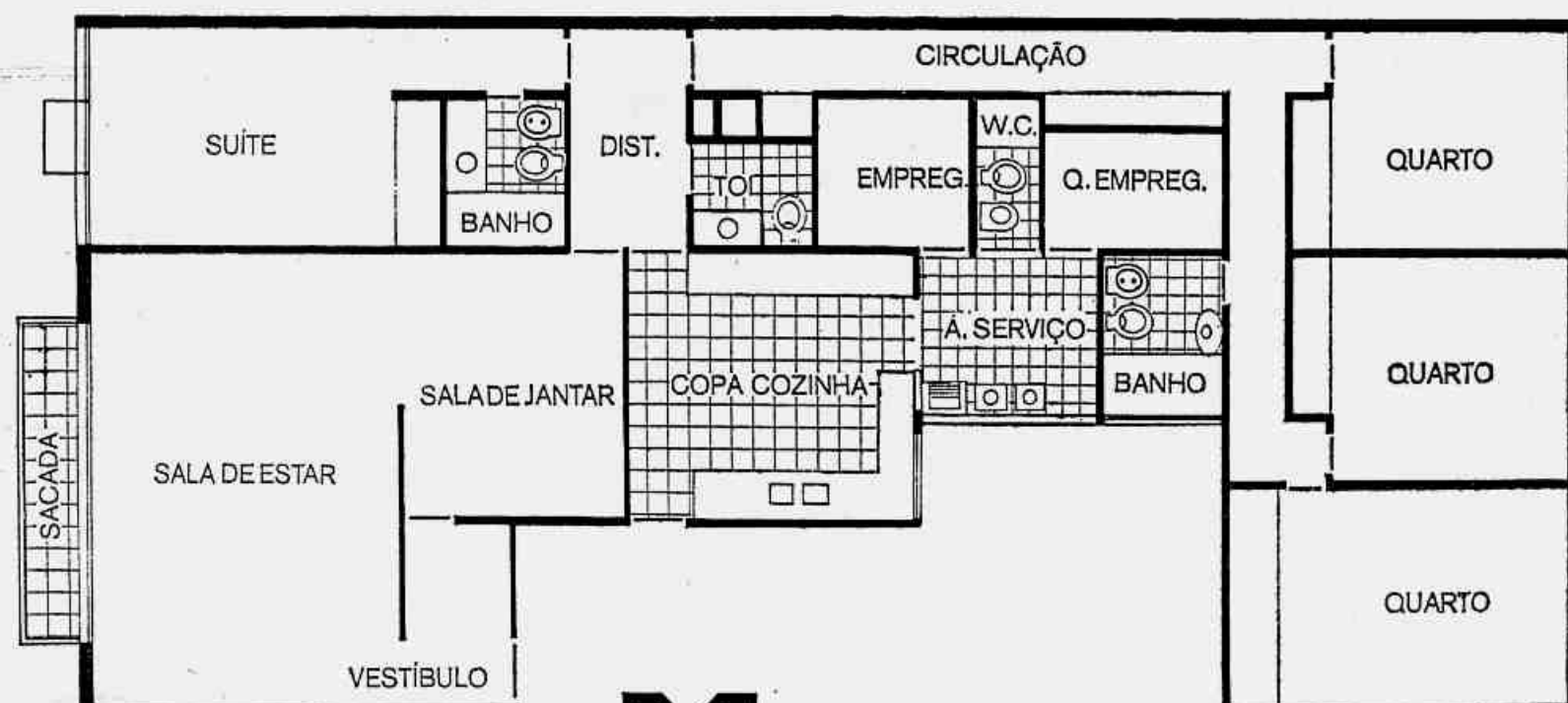
Fachada em mármore e cerâmica decorativa. Esquadrias de alumínio anodizado com vidro fumé gris. No térreo, hall social atapetado, paredes em mármore bege Bahia, cerâmica decorativa, espelho fumé e camurça, em projeto de extremo bom gosto. Em todos os quartos e salas, previsão para ar condicionado. Nos andares, hall social em mármore. Banheiros com piso em mármore e azulejos decorados até o teto.

Toilette com piso em cerâmica decorada Porto Ferreira e revestimento vinílico nas paredes. Copa-cozinha com piso em cerâmica decorada Porto Ferreira.

Preços e condições

O Edifício Antônio Vivaldi é uma das raras oportunidades que você tem de aliar as vantagens de morar num endereço sofisticado e num apartamento de luxo à certeza de estar realizando um grande negócio.

Preços a partir de Cr$ 2.480.000,00
com 101 meses para pagar
sinal: 81.220,00
mensalidades durante a obra: 14.760,00
mensalidades após a obra: 19.237,39

LANÇAMENTO HOJE. VISITE O STAND NO LOCAL.

VEPLAN-RESIDÊNCIA
Empreendimentos e Construções S.A.
Capital e reservas Cr$ 289.278.388,00
Corretor responsável: A.P. Ferreira Jr. - J. 590 - Creci 310

Ipanema: Rua Visconde de Pirajá, 507 - Tel.: 287-4039 - Centro: Rua México, 148 - Tel.: 252-8811 - Tijuca: Rua Conde de Bonfim, 190-A - Tel.: 264-9152

Memorial de Incorporação registrado no 5.º Ofício do RGI
sob o n.º R-1, matrícula 7.907, às fls. 193, do livro 2B/7, em 19/8/76.

ARTPLAN

O balanço do Asahi

"Foram acertados finalmente os entendimentos para a cooperação econômica nipo-brasileira, em relação aos projetos que estavam em discussão na oportunidade da visita do Presidente Geisel do Brasil. Começando com o complexo do alumínio da Amazônia, todos os projetos são de grande porte e a longo prazo.

São raros os casos como esse em que um projeto de cooperação econômica, abrangendo campos tão variados e de tamanho porte tenha sido concretizado no breve período da visita de um Chefe de Estado, envolvendo Governo e empresas privadas. Nutrimos esperanças de que tenha chegado a cooperação econômica entre o Japão e o Brasil, país líder da América Latina. Há vários fatores favoráveis para o relacionamento entre o Brasil e o Japão, situados como estão em lados opostos do globo. Não existe na nossa História um caso como esse envolvendo países da Ásia, mesmo os que na Segunda Guerra o Japão ocupou.

O Brasil é um país rico em matéria-prima e o Japão, por outro lado, tem alta tecnologia e capital. Mas, apesar de todos esses fatores positivos o desenvolvimento da cooperação entre os dois países dependerá exclusivamente da compreensão recíproca e de um esforço continuado por parte de ambos. Porque mesmo que tradicionalmente sejamos países amigos, determinados fatos não podem ser ignorados. A área total do Brasil é simplesmente 23 vezes maior que a do Japão. O rio Amazonas, que percorre o Norte do Brasil, tem mais de 6 mil quilômetros de extensão. Esta escala gigantesca se reflete na característica própria das nações latino-americanas de fazer as coisas em ritmo moroso. Contra isso de nada adianta a medida japonesa, a impaciência própria de um país insular. Espera-se pois que o Japão tenha também paciência no tratamento dos projetos brasileiros, mostrando visão de longo prazo. Por outro lado, que o Brasil não espere que o Japão lhe forneça capital que está sobrando. Nos investimentos japoneses, as empresas privadas tiram empréstimos bancários e contraem dívidas. E o Governo, com orçamento limitado, é que promove a retirada de capitais para a cooperação econômica. Portanto, que o Brasil faça o melhor de seu esforço para equilibrar a sua dívida externa e combata a inflação, para que os projetos tenham sucesso e se faça o melhor proveito do capital e da tecnologia que o Japão lhe está fornecendo".

Asahi Shimbun — o maior do mundo, 11 milhões 430 mil exemplares diários

Geisel garante que Brasil não cultiva antagonismos

O Presidente Geisel na entrevista aos jornalistas nipônicos disse que o Brasil se alinha entre os países subdesenvolvidos, mas, por situar-se no Grupo dos 77, não quer dizer que cultive antagonismo como um sentimento radical. "Somos partidários do entendimento e acreditamos que o desenvolvimento depende, em grande parte, do nosso próprio esforço."

Durante a entrevista a 100 jornalistas, o Presidente Geisel falou de improviso, à vontade, citando números e fazendo comentários, sem se valer de qualquer anotação. Discorreu sobre estatismo e capital estrangeiro, cartéis e até sobre o futuro das organizações de comércio latino-americano.

Brasil não é radical

Pergunta — Qual é a posição do Brasil, com relação ao problema Norte-Sul e no Grupo dos 77?

Geisel — O Brasil faz parte realmente do Grupo dos 77, mas esse Grupo, atualmente, acho que já é superior a 100. Esse Grupo não é homogêneo. Há países mais pobres, há países menos pobres, há diferentes graus de subdesenvolvimento ou de estágios **em desenvolvimento.** É possível que, dentro desse grupo, o Brasil seja um dos países de melhores condições quanto à fase de procura do desenvolvimento. Mas todos nós temos, em conjunto, um problema essencial, que é um desenvolvimento muito baixo. A nossa renda, em função da população de que dispomos, ou nossa renda **per capita,** é muito baixa, fato esse que nos diferencia essencialmente dos países altamente industrializados ou países desenvolvidos, o que faz com que se use a expressão de antagonismo entre Norte e Sul.

Nós acreditamos que a posição do Brasil é a posição do Grupo dos 77. Entretanto, não cultivamos esse antagonismo como sentimento radical. Somos partidários do entendimento e acreditamos que o desenvolvimento depende, em grande parte, do nosso próprio esforço.

Mas depende, também, muito, da compreensão dos países desenvolvidos e do auxílio que eles podem prestar, seja através da tecnologia, seja através de um comércio mais justo, para que esses países subdesenvolvidos possam crescer economicamente.

Estatismo e capital estrangeiro

Pergunta — Há setores que estão praticamente dominados pelas empresas estatais. Por outro lado, como no caso da indústria automobilística, há setores em que predominam os capitais estrangeiros. Dentro desse contexto, gostaríamos de saber quais as medidas que seu Governo tem adotado para com as empresas estrangeiras e multinacionais.

Geisel — "No Brasil, existem realmente empresas estatais — nós as chamamos de sociedades de economia mista — destinadas principalmente à infra-estrutura do país. Refiro-me particularmente às estradas de ferro, ao setor de transportes, portanto, ao setor de energia e ao setor de comunicações, sobretudo telecomunicações.

O país é extraordinariamente grande — dispomos de mais de 8 milhões 500 mil quilômetros quadrados — e o equipamento desse território, a dotação desse território de infra-estrutura é um problema vasto, dispendioso e complexo. E', por outro lado, extraordinariamente importante. Essa é a razão por que esse setor ficou afeto ao Governo, uma vez que a iniciativa privada possivelmente não teria condições de realizá-lo, seja pelos recursos necessários, seja pela baixa rentabilidade que essa infra-estrutura por muito tempo proporcionaria ao capital empregado.

Afora esse quadro da infra-estrutura, muito raramente as empresas do Governo ou empresas estatais interferem. Há casos em que, como no dos produtos siderúrgicos e planos, o Governo participa, e com recursos elevados, porque a empresa privada não tem condições.

Afora esses casos que mencionei, praticamente toda atividade econômica — dos setores primário, secundário e terciário — é da iniciativa privada. Nesse setor, recebemos a participação do capital estrangeiro. Consideramos essa participação muito útil e necessária, seja pelo aporte de capital que ela trás, mas também e principalmente, pela tecnologia que ela nos proporciona.

O programa do Governo que está em vigor prevê um relativo equilíbrio dos investimentos das empresas do Governo, das empresas privadas nacionais e das empresas estrangeiras. Muitas vezes, esses três setores — Governo, empresas privadas nacionais e empresas estrangeiras — se interligam, formando conjuntos, como ocorre em várias empresas que nós temos com entidades japonesas, muitas no setor da petroquímica e outras. Nossa orientação é estabelecer o equilíbrio entre os vários tipos de investimento, evitar os antagonismos entre eles e tanto quanto possível harmonizá-los.

Com relação ao capital estrangeiro, não estabelecemos restrições especiais. E' que procuramos sempre orientar os investimentos estrangeiros para setores em que o capital nacional não esteja em condições de atender e, também, de forma que não se estabeleça uma competição ruinosa para a empresa nacional..

O Governo e os cartéis

Pergunta — O Brasil não participa do cartel dos países exportadores de minério de ferro? O Brasil é favorável à formação de cartéis para recursos naturais? Se não é favorável, por quê?

Geisel — São duas partes. Vejamos, primeiro, a que se refere aos cartéis, a intenção ou o objetivo relacionados com os cartéis de minério de ferro. O Brasil, em princípio, é contrário à formação de cartéis. E a política tradicional que o país tem adotado na organização dos países produtores de produtos comuns é dialogar. O objetivo que se tem em vista é atingir um adequado entendimento, entre produtores e consumidores, com uma dupla finalidade. De um lado, assegurar uma remuneração adequada aos produtos que se vende; evitar o aviltamento dos preços desses produtos por uma concorrência ruinosa. De outro lado, evitar, também, que o consumidor sofra as consequências de uma alta de preços artificial exagerada. Isso corresponde à política brasileira de resolver seus problemas pelo entendimento. O Brasil tem procedido assim, no caso de produtos como o café, por exemplo, estabelecendo um acordo internacional entre países produtores e países consumidores.

Posição idêntica adotamos com relação ao cacau e na política latino-americana do açúcar. Com relação ao cartel internacional do minério de ferro, o Brasil não participa da organização. Está apenas como observador. Até hoje, não ingressou formalmente nessa organização; justamente porque seu espírito fundamental é contra a cartelização. O Brasil só ingressaria nessa organização, como membro efetivo, se a concorrência ou as condições de mercado se apresentarem de tal forma que o baixo preço venha a constituir um real prejuízo para o país.

O Brasil não participa da OECD, porque ainda se considera um país em desenvolvimento. Como já disse anteriormente, nossa posição está mais ao lado do Grupo dos 77. Nossa posição dentro da OECD, seria, evidentemente, uma posição falsa. Nós teríamos o inconveniente de estarmos em uma companhia que nossa posição seria evidentemente, muito inferior e perderíamos a solidariedade do grupo que, como nós, luta pelo desenvolvimento.

Então, procurando ser realista, o estágio atual da economia brasileira não justificaria que se pense em incluí-lo na OCDE.

O futuro da ALALC

Pergunta — Qual é a atuação, até o presente momento da ALALC e da CELA?

Geisel — A ALALC é uma organização do comércio latino-americano. Ela, em si, não é um fim, é um meio. E' um processo, dentro dos países latino-americanos, para o incremento de suas relações comerciais.

"Os resultados colhidos nesses 15 anos que a organização já completou, estão sendo realmente vultosos e têm-se caracterizado por um crescimento muito grande do comércio dos países da América Latina. E' evidente que a organização não tem um caráter exclusivista. À margem das relações que se estabelecem dentro da organização da ALALC, subsistem as relações entre os diferentes países da América Latina e destes com os demais países do mundo. Apesar das naturais dificuldades que a vida de uma organização como esta apresenta, pelos conflitos de interesse que muitas vezes surgem, e que é preciso que sejam resolvidos adequadamente, eu considero a organização como proveitosa e atingindo efetivamente os resultados correspondentes à concepção original que deu origem à sua constituição.

A CELA é uma organização nova, recentemente implantada, funcionando com sede na Venezuela, em Caracas, que aprovou seu primeiro programa há poucos meses, mas que permite, pela orientação que tem sido adotada, chegar-se a bom resultado, sobretudo promovendo empreendimentos industriais de natureza agrícola em conjunto, dentro de vários países. A programação estabelecida, embora ainda apenas em início de execução, permite uma previsão otimista sobre os resultados que poderá obter.

A entrevista do Presidente continua na primeira coluna, da página ao lado

Restrições são temporárias

Pergunta — O Brasil tem conseguido progresso econômico considerado mesmo como o milagre brasileiro. Entretanto, após a crise do petróleo, há três anos, o Brasil tem sofrido essas consequências e sabemos que o seu balanço de pagamentos tem sido negativo nos últimos dois anos. Gostaria de saber, além dessas medidas restritivas de importação que o Governo brasileiro tomou para sanar esse problema, quais as outras perspectivas que o Sr tem em mente e se essas medidas restritivas de importação terão continuidade.

Geisel — "A nossa economia se adapta às condições que o mundo de hoje vive. Evidentemente a crise do petróleo e a crise geral que se instalou no mundo implicaram em modificações no procedimento econômico do Brasil.

"Nossa economia teve que se adaptar às novas contingências. E, desde logo, entre os problemas que surgiram, estão os que se relacionam com o balanço comercial de pagamentos. De um lado, redobramos nossos esforços, no sentido de aumentar o volume e o valor de nossas exportações; o que não tem sido fácil, pois muitos mercados, afetados pela mesma crise, se fecharam aos produtos que vendíamos usualmente.

"Não obstante, graças a esse esforço que se realiza, o valor das exportações — seja em 1975, seja no corrente ano — continua crescendo. Por outro lado, tivemos que adotar certas medidas de restrições às importações, sobretudo de produtos considerados supérfluos. Ao mesmo tempo, empreendemos um programa que teve em vista a produção interna das matérias-primas de que necessitávamos, principalmente de insumos básicos.

"Procuramos, particularmente, desenvolver a produção de metais não ferrosos e de fertilizantes. Em consequência dessas medidas, a situação do nosso balanço comercial está progressivamente melhorando, com perspectivas de, nos próximos anos, atingirmos o equilíbrio. É claro que essas medidas, principalmente as restrições, nós as consideramos medidas temporárias e, assim que as condições do balanço de pagamentos o permitirem, tais restrições serão eliminadas.

"O resultado das medidas adotadas se traduziu objetivamente na manutenção, ou mesmo no crescimento, da confiança internacional. Sobretudo no setor financeiro, essa confiança se traduz principalmente no aumento, especialmente, nos últimos meses, das nossas reservas cambiais. Essas reservas, que tinham decrescido no ano de 1975, agora em 1976 voltaram a subir e se situaram um pouco acima de 4 bilhões de dólares."

"É claro que, em consequência dessas medidas, o ritmo de nosso crescimento tende a diminuir, o que corresponde aos objetivos que temos em vista. O Brasil, que vinha crescendo a taxas de 10% ou pouco mais, diminuiu esse crescimento, em 1975, para uma taxa de 4% ou 5% e, este ano, possivelmente, a taxa será mantida em torno desses mesmos valores."

"Presentemente, estamos com o foco de nossas preocupações já não tanto no balanço de pagamentos, mas, sim, no novo surto inflacionário que se verificou no país. Estamos, assim, preocupados em adotar medidas que, possivelmente, se refletirão no crescimento de nossa economia, mas que serão necessárias para evitar que essa inflação continue crescendo. Ao contrário, estamos nos esforçando para reduzi-la a índices bem menores dos que se estão verificando nos últimos meses. São três problemas que se conjugam: o do crescimento econômico, o do balanço de pagamentos e o da inflação."

"As medidas do Governo visam atender a esses três problemas, dentro de uma contingência que decorre, em grande parte, da situação internacional. Estamos, entretanto, convencidos de que as dificuldades atuais e que se vêm manifestando, principalmente a partir da crise de preços do petróleo, é transitória e que temos a possibilidade de vencê-la. De um lado, pela nossa capacidade de trabalho, de outro, pelo potencial extraordinário de que o país goza. E, finalmente, pela cooperação internacional que não nos tem faltado, notadamente de países, como se verifica presentemente aqui no Japão."

"Estamos convencidos assim de que, embora tenhamos que lutar (e a luta exige esforço, dedicação e perseverança), chegaremos fatalmente a um bom resultado."

Presidente antecipa comunicado

Tóquio — "O Presidente Geisel me contou que o comunicado conjunto vai sair hoje, para aproveitar no Brasil os jornais de domingo, quando os brasileiros lêem mais. Ele também me disse que está preocupado em não engordar. Por isso, faz pequenas marchas a pé, sempre que pode. Embora tenha o hábito da leitura, os encargos de Presidente não lhe têm permitido ler tanto quanto gostaria, por isso, vai guardando livros, que pretende ler quando terminar o seu mandato."

O relato é do diretor-executivo do **Mainichi Shimbun**, Zenchiro Watanabe, que fazia as honras da casa, no banquete oferecido no Nipon Press Center. Sem querer, o Presidente Ernesto Geisel, ao conversar com o anfitrião, na cabeceira da mesa, dera sua primeira entrevista do dia, ao repórter de um jornal de 7 milhões de exemplares diários. Watanabe, ao anunciar a palavras do Presidente, divulgou logo a **entrevista**, e arrematou, sob o incontido sorriso do General Geisel:

— Eu tinha a informação de que o Presidente seria severo e austero, por ter sido militar por muitos anos. No entanto, a conversa que tivemos mostrou um homem simpático e bem-humorado.

O dia mais longo

Aquela seria a primeira entrevista do dia de mais longas entrevistas do Presidente. Durante duas horas e meia ele esteve com jornalistas e, além da conversa com o diretor do **Mainichi Shimbun**, o General Geisel, nesse tempo, respondeu a 21 perguntas — cinco de japoneses e 16 de brasileiros estas feitas na hora. E, embora se tenha demorado, em média, três minutos em cada resposta, em momento algum o Presidente revelou temperamento diferente daquele que surpreendera Watanabe.

Ao contrário, e talvez por falta de hábito, foram repórteres brasileiros os que mostraram mudanças de humor, ao perderem a naturalidade nos últimos minutos de expectativa da entrevista convocada na véspera pelo próprio Presidente. Os apresentadores de televisão das três redes brasileiras acabaram por atrapalhar-se, ora com seus cameras, ora com seu próprio relato (um deles chegou a anunciar: "este é mais um esforço de reportagem da sua..."), a ponto de levantar por várias vezes a risada geral de seus colegas jornalistas, que não podiam conter a nervosa ansiedade.

O Presidente, ainda sem ter dado uma palavra, buscava a razão das risadas, esboçando um discreto e solidário sorriso. Virou-se para seu Secretário de Imprensa e perguntou:

— Por que eles estão rindo?

— Eles estão meio nervosos — respondeu Humberto Barreto.

Pensamento racional

Na entrevista com os japoneses, no ultramoderno prédio do Nipon Press Center, foi utilizada uma intérprete cuja excelente memória acabou por render-se a extensão de uma pergunta sobre política exterior. Essa mesma intérprete, nissei, conseguira armazenar nos circuitos de sua memória quase todo o improviso do jornalista Watanabe que, influenciado pela simpatia do homenageado, esqueceu-se de que o General Geisel não fala japonês.

O Presidente respondeu as perguntas em orações curtas e pausadas, mantendo o sentido completo de cada uma delas a cada pausa para a tradução. Um repórter do **Nihon Kenzai Shimbun** chegou a lembrar uma consideração do **Premier Miki**, na véspera, sobre o pensamento racional do Presidente do Brasil.

Na entrevista para a imprensa brasileira, num dos salões do Palácio Akasaka, o tempo das perguntas e respostas ficou mais curto do que se estimara, e foi incluída uma 16a. pergunta. O entendimento prévio era que fossem feitas 15 perguntas, para ocupar os 30 minutos vagos na agenda presidencial. No sorteio entre os jornalistas enviados a Tóquio, o JORNAL DO BRASIL ficou com a primeira pergunta. Humberto Barreto havia pedido que o tema da entrevista se restringisse à agenda da viagem e suas ramificações. Por decisão dos jornalistas, ninguém anunciou seu nome ou jornal.

Atrás do Presidente ficaram o General Hugo Abreu, os Ministros Ueki, Severo Gomes, Reis Veloso e Silveira — este muito sorridente a cada resposta do General Geisel sobre política exterior. Ao lado do Presidente, ficou o Secretário Humberto Barreto e, numa poltrona afastada da mesa, Amália Luci e seu tio Arno Markus, presidente da Portobrás.

O Presidente respondeu com firmeza a todas as perguntas e, em algumas, chegou a perguntar se havia satisfeito a todos os quesitos. Ao terminar o encontro, o General Geisel agradeceu e cumprimentou os jornalistas, um a um.

Jornais deram grande cobertura

A cobertura que os jornais japoneses dão ao Presidente Geisel, por número de páginas, só foi superada, nos últimos anos de visitas de Chefes de Estado, pelas do Presidente Gerald Ford e a Rainha Elizabeth, da Inglaterra. Mas não lhe chegaram de perto, neste ponto, a visita do Presidente Chirac, da França, há dois meses. Nem é possível compará-la com a recebida por sheiques e emires.

Dia após dia, o noticiário sobre as negociações e as cerimônias de que participaram os brasileiros foi crescendo e, proporcionalmente, aumentava a pasta de traduções e recortes que todas as manhãs era mandada ao Palácio Akasaka, para a leitura do Presidente Geisel. Nunca, desde quinta-feira, eles foram menos de 35 notícias tiradas da imprensa diária. Ontem, chegavam a 50.

Todos os jornais deram, na primeira página, a notícia do comunicado conjunto distribuído com antecipação depois do encontro entre o Primeiro-Ministro Takeo Miki e o Presidente Ernesto Geisel. O **Yomiuri Shimbun** e o **Nihon Keizai Shimbun** fazem, ao apresentar a notícia, pequenos comentários. O último diz que para a cooperação entre os dois países ter vida longa é preciso que um compreenda as fraquezas do outro. O **Yomiuri Shimbu** afirma que as condições de muitos negócios fechados com o Brasil irão pesar na economia das empresas japonesas.

Geisel e Miki lançam base de nova relação Brasil-Japão

O Comunicado Conjunto do Presidente e do Premier

(os subtítulos não constam do original)

Cortesia e política

1. Como hóspedes de Estado do Governo Japonês, sua Exa. Ernesto Geisel, Presidente da República Federativa do Brasil e sua Exma. Sra Lucy Markus Geisel, realizaram visita oficial ao Japão de 15 a 20 de setembro de 1975.

2. O Presidente se fez acompanhar por Exa., O Embaixador Antônio F. Azeredo da Silveira, Ministro de Estado das Relações Exteriores, sua Exa. Severo Fagundes Gomes, Ministro de Estado da Indústria e do Comércio, sua Exa. Shigeaki Ueki, Ministro de Estado das Minas e Energia, sua Exa. João Paulo dos Reis Veloso, Ministro-Chefe da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, sua Exa. o General-de-Divisão Hugo de Andrade Abreu, Ministro-Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, além de outras altas autoridades do Governo Brasileiro. O Presidente se fez acompanhar também pelo Senador Virgilio Távora, Vice-Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal, e pelo Deputado Joaquim Coutinho, Presidente da Comissão de Relações Exteriores da Camara dos Deputados.

O Presidente da República Federativa do Brasil e Sra Geisel foram recebidos por suas Majestades o Imperador e Imperatriz do Japão no dia 16 de setembro.

3. O Presidente Geisel e o Primeiro-Ministro Miki mantiveram conversações nos dias 17 e 18 de setembro dentro de uma atmosfera franca e cordial. O Presidente e o Primeiro-Ministro examinaram o estágio atual das relações entre os dois paises e as posições do Brasil e do Japão diante da conjuntura internacional, dando atenção especial à situação do continente americano e da Ásia. O Presidente e o Primeiro-Ministro consideraram suas conversações extremamente úteis e oportunas. Ambos consideraram que a visita do Presidente Geisel ao Japão fortalecerá as relações de cooperação entre os dois paises.

4. O Presidente e o Primeiro-Ministro notaram com satisfação que compartilham pontos-de-vista semelhantes sobre uma ampla gama de problemas internacionais que constituem preocupações fundamentais dos dois Governos. O Presidente e o Primeiro-Ministro reconheceram a crescente responsabilidade do Brasil e do Japão nas esferas regional e mundial. Nesse sentido os dois paises conduzem as respectivas politicas externas com base em um diálogo aberto e construtivo que favoreça a mais ampla solidariedade internacional.

5. O Presidente e o Primeiro-Ministro reafirmaram a dedicação dos dois Governos à causa da paz a qual deve ser alcançada através da justiça nas relações politicas e econômicas entre todos os paises. Ambos expressaram o ponto-de-vista comum de que o bem-estar do povo é o objetivo final do crescimento econômico e que a comunidade internacional deveria tornar realidade o conceito de interdependência como base duradoura para uma ordem mundial verdadeiramente estável. Para tanto, e conforme suas potencialidades, o Brasil e o Japão reafirmam sua disposição de participar ativamente no diálogo em curso entre paises desenvolvidos e em desenvolvimento. No momento histórico atual, em que a concertação entre os Estados é uma condição para a sobrevivência da humanidade, os Governos do Brasil e do Japão reiteraram sua determinação de estreitar a cooperação entre ambos no campo da politica internacional, da economia e da cultura, inclusive em organizações internacionais como as Nações Unidas.

6. O Presidente e o Primeiro-Ministro mostraram sua satisfação com o fato de que os dois paises estão expandindo suas relações de acordo com sua amizade tradicional.

Esse crescente relacionamento está baseado no principio da igualdade e na cooperação mutuamente benéfica. Os dois Governos decidiram estreitar ainda mais esses vinculos bilaterais com genuino respeito à soberania e independência de cada pais.

Economia

7. O Presidente e o Primeiro-Ministro constataram com satisfação que, por ocasião da visita presidencial ao Japão, foi realizada a primeira reunião consultiva ministerial e reafirmaram sua intenção de consolidar as relações nipo-brasileiras em harmonia com a crescente importancia do relacionamento global existente entre os dois paises.

O Primeiro-Ministro declarou que, como expressão dessa intenção, o volume de créditos de exportação para o Brasil, deverá ser substancialmente ampliado, a fim de promover vários projetos, inclusive os de cooperação econômica discutidos na reunião consultiva ministerial.

O Presidente apreciou essa declaração, afirmando que esses créditos contribuiriam para o desenvolvimento da indústria brasileira ensejando a aquisição no Japão de equipamento e bens de capital que a indústria brasileira até o presente momento não produz. Por outro lado, o Presidente declarou que o Brasil prevê exportar nos próximos anos um volume considerável de produtos brasileiros para o Japão.

O Presidente e o Primeiro-Ministro concordaram em que o comércio entre o Brasil e o Japão, que já atingiu um nivel apreciável em termos quantitativos, deve ser ampliado de maneira harmônica tendo em vista a interdependência existente entre a economia dos dois paises e as condições relativas a cada produto, em bases estáveis de longo prazo.

8. O Presidente e o Primeiro-Ministro apreciaram em alto grau o fato de que, na primeira reunião consultiva ministerial, o lado brasileiro e o japonês, claramente compartilharam opiniões nos setores da economia, comércio, finanças e tecnologia industrial, com especial referência ao II Plano Nacional de Desenvolvimento. Ambos reconheceram também que os resultados da reunião contribuirão para o desenvolvimento ainda maior do relacionamento de cooperação entre o Brasil e o Japão na perspectiva do século XXI.

Alumínio, Cerrado e Tubarão

8.1 O lado brasileiro e o lado japonês concordaram em cooperar na construção de um complexo alumina/aluminio em Belém, Estado do Pará, com inicio previsto para 1977, e em colaborar a fim de assegurar o seu sucesso como um empreendimento de alta eficiência econômica. Os dois lados afirmaram também que parte substancial da produção de aluminio originária deste projeto será exportada para o Japão, de forma estável e a longo prazo, como previamente acertado pelos parceiros no empreendimento.

8.2 Os dois lados notaram com satisfação que o exame do programa de desenvolvimento da agricultura da região de Cerrados no Brasil vem fazendo progressos concretos, como resultado da atitude cooperativa dos dois Governos e dos cidadãos dos dois paises, e que na presente ocasião representantes dos dois Governos alcançaram um entendimento comum sobre o quadro de referência para o projeto-piloto. Uma Companhia de Desenvolvimento Agricola, o órgão central de promoção do projeto, deverá ser implantada no Brasil em futuro próximo por duas companhias **holding** a serem criadas nos dois paises, a fim de apoiar e promover as atividades de produção agricola na região. Os dois lados também acolheram com agrado, a perspectiva de que um projeto de cooperação nipobrasileiro de pesquisa agricola no Cerrado seja firmado em futuro próximo. Os dois lados expressaram assim sua esperança de que a cooperação entre o Brasil e o Japão na região do Cerrado venha a ser ampliada nos próximos anos.

8.3 Os dois lados concordaram em cooperar na construção do primeiro estágio da Usina Siderúrgica de Tubarão e colaborar a fim de assegurar o seu sucesso como empreendimento de alta eficiência econômica.

Ademais, ambos afirmaram que parte da produção anual de chapas de aço da Usina de Tubarão será exportada para o Japão em termos estáveis e de longo prazo, de acordo com entendimentos prévios acertados pelos parceiros no empreendimento.

Praia Mole, celulose e aço

8.4 O lado brasileiro pediu a cooperação oficial do Governo japonês para a implementação do projeto de construção do Porto de Praia Mole, que deverá beneficiar também alguns empreendimentos. Conjuntos de interesse mútuo, e o lado japonês — em consideração especial à ocasião sem precedente da visita oficial do Presidente do Brasil — expressou a disposição do Governo japonês de conceder cooperação financeira e técnica, de acordo com a legislação e os regulamentos japoneses pertinentes.

8.5 Os dois lados discutiram o progresso dos empreendimentos conjuntos relativos ao desenvolvimento dos recursos florestais e a produção de celulose. Foi observado com satisfação que a Cenibra, o primeiro projeto neste campo, iniciará suas operações no final deste ano.

As duas partes notaram, por outro lado, que o Projeto Flonibra, cuja implementação foi recentemente iniciada nos Estados da Bahia, Espirito Santo e Minas Gerais, deverá continuar a receber o apoio integral dos parceiros para, da mesma forma que a Cenibra, alcançar os melhores resultados.

Os dois lados afirmaram que parte da produção anual de celulose e cavacos de madeira será exportada para o Japão, em bases estáveis e de longo prazo, de acordo com compromissos a serem firmados pelas partes interessadas.

8.6 Os dois lados tomaram nota da recente decisão no sentido da participação japonesa no aumento de capital destinado à implementação da segunda etapa de expansão da Usiminas, que tem sido um simbolo da cooperação entre o Brasil e o Japão.

Ambos discutiram a implementação da terceira etapa de expansão da Usiminas, em relação à qual o lado japonês declarou que um crédito de exportação será concedido para compra de equipamentos japoneses.

Os dois lados reconheceram que a expansão do fornecimento estável de minério de ferro brasileiro para a indústria siderúrgica japonesa seria benéfica para os dois paises.

8.7 Os dois lados registraram o fato de que progride a cooperação entre as partes interessadas dos dois paises em relação a projetos de desenvolvimento de minas de ferro brasileiras, como a de Capanema.

8.8 Os dois lados reconheceram que o empreendimento comum Nibrasco — que deve entrar em operação na segunda metade de 1977 e que está alcançando progressos graças à cooperação entre as partes interessadas dos dois paises — exportará **pellets** para o Japão em bases estáveis e de longo prazo, como previamente acordado pelos sócios do empreendimento.

8.9 Os dois lados concordaram em fomentar a cooperação no campo da tecnologia industrial e se referiram com satisfação às conversações proficuas sobre o escopo e os objetivos de tal cooperação que foram recentemente realizadas em Tóquio, entre autoridades japonesas e missão brasileira.

Ambos os lados concordaram que a cooperação seja implementada dentro do contexto e em harmonia com a cooperação econômica global entre os dois Governos, e expressaram a expectativa de que a cooperação no campo da tecnologia abrirá nova era nas relações amigáveis e de cooperação existentes entre os dois paises.

Agricultura, títulos e fretes

8.10 O lado brasileiro enfatizou que as exportações de produtos agricolas brasileiros para o Japão têm grande importancia no desenvolvimento da economia brasileira e expressou seu desejo de promover contratos de longo prazo, em bases comerciais, a fim de assegurar a exportação estável de produtos agricolas de importancia para o Japão.

Tomando nota da declaração feita pelo lado brasileiro, o lado japonês afirmou existir a possibilidade de um aumento, no futuro próximo, das importações japonesas de produtos agricolas brasileiros e de o Brasil se tornar um importante fornecedor de produtos agricolas ao Japão.

8.11 Os dois lados manifestaram apreciação pelo progresso alcançado na cooperação entre os dois paises no campo dos investimentos e concordaram em iniciar estudos conjuntos de medidas necessárias para criar um ambiente conducente à maior promoção de tal cooperação.

Nesse sentido, os dois lados reconheceram que medidas para facilitar o intercambio de informações serão estudadas como parte da cooperação global entre os dois paises.

8.12 Os dois lados declararam que estão em curso negociações relativas ao lançamento no mercado de Tóquio de titulos do Governo brasileiro, com denominação em Yen, e observaram que no momento aumentam as possibilidades do Brasil no mercado japonês de capitais.

O lado brasileiro expressou sua satisfação com relação a este ponto.

8.13 Os dois lados conferiram grande importancia às conferências de frete para estabilidade de transporte maritimo e afirmaram que deveria haver uma tendência para a adoção gradual do conceito de igualdade reciproca nas operações das conferências de frete.

8.14 O lado japonês indicou que está pronto a examinar a concessão de um empréstimo ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico para assistir o setor privado brasileiro na compra de máquinas, equipamentos e serviços japoneses, tão logo sejam comprometidos os recursos do empréstimo em vigência, concedido ao BNDE pelo Banco de Importação e Exportação do Japão. O lado japonês indicou também que está pronto a examinar a concessão de um empréstimo ao Banco do Brasil.

8.15 Os dois lados declararam que estão em curso entendimentos para a formação de um consórcio de bancos japoneses para coordenar no mercado japonês empréstimos financeiros a serem concedidos a empresas brasileiras que desenvolvem projetos prioritários. Nesse sentido, o lado japonês afirmou que está pronto para estudar a matéria com atitude favorável, mantendo sempre em mente as intenções dos bancos privados japoneses.

8.16 O Presidente e o Primeiro-Ministro reconheceram que o desenvolvimento ordenado dos serviços aéreos entre o Brasil e o Japão deverá ser encorajado.

9. O Presidente e o Primeiro-Ministro notaram com satisfação que o intercambio cultural desempenha um papel importante no desenvolvimento da compreensão mútua entre os povos do Brasil e do Japão. Reafirmaram que os dois paises devem continuar a promover o intercambio cultural e acadêmico em vários setores.

10. O Presidente e o Primeiro-Ministro reconheceram a conveniência de facilitar a entrada e permanência de nacionais de cada pais no território do outro e decidiram que os dois Governos estudarão a possibilidade de adotar as medidas apropriadas para esse fim.

11. O Presidente lembrou que o Brasil é o pais que acolheu o maior número de imigrantes japoneses, os quais têm dado uma importante contribuição ao desenvolvimento do Brasil. O Primeiro-Ministro recebeu esse comentário com profunda satisfação e expressou a expectativa de que o fluxo de pessoas entre os dois paises seja ainda incrementado.

12. Sua Exa. o Presidente Geisel e Sra Geisel expressaram seu apreço pela cordial e calorosa hospitalidade que receberam do Governo e do povo japonês e expressaram também os mais sinceros votos pela felicidade de Suas Majestades o Imperador e a Imperatriz e da familia imperial e pela prosperidade do povo do Japão."

Presidente elogia fé no futuro

Tóquio — Ao discursar no banquete de retribuição à Familia Imperial, no Palácio Akasaka, o Presidente Ernesto Geisel destacou a "extraordinária confiança dos japoneses no futuro e sua determinação de construí-lo. Tudo no Japão está associado à preocupação com a justa medida, com a proporção, com o equilíbrio, dispensando qualquer excesso".

O Imperador Hiroito, depois de se confessar "comovido com as palavras carinhosas que acabo de ouvir", afirmou que a visita do Presidente Geisel ao seu país "é um acontecimento que marca época na história das relações entre o Brasil e o Japão". Disse também que, a partir dessa visita, estarão estreitadas as relações de ambos os países "nos mais variados setores".

CULTURA EQUILIBRADA

O General Geisel manifestou-se sensibilizado pela maneira como os japoneses têm sabido conservar a herança que lhes foi legada em valores tradicionais de cultura. Elogiou a forma "sábia de conciliar a tradição com influxo renovador das idéias ocidentais que, importadas, valorizam ainda mais outros aspectos da vida social japonesa. Veio, assim, o Japão de hoje a conseguir esse raro compromisso entre a vitalidade do novo e a sabedoria do antigo, e que lhe é tão particular".

— O mundo de hoje anuncia, talvez, uma nova civilização, que será certamente o resultado do tão adiado encontro entre o Ocidente e o Oriente. O encontro entre o Brasil e o Japão e o encontro entre essas culturas. Pelo exemplo que representa, tenho a certeza de que, ao enriquecer nossos dois povos, não deixa, também de enriquecer a própria humanidade.

Resultados deram grande confiança

Os hóspedes oficiais do Governo japonês, que hoje de manhã embarcam para Quioto — onde os espera um programa exclusivamente turístico — formavam um grupo bem diferente do que chegou a Tóquio há quatro dias. Vieram com um programa de dificuldades a superar nos encontros, mas agora já se mostram eufóricos. Antes de tudo com as repercussões obtidas.

Se os resultados materiais dessa visita ainda levarão algum tempo para brotar — em forma de dinheiro vivo no Brasil (e se os dividendos politicos têm um sabor exclusivo para o paladar acurado dos especialistas), uma coisa ela deu imediatamente aos funcionários de variada hierarquia que vivem com o Presidente Geisel: confiança.

ENTREVISTAS

Na quarta-feira ainda, quando desceu em Tóquio a comitiva brasileira, era preciso telefonar às redações dos jornais japoneses oferecendo entrevistas com os Ministros que acompanhavam o Presidente Geisel. Ontem a imprensa lotou o imenso salão Alaska do edificio do Clube de Imprensa Nipônico para ouvir o Presidente. E havia pedidos de todas as redações em Tóquio para entrevistas com os membros da comitiva brasileira.

Não há dúvida de que esses três dias de visita oficial mudaram alguma coisa nas relações entre o Brasil e o Japão. Antes, nos jornais do interior, quatro deles, pelo menos, os dados sobre o embarque do Presidente, distribuidos pela Embaixada, sairam com a identificação de noticia mandada de Buenos Aires. Depois de dois dias do desembarque, 16 jornais japoneses publicavam suplementos especiais sobre o Brasil. Entre eles, o **Asabi Shimbaun** — o mais importante da imprensa do Japão — num grande artigo comparava a passagem da equipe presidencial por Tóquio ao tufão que dias antes tirara tudo de seus lugares no Sul do pais.

Comunicado conjunto teve, pelo menos, 17 mudanças importantes

Marcos Sá Corrêa

Tóquio — A rapidez com que descongelaram vários acordos de cooperação econômica no breve intervalo entre o desembarque em Tóquio, na quarta-feira, quando o Presidente Geisel deu pessoalmente instruções sobre a postura que se deveria manter nas negociações, e a viagem de hoje para Quioto, não deixa ver toda a distancia que foi percorrida nesse curto periodo.

Mas ela pode ser medida, com precisão, pela diferença entre o último rascunho de comunicado conjunto, o que foi analisado no encontro de quarta-feira, e o documento final que hoje está sendo divulgado em Tóquio. Eis algumas das mudanças mais importantes no texto:

• **Créditos** — O texto anterior dizia, no item 7:

"O Primeiro-Ministro afirmou que (...) a quantia de créditos de exportação a ser concedida ao Brasil nos próximos três anos deve atingir a cerca de 1 bilhão e 500 milhões de dólares nos próximos três anos, no total"...

Agora, se lê:

"O Primeiro-Ministro declarou que, (...) o volume dos créditos de exportação para o Brasil deverá ser substancialmente ampliado.

Em seguida, no mesmo item, onde se escreveu:

"O Presidente acolheu e apreciou altamente esta declaração"...

Registrou-se: "o Presidente apreciou esta declaração"...

• **Albras** — O texto não mudou, a não ser por pequenas alterações formais.

• **Desenvolvimento Agrícola do Cerrado** — O texto não foi alterado.

• **Tubarão** — O texto não foi alterado.

• **Praia Mole** — No rascunho, esta parte estava em branco.

• **Cenibra-Flonibra** — Desapareceu, na versão definitiva, um parágrafo que dizia: "Ambas as partes anotaram com reconhecimento que maiores esforços devem ser feitos entre os parceiros relativos a problemas como o suprimento de madeira **in natura**..."

• **Importação de Minério de Ferro** — Foram feitas mudanças formais.

• **Usiminas** — Foram feitas mudanças formais.

• **Nibrasco** — Foram feitas mudanças formais e o texto se tornou mais preciso, incluindo datas que não constavam do rascunho.

• **Tecnologia** — Ocorreram mudanças formais.

• **Comércio e Investimentos** — Desapareceu o parágrafo que dizia:

"No curso das discussões, o lado japonês se referiu às eventuais restrições às importações impostas pelo Governo brasileiro e o lado brasileiro tomou nota"...

• **Produtos agrícolas** — A pedido do Brasil foi acrescentada a palavra próximo na frase: "... o lado japonês estabeleceu que há possibilidade no futuro próximo de um aumento na importação pelo Japão de produtos agricolas brasileiros"...

• **Investimentos** — Desapareceu uma referência à "proteção dos investimentos" japoneses no Brasil, no primeiro parágrafo.

• **Bônus brasileiros** — Mudanças apenas formais.

• **Frete** — Mudanças formais, que projetam a discussão do principio de equidade na partilha de fretes para o futuro.

• **Linhas de crédito** — Estava escrito:

"O lado brasileiro expressou a esperança de que o Japão poderia abrir linhas de crédito em favor do BNDE e do Banco do Brasil para assistir o setor privado brasileiro na compra de maquinaria japonesa, equipamento e serviços na implementação de projetos industriais. O lado japonês afirmou que o Japão está pronto para examinar a abertura de linhas de crédito no momento em que os empréstimos concedidos ao BNDE pelo Eximbank do Japão estiverem sacados".

• **Consórcio de Bancos Japoneses** — Dizia-se: "O lado brasileiro expressou o desejo de que as empresas brasileiras que têm projetos prioritários tenham assegurados empréstimos financeiros levantados pelo consórcio de bancos japoneses no mercado japonês e o lado japonês afirmou que estava pronto para estudar o pedido, sempre tendo em mente as intenções dos bancos privados japoneses."

Foi substituida, além de outras alterações formais, a referência "a que se trataria de ur: pedido brasileiro" e, onde afirma que "o lado japonês estudaria o caso", foi acrescentada a condição "com atitude favorável."

• **Serviços Aéreos** — Mera declaração de intenções, foi mantida apenas para servir de base a conversas futuras. A entrada em operação de vôos de empresas japonesas para o Brasil sofre limitações não do lado brasileiro, mas dos Estados Unidos, que não permitem que a rota faça escalas em seu território, tornando assim a operação antieconômica.

• **Acordo Cultural** — Não mudou.

• **Entrada e Saida** — Foi excluido todo o fim do parágrafo que dizia:

..."E um acordo reciproco extinguindo a exigência de vistos de passaporte foi assinado entre os dois paises na ocasião da visita presidencial."

• **Imigrantes** — Estava dito que:

"O Presidente replicou que os japoneses que emigraram para o Brasil haviam-se transformado em bons cidadãos brasileiros (...) e afirmou que o Brasil continuaria a aceitar imigrantes japoneses no futuro."

E se disse:

"O Primeiro-Ministro (...) expressou a esperança de que o fluxo de pessoas entre os dois paises seria ainda mais ampliado no futuro."

Banco de Tóquio lidera empréstimos

Tóquio — O Ministro Reis Veloso confirmou ontem a possivel formação de um Sindicato, sob a liderança do Banco de Tóquio, para levantar empréstimos de 300 milhões de dólares, no mercado japonês, destinados, numa primeira fase de aplicações, à Superintendência Nacional de Marinha Mercante (Sunamam), com o objetivo de financiar a construção naval.

O Ministro esclareceu que o Japão, além disso, colocou à disposição do Brasil créditos de fornecedores — *supplier's credit* — no total de 1 bilhão 500 milhões de dólares, para serem aplicados, conforme o indice de nacionalização a ser estabelecido, na compra do equipamento para o complexo Albrás-Alunorte, Usiminas, Tubarão, Capanema e portos de minério.

Foi esclarecido também que o financiamento de 100 milhões de dólares para o terminal de Praia Mole terá o prazo de pagamento de 17 anos. A outra condição favorável são os juros de 5,75% — quase 3% mais barato do que o crédito do Euromercado.

Ele confirmou que permanecem em negociações contratos da Interbrás, para vender ao Japão soja, milho, carne e mel.

Projetos exigem coordenação

Os bons resultados obtidos pela viagem do Presidente ao Japão deverão obrigar o Governo a criar um eficiente sistema de concretização das medidas previstas no comunicado Miki-Geisel que envolvem, pelo menos, oito Ministérios e podem perder a aceleração quando as discussões chegarem ao segundo escalão.

Sabe-se que as negociações foram perfeitamente enfeixadas porque na primeira reunião da comitiva brasileira, realizada no Palácio Akasaka o próprio Presidente fez questão de corrigir o rascunho do comunicado conjunto redigido em inglês. Ao mesmo tempo o General Geisel interferiu pessoalmente para determinar a tônica da viagem, mostrando que o Brasil não se apresentava ao Japão como um país em busca de dinheiro.

Os itens do comunicado vão desde fábricas de celulose e de chapas de aço até grandes projetos portuários e ambiciosos contratos de exportação de minérios. Para o Japão esses projetos fazem parte de um só pacote que será negociado sincronicamente nos próximos anos. Caso na passagem dos assuntos para o segundo escalão, alguns itens comecem a apresentar dificuldades num ministério, isso poderá fazer com que outro tema, que esteja em outra Pasta, seja desacelerado pelos japoneses.

Nesse sentido, há o antecedente do próprio projeto do alumínio, saudado fartamente durante a visita ao o Brasil no então Primeiro-Ministro Tanaka, em 1974, e que até hoje sofreu vários obstáculos. De certa forma, ele foi renegociado agora por Geisel e tudo indica que deverá caminhar.

Do lado japonês, pode-se temer o surgimento de um interesse inflexível pelo fornecimento de equipamentos, pois toda a negociação parece sustentada numa relação onde o Brasil entra com as matérias-primas e Tóquio com os bens de capital. Uma relação desse tipo, admite-se, também não e extremamente vantajosa para o Brasil, que está desenvolvendo uma política de substituição de importações nesse setor.

Geisel não vê contradições com a iniciativa privada

Tóquio — **O Presidente Geisel não vê contradições entre o Estado brasileiro e a iniciativa privada. Na entrevista que concedeu ontem em Tóquio a jornalistas brasileiros — a terceira que ele dá no Exterior e a primeira que convoca — disse que "à medida em que o país se desenvolver, os empreendimentos estatais serão fatalmente transferidos para a empresa privada."**

Antes de responder as perguntas, o Presidente se dirigiu aos jornalistas: "Quero expressar meus agradecimentos à imprensa de modo geral, e à televisão, pelo interesse que tiveram na cobertura desta visita, sobretudo quanto às negociações que se realizaram." O Presidente disse que reservou a tarde de ontem para dar a entrevista "porque agora já estão ultimadas as conversações e negociações que, de parte à parte, realizaram o Governo brasileiro e o Japão."

As próximas viagens

Leonardo Mota Neto, Jornal de Brasília: — O Sr já visitou dois importantes países da Europa e agora vem ao Japão. A dois anos e meio do término de seu mandato constitucional — e estamos agora exatamente na metade de seu cumprimento — o Sr considera encerrado o ciclo dessas viagens, que se podem considerar pioneiras, ou se dispõe a atender outros convites já formulados, inclusive partidos de outros blocos?

Geisel: Essas viagens que eu fiz ao Japão, Inglaterra e França, em grande parte foram retribuições a viagens feitas por seus governantes ao Brasil em anos anteriores. E recordo que, no caso da França, o Brasil recebeu a visita do Presidente De Gaulle; no caso da Inglaterra, o Brasil recebeu a visita de Sua Majestade, a Rainha e, no caso do Japão, além de vários ministros, sobretudo, a do Primeiro-Ministro Tanaka e do Príncipe-Herdeiro no tempo do Presidente Costa e Silva. Estas visitas significavam quase que uma obrigação social do Brasil em retribuí-las. Claro que, a esta retribuição, nós aliamos outros motivos e outras razões. Não posso dizer que tenha se encerrado o ciclo de minhas viagens. É possível que ainda realize outras, dependendo da circunstancia. Eu tenho vários convites e não sei se vou atendê-los quando e como. Tenho, por exemplo, previsto para os primeiros dias de novembro, o encontro com o Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Peru, encontro que possivelmente se realizará na fronteira próxima à região de Benjamin Constant ou Tabatinga. É possível que haja outros encontros e outras viagens, mas programado existe apenas esse encontro com o Presidente do Peru.

As negociações

Alexandre Garcia, JORNAL DO BRASIL: Os resultados até agora sabidos de sua visita superam o esperado e, no seu conjunto, ganharam dimensão política. Esse acréscimo foi conseguido por sua participação pessoal, o que não aconteceu na parte preliminar dos entendimentos. Que princípios nortearam a sua orientação?

Geisel — Na realidade, as negociações que se realizaram, seja no campo científico, seja no econômico, obedeceram a uma idéia básica, em que o relacionamento do Brasil com o Japão tem base bastante sólida. O Brasil já é muito conhecido no Japão, em decorrência das correntes migratórias que se orientaram há mais de 50 anos para o Brasil. O número de descendentes de japoneses hoje integrado em nosso país se aproxima de 1 milhão, são mais de 700 mil. Todos eles têm naturalmente vínculos de parentesco com os residentes no Japão. Acredito que o Brasil seja mais conhecido no Japão do que o Japão no Brasil. Essas correntes migratórias e o trabalho desenvolvido pelos japoneses no Brasil serviram de lastro fundamental para esse entendimento. Afora isso, as atividades econômicas que se realizam no Japão e se realizam no Brasil são complementares. O Brasil é sobretudo grande supridor de matérias-primas e o Japão é carente de matérias-primas para a sua industrialização. Há, então, uma complementação econômica que serve extraordinariamente a ambas as nações. Há, também, uma coincidência de pontos-de-vista no campo da política internacional. Ambos os países acham que não podem viver isoladamente, porque no mundo de hoje há uma interdependência entre as nações e ambos os países são também, essencialmente, pacíficos. Acham que o mundo deve viver em paz e que todos nós devemos trabalhar neste sentido.

João Firmino Pena (Ultima Hora: — Quais os efeitos, das negociações aqui realizadas, no nosso balanço de pagamentos e no quadro de nossa dívida externa?

Geisel — As negociações que realizamos no campo econômico têm em vista problemas a longo prazo. Lançamos bases que, a médio prazo, já vão produzir resultados, mas se projetarão no futuro num programa muito mais vasto de longo prazo. Não creio que tenhamos efeitos imediatos de grande vulto no nosso balanço de pagamentos, por exemplo: lançou-se projeto, em definitivo, de produção de alumina e alumínio na Amazônia. Este projeto vai ter a sua execução iniciada em 1977, mas a produção só se iniciará em 1981. Então os efeitos serão a médio prazo. Há alguns efeitos que serão mais imediatos como os contratos de venda de minérios de ferro, que foram ampliados. Os contratos de venda de **pellets** e de celulose, possivelmente já no ano que vem, irão proporcionar maior soma de divisas para o Brasil. Por maior que seja o resultado desses contratos, eu atribuo maior importancia às negociações na base que nós constituímos, de entendimentos, e que darão resultados multiplicados num futuro mais remoto. Não sei se já respondi inteiramente a sua pergunta, ou se há algum detalhe que mereça ser esclarecido.

Pena: — Estou satisfeito.

O Estado e a iniciativa privada

Feichas Martins (Correio Brasiliense): — Poderá um país em desenvolvimento, como o Brasil, alcançar uma conciliação ampla e permanente dos interesses das empresas privadas com os interesses do Governo, a exemplo do que ocorre no Japão?

Geisel — Eu acho que sim. Não vejo antagonismo, como muitos querem, entre as empresas privadas e as empresas governamentais. Acho que elas se complementam. Veja que o Estado atua sobretudo na infra-estrutura. O Brasil é um país jovem e imenso, extraordinariamente carente de infra-estrutura: são estradas de ferro, estradas de rodagem, portos, aeroportos, telecomunicações, e assim por diante. São empreendimentos que exigem grandes recursos e que não são atrativos do ponto-de-vista de remuneração. São empreendimentos que só o Estado pode realizar. Afora isso, o Estado participa de certos empreendimentos industriais, sobretudo daqueles que são básicos e que têm maturação a longo prazo, como o da energia, da produção de aço e, assim por diante. Todo o resto está entregue à iniciativa privada. E há grande número de empreendimentos em que a empresa privada se associa à estatal. Eu não considero isto, absolutamente, um problema inconciliável. E acho que na medida em que o país se desenvolver, esses empreendimentos estatais serão fatalmente transferidos para a empresa privada.

Inflação

Merval Pereira, O Globo — O senhor acredita que poderemos retirar ensinamentos, ou sugestões, da política de recuperação econômica do Japão após 73, particularmente no tratamento de choque aqui aplicado à inflação?

Geisel — As condições do Japão são bem diferentes das condições brasileiras, inclusive nas características de seu povo. Não esqueçamos que o Japão veio de uma guerra, onde ele sofreu um choque muito maior do que o choque do tratamento da inflação. Mas há muita coisa da experiência japonesa que nós podemos aproveitar. Um dos pontos importantes das negociações que se realizaram, refere-se à cooperação que pode haver entre o Brasil e o Japão no campo tecnológico. O milagre japonês em grande parte é devido à alta tecnologia de que o Japão dispõe. Uma das maneiras de sairmos do subdesenvolvimento é não só a utilização maciça de capitais, mas sobretudo o aproveitamento da tecnologia moderna, sob pena de se montar no país uma indústria de base obsoleta. O Japão se propôs a cooperar conosco no sentido de uma maior transferência de tecnologia para o Brasil.

O cartel no minério

José Molina, Gazeta Mercantil: — O Sr transmitiu hoje, no Clube de Imprensa, a possibilidade de o Brasil participar de um cartel de produtores de minério de ferro. O Sr considera benéfico para o Brasil as atividades de cartéis existentes, como a OPEP?

Geisel — "Eu não preconizei que o Brasil participasse do cartel de minério de ferro. Mostrei que o Brasil era contrário a cartéis. Eu admiti, como uma hipótese extrema, que, se os preços do minério se aviltassem a tal ponto que nos prejudicassem na produção e na exportação, o Brasil poderia encarar a hipótese de participar de um cartel. Mas, em princípio, o Brasil é contrário aos cartéis. Exemplifiquei que, em produtos como o café, o cacau, e o açúcar, nós sempre procuramos estabelecer acordo entre os produtores e consumidores, de modo a assegurar, de um lado, preço satisfatório aos produtores e, de outro, evitar que os consumidores fossem submetidos a um preço muito alto. Eu sou, e o Brasil é, essencialmente contrário aos cartéis, sobretudo porque no caso do petróleo estamos sofrendo as consequências da cartelização, embora eu reconheça que os preços primitivos do petróleo eram baixos demais, mas em essência, a política brasileira não é favorável a cartéis.

A entrevista com a imprensa brasileira continua na página seguinte

Vínculos com EUA são fortes

Ferrovias

Aldo Magalhães, Correio do Povo: — Sr Presidente, considerando o objetivo declarado de seu Governo, e há pouco reafirmado, de equipar o sistema ferroviário brasileiro, e diante dos avanços técnicos do Japão nesse setor, foi encaminhada alguma providência no sentido de inplantar sistemas mais modernos nas ferrovias brasileiros?

Geisel — Com relação ao Japão, não. Numa conversa que eu tive com o Primeiro-Ministro Miki hoje pela manhã, ele fez referência à viagem que amanhã (hoje) se vai fazer a Kyoto, usando um trem ultramoderno e de grande velocidade. Eu disse a ele que, para nós, também constituia um interesse, mas que, por enquanto está no terreno dos sonhos ter uma estrada de ferro desse tipo ligando o Rio de Janeiro a São Paulo. Infelizmente, dentro das prioridades que nós temos de estabelecer no país, em face dos recursos disponíveis que estão muito aquém das nossas necessidades, esse projeto tem que permanecer, por enquanto, como sendo um sonho. Evidentemente, chegará o dia em que nós iremos cuidar um pouco mais desse problema. Veja que em matéria de ferrovia, no Brasil, estamos num estágio quase que de obsolescência. Todo o sistema ferroviário brasileiro é antiquado. Ele está sendo remendado.

Nós estamos construindo variantes, fazendo obras, sobretudo nas áreas que consideramos correspondentes aos corredores de exportação. Como empreendimento novo, estamos procurando construir a ferrovia de Belo Horizonte a São Paulo e, preliminarmente com variante, que vamos fazer em primeiro lugar, para Volta Redonda. Pois bem, nessa ferrovia, a que estamos procurando dar características modernas, estamos encontrando dificuldades pela soma de recursos necessários para a execução de uma obra desse vulto. Acontece que, no Brasil, para outros empreendimentos, como da energia elétrica, telecomunicações e marinha mercante, existem recursos especiais destinados. No caso das ferrovias, nós não temos os recursos, normalmente têm que sair do orçamento da União e o dinheiro de que se pôde dispor até agora é muito pouco em relação à magnitude do problema que nós temos. Mas isto não é motivo de desanimo, porque nós vamos lutar e vamos ver se melhoramos o nosso parque ferroviário. Há uma estrada de ferro hoje — último modelo — que foi equipada e estruturada em grande parte com o auxílio dos japoneses, que é a Vitória—Minas, que serve à Companhia Vale do Rio Doce. Graças à modernização desta ferrovia, o seu equipamento e o seu controle, é que o Brasil pode exportar grandes massas de minério de ferro a um preço competitivo. Estrada de ferro moderna, que faz transporte a baixo custo e, por isso mesmo é que podemos vender minério de ferro no Japão, competindo com a Austrália, que está aqui perto. Eu desejaria, embora isso seja extremamente difícil, que o nosso parque ferroviário se modernizasse tomando por padrão esta estrada de ferro da Vale do Rio Doce. Mas isto vai custar muito dinheiro e muito esforço.

Relações com as democracias industrializadas

Sérgio Mota Melo, O Estado de São Paulo: — Ainda no ambito da politica externa, nas relações internacionais do Brasil com as chamadas democracias industrializadas, como é o caso do Japão, Estados Unidos e outros países da Europa, em que medida o caráter particular das instituições brasileiras continuará a interferir nestas relações internacionais? Ou estas interferências, na sua opinião, tenderão a se reduzir no futuro, como consequência de uma possível evolução destas instituições?

Geisel: — Não, eu creio que essas relações... Eu vou ver se consegui interpretar bem a sua pergunta. Eu creio que essas relações com as chamadas democracias industrializadas se desenvolverão. Nós somos um país estreitamente vinculado aos Estados Unidos. Somos amigos dos Estados Unidos há longos anos; inclusive é uma amizade baseada, em grande parte, na decorrência geográfica. Essas relações só tendem a aumentar e a se desenvolver, apesar de tropeços que, de vez em quando, surgem, sobretudo no campo econômico. Do mesmo modo, com os países da Europa — França, Inglaterra, Alemanha, sobretudo — que são os mais desenvolvidos da Europa, e temos ainda a Itália, a Espanha e Portugal, já por outras razões. Nós desenvolveremos nossas relações ao máximo, da mesma maneira, com o Japão. O Brasil, na sua politica, como muitas vezes o Ministro Silveira diz, orienta-se no sentido ecumênico. Não temos preferência por nenhum dos países. Nem o fato de nos vincularmos estreitamente a um significa menosprezo em relação a outro. De maneira que eu acho que, apesar de todas essas coisas que se resolveram aqui, nesses dias, no Japão, nossas relações com os Estados Unidos e outros países tenderão a se intensificar.

Progresso e liberdade fiscal

Haroldo Cerqueira Lima, Folha de São Paulo: — No discurso no Keidanren, o Sr disse, claramente, que o Brasil está superando rapidamente os efeitos da crise econômica internacional, e, portanto, não está longe o momento de adotarmos internamente uma política econômica financeira mais liberal. O Sr poderia situar no tempo o início dessa política liberalizante e seus fundamentos principais?

Geisel: "Não creio que nós possamos situar isto no tempo. Ainda temos problemas com o balanço de pagamento. São problemas que só vão se resolver a médio prazo. Agora temos um problema um pouco mais difícil, que é o recrudescimento da inflação. São problemas aos quais nós temos que estar atentos e seria leviandade se eu dissesse: nós vamos aliviar e liberalizar nossa economia dentro de seis meses, ou dentro de um ano. Sinceramente não posso fazer prognóstico neste sentido, mas acredito que com a evolução, com o trabalho que estamos realizando no país e com a possível melhoria do quadro internacional, que de certa forma se prenuncia, é possível admitir que essas medidas sejam em caráter temporário. Não poderão se estender por longos anos, mas sinceramente seria muito prematuro eu lhes dar uma indicação no tempo.

Brasil na Ásia

André Gustavo Stumpf, revista Examé — Que variável nova os acordos assinados em Tóquio introduzem na política brasileira na Ásia?

Geisel: "Não creio que tenha grandes modificações no quadro brasileiro. Na Ásia, nós mantemos boas relações com vários países. Como sabem, pouco depois de eu assumir o Governo, reatamos as relações com a China. São relações que estão se desenvolvendo lentamente, no sentido positivo, na busca principalmente de maior intercambio comercial e temos relações com outros países da Ásia, mas não são muito estreitas. O único país com que realmente temos relações mais profundas é o Japão. Isso acontecia antes da minha visita e vem de anos, desde a imigração japonesa para o Brasil. Depois, com os empreendimentos que os japoneses fizeram, juntamente conosco, sobretudo na Usiminas, na Ishibrás, no setor da petroquímica, melhoraram. De modo que havia um bom relacionamento, sobretudo no campo diplomático, com o Japão. Esse relacionamento se intensificou, mas não creio que ele tem desdobramentos maiores para outros países da área.

Ricos e pobres

Murilo Melo Filho, revista Manchete: — "Estamos informados de que o Primeiro-Ministro japonês lhe sugeriu a possibilidade de o Brasil e Japão ajudarem na mediação de um diálogo Norte-Sul. Caso afirmativo, em que termos a sugestão foi feita e quais as ponderações que o senhor apresentou em resposta?

Geisel: — "Realmente, o Primeiro-Ministro Miki, analisando a posição do Brasil como uma nação emergente, em franco desenvolvimento, achou que o Brasil poderia servir de mediador entre as duas partes — o Norte e o Sul; vamos dizer, entre os países industrializados e os subdesenvolvidos. Eu mostrei a ele que, na realidade, o Brasil está no grupo dos países subdesenvolvidos. Ele faz parte deste conjunto que anseia por se desenvolver. Embora esse conjunto não seja homogêneo, pois há evidentemente diferentes graus de desenvolvimento e o Brasil ocupe neste conjunto, que é de mais de 100 países, uma posição destacada, ele não poderia se expor a ser simplesmente um mediador, uma vez que ele é parte. Ele só poderia funcionar como mediador se os países desenvolvidos, os que chamamos do Grupo Norte nos dessem determinadas condições para desempenhar este papel de mediação. Mas, de qualquer maneira, tanto o Japão como o Brasil se comprometeram a trabalhar no sentido de harmonizar essas duas áreas e conseguirem dos países do Norte uma cooperação maior para desenvolver os países do Sul.

Janelas para o mundo

Lizete Castro, O Liberal: — A sua preocupação de abrir janelas do Brasil para o mundo se enriqueceu de que forma nos contatos que o Sr manteve no Japão, nestes dias?

Geisel: — Eu acredito que sobretudo a imprensa poderá relatar o que fizemos nestes dias. Os brasileiros também vão abrir um pouco as suas janelas, vão olhar um pouco mais para o mundo. Não sei se os outros precisam conhecer mais o Brasil ou se nós precisamos conhecer mais os outros, ver o que o mundo tem de bom e o que tem de ruim, e em consequência fazer a comparação e amar um pouco mais o Brasil.

Lizete Castro: — Ao fim dos trabalhos desta viagem, o Sr teria uma mensagem para o povo brasileiro?

Geisel: — "A mensagem que eu posso mandar ao povo brasileiro é complemento ao que eu acabo de dizer. E' uma mensagem de otimismo. Nós atravessamos dificuldades, mas eu acho que elas são mínimas em relação às dificuldades que os outros têm. Mesmo os países desenvolvidos enfrentam dificuldades. Todo o mundo enfrenta dificuldades e, neste sentido, acho que o Brasil, pela potencialidade que ele encerra, pela extensão de seu território, pelas qualidades do nosso povo é um país em que as dificuldades ainda são mínimas e elas ainda podem ser superadas se nós soubermos trabalhar.

Geisel viaja no trem que não compra

Tóquio — Mesmo tendo deixado claro que o Brasil não tem interesse de comprar o trem-bala japonês para a ligação entre o Rio e São Paulo, o Presidente da República vai fazer hoje a viagem de quatro horas entre Tóquio e Kioto num vagão especial da composição mais veloz do mundo que chega a correr, em alguns de seus trechos a 250 quilômetros por hora.

Rápido e pontual, o Hitari é o único ramal ferroviário japonês que dá lucro. Não tem grandes confortos além das poltronas semelhantes às dos aviões e um simples serviço de sanduíches e bebidas. Originalmente ele serviu para ligar Tóquio ao grande centro industrial de Osaka. Em seguida a linha prosseguiu em direção ao Sul, devendo chegar, nos próximos anos, até Nagasaki, na extremidade da ilha. Esse trecho poderá colocar em questão a viabilidade do ramal, pois grande parte da linha deverá ser passada por túneis.

O programa de hoje

O dia do Presidente Ernesto Geisel hoje começa às 9h15m com a partida do Palácio Akasaka para a Estação de Tóquio, onde o General Geisel, D Luci e Amália Luci tomarão o trem Bala em direção a Quioto, a antiga Capital Imperial, a 520 quilômetros de Tóquio. 'As 12h27m os visitantes chegarão a Quioto.

'As 15h visitarão o antigo Palácio Imperial e, às 16h10m chegarão ao Castelo de Nijo. 'A noite, jantarão no restaurante típico Tsuruya e retornarão ao hotel às 22h. Na segunda-feira, os visitantes saem do hotel às 9h20m para visitar o templo Ti-On-In e às 10h41m já estarão viajando de volta a Tóquio, de trem. Voltam, ainda, ao Palácio Akasaka para a cerimônia de despedida, às 17h5m e às 18h estarão embarcando no Aeroporto de Haneda para o Brasil, descansando terça-feira em Los Angeles.

Pré-metrô conclui projetos e obras começam em janeiro

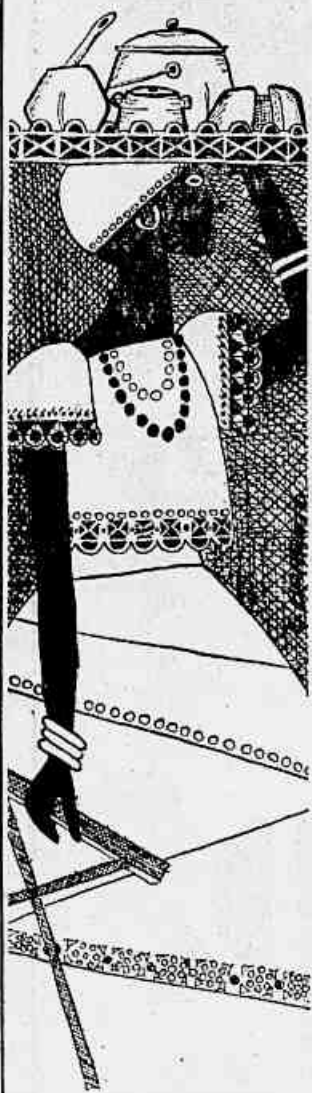
Cargueiro atômico chega hoje

O único navio mercante do mundo movido a energia nuclear, o cargueiro alemão **Otto Hahn**, deverá aportar hoje no Rio de Janeiro, onde permanecerá pelo menos até terça-feira, quando será visitado por autoridades. A embarcação, que também funciona como laboratório de pesquisas, transportará minério brasileiro.

As vantagens do barco, conforme o estaleiro construtor, o Kieler Howaldtswerke, estão no abastecimento, feito apenas de cinco em cinco anos, quando se troca o reator. Os construtores garantem que não há perigo de poluição nuclear.

DEFICITÁRIO

O **Otto Hahn** tem 13 mil toneladas e é deficitário, apesar das vantagens apresentadas pelo construtor. O transporte paga só 10% do custo operacional. Os 90% restantes são financiados pelo Governo alemão, que tem necessidade de manter as pesquisas sobre embarcações impulsionadas a energia atômica.

O navio esteve no Brasil em julho de 1972 e já percorreu 460 mil milhas marítimas, passando por 19 outros portos.

Com o traçado global já definido, projetos das 12 estações detalhados e concorrências concluídas até o final do ano, o pré-metrô — um bonde moderno, cujo custo é 10 vezes menor do que o metrô — está pronto para sair do papel e tornar-se realidade. Em janeiro, começam as obras nos 17,5 km de linhas, entre Maria da Graça e São João de Meriti.

Integrado ao metrô, através da Linha 2, em Maria da Graça, o pré-metrô garantirá a versatilidade do sistema, permitindo que 2 milhões 300 mil habitantes da Zona Norte e de municípios da Baixada Fluminense tenham acesso rápido ao Centro do Rio de Janeiro. As obras deverão estar concluídas no final de 1978.

Metrô

Com traçado à superfície, o pré-metrô vai integrar-se à rede prioritária básica do metrô, que deverá estar concluída em 1979, com um total de 20 km de linhas, entre Botafogo e Praça Saens Peña (Linha 1) e entre Estácio de Sá e Maria da Graça (Linha 2).

O diretor do planejamento do Metrô, engenheiro Fernando MacDowell, acredita que 80% da população poderá utilizar-se do sistema metrô-pré-metrô, desde o início da operação. O sistema será uma espécie de espinha dorsal do transporte de massa do Rio e da Baixada Fluminense, que permitirá a integração com todos os demais tipos de transportes, com base em pesquisas que estão sendo realizadas em ônibus urbanos, trens, barcas, *frescões* e até carros particulares.

"Já foram pesquisadas 1 milhão 100 mil pessoas no Grande Rio. Hoje, temos indicadores de origem e destino de todos os tipos de transporte, motivos de viagem, fluxos, horários de movimentação etc. A cidade, para efeito de pesquisa, foi dividida em 280 áreas de tráfego, trabalho muito mais perfeito de que o realizado, em 1968, por um consórcio alemão, que fez os estudos de viabilidade do metrô e dividiu a cidade em apenas 54 zonas" — disse ele.

O Centro

Segundo o engenheiro Fernando Mac Dowell, os dados computados são impressionantes.

"O Centro urbano do Rio concentra, por dia, apenas dos transportes coletivos, 655 mil 467 pessoas. Acrescidos os que usam automóvel, esse número se eleva a 810 mil 40 pessoas. Em relação ao pré-metrô, conhecemos toda a movimentação diária em transportes coletivos e trens, das pessoas que moram em São João de Meriti, Nilópolis e Nova Iguaçu. Esses três Municípios dão origem, por dia, a 381 mil 860 viagens; desse total, apenas para o Rio de Janeiro, Nova Iguaçu tem 145 mil viagens; Nilópolis, 30 mil; e São João de Meriti, 71 mil — acrescentou.

Informou o diretor de planejamento do metrô que, para o Centro do Rio, diariamente viajam 11 mil 900 pessoas de São João de Meriti; 20 mil 843 de Nova Iguaçu; e 7 mil 145 de Nilópolis. Essas pessoas podem ser classificadas como futuros usuários diretos do pré-metrô. Segundo cálculos realizados, só o pré-metrô terá uma área de influência indireta e direta sobre 2 milhões 300 mil pessoas.

Duque de Caxias não está na área de influência do pré-metrô, mas, sim, na do metrô, através da integração com as linhas da Rede Ferroviária Federal, na Estação de Triagem, que será comum aos dois sistemas. Pelo menos 1 mil 426 passageiros de Duque de Caxias que viajam para o Rio poderão igualmente utilizar o sistema.

Integração

Em 1979, um morador da Pavuna, que hoje gasta hora e meia de ônibus pela Avenida Brasil, para chegar ao Centro do Rio, gastará a metade do tempo, pagará tarifas mais baratas e terá música ambiente e, provavelmente, ar condicionado. Um morador de Mesquita usará um ônibus circular até São João de Meriti, onde pegará o pré-metrô, pagando uma só passagem, em virtude da integração tarifária.

Outros fatores de integração serão os grandes estacionamentos ao lado das estações, que permitirão aos proprietários de carros particulares economia de combustível e menor tempo de viagem, livre dos engarrafamentos. Os trens suburbanos, que até 1979 serão remodelados pela RFF, serão integrados ao metrô e, consequentemente, ao pré-metrô, na Pavuna, em São Cristóvão, Maracanã, Triagem e Estação Dom Pedro II. A cobrança de uma tarifa única está em estudos.

Benefícios

O engenheiro Fernando MacDowell, entre os benefícios diretos, citou o da economia de combustível: segundo pesquisas, nos percursos que serão servidos pelo metrô e pré-metrô, consome-se, atualmente 25% dos gastos de gasolina e óleo diesel de toda a cidade. Outro benefício, é o conforto:

"Morar num subúrbio ou na Baixada Fluminense — acentuou — "não será mais uma espécie de segregação. O transporte de massa moderno, que chega ao Rio com um atraso de pelo menos 50 anos, mudará gradativamente os critérios de qualidade de vida, a tal ponto que, servida por um transporte rápido, confortável e eficiente, muita gente voltará a morar em casas em centro de terrenos, com quintal para os filhos, hoje verdadeiros prisioneiros de apartamentos".

Nos fins de semana, segundo ele, um morador dessas áreas terá dezenas de opções de transportes, podendo beneficiar-se do lazer como cinema, teatro, praias.

O plano de integração, que estará concluído em novembro, vem sendo dirigido para que o carioca seja um usuário quase compulsório do metrô. Todos os demais sistemas de transportes a ele serão integrados, mediante mudança radical dos itinerários e construção de terminais e estacionamentos junto às principais estações. Além disso, haverá um amplo e permanente desestímulo às viagens em automóvel particular. Estacionar no Centro da cidade, por exemplo, será algo quase proibitivo, segundo planos que a Secretaria de Transportes vem elaborando.

Alimentador

Considera o engenheiro Fernando Mac Dowell que o pré-metrô é um transporte de massa alimentador do sistema principal — o metrô — e, também, a maneira mais racional de criar, por etapas, um metrô em função da demanda. O trecho do pré-metrô ainda não justifica a construção de um metrô.

Dependendo das características físicas de um corredor de tráfego, da identificação do hábito de viajar e das necessidades, a técnica aconselha — a regra não é geral — o uso de ônibus até uma demanda de 8 mil usuários por hora; de pré-metrô, de 8 mil a 24 mil; e do metrô, de 24 mil passageiros em diante.

Entre Maria da Graça e São João de Meriti, o pré-metrô é o ideal, porque permitirá o uso de uma composição de quatro carros na hora do *rush* e transportará 24 mil passageiros/hora. Poderá, ainda, reduzir essa composição a dois ou um carro e manter intervalos máximos de cinco minutos entre cada viagem, para atender as horas de menor movimentação, com ampla economia da via, material rodante e energia elétrica. Isso não ocorre com o metrô ou com os trens suburbanos, que têm composições definidas e não são tão versáteis.

Transformação

A medida em que a demanda for crescendo nessa área, a infra-estrutura será gradativamente transformada em metrô, até que só restem os carros para serem substituídos — a bitola é a mesma. Esses carros poderão ser aproveitados em outras linhas do pré-metrô ou usados como bondes comuns, em linhas indutoras, já que são articulados e podem dobrar esquinas. Seu reaproveitamento é total.

O mesmo ocorre com as estações do pré-metrô, que serão construídas de modo que, mais tarde, possam ser adaptadas ao metrô de superfície, mediante o aumento da plataforma, de 108 para 172 metros de comprimento, porque o metrô poderá usar composições de até oito carros, enquanto o pré-metrô terá apenas composições de quatro.

O traçado

O traçado do pré-metrô 1 (PM-1) se desenvolverá na superfície, começando em Maria da Graça e seguindo pelo leito da antiga Estrada de Ferro Rio D'Ouro, até Pavuna. A partir daí, seguirá pelo ramal ferroviário que liga Pavuna a São João de Meriti, compartilhando, no canteiro central, da futura Linha Verde do DER (RJ-083), de Del Castilho a Acari, ponto em que a linha rodoviária se desviará para a direita, num raio de 500 metros, atravessará, em corte também de 500 metros de extensão, a colina rochosa da Pedreira Progresso e atingirá a estação nº 5, no Engenho de Dentro.

Tomando ainda a direita, a linha atravessará em corte o trecho entre as Ruas Maracá e Alecrim, seguirá em tangente de 400 metros e dobrará à esquerda, num raio de 500m, para, depois, em alinhamento reto e em aterro, chegar à estação nº 6, em Vicente de Carvalho, no Km 6,7.

VIADUTO

A linha cruzará a Estrada Vicente de Carvalho, que será desnivelada por um viaduto, e atingirá a Estrada Coronel Vieira, onde se desviará para a esquerda, a fim de cruzar a futura Linha Azul do DER e a Av. Monsenhor Félix, que passarão em viaduto sobre o PM-1.

A 7a. estação, a de Irajá, ficará logo depois desse cruzamento, de modo a permitir, no futuro, fácil integração dessa linha com a linha 3 do pré-metrô.

Depois dessa estação, o traçado seguirá sinuoso, no eixo da Linha Verde do DER, tomará a direita, na altura da Estrada do Barro Vermelho (que também passará sobre o PM-1 em viaduto), e reaparecerá logo após a 8a. estação, de Colégio, no Km 6,9. A seguir, haverá um longo trecho em tangente, até o Km 10,5, onde terminará o lote.

AV. BRASIL

O lote 62 atingirá, primeiramente, a estação nº 9, de Coelho Neto, no Km 10,7, seguindo em nível de 200 m, para, depois de um pequeno trecho em contra-rampa, passar sob o viaduto da Av. Brasil. Nesse ponto, o PM-1 se afastará da Linha Verde (cuja pista cruzará o PM-1 em viaduto) e seguirá em direção a São João de Meriti, ainda pelo leito da antiga Estrada de Ferro Rio D'Ouro. Cruzará o Rio Acari, no Km 11,9, em uma ponte de 50 m de extensão, após o que haverá um ramal de acesso às oficinas.

Após cruzar uma região acidentada, em trecho sinuoso, para fugir um pouco da Av. Automóvel Clube, o traçado atingirá a estação nº 10, de Acari, no Km 12,7. A partir daí, se desenvolverá em tangente, ao nível do terreno, por cerca de 900 m, e atingirá a Estação de Pavuna—São João de Meriti, no Km 15, localizada ao lado da estação da Rede Ferroviária Federal, o que permitirá a integração dos dois sistemas.

Depois, atravessará o rio Pavuna e as vias da Linha Auxiliar da RFF e encontrará o ramal de São Mateus, prosseguindo por essa linha até a 12a. e última estação, de São Mateus, onde terminará o sistema.

Em termos de interligação, a Estação de Maria da Graça se integrará com a linha 2 do metrô e a de Pavuna, com os trens da Rede Ferroviária Federal. A distancia média entre as estações é de 1 mil e 200 metros e as plataformas de embarque terão 108 metros de comprimento, 3,2 metros de largura e 0,40 metros de altura do solo.

CAPACIDADE

As composições de quatro carros comportarão mil passageiros (seis por metro quadrado), sendo 50 sentados e 200 em pé, em cada carro. A velocidade máxima da composição será de 100 km/hora, estando prevista uma velocidade comercial de 40 km/hora. O intervalo entre cada composição será de três minutos.

Como os bondes, o pré-metrô correrá em trilhos, com tração por energia elétrica. A Companhia do Metropolitano receberá, dia 21 de dezembro, propostas para a construção dos carros do pré-metrô.

Bosque com 900 mudas de árvores e fins ecológicos é criado pela Light em Piraí

O Bosque dos Sabiás, com 900 mudas de árvores — inclusive frutíferas, para atrair os pássaros — foi criado ontem, em Ribeirão das Lajes, no Município de Piraí, pela Light, "que assim está contribuindo para a melhoria do equilíbrio ecológico do país, numa iniciativa a ser repetida nos próximos anos em todas as nossas áreas", segundo o diretor da empresa, José Rubens Fonseca.

Ao som da *Floresta Amazônica*, de Villa Lobos, foram plantadas mudas de acácia, jambo vermelho, ipê roxo, seringueira e cedro rosa por estudantes da Escola da Light — filhos dos funcionários da empresa em Piraí — pelo delegado regional do **IBDF**, João Carlos Horta Barbosa, pelo presidente da Fundação Brasileira de Conservação da Natureza, Sr Luis Emídio de Melo, e pelo Prefeito Nurlim Hassum.

NECESSIDADE

O plantio, em comemoração à Festa Anual da Árvore, faz parte de uma programação preparada pela Light e ocorreu em cinco locais, nas proximidades das usinas e instalações elétricas no Rio e em São Paulo, compreendendo uma área aproximada de 60 mil metros quadrados. A festividade foi realizada também em Cubatão, Santa Branca e Pindamonhangaba e uma série de palestras serão realizadas a partir de segunda-feira para 1 mil 200 alunos de 1º grau das escolas mantidas pela concessionária nos dois Estados. Os temas são A Conservação da Natureza e Preservação do Meio-Ambiente.

Para o Sr José Rubens Fonseca, "há muita necessidade de se fazer a preservação de nosso meio-ambiente e a empresa, apesar de não utilizar os recursos naturais, através de derrubadas de matas, sentiu-se conscientizada pelo problema e está iniciando esta campanha educativa de reflorestamento, pois possui áreas aproveitáveis para o tipo de trabalho".

AJUDA

Após a cerimônia, o delegado regional do **IBDF** explicou que o Governo federal "tem consciência de que há necessidade de se realizar, em todo o país, o reflorestamento econômico, através de árvores que forneçam uma boa madeira, para poder aliviar a pressão sobre as áreas ecológicas. Caso contrário, as empresas que necessitam de madeira em abundancia investirão sobre as florestas heterogêneas, provocando um grande desequilíbrio".

Admitiu que no Estado do Rio a fiscalização dos quatro parques nacionais e de uma reserva biológica sob sua guarda não é eficaz, pois a reforma administrativa não permitiu que os quadros de guardas-florestais sejam preenchidos. Por isso estão sendo usados, precariamente, guardas particulares.

Na opinião do presidente da Fundação Brasileira de Conservação da Natureza, "tudo depende de educação". A motivação de um povo para a conservação de suas reservas naturais "necessita, antes, da educação das autoridades para que exerçam influência, principalmente nos colégios."

A iniciativa da Light "é muito válida, pois ela começa a educar um grupo de crianças que mais tarde terão idéia da situação. Esta área do Vale do Paraíba está à morte, mas sempre há uma salvação, desde que todos trabalhem. A região foi muito maltratada pelos antigos plantadores de café e mais tarde pelos pecuaristas, que na ignorancia destruiam reservas florestais imensas, visando o lucro a curto prazo."

EDITAL

BENEFÍCIO FISCAL (DECRETO-LEI N.º 1.431/75)

A SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO INPS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO comunica que, tendo em vista o Decreto-Lei n.º 1.358/74, de 12/11/74, alterado pelo Decreto-Lei n.º 1.431, de 05/12/75, os promitentes compradores de imóveis residenciais do Instituto alienados através o Sistema Financeiro de Habitação, **excluídos os isentos da correção monetária**, que tenham pago até o dia 23/03/76 pelo menos uma prestação contratual referente ao ano-base de 1975, farão jus no corrente exercício, a um benefício fiscal equivalente a 12% do total das prestações efetivamente pagas, referentes ao ano-base de 1975. Esse crédito, em qualquer hipótese, não poderá exceder a quantia de Cr$ 3.960,00, nem ser inferior a Cr$ 480,00.

Comunica, outrossim, que os promitentes compradores, nessa condição, deverão comparecer, com a urgência que se faz necessária, munidos do comprovante de pagamento da prestação e cartão do CPF, até 20/09/76, ao setor de Serviços Gerais e do Patrimônio do INPS, das Agências abaixo relacionadas, nesta cidade, onde estão jurisdicionados os respectivos imóveis, a fim de se habilitarem àquele benefício. O não comparecimento no prazo acima estipulado, implicará em prescrição do direito à utilização do referido benefício fiscal.

LOCAIS DE ENTREGA DOS BÔNUS FISCAIS:

17-200 — AGÊNCIA PRAÇA DA BANDEIRA
Praça da Bandeira, 96 — s/loja
17-201 — AGÊNCIA CENTRO
Av. Pres. Vargas, 418 — 17.º andar — sala 1.701
17-202 — AGÊNCIA CAMPO GRANDE
Rua Manai, 185 — 1.º andar
17-203 — AGÊNCIA COPACABANA
Av. N. S. Copacabana, 1.049 — Loja
17-204 — AGÊNCIA MADUREIRA
Av. Brasil, 17.673 — 6.º andar — sala 614
17-206 — AGÊNCIA MÉIER
Rua Dias da Cruz, 501 — 1.º andar
17-207 — AGÊNCIA PENHA
Rua Leopoldina Rego, 542 — 1.º andar.

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1976.

O Japão está presente em todas as escolas do Grande Rio através do Jornal Mural do Brasil

Ipanema tem hoje cata-caneco

Uma distração extra para quem for, hoje às 10 horas à Praia de Ipanema, defronte à Rua Montenegro, será participar do **cata-caneco** — 50 enterrados na areia — o que dará direito a participar de graça da Festa Nacional da Cerveja, que se realizará de sexta-feira a domingo, no Pavilhão de São Cristóvão.

O Centro Catarinense, que promove a festa, organizou, ontem, defronte do Lido, a brincadeira do pau-de-sebo, com banhistas subindo num mastro de 3 m, para conseguir convites gratuitos. Houve distribuição de chope e estiveram presentes as recepcionistas que atuarão no Pavilhão de São Cristóvão.

A PROMOÇÃO

Para a solenidade de abertura da festa, no dia 24, está garantida — segundo os organizadores — a presença do Cônsul da República Federal da Alemanha, Sr Johannes Drossopulsos, que trará de Munique um barril de chope. O Consulado da Áustria também será representado por um **stand**, que exibirá produtos típicos do país. Para a festa, foram convidados os Governadores do Rio e de Santa Catarina, Srs Faria Lima e Konder Reis, e, ainda, o Prefeito Marcos Tamoyo.

O Centro Catarinense estima que cerca de 50 mil pessoas comparecerão no final da próxima semana, à promoção, prevendo um consumo de 120 mil litros de cerveja. Os convites estão sendo vendidos, em diversos postos da cidade, a Cr$ 60,00, para o dia da instalação da festa, e a Cr$ 40,00 para os dois dias restantes.

Munique — Com uma salva de 12 tiros de canhão e muitas canções, foi inaugurada, ontem, a tradicional Festa da Cerveja — mais conhecida como Oktoberfest, que reúne, todos os anos, milhões de pessoas em gigantesca área localizada numa planície próxima de Munique.

O Prefeito de Munique, Sr Georg Kronawitter, abriu a golpes de machado o primeiro barril, após um desfile de carros alegóricos pelas principais ruas da cidade, com bandas de músicas e moças com trajes típicos.

A festa, que dura 16 dias, terminará oficialmente no primeiro domingo de outubro. Uma jarra (litro) de cerveja custa, este ano, 3,95 marcos (cerca de Cr$ 16). Esta é a 142a. vez que ela é realizada.

Coderte vai abrir mais estradas

A Coderte abriu concorrência para a construção de novas rodovias no interior do Estado, visando ao escoamento da produção agropecuária do interior dos municípios para os grandes centros. São estradas vicinais, para as quais foram abertas concorrências.

Uma concorrência prevê a construção de 51 km da rodovia no valor de Cr$ 13 milhões em Paraíba do Sul, Valença, Rio das Flores e Vassouras. Outra estrada é de 148 km, para ser entregue num prazo de três meses. Seu custo será de Cr$ 28 milhões 400 mil e beneficiará os municípios de Campos, São Fidélis, São João da Barra, Cambuci, Miracema e Itaperuna.

"Jornal Mural" fala do Japão nas escolas do Rio e leva Brasil aos japoneses

A primeira visita de um Chefe de Estado brasileiro ao Japão foi aproveitada como tema pelo Departamento Educacional do JORNAL DO BRASIL para preparar um *Jornal Mural* dedicado àquele país, lembrando também a imigração japonesa para o Brasil. O trabalho foi distribuído a todas as escolas de primeiro e segundo graus do Rio quando o Presidente Geisel viajou para o Japão.

Para ser editada em Tóquio, com ideogramas japoneses, uma segunda versão do Mural — falando mais sobre o Brasil — foi organizada em colaboração com a UNESCO e encaminhada ao Consulado do Japão, que promoverá sua circulação entre aproximadamente 1 milhão de alunos das escolas japonesas de primeiro e segundo graus.

ATIVIDADES ESCOLARES

Na versão em português, o Mural sobre o Japão traz informações atualizadas, como dados demográficos e da produção econômica, além de ensinar como se canta o **Kimigayo** (Hino Nacional Japonês) e de mostrar as ilhas que compõem o arquipélago conhecido secularmente como o Império do Sol Nascente. Na versão em japonês, estas informações foram substituídas por dados sobre o Brasil, de maneira que os estudantes daquela nação possam conhecer melhor o país onde vivem milhares de seus compatriotas.

As versões têm uma parte comum — a que fala sobre a chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil e sobre a influência exercida por seus descendentes em diversos setores de atividades econômicas e na própria formação da sociedade brasileira moderna.

Duas escolas do Grande Rio foram escolhidas para promoverem um aprofundamento maior do tema: a Escola Tóquio, em Campo Grande, e a Escola Japão, que fica dentro de uma colônia de lavradores japoneses em Santa Cruz. Nos dois estabelecimentos — que reúnem mais de 1 mil estudantes — os professores aderiram ao programa de atividades extracurriculares proposto pelo Departamento Educacional, utilizando material fornecido pelo Consulado do Japão, como publicações, filmes, **slides** e gravuras. Na **Escola Tóquio**, os alunos iniciaram programação de atividades que inclui o preparo de monografias e desenhos sobre aspectos do Brasil e que serão encaminhados ao Japão.

"JORNAL DO PROFESSOR"

O **Jornal do Professor** de setembro, que começa a ser distribuído esta semana a 15 mil professores e educadores do Município do Rio de Janeiro, traz reportagem sobre o novo currículo de 1º grau que a Secretaria Estadual de Educação fará adotar nas escolas **a partir de** 1977.

A edição publica também artigo do professor Jader de Brito, da Escolinha de Arte do Brasil, sobre os principais conceitos pedagógicos de Jean Piaget. O tema central é dedicado à Recuperação, mostrando-a como prática de ensino capaz de diminuir o alto índice de retenção escolar.

Os professores interessados em receber o **Jornal do Professor** devem escrever para o Departamento Educacional do JORNAL DO BRASIL, Avenida Brasil, 500, 6º andar.

Cehab-RJ divulga lista das famílias que terão casa própria em novembro

A Companhia Estadual de Habitação (Cehab-RJ) divulgou ontem a lista das 2 mil 292 famílias classificadas entre 31 mil candidatos inscritos no programa de casa própria, cujas chaves serão entregues no dia 6 de novembro. As unidades estão localizadas no Rio: 500 casas na Estrada do Campinho, em Campo Grande e o restante na Fazenda Botafogo, setor B.

No próximo dia 25, os classificados deverão comparecer ao Estádio do Maracanãzinho, a partir das 8h, quando serão atendidos por uma equipe treinada da Cehab. Neste dia, a documentação exigida deverá ser apresentada até as 18h para que a Companhia confira os dados. Somente depois é que os contratos vão ser assinados. O não comparecimento implicará desistência.

PROGRAMA

A entrega deste lote de casas e apartamentos faz parte do primeiro resultado do Programa Permanente de Inscrições Públicas. Estão relacionados candidatos que se inscreveram até 30 de novembro do ano passado e obtiveram, por avaliação de computação de dados, as classificações iniciais. A seleção tomou por base os indicativos sociais e econômicos, além do número de dependentes. A Cehab-RJ ainda está calculando o preço das prestações que os beneficiados terão de pagar durante 20 anos.

No Maracanãzinho, vão se apresentar candidatos a 622 casas-embrião (salão, banheiro, cozinha e área para ampliação futura), a 100 casas de um quarto e 449 de dois quartos.

Desequilíbrio regional ainda é problema

Até que ponto a estrutura do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) é a responsável por situações de injustiça fiscal, que penaliza os Estados? Essa é a principal questão que há dois anos os Secretários de Fazenda estaduais colocam para o Governo federal, sem que, até agora, haja uma resposta satisfatória, já que os argumentos prós e contra têm-se baseado em intuições e não em dados concretos sobre a balança comercial interna.

Na realidade, hoje o Governo federal não tem o quadro da balança comercial interna, isto é, quem vende o que, em que quantidade e para quem, na circulação de mercadorias entre os Estados. O Ministério da Fazenda está há dois anos realizando um levantamento neste sentido, através das Guias de Informação do ICM, sem ter ainda conseguido compor o quadro.

Colonialismo?

Sem os dados concretos da balança comercial interna, as autoridades federais têm-se mantido neutras na questão, recusando até agora as teses que vêm sendo propostas de reformulação do ICM, no sentido de eliminar as distorções que são apontadas constantemente pelos Estados, principalmente os mais pobres, que se julgam injustiçados, e em alguns casos, como o de Minas Gerais, sofrendo o que se denomina de "colonialismo" interno.

O ICM, que está completando 10 anos de sua implantação no país, tem sido objeto nesse período de constantes alterações em sua sistemática, para adequar, na maioria dos casos, a carga tributária dele decorrente ao equilíbrio econômico nacional.

Apesar de as estruturas econômicas regionais serem diferentes por causa destes desníveis, as duas grandes regiões econômicas (Norte-Nordeste e Centro-Sul) têm alíquotas do ICM diferenciadas, representando maior arrecadação para os Estados consumidores quanto às mercadorias compradas dos Estados produtores.

Na base do problema está a reivindicação dos Estados mais pobres de uma maior participação nos benefícios proporcionados pelo desenvolvimento econômico, diminuindo os chamados desequilíbrios regionais. Mas, um dos obstáculos a isso é o fato de que o Brasil não possui uma estrutura econômica interna com características de complementariedade. Isto é, os Estados disputam os mesmos incentivos nos vários setores da economia, com a montagem de pólos industriais e agrícolas competitivos entre si, numa concorrência até certo ponto predatória.

Os Secretários de Fazenda dos Estados têm manifestado ultimamente que para obter um maior equilíbrio, o Governo federal deveria aperfeiçoar a estrutura tributária brasileira, principalmente quanto ao sistema de distribuição dos incentivos fiscais, com base no ICM. Alguns defendem a tese da federalização do tributo, como alternativa para os problemas gerados pelos incentivos concedidos com base no ICM. Com a federalização — que demandaria uma reforma constitucional e poria por terra o princípio federativo da República — caberia aos Estados exercerem a função de fiscalização, arrecadação e receita do tributo.

Minas sustenta a tese de que ao subsidiar produtos primários para São Paulo e Rio de Janeiro, o Estado perde receita, já que o ICM é recolhido sobre a diferença entre o valor da entrada e o valor da saída da mercadoria. A cada contribuinte cabe recolher apenas a diferença entre os débitos e os créditos de ICM ocorridos em determinado período. Na prática, toda a entrada de mercadoria confere ao destinatário um crédito equivalente ao imposto pago pelo remetente; em contrapartida, toda saída de mercadoria obriga a um débito do imposto.

A queixa de Minas é que existe, dessa forma, um "colonialismo", já que os seus principais produtos, que são agropecuários, não geram para o próprio Estado a diferença entre a entrada e a saída.

São Paulo e Rio de Janeiro contestam a queixa, afirmando que se Minas Gerais cobrasse ICM sobre o leite, minério de ferro e carne, os outros Estados não teriam condições de comprar esses produtos, devido ao seu custo final, já muito agravado pelo frete. Complementam o argumento com o fato de que os produtores mineiros encontram mercados no Rio e São Paulo e que os benefícios para Minas são indiretos, sem a participação direta do Estado, mas beneficiando o setor privado, um distribuidor natural de riquezas.

Os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro sustentam ainda que em relação a Minas não se trata de colonialismo, já que também realizam operações tributárias, em alguns casos, com prejuízos.

Arrecadação mostra desigualdade

A arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias dos Estados é um reflexo da estrutura econômica de cada região do país. O desenvolvimento dos setores primário, secundário e terciário na economia da região vai determinar o grau de participação dos produtos na arrecadação total dos Estados.

Na região Nordeste, por exemplo, a atividade agrícola faz com que o algodão, o sisal e o abacaxi tenham importancia fundamental para a arrecadação do ICM no Estado da Paraíba. Em Alagoas, a cana-de-açúcar participa com 21% do total arrecadado e, no Maranhão, o babaçu e o arroz são as principais fontes de arrecadação há três décadas.

São Paulo

São Paulo — Os produtos de maior peso na arrecadação do ICM no Estado de São Paulo são os metalúrgicos em geral, com 12%; material de transporte, especialmente a indústria automobilística, com 9,2%; eletroeletrônicos, com 6,3% e produtos alimentares, com 5,1%.

Os produtos agrícolas em geral — industrializados — respondem por cerca de 15 a 20% da arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias. A arrecadação desse imposto, no Estado, em 1975, somou Cr$ 26 bilhões e segundo técnicos do Governo o montante a ser arrecadado este ano deverá chegar a Cr$ 32 bilhões. Esse acréscimo ocorrerá apesar da queda de 5% nas alíquotas, em 1976.

Pernambuco

Recife — O comércio é a maior fonte de receita do ICM em Pernambuco, segundo a Secretaria da Fazenda, que afirma ter no comércio varejista isoladamente, a maior parcela da receita estadual daquele tributo. A indústria gera 41% e agricultura 17%, cabendo ao comércio 42% da receita total do Estado.

Embora não classifique a receita segundo produtos e englobe um determinado grupo de atividade produtiva, em Pernambuco os principais geradores de ICM são revenda de veículos; produtos têxteis, produtos alimentícios e comercialização de móveis e eletrodomésticos.

No mês de dezembro de 1975 — última data de levantamento circunstanciado e tabulado da arrecadação de ICM no Estado — o comércio varejista contribuiu com Cr$ 56 milhões; a indústria, com Cr$ 61 milhões e comércio atacadista com Cr$ 27 milhões.

Esses três grupos de arrecadação contribuem para formação da receita total em seus setores, nos seguintes percentuais: 65% no comércio varejista; 58% no comércio atacadista e 59,5% no ramo industrial.

Maranhão

São Luís — As principais fontes de arrecadação do ICM do Maranhão continuam sendo, como há três décadas, o babaçu e o arroz. Estes dois produtos respondem pela arrecadação em cerca de 70%. Todos os esforços feitos no sentido da diversificação da agricultura e da industrialização nos últimos anos ainda não tiraram a predominancia absoluta do babaçu e do arroz de que o Maranhão é, respectivamente, o maior e o quinto produtor do país. Nos dois últimos anos, porém, o ICM cobrado sobre a exportação de madeiras tem subido significativamente.

Manáus — Mais de 70% do ICM arrecadado no Estado do Amazonas é proveniente do comércio de produtos estrangeiros vendidos na Zona Franca de Manáus. Os 30% restantes estão divididos entre a indústria e os produtos agrícolas regionais. Por não ter outras fontes de renda, o Amazonas é um Estado pobre que vive praticamente da arrecadação do ICM, que perfaz um total de 90% do total de sua arrecadação, que em 1975 foi de Cr$ 502 milhões 852 mil 820.

Pará

Belém — Os quatro principais produtos do Estado, sobre os quais incide o ICM, são a pimenta-do-reino, fibras de juta e malva, madeira e cereais, do setor primário, representando 15% da arrecadação do ICM do Estado e 7% da arrecadação total, incluindo as transferências federais e os fundos de participação. A comercialização de produtos manufaturados (a maior parte é importada) representa 70% da arrecadação do ICM do Pará, sendo os 30% restantes representados pelos setores primário (20%) e industrial (10%).

Goiás

Goiania — O setor primário da economia continua tendo destacada participação na formação da arrecadação do ICM em Goiás que tem uma economia essencialmente primária. Segundo o balanço geral do Estado, referente a 1975, essa participação chegou a 41,96%, perdendo por pouco para o setor terciário, cuja participação foi de 48.52%, ficando o setor secundário com os 9,52% restantes.

Em cifras, a participação foi esta, em 1975: setor primário — Cr$ 378 milhões 210 mil 971; setor secundário — Cr$ 86 milhões 199 mil 867; setor terciário — Cr$ 439 milhões 329 mil 574.

Os principais produtos sobre os quais o ICM incide são, pela ordem de valor da arrecadação: o arroz, o algodão e a soja. A agricultura participa com o percentual de 30,88% na formação do ICM, ficando a pecuária com o percentual de 11,08%.

Fosfato na estaca zero

Descoberto pela CPRM, o fosfato de Patos de Minas está na estaca zero: a empresa criada pela associação da Camig, Petroquisa e Finase para explorá-lo é a única que não dispõe de áreas com o minério A nova empresa pública excluiu a Vale do Rio Doce e enfrenta a passividade da CPRM que desenvolveu os trabalhos pioneiros.

Ao que se sabe, uma surda disputa de bastidores está se desenvolvendo entre as empresas públicas interessadas no projeto do fosfato. Grupos privados que detém jazidas e know-how **apreciável em mineração ficaram marginalizadas. Enquanto isto, o país continua importando nutrientes fosfatos que atingiram, em 1974, quase 350 milhões de dólares.**

AS ÁREAS DO FOSFATO DE MINAS

A faixa de rocha fosfática de Patos de Minas estende-se ao Norte e Sul do rio Parnaíba com 50 quilômetros de comprimento, 50 metros de profundidade e uma largura que oscila de 300 a 2 mil metros. A EMI é detentora de 60% da superfície requerida, a CPRM, com 24% da área, dispõe de 50% das reservas. Os outros 16% estão divididos entre a Sopemi, Grupo Tricontinental e Corofosfato. Em toda a área, somente a CPRM já completou as pesquisas, mas os técnicos avaliam a reserva em 2 bilhões de toneladas de rocha fosfática sedimentar que pode ser utilizada in natura, *diretamente no solo, para culturas inclusive de ciclo rápido. A descoberta deverá causar uma revolução agrícola na região do cerrado de Minas, Goiás e São Paulo.*

Empresa que vai explorar em Patos de Minas não dispõe de área nem de tecnologia

A descoberta em 1974 de uma reserva de rocha fosfatada avaliada em 2 bilhões de toneladas, na região de Patos de Minas, vem provocando controvérsias: apesar de quatro empresas privadas de mineração deterem 76% da superfície requerida, elas permanecem como meras expectadoras, aguardando soluções oficiais envolvendo a CPRM, estatal, detentora de 24% da área restante e de parte da reserva.

Numa primeira fase, predominou a hipótese de que se chamariam grupos privados para explorar a jazida, a própria CPRM com seus estatutos modificados para poder lavrar, ou outras empresas experientes em mineração, a exemplo da Vale.

Predominou, entretanto, uma corrente de funcionários e políticos que levou o Governo a criar uma nova empresa de economia mista, composta pela Companhia Agrícola de Minas Gerais — Camig, com 20% — a Petrobrás Fertilizantes — com 20% — e a Fibase, empresa controlada pelo BNDE, também com 20%. O restante das ações deveria ser subscrito por empresas privadas.

Empresários privados ligados à mineração e que analisaram a forma como vêm evoluindo os fatos disseram que hoje se assiste a um choque de superfuncionários: os que entraram no projeto e os que foram marginalizados. Uma das soluções que propõem seria a de que o fosfato fosse explorado por companhias estatais que possuam *know-how*, em associação com os empresários privados proprietários das áreas: Empreendimentos Minerais — EMI — Grupo Tricontinental, Corofosfato e Sopemi (da Anglo-American-De Beers e Grupo Antunes).

Acaso comanda

A descoberta dessa imensa reserva de rocha fosfática na região de Patos de Minas e Lagamar, de fato, foi fruto de mero acaso. Ao passar pelo curral de uma fazenda na região, o engenheiro Adamir Gonçalves, da CPRM, que havia trabalhado com fosfato em Abaeté, identificou um pedaço de rocha que o fazendeiro confirmou: é fosfato, já analisado em Belo Horizonte.

Imediatamente a CPRM requereu três áreas, no distrito de Rocinha, com 4 mil hectares, e iniciou as pesquisas. Na região o grupo Emi já dispunha de 83 áreas requeridas para diamante e enviou o geólogo Octávio Barbosa ao local. Seguindo plantações de milho, que só vingavam onde havia fosfato no solo árido do cerrado, e outra pista vegetal, uma paineira especial, a *bombax tomentosum* além de aroeira e angico, o geólogo constatou que a ocorrência do fosfato era direcional: um traço que se prolongava ao Norte e Sul, numa faixa de 50 quilômetros de fosfato.

Assim o Grupo Emi requereu a faixa Norte do rio Paranaíba até a cidade de Lagamar, passando a deter 60% da área do fosfato. A Tricontinental requereu a única área livre, com cerca de 5 milhões de toneladas, junto da CPRM, já que mais ao Sul a área pertencia à Sopemi (da Anglo American-De Beers-Grupo Antunes) e à Corofosfato. Estava fechado o cerco em torno do imenso filão fosfático, com teor que oscila de 12 a 30% de P205 (pentóxido de fósforo).

Euforia

Este, dizem eufóricos os técnicos dessas empresas privadas, é o fosfato para o Brasil. E explicam: há dois tipos de rocha fosfática, a de chaminé, tipo Araxá, Tapira, Catalão, Itapema que são fosforitos de natureza complexa, sempre associado a ferro, titanio, nióbio e de baixa solubilidade, não podendo ser empregado *in natura*, já que a planta não o absorve: só pode ser empregado como fertilizante.

Já o fosfato de Patos, do tipo sedimentar, tem bom teor de solubilidade, podendo ser utilizado imediatamente na agricultura, inclusive para culturas de ciclo rápido. Trata-se, afirmam os técnicos, de uma descoberta sem precedentes na área mineral brasileira, podendo concorrer para que o país alcance sua auto-suficiência na produção de concentrados fosfáticos. Hoje, a euforia se estende a toda a região de Patos e Lagamar, onde já se pode pedir em um restaurante o *Filé à Fosfato* e eleger a Rainha do Fosfato, que recentemente teve bela festa, com um alegre cortejo de 500 automóveis.

Toda a euforia que está envolvendo a descoberta do fosfato e sua potencialidade para a economia do país — que chega a importar 500 mil dólares dia de fertilizantes potássicos — não é compartilhada pelos técnicos da CPRM que, em tempo recorde, colocaram em funcionamento uma usina-piloto para o fosfato, para produzir 150 mil toneladas/ano. Isto, depois de realizarem uma pesquisa completa em suas áreas, as únicas até agora tecnicamente avaliadas.

Segundo informam fontes da CPRM, até agora não recebeu a empresa estatal qualquer comunicado oficial sobre a mudança de orientação da exploração do fosfato. "Tudo que sabemos é pelos jornais, e a usina protótipo continua funcionando 24 horas por dia." O *know-how* desenvolvido pelos técnicos da empresa para concentração da rocha fosfática, continua em seu poder. E comentam laconicamente: "Só sabemos que estamos trabalhando, e na hora em que recebermos ordens, vamos cumpri-las."

Quando a usina protótipo de Patos foi festivamente inaugurada a 31 de março e a empresa confiava em que continuaria desenvolvendo a exploração do fosfato, um comunicado oficial informava que um estudo de viabilidade, já disponivel, permitia antever que seria possível, em 1979, iniciar-se a produção de 1 milhão de toneladas/ano de concentrados a 34-35% de P2O5 e, um ano após, acrescentar novo módulo de 1 milhão de toneladas anuais de concentrados, do mesmo teor, lançando-se mão exclusivamente das reservas já medidas pela ...... CPRM.

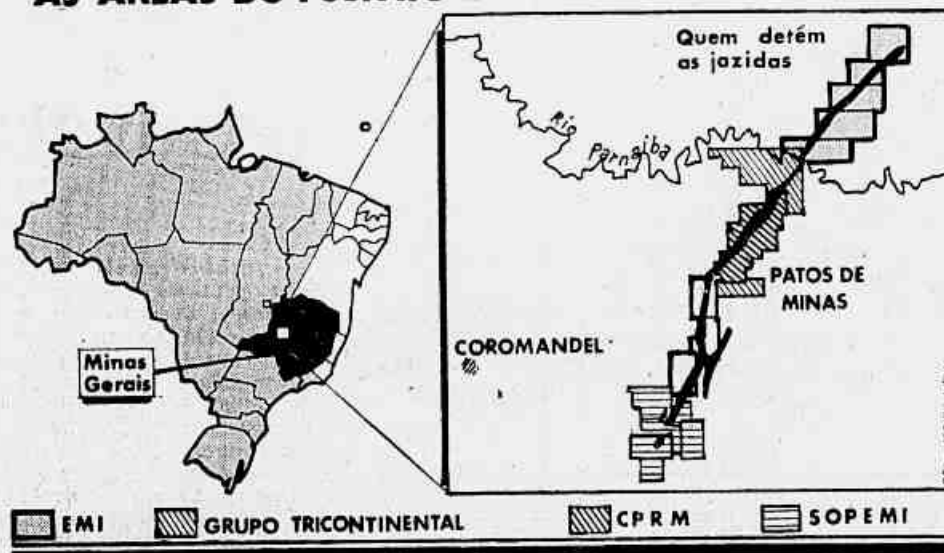
A implantação dessa unidade industrial, em sua primeira fase, deveria exigir investimentos da ordem de Cr$ 800 milhões, consumindo a potência de cerca de 14 mil Kw. A segunda fase exigira um investimento adicional de Cr$ 400 milhões e atingiria uma demanda final de 25 mil Kw. A produção final prevista de 2 milhões de toneladas anuais de concentrados é o desafio que aguarda a nova empresa formada pela Camig, Petrofertil e Fibase.

Contudo, os empresários privados que detêm as áreas vizinhas à CPRM parecem decididos a participar do desafio de tornar o país autosuficiente em fosfato. Para isto, só estão aguardando um chamado oficial. Ao que parece, já teria chegado o momento de se conceder maior participação do setor privado na exploração mineral, já que os últimos dados estatisticos revelam que mais de 60% da produção mineral no Brasil se encontra hoje nas mãos de empresas estatais. "Indice tão elevado, comenta-se no setor, não se encontra em nenhum outro país capitalista."

Congresso muda estatuto da CPRM

Brasília — A criação da empresa de economia mista destinada a exploração do fosfato de Patos de Minas está dependendo da aprovação, pelo Congresso Nacional, do projeto do executivo que permitirá à Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) negociar diretamente com empresas privadas nacionais ou multinacionais os resultados de suas pesquisas, sem licitação pública.

A informação foi prestada pelo Consultor Jurídico do Ministério das Minas e Energia, Sr Marco Antonio Lenzir, assinalando que caso a empresa de economia mista venha ser criada, efetivamente, antes da aprovação da mudança dos estatutos da CPRM, as jazidas de potássio, cuja concessão de pesquisa pertence a essa companhia, teriam que ser licitadas publicamente.

O projeto que altera os estatutos da CPRM já foi aprovado pela Comissão de Minas e Energia da Camara dos Deputados, cuja votação foi feita sem a presença dos representantes do Partido oposicionista por não concordarem em deliberar sobre a matéria na ausência do Deputado Paulino Cícero (Arena-MG), relator do projeto designado pelo presidente da Comissão, Deputado João Pedro (Arena-SP).

Precisa-se de importar 50%

Mais de 50% da demanda brasileira de nutriente fosfatado é suprida através de importações que, em 1974, custaram ao país mais de 349 milhões de dólares. A demanda nacional, total, de fosfatados praticamente quadruplicou de 1969 (consumo de 266 mil toneladas) para 1974 (consumo maior que 820 mil toneladas). Enquanto isso a capacidade nacional de fornecer esse produto continua em torno das 330 mil toneladas por ano.

Os planos brasileiros para dinamização da agricultura, metas de exportação de produtos primários agrícolas (soja, milho, açúcar) e o plano de aproveitar os cerrados farão crescer verticalmente a demanda por nutrientes do solo. Segundo dados do Programa Nacional de Fertilizantes o Brasil terá um déficit estimado em 833 mil toneladas de fosfatados em 1980, quando então seu consumo será de 1 milhão e 600 mil toneladas e a produção prevista de apenas 767 mil toneladas.

Estes dados são anteriores ao exato dimensionamento das reservas do fosfato mineiro. O Programa Nacional de Fertilizantes cita as reservas de Patos apenas como uma perspectiva de superação do déficit da região Centro, De acordo com dados do PNF é a seguinte a relação entre oferta e consumo de nutrientes fosfatádos até 1980 por regiões.

Demanda de Fosfatados (em 1 000 toneladas)

	Centro	Sul	Norte/ Nordeste
Demanda	*910*	*480*	*210*
Oferta	*627*	*89*	*51*
Déficit	*283*	*391*	*159*

Esses números evidentemente estão sujeitos a algumas revisões, principalmente no que tange ao aumento da demanda, se os vários projetos agrícolas forem implementados, como tudo parece indicar, em conjunto com capitais japoneses.

Na região Norte/Nordeste existem poucas perspectivas de atendimento local das necessidades, sendo necessário importar do exterior ou de outros Estados o fosfato necessário.

PROJETOS PARA PRODUÇÃO DE CONCENTRADO FOSFÁTICO

EMPRESA OU GRUPO	CAPACIDADE EM T/ANO P2O5 CONTIDO	INÍCIO OPERAÇÃO	MUNICÍPIO (LOCAL)	ESTADO
Arafértil	200 000	77	Araxá	MG
CPRM	45 000	MAR/76	P. de Minas	MG
Valep	324 000	MAI/78	Tapira	MG
Metago	175 000	JAN/78	Catalão	GO
Serrana	105 000	Em Operação	Jacupiranga	SP
Serrana	98 000	JAN/78	Iperó (Faz. Ipanema)	SP
TOTAL	947 000	—	—	—

FONTE: DNPM — 1975

Restauração do solo depende de nutriente

Restaurar solos cansados ou estéreis significa abastecê-los de ingredientes que os vegetais, em seu sistema de autonutrição, absorvem como alimento ao longo de suas vidas. As plantas para se desenvolverem necessitam de 16 elementos chamados de nutrientes que lhes são fornecidos pelo ar e pelo solo. Do ar os vegetais obtêm oxigênio e carbono. Do solo obtêm: nitrogênio, fósforo, potássio, cálcio, magnésio, enxofre, ferro, cobre, zinco, manganês, boro, cloro, molibdênio e hidrogênio (água). Esses elementos em conjunto correspondem a 7% em volume dos elementos absorvidos pelos vegetais.

O nitrogênio representa de 1% a 4% do peso das plantas e é extraído do solo sob a forma de nitrato NO3 e se combina com os compostos de carbono para formar os aminoácidos e proteínas.

O fósforo representa de 0,1% a 0,4% do peso seco das plantas, sendo escasso na maioria dos solos. É essencial para a divisão celular e para o desenvolvimento dos tecidos dos vegetais.

Preços no mercado mundial aumentam

Toda a indústria nacional produtora de fertilizantes fosfatados está instalada no litoral, facilitando a importação da matéria-prima que era considerada barata antes de 1974. A mudança no panorama econômico mundial alterou essa situação e a descoberta de jazimentos no interior, possivelmente, mudará esta realidade.

No mundo inteiro o mercado de rocha fosfática está passando por uma transição. Ao lado de uma escalada de preços dessa matéria-prima as transações comerciais aumentam com a tendência de que a rocha fosfática seja substituída pelo ácido fosfórico (**liquid rock trade**). As perspectivas internacionais são interessantes para países em desenvolvimento detentores de reservas de fosfato, diz um estudo da CPRM realizado sobre as possibilidades da reserva de Patos de Minas.

A partir de 1971 passou a existir um desequilíbrio entre a demanda e a oferta de fosfato. O centro de controle do mercado saiu dos Estados Unidos para Marrocos. Os preços iniciaram uma escalada após vários anos de estabilidade. Esses preços vêm estimulando o deslanchamento de projetos para aproveitamento de reservas de fosfato de baixo teor, em várias partes do mundo. O produto final de unidades deste tipo deverá ter, forçosamente, um custo maior, o que indica uma continuação dos preços altos.

A escassez de feijão-preto, leite em pó e a entressafra de carne bovina foram as causas principais da crise de abastecimento que se deflagrou nos grandes centros consumidores, principalmente, Rio, São Paulo e Brasília, onde os produtos são racionados pelo comércio, filas se organizam e até mesmo discussões e brigas acontecem.

Crise de abastecimento se repete e Governo tenta a mesma solução

Marilourdes Botto

Insistentemente, especialistas em abastecimento de gêneros alimentícios observam que as crises de alimentos no país são tão repetitivas quanto as inoperantes tentativas de solução adotadas pelo Governo. Somente o acompanhamento sistemático das safras nacionais seria suficiente para prever, em tempo hábil, a formação das crises de falta de alimento mas, o que se observa é a falta de agilidade em se tentar pelo menos minorar os efeitos das reduções nas safras sobre o abastecimento nacional.

No momento, o Rio de Janeiro atravessa uma das mais sérias crises no abastecimento de feijão-preto e, embora desde janeiro, com a perda das safras do Paraná, Santa Catarina e Bahia, os especialistas denunciassem um colapso total a partir de julho, somente em agosto os técnicos do Governo atentaram para a necessidade de importação. E embora também cientes de que o consumo no Rio é da ordem de 7 mil 500 toneladas mensais, a primeira cota importada do Chile foi de apenas 3 mil 600 toneladas, absorvidas em menos de 15 dias. Não é difícil concluir que o feijão-preto fatalmente entraria em colapso total. Nova remessa do Chile é esperada para semana que vem e o volume de 2 mil 400 toneladas atenderá menos de 10 dias, afirmam os especialistas.

Falta de informação?

Há quem diga que o parcelamento nas importações foi a forma encontrada pelo Governo para a entrada da nova safra, mas, até o distante produtor do Paraná sabe que a colheita "das águas" somente acontecerá em dezembro/janeiro. A tese de que o reforço na oferta de feijão importado a comercialização seria ativada devido ao crescimento no fluxo do feijão em poder dos especuladores (?) "cai por terra" diante da constatação, até oficial, das quebras nas safras. Não há especulação em larga escala que chegue ao ponto de afetar o abastecimento. Existe sim uma real escassez para não dizer, falta absoluta de feijão-preto em todo o país.

E enquanto os técnicos viajam para o exterior "catando" feijão em vários países e conseguindo pequenas cotas para o abastecimento ao Rio de Janeiro o mercado internacional vem reagindo, elevando os preços, e fazendo com que as compras fiquem cada dia mais onerosas para o orçamento do país. Com base no consumo mensal do Rio os especialistas sugerem que se importem 15 mil toneladas, suficientes para atender o mercado até dezembro quando começa a safra do Paraná.

Leite também era previsível?

A entressafra brasileira na pecuária leiteira sofreu uma antecipação de dois meses. O período de seca que era esperado para abril começou em fevereiro. Insistentes foram os alertas por parte dos pecuaristas que previram com bastante antecedência que a Cobal não formaria este ano os estoques de leite em pó a serem acionados na entressafra.

Mais uma vez o descrédito ou a expectativa de "dias melhores" predominou nas decisões do Governo. Se estas fossem tomadas com a suficiente agilidade — importando leite em pó em quantidade suficiente para atender às indústrias — não estariam hoje todas as Capitais brasileiras com um acentuado déficit em leite em pó. No Rio a falta atinge um percentual de 70% e em todo o Nordeste — área de maior consumo de leite em pó — há falta e cambio negro. A normalidade somente acontecerá em novembro com o reinicio da safra na pecuária leiteira.

O arroz será liberado?

Não há como justificar a permanência de um tabelamento num produto como o arroz, que, além de contar este ano com uma safra recorde, não encontra mercados para exportação. A oferta interna é expressiva, anulando a necessidade de se manter um controle de preços a nível de consumidor. O próprio secretário do Conab, Sr José Arregui diz que menos de 40% da safra foi comercializada e que o fim da intervenção ativaria o mercado.

Tanto os produtores quantos os industriais gaúchos e goianos são francamente favoráveis à extinção do tabelamento, o que poderá ocorrer ainda este mês. No entanto, desde maio cogita-se na área federal o término do controle. Mais uma vez, a morosidade nas decisões que caracteriza as decisões do Governo está aquecendo o mercado de arroz nas regiões produtoras. Na expectativa da liberação de preços os industriais estão retendo o arroz estimulando uma alta nos preços da saca.

Os especialistas prevêem que, com o fim do tabelamento nacional, os preços do arroz para o consumidor apresentarão uma ligeira elevação, principalmente para o produto de Goiás. Porém, observam que a diferença de preços entre o arroz gaúcho e o goiano ativará a comercialização do arroz do Rio Grande do Sul, tradicionalmente mais barato que o goiano. Os consumidores terão opção entre dois tipos e dois preços do arroz. A própria lei de oferta e procura se encarregará de estabilizar a possível tendência altista do arroz de Goiás.

Nos últimos dias o óleo de soja foi incluído na lista de preços máximos CIP/Sunab. Todos os supermercados são obrigados a vender a Cr$ 10,20 a lata. A nível de consumidor o mercado está bem abastecido mas no atacado, as ofertas são reduzidas. Há quem diga que movimentos especulativos estão se formando para subir o preço do óleo que para o consumidor já passou de Cr$ 8,50 para Cr$ 10,20 a unidade. As indústrias alegam que a saca de soja subiu de Cr$ 120 para Cr$ 220 nos últis dias, e por isso o óleo precisou sofrer tal reajuste. E o aumento no preço do óleo de soja ocorre exatamente no ano em que o Brasil colhe a maior safra de soja de sua história.

Leite em pó ainda está em falta

São Paulo — Há mais de um mês o consumidor paulista deixou de comprar o feijão-preto, que não é encontrado nos estabelecimentos comerciais. O leite em pó também está escasso e é atualmente o produto mais disputado nos supermercados principais da cidade, que chegam a organizar filas, a exemplo a cada cliente.

Assim encontra-se o abastecimento em São Paulo, no que diz respeito àqueles produtos básicos adquiridos pelo consumidor, de acordo com informações colhidas junto aos supermercados. Quanto aos demais produtos, geralmente de boa qualidade, o paulista não tem maiores problemas. A compra de arroz, feijão de cores, carne congelada (a estocada pela Cobal) e óleo de soja é normal.

Segundo o presidente da Associação Brasileira de Supermercados, Sr Fernando Pacheco de Castro, as irregularidades do abastecimento estão ocorrendo no caso do feijão (principalmente o preto) em consequência da última safra pequena, enquanto o leite em pó está faltando pela carência de leite fresco para a industrialização, o que é confirmado pela Nestlé, um dos maiores produtores brasileiros. O arroz custa em São Paulo Cr$ 4,50 o quilo (o de melhor qualidade); o feijão de cores, Cr$ 15,10 (o roxinho); óleo de soja Cr$ 10,20 a lata; e carne, Cr$ 19,50 o quilo (alcatra).

Carne

Brasília — A péssima qualidade da carne congelada que vem sendo comercializada em Brasília é, atualmente, o maior problema enfrentado pelas donas de casa da cidade. O aspecto ruim e a falta de sabor do produto resultam da utilização de técnicas não recomendáveis no processo de descongelamento. O Governo, responsável pela coordenação do abastecimento de carne na entressafra, não fiscaliza as condições em que o produto é negociado.

Outro problema é a falta de feijão-preto no mercado local, que ocorre desde o início da comercialização da safra da seca. O feijão-roxinho, que em plena oferta nas mercearias e supermercados da cidade, é vendido pelo preço médio de Cr$ 14,60, o quilo.

Cancelamento de Carnês do Plano de Expansão

A TELERJ comunica aos participantes do Plano de Expansão, possuidores de carnês de números abaixo relacionados, que deverão atualizar os pagamentos das prestações na Av. Rio Branco, 156, 4.º andar, de segunda a sexta-feira, no horário de 9.00 às 16.30 horas, até o dia 30-9-76.

O não cumprimento da solicitação acima, dentro do prazo estipulado, implicará no cancelamento da inscrição, na retirada do telefone e na perda de todos os direitos, conforme determinam as normas do autofinanciamento de serviços públicos de telecomunicações.

A instalação dos telefones somente atenderá aos participantes com os pagamentos em dia.

A048406	A055868	A0559L	A06622L
A06834G	A07618P	A079716	A08515N
A100807	A11490M	A11540A	A119075
A120005	A12049N	A12131C	A121854
A12799T	A12924W	A15911A	A160490
A16725I	A167871	A171218	A173512
A18496M	A18583C	A191058	A202410
A210710	A218009	A21963H	A22006T
A224653	5168505	5171749	51722202
5173042	5176854	5177126	5181623
5183637	5184650	5211289	5212543
5217187	5230016	5230727	5232434
5234398	5251566	5255369	5266994
5269006	5273404	5276324	5277462
5278494	5300173	5304266	5305453
5307638	5309307	5312541	5318150
5323613	5325840	5323944	6328919
5331772	5331988	5353511	5354725
5560342	5362314	5365200	5368725
5370408	5370978	5371711	5375993
5377056	5379666	5378823	5380589
5381389	5381785	5383401	5384218
5385620	5390349	5391354	5391388
5401443	5401583	5404678	5413745
5418447	5418975	5420252	5420351
5426143	5428966	5432760	5432976
5435722	5435904	5435953	5438122
5470273	5470810	5471172	5481833
5486568	5515903	5543848	5547377
5559455	5564059	5565064	5570486
5572607	5573423	5573480	5577440
5585963	5589486	5590187	5598594
5599345	5600101	5602024	5602099
5602883	5604251	5609821	5610449
5611371	5621081	5621297	5623095
5624648	5626254	5628383	5631676
5633482	5635362	5636250	5642046
5642848	5644604	5648902	5651245
5655774	5656145	5656830	5662820
5663422	5664719	5664859	5665120
5667597	5671110	5672571	5673702
5687074	5681598	5684139	5685458
5687074	5688890	5689013	5692157
5695531	5696646	5697776	5699129
5699863	6005557	6011779	6015887
6017826	6017842	6017859	6025647
6026421	6026868	6028179	6030597
6042683	6043426	6044143	6045629
6051023	6053722	6063440	6065841
6066922	6067417	6069561	6072797
6074769	6075543	6076798	6076806
6078216	6078927	6079784	6080253
6083588	6085906	6087340	6087357
6087712	6088785	6089858	6092977
6094668	6095020	6098099	6099378
6100770	6101331	6103493	6105621
6106710	6115794	6119614	6123228
6125199	6125660	6125769	6129761
6130900	6139455	6143325	6145718
6146336	6146427	6149256	6150171
6150767	6151518	6157267	6162507
6165161	6167175	6172852	6173942
6175624	6176366	6183164	6184527
6188882	6189773	6191951	6195358
6201461	6202204	6203905	6204069
6204416	6204952	6209035	6213573
6217236	6221592	6223856	6223861
6225213	6225247	6226377	6227227
6227656	6231542	6232292	6232300
6232409	6234421	6234678	6235113
6238638	6240600	6240709	6241947
6242341	6243893	6244289	6244388
6244891	6245799	6247563	6248314
6248751	6248769	6250245	6250567
6250963	6251136	6251698	6251755
6252993	6255608	6256135	6256515
6261663	6263115	6264485	6265508
6267082	6268510	6269583	6269633
6275796	6276901	6277305	6280721
6283931	6283964	6234046	6285806
6287908	6289300	6290746	6291009
6291124	6291223	6295331	6296545
6300057	6306062	6306187	6306534
6306591	6307045	6307078	6307797
6310619	6313035	6313746	6313845
6314561	6315279	6316582	6317085
6320253	6321368	6327084	6330229
6330276	6331805	6332860	6332910
6333066	6333850	6334023	6335384
6335616	6336184	6336283	6336614
6337950	6338040	6338370	6338867
6339329	6339337	6340657	6341291
6342117	6343008	6346985	6349005
6349153	6353999	6352173	6354104
6355077	6355713	6356943	6365142
6365803	6366082	6369581	6370183
6370969	6371611	6371868	6372072
6372650	6373419	6375885	6375968
6376453	6378459	6379804	6379986
6380158	6380331	6380356	6381810
6381982	6382626	6382675	6383939
6387245	6387914	6389175	6389738
6389746	6389852	6390637	6390744
6391619	6392153	6392575	6394357
6394365	6395628	6395842	6396675
6397905	6399703	6399919	6400550
6401541	6404693	6405047	6405096
6406789	6406805	6407449	6407654
6407860	6408967	6409205	6413405
6413454	6413686	6416267	6416614
6416812	6417117	6417372	6419501
6419949	6419980	6420186	6420871
6421432	6421648	6423099	6423115
6423585	6423727	6424014	6425367
6425730	6426183	6426316	6426332
6426373	6426761	6427074	6428452
6429641	6430185	6434724	6435069
6436471	6436604	6437388	6437800
6440291	6442214	6442495	6443717
6444111	6444764	6445449	6446876
6447221	6452551	6453195	6454383
6454458	6454532	6455729	6455935
6455950	6455976	6456149	6457550
6457659	6458160	6458574	6458673
6459002	6459192	6459242	6459309
6462162	6464390	6466395	6566437

6467278	6468011	6468185	6469365
6469597	6472450	6473466	6475164
6475396	6475677	6476022	6470306
6478853	6478804	6479265	6479356
6579513	6480347	6480545	6481196
6482459	6484646	6485932	6486088
6486617	6487847	6488449	6488456
6489678	6490072	6490619	6492961
6492995	6493720	6495055	6495154
6495246	6495527	6495634	6500193
6501506	6503049	6509285	6509582
6510879	6512867	6516306	6516389
6517924	6518369	6519714	6519995
6523153	6523245	6523336	6523419
6524995	6527790	6529457	6536809
6536825	6536841	6537294	6537351
6537609	6540165	6541494	6542187
6544621	6545271	6547236	6556047
6559983	6562466	6563043	6563092
6563746	6564488	6564587	6565006
6565519	6567291	6570196	6570402
6570659	6571699	6573141	6573190
6573588	6577340	6577548	6578140
6578801	6585558	6588149	6587448
6592315	6592844	6593040	6593115
6593727	6596837	6597124	6597322
6598767	6598775	6599237	6600241
6600654	6600894	6602346	6603336
6603468	6603740	6603815	6604573
6604698	6606123	6607766	6607774
6609168	6609218	6609325	6609499
6609721	6609747	6609937	6610059
6610257	6610778	6610919	6610943
6611461	6611602	6611917	6611925
6611941	6612055	6612345	6612451
6612477	6612576	6613194	6614150
6614309	6614374	6615090	6615181
6615280	6615330	6615496	6615553
6615660	6616130	6616148	6616155
6616197	6616213	6616486	6616734
6616767	6616775	6617120	6617138
6617344	6617500	6618425	6618508
6618714	6618813	6619316	6619597
6619605	6619654	6619688	6619704
6620553	6622104	6623245	6622518
6622716	6623250	6623961	6624209
6625321	6625594	6625693	6625941
6626956	6627392	6627400	6627673
6628259	6628416	6628580	6628820
6628952	6628994	6630495	6631055
6631675	6631758	6631832	6631915
6633358	6634117	6634125	6634307
6634356	6634620	6634653	6634901
6635056	6635171	6635320	6636401
6636484	6636690	6637771	6637862
6639140	6639231	6639249	6639470
6639850	6640064	6640197	6640221
7000011	7000359	7000730	7000854
7001043	7001050	7001456	7001795
7001845	7001928	7002058	7002066
7002272	7002520	7002561	7003486
7003577	7003700	7003726	7003833
7004443	7004625	7004765	7005069
7005341	7005366	7005424	7005481
7005499	7005564	7005572	7005630
7005705	7005713	7005986	7006216
7006760	7006844	7007032	7007222
7007578	7007826	7009152	7009236
7009749	7009806	7009814	7009988
7010283	7010317	7010598	7010648
7010796	7010887	7011109	7011380
7011539	7011620	7012321	7012727
7012800	7013006	7013295	7013675
7014319	7014491	7014707	7014855
7014947	7015019	7015076	7015183
7015670	7015720	7015738	7015837
7015894	7016389	7016405	7016660
7017007	7017080	7018104	7018344
7019235	7019490	7019912	7020175
7020258	7020357	7020415	7020696
7020753	7021074	7022163	7022213
7022403	7022882	7023203	7023526
7023658	7023690	7024284	7025083
7025224	7025372	7026735	7027063
7029473	7029481	7029572	7029812
7030141	7030539	7030570	7100043
7100159	7100704	7101892	7101934
7104193	7105950	7107089	7107444
7107659	7108954	7109283	7109846
7111719	7111735	7112196	7112287
7113012	7113582	7113590	7113780
7114168	7114267	7115348	7115629
7117245	7117419	7117450	7117567
7118052	7118086	7118581	7119563
7119969	7121387	7121395	7121452
7122013	7122369	7122708	7122963
7123284	7123292	7123714	7123763
7124241	7124787	7125792	7126360
7126774	7127004	7127061	7127350
7128044	7128341	7128622	7128747
7129075	7129083	7129091	7129109
7129117	7129125	7129919	7130800
7133689	7134489	7134794	7135379
7136237	7136252	7137789	7138647
7139280	7140320	7140627	7140734
7140908	7141211	7141799	7142749
7142953	7143068	7144173	7144181
7144538	7144983	7145360	7145378
7145402	7145410	7145683	7146004
7146020	7146194	7146319	7146558
7146939	7147481	7147564	7147879
7148216	7148703	7148836	7149313
7150154	7150469	7150691	7150766
7150774	7151970	7152523	7152549
7152861	7153240	7153331	7153414
7153802	7153844	7154305	7154479
7155161	7156011	7156524	7156698
7156805	7156946	7157373	7157381
7157639	7157746	7157779	7158140
7158157	7158686	7159528	7159544
7159734	7159890	7160070	7160302
7160393	7160690	7160963	7161474
7161995	7163736	7163744	7163892
7163942	7163991	7164197	7164205
7164528	7166283	7166739	7167166
7167174	7167331	7167406	7167448
7168289	7168578	7168784	7168800

7168958	7169154	7169220	7170004
7170756	7170798	7171176	7171481
7171507	7171663	7171804	7172265
7172349	7172406	7173602	7174118
7174410	7174857	7175185	7175243
7175425	7175485	7175904	7176464
7176530	7176845	7177223	7177389
7177926	7177983	7178528	7778544
7178767	7178775	7180524	7180698
7180805	7181340	7181910	7182066
7182991	7183064	7183239	7183247
7183528	7183593	7184005	7184559
7184864	7185499	7185721	7186000
7186208	7187016	7187081	7187727
7187735	7188287	7188386	7188409
7189463	7189566	7190540	7190689
7190853	7190903	7191810	7192268
7192321	7193360	7193808	7195241
7195514	7195555	7196090	7196298
7196595	7197254	7197957	7198518
7198955	7199524	7199789	7200017
7201122	7201130	7201338	7201478
7203169	7203326	7203334	7203354
7203862	7204902	7205479	7205495
7206782	7207343	7207384	7208374
7208788	7209497	7210701	7210768
7210776	7211428	7211907	7212160
7212897	7212921	7212962	7213432
7213440	7214497	7215361	7215932
7216005	7216369	7216401	7216807
7216823	7217367	7218076	7218241
7216005	7216369	7216401	7216807
7216823	7217367	7218076	7218241
7218589	7219389	7219397	7219926
7220114	7220585	7221070	7221203
7221476	7221963	7222623	7222656
7223175	7223340	7223548	7223837
7223910	7224348	7225386	7226442
7227614	7227937	7228521	7228604
7228620	7228711	7228729	7228794
7228620	7228711	7228729	7228794
7229735	7230113	7230121	7230295
7230634	7230709	7231475	7231491
7231913	7232457	7232580	7232697
7233000	7233018	7233141	7233166
7233224	7233646	7233752	7233950
7234016	7234024	7234099	7234156
7236102	7236763	7238363	7238694
7239288	7239452	7241334	7241664
7241672	7241797	7242100	7242324
7242589	7243520	7243728	7243843
7243983	7244031	7244114	7244296
7244387	7244734	7245442	7245681
7245780	7245897	7246077	7246101
7247141	7247349	7247414	7247539
7247596	7248651	7248693	7248966
7249063	7249154	7249170	7249790
7249949	7251077	7251499	7251572
7251606	7251697	7251770	7251945
7252778	7253495	7253503	7255441
7255953	7255961	7256373	7256423
7256472	7256662	7256829	7256936
7257207	7257397	7257462	7257488
7257629	7258296	7258411	7258502
7258866	7259062	7259526	7260219
7260417	7260664	7261555	7262009
7262116	7262413	7263106	7264112
7264120	7264559	7264849	7265101
7265119	7265176	7265218	7265242
7265259	7265341	7265960	7266158
7266281	7266570	7267016	7267776
7267818	7268394	7268477	7268998
7269012	7269327	7269715	7269970
7270135	7270960	7271109	7271810
7271893	7271927	7272495	7273824
7274343	7274368	7274681	7274947
7275308	7275449	7275530	7275571
7275654	7276173	7276330	7276397
7276611	7278336	7278443	7278518
7278633	7279664	7279680	7280639
7280720	7280811	7281077	7281645
7281967	7281991	7282106	7282924
7283864	7283880	7284888	7285778
7286206	7286412	7286420	7286438
7287022	7287048	7287261	7287733
7288426	7288434	7288558	7288723
7288780	7288939	7289077	7289150
7289754	7289861	7290026	7290232
7290265	7290331	7290356	7290547
7290695	7290828	7291008	7291131
7291396	7291503	7291636	7291651
7291693	7291990	7292337	7292766
7292964	7293095	7293277	7293301
7293715	7293988	7294242	7294903
7295173	7295421	7295827	7295942
7296296	7296353	7296874	7296924
7297252	7297633	7297666	7297807
7297906	7298383	7298615	7298649
7299084	7299241	7299258	7299654
7299779	7299795	7300585	7300684
7301807	7301815	7301906	7301922
7301930	7303126	7303548	7304157
7304165	7304454	7306244	7309735
7309867	7310105	7313414	7313927
7314214	7314313	7314511	7314701
7314909	7315674	7318405	7318660
7320708	7320807	7320815	7320864
7322092	7322936	7323538	7323686
7323728	7324148	7324262	7324536
7324668	7325004	7325194	7326952
7327802	7328321	7328479	7328966
7329063	7329170	7329295	7329535
7329964	7330020	7330038	7330079
7330129	7330160	7330939	7330988
7331788	7331796	7331960	7332273
7332349	7332455	7332919	7333370
7334444	7336795	7337736	7334766
7336993	7338163	7338601	7339401
7339773	7340862	7341498	7343535
7343676	7344179	7344328	7344377
7344443	7345366	7346562	7346877
7347180	7347263	7347297	7348196
7349376	7349418	7349483	7349566
7350796	7350978	7350994	7351117
7351133	7351158	7351398	7351570
7352180	7352495	7352669	7354756
7354780			

Diálogo em Paris está indefinido

Brasília — Apenas pela indefinição geral que já ameaçou levar toda a conferência a um fracasso, o Brasil está escapando de apresentar em Paris, no chamado diálogo Norte-Sul, sua verdadeira face de um país híbrido, excessivamente desenvolvido para integrar o grupo dos pobres e ainda muito atrasado para formar no clube dos ricos.

Tal distorção — prevêem os técnicos do Itamarati — será mais evidente quando os negociadores chegarem à essência da discussão sobre os problemas financeiros — juntamente com a energia, matérias-primas e desenvolvimento econômico, um dos quatro principais temas em debate nessa reunião promovida pelo Presidente Giscard D'Estaing.

RESISTÊNCIA

Nesse item, antecipam os diplomatas, o Brasil resiste à idéia de se somar à massa de reivindicações do grupo dos países em desenvolvimento, dominado pelos mais pobres, que exige tratamento especial no que se refere a esquemas financeiros governamentais.

Isso não corresponde, às necessidades de um país o qual, como o México e Indonésia, já tem acesso aberto ao mercado financeiro internacional e se livrou, há mais de 10 anos, dos sistemas de empréstimos do tipo governo-a-governo.

Em contrapartida, suas características o afastam do círculo fechado das nações industrializadas, cujos delegados se encontram em Paris preocupados em não fazer, na prática, qualquer concessão mais significativa em questões econômicas essenciais: termos de comércio, aumento dos preços de matérias-primas, garantias de mercado, redução de barreiras tarifárias e outros itens do gênero.

— Essa reunião de Paris — sentencia um negociador do Itamarati — está se unctadizando. **O neologismo se origina na sigla UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento) e quer dizer, em outras palavras, que o diálogo Norte-Sul tende a se tornar uma nova tribuna para reivindicações dramáticas que acabam por não produzir resultados práticos. Essa tem sido a característica marcante das reuniões da UNCTAD, em Nova Deli, e em Genebra.** Toda uma década de protestos e pressões perdida na resistência dos países industrializados em abrir mão de qualquer dos instrumentos que lhe garantem o domínio do comércio internacional.

Além do subgrupo sobre os assuntos financeiros, o Brasil integra também em Paris a comissão incumbida do estudo dos problemas da energia. E, ao contrário do primeiro — onde as posições estão há longo tempo cristalizadas, dividindo em termos permanentes os subdesenvolvidos dos industrializados — esse grupo debate-se numa indefinição crônica pela novidade do tema que aborda. A crise do petróleo — explicam os diplomatas — é relativamente nova. Não existem os remédios e as fórmulas práticas de combatê-la, sequer os seus efeitos. **Em compensação, não existem também as posições cristalizadas, os preconceitos arraigados e toda a sorte de obstáculos que impedem a evolução do diálogo em outros campos da economia internacional.**

Nesse setor das discussões em Paris, o Brasil mais uma vez tem a posição de país consumidor subdesenvolvido; não é rico bastante para se alinhar àqueles que prometem represálias econômicas aos membros da OPEP que elevam os preços do petróleo, nem suficientemente pobre e pouco desenvolvido para relegar o problema da energia a um segundo plano.

Essa condição de grande consumidor não industrializado, de certa forma, situa o Brasil numa categoria sui generis em Paris. Como ele, somente a Índia, ainda assim, com problemas populacionais peculiares.

Com a experiência das duas etapas prévias do diálogo — a primeira entre março e maio, e a outra entre junho e julho — os técnicos brasileiros já prevêem que a conferência de Paris ainda irá se arrastar por muito tempo. Até agora, o impasse havido entre os dois principais grupos em assuntos básicos, como a redação do temário, não permitiu que as discussões chegassem sequer perto à essência dos problemas em pauta.

Aço exige uma política de rentabilidade

A criação de uma politica para a siderurgia poderá ser o principal resultado das dificuldades mais recentes atravessadas pelo setor. A revelação de como vem se comportanto a siderurgia estatal, poderá servir de estímulo para que se dê ao aço um tratamento mais adequado, devido à sua importancia para a economia.

Até agora, o aço brasileiro tem ficado sujeito às variações ditadas pelas pressões do momento. Um esboço de politica chegou a ser elaborado. Mas a base foi a montagem de números gigantes, sem que houvesse um esquema preliminar.

Esqueceu-se da rentabilidade. A decisão de **fazer aço** não foi acompanhada do **a qualquer preço.** Não se deu, nem à siderurgia estatal, nem à privada, os meios para que ela pudesse se expandir de uma forma ordenada.

A busca pela rentabilidade é que poderá permitir que alguns dos números de produção estimados venham a ser alcançados. Passar de uma produção de 9 milhões 500 mil toneladas, que é o número já previsto para este ano, para 42 milhões 723 mil toneladas em 1986 é uma tarefa que exigirá uma redefinição do que vem sendo feito.

Para que isso aconteça, o que sugere é:

1) dar maiores preços para o aço, apesar das suas implicações com a politica de controle da taxa de inflação;

2) reaplicação dos impostos pagos pelo setor, ou sob a forma de empréstimo de longo prazo, ou como subsidio direto.

O que se pode discutir é a aplicação simultanea ou não das duas sugestões. Vários paises fizeram isso, tanto para a siderurgia estatal, como para a pertencente à iniciativa privada.

Esta foi e parece continuar sendo a melhor forma de se conseguir os recursos financeiros indispensáveis não só à auto-suficiência, como também para permitir uma exportação regular.

A evolução anual da capacidade proposta de produção, a partir de 1980, continua, por enquanto, sendo a seguinte:

em milhões de t

	aço liquido	laminados planos	laminados não planos
1980	18,1	8,0	6,5
1981	23,4	9,2	8,3
1982	27,8	10,5	9,5
1983	33,2	12,4	11,7
1984	37,3	14,6	13,4
1985	41,0	16,5	14,5
1986	42,7	18,0	15,3

Iniciativa privada pode fazer aço plano

A participação da iniciativa privada na produção de aços planos, até agora sob o quase monopólio do Estado, é uma das soluções que começa a ser estimada, com vistas a tornar a siderurgia brasileira mais competitiva.

Não há dúvida que nenhum empresário privado se aventuraria, hoje, do modo como as coisas estão, a tentar entrar no setor de aços planos (chapas, bobinas, etc). Somente depois que se estabelecer uma politica para a siderurgia é que isto poderá acontecer, diante do vulto dos investimentos.

A sugestão que se faz agora pode ser o fator que estava faltando para uma completa ordenação do aço nacional. Exigiria, de imediato, o completo abandono da politica de preço administrado para o produto.

Além disso, ela estaria coerente com a decisão de recentemente romper o esquema estabelecido em 1971, pelo então Presidente Médici, de que o Estado ficaria com o aço plano, reservando-se à iniciativa privada o aço não plano (vergalhão, etc). Já que o Estado invadiu a área privada, embora a definição de áreas estivesse consubstanciada em Resolução do Conselho de Não Ferrosos e Siderurgia (Consider), parece que chegou a hora do assunto ser examinado.

A Cia. Siderúrgica Nacional (CSN) vai manter o seu programa de colocação de encomendas para o Estágio III, que visa produzir 4 milhões 600 mil toneladas anuais, apesar das recomendações do Banco Mundial (BIRD). A discussão sobre o estabelecimento de uma política efetiva para o aço brasileiro começa a se acelerar. É aí que se sugere a abertura do quase monopólio do Estado na produção de aços planos, também para a iniciativa privada.

Foto de Ronaldo Theobaldo

A CSN promete que o seu novo alto-forno vai funcionar a plena carga já no início do ano, produzindo as 6 mil toneladas diárias de aço

Cosipa nega que programa de expansão esteja atrasado

São Paulo — "O último cronograma elaborado pela Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa), no final do seu segundo estágio de expansão, está rigorosamente em ordem, não havendo problemas", afirmou o presidente da empresa, Sr Mário Lopes Leão.

Na empresa, técnicos alegam que "se ocorreram alguns pequenos atrasos na Cosipa, foram devidos a entraves burocráticos de importação de equipamentos. Quando surgiu o problema da CSN, nós já estávamos com o cronograma em ordem, sem alterações". O presidente da Cosipa, Sr Mário Lopes Leão, disse que "no momento a preocupação é a compra de equipamentos para o estágio III, quando atingiremos um indice de nacionalização de 68%. A empresa investirá nesse terceiro estágio, 1 bilhão de dólares".

Boa demanda

A demanda da Cosipa nos primeiros seis meses do ano foi considerada boa, com um acréscimo de 10%, sobre igual periodo do ano passado. O novo Alto Forno, em operação desde julho último, elevará a produção da empresa em 130%. O Sr Mário Lopes Leão disse que "para o terceiro estágio, num total de 52 pacotes, haverá um percentual excepcional de nacionalização. O quarto estágio será formado por 90% de equipamentos nacionais".

No momento, a Cosipa está acelerando os preparativos finais de implantação do seu laminador, que produzirá chapas de aço com 4,10 metros de largura, com 50 metros de comprimento e espessura de uma polegada, ocupando uma área de 80 mil metros quadrados. Esse laminador entrará em operação no inicio de 1977, obedecendo o cronograma da empresa.

Dirigentes da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base consideraram que "o atraso na Cosipa, pode ser considerado recuperável, sem maiores problemas". O presidente da ABDIB, Sr Cláudio Bardella, salienta que "não se pode culpar a empresa nacional pelos atrasos no programa siderúrgico, pois sua participação inexistiu na prática no II Estágio de expansão das siderúrgicas estatais".

Dentro do Estágio II, que sofreu alguns atrasos, estão em andamento as obras do novo laminador de chapas grossas. Até o momento, o Estágio II deu entrada em operação ao Alto Forno, bateria de coque n.º 4, novos pátios de minérios, descarregador de navios n.º 2, expansão de aciaria n.º 1 com mais um conversor de 100 toneladas/corrida, máquinas de moldar gusa n.º 2, fábrica de oxigênio n.º 4, ampliação da casa de força, fornos poços, e outras unidades menores de apoio.

CSN mantém encomenda de equipamento do Estágio III

Zenilton Bezerra

Volta Redonda — A Companhia Siderúrgica Nacional não interrompeu o seu programa de colocação de encomendas de equipamentos a fornecedores nacionais e estrangeiros para a execução do Estágio III de expansão da Usina Presidente Vargas, nesta cidade, que visa elevar a sua produção para 4 milhões 500 mil toneladas anuais em 1980.

A interrupção havia sido sugerida pelo Banco Mundial (BIRD), comenta-se, porque várias indústrias norte-americanas teriam sido preteridas, por motivos de tecnologia, por empresas japonesas, holandesas e alemãs. O Governo brasileiro, contudo, não considerou a sugestão do BIRD e determinou que a CSN iniciasse a execução do Estágio III, mesmo com um atraso de quatro meses.

Nesse terceiro plano de expansão, prevê-se a aplicação de 2 bilhões de dólares (pouco mais de Cr$ 22 bilhões), com 80% de participação da empresa privada nacional. A assinatura dos primeiros contratos para a compra de equipamentos depende, ainda, de que o Finame abra uma linha especial de crédito em favor da CSN.

E' na execução do terceiro estágio, aliás, que a CSN pretende superar os problemas técnicos e gerenciais verificados no Estágio II, que provocaram um atraso de quase um ano no cumprimento desse programa de expansão da Usina de Volta Redonda e que culminaram com substituição e remanejamentos no quadro da diretoria da siderúrgica estatal.

Apesar de se admitir que a CSN teve importante parcela de culpa nos problemas verificados no Estágio II, na siderúrgica entende-se que a Cacex foi quem mais prejudicou a execução de alguns equipamentos necessário ao funcionamento da nova aciaria da Usina.

Acrescentou-se ainda que efetivamente algumas empresas nacionais (na área de estruturas metálicas e calderaria) e estrangeiras deixaram de fornecer os equipamentos que lhes foram encomendados, dentro dos prazos contratuais. Citam a Nippon Steel, a Italimpianti e uma empresa norte-americana.

A CSN espera que essa empresa americana entregue em outubro os instrumentos de controle da nova aciaria da Usina, que vai absorver toda a produção de gusa do Alto Forno n.º 3, inaugurada em maio pelo Presidente Geisel, para entrar em funcionamento em novembro. Nesse mês, por sinal, o Alto Forno deverá atingir a sua capacidade máxima, elevando de 4 mil 800 para 6 mil toneladas a produção diária de gusa.

As dificuldades da siderúrgica, hoje

Quando foi inaugurado a 1º de maio pelo Presidente Ernesto Geisel, o Alto Forno nº 3 da Usina Siderúrgica de Volta Redonda começou a produção de gusa com uma capacidade inicial de 1 mil 600 toneladas diárias, ao mesmo tempo em que eram desativados os dois antigos fornos que funcionavam há anos, porque não atendiam ao plano de expansão da CSN.

Pelas especificações técnicas da Nippon Steel, do Japão, que forneceu o alto forno à CSN, até atingir a sua capacidade máxima de produção de 6 mil toneladas diárias, o equipamento deve ser controlado e, paulatinamente, elevada a sua produção diária. Atualmente, o alto forno está produzindo 4 mil 800 toneladas por dia.

Depois de produzido, o gusa é transportado até a área de lingoteamento, através de canaletas próprias capazes de suportarem a elevada temperatura dos minérios de ferro e de manganês derretidos. Aí é que está um dos sérios problemas técnicos da CSN: faltam essas canaletas e, por isso, a corrida do gusa derretido é feita em sulcos no próprio chão, trazendo prejuizos sérios para a usina.

Em seguida ao lingoteamento, o produto é transportado para a aciaria, que também não está concluida, pois faltam os materiais de instrumentação não entregues ainda por uma empresa norte-americana para controlar o funcionamento dos dois conversores comprados à Nippon Steel e que estão paralisados desde novembro do ano passado.

Isto quer dizer que a nova aciaria não está comportando toda gusa produzida pelo alto forno nº 3, que é de 140 mil toneladas mensais, e o estágio atual da aciaria só tem capacidade para absorver 80 mil toneladas/mês. As 60 mil toneladas restantes são estocadas, ou para produção futura de aço, ou para uma possivel exportação.

Na Usina Siderúrgica de Volta Redonda trabalham cerca de 12 mil usineiros, com idade média de 42 anos, e muitos deles trabalham ali "muito mais por amor à Usina do que pelo dinheiro que se paga", como gostam de dizer. O preço médio de venda da CSN é de Cr$ 40 mil por tonelada e, por isso, a siderúrgica reivindica um preço mais realista para o seu produto.

Recuperação dos cafezais no Paraná é inferior à previsão

Armando Ourique

A recuperação dos cafezais do Norte paranaense não correspondeu até agora aos planos traçados pelo IBC após a geada negra de julho de 1975. Os cafeicultores da região utilizaram menos da metade dos créditos colocados à disposição para o replantio de café, no ano passado.

O diretor de produção do IBC, José Paula Motta, disse que os paranaenses poderiam ter plantado até 200 milhões de mudas de café com os recursos do plano de emergência, que vigorou até meados desse ano. Mas no Norte do Paraná, segundo Paula Motta, plantaram apenas cerca de 80 milhões de mudas com financiamentos do IBC. Quantidade praticamente idêntica à realizada em Minas Gerais, quando neste Estado o IBC esperava apenas o plantio de 40 milhões de mudas (atualmente, a técnica recomendada que se plante apenas uma muda por cova).

Fontes do IBC não esperam dos cafeicultores paranaenses melhor reação ao plano de recuperação que entrou em vigor há cerca de um mês. Eles comentam que dos 130 milhões de pés que os cafeicultores da região poderiam plantar financiados neste biênio 1976/77, talvez realizem apenas cerca de 65 milhões de pés.

A população cafeeira no Paraná permanece uma incógnita. As últimas estatísticas são do IBC, realizadas a partir de uma pesquisa junto aos cafeicultores sobre suas intenções em dezembro do ano passado. Os resultados são que existiriam em abril passado cerca de 760 milhões de pés de café. Mas praticamente ninguém, mesmo do IBC, acredita nestes números.

Várias estimativas sobre quantos pés de café têm o Paraná podem entretanto ser colhidas no interior do Estado junto a cafeicultores e exportadores de café. Elas normalmente variam entre 450 a 500 mil pés de café. Esses números são confirmados pelo Secretário de Agricultura do Paraná, Paulo Carneiro, embora insista que suas estimativas não são de uma autoridade governamental mas sim de um cafeicultor com larga experiência na região.

Paulo Carneiro julga que hoje existem no Paraná cerca de 450 milhões de pés de café, cerca da metade do que havia antes da geada de julho retrasado (então, 915 milhões de pés). Diz ainda que desse total menos de 250 milhões de pés são de boa produtividade. O resto, cafezais antigos ou que não foram devidamente recepados depois da geada.

Mecanização

Esse quadro da cafeicultura paranaense precisará ser melhorado para que o Estado volte a ter uma produção que pessoas como Paulo Carneiro e Wilson Baggio, cafeicultor de Cornélio Procópio e membro da junta consultiva do IBC, consideram ideal: cerca de 600 milhões de pés de café que com uma cultura racional e mecanizada poderão produzir de 8 a 10 milhões de sacas de café após 1980. Numa campanha de animar o cafeicultor, Paulo Carneiro diz que pretende percorrer o Norte do Estado, junto com o Governador Jaime Canet, também cafeicultor, para estimular o plantio. Eles, naturalmente incorrerão num risco político desde que não está absolutamente afastada a possibilidade de uma nova geada negra nos próximos anos. Essa possibilidade, estatisticamente, é remota mas os governantes do Paraná lembrarão ao cafeicultor que o Governo federal reduziu os riscos de perdas por geadas com o Proagro, uma espécie de seguro que restitui ao produtor 80% dos investimentos realizados no plantio no caso de quebra de safra.

De qualquer forma, todos sabem que o Norte do Paraná nunca voltará a ter uma paisagem homogênea de cafezais. Aliás, ninguém, mesmo do IBC, desejaria ou recomendaria isso. A diversificação da lavoura é uma tendência irreversível na região. O próprio Governo estadual e o IBC estão recomendando que, principalmente na região de Londrina a Maringá, o café seja plantado apenas nos espigões, terras mais altas. Isto porque as geadas normais atingem com maior violência os vales, e aí, em geral, as culturas que predominam são soja, trigo e algodão. Sendo as duas primeiras intercalares, garantem duas safras por ano.

Bons rendimentos

O grande agricultor, no entanto, parece estar plantando soja e trigo inclusive em terras que poderiam servir para o café. Aqueles dois produtos estão oferecendo bons rendimentos e os agricultores parecem que se interessaram definitivamente pelo seu plantio. Essa tendência é severamente criticada por cafeicultores mais tradicionais e idosos, como Justino Vilela, que quase chega a não admitir que outra cultura que não o café seja plantada nas férteis terras roxas.

Outro fator que poderá reduzir o cultivo do café na região é a diminuição do número de pequenas propriedades que são apenas viáveis, por sua extensão, para o cultivo de café, em termos de produção com finalidades mercantis. Desde a geada negra, ocorreu na região uma intensa concentração de renda e uma consequente especulação no preço da terra. Acontece que o pequeno agricultor teve que saldar seus compromissos financeiros, em 1975, até outubro e por isso vendeu a saca de café por até Cr$ 600,00. Um bom preço, mas bem inferior ao que o grande agricultor ou maquinista obteve este ano — de Cr$ 1 mil a 1 mil 500. Estes normalmente investiram em terras, aumentando a extensão ou número de suas propriedades à custa dos pequenos que, muitos deles, foram para outras regiões, como o Mato Grosso. Por isso também, uma maior extensão de terra na região tornou-se disponível para o cultivo de soja, trigo, algodão ou outros produtos.

Muitos interessados na economia cafeeira do Norte do Paraná reclamam que o IBC seria o responsável pelo desinteresse de replantio. Alguns, como Wilson Baggio, reclamam um financiamento por cova superior ao atual — de Cr$ 8,00 por cova. Mas vários exportadores acham que o IBC deveria ainda elevar o preço de garantia por saca de café para Cr$ 1 mil 300, como uma prova ao agricultor de que o apoiará quando a produção mundial venha a se normalizar. Mas alguns representantes de pequenos cafeicultores, como os admistradores de cooperativas, dizem que o preço de sustentação do café está garantido por sua atual cotação no mercado interno — de cerca de Cr$ 1 mil 380 por saca.

Dizem ainda que pouco adianta aumentar agora o preço de garantia, pelo qual é calculado o valor do financiamento que o IBC concede para quem estoca o produto, já que a grande maioria dos cafeicultores (os pequenos) não possui café mais em mãos.

Plano não tem receptividade

São Paulo — Oficialmente não há estimativas para a safra cafeeira de 1977/78, acreditando alguns especialistas que ela chegue a um volume entre oito a 10 milhões. Estimativas mais próximas da realidade, contudo, somente serão possíveis de serem feitas dentro dos próximos 30 dias, quando ocorrer a florada dos cafezais.

"O plano de Revigoramento e Recuperação dos Cafezais não está tendo a receptividade esperada, como consequência das intervenções do IBC, jogando o mercado para baixo, numa época de escassez do produto", segundo revela o vice-presidente da Sociedade Rural Brasileira — SRB, Sr Renato Ticoulat Filho.

Dificuldades de execução

Há ainda, outros fatores desestimulantes, segundo o dirigente da SRB, apontando entre eles as dificuldades no crédito e os juros altos. Ele cita um telegrama enviado no último dia 13 pelo presidente da entidade, Sr Sálvio de Almeida Prado ao presidente do IBC, onde se diz que "os cafeicultores encontram-se com suas propriedades oneradas com a cláusula hipotecária em algumas cédulas já contratadas, geralmente em níveis muito abaixo, comportando adoção dos novos ônus sobre eles".

"Contudo, os bancos estão se negando a aceitar o que chamam de cruzamento da garantia. Isto é, um imóvel já onerado naquelas condições servir de garantia ao plantio pretendido, cujas propostas estão sendo recusadas", acrescenta o telex do presidente da SRB ao Sr Camilo Calazans de Magalhães.

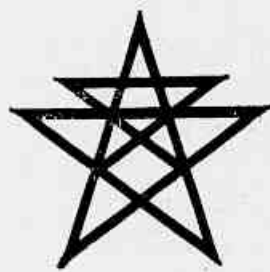
Um clima de ceticismo diante de um mercado tão inseguro está levando os cafeicultores a manterem a tendência de substituição de suas lavouras por outras de ciclos curtos e mecanizadas, como a soja, o trigo, o milho e o arroz, diz o Sr Renato Ticoulat Filho.

Antiga cultura de café, em quadros, está sendo substituída por soja e trigo

O Estatuto do Trabalhador Rural — ETR, é o principal responsável pelo abandono da produção cafeeira, segundo Ticoulat Filho, com a busca de lavouras de baixa utilização de mão-de-obra. E é causa do dissídio existente na Justiça do Trabalho de São Paulo, envolvendo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Federação da Agricultura do Estado.

No dissídio, o primeiro a ocorrer entre as relações do empregador e o trabalhador rural nos últimos 10 anos, os trabalhadores pleiteiam um aumento salarial de 50%, que os patrões se recusam a aceitar, alegando incapacidade de arcar com seus custos.

O problema da mão-de-obra na agricultura é cada vez mais difícil, como consequência das exigências do ETR, que os produtores rurais não têm condições de cumprir, explica Ticoulat Filho, acrescentando que a SBR não quer tirar direitos e proteção do trabalhador, mas apenas buscar um instrumento legal que atenda a todas as partes envolvidas. A entidade pleiteia, por exemplo, a extensão do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e a adoção do prazo de prescrição de dois anos nas reclamações trabalhistas no campo, a exemplo da Legislação para o Trabalhador Urbano.

"O erro da legislação é não atender a evolução social. A lei deve ser precedida, primeiro do fato social, depois das normas entre as partes e, finalmente, da legislação regulando o fato social", analisa ainda o vice-presidente da SRB.

FURNAS CENTRAIS ELÉTRICAS S A

SUBSIDIÁRIA DA ELETROBRÁS

C.G.C. Nº 23.274.194/0001-19

BALANCETE NO 1º SEMESTRE DE 1976

Eventos

1. O evento de maior destaque foi a inauguração, pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Ernesto Geisel, no dia 28 de maio, da Hidrelétrica de Marimbondo, no rio Grande, fronteira de Minas Gerais e São Paulo. A usina terá a potência final de 1.440.000 kW, tendo entrado em operação no semestre cinco das oito unidades previstas. As demais estarão funcionando até o dia 31.12.1976, de acordo com o cronograma estabelecido.

2. O crescimento do mercado de energia elétrica, no que se refere ao fornecimento de FURNAS às demais concessionárias, foi de 18,3% no 1º semestre de 1976, em comparação com igual período de 1975; e de 12,4% em relação à Região Sudeste.

3. Seguindo a diretriz governamental de intensificar as compras no País e de restringir as importações, com o objetivo de aumentar o índice de nacionalização e de aliviar o balanço de pagamentos, FURNAS colocou encomendas no País, no 1º semestre, no total de Cr$ 854.625.000,00, ou seja, 162% sobre igual período de 1975; no exterior, foram encomendados apenas o equivalente a Cr$ 47.788,00, ou seja, 43% menos que em igual período do ano anterior.

4. Em fevereiro, foram assinados os contratos para as turbinas e os geradores da Hidrelétrica de Itumbiara (2.100.000 kW), as maiores unidades já encomendadas no País, e que representam, também, o maior índice de nacionalização já atingido, cerca de 80%.

5. No dia 4 de fevereiro foram assinados com a FINAME os contratos de financiamento no valor total de Cr$ 396.510.286,00 para aquisição das turbinas e dos geradores da Hidrelétrica de Itumbiara e do sistema de transmissão respectivo.

6. FURNAS teve no período os três níveis tarifários mais baixos do País, a par de manter a remuneração de seu investimento à taxa máxima permitida pela legislação vigente (12%).

7. Concluída e inaugurada a rodovia de contorno de todo o reservatório de Furnas, em Minas Gerais, asfaltada e sinalizada segundo os padrões estabelecidos pelas autoridades rodoviárias.

8. Entrada em operação do sistema de transmissão de 500 kV, pioneiro e de mais alto nível de tensão do Brasil, ligando a Hidrelétrica de Marimbondo às Subestações de Araraquara (SP) e Poços de Caldas (MG).

9. Ultrapassou de 80% o volume total das estruturas, em concreto, dos seis edifícios que compõem a primeira unidade da Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto.

10. Concluída a perfuração do túnel de 982 metros entre a praia de Itaorna e a enseada de Piraquara de Fora, para descarga da água de refrigeração da Central Nuclear de Angra. Iniciada a fase de rebaixamento da seção inferior do túnel e o seu acabamento.

BALANCETE NO 1º SEMESTRE EM Cr$ 1.000

ATIVO	Período Findo em: 30.06.76	30.06.75
IMOBILIZADO		
IMOBILIZAÇÕES TÉCNICAS		
Bens e Instalações em Serviço	6.532.791	3.889.460
Outras Propriedades	4	4
Correção Monetária de Bens e Instalações	9.789.255	6.455.416
Menos:		
Reserva para Depreciação, inclusive Correção Monetária	2.482.631	1.661.749
Obras e Serviços em Andamento	6.585.365	4.882.990
Correção Monetária de Obras em Andamento	1.030.082	844.903
IMOBILIZAÇÕES FINANCEIRAS	30.364	28.163
Total do Imobilizado	21.485.230	14.439.187
DISPONÍVEL		
Caixa e Bancos	45.616	62.602
Disponível Vinculado	1.696	1.946
Letras do Tesouro Nacional	443.290	209.979
Total Disponível	490.602	274.527
REALIZÁVEL		
Curto Prazo		
Depósitos Especiais ou Caução	67.755	21.653
Contas a Receber	59.163	51.604
Outros Valores a Realizar	320.601	11.980
Longo Prazo		
Almoxarifado	99.527	54.138
Obrigações e Empréstimos a Receber	3.946	5.482
Títulos de Renda	3.404	1.465
Total do Realizável	554.396	146.322
PENDENTE	183.240	61.930
Total do Ativo	22.713.468	14.921.966
COMPENSAÇÃO	13.538.588	8.236.950
Total Geral do Ativo	36.252.056	23.158.916

PASSIVO	Período Findo em: 30.06.76	30.05.75
INEXIGÍVEL		
Capital	4.745.000	3.724.000
Reservas de Capital	498.281	317.170
Lucros e Perdas	620.218	414.021
	5.863.499	4.455.191
Reserva para Amortização, inclusive Correção Monetária	920.989	742.733
Reserva para Reversão, inclusive Correção Monetária	111.019	89.532
	1.032.008	832.265
Total do Inexigível	6.895.507	5.287.456
EXIGÍVEL		
Curto Prazo		
Contas a Pagar	260.151	68.535
Obrigações a Pagar	1.220.773	600.248
Dividendos Declarados	223.440	—
Juros e Taxas em Curso	202.514	135.076
Outros Créditos Correntes	63.493	183.234
Longo Prazo		
Diversas Dívidas a Longo Prazo	13.008.624	8.097.463
Provisão para FGTS	5.917	4.652
Total do Exigível	14.974.912	9.089.208
PENDENTE		
Provisão para Imposto de Renda	32.220	64.900
Dividendos a Distribuir sujeitos a Aprovação da Assembléia Geral	284.700	223.440
Auxílios para Construções	236.900	150.500
Resultados a Compensar	278.099	98.343
Outros Créditos em Suspenso	11.130	8.119
Total Pendente	843.049	545.302
Total do Passivo	22.713.468	14.921.966
COMPENSAÇÃO	13.538.588	8.236.950
Total Geral do Passivo	36.252.056	23.158.916

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA DE RENDA EM Cr$ 1.000

	Período Findo em: 30.06.76	30.06.75
RECEITA DE EXPLORAÇÃO		
Fornecimento de Energia Elétrica	1.739.340	1.121.500
Menos:		
Quota de Reversão, Garantia e C.C.C.	299.356	196.005
	1.439.984	925.495
DESPESA DE EXPLORAÇÃO	290.708	154.850
Renda Bruta de Exploração	1.149.276	770.645
QUOTA DE DEPRECIAÇÃO	222.103	158.391
DIFERENÇA DE CÂMBIO	16.732	17.505
Renda de Exploração	910.441	594.749
RECEITA ESTRANHA À EXPLORAÇÃO	88.156	55.025
DESPESA ESTRANHA À EXPLORAÇÃO	422.423	253.741
Renda do Período	576.174	396.033

Luiz Cláudio de Almeida Magalhães
Presidente

Luiz Carlos Barreto de Carvalho
Vice-Presidente

Fernando Antônio Candeias
Vice-Presidente

Fernando Zenobio Affonso de Carvalho
Diretor

Gabriel Borges Fortes Evangelho
Diretor

Natércio Pereira
Diretor

Carlos Saboia Monte
Superintendente de Controle

Ruby Teixeira Ramos Monteiro
Contador — CRC-RJ-1-17653

Informe Econômico

FMI desde Kubitschek

O dramático endividamento dos países em desenvolvimento não produtores de petróleo pode ser sintetizado nos números que o Fundo Monetário Internacional acaba de revelar em seu relatório anual. O relatório do FMI será apresentado à Assembléia Anual do Fundo e do Banco, que se realiza este ano nas Filipinas, perto do Japão, país sobre o qual os outros industrializados concentram de tempos em tempos suas atenções. Desta vez, o que atrai a curiosidade é a recuperação da balança comercial japonesa, favorecida por uma hábil política de cambio.

Segundo o FMI, a balança em conta corrente (resultado das importações, exportações e serviços) dos países em desenvolvimento, que apresentava em 1973 um déficit de 9,9 bilhões de dólares, no ano passado fechou em vermelho com nada menos que 37 bilhões de dólares (cerca de 1/3 do Produto Interno Bruto brasileiro).

O Fundo Monetário previu explicitamente que "o ano de 1976 será marcado por outro amplo déficit de conta corrente para os países em desenvolvimento não produtores de petróleo. Os problemas de financiamento estão sendo facilitados por uma demanda moderada de recursos, mas permanecerão substanciais". As estatísticas do Fundo mostram que entre 73 (quando eclodiu a crise do petróleo, praticamente inviabilizando muitos países) e o ano passado houve um rápido aumento nos saques de reservas acumuladas nos anos anteriores, a que se somaram empréstimos externos vultosos. Chama-se a atenção para o crescente apelo dos países devedores aos créditos fornecidos por bancos comerciais.

Como consequência dos prazos curtos de empréstimos praticados pelos bancos e das elevadas taxas de juros por eles cobradas, ficou evidente, também, o aumento rápido nos custos da dívida externa, o que gerou uma nova demanda de fundos para financiar as amortizações da dívida.

O aumento das disponibilidades de recursos nos bancos para financiamentos reflete, certamente, a reciclagem dos excedentes de petrodólares e os efeitos da recessão internacional sobre a demanda de crédito nos países industrializados.

Ainda para este ano o FMI prevê que os financiamentos e empréstimos concedidos através de órgãos de Governo e agências internacionais poderão novamente se situar em torno dos 23 bilhões de dólares. Entretanto, os programas de contenção do déficit da balança em conta corrente de alguns países importadores de petróleo poderá liberar para o mercado outros 4 bilhões. O uso de recursos do Fundo Monetário deverá também ser mais intenso daqui para a frente.

(O Brasil, a propósito, como mutuário do Fundo, ainda não lançou mão de reservas disponíveis ou de acordos de crédito stand-by, *mas parece pouco provável que resista a essa tentação nos próximos dois anos).*

O FMI observa, especificamente no caso da América Latina, que "em vários casos a dívida externa pendente e os serviços dessa dívida (juros ou amortizações) estão novamente crescendo a níveis elevados, em comparação com as possibilidades de exportar desses mesmos países".

Sem fazer qualquer alusão a casos particulares, diz o relatório do Fundo em um dos seus trechos mais sensíveis:

"Até agora, poucos países encontraram problemas para cobrir suas responsabilidades pela liquidação de créditos ou o pagamento de juros, em parte devido aos efeitos da inflação sobre empréstimos antigos. Muitos tomadores, contudo, tornaram-se potencialmente vulneráveis a qualquer mudança significativa no seu acesso ao crédito externo, ou a quebras drásticas em suas receitas de exportação. Essa vulnerabilidade é ampliada pelos efeitos da erosão inflacionária sobre o valor real das suas reservas externas, que agora estão bastante mais baixas, em comparação com o valor de suas exportações.

"O grau em que evoluirão tais dificuldades dependerá crucialmente da economia mundial e do crescimento das receitas de exportação dos países importadores de petróleo. Também há que se considerar, em casos específicos, a existência de programas de estabilização capazes de ajustar a posição dos balanços de pagamentos".

Ainda segundo o FMI, outro importante fator afetando a capacidade dos países em desenvolvimento para manejar sua situação externa é a condição em que se devem desenvolver a ajuda multilateral e o próprio mercado de capitais.

Alguma lição?

Provavelmente a Nação ainda se recorda das disputas verbais ocorridas durante o Governo Kubitschek com os porta-vozes do Fundo Monetário, quando a administração brasileira foi suficientemente hábil para tirar alguns proveitos políticos de uma disputa desse tipo.

Na crise recente envolvendo o Banco Mundial é provável que algo parecido tenha-se insinuado. Mas até que ponto as condições de hoje repetiriam as de 20 anos atrás, e até onde a economia brasileira pode dar-se ao luxo de fugir aos padrões mais coerentes e lógicos de correção das suas contas internas e externas?

O relatório do FMI, sabiamente, não citou nomes.

Assim, provavelmente, não terá respostas.

Segurança e eficiência desafiam o mercado

Carlos Alberto Wanderley

A segurança do sistema financeiro, a política de orientação da poupança e a esfinge do banco múltiplo parecem ser os temas de maior importancia do congresso nacional que os bancos de investimento realizarão esta semana no Rio.

Teria sido proveitoso para a economia a série de intervenções e liquidações de financeiras realizadas nos últimos anos? Teria sido útil a setorização da poupança, que inundou de dinheiro o sistema habitacional e esvaziou o mercado de ações? Teria sido vantajosa a criação de numerosas instituições financeiras em vez de bancos para tudo? Como corrigir o open e a Bolsa?

Treze anos depois, um clima de balanço

Dois ministros, toda a diretoria do Banco Central, presidentes de bancos oficiais e dos maiores grupos financeiros do país confirmaram sua presença no encontro, que assume desta forma as características de um forum destinado ao balanço do esforço que se desenvolve no país há 13 anos para a construção de um mercado de capitais sofisticado.

Inevitavelmente, resultarão deste debate as linhas gerais para uma reforma da legislação financeira que tenha em vista não apenas aperfeiçoar a eficiência do sistema, mas principalmente reavaliar o papel do mercado de capitais em face dos interesses globais da economia e da sociedade.

Com data marcada há alguns meses, o congresso sofreu a coincidência de vir a ser realizado em clima de tensão decorrente das medidas de contenção destinadas a inibir o processo inflacionário. O ar de crise em que ele se realiza contribui no entanto para excitar o seu caráter crítico e a criatividade de suas proposições.

Naturalmente, tratando-se de um congresso promovido por uma entidade de classe, muitas das teses encaminhadas ao debate abordam aspectos setoriais e até reivindicatórios. Mas a presença de pessoas que acumulam a experiência do trabalho desenvolvido ao longo destes últimos 13 anos na construção do mercado de capitais e também dos principais responsáveis pela política monetária em execução fazem deste congresso uma realização que ultrapassa os limites do interesse específico dos bancos de investimento.

Da segurança à eficiência, os temas para o debate

O presidente do Banco Central, Paulo Lira, abrirá os debates na quarta-feira e à noite os participantes do encontro terão um jantar reservado com toda a diretoria do Banco Central. No dia seguinte os congressistas almoçarão com o Ministro do Planejamento e no terceiro almoçarão com o presidente do BNDE, sendo o congresso encerrado, no mesmo dia, pelo Ministro da Fazenda.

Haverá, portanto, diferentes oportunidades para a troca de idéias entre banqueiros e autoridades, além das ocasiões igualmente importantes em que os dirigentes dos grupos financeiros e dos bancos de investimentos poderão conferir entre si os pontos-de-vista e as sugestões.

Às comissões técnicas incumbirá o exame das teses (todas, aliás, já encaminhadas para conhecimento prévio do Banco Central), automatizando assim o exame dos temas "específicos".

E' provável também que o Banco Central, tendo recebido, com antecedência, teses voltadas para questões menos polêmicas, decida aceitar algumas delas, aprovando decisões no decorrer dos dias do Congresso — como já ocorreu em encontros de outras instituições financeiras.

Mas as atenções se voltam para o saldo maior do congresso, que estará provavelmente no plano das idéias para transformações mais radicais no sistema financeiro: da eficiência à segurança e ao seu papel na economia. Os temas do encontro serão os seguintes:

1. A segurança

Oito anos depois, ainda estão em processo de liquidação as financeiras que foram atingidas na primeira safra decretada pelo Banco Central. A lentidão dos liquidantes (e a inexistência de instrumentos de aceleração por parte da cúpula do Banco Central) é apenas um dos aspectos negativos deste método de punição de instituições consideradas inviáveis. O maior prejuízo apurado é a insegurança generalizada que afeta as demais instituições do sistema, especialmente com a fuga dos investidores, logo após cada intervenção, para instituições estrangeiras e estatais — que, nesta hora, supõe-se que sejam as mais seguras.

O processo de punição pública, com intervenção e liquidação, era defendido por alguns banqueiros que tinham esperança de que a introdução do fator risco viesse a se constituir em elemento positivo do mercado, induzindo as instituições à moderação das taxas e outras formas de prudência. Seria, segundo estes, preferível ao processo comumente utilizado em todo o mundo de intervenção branca e transferência forçada de controle. Que diz a experiência brasileira?

2. Custos

O banco múltiplo é defendido por muitos em nome de uma economia de custos operacionais. Se um só banco usar sua estrutura para realizar operações de diferentes gamas, poderá ser obtida uma economia de fatores. Aparentemente, embora sem o declarar, o Conselho Monetário vem criando condições para que os bancos comerciais operem no crédito ao consumidor e no crédito a médio prazo. O banco comercial pode receber depósitos com correção monetária para pessoas físicas utilizarem inclusive no crédito ao consumidor. A liberação de taxas para crédito a empresas permite-lhe agora invadir o mercado que era privativo dos bancos de investimento, captando a prazo médio. Restaria a estas últimas intituições, operações na área de investimentos. Qual seria a melhor tendência?

3. Setorização

E' bastante generalizada a convicção de que a departamentalização da poupança contribui para distorções tais como inflações setoriais e crises localizadas. Como resolver?

Todo esse sistema financeiro construído a partir de 1964 em cima das Leis 4 595 e 4 728 (Lei Bancária e de Mercado de Capitais) teve por objetivos servir à economia como um todo, e, por esse meio, à sociedade. Uma análise de seus resultados teria de ser feita sob a ótica da atuação que o sistema teria tido para favorecer o adequado aproveitamento do trabalho e da poupança nacional, para inibir o processo inflacionário, fortalecer as empresas e contribuir para a diversificação de sua estrutura acionária, etc.

A participação dos bancos de investimento na construção de um mercado de ações em novas bases, após a aprovação da nova Lei das S.A. e da Comissão de Valores Mobiliários poderia ser, por si só, tema que justificaria a realização do congresso.

E em que medida a atuação do sistema financeiro interfere com aspectos políticos tais como a concentração ou desconcentração da renda, concentração regional da riqueza e solução de problemas sociais? — O ensejo de estarem reunidos os líderes das grandes estruturas financeiras, técnicos que viveram a experiência destes 13 anos e autoridades fornecerá provavelmente os subsídios que se tornam necessários para a reforma da legislação financeira do país.

Normas técnicas também em discussão

Entre as teses polêmicas figura uma sobre os investidores externos: o aperfeiçoamento das Sociedades de Investimento. Mas há outras de tom bem mais técnico, como, por exemplo: os entraves ao desenvolvimento do mercado de debêntures no Brasil, o aprimoramento de normas operacionais para empréstimos sob hipoteca, com emissão de cédulas hipotecárias, a revisão geral da regulamentação sobre Sociedades Anônimas de Capital Aberto, a autorização aos bancos de investimento para receberem depósitos de economia e outras.

Gastos públicos são apontados como causa da inflação este ano

Quais as causas da inflação brasileira que voltou a recrudescer, atingindo em agosto a taxa recorde anual, desde 1966, de 44,7%? Inflação importada? Excesso de expansão monetária? Pressões salariais? Gastos públicos elevados? Que remédios para combatê-la?

Estas e outras indagações foram formuladas a três importantes professores de economia do país: Otávio Gouveia de Bulhões, Ernane Galveas e Carlos Geraldo Langoni. Reunidos em mesa-redonda pelo JORNAL DO BRASIL, foram unanimes em apontar os gastos do Governo, em proporção superior a 80% sobre o primeiro semestre do ano passado, como a causa principal da inflação registrada este ano.

Acham que a redução nos gastos públicos, agora declarada pelo Governo, juntamente com as medidas de maior rigor na expansão dos meios de pagamento (papel-moeda em circulação e depósitos à vista no sistema bancário) e de liberação nas taxas de juros bancários vão permitir o desaquecimento da economia, com a natural desaceleração dos preços.

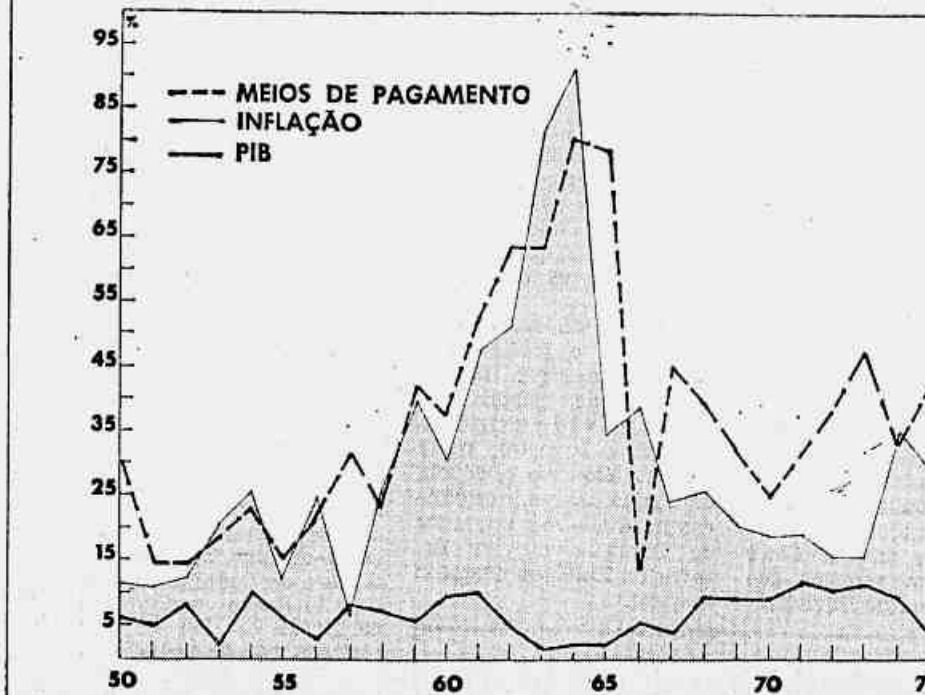
O professor Otávio Gouveia de Bulhões, ao lado do professor Roberto Campos, foi o responsável pela árdua tarefa de combater a inflação em 1964, que se aproximava dos 100%. Em dois anos reduziu-a para 38,8%. Em 1967, já no Governo Costa e Silva, a inflação declinou para 24,3%. Para obter esses resultados, conteve-se fortemente a expansão dos meios de pagamento. Eliminou-se déficits do Tesouro e suas pressões para emissão de papel-moeda, através do corte de obras desnecessárias, restaurando-se o crédito público.

Já em 1961, na Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc), Bulhões promoveu, com o Ministro da Fazenda, Clemente Mariani, uma desvalorização cambial de quase 100% pela Instrução 204, corrigindo algumas distorções internas, com o imediato e forte aumento da inflação em abril e maio. Mas, em junho, os preços subiram apenas 1,1%. Ernane Galveas, que foi assessor de Bulhões na Sumoc e no Ministério da Fazenda, dirigiu a Cacex no início do Governo Costa e Silva e assumiu a presidência do Banco Central em substituição a Rui Leme, em 1968. Permaneceu à frente do Banco Central até março de 1974, vivendo a fase em que a economia cresceu a taxas médias anuais de 10%, o que em boa parte foi facilitado com o saneamento financeiro promovido por Bulhões, pela capacidade ociosa existente na economia no início de 1967 e pelas generosas expansões monetárias geradas pela crescente absorção de poupança externa a partir de 1971.

Estas expansões, reconhece Galveas, aqueceram consideravelmente a demanda por bens e serviços da economia, o que não pode ser acompanhado pelo crescimento correspondente da produção. Como consequência, surgiram pressões inflacionárias que vieram a se acentuar a partir da elevação do preço do petróleo, em outubro de 1973, e das medidas corretivas postas em prática no início do Governo Geisel.

Carlos Geraldo Langoni, dos três o mais jovem, dirige a Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, entidade privada, mas que presta constante assessoria ao Governo no encaminhamento de sugestões para a solução dos problemas econômicos. Em sua opinião, a expansão do crédito a taxas reais de 24% ao ano está bastante acima da capacidade da economia, que já esgotou sua margem de ociosidade, o que gera pressões inflacionárias. Ele vê, ainda, dificuldades para se controlar a oferta monetária a partir da estreita vinculação assumida, desde 1971, entre os mercados de capitais interno e externo.

Além das medidas agora adotadas pelo Conselho Monetário Nacional, consideram indispensável melhor consistência entre as políticas fiscal, monetária e de preços, o que certamente acarretaria uma inflação corretiva (elevada a princípio, mas estabilizadora adiante) com as modificações requeridas nos incentivos fiscais e no crédito subsidiado.

O professor Otávio Gouveia de Bulhões adverte, porém, que o fortalecimento do capital acionário das empresas é medida indispensável para que se possa executar uma política monetária severa, sob pena de se afetar as empresas privadas nacionais, altamente endividadas financeiramente. Neste sentido, recomenda a canalização das poupanças compulsórias do PIS e Pasep, em maior grau, para o capital acionário das empresas.

Tomando-se por base uma relação em que o crescimento do PIB e dos meios de pagamento (papel-moeda em poder do público mais depósitos à vista no sistema bancário) estão intimamente ligados à inflação, verifica-se que a uma expansão acentuada dos meios de pagamento (e consequentemente do crédito) pode corresponder uma aceleração do PIB, embora com pressões sobre os preços. As causas que levam os meios de pagamento a subir além do previsto, no entanto, são várias: os reajustes salariais superiores ao aumento de preços; os superávits no balanço de pagamentos, determinando a acumulação de reservas, que são convertidas em cruzeiros; e o setor governamental, pela necessidade de cobertura dos déficits do Tesouro, quando o Estado passa a gastar mais do que arrecada. Todos os três fatores levam a um crescimento de crédito, o que favorece a maior procura por bens e serviços. Quando a procura não é atendida e o dinheiro abundante, os preços sobem naturalmente, como se houvesse um leilão. No gráfico estão relacionados os anos em que cada fator exerceu maior influência na inflação

Os professores Ernane Galveas, Carlos Geraldo Langoni e Otávio Gouveia de Bulhões debatem as causas da inflação hoje no Brasil

Bulhões: expansão do crédito precisa parar

O professor Otávio Gouveia de Bulhões acredita que em boa parte a inflação brasileira é motivada pela expansão do crédito. Entre 1970 e 1975 — diz ele — os "haveres não monetários" — depósitos a prazo, letras de cambio, cadernetas e outras formas de poupança — cresceram de 11% para 23% do Produto Interno Bruto.

— Parece óbvio — afirmou — que boa parte desse dinheiro nunca se transformou em poupança efetiva, porque em nenhuma parte do mundo observou-se uma tendência tão rápida à acumulação. Com o dinheiro circulando sob a forma de meios de pagamento, evidentemente as pressões foram se refletir sobre os preços.

Bulhões apontou, também, a generosa expansão do crédito nos últimos três anos — em torno de 50% em periodos de 12 meses — como um dado adicional. Ele disse que esse fato ocorreu numa conjuntura diferente da dos anos 1965/66, quando havia uma considerável capacidade ociosa na economia.

O ex-Ministro observou, também, que entre 66 e 72 houve "mais disciplina nas despesas públicas", e concordou quando foram feitas observações sobre os atrasos nos pagamentos do Governo que virtualmente representam uma forma de déficit, embora não se reflitam na execução das contas do Tesouro. "O fato de que vinhamos verificando a convergência entre o aumento de despesas públicas e do crédito" certamente influiu, nas circunstancias atuais, para acelerar a inflação — disse o professor.

Ele observou ainda que a crise da Bolsa de Valores em 1971 impediu às empresas de recorrerem mais à formação de capital próprio, através do lançamento de ações, o que reduziria seu endividamento financeiro, e apontou três caminhos pelos quais se poderiam corrigir as tendências atuais: reduzir a expansão do crédito, aumentar a capitalização das empresas e melhor disciplinar os gastos públicos. Bulhões observou que o Governo vem fazendo esforços neste sentido, e considerou lógico o aumento nas taxas de juros: "O erro aritmético estava no tabelamento das taxas" — disse ele.

Galveas: não se pode crescer além do limite

Para o ex-presidente do Banco Central, Ernane Galveas, a inflação é um fenômeno só: *o aumento de preços continuado e generalizado*, com a necessária distinção dos aumentos provocados por preços corretivos. Assim, a definição mais clara de inflação seria aquela em que a procura por bens e serviços excede a capacidade de expansão da oferta de bens e serviços.

Lembra Galveas que, em termos genéricos, esta dualidade é representada, de um lado, pela Renda Nacional e, de outro, pelo Produto Nacional (PIB), tendo ambos limite de crescimento. Historicamente, afirmou, o PIB no Brasil cresce de 6 a 7%, com variáveis. O limite ao crescimento é imposto pela disponibilidade de capital, recursos naturais e mão-de-obra.

— Portanto, disse, não se pode tentar crescer o PIB além do que a economia permite, sob pena de se elevar os preços. Mesmo no Brasil, onde os recursos naturais são abundantes e a mão-de-obra em oferta, acrescentou, não se pode acelerar muito o PIB, com a utilização da poupança externa, porque há escassez de mão-de-obra especializada e uma elevação dos salários será inevitável, pressionando o consumo e os preços.

— Um crescimento anual de 10% força o preenchimento da capacidade ociosa da economia. Se a procura continua a crescer a taxas de 20 a 30% ao ano e a oferta de bens não acompanha o ritmo, há inflação pelo reajuste automático dos preços dos bens disponiveis.

— Os elementos que forçam a procura — afirmou Ernane Galveas — são: os aumentos de salário; da oferta de crédito; e dos gastos do Governo, através de maior expansão monetária. Estes são os principais elementos de pressão inflacionária — acrescentou. Disse ainda, ser muito dificil separar inflação de custos e demanda.

Além deles, disse, podemos considerar as causas aleatórias, tais como a frustração de uma safra agricola, impulsionando para cima os preços deste produto, e a inflaçao importada, seja pela maior taxação sobre as mercadorias do exterior, seja pela valorização internacional dos produtos de exportação.

— Assim, se os salários sobem acima do aumento de produtividade marginal do trabalho, passam a exercer pressões inflacionárias. Do mesmo modo, se o crédito se eleva acima da capacidade de crescimento da expansão real da produção, provoca pressão sobre os preços. Quando o Governo gasta mais do que arrecada, também gera pressão inflacionária, ainda que este aumento de gastos seja compensado pela absorção de recursos internos (mediante a Divida Pública) ou externos (com o crescimento da divida), pois o aumento inicial de gastos colocou a economia em outro ritmo.

— Qual destes três fatores apresentar o maior crescimento é o principal responsável pela inflação. O ex-presidente do Banco Central lembrou que, enquanto os salários foram reajustados em 43/44%, o crédito total ao setor privado se elevou em 60%, os gastos do Governo aumentaram de 89% no primeiro semestre contra igual periodo do ano passado, ao mesmo tempo em que a receita evoluia em 68%.

— Uma expansão generalizada das obras públicas para preencher uma necessidade qualquer da economia — concluiu Ernane Galveas — gera um aumento adicional do crédito, com naturais impactos nos preços.

Leia editorial "Inflação Verdadeira"

Langoni: dificuldade de controle da moeda

O prof. Carlos Geraldo Langoni considera que a expansão real do crédito ao setor privado em 24% está bastante acima da capacidade da economia e observa que a inflação brasileira se acelerou em 1974 a partir da dificuldade de controle da oferta monetária com a maior vinculação entre os mercados de capitais interno e externo.

Lembra Langoni que até 1971 observou-se uma redução gradativa das taxas de inflação e da expansão anual dos meios de pagamento. Com a abertura da economia aos recursos do exterior, acelerou-se a expansão monetária pela conversão dos dólares acumulados como reservas em cruzeiros, situação que ficou mais clara como causa inflacionária a partir de 1974.

Em sua opinião, a execução dos gastos públicos teria de ser conservadora para não adicionar maiores elementos de pressão sobre meios de pagamento e, consequentemente, favorecer a expansão do crédito. Ele observa, ainda, que subsiste certa dificuldade para controle da base monetária (papel-moeda em poder do público, mais depósitos à vista no sistema bancário, mais depósitos voluntários e compulsórios em moeda dos bancos comerciais no Banco do Brasil), que é o elemento determinante da oferta de crédito pelo sistema bancário.

Destacou, a propósito, que em junho e julho, quando a base monetária cresceu fortemente, 30% desse crescimento eram devidos à conversão de empréstimos externos em cruzeiros, empréstimos estes que se incorporaram às reservas do país.

Acha o professor Langoni que o Governo está agora tomando medidas adequadas — embora com larga defasagem — para o efetivo controle da inflação. Mencionou, porém, que o corte nos gastos públicos vai afetar igualmente o setor privado, que se beneficia da contratação de obras pelo Governo ou do aumento de seu funcionalismo, mediante maior consumo.

Com relação à demora na obtenção de resultados favoráveis no declínio da inflação, enfatizou que o tempo decorrido da adoção das primeiras medidas de contenção do crédito, em abril, ainda é muito curto e considerou, ainda, que o elemento psicológico é muito importante. Exemplificou que, enquanto qualquer expansão no crédito repercute imediatamente nos preços, uma medida restritiva tem resposta bem mais lenta.

— O ideal — observou — seria combinar uma política fiscal mais flexível com uma política monetária restritiva. Mas, como o Governo está trabalhando com um orçamento apertado, tal medida se torna impossível. Vejo que os reajustes salariais no ano que vem serão altos para compensar a inflação atual e o crédito fiscal poderia ser utilizado para aliviar as empresas desta pressão. Mas a concessão de maiores prazos para que as empresas saldem seus encargos sociais, por exemplo, parece difícil.

O professor Langoni observa, ainda, que a crescente concessão de incentivos tornou a política fiscal caótica, com restrições profundas ao seu acionamento para que as empresas possam se adaptar à mutações processadas na economia. Neste aspecto, além da maior flexibilidade na política fiscal, entende necessária a eliminação dos subsídios e a liberdade de preços, o que, como acrescentou o professor Ernane Galveas, provocaria uma imprescindível inflação corretiva.

A seu ver, o Governo poderia atuar sobre os intermediários e os abusos praticados nos reajustes de aluguéis, elementos que têm contribuido para elevações substanciais no custo de vida. Considera, porém, que tais providências seriam acessórias, pois elas, longe de serem causa de inflação, são efeitos realimentadores, assim como a correção monetária, e só serão neutralizados quando cair sensivelmente a inflação.

Uma publicação européia viu assim o processo inflacionário sobre os cidadãos e a economia

Falecimentos

Rio de Janeiro

Aydil Floresta de Miranda, 89, em sua residência, em Copacabana. Baiana, era solteira.

Luisa Mora Almada, 85, na Casa de Saúde Fabiano de Cristo. Carioca, viúva de Aníbal Almada, morava no Flamengo.

Rubens Marques Perdigão, 83, em sua residência, em Copacabana. Carioca, deixa viúva Alice de Andrade Perdigão e a filha Delfina, além de netos.

Cecília Barbosa das Neves, 58, em sua residência, em Pilares. Carioca, era solteira.

José da Cunha Viana, 84, em sua residência, em São Cristóvão. Carioca, desquitado, deixa os filhos Vicente e Henrique.

Vitalina Lopes, 74, na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Fluminense, morava na Piedade. Viúva de Otaviano José Bezerra, deixa a filha Teresa.

Stanislaw Gorian, 84, em sua residência, em Copacabana. Polonês, viúvo de Stefania Gorian, deixa o filho Richard, netos e bisnetos.

João Bastos Torres, 52, em sua residência, em Copacabana. Carioca, viúvo de Clair Mayrink Torres, deixa as filhas Lia e Norma, além de netos.

Estêvão Henrique dos Santos, 76, em sua residência, na Vista Alegre. Carioca, era solteiro.

Estados

Ira Dutra Ferreira, 84, no Hospital Cristo Redentor, em Porto Alegre. Uruguaia, deixa viúvo o engenheiro eletrônico Normélio Gomes Celso Ferreira e os filhos Ciro, Beatriz, Teresinha, Nora, Lourdes e Norma, além de seis netos e três bisnetos.

Herta Helga Seferin Martins, 54, no Hospital Lazaroto, em Porto Alegre. Gaúcha de São Leopoldo, deixa viúvo Adão Seferin Martins e os filhos Ronaldo e Régis.

Maria Nacif Malat, 78, em Belo Horizonte. Libanesa, viúva de Gabriel Malat, deixa cinco filhos.

Jaffet Neves, 87, em Belo Horizonte. Mineiro de Boa Esperança, era viúvo.

Duvivier inverte direção

Os motoristas se adaptaram com facilidade à inversão de mão de direção do tráfego, no trecho da Rua Duvivier, entre os cruzamentos com as Ruas Ministro Viveiros de Castro e Barata Ribeiro. A mudança permite, agora, que, da Avenida Atlantica, atinja-se a Rua Barata Ribeiro diretamente, eliminando a confusão antes existente.

Para facilitar ainda mais o tráfego pela Rua Duvivier, o Detran colocou um sinal luminoso no cruzamento entre essa rua e a Ministro Viveiros de Castro, mas sua visão está parcialmente coberta por galhos de duas árvores. Ontem, diversos motoristas, ainda não acostumados ao sinal, foram obrigados a frear bruscamente para evitar choques com veículos que vinham pela Rua Duvivier.

Caminhão interdita Av. Brasil

A capotagem de um caminhão carregado de areia — que se desgovernou ao perder as duas rodas trazeiras, na pista lateral da Av. Brasil — provocou um congestionamento no tráfego Zona Norte-Centro, por mais de três horas, a partir das 10h30m da manhã de ontem. O veículo, placa RJ VP-9186, era dirigido por Henrique da Conceição (solteiro, 28 anos), que não soube explicar as causas do acidente.

Também no Elevado do Gasômetro o tráfego foi vagaroso, desde a manhã até a tarde, embora não tivesse havido congestionamentos. Primeiro, foi a pista da esquerda e, depois, da direita, ambas interditadas para que sete operários do Departamento de Estradas de Rodagem fizessem limpeza.

Polícia continua sem pista nove dias após a morte do estudante Lúdio Coelho

Campo Grande — O caso do sequestro e morte do estudante Lúdio Martins Coelho Filho entra hoje em seu nono dia sem que os órgãos de segurança tenham qualquer pista. O Delegado Sérgio Paranhos Fleury, coordenador das Investigações, volta amanhã para São Paulo, onde responderá processo em que é acusado de haver assassinado o bandido "*Risadinha*". Retornará terça-feira a Campo Grande.

Hans Paulo Reese, o holandês preso há quatro dias quando assaltava posto de gasolina e ao qual a polícia não deu maior crédito no início, continua como único suspeito até agora detido. Ele está sendo duramente interrogado, mas nem a polícia estadual tem acesso às suas informações. Sabe-se apenas que "o delegado Fleury, pessoalmente, já o interrogou".

INTERROGATÓRIOS

Ontem, duas amiguinhas de Ludinho disseram terem sido ouvidas pela Polícia Federal na residência da família Coelho, uma mansão na Rua Bahia, 356. Isso confirma informações extra-oficiais de que a família de Ludinho formou organização parapolicial composta de 150 homens (em sua maioria ex-policiais do Rio e São Paulo, aliados a peões que trabalham para os Coelho) com a finalidade de descobrir os sequestradores.

Os amigos de Ludinho continuam sendo ouvidos pela Polícia, mas a maioria ou saiu da cidade, ou se tranca em casa. O barzinho Hakitu's, ponto de reunião da juventude local e que Ludinho frequentava, desde domingo não recebe mais que meia dúzia de rapazes e moças. Mesmo neste final de semana, quando o movimento aumenta, o barzinho teve pouquíssima frequência e fechou mais cedo do que o costume.

O fotógrafo Raimundo Alves Filho (RAF) e o artista plástico Sérgio Alencastro também desapareceram da cidade, após serem interrogados pela Polícia Federal. Seus amigos disseram que eles pediram permissão à Polícia para se ausentar, pois a imprensa os assediava constantemente. As notícias **quentes** prometidas para ontem de manhã por alguns policiais acabaram não sendo divulgadas e é pouco provável que o sejam hoje, principalmente com a viagem do delegado Fleury para São Paulo.

A cada dia, crescem suspeitas de que Ludinho tenha sido sequestrado e morto por alguém a ele muito chegado. Esses indícios, colhidos entre a população de Campo Grande e no hall do Hotel Campo Grande (onde estão hospedados jornalistas, policiais, amigos da família e autoridades de transito) começam a ficar evidentes a partir da declaração do delegado Fleury: "Ludinho foi sequestrado de surpresa, mas sem qualquer violência."

Além disso, a entrevista dada à imprensa pelo Senador Italívio Coelho, tio do estudante, é bem sintomática. Ele falou sobre os hábitos do rapaz, ação da polícia, repercussões do caso e, em nenhum momento, perturbou-se ou manifestou grande emoção, a não ser quando lhe foi perguntado se acreditava que Ludinho foi vítima de algum amigo seu ou da família. "Por favor, respeitem a minha dor", foi a resposta do Senador arenista por Mato Grosso. Sobre o motivo do crime, as opiniões divergem. Informações oficiais são de que o dinheiro foi a causa de tudo. Policiais que participam das investigações consideram a hipótese da vingança, o mesmo acontecendo com a população.

LOCAIS-CHAVE

Até agora, eis o que se sabe sobre o crime:

Ludinho jantou pela última vez na casa do médico Fernando Junqueira, na Avenida 15 de Novembro, 1 186. A casa fica bem próxima a quatro locais-chave: 1º) o estúdio fotográfico de Raimundo Alves, um de seus mais íntimos amigos; 2.º) o barzinho Haktut's; 3.º) a casa que Raf alugou há um mês e meio e que se encontrava abandonada (ele disse à Polícia que a alugou para morar, mas acabou se decidindo pelo próprio estúdio). A casa era também frequentada pelo artista plástico Sérgio e 4º) o terreno baldio do bairro Aero Rancho, onde Ludinho foi encontrado domingo, cerca das 12h30m, por uma mulher que ali catava lenha para fogão. O corpo estava com dois tiros, um no lábio superior e outro na fronte. No local havia sangue, indicando que ali mesmo o rapaz fora morto.

Após o jantar de quinta-feira, cerca da meia-noite, Ludinho disse a uma pessoa que dali seguiria para "um local de diversão", como informou o delegado Fleury, que acrescentou ter sido esta a última pessoa que o viu com vida e a qual a polícia interrogou. Sabe-se que Ludinho não chegou ao "local de diversão", pois foi sequestrado, provavelmente quando parou num sinal (coisa rara no rapaz, ainda mais de madrugada) ou estacionou o Galaxie para conversar "com alguém conhecido". Há também a hipótese de seu carro ter sido "fechado" pelo dos sequestradores. O rapaz teria saltado, nervoso, disposto a brigar e aí foi ameaçado com armas e introduzido num outro carro, que fugiu.

FATOS

Na sexta-feira pela manhã, Ludinho teria que viajar com o pai, o banqueiro Lúdio Martins Coelho, pecuarista e vice-presidente do Diretório Regional da Arena no Estado. Sabe-se agora que esse pormenor era conhecido pelos sequestradores, pois o Sr Lúdio somente ia à garagem cedinho quando precisava viajar. Fora disso, acordava normalmente cedo, mas permanecia em casa, de pijama, até o horário comercial.

Na garagem, o Galaxie marrom, 1976, do rapaz não estava estacionado como ele sempre o deixava, o pára-choque dianteiro quase colado à parede (sua mãe sempre o advertiu sobre isso), o que indicou à polícia que um dos sequestradores o deixou na garagem, entre uma e quatro horas da manhã.

O vigia da residência estava de folga (fato também conhecido pelos sequestradores) e o guarda do Centro Educacional Lúcia Martins Coelho, que fica em frente à mansão também admitiu que dormiu após as 11 horas, e não viu nada. A carta datilografada, bem escrita (apenas com acentuação antiga), estava no pára-brisa do Galaxie e foi assim que o Sr Lúdio a encontrou, dentro de um envelope que não abriu logo. Primeiro foi ao quarto do rapaz e, verificando que ele não estava lá, voltou à garagem e tomou conhecimento da carta, que exigia resgate de Cr$ 6 milhões. Informava que seria feito novo contato entre as 18h e 24h de sexta-feira, mas o delegado Fleury, do DEOPS de São Paulo, chegou a Campo Grande por volta de 19h de sexta-feira, quase à mesma hora em que começava o prazo dado pelos sequestradores para manter novo contato com a família, o que seria feito pelo telefone 4-3812, da residência.

O contato não foi feito e o resto do dia transcorreu sem novidades. Na sexta-feira pela manhã, toda a cidade de Campo Grande já sabia que Ludinho havia sido sequestrado, inclusive sabia de alguns pormenores da carta. Os jornais locais foram censurados pela Polícia Federal, que proibiu a divulgação da notícia. Esta, afinal, acabou ultrapassando as fronteiras do Município apenas no domingo à tarde, quando o corpo de Ludinho foi achado. As balas retiradas são de calibre 38, sendo uma delas de fabricação nacional e a outra americana, mas os testes de balística mostraram que a mesma arma disparou ambos os projéteis.

Missão da Funai acha tribo em extinção ao procurar três meninas seqüestradas

Brasília — Uma expedição da Funai, que há dois meses tentava encontrar três crianças sequestradas por índios, em 1970, da cidade de Jaci-Paranan, no território federal de Rondônia, entrou em contato, pela primeira vez, com a comunidade indígena dos Karipunas, que se encontra em fase de extinção, em meio a grande miséria.

Segundo o chefe da missão, o sertanista Benamour Fontes, a tribo foi localizada nas matas entre Porto Velho e Guajará-Mirim, em circunstancias semelhantes às da Idade da Pedra: 18 índios vivem em pobres malocas, quase não praticam a agricultura e suas únicas armas são um machado de pedra e um pedaço de facão sem cabo.

RESGATE

— "O principal objetivo da expedição" — disse o sertanista — "era encontrar as três meninas, de seis, oito e 12 anos de idade, que desapareceram em 1970. Apesar da intensa busca, nada encontramos. Na próxima semana, vamos iniciar uma nova missão de resgate, mas desde já estamos certos de que não foram os índios karipunas que sequestraram as crianças, conforme denúncia do tio delas, Sr Rubens Rodrigues, que também mora em Jaci-Paranan.

Benamour Fontes revelou, ainda, que a suspeita de que os índios foram os raptores das meninas se deve ao fato de que seus parentes encontraram dezenas de flechas encravadas num pedaço de madeira e sangue, no quintal onde elas costumavam brincar.

DEPOIMENTO

"Em 1973" — acrescentou o sertanista Benamour Fontes — "um topógrafo, que trabalhava naquelas matas, chegou a Jaci-Paranan afirmando que vira as três meninas no interior de uma maloca cercada por índios. Com medo de ser morto, ele retornou à cidade, para pedir ajuda. Quando um grupo voltou ao local, só achou as malocas vazias e nenhuma pista sobre as crianças."

Na opinião do sertanista, os karipunas pertencem ao grupo indígena tupi, pois apenas o intérprete *Pitanga*, que pertence à mesma família indígena, conseguiu comunicar-se com eles.

Os karipunas usam enfeites muito rústicos, feitos de embira, nos braços, barriga e pernas. Os homens se enfeitam com três faixas em torno da cintura e as mulheres usam brincos feitos de dentes de animais. Seus arcos, com dois metros de altura, são mal trabalhados.

Em relatório enviado à Funai, Benamour Fontes sugeriu que a tribo dos karipunas seja removida para outra área, onde terá apoio de outros índios do mesmo grupo, pois, devido à sua situação de isolamento e pobreza, ela não resistirá muito tempo.

Norte-americanos são acusados de massacre

Manaus — A missão norte-americana Novas Tribos do Brasil está sendo apontada como responsável por mais um massacre ocorrido na região de Atalaia do Norte, no Amazonas. Em ofício à Funai, o pesquisador Paulo Lucena acusou o pastor Geraldo Kennel de haver instigado os índios marubos a massacrarem o seringueiro José Rosendo, às margens do rio Itui.

A chacina ocorreu quando o seringueiro descia o rio, com sua família, após ter sido expulso da área indígena pelos membros da missão norte-americana, que, inclusive, negou-se a fornecer medicamentos à sua filha, que se encontrava doente. Anexo à denúncia, Paulo Lucena juntou depoimento do irmão da vítima, Rosendo dos Santos Filho, que presenciou o massacre.

"Ele foi morto pelos índios, a cacetadas, na beira da lagoa Maruim" — disse Rosendo.

O crime foi comunicado ao sertanista Jaime Pimentel, que comentou, ironicamente:

"Seu irmão não foi morto pelos índios. Eles apenas o levaram para tomar caiçuma na tribo e, depois, vão devolvê-lo".

O fato foi, também, levado ao conhecimento do chefe do Posto Indígena da Funai em Atalaia do Norte, Sr Gilvão Brandão da Silva, que esclareceu:

"Os americanos estavam cumprindo ordens da Funai e o que eles fizeram foi bem-feito".

Recentemente, a Missão Novas Tribos do Brasil foi acusada de instigar os marubos a assassinarem o sertanista Victor Bataglia.

Criação de dentista rural é considerada absurda pela Federação de Odontologista

E' absurda, por contrariar a legislação em vigor e ter propósitos eleitorais, a criação de uma subcategoria profissional na área de saúde, com redução do currículo universitário a dois anos e formação de dentistas e enfermeiros que atuassem exclusivamente no interior, conforme projeto de lei do Deputado Federal Inocêncio de Oliveira (Arena-CE).

A declaração é do presidente da Federação Nacional dos Odontologistas, Sr Joaquim Ottoni Júnior, para quem a existência de 1 bilhão 400 milhões de dentes estragados no Brasil em crianças de sete a 14 anos não se resolverá com o envio ao interior de dentistas rurais despreparados e sem meios de dar um combate efetivo à cárie.

SOLUÇÃO E LEI

O uso de flúor nas águas de abastecimento e o envio de dentistas recém-formados ao interior diminuiram em 60% a incidência da cárie, explica o presidente da Federação. Também foi contra o projeto o presidente do Sindicato dos Odontologistas do Rio Grande do Sul, professor Paulo Monteiro Freitas, que teme pela qualidade do ensino e não vê justificativa na preparação de profissionais com atuaçao exclusiva no interior.

Se a lei for aprovada pelas comissões de Constituição, Justiça, Saúde e Finanças da Camara Federal, ela será "legalizadora dos charlatães", segundo a Federação dos Odontologistas. "Estamos em época de eleição e não se pode compreender um disparate desses com um mínimo de senso", diz o presidente do Sindicato de Minas Gerais.

As sugestões apresentadas ao Governo pelo II Encontro dos Sindicatos de Odontologia em Porto Alegre indicam que 85% da população gaúcha e 95% dos brasileiros não têm condições de pagar uma consulta dentária. A solução apresentada é a socialização da odontologia, contanto que os dentistas possam acumular dois cargos públicos.

Existem no país 52 faculdades de odontologia e o número de dentistas formados não atende ainda às necessidades do extenso território que em sua maioria continua desassistido pelos odontólogos. "Muitos municípios não têm dentistas", lembra o presidente do sindicato de Pernambuco, Sr Ivo Campos Galvão.

DR. JOSÉ MANOEL FERNANDES

(MISSA DE 7.º DIA)

A diretoria do Jockey Club Brasileiro, convida os consócios, parentes e amigos do seu saudoso ex-diretor DR. JOSÉ MANOEL FERNANDES, para a missa de 7.º Dia, que por sua alma será celebrada, no altar-mór da Igreja N. S. do Carmo, às 11 horas do dia 20, 2.ª-feira. (Rua 1.º de Março).

MARIA DA GLORIA GUIMARÃES BAPTISTA

(MISSA DE 7.º DIA)

Sua família convida demais parentes e amigos para a missa de 7.º dia a realizar-se amanhã, dia 20, às 10,00 horas, na Igreja N.S. do Carmo à Rua 1.º de Março.

MIGUEL ELIAS

6.º PORTEIRO DOS AUDITÓRIOS

(MISSA DE 7.º DIA)

Os Avaliadores Judiciais e os Porteiros de Auditórios pesarosos com o passamento de seu dileto companheiro, amigo e colega — MIGUEL ELIAS — convidam os amigos e parentes para a missa que, em intenção de sua bonissíma alma, farão realizar no dia 21, terça-feira, às 11 horas, no altar mor da Igreja de São José, nesta Comarca, desde já testemunhando seu reconhecimento a quantos comparecerem a esse ato de piedade cristã.

PIETRO ROKAB

(MISSA DE 7.º DIA)

Concetta Rokab, Oswaldo Rokab, esposa e filhos, Liliana Rokab, Miranda e Romano Parrini e filha (ausentes) agradecem as manifestações de carinho recebidas por ocasião do falecimento de seu querido esposo, pai, sogro e avô e convidam amigos para missa na Catedral Metropolitana (Praça 15), dia 22, às 11 horas.

Cel. João Maciel Monteiro de Oliveira

(FALECIMENTO)

Erice Silva Monteiro de Oliveira, filha, genro, netos, irmãos e demais parentes, cumprem o doloroso dever de comunicar o falecimento do inesquecível JOÃOZITO e convidam os demais parentes e amigos para o sepultamento que se realizará hoje, dia 19, às 16 horas, no Cemitério Jardim da Saudade, saindo o féretro da Capela "D" da mesma necrópole.

RICHARD F. HARTMANN

(MISSA DE 1 ANO)

Como é grande a dor de uma saudade...

Sua esposa Hilda, seus filhos Savannah, Ricardo, Ernesto e William, seu neto Ernestinho e sua nora Christina, comunicam que farão celebrar missa de um ano em intenção da alma de seu querido esposo, pai, avô e sogro na Igreja de São Paulo Apóstolo, Rua Barão de Ipanema em Copacabana, às 18:00 horas do dia 20 de setembro de 1976.

ENG. ROMEU DUFFLES TEIXEIRA

(MISSA DE 7º DIA)

Famílias Gilberto, Celso, Iracema Jacyra, Cecy e Maria do Carmo, irmãos, cunhadas sobrinhos e demais parentes do querido ROMEU convidam para missa de 7º dia em intenção de sua boníssima alma, na Candelária, às 11 horas, do dia 20, segunda-feira.

ALMIRANTE RENATO DE ALMEIDA GUILLOBEL

Ex-Ministro da Marinha

(1.º ANIVERSÁRIO)

Seus amigos é auxiliares convidam para a Missa que farão celebrar, às 11,30 horas do dia 20 do corrente, na Igreja Santa Cruz dos Militares, à Rua 1.º de Março.

ALMIRANTE RENATO DE ALMEIDA GUILLOBEL

(MISSA DE 1º ANO)

Carlos Netto Teixeira e sra., Embaixador Miguel do Rio Branco e Sra., convidam para missa de seu inesquecível amigo RENATO DE ALMEIDA GUILLOBEL, a ser celebrada na Igreja Santa Cruz dos Militares, segunda-feira dia 20 às 11,30 horas.

ANTONIO RIBEIRO DA COSTA

(NICO RIBEIRO)

(FALECIMENTO)

Lincoln, Cely, Renato, Tereza, Nelly, Enila, Maria José, Cecilia, João Batista, e Maria da Penha, cumprem o doloroso dever de comunicar o falecimento de seu querido pai, NICO RIBEIRO, e convidam para o seu sepultamento hoje, dia 19, às 12 horas, saindo o féretro da Capela "C" do Cemitério de São Francisco Xavier, para a mesma necrópole.

MANOEL ANTONIO RAMALHO ORTIGÃO

(MINEO)

(MISSA DE 7.º DIA)

Marianna Moniz Ortigão e família agradecem as manifestações de carinho recebidas por ocasião do falecimento do querido MINEO e convidam parentes e amigos para a missa de 7.º dia que farão celebrar em intenção de sua boníssima alma, terça-feira, dia 21, às 10:30 horas, na Igreja São Francisco de Paula, no Largo de São Francisco.

OCTACILIO TERRA URURAHY

(MISSA DE 30.º DIA)

A família de OCTACILIO TERRA URURAHY, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todos que a confortaram por ocasião do seu falecimento, vem, por este meio, expressar o seu sincero e profundo reconhecimento e convidar para as missas de 30.º dia, que serão celebradas nos dias 21 de setembro, terça-feira, às 09:30 horas, na Igreja de N. S. do Amparo, Av. Suburbana, 9.887, Cascadura, e 25 de setembro, sábado, às 08,30 horas, na Igreja do Santo Sepulcro, Rua do Sanatório, 310, Cascadura.

ALMIRANTE RENATO DE ALMEIDA GUILLOBEL

(MISSA DE 1.º ANO)

Lucia Ramos Leal Guillobel, Jospe Paulo Leal Guillobel e família, Cantidio Antonio Drumond Netto e família, convidam para missa de seu querido tio, a realizar-se segunda-feira, dia 20, às 11,30h, na Igreja Santa Cruz dos Militares à Rua 1.º de Março.

CLARICE ALBUQUERQUE E MELLO

Sua família convida demais parentes e amigos para a missa de 7º dia que será rezada no dia 20 do corrente, às 18,00 horas, na Paróquia Santa Cruz de Copacabana, na Rua Siqueira Campos 143 — 3º andar.

Falecimentos

Rio de Janeiro

Aydil Floresta de Miranda, 89, em sua residência, em Copacabana. Baiana, era solteira.

Luísa Mora Almada, 85, na Casa de Saúde Fabiano de Cristo. Carioca, viúva de Aníbal Almada, morava no Flamengo.

Rubens Marques Perdigão, 83, em sua residência, em Copacabana. Carioca, deixa viúva Alice de Andrade Perdigão e a filha Delfina, além de netos.

Cecília Barbosa das Neves, 58, em sua residência, em Pilares. Carioca, era solteira.

José da Cunha Viana, 84, em sua residência, em São Cristóvão. Carioca, desquitado, deixa os filhos Vicente e Henrique.

Vitalina Lopes, 74, na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Fluminense, morava na Piedade. Viúva de Otaviano José Bezerra, deixa a filha Teresa.

Stanislaw Gorian, 84, em sua residência, em Copacabana. Polonês, viúvo de Stefania Gorian, deixa o filho Richard, netos e bisnetos.

João Bastos Torres, 52, em sua residência, em Copacabana. Carioca, viúvo de Clair Mayrink Torres, deixa as filhas Lia e Norma, além de netos.

Estêvão Henrique dos Santos, 76, em sua residência, na Vista Alegre. Carioca, era solteiro.

Estados

Ira Dutra Ferreira, 84, no Hospital Cristo Redentor, em Porto Alegre. Uruguaia, deixa viúvo o engenheiro eletrônico Normélio Gomes Celso Ferreira e os filhos Ciro, Beatriz, Terezinha, Nora, Lourdes e Norma, além de seis netos e três bisnetos.

Herta Helga Seferin Martins, 54, no Hospital Lazaroto, em Porto Alegre. Gaúcha de São Leopoldo, deixa viúvo Adão Seferin Martins e os filhos Ronaldo e Régis.

Maria Nacif Malat, 78, em Belo Horizonte. Libanesa, viúva de Gabriel Malat, deixa cinco filhos.

Jaffet Naves, 87, em Belo Horizonte. Mineiro de Boa Esperança, era viúvo.

DR. JOSÉ MANOEL FERNANDES

(MISSA DE 7.º DIA)

A diretoria do Jockey Club Brasileiro, convida os consócios, parentes e amigos do seu saudoso ex-diretor DR. JOSÉ MANOEL FERNANDES, para a missa de 7.º Dia, que por sua alma será celebrada, no altar-mór da Igreja N. S. do Carmo, às 11 horas do dia 20, 2.ª-feira. (Rua 1.º de Março).

MARIA DA GLORIA GUIMARÃES BAPTISTA

(MISSA DE 7.º DIA)

Sua família convida demais parentes e amigos para a missa de 7.º dia a realizar-se amanhã, dia 20, às 10,00 horas, na Igreja N.S. do Carmo à Rua 1.º de Março.

MIGUEL ELIAS

6.º PORTEIRO DOS AUDITÓRIOS

(MISSA DE 7.º DIA)

Os Avaliadores Judiciais e os Porteiros de Auditórios pesarosos com o passamento de seu dileto companheiro, amigo e colega — MIGUEL ELIAS — convidam os amigos e parentes para a missa que, em intenção de sua boníssima alma, farão realizar no dia 21, terça-feira, às 11 horas, no altar mor da Igreja de São José, nesta Comarca, desde já testemunhando seu reconhecimento a quantos comparecerem a esse ato de piedade cristã.

PIETRO ROKAB

(MISSA DE 7.º DIA)

Concetta Rokab, Oswaldo Rokab, esposa e filhos, Liliana Rokab, Miranda e Romano Parrini e filha (ausentes) agradecem as manifestações de carinho recebidas por ocasião do falecimento de seu querido esposo, pai, sogro e avô e convidam amigos para missa na Catedral Metropolitana (Praça 15), dia 22, às 11 horas.

ANTONIO RIBEIRO DA COSTA

(NICO RIBEIRO)

(FALECIMENTO)

Lincoln, Cely, Renato, Tereza, Nelly, Enila, Maria José, Cecilia, João Batista, e Maria da Penha, cumprem o doloroso dever de comunicar o falecimento de seu querido pai, NICO RIBEIRO, e convidam para o seu sepultamento hoje, dia 19, às 12 horas, saindo o féretro da Capela "C" do Cemitério de São Francisco Xavier, para a mesma necrópole.

MANOEL ANTONIO RAMALHO ORTIGÃO

(MINEO)

(MISSA DE 7.º DIA)

Marianna Moniz Ortigão e família agradecem as manifestações de carinho recebidas por ocasião do falecimento do querido MINEO e convidam parentes e amigos para a missa de 7.º dia que farão celebrar em intenção de sua boníssima alma, terça-feira, dia 21, às 10:30 horas, na Igreja São Francisco de Paula, no Largo de São Francisco.

OCTACILIO TERRA URURAHY

(MISSA DE 30.º DIA)

A família de OCTACILIO TERRA URURAHY, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todos que a confortaram por ocasião do seu falecimento, vem, por este meio, expressar o seu sincero e profundo reconhecimento e convidar para as missas de 30.º dia, que serão celebradas nos dias 21 de setembro, terça-feira, às 09:30 horas, na Igreja de N. S. do Amparo, Av. Suburbana, 9.887, Cascadura, e 25 de setembro, sábado, às 08,30 horas, na Igreja do Santo Sepulcro, Rua do Sanatório, 310, Cascadura.

Duvivier inverte direção

Os motoristas se adaptaram com facilidade à inversão de mão de direção do tráfego, no trecho da Rua Duvivier, entre os cruzamentos com as Ruas Ministro Viveiros de Castro e Barata Ribeiro. A mudança permite, agora, que, da Avenida Atlantica, atinja-se a Rua Barata Ribeiro diretamente, eliminando a confusão antes existente.

Para facilitar ainda mais o tráfego pela Rua Duvivier, o Detran colocou um sinal luminoso no cruzamento entre essa rua e a Ministro Viveiros de Castro, mas sua visão está parcialmente coberta por galhos de duas árvores. Ontem, diversos motoristas, ainda não acostumados ao sinal, foram obrigados a frear bruscamente para evitar choques com veiculos que vinham pela Rua Duvivier.

Mulher é morta em blitz da PM

A Sra Sória Correia do Espírito Santo, de 38 anos, morreu ontem à noite, na Cruzada São Sebastião, no Leblon, e, vários moradores afirmam que seu ferimento — na cabeça — foi decorrência de um tiro desfechado por um policial durante uma blitz realizada por um choque da PM.

Para a morte da Sra Sória, há ainda, uma outra versão: ela teria sido atingida por um vaso, jogado por um morador que se revoltou quando da invasão do conjunto pelos PMs ("Boinas Azuis"). A vitima foi levada para o Hospital Miguel Couto, onde morreu quando recebia os primeiros socorros. No hospital compareceram dezenas de moradores do conjunto, que fizeram acusações aos PMs. A 14a. DP registrou e vai instaurar inquérito.

Cel. João Maciel Monteiro de Oliveira

(FALECIMENTO)

Erice Silva Monteiro de Oliveira, filha, genro, netos, irmãos e demais parentes, cumprem o doloroso dever de comunicar o falecimento do inesquecivel JOÃOZITO e convidam os demais parentes e amigos para o sepultamento que se realizará hoje, dia 19, às 16 horas, no Cemitério Jardim da Saudade, saindo o féretro da Capela "D" da mesma necrópole.

RICHARD F. HARTMANN

(MISSA DE 1 ANO)

Como é grande a dor de uma saudade . . .

Sua esposa Hilda, seus filhos Savannah, Ricardo, Ernesto e William, seu neto Ernestinho e sua nora Christina, comunicam que farão celebrar missa de um ano em intenção da alma de seu querido esposo, pai, avô e sogro na Igreja de São Paulo Apóstolo, Rua Barão de Ipanema em Copacabana, às 18:00 horas do dia 20 de setembro de 1976.

ENG. ROMEU DUFFLES TEIXEIRA

(MISSA DE 7º DIA)

Familias Gilberto, Celso, Iracema Jacyra, Cecy e Maria do Carmo, irmãos, cunhadas sobrinhos e demais parentes do querido ROMEU convidam para missa de 7º dia em intenção de sua boníssima alma, na Candelária, às 11 horas, do dia 20, segunda-feira.

ALMIRANTE RENATO DE ALMEIDA GUILLOBEL

Ex-Ministro da Marinha

(1.º ANIVERSÁRIO)

Seus amigos e auxiliares convidam para a Missa que farão celebrar, às 11,30 horas do dia 20 do corrente, na Igreja Santa Cruz dos Militares, à Rua 1.º de Março.

ALMIRANTE RENATO DE ALMEIDA GUILLOBEL

(MISSA DE 1º ANO)

Carlos Netto Teixeira e sra., Embaixador Miguel do Rio Branco e Sra., convidam para a missa de seu inesquecível amigo RENATO DE ALMEIDA GUILLOBEL, a ser celebrada na Igreja Santa Cruz dos Militares, segunda-feira dia 20 às 11,30 horas.

Polícia continua sem pista nove dias após a morte do estudante Lúdio Coelho

Campo Grande — O caso do sequestro e morte do estudante Lúdio Martins Coelho Filho entra hoje em seu nono dia sem que os órgãos de segurança tenham qualquer pista. O Delegado Sérgio Paranhos Fleury, coordenador das Investigações, volta amanhã para São Paulo, onde responderá processo em que é acusado de haver assassinado o bandido *"Risadinha"*. Retornará terça-feira a Campo Grande.

Hans Paulo Reese, o holandês preso há quatro dias quando assaltava posto de gasolina e ao qual a polícia não deu maior crédito no início, continua como único suspeito até agora detido. Ele está sendo duramente interrogado, mas nem a polícia estadual tem acesso às suas informações. Sabe-se apenas que "o delegado Fleury, pessoalmente, já o interrogou".

INTERROGATÓRIOS

Ontem, duas amiguinhas de Ludinho disseram terem sido ouvidas pela Policia Federal na residência da familia Coelho, uma mansão na Rua Bahia, 356. Isso confirma informações extra-oficiais de que a familia de Ludinho formou organização parapolicial composta de 150 homens (em sua maioria ex-policiais do Rio e São Paulo, aliados a peões que trabalham para os Coelho) com a finalidade de descobrir os sequestradores.

Os amigos de Ludinho continuam sendo ouvidos pela Polícia, mas a maioria ou saiu da cidade, ou se tranca em casa. O barzinho Hakitu's, ponto de reunião da juventude local e que Ludinho frequentava, desde domingo não recebe mais que meia dúzia de rapazes e moças. Mesmo neste final de semana, quando o movimento aumenta, o barzinho teve pouquissima frequência e fechou mais cedo do que o costume.

O fotógrafo Raimundo Alves Filho (RAF) e o artista plástico Sérgio Alencastro também desapareceram da cidade, após serem interrogados pela Policia Federal. Seus amigos disseram que eles pediram permissão à Policia para se ausentar, pois a imprensa os assediava constantemente. As notícias **quentes** prometidas para ontem de manhã por alguns policiais acabaram não sendo divulgadas e é pouco provável que o sejam hoje, principalmente com a viagem do delegado Fleury para São Paulo.

A cada dia, crescem suspeitas de que Ludinho tenha sido sequestrado e morto por alguém a ele muito chegado. Esses indícios, colhidos entre a população de Campo Grande e no hall do Hotel Campo Grande (onde estão hospedados jornalistas, policiais, amigos da família e autoridades de transito) começam a ficar evidentes a partir da declaração do delegado Fleury: "Ludinho foi sequestrado de surpresa, mas sem qualquer violência."

Além disso, a entrevista dada à imprensa pelo Senador Italivio Coelho, tio do estudante, é bem sintomática. Ele falou sobre os hábitos do rapaz, ação da policia, repercussões do caso e, em nenhum momento, perturbou-se ou manifestou grande emoção, a não ser quando lhe foi perguntado se acreditava que Ludinho foi vítima de algum amigo seu ou da família. "Por favor, respeitem a minha dor", foi a resposta do Senador arenista por Mato Grosso. Sobre o motivo do crime, as opiniões divergem. Informações oficiais são de que o dinheiro foi a causa de tudo. Policiais que participam das investigações consideram a hipótese da vingança, o mesmo acontecendo com a população.

LOCAIS-CHAVE

Até agora, eis o que se sabe sobre o crime:

Ludinho jantou pela última vez na casa do médico Fernando Junqueira, na Avenida 15 de Novembro, 1 186. A casa fica bem próxima a quatro locais-chave: 1º) o estúdio fotográfico de Raimundo Alves, um de seus mais intimos amigos; 2.º) o barzinho Haktut's; 3.º) a casa que Raf alugou há um mês e meio e que se encontrava abandonada (ele disse à Policia que a alugou para morar, mas acabou se decidindo pelo próprio estúdio). A casa era também frequentada pelo artista plástico Sérgio e 4º) o terreno baldio do bairro Aero Rancho, onde Ludinho foi encontrado domingo, cerca das 12h30m, por uma mulher que ali catava lenha para fogão. O corpo estava com dois tiros, um no lábio superior e outro na fronte. No local havia sangue, indicando que ali mesmo o rapaz fora morto.

Após o jantar de quinta-feira, cerca da meia-noite, Ludinho disse a uma pessoa que dali seguiria para "um local de diversão", como informou o delegado Fleury, que acrescentou ter sido esta a última pessoa que o viu com vida e a qual a policia interrogou. Sabe-se que Ludinho não chegou ao "local de diversão", pois foi sequestrado, provavelmente quando parou num sinal (coisa rara no rapaz, ainda mais de madrugada) ou estacionou o Galaxie para conversar "com alguém conhecido". Há também a hipótese de seu carro ter sido "fechado" pelo dos sequestradores. O rapaz teria saltado, nervoso, disposto a brigar e ai foi ameaçado com armas e introduzido num outro carro, que fugiu.

FATOS

Na sexta-feira pela manhã, Ludinho teria que viajar com o pai, o banqueiro Lúdio Martins Coelho, pecuarista e vice-presidente do Diretório Regional da Arena no Estado. Sabe-se agora que esse pormenor era conhecido pelos sequestradores, pois o Sr Lúdio somente ia à garagem cedinho quando precisava viajar. Fora disso, acordava normalmente cedo, mas permanecia em casa, de pijama, até o horário comercial.

Na garagem, o Galaxie marrom, 1976, do rapaz não estava estacionado como ele sempre o deixava, o pára-choque dianteiro quase colado à parede (sua mãe sempre o advertiu sobre isso), o que indicou à policia que um dos sequestradores o deixou na garagem, entre uma e quatro horas da manhã.

O vigia da residência estava de folga (fato também conhecido pelos sequestradores) e o guarda do Centro Educacional Lúcia Martins Coelho, que fica em frente a mansão também admitiu que dormiu após as 11 horas, e não viu nada. A carta datilografada, bem escrita (apenas com acentuação antiga), estava no pára-brisa do Galaxie e foi assim que o Sr Lúdio a encontrou, dentro de um envelope que não abriu logo. Primeiro foi ao quarto do rapaz e, verificando que ele não estava lá, voltou à garagem e tomou conhecimento da carta, que exigia resgate de Cr$ 6 milhões. Informava que seria feito novo contato entre as 18h e 24h de sexta-feira, mas o delegado Fleury, do DEOPS de São Paulo, chegou a Campo Grande por volta de 19h de sexta-feira, quase à mesma hora em que começava o prazo dado pelos sequestradores para manter novo contato com a familia, o que seria feito pelo telefone 4-3812, da residência.

O contato não foi feito e o resto do dia transcorreu sem novidades. Na sexta-feira pela manhã, toda a cidade de Campo Grande já sabia que Ludinho havia sido sequestrado, inclusive sabia de alguns pormenores da carta. Os jornais locais foram censurados pela Policia Federal, que proibiu a divulgação da noticia. Esta, afinal, acabou ultrapassando as fronteiras do Municipio apenas no domingo à tarde, quando o corpo de Ludinho foi achado. As balas retiradas são de calibre 38, sendo uma delas de fabricação nacional e a outra americana, mas os testes de balistica mostraram que a mesma arma disparou ambos os projéteis.

ALMIRANTE RENATO DE ALMEIDA GUILLOBEL

(MISSA DE 1.º ANO)

Lucia Ramos Leal Guillobel, Jospe Paulo Leal Guillobel e família, Cantidio Antonio Drumond Netto e família, convidam para missa de seu querido tio, a realizar-se segunda-feira, dia 20, às 11,30h, na Igreja Santa Cruz dos Militares à Rua 1.º de Março.

Missão da Funai acha tribo em extinção ao procurar três meninas seqüestradas

Brasília — Uma expedição da Funai, que há dois meses tentava encontrar três crianças sequestradas por índios, em 1970, da cidade de Jaci-Paranan, no território federal de Rondônia, entrou em contato, pela primeira vez, com a comunidade indígena dos Karipunas, que se encontra em fase de extinção, em meio a grande miséria.

Segundo o chefe da missão, o sertanista Benamour Fontes, a tribo foi localizada nas matas entre Porto Velho e Guajará-Mirim, em circunstancias semelhantes às da Idade da Pedra: 18 índios vivem em pobres malocas, quase não praticam a agricultura e suas únicas armas são um machado de pedra e um pedaço de facão sem cabo.

RESGATE

— "O principal objetivo da expedição" — disse o sertanista — "era encontrar as três meninas, de seis, oito e 12 anos de idade, que desapareceram em 1970. Apesar da intensa busca, nada encontramos. Na próxima semana, vamos iniciar uma nova missão de resgate, mas desde já estamos certos de que não foram os índios karipunas que sequestraram as crianças, conforme denúncia do tio delas, Sr Rubens Rodrigues, que também mora em Jaci-Paranan.

Benamour Fontes revelou, ainda, que a suspeita de que os índios foram os raptores das meninas se deve ao fato de que seus parentes encontraram dezenas de flechas encravadas num pedaço de madeira e sangue, no quintal onde elas costumavam brincar.

DEPOIMENTO

"Em 1973" — acrescentou o sertanista Benamour Fontes — "um topógrafo, que trabalhava naquelas matas, chegou a Jaci-Paranan afirmando que vira as três meninas no interior de uma maloca cercada por índios. Com medo de ser morto, ele retornou à cidade, para pedir ajuda. Quando um grupo voltou ao local, só achou as malocas vazias e nenhuma pista sobre as crianças."

Na opinião do sertanista, os karipunas pertencem ao grupo indígena tupi, pois apenas o intérprete *Pitanga*, que pertence à mesma família indígena, conseguiu comunicar-se com eles.

Os karipunas usam enfeites muito rústicos, feitos de embira, nos braços, barriga e pernas. Os homens se enfeitam com três faixas em torno da cintura e as mulheres usam brincos feitos de dentes de animais. Seus arcos, com dois metros de altura, são mal trabalhados.

Em relatório enviado à Funai, Benamour Fontes sugeriu que a tribo dos karipunas seja removida para outra área, onde terá apoio de outros índios do mesmo grupo, pois, devido à sua situação de isolamento e pobreza, ela não resistirá muito tempo.

Norte-americanos são acusados de massacre

Manaus — A missão norte-americana Novas Tribos do Brasil está sendo apontada como responsável por mais um massacre ocorrido na região de Atalaia do Norte, no Amazonas. Em ofício à Funai, o pesquisador Paulo Lucena acusou o pastor Geraldo Kennel de haver instigado os índios marubos a massacrarem o seringueiro José Rosendo, às margens do rio Itui.

A chacina ocorreu quando o seringueiro descia o rio, com sua família, após ter sido expulso da área indígena pelos membros da missão norte-americana, que, inclusive, negou-se a fornecer medicamentos à sua filha, que se encontrava doente. Anexo à denúncia, Paulo Lucena juntou depoimento do irmão da vitima, Rosendo dos Santos Filho, que presenciou o massacre.

"Ele foi morto pelos índios, a cacetadas, na beira da lagoa Maruim" — disse Rosendo.

O crime foi comunicado ao sertanista Jaime Pimentel, que comentou, ironicamente:

"Seu irmão não foi morto pelos índios. Eles apenas o levaram para tomar caiçuma na tribo e, depois, vão devolvê-lo".

O fato foi, também, levado ao conhecimento do chefe do Posto Indígena da Funai em Atalaia do Norte, Sr Gilvão Brandão da Silva, que esclareceu:

"Os americanos estavam cumprindo ordens da Funai e o que eles fizeram foi bem-feito".

Recentemente, a Missão Novas Tribos do Brasil foi acusada de instigar os marubos a assassinarem o sertanista Victor Bataglia.

Criação de dentista rural é considerada absurda pela Federação de Odontologistas

E' absurda, por contrariar a legislação em vigor e ter propósitos eleitorais, a criação de uma subcategoria profissional na área de saúde, com redução do currículo universitário a dois anos e formação de dentistas e enfermeiros que atuassem exclusivamente no interior, conforme projeto de lei do Deputado Federal Inocêncio de Oliveira (Arena-CE).

A declaração é do presidente da Federação Nacional dos Odontologistas, Sr Joaquim Ottoni Júnior, para quem a existência de 1 bilhão 400 milhões de dentes estragados no Brasil em crianças de sete a 14 anos não se resolverá com o envio ao interior de dentistas rurais despreparados e sem meios de dar um combate efetivo à cárie.

SOLUÇÃO E LEI

O uso de flúor nas águas de abastecimento e o envio de dentistas recém-formados ao interior diminuiram em 60% a incidência da cárie, explica o presidente da Federação. Também foi contra o projeto o presidente do Sindicato dos Odontologistas do Rio Grande do Sul, professor Paulo Monteiro Freitas, que teme pela qualidade do ensino e não vê justificativa na preparação de profissionais com atuação exclusiva no interior.

Se a lei for aprovada pelas comissões de Constituição, Justiça, Saúde e Finanças da Camara Federal, ela será "legalizadora dos charlatães", segundo a Federação dos Odontologistas. "Estamos em época de eleição e não se pode compreender um disparate desses com um minimo de senso", diz o presidente do Sindicato de Minas Gerais.

As sugestões apresentadas ao Governo pelo II Encontro dos Sindicatos de Odontologia em Porto Alegre indicam que 85% da população gaúcha e 95% dos brasileiros não têm condições de pagar uma consulta dentária. A solução apresentada é a socialização da odontologia, contanto que os dentistas possam acumular dois cargos públicos.

Existem no país 52 faculdades de odontologia e o número de dentistas formado não atende ainda às necessidades do extenso território que em sua maioria continua desassistido pelos odontólogos. "Muitos municipios não têm dentistas", lembra o presidente do sindicato de Pernambuco, Sr Ivo Campos Galvão.

CLARICE ALBUQUERQUE E MELLO

Sua família convida demais parentes e amigos para a missa de 7º dia que será rezada no dia 20 do corrente, às 18,00 horas, na Paróquia Santa Cruz de Copacabana, na Rua Siqueira Campos 143 — 3º andar.

Número de animais nos trabalhos já aumentou no prado

O movimento de animais em treino na Gávea aumentou um pouco na manhã de ontem e deve apresentar maior número a partir de hoje, caso o tempo continue firme. O treinador João Assis Limeira levou alguns dos seus pensionistas à raia, entre êles, Boleador e Esteemery.

Boleador fez partida de 800 metros, na direção de José Pedro que também foi o jóquei de Esteemery, este de parelha com Garderie, que vinha dos 1 mil 200 metros, anotando 1m 20s 2/5, enquanto o cavalo finalizou os 800 metros em 54s, facilmente ao lado da companheira fazendo o percurso bem aberto.

GONÇALINO TRABALHA

O jóquei Gonçalino Feijó Almeida compareceu às matinais, sendo um dos mais solicitados pelos treinadores para trabalhos nas pistas de areia grande e pequena.

Começou com Pixinguinha, que fez uma partida de 1 mil metros em 1m 07s, somente alertado no final. Os jóqueis José Machado e E. Ferreira foram vistos galopando parelheiros de Carlos Ribeiro e Edio Coutinho.

Edson Ferreira levou Rei Negro em galope de saúde, enquanto José Machado treinava Ladônis, do treinador Edio Coutinho, animal que não contraiu a gripe equina.

José Pedro Filho, o primeiro jóquei a chegar ao Hipódromo da Gávea para os trabalhos conduziu Irajau, em um exercicio de 1 mil 200 metros, tendo o pensionista do treinador João Assis Limeira marcado 1m 20s 2/5, terminando com sobras.

ERNANI E' DESTAQUE

Para hoje é esperado um maior número de animais do treinador Ernani de Freitas para os exercicios, pois na sua cocheira a gripe equina não teve grande penetração, já que os seus pensionistas foram todos vacinados.

Ainda do treinador João Assis Limeira, foi destaque no exercicio o potro Helix, assinalando 1m 20s para os 1 mil 200 metros, também na direção de José Pedro Filho.

Projeto de inscrição foi distribuído pela Comissão de Corridas

A Comissão de Corridas distribuiu um projeto de inscrições com 26 páreos, visando à formação de três programas para a próxima semana no Hipódromo da Gávea, caso a gripe equina que no momento atinge a maioria dos animais, permita aos treinadores fazer as inscrições.

A tabela que marca 9 páreos na distancia de 1 mil metros, 5 em 1 mil 100 metros, 7 em 1 mil 200 metros e 5 em 1 mil 300 metros, marca o encerramento das inscrições para 20 de setembro (amanhã), às 8h30m, no Hipódromo e até as 10h, na portaria da Vila Hipica.

	Metros	Cr$	Nacionais	Idade	Ganhadores até Cr$
1)	1 000	25 000	Potros	3 anos	20 000
2)	1 000	25 000	Potrancas	3 anos	20 000
3)	1 200	25 000	Potros	3 anos	40 000
4)	1 200	25 000	Potrancas	3 anos	40 000
5)	1 300	25 000	Animais	3 anos	70 000
6)	1 000	21 000	Cavalos	4 anos	18 000
7)	1 000	21 000	Éguas	4 anos	18 000
8)	1 200	21 000	Cavalos	4 anos	30 000
9)	1 200	21 000	Éguas	4 anos	30 000
10)	1 100	21 000	Cavalos	4 anos	50 000
11)	1 100	21 000	Éguas	4 anos	50 000
12)	1 300	21 000	Cavalos	4 anos	80 000
13)	1 300	21 000	Éguas	4 anos	80 000
14)	1 000	17 000	Cavalos	5 anos e mais	13 000
15)	1 000	17 000	Éguas	5 anos e mais	13 000
16)	1 100	17 000	Cavalos	5 anos e mais	24 000
17)	1 100	17 000	Éguas	5 anos e mais	24 000
18)	1 200	17 000	Cavalos	5 anos e mais	35 000
19)	1 200	17 000	Éguas	5 anos e mais	35 000
20)	1 000	17 000	Cavalos	5 anos e mais	65 000
21)	1 000	17 000	Éguas	5 anos e mais	65 000
22)	1 300	17 000	Animais	5 anos e mais	100 000
23)	1 000	15 000	Animais	6 anos e mais	20 000
24)	1 200	15 000	Animais	6 anos e mais	40 000
25)	1 100	15 000	Animais	6 anos e mais	70 000
26)	1 300	15 000	Animais	6 anos e mais	120 000

Os páreos destinados a cavalos e éguas na mesma distancia e com o mesmo limite de prêmios poderão ser juntados, assim como os de animais de 5 e 6 anos.

As éguas importadas sem vitória terão entrada nos páreos de 3, 4 e 5 anos, dentro das condições estabelecidas pelo Conselho Técnico.

Encerramento das inscrições: Dia 20 de setembro, segunda-feira até às 8h30m no Hipódromo e até às 10 horas na Portaria da Vila Hipica.

Campos reinicia corrida depois da paralisação e faz páreos equilibrados

O Jóquei Clube de Campos programou uma reunião de sete provas para a noite de terça-feira, no Hipódromo Lineu de Paula Machado, reiniciando suas atividades depois de uma paralisação forçada pela gripe equina.

Na primeira prova, a entidade reunirá, em 1 mil metros, Embira, Indarlhe, Astucia, Bamballa, Batuta, Ambrotilde, Salafrária e Sallyana, e no quarto, com mais 100 metros de percurso, Olace, que terá a direção de O. Fagundes, enfrentando Chinolo, Risoleta, Silver Shadow e Justilho.

PÁREO A PÁREO

1º Páreo — 20h — 1 000 metros — Cr$ 2 mil

			kg
1—1	Embira, F. Carlos	2	55
2	Indarlhe, E. Rangel	6	55
2—3	Astúcia, G. Gomes	4	55
4	Bamballa, A. André	5	55
3—5	Batuta, G. Pessanha	7	55
6	Ambrotilde, J. M. Filho	1	55
4—7	Salafrária, J. R. Silva	3	55
"	Sallyana, J. F. Fraga	8	55

2º Páreo — 20h35m — 1 000 metros — Cr$ 2 mil

			kg
1—1	Boom, L. Araujo	4	56
2—2	Agracera, G. Pessanha	5	55
"	Fantomas, J. F. Fraga	7	53
3—3	Coureur, J. M. Filho	1	56
4	Hegemonia, F. Carlos	2	52
4—5	Canet, C. Xavier	6	57
6	P. Provoking, O. Fagundes	3	53

3º Páreo — 21h10m — 1 100 metros — Cr$ 2 mil

			kg
1—1	Quirinus, A. André	2	57
2—2	Pireu, J. M. Filho	6	55
3	Omnium, J. F. Fraga	7	55
3—4	Galactato, F. Rangel	4	55
5	Traipú, G. Gomes	1	58
4—6	Drin Boy, C. Xavier	3	54
7	Indio Lindo, J. R. Silva	5	55

4º Páreo — 21h45m — 1 100 metros — Cr$ 2 mil

			kg
1—1	Olace, O. Fagundes	2	58
2—2	Olavo, G. Gomes	6	55
3—3	Chinolo, J. R. Silva	1	55
4	Risoleta, P. Rocha	3	50
4—5	S. Shadow, C. Xavier	4	55
6	Justilho, G. Pessanha	5	54

5º Páreo — 22h20m — 1 000 metros — Cr$ 2 mil

			kg
1—1	Pormenor, C. Xavier	5	57
2—2	Civil, J. M. Filho	1	56
3	Dancebar, J. Mendes	4	52
3—4	Flash Light, A. André	6	51
5	Ben Trovato, O. Fagundes	3	53
4—6	Galanga, G. Gomes	2	52
7	Desfolhada, G. Pessanha	7	55

6º Páreo — 22h55m — 1 000 metros — Cr$ 2 mil

			kg
1—1	Dindinho, G. Pessanha	4	56
"	Bonadio, G. Gomes	1	56
2—2	Rancho, J. M. Filho	5	56
3	Jorrata, A. André	6	54
3—4	Girador, O. Fagundes	7	56
5	Ukê, J. R. Silva	3	56
4—6	Caran D'Ache, J. F. Fraga	8	56
7	Eletivo, F. Carlos	2	56

7º Páreo — 23h30m — 1 000 metros — Cr$ 2 mil

			kg
1—1	Derpéa, G. Gomes	5	55
2—2	Iberio, L. Araujo	4	58
"	Petardo, J. M. Filho	2	57
3—3	Chetnik, F. Carlos	3	57
4	Ouro Branco, A. André	7	53
4—5	Pacite, G. Pessanha	6	55
6	Escolhido, J. R. Silva	1	57

Rompible é favorito do GP Ipiranga

São Paulo — Vencedor da última Taça de Prata, disputada dia 7 de setembro, Rompible é o franco favorito, hoje à tarde, em Cidade Jardim, do Grande Prêmio Ipiranga, primeira prova da Triplice Coroa dos potros de três anos, todos nascidos em 1973. Essa carreira, com dotação de Cr$ 180 mil, tem como segunda força Herbert. Estão inscritos 16 produtos.

Rompible, que teve justamente Herbert como segundo na Taça de Prata, será montado por Roberto Penachio. Uma das atrações da prova a ser disputada na raia de areia, na distancia de 1 mil 600 metros, é a presença do jóquei carioca J. M. Silva, o líder das estatisticas do turfe do Rio, montando o potro Agente. Mauser também é considerado um azar.

Os aprontos mais fortes realizados esta semana foram de Herbert, Lord Galesian e Ajaro, todos percorrendo 800 metros em 49s. O favorito fez a mesma distancia suave em 56s. Êxito correu 800 metros em 51s 5, enquanto Doc Holiday em 51s. Resible cravou 50s, enquanto Zabro 49s 5 e Mauser em 50s 5.

O campo do Grande Prêmio Ipiranga, primeira prova da Triplice Coroa paulista de potros, ficou assim constituido pela Comissão de Corridas:

7º. Páreo — 17 hs. — 1 600 metros — Areia — Cr$ 180 mil

1—1	Herbert, S. Vera	3	56
2	Zabro, A. F. Correia	11	56
2—3	Mauser, J. Amestelly	15	56
4	Agente, J. M. Silva	1	56
3—5	Lord Galesian, L. Cav.	10	56
6	Dry, L. A. Pereira	5	56
4—7	Exito, A. Bolino	9	56
8	Doc Holiday, L. Yanez	12	56
5—9	Alaro, D. V. Lima	13	56
"	Am. do Rei, S. A. S.	2	56
6-10	Hill, J. G. Silva.	6	56
"	Japão, S. Barbosa	14	56
7-11	Quito, J. M. Amorim	4	56
"	Vesmalte, J. Fagundes	7	56
8-12	Resible, A. Barroso	8	56
"	Rompible, R. Penachio	16	56

Sunshine ganha no Serra Verde

Belo Horizonte — O jóquei J. L. Marins, conduzindo Sunshine em substituição a J. Paula, ap, 2a., venceu o 5º e principal páreo do Serra Verde, que apresentou movimento de apostas de Cr$ 137 mil 419, ao percorrer os 1 mil 600 metros de pista macia em 1m45s.

Nos demais páreos, venceram o cavalo castanho Lord Apollo, montado por J. L. Souza, ap 3a, e as éguas Feiticeira do Vale (M. Silva), Demi Saison (J. M. Silva, ap, 4a), Miss Prety (H. Hévia) e Ionui, conduzida por J. L. Morin.

PÁREO A PÁREO

1º Páreo — 1 mil 100 metros

1º Lord Apollo, J. L. Sousa ap3A 58
2º Don Chicote, J. M. Andrade 58
Vencedor (1) Cr$ 1,40 — Dupla (12) Cr$ 1,90 — Placês Cr$ 1,00 e Cr$ 1,00 — Tempo: 1m13s4/5.

2º Páreo — 1 mil 100 metros

1º Feiticeira do Vale, M. Silva .. 54
2º Animada, J. M. Andrade 54
Vencedor (1) Cr$ 1,00 — Dupla (12) Cr$ 1,90 — Placês Cr$ 1,00 e Cr$ 1,00 — Tempo: 1m12s.

3º Páreo — 1 mil 100 metros

1º Demi Saison, J. M. Silva ap4A 56
2º Iona, J. M. Andrade 56
Vencedor (3) Cr$ 13,00 — Dupla (34) Cr$ 29,50 — Placês Cr$ 2,50 e Cr$ 1,30. — Tempo: 1m14s.

4º Páreo — 1 mil 200 metros

1º Miss Prety, H. Hévia 58
2º Gari, E. Rosa 58
Vencedor (2) Cr$ 2,00 — Dupla (23) Cr$ 5,80 — Placês (2) Cr$ 1,40 e (3) Cr$ 1,10 — Tempo: 1m20s4/5.

5º Páreo — 1 mil 600 metros

1º Sunshine, J. L. Marins 48
2º Arpesani, M. Braga 56
Vencedor (5) Cr$ 3,00 — Dupla (43) Cr$ 56,60 — Placês Cr$ 2,70 e Cr$ 11,60 — Tempo: 1m45s.

6º Páreo — 1 mil metros

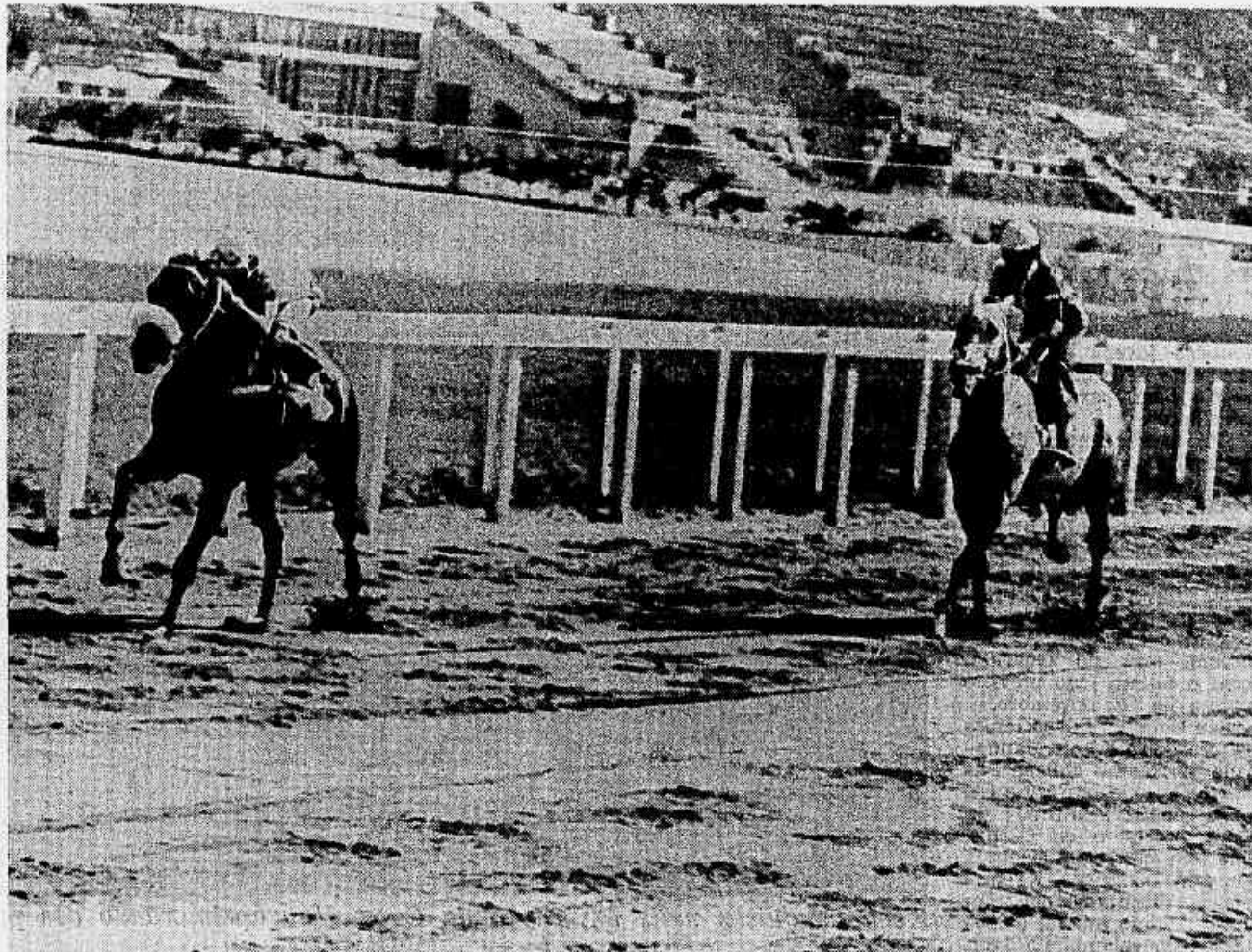
1º Inoui, J. L. Marins 48
2º Barro Duro, J. M. Silva 56

Vencedor (4) Cr$ 1,80 — Dupla (43) Cr$ 3,00 — Placês Cr$ 1,00 e Cr$ 1,00. — Tempo: 1h035s2/5.

Porto Alegre forma prova de 23 mil

Porto Alegre — Baia Selvagem, uma castanha de cinco anos nascida no Rio Grande do Sul, por Estudo e Ugira, é a favorita para o Prêmio Mário Difini, principal prova de hoje no Hipódromo do Cristal, entre éguas de quatro anos e mais idade.

O Prêmio Mário Difini será disputado num percurso de 1 mil 200 metros, com dotação total de Cr$ 23 mil 250. As oito concorrentes, com suas respectivas montarias são:

1 Baia Selvagem, S. Machado
2 Iracali, A. Alvani
3 Canovas, A. Oliveira
4 Boena Luna, D. Nunes
5 Hunky, A. Franco
6 Shirkhi, B. S. Almeida
7 Macembo, C. Albernaz
" Maesbo, A. Fernandes

Medaillon, com Gonçalino, se impôs a Ocaso, na direção de Jorge Pinto, em 1m44s nos 1 600m

Gávea vê "pega" de Medaillon e Ocaso

O Hipódromo da Gávea vazio, com poucos cavalos, alguns imunizados da gripe pela vacina alemã, adquirida em Frankfurt, na Alemanha, e outros em recuperação, suscitou uma discussão amistosa entre dois irmãos, Sérgio e Antonio Joaquim Peixoto de Castro Palhares, proprietários de Ocaso e Medaillon, que estavam inscritos na sexta prova da reunião cancelada pelo Jóquei Clube Brasileiro.

Dizia Sérgio, proprietário de Ocaso, um filho de Fiapo e Glaude, tordilho, que o cavalo tinha muita chance na competição e lamentava o cancelamento da programação, em 1 mil 600 metros. Antonio Joaquim retrucou, argumentando que Medaillon é que poderia ser o vencedor, e dos pontos-de-vista diferentes, surgiu a possibilidade de um *pega*, mano a *mano* entre os dois cavalos, com pesos iguais, valendo o prêmio de Cr$ 25 mil, idêntico ao da prova, ou o dobro, pagos em jantares até o final do ano.

O DESAFIO

Tudo acertado, entre os donos dos cavalos, fixou-se a distancia, em 1 mil 600 metros, pista de areia que estava pesada, e providenciou-se a pesagem dos jóqueis Gonçalino Feijó de Almeida e de Jorge Pinto. Este não havia chegado ao prado, e foi avisado em sua residência. Chegou sonolento, ainda, reclamando, mas mudou de roupa e foi para a pesagem, que acusou 56 kg, igual ao de Gonçalino.

Daí para a partida foi mais rápido. Combinaram que os dois cavalos sairiam em movimento da seta dos 1 mil 600 metros, com instruções ministradas pelo treinador de Ocaso, Lionel Coelho, e Luís Guilherme Ullôa, de Medaillon, um filho de Kamel e Candorosa, do Stud Mondesir.

Enquanto os animais eram dirigidos para o local de partida, funcionou a bolsa de apostas entre os que estavam no prado, com vantagem para Medaillon. Se o *pega* fosse oficial, Jorge Pinto seria suspenso pelos comissários porque aplicou alguns partidos na reta de chegada.

O MANO A MANO

Ocaso e Medaillon seguiram até os 1 mil 600 metros e, com a partida, Medaillon, junto à cerca, conseguiu alguma vantagem, mas nos 100 metros Ocaso passava para a ponta, com dois corpos de luz. Os apostadores de Medaillon ficaram preocupados com a vantagem do cavalo tordilho. Os dois entraram na reta de chegada, quase juntos, mas nos últimos 400 metros Medaillon, acionado por Gonçalino, passou pelo adversário e assim foi até o disco de chegada, cruzando-o com um corpo. Ocaso chegou a reacionar, brigar mesmo, com os últimos 100 metros favoráveis a Medaillon, com o tempo de 1m44s.

Os parciais de Ocaso foram violentos, assinalando 22s nos 400 metros, 34s nos 600 e fechando os 800 em 48s, para completar os 1 mil metros em 1m02s. Medaillon fechou os 1 mil 600 metros em 1m44s, marca considerada boa pelos observadores, já que a pista estava pesada, alagada, imprópria para boas marcas.

Os irmãos Sérgio e Antonio Joaquim Peixoto de Castro Palhares confraternizaram-se depois da disputa, acertando os detalhes para o pagamento da aposta, com a condição de que Jorge Pinto, o jóquei perdedor, poderá comparecer, mas só poderá pedir sanduiche e refrigerante enquanto os demais se deliciam com pratos sofisticados e bebidas importadas.

Urbe se impôs no Firmiano Pinto

São Paulo — Urbe, filha de Giant e Botija, ratificou sua condição de melhor potranca da geração de 1973, vencendo facilmente o Clássico Presidente Firmiano Pinto, disputado ontem à tarde, em Cidade Jardim, na distancia de 1 mil 800 metros, na raia de areia leve. Seu jóquei foi V. Matos. Em segundo lugar cruzou o disco Espanholita.

A vencedora se manteve sempre na ponta, sem ser ameaçada por Espanholita e Marisca, que disputaram a segunda colocação até o final do páreo. Urbe realizou ontem sua segunda corrida depois do surto de epizootia que atacou os cavalos de São Paulo. Sua primeira apresentação também foi com uma vitória, no Grande Prêmio Barão de Piracicaba, na primeira prova da Triplice Coroa das potrancas de três anos. Ela é um produto paranaense do Stud Kenomay, sendo treinada por L. C. Liz.

No páreo sétimo — o Prêmio Independência (Prova Especial) que serviu como desdobramento do GP Ipiranga — a ser disputado hoje por potros de três anos — o vitorioso foi Yarn de ponta a ponta e montado por Roberto Penachio. A carreira teve nove inscritos e realizou-se na raia de areia leve.

RESULTADOS

Estes foram os resultados dos 10 páreos disputados ontem em Cidade Jardim:

1º páreo — 1 800m — Cr$ 22 mil

1º Stripa, I. F. Ribeiro
2º Xalimar, I. Quintena
3º I.A.S.A., J. Amestelly

Tempo: 1'55" — Vencedor: 1,00 — Dupla (56) 3,22 — Placês (5) 0,39 e (6) 0,28.

2º páreo — 1 400m — Cr$ 32 mil

1º Lepago, L. Cavalheiro
2º Herrn Heinz, S. Vera
3º Udo, A. Bolino

Tempo: 1'26" — Vencedor: 0,17 — Dupla (34) 0,18 — Placês (4) 0,11 e (3) 0,11.

3º páreo — 1 800m — Cr$ 60 mil

1º Urbe, V. Matos
3º Marista, R. Penachio
2º Espanrolita, L. Ya ez

Tempo: 1'52"5/10 — Vencedor: 0,10 — Dupla (25) 0,14 — Placês: (5) 0,10 e (2) 0,10.

4º páreo — 1 600m — Cr$ 32 mil

1º Jojo, R. Penachio
2º Ana Festa, E. M. Bueno
3º Lezanha, L. Cavalheiro

Tempo: 1'40"1/10 — Vencedor: 0,30 — Dupla (48) 0,51. Placês (4) 0,18 e (10) 0,14.

5º páreo — 1 600m — Cr$ 27 mil

1º Under, R. Penachio
2º Olero, S. Iodice
3º Hier, J. R. Olguin

Tempo: 1'38"5/10 — Vencedor: 0,12 — Dupla (48) 0,29 — Placês (4) 0,11 e (9) 0,16.

6º páreo — 1 100m — Cr$ 27 mil

1º Uhlan, J. G. Silva
2º Luck Horse, R. Penachio
3º Nogi, C. Alvarenga

Tempo: 1'7" — Vencedor: Cr$ 0,14. Dupla (24) Cr$ 0,72. Placês (4) 0,12 e (2) 0,25.

7º páreo — 1 600m — Cr$ 85 mil

1º Yarn, R. Penachio
2º Xaberna I, S. P. Barros
3º Distance, E. Le Mener Filho

Tempo: 1'37"7 — Vencedor: 0,26 — Dupla (67) 0,40. Placês (7) 0,15 e (6) 0,15.

8º páreo — 1 300m — Cr$ 27 mil

1º Orfanides, S. A. Santos
2º Scarpia, L. Gonzales
3º Marthon, M. Cozzolino

Tempo: 1'18"9 — Vencedor: 0,46 — Dupla (37) 2,99 — Placês (3) 0,29 e (11) 0,60.

9º páreo — 1 300m — Cr$ 14 mil

1º Ursino, V. Matos
2º Prince Black, A. L. Silva
3º Mister Ali, D. Freire

Tempo: 1'19"6 — Vencedor: 0,22. Dupla (56) 0,79 — Placês (7) 0,19 e (5) 0,24.

10º páreo — 1 400m — Cr$ 22 mil

1º Romanus, L. Gonzalez
2º Antenor, S. B. Souza
3º Calamiur, L. Cavalheiro

Tempo: 1'26"9/10 — Vencedor: 0,21 — Dupla (15) 0,56 — Placês (5) 0,17 e (1) 0,22.

BINÓCULO

José Carlos de A. Moraes

A paralisação das corridas do Jóquei Clube Brasileiro determinada pelo surto de epizootia, inclui alguns exemplos e ensinamentos que devem ser analisados pelo Conselho Técnico e Comissão de Corridas da entidade.

A necessidade de tornar obrigatória a vacinação dos cavalos parece a mais importante. Ninguém pode prever a data, dias ou meses da propagação do virus. Os norte-americanos medicam seus animais no Outono, e o fazem com o medicamento alemão, de Frankfurt, encomendado com muita antecedência, em cerca de 350 mil unidades. Os técnicos aconselham que o tratamento seja feito nos campos de criação, no desmame dos produtos aos seis meses de idade, e quando é aplicado no momento ideal, êles só tornarão a ser medicados aos dois anos. Se o trabalho não for feito no início, a medicação deve ser aplicada anualmente.

Os mais previdentes, os de maior poder aquisitivo, incluindo-se os Haras São José e Expedictus, Fazendas Mondesir, Santa Maria de Araras, Sideral e outros, vacinaram seus animais tão logo tomaram conhecimento da presença da epizootia em outros centros turfísticos, os de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e mais recentemente o de Campos.

Os cavalos desses centros que contraíram a gripe, e que não foram imunizados, estavam em treinamentos para próximas competições e seus proprietários preferiram arriscar. Alguns animais apresentam reações aos medicamentos e são obrigados a permanecer em inatividade de três a quatro dias, prejudicando a sua forma física e técnica.

O Jóquei Clube e a Associação de Criadores têm enviado representantes aos Congressos que se realizam no exterior, mas não basta uma simples presença. E' necessário que tragam para o Brasil o que viram e o que pode ser aplicado nos campos, centros de treinamento e nos hipódromos. Não saem daqui para fazer turismo e nem adquirir presentes para familiares ou patrões. Devem fazer relatórios do que viram, aprenderam e da contribuição prestada aos outros centros, países, do que já se fez e faz no Brasil. Para isso existem os congressos de médicos, engenheiros, advogados, polícia, jornalismo, arquitetura e veterinária.

A veterinária, em pauta no assunto, é muito mais preventiva. Procurar soluções para problemas depois da propagação de um surto de epizootia é basear-se em primarismo.

O turfe no Brasil envolve interesse de criadores, proprietários, profissionais, funcionários, veterinários, fornecedores, uma infinidade de homens que trabalham, produzem, gastam em relação à criação e a realização das corridas.

A alegação de que não se pode precisar a incidência de um surto não convence. Deve-se previnir. Remediar já é um outro capitulo.

MONTEVIDÉU CANCELA

O Jóquei Clube de Montevidéu decidiu suspender as provas hípicas de hoje e amanhã no Hipódromo de Maroñas, em consequência de uma epidemia de tosse equina que atingiu a quase 80% dos animais de suas Vilas Hipicas.

A medida, segundo se anunciou oficialmente, foi adotada ante a impossibilidade de dar cumprimento normal ao programa dessas reuniões pelas deserções provocadas pela epidemia que atingiu quase todas as cavalariças.

Koch vence Júlio na final paulista do Itaú de Tênis

São Paulo — Thomaz Kach venceu, ontem, por dois sets a zero, mais uma etapa da Copa Itaú de Tênis, derrotando Júlio Góis, do Clube Juventus. Os parciais da partida foram de 6/4 e 6/3.

Realizada no Ginásio do Clube de Regatas Tietê, a final da etapa paulista foi dominada, Koch que subiu muito à rede, sacando bem durante todo o jogo, enquanto Júlio Góis demonstrava cansaço, reclamando da quadra de piso sintético. A próxima etapa da Copa Itaú será em Brasília, com a final marcada para o próximo dia 25.

NÍVEL MELHOR

No primeiro set, Thomaz Koch quebrou o serviço de Júlio Góis no quinto game, vencendo por seis a quatro. No segundo set, Koch quebrou o serviço por duas vezes, no sétimo e nono games, vencendo por seis a três.

Ao final do jogo, que durou pouco mais de uma hora, Júlio Góis, de 20 anos, reclamava de dores no braço direito, "de tanto sacar", dizendo-se ainda "muito cansado, pela partida disputada sexta-feira à noite contra Fernando Gentil. Mas cheguei onde queria chegar". Julio Góis participará das próximas etapas da Copa. Afirmando que "é muito cedo para prever o resultado da Copa", Koch ressaltava que "todos os tenistas jovens estão melhorando a forma, o que é muito bom para o tênis brasileiro".

Até agora, foram disputadas três etapas da Copa Itaú de Tênis — duas vencidas or Thomas Koch e uma por Carlos Alberto Kirmayr — no Rio, Recife e São Paulo. Depois de Brasília, haverá mais três etapas: em Belo Horizonte, Santos e Salvador. A finalíssima será no Guarujá, com o último jogo previsto para o dia 2 de novembro.

São Domingos — O tenista brasileiro Édson Mandarino derrotou o chileno Patricio Cornejo por 6/0 e 6/4 e passou às semifinais da Copa Marlboro do Caribe, que tem sua segunda etapa em São Domingos. Na primeira, disputada em San Juan, Mandarino foi derrotado pelo colombiano Ivan Molina e não chegou às finais.

Nas outras partidas das quartas de final, os resultados foram os seguintes: Manuel Santana, Espanha, venceu Humphrey Hose, Venezuela, por 6/2 e 6/2; Zelkjkc Franulovic, Iugoslávia, derrotou Belux Prajoux, Chile, por 6/2 e 6/2; Victor Pecci, Paraguai, venceu Jairo Velasse, Colômbia, por 6/1 e 6/4. Nas semifinais Mandarino enfrentará Santana e Pecci jogará contra Franulovic. A Copa Marlboro de Tênis distribuirá prêmios no total de 60 mil dólares (aproximadamente Cr$ 700 mil).

São Paulo

Koch conquista mais um título da Copa Itaú aprimorando aos poucos sua forma física

Borg e Nastase são atrações no México

Cidade do México — O sueco Bjorn Borg derrotou o australiano Rod Laver por 6/2 e 6/3, exatamente um dia depois de ter conquistado o título do torneio-desafio de Guadalajara, vencendo o romeno Ilie Nastase. A primeira rodada do torneio-desafio da Cidade do México começou ontem com o jogo Borg x Laver. Em outra partida, Ilie Nastase venceu o argentino Guillermo Vilas, por 6/4 e 6/1.

Os jogos de hoje pelo torneio-desafio são: Rod Laver x Ilie Nastase e Guillermo Vilas x Bjorn Borg.

Em Houston, Texas, a dupla campeã de Wimbledon, Raul Ramirez (México) e Brian Gottfried (EUA) se classificou para as semifinais do Campeonato Profissional de Tênis para Duplas Masculinas, ao derrotar os norte-americanos Arthur Ashe e Dennis Ralston por 6/1 e 6/3. Nas outras partidas realizadas ontem Phil Dent e Allan Stone, da Austrália, venceram Clyff Drysdale (EUA) e Syd Ball, Austrália, por 6/4 e 6/3; Ismail El Shafei, Egito, e Brian Fairlie, Nova Zelandia, derrotaram Stan Smith e Bob Lutz, EUA, por 6/4, 4/6 e 6/3; Sherwood Stewart e Fred McNair, EUA, venceram Ove Bshston, Suécia e Jim McManus, EUA, por 7/5 e 6/4.

Fla melhora posição no atletismo feminino e fica próximo do título

Com três vitórias em quatro provas finais, na tarde de ontem, na pista do Estádio Célio de Barros, o Flamengo melhorou sua posição no Campeonato Carioca Infanto-Juvenil de atletismo feminino. Agora tem uma diferença de 17 pontos (104-87) da Gama Filho e ficou a um passo do título da temporada.

Na disputa masculina pela mesma categoria, a Gama Filho garantiu o bicampeonato, com 159 pontos, 62 a mais que o Vasco Dois resultados técnicos mereceram destaque nas finais de ontem: José Luis Peixoto, do Fluminense, 6,61, no salto em distancia e Antônio Euzébio, da Gama Filho, 48s5, nos 400m rasos. O Campeonato será encerrado esta manhã, com a realização de 10 provas.

INÍCIO CERTO

O esforço dos clubes no sentido de valorizar o Campeonato Infanto-Juvenil deve ser compreendido, principalmente pelo futuro presidente da Confederação Brasileira de Atletismo, a ser criada em novembro. E' pouco o que apresenta, em termos de elite mas na realidade em que vive, sem os recursos adequados, o resultado obtido significa uma parcela importante.

A comunhão de esforços da nova CBA, dos Conselhos Regionais de Desportos e, mais acentuadamente, das autoridades governamentais, poderão fazer desta classe de atletas novos valores para o atletismo.

RESULTADOS

Martelo: 1º Roberto Aloisio, GF, 26,18m, 2º Bruno Rizzo, Fla, 20,82m; *100m:* 1º Bárbara Nascimento, Fla, 12s 3, 2º Elisabeth Montezano, 12s 4; *100:* 1º Antonio Euzébio, GF, 48s5, 2º Nilton Garcia, GF, 51s 2; *110m:* Franklin Biancamano, CF, 15s 4, 2º Wladimir Erbesdobler, Vasco, 16s 5; *altura:* 1º Silvina Regina, GF, 1,40m, 2º Wanda da Silva, GF, 1,35m; *1 500m:* 1º José Luis Santos, Vasco, 4m 11s 4, 2º Gilson Duarte, Vasco, 4m 15s 0; *distancia:* 1º José Luis Peixoto, Flu, 6,61m, 2º Ivan Monteiro, Vasco, 5,85m; *peso:* 1º Renata Rocha, Fla, 11,50m, 2º Sonia Diniz, Vasco, 9,78m; *4x100m:* 1º Fla, 48s4, 2º GF, 49s 9.

WALDOMIRO DEIXA VASCO

Waldomiro Monteiro, técnico do Vasco, um dos responsáveis pelos treinamentos de Rui e Delmo da Silva, Cosme e Damião Nascimento, viajou ontem para o Território do Acre transferido por força de sua condição de militar.

Técnico de water-pólo quer os jogadores bem motivados

O técnico da Seleção Brasileira de Water-Pólo. Valdir Mendes Ramos, apresentou o plano de treinamento da equipe que iniciará no próximo fim de semana, no Rio, a verificação mensal. O objetivo principal desta reunião é o maior contato entre os jogadores convocados, a fim de que tenham maior motivação para os treinos e se apresentem em boa forma física e técnica. Do contrário, serão substituídos no mês seguinte.

Outra finalidade é dar aos atletas, através de treinamentos táticos e de conjunto, maior conhecimento sobre os fundamentos individuais e de equipe, tanto no ataque como na defesa, além de preparar jogadores para futuras seleções. Por este motivo, os 11 cariocas chamados agora estão abaixo dos 20 anos, já pensando no Sul-Americano Juvenil de 77.

O plano

Enquanto os atletas do Rio já foram convocados esta semana, os 11 de São Paulo serão escolhidos pelo assistente Alfredo Fidellini. Valdir explica como se desenvolverá o treinamento mensal, que já tem datas marcadas até o início do próximo ano: dias 25 e 26 de setembro (Rio); 23 e 24 de outubro (São Paulo); 27 e 28 de novembro (Rio); 18 e 19 (São Paulo); e 22 e 23 de janeiro (Rio).

— Os treinamentos serão mensais, alternando-se no Rio e em São Paulo. Por enquanto, serão mantidos os 11 jogadores que estagiaram nos Estados Unidos, acrescidos do paulista Paulo Emenneger, que na época do Sul-Americano teve de pedir dispensa por contusão. Os outros chamados estarão na faixa etária abaixo dos 20 anos e ajudarão no treinamento da seleção base, isto é, permanecerão em seus Estados, viajando para o Rio e São Paulo apenas os da equipe considerada principal.

— Para o primeiro treinamento no Rio teremos os quatro jogadores de São Paulo (Paulo, Gilson, Gilberto e Alfredo), os cariocas que foram aos Estados Unidos e os 11 convocados do Rio. Desta forma, terei sempre três equipes para treinarem entre si. Em outubro, os escolhidos como integrantes da equipe base viajarão a São Paulo, onde se reúnem ao grupo de lá.

— Com isso, meu objetivo é fazer com que um número grande de jovens seja observado e tenha chance de adquirir mais experiência. Objetivei também a economia de verba, pois apenas cerca de oito atletas viajarão mensalmente de um Estado a outro. As verificações terão uma sessão aos sábados e duas aos domingos — conclui Valdir.

Aspirantes

O Botafogo e o Tijuca A garantiram o primeiro e segundo lugares do turno do Torneio de Aspirantes de water-pólo, ao derrotarem ontem a Gama Filho, por 8 a 3, e o Fluminense, por 7 a 3. Nas outras partidas, o Canto do Rio ganhou do Tijuca B por 7 a 1, e o Guanabara empatou com o Flamengo em quatro gols. Os jogos adiados da última quinta-feira, na piscina do Fluminense, por causa de defeito na iluminação, serão realizados amanhã, no Guanabara: às 20h30m, Fluminense x Gama Filho; às 21h30m, Canto do Rio x Guanabara.

Marcaram na rodada de ontem os seguintes jogadores: Tijuca A — *Rômulo (5) e Aurélio (2);* Fluminense — *Ricardo Leal (1), Eduardo (1) e Paulo (1);* Tijuca B — *Rui (1);* Canto do Rio — *Airton (5), Jan (1) e Mário Eduardo (1);* Botafogo — *Selim (1), Rochinha (2), Barbosa (1), Solon (2), Danilo (1) e Cabral (1);* Gama Filho *Marcelo (1), Emerson (1) e Luis (1);* Guanabara — *Paulo (1), Carlos (1) e José Carlos (2);* Flamengo — *Manuel (2) e Marcos (2).*

Cearense Vitória Régia se destaca nas provas de saltos ornamentais

A cearense Vitória Régia Barroso de Freitas, do Sesi, foi o destaque daprimeira parte do Torneio da Primavera de Saltos Ornamentais, disputada ontem à tarde, no Fluminense. Vitória venceu com uma bela exibição, elogiada pelos juizes.

O Torneio da Primavera é a segunda competição que se realiza depois dos Jogos Olimpicos de Montreal — a primeira foi o Troféu Independência, disputado há duas semanas, e o nivel técnico ainda não foi muito bom. Destinada a adultos, mas aberta a saltadores juvenis de alto nivel, o Torneio está sendo liderado pelo Vasco, que conquistou os três primeiros lugares da prova masculina, e o terceiro da feminina.

Os resultados foram estes: prova de plataformas de 10 metros — 1º) Vitória Régia Barroso de Freitas, Sesi (Ceará), 261,95 pontos; 2º) Angela Mendonça, Fluminense, 216,50; 3º) Diacir Cláudio de Oliveira, Vasco, 172,40 pontos. Trampolim de três metros — 1º) Paulo Fernandes Costa, Vasco, 416,10 pontos; 2º) José Maria Gonzales, Vasco, 357,85; 3º) Marcus Lourenço, Vasco, 340,80; 4º) Wilson Domingues Ribeiro, Fluminense, 304,35; 5º) Marcelo Martins Ferreira, Fluminense, 293,90 pontos.

A equipe do Botafogo está estreando nos saltos ornamentais no Torneio da Primavera, e seus dois saltadores ficaram em 7º lugar — Emilio Pereira de Carvalho — e em 9º — Claubel Marques Vicente — somando dois pontos para o clube. A competição termina hoje com provas a partir das 9 horas, no Fluminense.

Falta de luz na Gávea deixa o torneio de ginástica incompleto

A falta de luz no ginásio do Flamengo impediu que se completasse a primeira parte do torneio de ginástica juvenil. Amanhã, às 8 horas, as provas de solo e trave feminina e de barra masculina, série obrigatória, terão prosseguimento.

Os resultados de ontem foram os seguintes: *Paralelas femininas:* 1) Silvia Prades dos Anjos, do Tijuca, 9.80 pontos; 2) Lilian Moreira Carascosa, do Tijuca, 9,45; 3) Luisa Capecchi, do Flamengo, 9.10; *Salto sobre cavalo — feminino:* 1) Silvia Prades dos Anjos, do Tijuca, 9.20 pontos; 2) Lilian Moreira Carascosa, do Tijuca, 9.00; 3) Luisa Capecchi, do Flamengo, 8.55; *Argolas — masculino;* 1) Ulissis Schlosser, do Tijuca, 9.5 pontos; 2) Marcos Protogenes Guimarães, do Ginástico e Desportivo 9.10; 3) Marco Aurelio Sisino Junior, do Flamengo, 9.05; *Cavalo com alças:* 1) Ulissis Schlosser, do Tijuca, 9.20 pontos; 2) Marco Aurelio Sisino, do Flamengo, 9.05; 3) Marcos Protogenes, do Gisnástico e Desportivo, 8.95; *Paralelas:* 1) Marcos Protogenes, com 9.50 pontos; 2) Marco Aurelio Sisico, 9.10; 3) Ulissis Schlosser, 9.05; *Salto sobre o cavalo:* Marco Aurelio Sisino, 9.60 pontos; 2) Ulissis Schlosser, com 9.40; 3) Marcos Protogenes, 9.30; *Solo:* 1) Marco Aurelio Sisino, 9.55 pontos; Marcos Protogenes, 9.30; 3) Ulissis Schlosser, 9.00.

Vôlei do Brasil é favorito hoje contra Colômbia

La Paz, Bolívia — A Seleção Brasileira de Voleibol masculina não deve encontrar dificuldade para vencer o jogo de hoje, contra a Colômbia, válido pela penúltima rodada do III Campeonato Sul-Americano Juvenil, iniciado segunda-feira.

As partidas da Seleção feminina, contra a Bolívia, e da masculina, contra a Argentina, pela quinta rodada, foram adiadas porque as fortes chuvas que caíram na cidade, durante seis horas, danificaram as instalações do Instituto Americano. O mesmo aconteceu com Chile x Uruguai, categoria masculina.

A Venezuela lidera a parte masculina, com sete pontos, enquanto na feminina o primeiro lugar pertence às peruanas, com o mesmo número de pontos, pois os brasileiros têm um jogo a menos. Os resultados da quinta rodada foram: homens — Bolivia 3 x Peru 1 (15 x 9, 15 x 13, 13 x 15 e 15 x 9) e Venezuela 3 x Colômbia 0 (17 x 15, 15 x 13 e 15 x 9); mulheres — Peru 3 x Colômbia 0 (15 x 8, 15 x 11 e 15 x 11).

Presidente da CBV está otimista com Seminário

O Seminário de Desporto de Alto Nivel, recentemente realizado no Rio, foi o primeiro passo para se chegar a um sistema esportivo brasileiro que reflita o tipo de vida existente no país. A opinião é do presidente da Confederação Brasileira de Voleibol, Carlos Artur Nuzman, um dos participantes dos debates, para quem o plano — a ser implantado em janeiro de 77 — só dará resultado se cumprido à risca.

— De um modo geral, algo se fez para a melhoria do nivel do esporte brasileiro. Mas se realmente for cumprido. Entendo que há projetos excelentes como por exemplo, os prioritários 12, 13 e 15. Há outros planos bons, mas que ainda não estudei como estes três. O projeto é arrojado e poderá trazer grande auxilio ao esporte. Outro ponto importante a ser tratado refere-se à melhoria de recursos financeiros para a efetivação do plano, pois as verbas são pequenas.

O COMEÇO

Nuzman acha que este inicio precisa ser levado adiante e cita os três projetos que estudou profundamente: nº 12, de apoio às associações desportivas; nº 13, de apoio às federações-chave de cada esporte olimpico; e nº 15, de capacitação de recursos humanos.

— Em resumo, os projetos prioritários 12 e 13 visam dar apoio financeiro aos clubes e federações que possuam atletas em seleções brasileiras, o que acarretará maior motivação. Já o 15 tem como meta a promoção de cursos, estágios, congressos e simpósios para um melhor aproveitamento dos recursos humanos, oferecendo meios e condições aos técnicos brasileiros de se atualizar com o que há do mais alto nivel.

— Acho tudo isto muito bom, mas o mais importante é facilitar aos atletas ficar à disposição das confederações nacionais, dando dispensa, com vencimentos, aos funcionários públicos não só para as competições, mas também para treinamento. E, principalmente, sem a burocracia para a concessão da referida dispensa. Outro fator indispensável é o abono de faltas e adiamento de provas. Na minha opinião, essas medidas deveriam ser aplicadas por um órgão central a ser criado — ou CND — que determinaria às escolas e faculdades o cumprimento, sem necessidade de consultar os mesmos. Com isso teriamos, os atletas, maior tempo possivel para efetuar um treinamento eficaz.

— Com tudo o que foi discutido no Seminário estamos subindo alguns degraus para tentar criar seleções nacionais que possam representar bem o Brasil em Olimpiadas, Pan-Americanos e competições internacionais — conclui Nuzman, lembrando sempre que tudo só trará bons efeitos se for realmente executado dentro das previsões.

Carlos Bocaiúva ganha a Taça Souza Cruz de golfe no campo do Itanhangá

Carlos Fernando Bocaiúva, com 39 **par points**, ganhou a Taça Sousa Cruz de Golfe, disputada ontem no campo do Itanhangá, em 18 buracos **par point**, com 7/8 de **handicap** e em categoria única, de 0 a 28. Hoje o clube realizará o Torneio Mensal, em **match** contra o par, para as categorias de 0 a 14 e 15 a 28 de **handicap**.

No Gávea, começou a Taça Humberto de Almeida, que terminará hoje depois de jogadas 36 buracos em **stroke play**. Na primeira volta, realizada ontem, a dupla formada por Oscar Faria e Raul Fernando Davis assumiu a liderança da competição, com 138 tacadas **gross**, apenas uma de diferença para a segunda colocada.

EQUILÍBRIO

Tanto a Taça Sousa Cruz, já encerrada, como a volta inicial da Humberto de Almeida tiveram como ponto marcante o equilíbrio, pois os resultados apresentaram pouca diferença entre os primeiros colocados. No Itanhangá houve empate no terceiro e quinto lugares.

Os resultados finais do Itanhangá: 1º — Carlos Fernando Bacaiúva, 39; 2º — Edgar Buchi, 38; 3º — Aluísio Guimarães e Carlos Eduardo Sousa Pinto, 37; e 5º — Ismar Brasil Neto e José Leving Carneiro, empatados com 36 **par points**. A classificação parcial do Gávea: 1º — Oscar Faria/Raul Fernando Davis, 136; 2º — Nilo Gomes de Lemos/Silvio Fraga, 138; 3º — Trevo-Green/F. Tate, 139; 4º — Walter Ratto/Mário Osward, 141; 5º — Carlos Veloso Freire/Hélio Andrade, 143; e 6º — Mário Gonzalez Filho/Hélio Flores, 145 tacadas **gross**.

Remo de Aspirantes começa às 9 na Lagoa

O Campeonato Carioca de Remo para Aspirantes começa hoje, às 9 horas, na raia da Lagoa Rodrigo de Freitas, com o favoritismo absoluto da equipe do Flamengo que tem remadores mais experientes. O Vasco e o Botafogo — os outros clubes inscritos na competição — possuem equipes de nivel técnico semelhante e deverão se esforçar muito para decidir as provas com os remadores do Flamengo.

UERJ derrota a PUC por 3 a 0 no vôlei dos Jogos JB/Shell

Em jogo decisivo da segunda etapa do Campoenato Carioca Universitário de Vôlei Masculino JB-Shell, realizado no Ginásio da USU, a UERJ venceu a PUC por 3 a 0, com parciais de 15x7, 15x7 e 15x2. As cortadas e bloqueios de Fernando Róssio D'Ávila, da UERJ, foram fundamentais para a vitória.

Com este resultado, a UERJ ficou em segundo lugar na chave, garantindo a classificação para a fase semifinal. A equipe da UERJ jogou com tranquilidade e se armou bem na quadra. Já o time da PUC esteve falho na cobertura dos bloqueios e na recepção. Equipe: UERJ — Fernando, Eduardo, Haroldo, Antônio, Robson, Jaques e Cláudio. PUC — Renato, Rui, Marcelo, Lino, Zé Maria, Maurício, Felipe e Mário.

Preliminar

No primeiro jogo da rodada, o Bennet ganhou da Simonsen, por 3 a 0, com parciais 15x12, 15x2 e 15x13. O jogo foi impugnado, porque o técnico Gilberto, do Bennett, completou a equipe e ele não está no momento em nenhuma faculdade. Equipes: **Bennett** — Sidney, J. Inácio, Suiço, Jorge, Paulo Roberto, André, Paul e Gilberto. **Simonsen** — Adalberto, Hélio, Marco Antônio, Paulo César, Paulo Antônio e Nolmer.

A AEVA derrotou sem maiores dificuldades a equipe da Celso Lisboa, no outro jogo realizado. Dominando a partida desde o início, a AEVA conseguiu derrotar a Celso Lisboa por 15x10, 15x11 e 15x2. Equipes: **AEVA** — Raymundo, Marcus, Ricardo, Ivirson, Augusto, Francisco. **Celso Lisboa** — Luiz Roberto, Jorge, Rangel, Cláudio, **Luiz Fernando** e Jorge Antônio.

Paulo Comba, da UERJ, assumiu a liderança na 5a. volta e venceu a II Prova do Campeonato Universitário de Ciclismo, disputado na Quinta da Boa Vista, em 10 voltas, num percurso de 1 mil 800 metros, totalizando 18 km. Participaram 11 ciclistas da Escola Naval, Esfo, Souza Marques, UFRJ, UERJ e Suam. O atleta da Esfo, Luis Otávio Castelo estava na liderança na 2a. volta, quando se acidentou e abandonou a prova.

Além desta competição, o diretor de ciclismo da FEURJ marcou mais três, que serão realizadas no Aterro do Flamengo. Os resultados de ontem foram estes: 1º Paulo Lomba (UERJ); 2º Roberto Cristo (UERJ); 3º Raymond Speranza (Naval); 4º João Rodrigues (Naval); 5º José Cícero Araújo (UFRJ); 6º Roberto Grillo (UERJ); 7º Antonio Campos (Suam); 8º Nelson Cabral Filho (Souza Marques); 9º Trajano Gonçalves (Suam)e 10º Lino Guedes Pires (UFRJ).

Arco e flecha

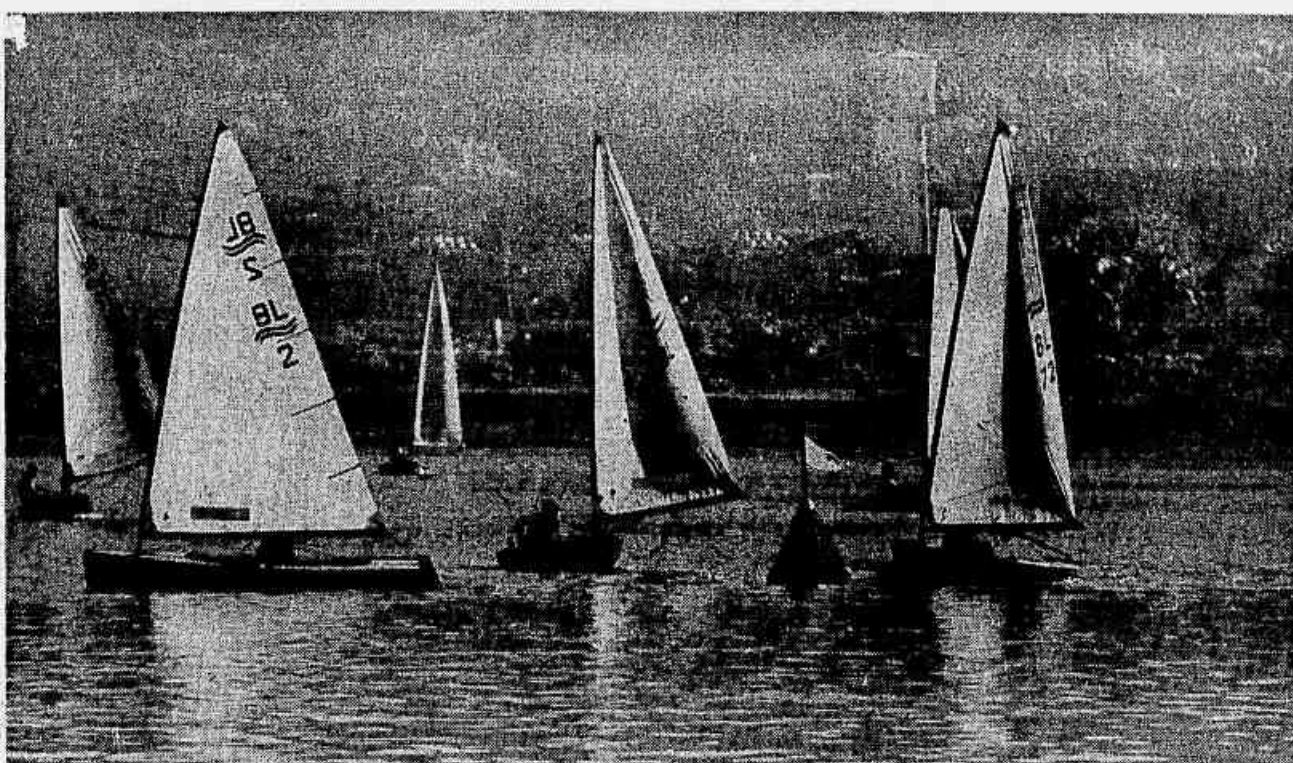
Maria Renê Rodrigues Costa, com 456 pontos, foi a campeã do Torneio dos Não-Federados de Arco e Flecha, realizado na sede campestre do Fundão, com a presença de arqueiros estreantes da Suam, UFRJ e UERJ. Os resultados foram: 1º Renê Costa (Suam); 2º Ivan Barbosa (Suam), 420; 3º Vicente Gonçalves (UFRJ), 368; 4º José Pedro da Silva, 281; 5º Marcelo Fonseca (Suam), 221; 6º Mário da Rocha (Suam), 218; 7º Leonardo Magalhães (UERJ), 118; 8º Marco Antonio (UERJ), 131; 9º Ricardo Moura (UERJ), 66 e 10º Peter Kurt (UERJ), 24.

Outros resultados

A segunda fase do Campeonato de Futebol de Salão realizada na quadra da Santa Úrsula teve estes resultados: PUC 7 x 4 Plínio Leite. Os gols da PUC foram de Fernando (3), Damba (2) e Alceu (2). **Plínio Leite** — Coelho (1), Ivan (2), Rubens (1). Gama Filho 4 x 2 SUAM. **Gama Filho** — Luís, Mário, Fernando e Miguel (cada um com um gol). **SUAM** — Jorge Luís (1) e Jorginho (1). A Simonsen superou a Naval, por 2 a 1, e o jogador Zé Carlos marcou os dois da vencedora e Jair o da Naval. A UERJ derrotou a UCM, por 4 a 3. Pela **UERJ** — Silvio (2), Paulo (1) e Tata (1). **UCM** — Manuel (3). A Estácio de Sá venceu a ISE, por 2 a 0, sendo que os gols foram de Emanuel e João. No único WO da tarde, a UFRJ ganhou da SUSE. Pela segunda etapa do Campeonato de futebol de campo a Rural derrotou a Bennett por 1 a 0, gol de José Luís e a UFRJ empatou com a Souza Marques, sem abertura de contagem.

Programa de hoje

O Campeonato de Tiro ao Alvo será realizado hoje, no **stand** do Flamengo, às 8h30m, com a disputa da prova de carabina de ar comprimido. Pela segunda fase do Futebol serão disputadas quatro partidas. No Fundão: às 8 horas — SUAM x Estácio de Sá, e às 10h — Fahupe x UCM. Na Vila Olímpica: às 8h — Naval e UGF e às 10h — PUC x UERJ.

Os jogadores da UERJ neutralizaram os da PUC nos bloqueios

Claus Cordes, com o barco Boogie-VI *(BL-2), ficou em boa situação para alcançar o título*

Alex Ribeiro não pode treinar bem e larga na 10.ª fila em Nogaro

Nogaro, França — Uma forte gripe que o manteve acamado durante todo o dia de sexta-feira, impediu o piloto brasileiro Alex Dias Ribeiro de realizar um bom treino ontem, para o Grande Prêmio de Nogaro, a ser disputado hoje, e válido pelo Campeonato Europeu de Fórmula-2. Além disso, Alex teve problemas de estabilidade com o seu March-762 e ficou com o 20.º tempo — 1m13s76 — largando na 10a. fila. O outro brasileiro, Ingo Hoffman, não conseguiu classificação.

Os franceses confirmaram a supremacia mantida durante toda a temporada e obtiveram os quatro melhores tempos: Jean-Pierre Jabouille, num Elf-Renault, larga na *pole position*, com 1m11s84, seguido por René Arnoux, num Martini Renault, com 1m11s87. O terceiro tempo — 1m12s03 — pertenceu a Jacques Laffitte, com Renault, vindo a seguir Michel Leclére, Elf Renault, com 1m12s30, e o austriaco Hans Binder, com 1m12s31.

PISTA DIFÍCIL

Alex Dias Ribeiro reconheceu que a gripe e os problemas de estabilidade do carro representaram elementos decisivos para que se classificasse mal. Ainda assim, tem esperanças de figurar entre os seis primeiros e marcar pontos na prova de hoje, penúltima da temporada oficial de Fórmula-2. Alex não pode mais conquistar o título de 76, embora ainda lute pelo vice-campeonato, com pequena chance: está em 4.º lugar, com 28 pontos, contra 48 do líder, René Arnoux, e de 44, de Jean-Pierre Jabouille.

Faz bom tempo em Nogaro, o que deverá facilitar o comportamento dos carros na pista do pequeno autódromo local, que possui um traçado sinuoso e difícil. Seu percurso total, em 65 voltas, corresponde a 202 mil 800 kms. Dentre os 35 pilotos participantes dos treinos, apenas 22 largarão hoje. Os franceses são favoritos, mas o traçado da pista poderá determinar alguns resultados surpreendentes, bastando lembrar que, nos treinamentos, o tempo do *pole-position* foi superior em pouco mais de dois segundos ao do último classificado, o australiano Bob Muyr, que fez 1m13s97.

CLASSIFICAÇÃO

A colocação atual dos pilotos no Campeonato Europeu de Fórmula-2 é a seguinte:

1.º lugar — René Arnoux (França), 48 pontos; 2.º — Jean-Pierre Jabouille (França), 44; 3º — Patrick Tambay (França), 30; 4º — Alex Dias Ribeiro (Brasil), 28; 5º — Maurício Flammini (Itália), 26; 6.º — Michel Leclére (França), 21; 7.º — Giancarlo Martini (Itália), 12; 8.º — Eddie Cheever (EUA), 9 pontos.

Ferri, primeiro na F-Ford

Cascavel, Paraná — O gaúcho Amedeo Ferri, com o carro bem acertado para a pista de Cascavel, deu apenas quatro voltas, conseguiu o melhor tempo dos treinos de ontem, e será o *pole-position* na prova desta tarde, pela quarta etapa do Campeonato Brasileiro de Fórmula-Ford Corcel. Confirmando sua atuação de sexta-feira, Ferri fez a sua melhor volta em 1m 21s1, numa média horária de 143,225 quilômetros.

A grande surpresa do treino foi a classificação do paulista Camilo Christófaro Júnior, da Equipe Caltabiano, em segundo lugar, depois de mostrar perfeita adaptação à pista. Camillho, que não vinha sendo muito feliz nas últimas provas do Brasileiro de Fórmula-Ford, larga, inclusive, na frente de Walter Soldan, o atual líder, que não passou do quarto tempo. Soldan, enfrentou problemas de estabilidade e ainda não conseguiu estabelecer a melhor relação de marcas para o circuito de Cascavel.

Claus Cordes vence duas regatas e passa a líder no Campeonato de Finn

Com duas vitórias nas regatas de ontem na raia da Lagoa, Claus Cordes, do Iate Clube do Rio de Janeiro, com o barco **Boogie VI**, assumiu a liderança do Campeonato Estadual de Classe Finn, com 8 pontos. Para conquistar o título deste ano, basta obter um segundo e um terceiro, nas duas regatas finais de hoje, a partir das 9 horas. Alberto Barcelos, do Caiçaras, com **Quique** é o segundo colocado com 16,7 pontos.

Em Cabo Frio, sem vento e com nevoeiro e protesto, a Classe 470 realizou apenas uma regata das duas previstas pelo Campeonato Estadual. Arnaldo Caldas, que está em segundo, com 9 pontos e ontem só conseguiu a nona colocação, protestou contra a Comissão de Regatas que, forçada pela falta de vento, encurtou o percurso olímpico.

Luís Lebreiro, com **Quick** que havia ganho as três regatas anteriores, ficou em sexto ontem, mas mesmo assim ocupa a liderança. O recurso de Arnaldo Caldas será julgado quarta-feira, na Federação. Hoje serão disputadas as duas regatas finais, a partir das 9 horas.

TROFÉU CIDADE DO RIO

Promovido pela Rio-Tur e dirigido pelo Iate Clube do Rio de Janeiro, a Regata Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, ontem, na raia da Escola Naval, apresentou desenrolar movimentado com a ajuda do tempo bom, com vento Sul, força três. Foram realizadas provas para 10 classes e hoje a competição será encerrada com a disputa de **Oceano e** Optimist, esta em Niterói, junto com o Torneio da Primavera, do Iate Clube Brasileiro. A Classe Oceano compete em percurso formado na entrada da Barra.

RESULTADOS

Finn — **3a. regata:** 1º **Boogie IV**, Claus Cordes, 2º **Baliza VI**, Pedro Paulo Petersen, 3º **Quique**, Alberto Barcelos, 4º **Calabar**, Hélio Araújo; **4a. regata:** 1º **Boogie IV**, 2º **Baliza VI**, 3º **Calabar**, 4º **Quique**, 470: 1º **Luanda**, Antônio Roquete, 2º **Qualquer Um**, Ricardo Escalhão, 3º **Caiçaras MT**, Pedro Bulhões, 4º **Baton**, Ronald Senft, 5º **Brother Bruder**, Hélio Novaes, 6º **Quick**, Luís Lebreiro. Regata Prefeitura Rio de Janeiro: Pinguim: 1º **Feijão V**, Lauro Volner, 2º **Kuskus**, Antônio Sampaio; Snipe: 1º **Chicquen**, Nills Ostergreen, 2º **Pussy Cat**, José Paulo Barcelos; Laser: 1º **Up Side Dow**, Roberto Gaia, 2º **Pink Panter**, John King; Guanabara: 1º **Itacibá**, Karl Boedner, 2º **Traquejado**, Huascar Rodrigues, Cariola: 1º **Nena III**, Paulo Neiva, 2º **Akatasa**, Luis Carlos Santa Cruz; Hobbie Cat 1º **Thris**, Ricardo Quintão, 2º **Qilaveia**, Adelino Alvarez; Lightining: 1º **Siriema**, José Luís do Couto, 2º **Almar V**, Alzir Faria Júnior; Tornado: 1º **Mal Passado**, Alex Walter, 2º **Macushla**, Alexander Levi; Soling: 1º **Feitiço**, Augusto Barroso, 2º **Fandango**, Gregório Miranda; Star: 1º **Clementine**, Harry Adler, 2º **Faneca**, Duarte Belo, Torneio da Primeira (Pinguim, Niterói): 1º **Pink Panter**, Peter King, 2º **Brisa**, Luís Oliveira Neto, 3º **Quico**, Francisco Cunha, 4º **Marco**, Acélio Moreira, 5º **Lula**, Luís Evangelista.

Equitação termina em Brasília

Brasília — O Sargento Jorge de Lima Antecheves, representante da Comissão de Desportos do Exército, passou à frente do Major Carivaldo Spangemberg, e lidera o Campeonato Brasileiro de Concurso Completo de Equitação que termina hoje, com a realização da prova de saltos de obstáculos.

Antocheves, montando *Kuster*, venceu a segunda prova do CCE — a de fundo — terminando os três primeiros percursos da etapa sem cometer faltas, mas falhando em alguns obstáculos do último percurso. O Major Spangemberg, que venceu ontem a reprise de adestramento, empatando com o Coronel Péricles Cavalcanti, caiu para terceiro lugar na prova de fundo. Esta é a etapa mais difícil da competição, por se dividir em quatro partes: dois percursos de estrada, um de *cross-country* e um de *steeple-chase*.

O resultado da prova foi o seguinte: 1.º) Sargento Jorge de Lima Antocheves, com *Kuster;* 2.º) Sargento Minceu, com *Dominó;* 3.º) Major Carivaldo Spangemberg, com *Zumbi*. Classificação geral depois de duas provas: 1.º) Sargento Jorge de Lima Antocheves, com *Kuster*, 100,5 pontos; 2.º) Major Clarivaldo Spangemberg com *Zumbi*, 149 pontos; 3.º) 1.º-Tenente Sergio Cazarini, com *Chinoca*, 171,7 pontos.

Cecotto sai em 3.º lugar na Espanha

Barcelona — O motociclista italiano, Villa, largará na **pole-position** do Grande Prêmio da Espanha, hoje ao fazer o percurso nos treinos de ontem, em 1m 42s41. Em segundo, ficou seu compatriota Unicini, com o tempo de 1m43s57c. O favorito da prova, porém, é o venezuelano Johnny Cecotto, que sairá em terceiro lugar.

Em Le Mans, Georges Fougeray lidera as 24 horas de Bol D'or iniciado ontem. Em segundo está o seu compatriota Chistian Huguet, atual recordista do circuito.

Paim é o destaque no "kart"

A terceira etapa do segundo turno do Campeonato Carioca de Kart será disputada hoje, às 14h30m, no Kartódromo Maqui Mundi, no Recreio dos Bandeirantes. O destaque da prova será o líder da 1a. categoria, Sérgio Paim, que venceu a segunda etapa sem dificuldades. Ontem pela manhã foram realizados os treinos para os concorrentes juniores e os corredores da 3a. categoria. Hoje, pela manhã, os da 1a. e 2a. categorias farão suas tomadas de tempo para a largada à tarde.

Foto de Luiz Carlos David

A bola está na rede, Joãozinho Paulista corre para comemorar seu gol e Ubirajara, de modo insólito, planta uma bananeira para espanto geral

Guarani não passa do empate em seu campo diante do Fortaleza

São Paulo — Zenon, com um gol de bicicleta muito aplaudido pela torcida, aos 16m do segundo tempo, deu o empate ao Guarani, ontem à tarde, no Estádio Brinco de Ouro, em Campinas, por 1 a 1, diante do Fortaleza, pela sétima rodada do Campeonato Nacional. O Fortaleza abriu o marcador aos 24m da primeira fase, através de Geraldino.

Somando mais um ponto, o Fortaleza manteve-se na vice-liderança da Série C, com 9 pontos ganhos, e a apenas um do líder, o Clube do Remo. O Guarani está em terceiro lugar, com 8 pontos.

BOM JOGO

Numa partida de bom nível técnico e bem disputada, que agradou ao público de 10 mil 298 pessoas (que proporcionou a arrecadação de Cr$ 189 mil 235), Guarani e Fortaleza mostraram que deverão confirmar suas classificações para a fase semifinal do Campeonato Nacional.

O Guarani jogou com Neneca, Mauro, Amaral, Edson e Deodoro; Flamarion e Brecha; Flecha (Manguinha), Zenon, André e Ziza. O Fortaleza, com Lulinha, Alexandre, Lúcio, Otávio Souto e Grilo (Paulo Maurício); Chinesinho e Lucinho; Geraldino, Amilton Melo, Brandão e Artur. O juiz foi José Marçal Filho.

No primeiro tempo o Fortaleza este melhor em campo e marcou seu gol num descuido da defesa do Guarani, que hesitou num lançamento na grande área, do que se proveitou Geraldino para chutar sem chance de defesa a Neneca.

O segundo tempo teve o Guarani melhor do que o adversário, mas seus atacantes não conseguiam marcar, mesmo incentivados pela torcida. Após o gol de empate, o Guarani teve várias oportunidades de chegar à vitória, mas a defesa do Fortaleza esteve sempre firme.

Calor de 37º atrapalha o V. Redonda

Teresina — Volta Redonda e Flamengo do Piauí já estão escalados para o jogo de hoje à tarde, às 16h30m, no Estádio Alberto Silva: o Volta Redonda jogará com Miguel, Aluísio, Vágner, Fernando e Jorge Luís; Florêncio, Paulo Roberto e Ademir; Zé Dias, Jaílson e Paulo César; e o Flamengo, com Jorge Hipólito, Dema, Jorge Luís, Antônio Carlos e Vidal; Augusto e Décio Costa; Gringo, Jorginho, Paulo Matos e Israel. O juiz será o sergipano Francisco Aguiar Siqueira, auxiliado por Valdimir Silva e Duarte Rosa.

O Volta Redonda, segundo o técnico Nelsinho, não apresenta qualquer problema, embora os jogadores estejam sentindo o forte calor (às 17h de ontem o termômetro assinalava 37 graus). Já o técnico Murilo, do Flamengo, está com o ponteido-esquerdo Santos contundido.

A procura de ingresso tem sido pequena, talvez porque a torcida do Flamengo sinta que será quase impossível o time conseguir a classificação.

Feira diz que cobra mesmo 10%

Salvador — O Prefeito de Feira de Santana, José Falcão (MDB), ao tomar conhecimento do telefonema do presidente da CBD, Heleno Nunes, para a Federação Baiana de Futebol, manifestando surpresa pelo fato de a Prefeitura Municipal estar descontando 10% da renda bruta dos jogos do Fluminense local pelo Campeonato Nacional, explicou que sua ação está apoiada na Lei municipal 611, em vigor desde 1969.

Segundo José Falcão, "5% são destinados ao Município e os outros cinco revestidos em benefício da Liga Feirense de Desportos. Desde quando entidades autônomas podem modificar leis municipais? A mim, parece que o Sr Heleno Nunes quer contrariar a própria Constituição Federal".

O prefeito disse também não acreditar que o presidente da CBD cumpra a ameaça de transferir os jogos do Fluminense, do Estádio Jóia da Princesa para o Estádio da Fonte Nova, em Salvador, pois muitos seriam os prejudicados, principalmente a torcida feirense que deixaria de conhecer os principais clubes do país.

Beijoca no salão dá em punição

Salvador — Menos de uma semana após ter sido expulso de campo e ter corrido atrás de Edinho no intervalo do jogo Fluminense x Bahia, criando um enorme tumulto, o artilheiro Beijoca foi afastado do time ontem por ter invadido o salão de recepção do SESC, de calção, correndo atrás de um garoto que assistia ao treino do Bahia.

A indisciplina levou não só o técnico Fantoni a afastar Beijoca, mas a direção do SESC a proibir que o Bahia continue a treinar já. O afastamento levou em consideração o fato de Beijoca já contar também, na crônica de sua vida mais recente, com uma briga em uma boate de Salvador e uma briga com o porteiro do edifício onde mora.

Mas Beijoca não foi apenas afastado. Até agora a direção do Bahia ia contornando os problemas criados pelo jogador — até porque em alguns casos os incidentes foram em sua vida extraprofissional — mas desta vez resolveu tirar o artilheiro do time, ao menos provisoriamente, e multá-lo em 20% de seus vencimentos de setembro.

Botafogo só teve o mérito de lutar mais pela vitória

Sandro Moreyra

Favorito da partida, o Botafogo começou o jogo subestimando o adversário, pensando que iria encontrar a mesma facilidade que o Flamengo teve ao golear o Sampaio Correia. O CRB, no entanto, mostrou desde o início que é uma equipe superior à do Sampaio, não só pela disposição de seus jogadores como pela eficiente disposição tática, que neutralizava as investidas do Botafogo.

O meio campo do CRB marcava bem e lançava em contra-ataques Ditinho e Joãozinho Paulista, muito velozes. Assim, para surpresa do Botafogo, o jogo foi equilibrado, com os dois times a criarem e perderem oportunidades de gol. Até que num contra-ataque rápido, o ponta Silva, lançado às costas de Miranda, centrou para a área, onde Joãozinho entrou sozinho e não teve dificuldade para cabecear e marcar o primeiro gol.

Só então despertou o Botafogo para o perigo que o ameaçava e seu time, que trocava passes, corria, mas não organizava uma jogada objetiva, passou a atuar com mais seriedade. O empate veio no fim do primeiro tempo, depois de um córner cobrado por Mazinho, que Rubens Nicola completou de cabeça, com violência.

No segundo tempo, o panorama não mudou: equilíbrio nas ações dos dois times, ambos com mais erros que acertos. Com o correr do tempo, desistindo de fazer os três pontos que o técnico Paulo Amaral pretendia, o Botafogo passou a lutar desesperadamente pela vitória, mas a inoperancia de seu ataque mantinha a igualdade do jogo. Somente aos 36 minutos, depois de uma ação iniciada por Nicola, o melhor jogador do time, a bola chegou a Mazinho, que entrava pela esquerda e chutou violentamente na corrida para marcar, quase sem angulo o gol que deu a vitória ao Botafogo.

Vitória que não chegou a ser injusta, já que foi o Botafogo o time que mais lutou por ela. Mas sua atuação não chegou a ser superior à do adversário. Os dois se igualaram em campo. Correram muito, fizeram uma partida movimentada, mas de baixo nível técnico. O CRB, com um time de jogadores vindos em sua maioria de outros centros, teve como mérito maior o fato de não se intimidar com o cartaz do adversário. O Botafogo voltou a mostrar falhas, principalmente no ataque, que continua chutando pouco em gol: Nilson Dias e Manfrini, que ontem jogou um pouco mais avançado, não recebem passes em condições de ameaçar o gol adversário. Tal como no jogo contra o Bahia, o Botafogo se salvou apenas pelo espirito de luta de seus jogadores. A verdade é que a equipe carece de bons valores, notàdamente de um jogador que controle a partida, dando um ritmo mais dosado às ações desordenadas que têm marcado suas última apresentações.

BOTAFOGO 2 X C. R. BRASIL 1

Campeonato Nacional

Maracanã

Gols — primeiro tempo: Joãozinho Paulista, aos 19, e Rubens Nicola, aos 40; segundo tempo: Mazinho, aos 36 minutos.

Botafogo — Ubirajara, Miranda, Osmar, Nilson Andrade e Luisinho; Carbone (Rubens Paraná), Ademir (Ricardo) e Rubens Nicola; Manfrini, Nilson Dias e Mazinho.

C. R. Brasil — César, Espinosa, Pires, Fifi e Flávio; Deco, Gilmar e Alberto (Joãozinho); Ditinho, Joãozinho Paulista e Silva (Paulinho).

Juiz — Manuel Serapião Filho, auxiliado por Manoel Espezin Neto e Wilson Dias Durão.

Renda — Cr$ 136 197,50 para 9 981 pagantes.

Clube quer recuperar seu campo

Os dirigentes do Botafogo pretendem replantar a grama de seu estádio na Rua General Severiano porque a firma que está demolindo o campo não tem mais dinheiro para continuar o trabalho e paralisou a obra.

Na opinião do supervisor Dante Rocha, o melhor para o Botafogo é cuidar imediatamente de seu campo, porque não acredita que tão cedo as obras tenham prosseguimento.

Em princípio, o clube teria que deixar o estádio logo que começassem as obras de demolição. No entanto, os membros do Departamento de Futebol conseguiram autorização para usar o campo até o momento em que fossem derrubados os vestiários. Por isso, a firma responsável pela demolição tombou as sociais, as arquibancadas e devia continuar seu trabalho no campo, no mês passado.

Por falta de verba, a obra foi suspensa e no mesmo momento a Comissão Técnica decidiu continuar treinando os profissionais em General Severiano. Agora, Dante resolveu cuidar mais do gramado, pois chegou à conclusão de que o time ainda poderá usar o local até o ano que vem.

Ao saber que a obra foi interrompida, passou a existir no Botafogo um grupo que pretende estudar a situação e ver se é possível readquirir pelo menos a sede social, fazendo, em último caso, uma troca com a Vale do Rio Doce pelo ginásio e a piscina do Mourisco.

São Paulo passa a líder com goleada de 4 a 0 sobre Uberaba

São Paulo — Mesmo mostrando muitas falhas, o São Paulo não teve qualquer problema para vencer a frágil equipe do Uberaba, por 4 a 0, ontem à tarde, no Morumbi, e com esse resultado passou a liderar a série B do Campeonato Nacional, com 9 pontos ganhos. Em segundo lugar está o Atlético Paranaense, com 8 pontos.

Mickey aos 8m, Terto aos 15m e Mickey novamente aos 36m, marcaram os gols do São Paulo, no primeiro tempo, enquanto Silva fez 4 a 0 no segundo tempo, aos 21 minutos. A renda somou Cr$ 134 mil 835, com público de 8 mil 708 pessoas. O juiz foi José Carlos von Mengden.

POUCO FUTEBOL

O São Paulo jogou com Valdir Peres, Nélson, Paranhos, Arlindo e Gilberto; Chicão, Pedro Rocha (Muricí) e Silva (Bezerra); Terto, Mickey, e Zé Roberto. **Uberaba** — Helinho, Edvaldo, Miranda, Marquinhos e Alfinete; Fabinho, Luís Dario (Laércio) e Gilberto; Babá, Caiaba (Vaquinha) e Vicente.

A equipe paulista dominou amplamente o jogo, mas mostrou muitas falhas de conjunto e, não fosse a má pontaria de seus atacantes, poderia ter marcado mais gols, principalmente na primeira fase. O Uberaba, completamente envolvido, limitou-se a jogar na retranca, com poucas possibilidades de gol.

No segundo tempo o São Paulo caiu de produção, apesar das modificações feitas pelo técnico José Poy, que gostou de seu time, "pois deu para nos reabilitarmos das últimas atuações." Com esse resultado, a classificação do São Paulo está praticamente garantida, numa das séries em que os clubes conseguiram poucos pontos ganhos em relação às outras.

O Uberaba, que teve como maior mérito no torneio a vitória diante da Portuguesa de Desportos, por 2 a 1, em Uberaba, soma apenas três pontos ganhos e está com poucas possibilidades de classificação para a fase semifinal.

São Paulo

Pedro Rocha preocupou sempre os uberabenses

Jogos de ontem

CAMPEONATO NACIONAL

Fase preliminar

SÉRIE A

Desportiva 1 x Figueirense 0 (Vitória)

SÉRIE B

São Paulo 4 x Uberaba 0 (São Paulo)

SÉRIE C

Guarani 1 x Fortaleza 1 (Campinas)

SÉRIE D

América MG 0 x Americano 1 (Belo Horizonte)

SÉRIE E

Botafogo RJ 2 x C. R. Brasil 1 (Rio)

Cruzeiro conta com Jairzinho

Belo Horizonte — Jairzinho, que estava afastado devido a uma contusão, retorna à equipe do Cruzeiro para o jogo desta tarde, no Estádio Minas Gerais, contra o Coritiba, mas Palhinha, machucado na partida de quinta-feira, em Londrina, não tem ainda sua escalação garantida.

O jogo começará às 16 horas, tendo como juiz José de Assis Aragão. Os times deverão jogar assim: *Cruzeiro* — Raul, Isidoro (Mariano), Morais, Osiris e Vanderlei; Zé Carlos e Eduardo; Ronaldo, Jairzinho, Valdo (Palhinha) e Joãozinho. *Coritiba* — Jaime, Bira, Hermes, Vicente e Celso; Neném e Caio; Freitas, Helinho, Luisinho e Aladim.

Em terceiro lugar na Série B, com cinco pontos ganhos, o campeão sul-americano enfrenta um adversário perigoso, pois o Coritiba, em quarto lugar e apenas três pontos ganhos, está com sua classificação ameaçada. O técnico Dino Sani garante que o Coritiba jogará para vencer, apesar de considerar o empate um bom resultado.

Palmeiras e Grêmio jogam no Pacaembu

São Paulo — Palmeiras e Grêmio fazem, as 16 horas, no Pacaembu, o principal jogo da série A do Campeonato Nacional, na qual ocupam a segunda colocação, empatados com o Internacional e com seis pontos ganhos cada. O líder isolado é o Santos, com nove pontos.

Sem problemas para escalar a equipe o técnico Telê, do Grêmio, orientou seus jogadores para atuarem ofensivamente e designou Victor Hugo para marcar Ademir da Guia, enquanto Dudu pediu empenho aos jogadores, a fim de que estes voltem a apresentar o futebol exibido no Campeonato Paulista.

O Palmeiras jogará com: Leão, Rosemiro, Samuel, Arouca e Ricardo; Didi, Jorge Mendonça e Ademir da Guia; Edu, Toninho e Nei. *Grêmio* — Cejas, Eurico, Ancheta, Beto e Bolivar; Victor Hugo, Iúra e Alexandre; Zequinha, Alcino e Ortiz. Juiz: José Roberto Wright.

EM CAMPINAS

Ainda sem vitória no Campeonato Nacional, a Ponte Preta precisa vencer o Ceará, às 16 horas, no Estádio Moisés Lucarelli, para manter as esperanças de classificação para a próxima fase do Campeonato Nacional. A Ponte Preta tem apenas dois pontos ganhos na série C (é a sétima colocada, empatada com o próprio Ceará). Além de desfalcado, seu time também não contará com o melhor jogador, o zagueiro Oscar, que se contundiu. Equipes:

Ponte Preta — Moacir, Jair, Oscar (Élcio), Polozi e Odirlei; Marco Aurélio e Helinho; Lúcio, Dicá, Parraga e Genau. *Ceará* — Sérgio Gomes, Luro, Lineu, Amilton e Ricardo (Botinha); Edmar, Jorge Luís e Zé Eduardo; Vicentinho (Juti), Ivanir e Elder. O juiz é Luís Zeterman Torres.

Esporte e Náutico têm problemas

Recife — Esporte e Náutico jogam hoje uma partida decisiva pela classificação no Campeonato Nacional. As duas equipes possuem problemas que só serão definidos pouco antes do jogo.

O Náutico é o mais sacrificado pois não contará com Sidclei. O time provável será: Luís Fernando; Miguel, Beliato, Gerailton e Crésio; Paulinho e Zé Maria; Gilvan, Toninho, Liminha e Didi Duarte. O Esporte sofre modificações, jogando inicialmente com: Toinho; Wilson, João Carlos, Djalma e Cláudio; Tovar (Tabajara), Assis e Luciano; Pedrinho (Miltão) Ramon e Pedrinho (Lima).

O Juiz será José Favile Neto, auxiliado por Inácio Gonçalves e Hélio Ferreira.

O técnico Paulinho de Almeida disse que o jogo será muito importante. O O time do Esporte, como o do Náutico precisa da vitória para pretender a classificação no Campeonato Nacional. Seu time tem apenas cinco pontos ganhos e dois compromissos ainda, enquanto o Náutico está com sete pontos e fará dois jogos difíceis, contra o Santa Cruz e o Flamengo do Rio.

Fla lança Adílio como ponta recuado

Carlos Alberto Rodrigues

Aracaju — O técnico Cláudio Coutinho, aproveitando a ausência forçada de Paulinho, que ficou no Rio, por contusão, e o fato de Luís Paulo vir jogando muito bem pela ponta esquerda mais avançado, lançará hoje o ex-juvenil Adílio, na ponta direita, recuando para auxiliar o meio-campo por aquele setor.

Quanto a Luisinho, sentindo uma pancada recebida no jogo contra o Sampaio Correia, será examinado pelo médico esta manhã no Hotel Palace, onde a delegação está hospedada. Se não puder jogar, entrará Marciano em seu lugar. O jogo, antes marcado para as 16h30m no Estádio Lourival Batista, foi adiado para as 17h, a pedido de Coutinho.

Os times

Equipes: **Flamengo** — Cantarele, Toninho, Rondinelli, Jaime e Júnior; Adílio, Merica e Dendê; Luisinho, Zico e Luís Paulo. **Combinado Itabaiana-Sergipe** — Tênisson, Ademir, Ailton, Rubens e Cabral; Zeca, Roberto e Marcílio; Wilson, Vamberto e Zé Carlos.

Ao pedir o adiamento do jogo por meia hora, Coutinho argumentou que está fazendo muito calor em Aracaju e que, embora se trate de um amistoso, fará um mínimo possível de substituições para que a equipe adquira conjunto. Assim, os jogadores serão muito exigidos. Os organizadores da partida não criaram qualquer problema e imediatamente a transferiram para as 17 horas, tomando providência imediata para a alteração na grande publicidade em torno do jogo.

Zico, a rotina

Desde que o Flamengo chegou, nem parecia que vinha fazer um simples amistoso em Aracaju. Mais de 100 torcedores esperaram — com camisas e bandeiras do clube — a delegação no Aeroporto Santa Maria. Uma caravana de automóveis acompanhou o ônibus que levou os jogadores ao Hotel Palace. Zico, mantendo-se o que já é uma rotina, foi o mais procurado e teve que tirar várias fotografias ao lado de crianças que vestiam a camisa 10 do Flamengo.

No caminho para o hotel, uma caminhonete com três alto-falantes anunciava o jogo no último volume dizendo que estavam em Aracaju "as feras do Flamengo, comandadas por Zico." O Hino do Flamengo, em um disco que chegava ao fim e começava de novo, indefinidamente, servia de fundo musical ao vibrante locutor sergipano.

Uma emissora local — a Rádio Cultura — lançou rapidamente um concurso para motoristas de táxi: aquele que conseguisse um autógrafo de Zico e o levasse à sede da emissora ganharia um ingresso para o jogo desta tarde. A quantidade de motoristas que depois procurou Zico foi uma boa amostra do interesse que desperta o jogo e os organizadores já anunciaram que esperam renda excelente, embora se trate apenas de um amistoso.

A favor

Entre as poucas substituições que Coutinho fará no decorrer da partida, uma, certa, é a entrada do titular Tadeu, no segundo tempo, em lugar de Dendê. Tadeu é jogador que se emprega muito em todas as partidas por isso o técnico só vai lançá-lo no fim com o objetivo de poupá-lo. Coutinho explicou ainda que não foi contra o amistoso, como chegou a ser divulgado. Disse que em tese é contra, mas desta vez foi a favor porque ainda precisa observar alguns jogadores e este jogo abre possibilidades de experiências, como é o caso de Adílio, fazendo o terceiro homem de meio-campo pela direita.

O preparador físico Sebastião Lazaroni garantiu que os jogadores estão bem e não sentirão o esforço de mais um jogo. Acha que a esta altura do Campeonato Nacional o trabalho se resume em manter a forma física dos que estão jogando e dar treinos um pouco mais puxados para os reservas.

Em vez de um treino tático, como vem fazendo nas vésperas de jogos, Coutinho resolveu ontem dar apenas um treino recreativo, por causa do atraso da viagem: a chegada, prevista para às 13h, deu-se só às 15 horas, e o técnico não quis puxar muito pelos jogadores. A noite, os jogadores foram a um cinema. Escolheram um bangue-bangue com John Wayne, influenciados por Cláudio Coutinho, que, ao correr os olhos pelos programas se disse fã incondicional do velho ator.

Coutinho, bom ambiente em 7 dias

Uma semana de Flamengo, completada ontem, foi mais do que suficiente para o técnico Cláudio Coutinho firmar um bom ambiente no clube, entre ele e os jogadores. A idade é o que menos importa, mas é que Coutinho é realmente um jovem também na maneira de falar e de se vestir, o que parece ter funcionado como fator básico no relacionamento entre o treinador e o grupo.

E' claro que também funcionou como fator importante a realidade das duas primeiras vitórias — mais que vitórias, bons resultados. A quem disser que se tratava de adversários fracos, é bom lembrar que há pouco tempo o Flamengo tinha dificuldades para vencer adversários de capacidade técnica inferior.

Ousar com novos

No Flamengo alguns temiam que Coutinho, discípulo de Zagalo, fosse adepto de um futebol defensivo. Mas nesses poucos dias de clube ele vem mostrando o contrário: o lançamento de Adílio na ponta direita, hoje, é uma prova disso, pois será um teste para Luís Paulo jogar avançado o tempo todo, apurando seu sentido de agressividade.

Não é só isso, porém. Coutinho também se tem mostrado audacioso, dando chances a ex-juvenis que ultrapassaram a idade-limite da categoria, como é o caso de Adílio e Júlio César, já integrados ao elenco de profissionais e que devem ser cada vez mais utilizados daqui para a frente.

Outra coisa importante no sucesso imediato de Coutinho à frente do elenco do Flamengo é sua comunicabilidade. Ele está sempre conversando com os jogadores, atendendo-os diretamente quando há qualquer problema. Ontem por exemplo, na viagem, passou o tempo todo conversando com Luisinho e Marciano, com a preocupação de descontrair tanto o reserva como o titular.

E mais ainda: não faz mistérios nem quanto a questões de tática nem quanto à escalação da equipe. Assim todos ficam tranqüilos nas concentrações, o que não acontecia no tempo de Carlos Froner, que escondia a escalação até a última hora, deixando alguns jogadores apreensivos a ponto de, escalados, não renderem o que podiam na hora do jogo.

Finalmente, Coutinho dá total liberdade de ação a seus auxiliares mais diretos. A simples troca de um treino tático por uma recreação, como aconteceu ontem, foi decidida depois de ouvidos todos os auxiliares.

Campo Neutro

José Inácio Werneck

O tênis pode ter-se tornado nos últimos anos um dos esportes mais populares do mundo, mas foi à custa da perda de sua tradicional elegancia de trajes e de atitudes. Primeiro, os jogadores abandonaram as imaculadas roupas brancas, apresentando-se hoje nas quadras numa ostentação de cores e de estilos nem sempre de bom gosto. Depois, e talvez como decorrência inevitável, passaram às atitudes mais descabeladas contra adversários, o público e até os juizes.

O público, por sua vez, também está longe de ser inocente. Ainda no recente Forest Hills, a torcida nas arquibancadas comprazia-se em aplaudir os erros do complicado romeno Ilie Nastase, atirar-lhe bolas de tênis, fazer barulho quando ele se preparava para sacar e, como se não bastasse, gritar-lhe os mais cabeludos palavrões. Em breve a outrora seleta platéia, atingirá o nível, já tão comum no Maracanã, dos palavrões em gigantesco coral.

* * *

NASTASE, enquanto isto, excedia-se a si mesmo. Já mesmo antes do início do torneio, tirou as calças na sala de repouso dos tenistas, em protesto contra a presença de uma moça jornalista. E em sua segunda partida, contra o alemão ocidental Hans-Jurgen Pohmann, atingiu píncaros até então considerados inalcançáveis.

Tudo começou com um protesto seu contra uma bola de seu adversário, que o juiz considerara dentro. Nastase disse que tinha sido fora, o ponto foi outra vez disputado e ele o ganhou — bem como o *set* correspondente.

A partir de então a torcida começou a persegui-lo e ele a cuspir, fazer gestos obscenos, gritar nomes feios e ameaçar de desferir raquetadas nos fotógrafos. A uma certa altura, seu adversário caiu três vezes ao chão com câibras e o juiz mandou um médico atendê-lo, debaixo de uma barreira de insultos que Nastase já agora dirigia a todo mundo (neste ponto, Nastase estava com a razão, pois as regras impedem o atendimento de tenista em contusões provocadas por causas naturais).

Mas as regras àquela altura já haviam sido atiradas aos ventos e cito o episódio apenas para ilustrar o estado de animo reinante na quadra. Para acabar logo com a história: ao fim do jogo (que venceu), Nastase cuspiu no adversário e xingou-o, como também xingou o juiz, enquanto brandia ameaçadoramente com a raquete em sua direção. No vestiário, os dois atletas trataram-se por "animal" e "Hitler", envolvendo-se depois numa luta corporal que só foi encerrada com a intervenção de terceiros.

Taí, acho que deveriam trazer esse Nastase ao Brasil.

* * *

PARA que os pais de família não passem a impedir o comparecimento de suas filhas a jogos de tênis, lembro haver para o exposto acima um remédio não usado em Forest Hills: a desclassificação do jogador. Eu ia dizer que estranhamente não foi usado, mas reflito em tempo: o juiz devia estar até com medo de desclassificar o feroz romeno. Ademais, ele é uma atração de bilheteria e, no tênis extremamente profissionalizado de hoje, é preciso cortejar aqueles que atraem o público — como se precisa permitir ao público uma participação antes severamente cerceada.

Nastase foi apenas suspenso, multado, e sucumbiu na semifinal para o sueco Borg, que por sua vez iria perder em seguida para o norte-americano Connors. Ainda outro dia, o brasileiro Koch dizia ser Connors o melhor tenista do mundo, mas creio que Borg está para tomar o título, apesar da derrota. Basta assinalar que, mesmo perdedor por 3 sets a 1, ele marcou mais pontos na contagem direta, acabando com 123 contra 121 de Connors.

Borg é seis anos mais novo do que Connors, possuindo ainda uma frieza quase sobrenatural. Seu próprio adversário já parece reconhecer sua iminente superioridade, tendo declarado ao fim da partida:

— Tive que jogar como nunca e estava tão cansado que, quando a partida terminou, levei uns cinco segundos para compreender que eu era o vencedor. Da próxima vez nem sei o que precisarei fazer se quiser derrotá-lo.

* * *

DE PRIMEIRA: A agenda do torcedor que visitar a Europa no próximo mês não ficará completa sem uma série de ótimos jogos pelas eliminatórias da Copa do Mundo, como Espanha x Iugoslávia, dia 10, Theco-Eslováquia x Escócia, dia 13, Holanda x Irlanda do Norte, na mesma data, e Portugal x Polônia, no dia 16 /// E proclamava ontem a primeira página do *Diário da Borborema*: "Paulo César conseguiu o que queria: manchete."

Flu joga em ambiente tranqüilo sem Paulo César

Antônio Maria Filho
Enviado especial

Campina Grande — Sem Paulo César, que voltou a sentir uma contusão na coxa, mas em ambiente tranquilo em relação ao público — que já esqueceu o incidente com o jogador — o Fluminense enfrenta hoje, às 16h30m, o Treze desta cidade, no Estádio Ernani Sátiro, numa partida em que só a vitória com três pontos servirá para melhorar sua situação na Série E do Campeonato Nacional.

Mesmo sem jogar, Paulo César será uma atração à parte: vai entrar em campo, antes da partida, acompanhado de Marco Antônio, de 12 anos, para mostrar que está inteiramente superado o incidente em que feriu o lábio do garoto. A ausência de Rivelino, suspenso por ter sido expulso no jogo com o Fluminense de Feira de Santana, diminuiu um pouco o interesse do público, mas assim mesmo os dirigentes esperam uma boa renda.

Com arbitragem de Romualdo Arpi Filho, os times jogarão assim: **Treze** — Renato, Son, Almir, Geovani, Eliomar; Gil Marques, Ronaldo e Peres (Soares); Zair (Galego), João Paulo e Tiquinho. **Fluminense** — Renato, Carlos Alberto, Miguel, Edinho e Rodrigues Neto; Pintinho, Rubens Galaxie e Dirceu; Gil, Doval e Erivelto.

A TORCIDA

O Treze é a equipe mais fraca da Série E: até agora não conseguiu marcar nenhum ponto. Sua torcida está revoltada, principalmente por ter-se transformado em motivo de brincadeira dos torcedores do Campinense (time rival na cidade), que comparecerão hoje ao Estádio Ernani Sátiro para incentivar os jogadores do Fluminense.

Além da torcida do Campinense, o time Fluminense contará com o apoio de um grupo que chegou do Rio, São Paulo e Recife especialmente para assistir à partida. O grupo é chefiado por Carlos Alberto Cavalcanti, dono de uma pizzaria em São Paulo, que, apesar de paulista, é torcedor do Fluminense e costuma assistir aos jogos do time.

Carlos Alberto, conhecido como Gordo, estava em Recife, onde foi tratar de assuntos particulares. Aproveitou a viagem, reuniu um grupo de tricolores de Recife e chegou ontem à Campina Grande. Apesar da popularidade do Fluminense na cidade, a bandeira de Carlos Alberto deve ser a única no estádio com as cores do clube. Entretanto, o grupo assistirá ao jogo com o boné tricolor, que foi distribuído entre todos por Carlos Alberto.

De pazes feitas com o público

O grande número de pessoas que se concentraram na porta do Hotel Majestic para pedir autógrafos a Paulo César, quando ele saiu ontem de manhã e deu uma volta de carro pela cidade, é uma prova de que o público de Campina Grande não guarda mais rancor do jogador. A Camara Municipal, entretanto, aprovou um voto de repúdio a Paulo César, encaminhado por um vereador, acusando-o de ter agredido o menor Marco Antônio.

Em homenagem ao povo de Campina Grande, o Fluminense fará com que Paulo César entre em campo hoje, acompanhado do menino, a fim de mostrar que não há razão para que algumas pessoas continuem revoltadas com o incidente, que foi casual. Paulo César disse que tudo não passou de um mal-entendido, pois não teve a intenção de atingir o garoto.

— Não partiu de mim a idéia de entrar em campo com Marco Antônio, mas acho que ela é válida. Assim posso mostrar que não tenho nada contra ele, que foi utilizado por algumas pessoas na cidade que querem se promover às minhas custas. Felizmente, tudo já passou.

SEM MODÉSTIA

Apesar do caso encerrado, Paulo César ainda demonstrava certa preocupação por causa dos inúmeros telefonemas que tem recebido do Rio, de amigos e da família.

— Minha mãe telefonou chorando. Essa repercussão negativa é que me aborreceu mais. Foi um caso à-toa, mas muito explorado, principalmente porque a polícia daqui agiu mal, não procurando saber o que se passou realmente.

Paulo César chegou a afirmar que, daqui por diante, quando passar por uma cidade pequena, não sairá mais do hotel.

— Realmente, não dá. É prèferível ficar preso no hotel a ser perseguido nas ruas por pessoas que não respeitam as outras. Nem todo o mundo é calmo para aguentar as ofensas que recebi antes do incidente com este menino.

SEM ENTROSAMENTO

O abatimento de Paulo César se devia também ao fato de ter sido vetado pelo médico, justamente num momento em que o Fluminense precisa conquistar três pontos para melhorar sua posição na tabela de classificação. Sem modéstia, o jogador afirma que a equipe não é a mesma sem ele, explicando que Rubens Galaxie, por suas características defensivas, não tem sua mobilidade.

— E' claro que a equipe sente minha ausência. Rivelino, Pintinho e eu estamos jogando juntos há um ano e nos entendemos muito bem. Não quero dizer que Rubens Galaxie é mau jogador, mas o entrosamento é o mais importante de tudo numa equipe. No Botafogo, eu, Carlos Roberto e Gérson jogamos juntos durante quase quatro anos. Por isso que o time era bom.

Travaglini pede combatividade

O técnico Mário Travaglini pediu aos jogadores que enfrentem hoje o Treze com a mesma disposição que apresentaram no jogo com o Fluminense de Feira de Santana, quando o time conseguiu a primeira vitória no Campeonato Nacional. A principal preocupação do técnico é em relação ao meio campo — desfalcado de Rivelino e Paulo César — e, por isso, ele pediu que Pintinho e Rubens Galaxie mantenham um revezamento constante no apoio e na defesa.

A recomendação se deve também ao campo do Estádio Ernani Sátiro, que é muito bonito — em quadrados escuros e claros como num tabuleiro de xadrez — mas com a grama alta. Travaglini, assim como os jogadores, teme que o gramado canse o time depressa e por isso deu instruções especiais a Rubens Galaxie e Pintinho.

Em relação à combatividade, que vinha faltando ao time nos primeiros jogos do campeonato, os próprios jogadores acham que é um problema superado a partir da vitória em Feira de Santana. Conscientes da necessidade de conquistar três pontos, os jogadores prometem manter o espírito de luta. Miguel, um dos que mais se empenharam naquele jogo, diz que técnica individual não é o suficiente hoje em dia.

— Futebol tem que ser jogado com seriedade. Reclamo sempre quando vejo um companheiro enfeitar a jogada. Mas acho que, de agora em diante, não haverá mais necessidade de reclamar.

Vasco com Dé de volta defende a liderança contra o América

O Vasco defende a liderança da Série D do Campeonato Nacional enfrentando o América às 17 horas no Maracanã, com Dé de volta ao time e Marco Antônio de fora, por ter sido expulso no jogo contra o Misto, em Cuiabá. O América, com seis pontos ganhos em quatro jogos está em terceiro lugar e o Vasco lidera com nove pontos ganhos em cinco jogos.

Os times: Vasco — Mazaropi, Toninho, Argeu, Gaúcho e Luis Augusto; Zé Mário, Helinho e Galdino; Wilson, Roberto e Dé. América — Pais, Orlando, Geraldo, Biluca e Alvaro; Ivo, Bráulio e Gilson Nunes; Reinaldo, César e Ailton. O juiz será Agomar Martins, com Moacir Miguel dos Santos e Roberto Costa nas bandeirinhas.

Vasco atacando

Graças a sua boa atuação no coletivo de ontem de manhã, Wilson continuará como titular da ponta direita do Vasco e Paulo Emilio garantiu que seu time jogará totalmente na ofensiva na partida de hoje contra o América.

O objetivo do treino de conjunto foi familiarizar Luis Augusto na lateral esquerda e exercitar Dé, que volta ao quadro, no ataque. Contudo, o técnico aproveitou também para instruir o time a marcar por pressão, pois não esconde que o principal obstáculo que o Vasco terá pela frente hoje é o meio-de-campo Ivo e Bráulio.

Explicações de Jair

Antes do treino de ontem, Paulo Emilio conversou demoradamente com Jair Pereira. O treinador queria escalá-lo na ponta direita, mas o jogador argumentou:

— Jogo em qualquer posição se houver necessidade. No entanto, acho que não vai dar certo. Com Dé e Roberto nas pontas-de-lança, o ponta-direita tem que ser agressivo, ter velocidade para acompanhar as jogadas criadas pelos dois, e isso foge às minhas características.

O técnico concordou com as observações de Jair Pereira e lhe pediu para ficar no banco de reservas, por ser uma boa opção para mudar a tática da equipe no decorrer do jogo.

O coletivo durou apenas 20 minutos, deixando Paulo Emilio satisfeito pela objetividade e ofensividade com que atuou o ataque formado por Wilson, Roberto, Dé e Galdino.

Os titulares formaram com Mazarópi, Toninho, Argeu, Gaúcho e Luis Augusto; Zé Mário e Helinho; Wilson, Roberto, Dé e Galdino. A concentração foi iniciada logo após o coletivo, sendo relacionados para a regra-três Zé Luis, Paulino, Paulo César, Alcides, Jair Pereira e Zandonaide.

O prêmio pela vitória contra o América foi fixado em Cr$ 1 mil 500.

Sobre os jogadores entregues ao Departamento Médico, o Dr Nicolau Simão disse que Luis Carlos e Renê serão liberados para os treinos normais na terça-feira. Quanto a Abel, espera pelos resultados do exame radiológico que o jogador fez da coluna.

— Quem está se recuperando muito bem é Zanata — afirmou o médico. Tanto, que tem apenas um centímetro de atrofia na musculatura da coxa esquerda. Zanata voltará a jogar mais breve do que previamos.

Os dirigentes do Vasco, à pedido de Paulo Emilio, vão inscrever Luis Fumanchu amanhã para disputar o Campeonato Nacional, ficando o jogador em condições de participar da partida do domingo que vem, contra o Atlético Mineiro.

Além de não ter nenhum problema para o jogo de hoje, pois Orlando está completamente recuperado e com escalação garantida, o América ainda conta com Alex no banco de reservas, depois de longa ausência. O ambiente entre jogadores e dirigentes é de tranquilidade.

Para eles, o empate na última partida com o Vasco deve ser atribuido à colaboração do juiz Airton Vieira de Morais, que prejudicou o América. E mais — dizem os jogadores — se repetirmos aquela atuação, venceremos com facilidade.

Jogo decisivo

Admildo Chirol considera a partida com o Vasco de grande importancia, pois praticamente garante a classificação para quem ganhar. Em consequência, escalou a mesma equipe dos últimos jogos e ainda invicta. Depois de vencer o Atlético Mineiro no Maracanã, o América foi a Campos onde não saiu do zero com o Americano. Mas o técnico considerou excelente este resultado, levando-se em conta as condições do campo (grama alta e enlameado) e o fato de o Americano ter feito uma grande exibição.

Precaução

Com relação ao Vasco, as maiores precoupações se concentram mais uma vez em Dé e Roberto. Chirol pretende armar um esquema que lhe garanta a vigilancia sobre Dé, sem prejudicar a armação da própria equipe, que jogará para ganhar. No banco de reservas, além de Alex, estarão Zecão, Renato, Edmilson e Lula II.

Na tarde de ontem, no campo do Andaraí, o América realizou uma série de exercicios individuais, sem exigir muito dos jogadores, seguindo-se um treinamento de dois toques, em que ninguém manteve posição fixa. Orlando, por exemplo, chegou a marcar um gol, jogando no ataque. O lateral, depois do treino, fez mais uma série de exercicios e confirmou estar em condições para enfrentar o Vasco.

Alex

Alex saiu da equipe desde o turno de repescagem do Campeonato Carioca. Levou uma pancada no tornozelo e insistiu em continuar jogando, mas o local inchou e acabou inflamado, determinando sua inatividade por um longo periodo. Agora, apesar de reconhecer que não recuperou a forma física ideal, ele volta ao elenco, com esperanças de obter logo uma chance no time principal.

— O América terá tudo para ser campeão, na hora em que seus jogadores adquiram espirito de equipe, sem preocupações individuais. Este sentimento de grupo, aliado à politica já adotada pelo clube de reter os bons jogadores, poderia nos conduzir ao título.

Jogos de hoje

CAMPEONATO NACIONAL

Fase Preliminar

Série A

Rio Branco x Santos (Vitória, 16h) — Loteria, jogo 2
Palmeiras x Grêmio (São Paulo, 16h) — Loteria, jogo 1
Avaí x Internacional (Florianópolis, 16h) — Loteria, jogo 6

Série B

Londrina x Botafogo SP (Londrina, 16h)
Atlético PR x Portuguesa (Curitiba, 16h) — Loteria, jogo 3
Cruzeiro x Coritiba (Belo Horizonte, 16h) — Loteria, jogo 5

Série C

Paissandu x Coríntians (Belém, 17h) — Loteria, jogo 4
Nacional x Remo (Manaus, 16h)
Ponte Preta x Ceará (Campinas, 16h)

Série D

Vasco x América RJ (Rio, 17h) — Loteria, jogo 13
Misto x Goiania (Cuiabá, 16h)
Goiás x Operário (Goiania, 17h) — Loteria, jogo 7

Série E

Treze x Fluminense RJ (C. Grande, 15h30m) — Loteria, jogo 12
Fluminense BA x Botafogo PB (Feira de Santana, 16h)
C. S. Alagoano x Bahia (Maceió, 16h)

Série F

Náutico x Esporte (Recife, 17h)
ABC x Santa Cruz (Natal, 16h) — Loteria, jogo 10
Flamengo PI x Volta Redonda (Teresina, 16h30m) — Loteria, jogo 9
Sampaio Correa x América RN (São Luís, 17h)

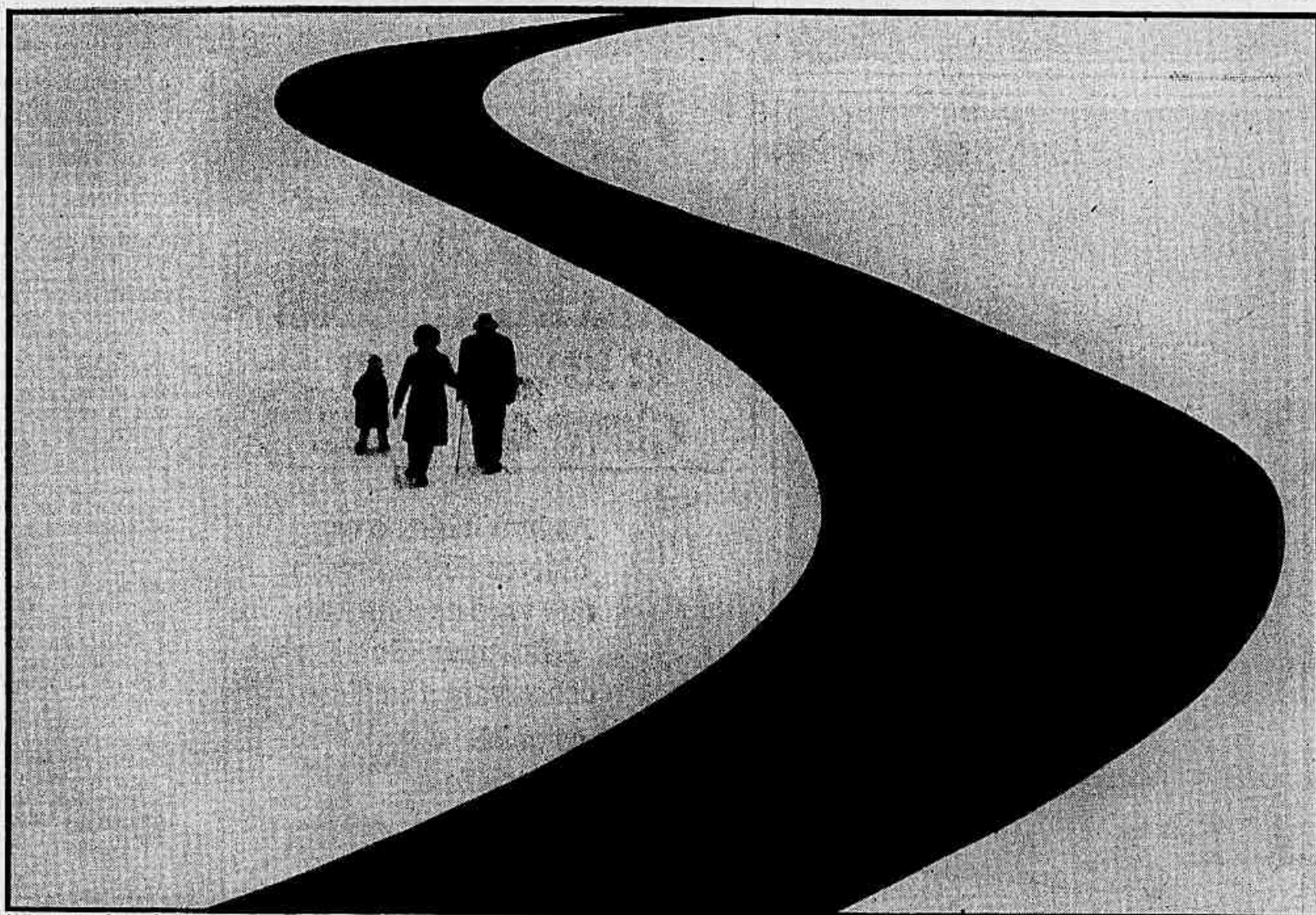
Mais Campeonato Nacional nas páginas 50 e 51

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro ☐ Domingo, 19 de setembro de 1976

CADERNO

B

NO RIO o mundo em fotos

Winter I, **de Nikolaus Fahrner (EFIAP), Austria**

Bom Dia Irmão, **de Marcia Weigel, Rio, RJ**

Vilarejo, **de Jayme Moreira de Luna, Niterói, RJ, honorário EFIAP**

FOTOGRAFIAS de artistas brasileiros e internacionais estarão expostas, a partir de 3a.-feira, no salão nobre da Caixa Econômica, das 11 às 16 horas. A mostra, denominada I Exposição Internacional de Arte Fotográfica Cidade do Rio de Janeiro, será inaugurada amanhã às 18h, com um coquetel para convidados especiais.

Ela faz parte da Semana Carioca de Turismo — que termina no próximo domingo — e, segundo o Secretário Municipal de Turismo do Rio, Pedro de Toledo Piza e Almeida, não tem caráter competitivo ou comercial e, sim, o de "permitir que fotógrafos brasileiros e de outros países se conheçam e troquem experiências, de modo a que esse tipo de manifestação artística adquira maiores dimensões".

Mais de mil fotografias de 30x40 cm — considerado padrão internacional para esse gênero de mostra — e de 40x50 cm foram recebidas pela coordenação da exposição. No entanto, foram selecionadas 407 que serão expostas, embora essa seleção não desmereça os demais trabalhos. Apenas, segundo os coordenadores, apesar de grande, o salão da Caixa Econômica não tem espaço para todas. Na seleção, foram levados em conta a composição ou interpretação, técnica e originalidade da fotografia.

As fotografias, além de tituladas, terão o nome do autor e do país ou cidade onde foram feitas, e os fotógrafos selecionados receberão um catálogo com os nomes dos autores e de seus países. Não serão distribuídos prêmios.

Estão inscritos, entre outros, o Brasil com 35 trabalhos; Bélgica, 8; França, 6; Itália, 3; Polônia, 1; Hungria, 7; Áustria, 10; Filipinas, 4; Estados Unidos, 3; Coréia 3; Índia, 4; Indonésia, 5 e Portugal, 1.

Zózimo

Roda-viva

• O avião que trazia o Ministro Mário Henrique Simonsen de Brasília na quinta-feira trocou na hora do pouso o Santos Dumont pelo Galeão. O Ministro desceu e como não encontrasse ninguém a esperá-lo tomou um táxi, sem ser reconhecido, e foi para casa.

• *Maria Alice e José Hugo Celidônio receberam ontem um grupo de amigos para jantar.*

• Também ontem e também para jantar, receberam Lígia e Manuel Águeda Filho.

• *O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional decidiu implantar um núcleo de sua representação no Rio, em Parati.*

• Os alunos do Departamento de Letras da PUC (Pós-Graduação), sob a supervisão do professor Silviano Santiago, lançam no dia 21, às 21 horas, na Livraria Francisco Alves em Ipanema o livro *Glossário da Derrida.*

• *Yolanda Mohaly já vendeu mais de Cr$ 300 mil na retrospectiva que apresenta atualmente no MAM de São Paulo.*

• O pianista Artur Moreira Lima, atualmente em *tournée* de 25 dias pelo Japão, passa a primeira semana de outubro em Varsóvia: vai gravar composições de Ernesto Nazaré para a emissora oficial de rádio da Polônia.

• *Em esticada no Concorde, em seguida ao casamento Catão-Klabin, formavam uma animada mesa as Sras Josefina Jordan, Fernanda Colagrossi, Celinha Azambuja, o Embaixador Hugo Gouthier, o Procurador Álvaro Americano e o Secretário de Agricultura José Resende Perez.*

• Egberto Gismonti, de partida para os Estados Unidos, fará uma rápida temporada de despedida, de 22 próximo a 3 de outubro, no Teatro Teresa Raquel.

• *Jean-Louis de Lacerda Soares recuperando-se de um acidente de automóvel ocorrido em Ribeirão Preto, felizmente sem maior gravidade.*

• E' um belo e útil trabalho a publicação, lançada pelo Departamento de Promoção Comercial do Itamarati, chefiada pelo Ministro Paulo de Tarso Flexa de Lima, mostrando ao exportador como deve agir para negociar com cada um dos países compradores do Brasil.

União geral

• D Hilda Faria Lima está tendo na Sra Maria Eudóxia da Cunha Bueno uma de suas mais valiosas e dedicadas colaboradoras para o movimento da Barraca do Rio na Feira da Providência.

• Maria Eudóxia instalou em sua casa, por iniciativa própria, uma banqueteira para a produção diária de 2 mil salgadinhos e doces, vendidos ao público no *stand* carioca. Pois anteontem, a produção esgotou-se rapidamente, rendendo à barraca nada menos de Cr$ 4 mil.

• Outra colaboração espontanea e eficiente é a que D Hilda vem recebendo da Consulesa da Itália, que não participa este ano da Feira, Sra Mariny Troise. Mariny comparece todos os dias com o uniforme da barraca, integrando o quadro de *vendeuses* do setor de moda.

Sucesso intacto

• A brasileira Flora Purim, um nome nacional nos Estados Unidos, está concluindo a gravação de seu primeiro disco para a Warner.

• Em seguida, se lançará numa tournée de promoção percorrendo nada menos de 15 Estados norte-americanos.

Os convidados

• O Museu de Arte Moderna do Rio recebeu do Museu de Arte Contemporanea de Jerusalém pedido para coordenar duas exposições de artistas brasileiros a serem levadas a Israel — uma de José Tarcisio e outra de Pietrina Ceccachi.

• Os artistas foram **descobertos** pelos organizadores do museu de Jerusalém através dos selos que a ECT imprimiu reproduzindo obras suas, na época em que foram escolhidos para Prêmios de Viagem do Salão de Arte Moderna do ano passado.

● ● ●

Arte de exportação

• *A Galeria Samarte está partindo para a abertura de três sucursais no exterior, duas das quais em sociedade com a Cobec (Caracas e Londres) e uma terceira, por conta própria, em Nova Iorque.*

• *A idéia é conseguir em um ano atingir o marco de 1 milhão de dólares negociando exclusivamente arte brasileira.*

• *Para esse ano, além da abertura das sucursais, a Samarte vai promover exposições e vendas em Toronto, Montreal e México.*

Zózimo

Rothschild no Brasil

• O Banco Rothschild (grupo financeiro francês liderado pelo Barão Guy) está interessado em participar substancialmente no Brasil de um banco de investimentos.

• No que toca ao Brasil, está igualmente interessado em se associar ao banco francês para a compra de uma carta-patente o grupo Cauê (cimento), que ingressaria, assim, no mercado financeiro.

★ ★ ★

POBRES CARROS

• O DER houve por bem cobrir a fresta existente na rampa de acesso do Viaduto do Gasômetro, em frente à estação rodoviária, que agia como uma verdadeira catapulta, lançando a alguns metros de distancia carros que sobre ela passavam. Agiu com tanta arte que onde havia o buraco, existe hoje uma protuberancia de concreto. A catapulta continua a agir, da mesma forma, com força total.

• • •

• A saida do Túnel Santa Bárbara, no lado do Catumbi, permanecem os cravos de aço fincados no asfalto, com as pontas para cima, mesmo depois de as placas de aço que escondiam obras do passado terem sido retiradas.

LÁ COMO CÁ

• A Associação Norte-Americana de Defesa dos Pacientes Médicos revelou numa pesquisa que são gastos anualmente nos Estados Unidos 8 milhões 289 mil e 675 horas em salas de espera nos consultórios médicos.

• Isso porque os médicos submetem seus pacientes a uma espera média de 20 minutos antes das consultas, numa flagrante falta de respeito e desconsideração para com os doentes.

• Esse tempo perdido equivale, ainda segundo a pesquisa, a 200 mil semanas de trabalho ou às horas de serviço de 4 mil pessoas durante um ano.

• • •

• Apesar da pesquisa se ter restringido aos Estados Unidos, a realidade tropical não fica muito distante de seus resultados.

Hotelaria Nacional

• A empresa Jamal S. Sameral, do Kuwait, escreveu à Embratur pedindo que fosse indicado um grupo de hotelaria brasileiro interessado em operar um hotel flutuante, já construido, em Chat-el-Arab, no Iraque.

• O hotel tem 20 apartamentos de casal, 80 de solteiro, um cassino, *boite*, restaurante e piscina.

• O *know-how* operacional brasileiro foi escolhido porque o serviço hoteleiro nacional é considerado pelos árabes como "dos melhores do mundo" (?!!!)

MARISA BERENSON, POR QUEM SONHA O BEAUTIFUL PEOPLE NACIONAL

SINAL VERDE AO CONCORDE

• As autoridades aeronáuticas mexicanas deram sinal verde ao Concorde, que a partir de meados de outubro estará servindo à Cidade do México, numa prolongação de sua linha Paris—Washington.

• Também Nova Iorque passará a ser servida pelo supersônico, apesar de todo o protesto levantado pela Secretaria de Transportes dos Estados Unidos, mas só depois das eleições presidenciais de novembro.

Região estratégica

• A imprensa européia começa a especular sobre a criação, pela Argentina, África do Sul e Brasil, de uma Organização do Tratado do Atlantico Sul (OTAS), nos mesmos moldes em que existe a OTAN.

• O objetivo, segundo a imprensa européia, seria resguardar a importancia estratégica dessa importante zona, já ameaçada pelo *affair* Angola e pela presença soviética em Luanda e na Guiné-Bissau.

• A criação dessa organização contaria com a aprovação total dos Estados Unidos.

● ● ●

Festival de camarões

• Um dos acontecimentos de destaque da semana social paulista foi o jantar japonês oferecido pelo pintor Manabu Mabe, que festejava seu aniversário.

• O artista reuniu um grupo de convidados com o qual fez questão de compartilhar seu pequeno reino encantado — um jardim de 7 mil metros quadrados, cortado por rios, cachoeiras, laguinhos, onde é possivel encontrar peixes, sapos, miniplantas, tudo harmoniosamente iluminado.

• Entre os presentes, brindados com um festival de camarões fritos, dos quais consumiram-se ao todo 50 quilos, vários colegas e amigos de Mabe, como Fukushima, Tanaka, Massao Ono, Susuki, o ex-Chanceler Juracy Magalhães, Silvia e Flavio Pinho de Almeida, Camilla Cardoso, Aldemir Martins, Aloisio Faria, Tomás Ianelli, para citar apenas alguns.

Zózimo Barrozo do Amaral

A BANDAGEM CIRÚRGICA VIROU MODA

Fotos Stern

O OUSADO BIQUÍNI É FEITO COM TIRAS DE BANDAGEM CIRÚRGICA. AS MESMAS FAIXAS EMENDADAS FORMAM A SAIA, USADA COMO SAÍDA-DE-PRAIA

OMBROS DE FORA, BABADOS DESARMADOS E SAIAS EM PONTAS SÃO AS CARACTERÍSTICAS DOS VESTIDOS DE ALGODÃO-BANDAGEM

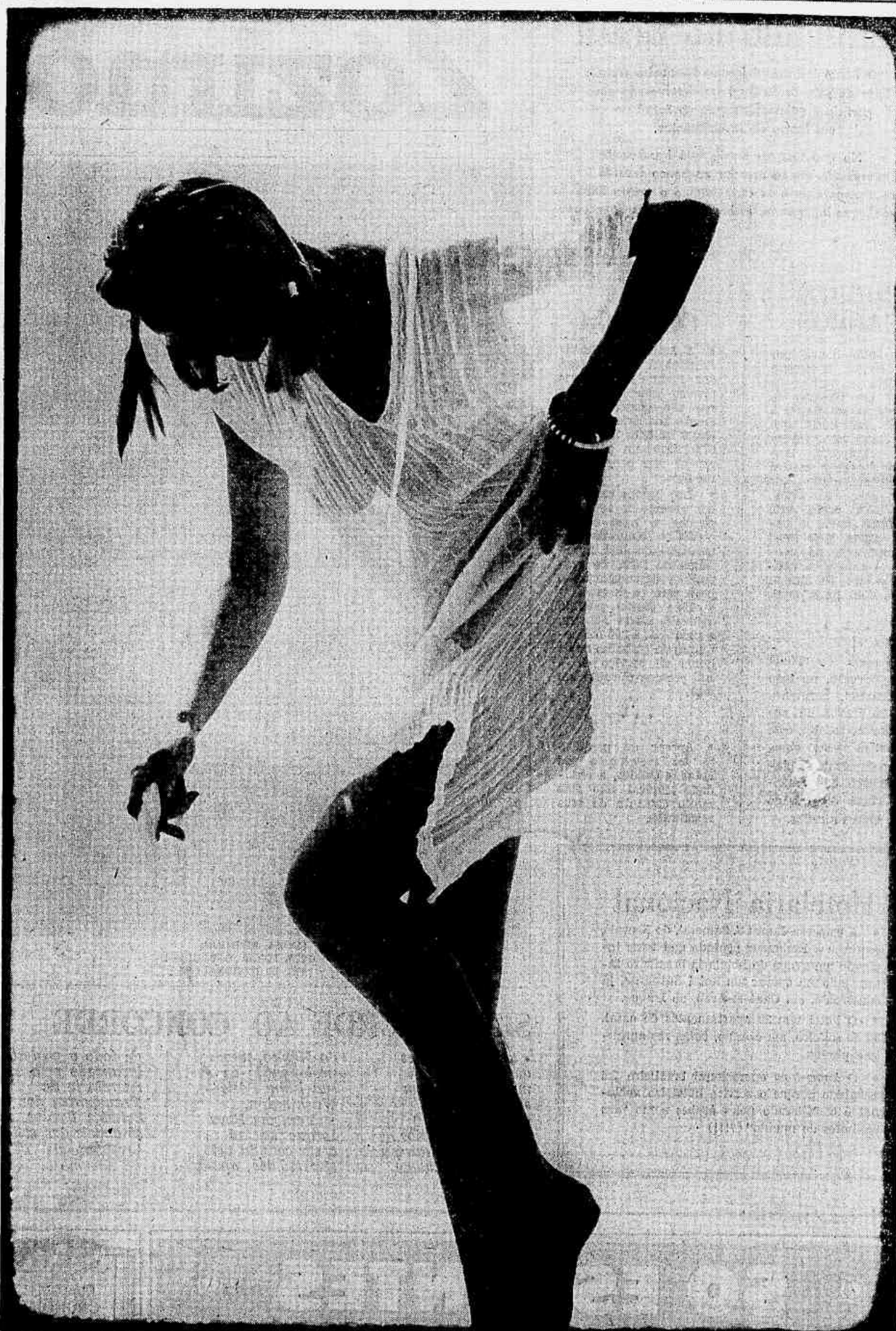
Primeiro, usamos turbantes de bandagem cirúrgica, aquela faixa de algodão que prende os curativos dos acidentados. Agora, vamos vestir roupas completas, coloridas, transparentes e leves, com o mesmo tecido. Afinal, moda é assim mesmo: imprevisível, exagerada, engraçada. E principalmente sensual, segundo todas as tendências de estilo atuais. Vamos à bandagem.

★ ★

COMO existem vários tipos de mulher, muitos estilos de vida, a moda também se multiplica em muitas variantes. Este ano, temos o sucesso dos jérseis pretos e vermelhos, o tropicalismo da roupa branca, com rendão, a permanência dos jeans, *a versatilidade* do safari, *o colorido das estampas africanas e a ousadia da bandagem. Não há como negar: estas faixas de gaze cirúrgica, tinturadas em cores vivas, primárias, acabaram se transformando em moda. Mesmo com o efeito esfarrapado e com o aspecto rústico demais, as saias de babados estão em todas as vitrinas, todas as revistas e já frequentam as pistas de dança das boates da moda.*

É um estilo sensual, um pouco pobre, mas tem seu charme. *Tanto que está em voga no mundo inteiro, como demonstram estas fotografias alemãs. Nelas, a melhor maneira de vestir a bandagem: à vontade. Sem se preocupar com a indiscrição da transparência, com penas e plumas nos cabelos e sandálias rasas, de corda trançada nas pernas.*

Enfim, já que a moda atual abandonou as minissaias, restam as roupas sensuais e coloridas, com a perspectiva do decote sexy *e do tecido rústico, de trama aberta, escondendo pouca coisa do corpo da mulher bronzeada pelo sol de 1977. Estamos na época da moda insinuante, que apenas sugere as formas, sem exibir demais. Para isso, a bandagem é o tecido ideal.*

Quem vende roupa de bandagem, pronta para vestir? No Rio, a maioria das boutiques **conta com boa quantidade de modelos de vestidos longos, saias de babados e emendas coloridas, blusas soltas, tipo batas. Procure nestes endereços: Quorum (R. Constante Ramos, 44); Blu-Blu (R. Montenegro, 111); Smuggler (R. Joana Angélica, 40) Vachon (Av. Copacabana, 680 subsolo, loja K).**

AO ESTILO ÁRABE, A TÚNICA QUE ENFRENTA OS DESERTOS E TAMBÉM FICA ÓTIMA, NA BEIRA DA PRAIA: O TECIDO RÚSTICO E O ALGODÃO-CREPON

Carlos Eduardo Novaes

SALVADOR SEM SALVAÇÃO

SALVADOR — O lançamento de Os Mistérios do Aquém não passou de um pretexto para voltar à cidade que não via há seis anos e com quem mantive por mais de nove anos (até fins de 68) uma apaixonada convivência. Lamentável reencontro. Encontrei Salvador com a fisionomia quase desfigurada pelas cicatrizes verticais do progresso. Parece que a cidade não aprendeu a lição escrita pelas grandes metrópoles, de "como não deve crescer uma cidade", e avança pelos mesmos caminhos, indiferente aos gritos e advertências que escapam do Rio e de São Paulo.

"Como está a cidade?" — perguntei a um amigo, enquanto retornávamos do aeroporto.

"Crescendo. Crescendo muito. Olhe só pra ali".

Olhei. Vi um batalhão de prédios enfileirados e comentei: "A cidade chegou para perto do aeroporto?"

— Não. Aquilo é Pituba.

— Quando eu saí daqui só tinha casas.

— Pois é, mas repare agora a beleza dos prédios — disse, orgulhoso — vidros fumée, *esquadrias de alumínio,* playgrounds, *um juntinho do outro. Não fica nada a dever às construções do Sul. Lindo, não?*

— Quer dizer que a cidade cresceu para o alto?

— Não senhor. O progresso se espalha em todas as direções. Estamos acabando com as áreas verdes.

— E isso é bom?

— Lógico. Área verde, mato, capim, isso é coisa de cidade do interior. Precisamos abrir espaços para que a especulação imobiliária torne-se desenfreada.

— Pelo que vi, ela já está desenfreada.

— Mas não o suficiente. Queremos torná-la mais desenfreada ainda.

— E quanto à poluição?

— Vai mais ou menos.

— Mas Salvador não tem condições de ter poluição.

— Mas está sendo. Tem-nos exigido um grande esforço, mas já estamos conseguindo um pouco de poluição.

— De que tipo?

— Por enquanto a marítima. Você não leu sobre o despejo de mercúrio na enseada dos Tainheiros? Até no Japão souberam. Repercutiu em todo o mundo. De repente, Salvador estava na boca do mundo.

— E quanto à poluição sonora?

— Ainda é meio provinciana, mas fazemos força para melhorá-la. Eu e uns amigos andamos de carro com a descarga solta e todos os dias; pelo menos por duas horas metemos a mão na buzina.

— Quer dizer que vocês já têm problemas — e contei nos dedos — de poluição, destruição do verde, especulação imobiliária, e que mais?

— Uns congestionamentozinhos.

— E você acha que essa é a melhor solução para a cidade?

— Você ainda tem dúvidas? Sem todo esse caos ninguém vai acreditar que somos uma grande metrópole.

Salvador vai terminar como qualquer outra cidade: fria, desumana e despersonalizada. Não me surpreenderei se, mais algum tempo, derrubarem a igreja do Bonfim para levantarem um suntuoso hotel. Ou aterrarem a lagoa de Abaeté. Ou construírem um espigão no lugar do Elevador Lacerda. Aliás, já existem planos quanto ao elevador.

— Mas não mexeremos em nada — disse-me um construtor — não tiraremos um único tijolo.

— E como vocês farão?

— Aproveitaremos que existem os elevadores e construiremos o prédio em volta.

— Vai dar certo?

— Claro. Venderemos pelo dobro do preço. Você já imaginou morar num apartamento servido pelo Elevador Lacerda?

O progresso deforma o espírito puro, ingênuo do baiano. Lembro, no início dos anos 60, como fiquei impressionado no dia em que parei numa banca e o jornaleiro sem troco disse: "Pode levar o jornal, amanhã o senhor passa e paga". Hoje, como no Sul, o jornaleiro fala diferente: "Se o senhor quiser deixe o dinheiro e passe amanhã para pegar o troco". Desaparecem lentamente as maiores qualidades do baiano, entre elas, pontificando, a sua resistência ao trabalho. Há dois, três séculos, os baianos andaram perto de construir a sociedade ideal onde o trabalho, como a mulher no Clube do Bolinha, não entrava. A subsistência estava ao alcance das mãos. Hoje, já se encontram milhares de garotinhos pensando em trabalhar. Ainda peguei esses últimos dias de desprezo ao trabalho, quando era difícil pegar um táxi porque o motorista em pleno dia estava muito mais interessado em passear com a namorada. Hoje continua difícil pegar um táxi. Os motoristas, porém, dirigem solitários ao volante. Ao sair da construtora, peguei um táxi, à unha, e fingindo não conhecer a cidade pedi que me levasse aos principais pontos turísticos.

— O senhor — disse ele — quer ver o Hotel Othon?

— E vale a pena?

— Se vale? Tem 43 restaurantes, 32 boates, 25 piscinas. Tem poucos iguais no mundo. O senhor vai se braguear lá dentro.

— Que tal a igreja de São Francisco?

— Não aconselho. E' muito antiga. O senhor não prefere o Méridien? E' maior que o Othon. Dizem que a comida é muito boa.

— E' baiana?

— Não. E' francesa.

— Não podíamos ir ao convento do Carmo?

— Boa idéia. Foi transformado num hotel muito bonito.

— Então não. Eu não quero ver hotéis.

— Então, vou lhe mostrar algo muito especial: a Avenida Garibaldi.

RECUSEI-ME a ver a Avenida Garibaldi. Disse ao motorista que, se insistisse, eu me atiraria do carro em movimento. Prosseguimos mais alguns quilômetros discutindo, sem nos entender, até que de repente o motorista parou, saltou e me pediu para acompanhá-lo: "Isso aqui o senhor não pode deixar de ver" — disse — "Olhe só que maravilha".

— O que? — perguntei. Eu não estou vendo nada. Onde?

— Aqui. Aqui na sua frente. Veja só a grandiosidade desse estacionamento.

— É isso? Mas eu já conheço estacionamentos.

— Não igual a esse. É o maior do Brasil. Cabem 2 mil carros.

Realmente, os estacionamentos de São Raimundo e do Vale dos Barris estão dificultando os congestionamentos e impedindo que Salvador alcance o estágio de metrópole. No mais, porém, os problemas são cada vez mais parecidos com os nossos. No dia em que cheguei, fui ao catálogo à procura do telefone de uma amiga. Liguei. O telefone chamou, chamou e ninguém atendeu. Liguei para outros dois amigos. O telefone chamou, chamou e ninguém atendeu. Será que o pessoal aqui tira férias em setembro? No dia seguinte, me informaram que tinha havido algumas alterações nos ramais. Chamei a Telebahia, dei o nome e o endereço completos de Julieta, e perguntei pelo número do seu telefone.

— É 5-3535 — disse a telefonista.

— Mas esse é o que está no catálogo.

— Evidente. Se está no catálogo é porque é esse mesmo.

— Mas se fosse esse, minha senhora, eu não precisava perguntar. Era só ler no catálogo.

— E o senhor sabe ler?

— Mal — disse — mas já aprendi a ver os números. O número que eu quero não é esse.

— E qual é então?

— É isso que eu quero saber. Não mudou tudo?

— Mudou.

— E então? A senhora não sabe?

— Não. Não fui eu quem mudou.

— Eu sei que não foi a senhora. Mas foi a Telebahia. A senhora não trabalha na Telebahia?

— Trabalho. Mas eu sou uma simples funcionária. Não me meto nas decisões da diretoria. Se eles quiseram mudar o número, não sou eu quem vai dizer que não. Se o senhor quiser ligue para a seção de reclamações e diga que não está satisfeito com o novo número.

— Mas eu nem sei qual é o novo número.

— Então vamos ver se eu posso lhe ajudar. Qual é mesmo o número?

— 5-3535.

— Se o senhor já sabe, por que está perguntando?

— Ora, minha senhora, esse é o número antigo.

— Ah, sim. Entendi. O senhor quer o novo?

— Lógico.

— Também não sei, não, senhor. Aliás, por favor, será que tão logo descubra o senhor pode me avisar?

Corri ao catálogo novamente. Desta vez para ligar ao Governador e registrar minha reclamação. Foi então, meus senhores, que me deparei com um fato inusitado: entre os telefones do Governo estadual estava lá: "Palácio de Ondina, gabinete do Governador (secreto): 7-1188." Só mesmo na Bahia. O telefone secreto do Governador na primeira página do catálogo. Chamei por outro. O Governador atendeu. Para não entrar direto nas reclamações, afirmei que tinha um segredo para lhe dizer.

— Então ligue o outro telefone.

— Que outro?

— O secreto. Eu o uso para conversas confidenciais.

— Mas eu não sei cochicar no telefone.

— Não é necessário. Pode falar normalmente. Um momentinho que eu vou ver o número dele. Está guardado no cofre.

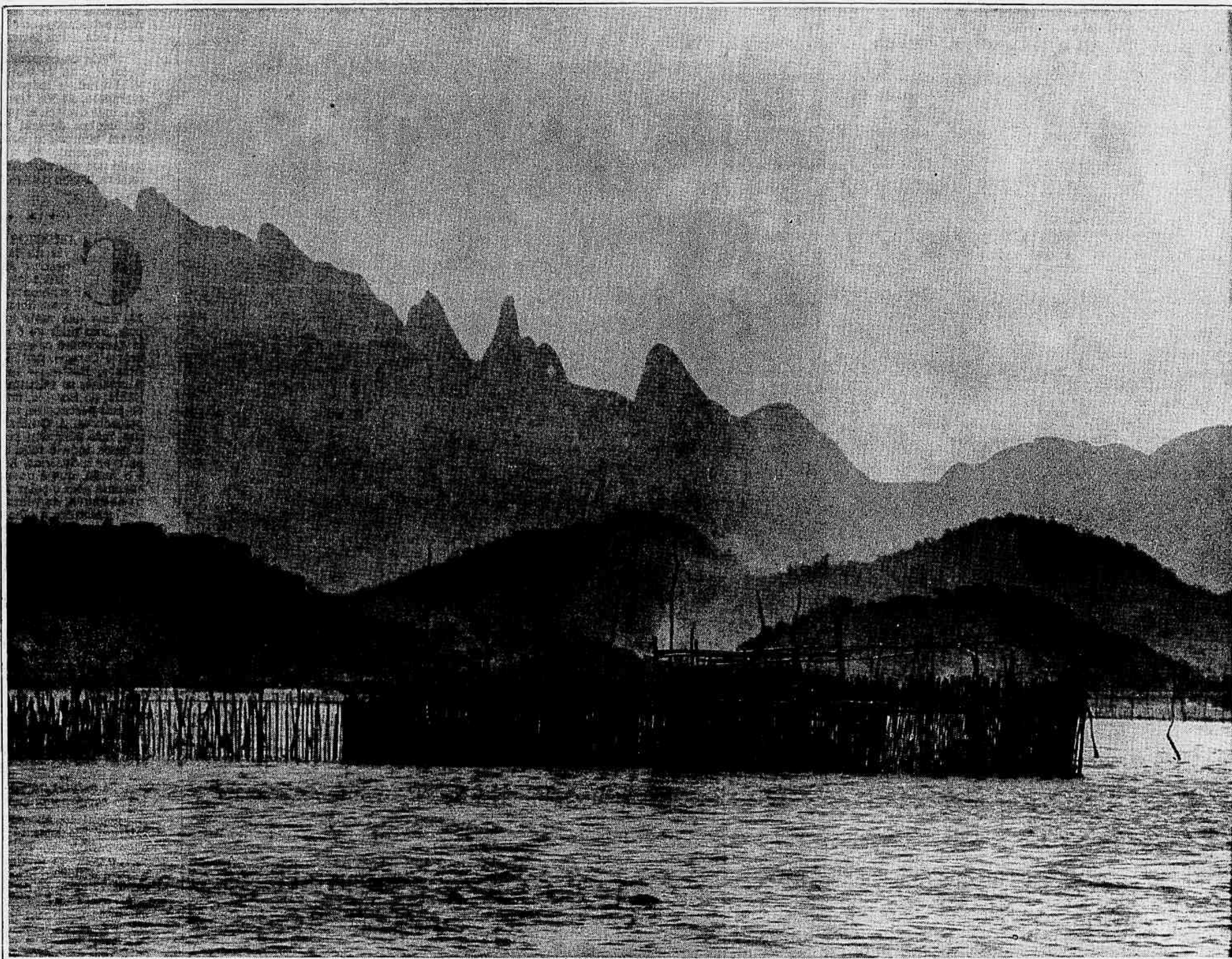
— Alô? Governador, não há necessidade de o senhor abrir o cofre.

— Não? E como você vai saber?

— É simples. Tem no catálogo.

GUANABARA

ROTEIRO DOS RESTOS E DEJETOS (E ALGUMAS AMENIDADES) DA BAÍA QUE JÁ FOI AIROSA

Danusia Bárbara □ Fotos de Alberto Ferreira

Os currais de pesca: pontas de estacas apontando para o céu, como o Dedo de Deus, ao fundo

— HOJE em dia, lamentável. Há uns 30 anos, a gente podia nadar em qualquer parte dela, sem o menor problema; hoje, me arrisco a hepatites, tifos, esquistossomoses. O que ontem era o útero, a alimentação de nossa cidade, hoje recebe os dejetos, os restos. Guanabara quer dizer seio do mar, mas acho que os filólogos vão ter de mudar o registro — de seio, passamos a outro sítio, um tanto impublicável, da anatomia do mar.

Como, então, convidar a um passeio pela Baía? Não se assuste o leitor. Mário de Andrade soube vê-la com olhos mais sensuais — *Penetro as fendas dos morros/ sou jogado em praias largas/ ai, Guanabara/ tuas noites fatigadas* — e Drummond salvou-lhe certa vez a barra: *Guanabara, seio, braço/ de a-mar: / em teu nome, a sigla rara / dos tempos do verbo mar*. É tudo uma questão de enfoque. Acorde cedo, num dia bonito e saia de lancha.

Vale a pena. Saber de milhares de pessoas que passam, circulam, vivem e trabalham em suas águas. Um dado: guanabarino nem sempre é sinônimo de carioca. Carioca que se preza toma banho de mar em Ipanema, é chegado a uma tanga e gosta que se enrosca de uma reclamação — para puxar assunto. Guanabarino vai à praia de Mauá e, se vive de tanga, já não reclama mais.

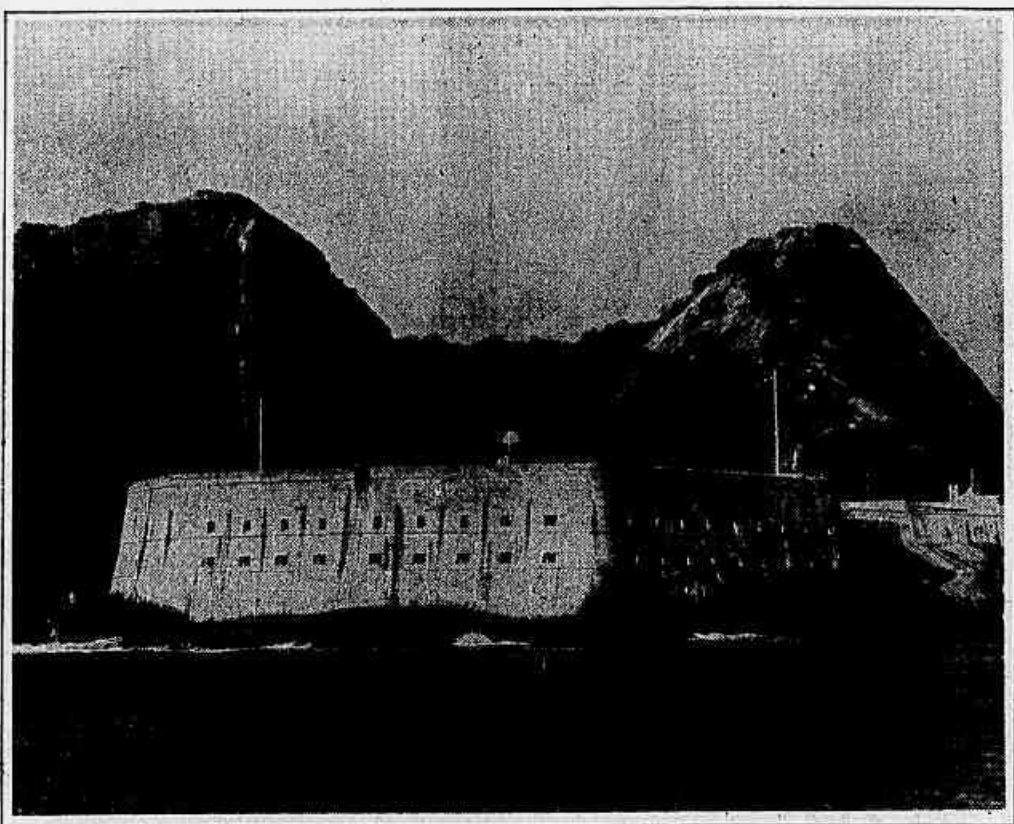
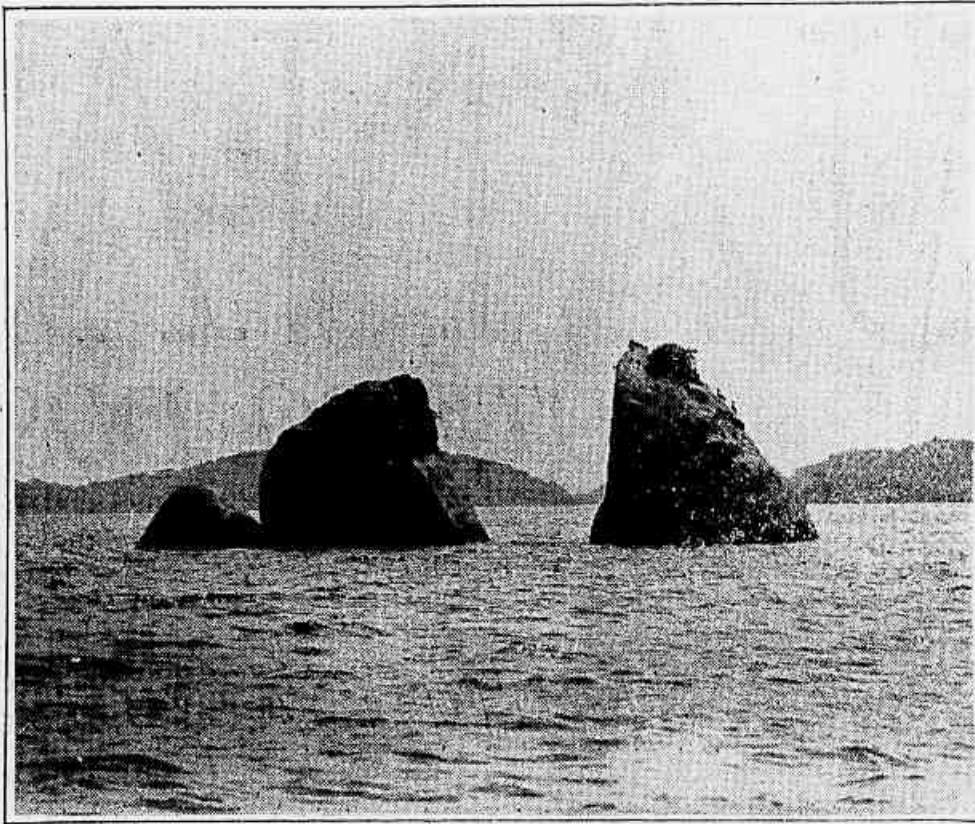
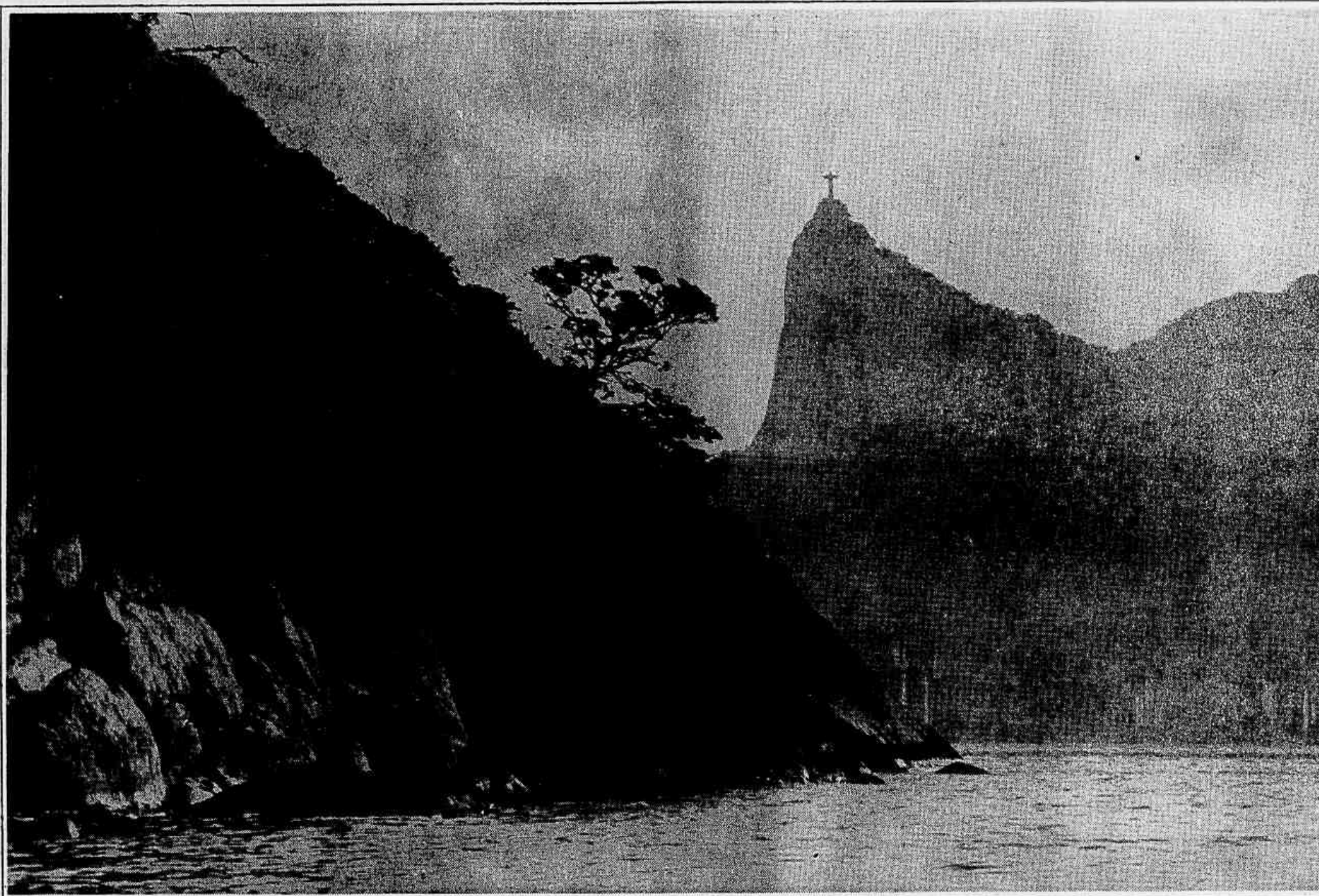
Antes de mais nada, vamos aos limites geográficos da Baía: de um lado a Urca, com o Forte de São João na ponta. Do outro, a Fortaleza de Santa Cruz. Entre os dois, água e, no meio da entrada e da água, a hoje abandonada Fortaleza de Lage. Fortalezas, há ainda as de Imbuí, Rio Branco, São Luís, Gragoatá e outras que se transformaram em Escola Naval, Serviço Geográfico do Exército, Arsenal da Marinha.

Para que tanto forte? A Baía já foi muito disputada.

Padre Anchieta dizia: "É a mais airosa e amena que há em todo o Brasil". É verdade que já se vão tempos e tempos, mas quando os franceses aqui chegaram não quiseram saber de outra coisa: agarraram-se à ilha de Laje, à de Serigipe (hoje Villegaignon), à aldeia indígena de Uruçu-mirim (hoje praia do Flamengo), projetaram fundar a cidade de Henriville e mais não fizeram porque os portugueses entraram na dança para ganhar. Daí a necessidade de proteger militarmente a cidade, então cobiçada.

Visitar uma fortaleza tem o seu quê. Para quem chega por terra (por mar corre-se o risco de levar um tiro), o primeiro passo é falar com o soldado que fica à porta. Ele nos olha meio espantado e encaminha ao segundo soldado, que nos encaminha a um terceiro. Vamos andando em ziguezague tático até chegarmos a alguma patente mais alta. Finalmente, cafezinho e refrigerantes servidos, estamos na sala do Comandante.

Que tipo de vida encerram nossos fortes? Quantas pessoas vivem nelas? As perguntas ficam soltas no ar porque respondê-las implicaria infringir questões de segurança. Uma constante nas fortalezas da Guanabara: os trabalhos de cantaria portuguesa dignos de herança do Mosteiro dos Jerônimos. Blocos de pedra inteiriços — muitos trazidos de Portugal, como lastro de navios — formam janelas, paredes, muros em arco, curvaturas, cilindros. Belíssimos.

Mas forte não existe apenas para satisfazer gosto estético. O de São João surgiu com o desembarque de Estácio de Sá e início da fundação da Cidade do Rio de Janeiro. Na verdade, reúne quatro fortes: São Teodósio, São José, São Martinho e São Diego. Entre suas relíquias, 17 canhões da época, 14 bicas dágua (numa delas, hoje escondida atrás de uma garagem de carros, D. Pedro II matava sua sede), e, dignidade

A Fortaleza de Santa Cruz, onde estiveram presos Lott e Juarez Távora. Lott foi solto; Juarez fugiu

A ilha da Pedra Rachada, perto de Paquetá. Sua forma definitiva — dizem — é obra de um raio

Na Urca, a porta de entrada para um pedaço de mar que um dia poderá transformar-se em imenso pântano

hollywoodiana, os marcos de uma antiga ponte levadiça.

O de Imbuí (agrupando no momento Imbuí, Barão de Rio Branco e São Luís do Pico) tem, segundo seu comandante, uma importancia estratégica excepcional: de seu cimo domina-se quase toda a baía. Que também pode ser vista, de outros angulos, distancia e espírito, do forte Gragoatá.

Por ora, o destaque em matéria de fortalezas fica com a de Santa Cruz. Por lá passaram franceses (1555) e portugueses, e suas prisões registram nomes como Garibaldi, Alvarenga Peixoto, Bento Gonçalves, Lott e Juarez Távora ("desde que pus os pés na fortaleza, comecei a pensar em fugir dela" — conta Juarez em seu livro de memórias, ao narrar como fugiu de Santa Cruz). Desde 1968, ela é presídio do Exército.

Os oficiais almoçam: bife à milanesa, arroz, feijão, purê de batatas, salada, doce de banana. Regando, suco de maracujá. O Major Araújo, comandante, permite a visita às atrações do Forte: cinco prisões históricas, a antiga sala de tortura (a Cova da Onça), o *stand* de fuzilamento (do século XVIII), a capela, o patíbulo e, num tom mais suave, um relógio de sol e uma cisterna de 1738.

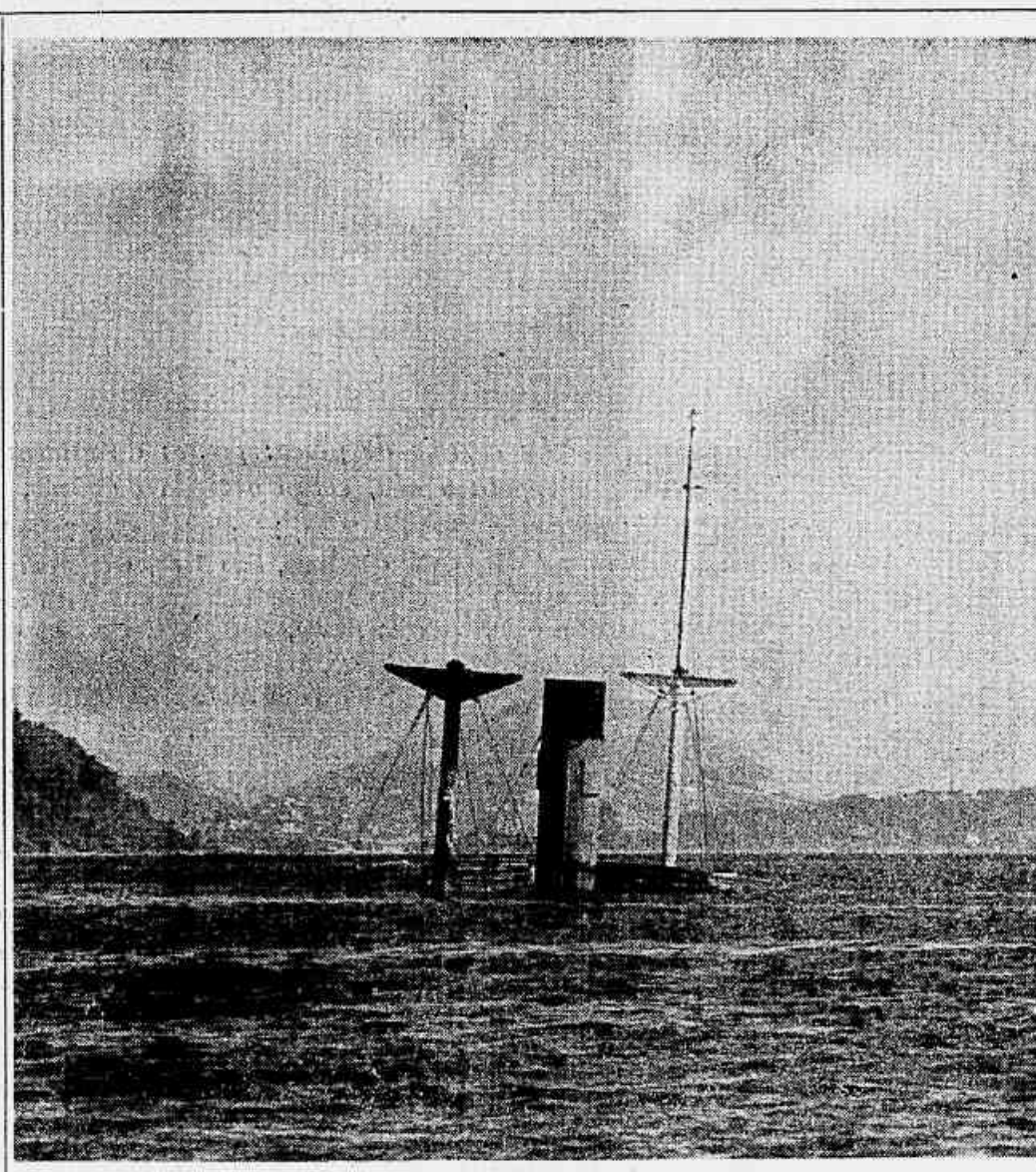
* * *

POIS é, moça, a baía está bem protegida. Resta saber se os fortes podem com a poluição. Mestre Dirceu tem 30 anos de baía, conhece bem seus labirintos, menino nascido nas redondezas da ex-ilha de Conceição, soldado que fugiu a nado noturno da Fortaleza de Laje, sentou praça na de Rio Branco, foi marinheiro e hoje é mestre, a conduzir umas lanchas-trancha (óleo diesel, oito milhas por hora, lentas, lentas, lentas) para todo serviço que aparecer pela Praça XV — rebocar, fazer turismo, pesquisar, o que for. Inclusive passear com repórter.

* * *

Ex, ex, ex, — a baía tem essa característica. As 80 ilhas guanabarinas pouco a pouco vão virando ex-ilhas (porque aterradas, porque ligadas ao continente, porque interligadas), embora os nomes continuem: das Cobras, Enxadas, Fundão. Há o ex-cemitério de navios. Ficava perto da ex-ilha de Conceição, o lugar onde outrora os navios eram abandonados, à espera do destino de afundar ou ser vendidos como sucata. Informam que o cemitério acabou, mas de repente, no meio da água, surgem um mastro, uns restos de casco, muita ferrugem e frangalhos de velas: aí jaz um navio. A falta de piratas e monstros tipo LochNess, a baía oferece ex-cemitérios.

Passear pela água: ver edifícios (nas margens) navios, mar oleado. Dique flutuante Afonso Pena abandonado, barcas da cantareira, sujeira. Aviões passam; cercando montanhas. O Cristo, o relógio da Central. Ilha do Bom Jesus, onde "morava o pessoal com neurose de guerra": há uma igreja bonita em seu cume, em meio a palmeiras.

Embarcações rumam ao ex-depósito de lixo do Caju. Fundilhos de favela se contrapõem à Faculdade de Engenharia. O tapete ondulante, oleoso, unifica tudo. Gaivotas. A ilha do Fundão gruda na do Bom Jesus, a Ponte Rio—Niterói vista de angulos novos: de curva, de costas, de lado. A mesma paisagem vai mudando, os tons de azul se sobrepõem, mesmo o verde das matas ao fundo parecem azul escuro. Se essa baía tem ou teve cemitério, tem também nascedouro: estaleiros.

Na Ishibrás, resumo de Ishikawajima do Brasil, Estaleiros S. A., 8 mil pessoas (4 mil funcionários e 4 mil de empreitada) trabalham, de uniformes cinzas, ao som de Chopin nas horas de intervalo, bolero e musiquinhas para ginástica antes do expediente. Este começa às 7h30m e vai até 17h05m, sem contar as horas extras. E dá direito a café a quem chega antes das 7h10m.

O engenheiro Arthou, descendente de franceses, barbudo, simpático, mostra com certo orgulho a fábrica onde se preparam blocos de ferro, fundem-se peças, montam-se navios. A maioria dos empregados vem da Zona Norte da cidade, tem nível primário. São os soldadores, maçariqueiros, chapeadores, que não ligam muito ao fato de a Ishibrás ter dois diques flutuantes, um de 400 mil toneladas. Na hora da *bóia*, saem correndo em direção ao refeitório. Quem chegar primeiro é mais bem servido, tem mais tempo para o descanso sob o mau-cheiro da solda e da usina de acetileno.

Perto da empresa, ruínas históricas: a casa de banhos de D João VI. Ferrado e infeccionado por um carrapato, El-Rei teve de submeter-se a uma audaciosa prescrição médica: banhos de mar semanais. Que foram cumpridos com Sua Majestade descendo ao mar e subindo içado por um guindaste: D João VI tomava banho dentro de uma barrica.

* * *

CAMINHOS de lixo, ao invés de faixas para pedestres, sinalizações sofisticadas, palmeiras ambientais. A colônia de pescadores do Caju, ZC-12, uma das mais importantes do país, com mais de 6 mil associados, se situa entre os estaleiros da Ishibrás e Caneco. Antônio, João, José, Goiaba, Bastos — as histórias são parecidas, se misturam. Vieram da Bahia, de Sergipe, do Norte. Filhos de pais pescadores, mas não pais de pescadores. A Guanabara dá peixe sim, mas ninguém pesca cá dentro, a pesca toda é feita fora, sardinha para as indústrias. A melhor época é o verão, que é quente, o peixe se encanta com o calor. Inverno é tempo de chuva, de vento. Os cardumes são localizados a olho nu, mas também usam-se sondas. As caras honestas contam histórias, parecem personagens de Jorge Amado. Mas a desconfiança é grande, ninguém quer reclamar, falar de problemas: "O que adianta, que proveito tiramos? Melhor é ficar quieto."

* * *

Pescador não tem feriado. Quem faz o feriado é Deus, que manda o temporal. De vez em quando aparecem cadáveres bolando pela baía — homem, mulher, criança. Mas ninguém é tolo de dizer que viu, arranjar complicação. Fala-se de um ou outro desastre: *Nova Lisboa*, obra grande, muita madeira, encalhou no dia de estréia, bateu na ilha de Maricá. Já o *Júlio Dantas*, ex-*São Vito*, barco caprichado, explodiu.

Sebastião, aposentado com três salários: "Se fosse só pescador, não dava para viver. Pescador está *na pior*, o dono da fábrica é quem leva a parte maior do bolo". Goiaba, um dente, 73 anos, 50 de pesca: "E' um crime esta rede de arrastão de corda, que mata todos os peixes, pequenos, em ova, *surgição*". Coro anônimo: "Terrível mesmo é estar oprimido entre dois estaleiros, não ter dinheiro. Dia a dia vão comendo o espaço da gente, nos empurrando *pro* lixo. Como se já não estivéssemos nele. Também, peixe não traz progresso; o Brasil vai *pra* frente, precisa de progresso. A Prefeitura acabou com os animais que puxavam as carroças, mas nós ficamos".

Não há ironia ou amargura na voz. Só secura.

* * *

Ilha do Governador, a barra vai se alargando. Favela de Inhaúma, Ramos, Bambuzal. Perto, aviões. Laje do Canhanhã, ex-local de muito badejo, tem farol que não funciona mais. Mas, uma bóia vermelho-preta flutua perto. Sinal de perigo.

Navegar pela baía exige perícia. Sua carta náutica, editada pela Marinha, indica na parte pintada de branco os lugares por onde a navegação pode ser feita sem susto de encalhe. Mas a maior parte do mapa está pintada de azul, denunciando profundidades mínimas, só centímetros até de água. Um grande pantano forma-se nesta, um dia, dita airosa baía, que acabará, por certo,

De repente, um mastro, sobras de barcos: o antigo cemitério de navios não foi de todo extinto

jogando seu jogo do ex-consigo mesma. Passará a ser a ex-baía de Guanabara.

* * *

Aves rápidas jogam-se na água, como se não pensassem ou não quisessem pensar no que estão fazendo: são os mergulhões. Enfim, surgem pescadores pescando na baía: voltam-se para a especialidade do momento, a sardinha boca-torta. Excelente. Não para comer, mas para fazer adubo. No século XVI, as baleias "infestavam" a baía — revela o historiador Augusto Fausto de Souza. Há 35 anos, a piscina da Escola Naval (hoje aterrada e *pour cause*) era de água do mar, esvaziando-se e enchendo-se conforme a maré. Sinal dos tempos.

Ponte do Matoso, depósito da Marinha. Ilha Seca em frente, petróleo, Texaco. A água não convida, nunca, ao mergulho. Estação nova, em construção, do aerobarco que ligará Governador à Praça XV. Ilha d'Agua, famosa por sua ex-beleza, é hoje depósito de petróleo. Ilha do Rijo, farol do Charéu, ilha do Boqueirão (tiros, passar a 300 metros de distancia). Termina Governador: supersônico/praia de Ramos.

Ilha das Palmas, das Telhas. Em frente, Paquetá, praia da Moreninha. Onde ainda há charretes, bicicletas e, durante a semana, tranquilidade. Aos sábados e domingos, excesso de gente, perde a paz. Refinaria de Caxias vista ao longe. O fundo da baía começa a despontar, ausência de edifícios, ainda bem. Os currais: um monte de estacas enfiadas na água, redes em volta. Os parcos peixes que entram, não saem. Os currais fazem o que podem para a pantanização da Guanabara.

No fundo da baía, há igrejas: Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora dos Remédios, São Francisco, São Nicolau. São antigas, dos tempos do Brasil colônia. Barrocas, algumas tinham imagens flamengas legítimas, hoje roubadas.

Seu Antenor, camisa rasgada, tamanco, mora em Mauá há 35 anos. Veio do Norte, tornou-se zelador do cemitério que fica ao pé de Nossa Senhora da Guia. Zé dos Anjos, seu amigo, responde pela igreja mas, como está ocupado, esquentando um café no fogão de lenha, é *seu* Antenor mesmo quem vai abrir e mostrar a capela.

Que fica no cume de um morro e nos faz pensar se subitamente não fomos transportados para outras regiões brasileiras, algo como Minas Gerais na época das corridas ao ouro. Aqui a vida é calma, cantam galos e grilos. Um vira-latas preto e manco nos acompanha na visita. A igreja foi bonita. Seus quatro altares laterais corroídos pelo cupim já estão *limpos*. Do altar principal, não resta a menor lembrança. Um padre vem de 15 em 15 dias rezer a missa e só nos fins de semana a região se movimenta com "os turistas". Flores de plástico em vasos horripilantes permanecem solitárias: até a caixa de esmolas foi arrombada. Do umbral de entrada a vista: Paquetá, Governador e Limão, onde mora "um bacana".

* * *

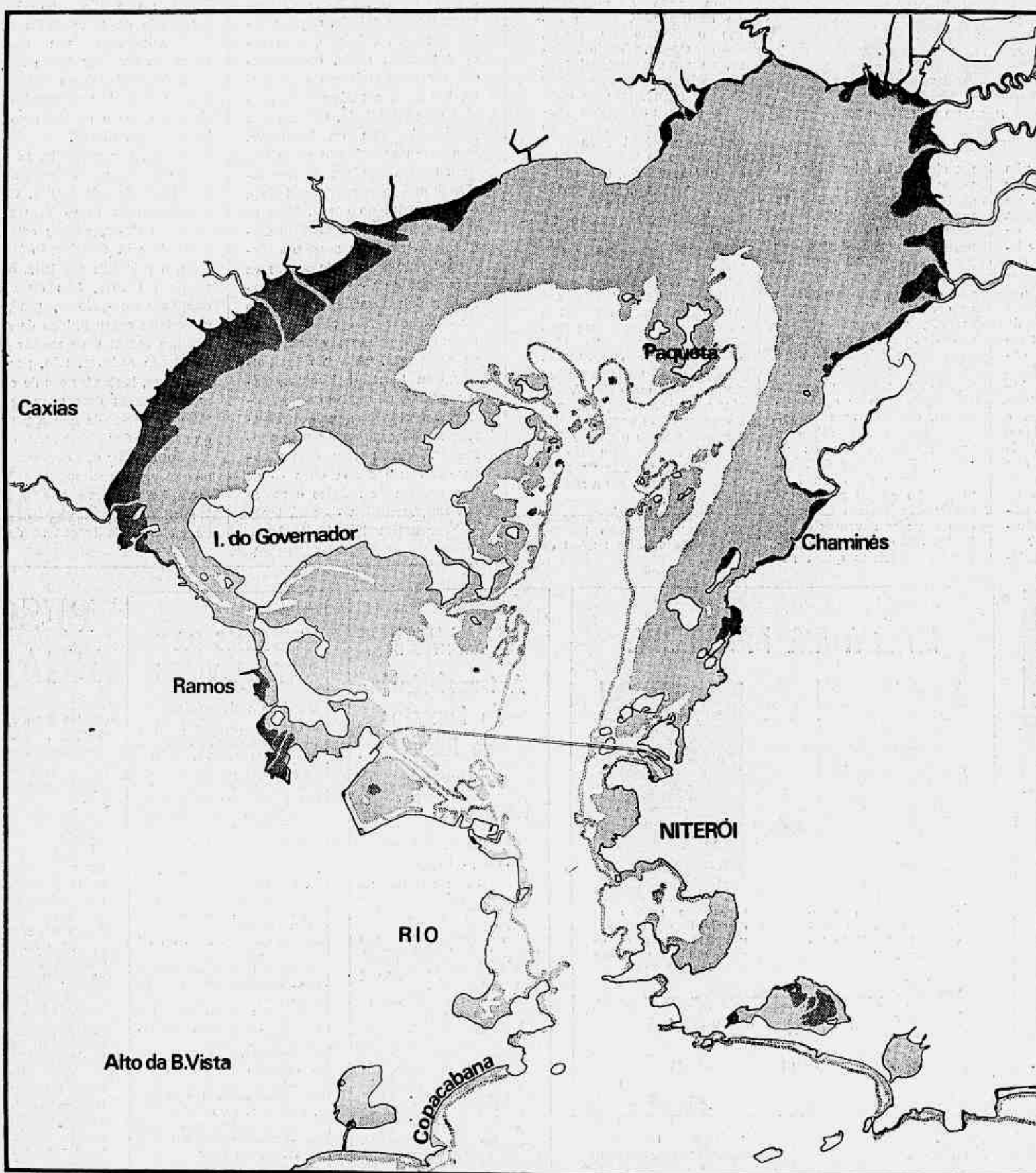
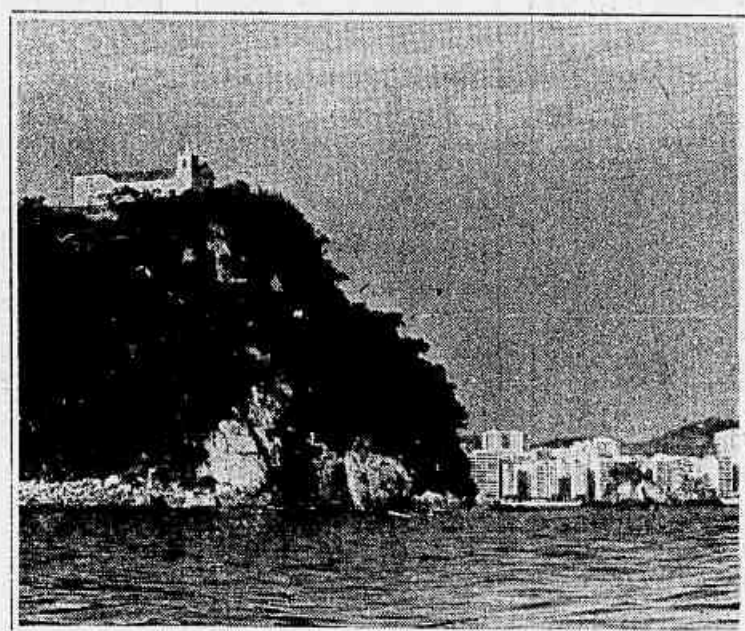
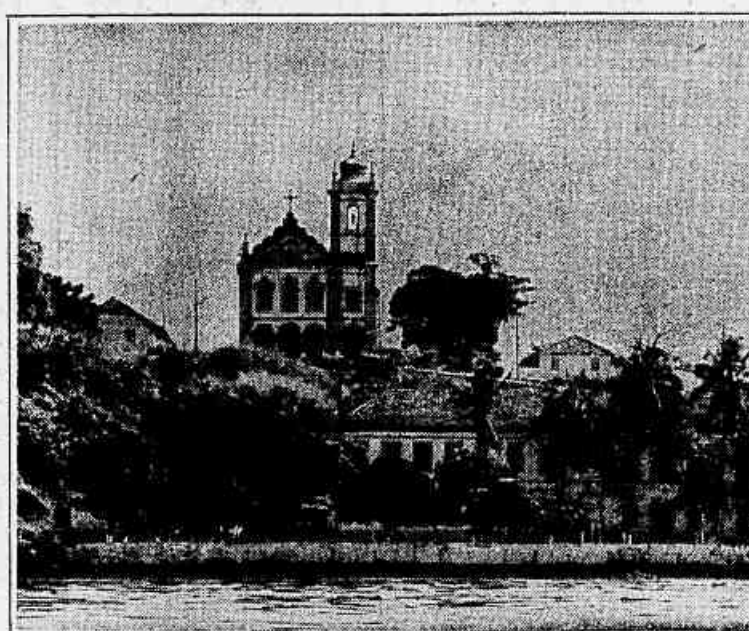
NÃO se pense que a baía é usufruto exclusivo da classe média-baixa. Em suas águas repousa, por exemplo, *Saga*, barco à vela que pertence à Princesa norueguesa Ragnhild, filha do Rei Olavo. Enquanto não disputa as regatas de sua classe, Oceanica, o *Saga* descansa no ancoradouro do Iate Clube do Rio de Janeiro, sob o cuidado de seus 13 tripulantes, entre timoneiros, navegador, cozinheiro, mestre de mudança.

A sua maneira, a baía também é lazer: quem não tem barco, corre pelo patrão. Há clubes de remo, como o Boqueirão do Passeio, há federação de vela e motor. Nem tudo na paz de Deus: "Vela é prestar atenção ao vento, sol, natureza. Sadio, silencioso, ecológico. Lancha não, é só transporte. Nunca um esporte."

* * *

Guguta, Toneca, Pelicano. Apelidos e dados semelhantes — nascidos na Urca ou em Niterói, atraídos cedo pelo mar. Que criança resiste ao convite de "quer sair comigo?". Iniciação náutica começando por um veleiro pequenino, passando ao médio e destes aos sofisticados Fórmula-1. Diante da repórter, protestos:

— Antigamente, havia lagostas, badejos, arraias fáceis de ver e pegar no fundo destas águas. Hoje, dá nervoso velejar nesta baía, sujar o pé, sujar tudo. Lixo, óleo o tempo todo. A vela fica imunda, o barco estragado. A gente é idealista, batalha, gosta disso, mas assim não dá. E' o esporte que mais títulos deu ao Brasil. Na última Olimpíada, medalha de bronze nossa, classe Flying-dutchman. No primeiro domingo de outubro, são mais de 300 barcas partindo da Escola Naval, 1 mil 500 pessoas disputando regata. E' o tal negócio: para quem não pode sair da baía, Jurubaíba, Paquetá e Brocoió ainda servem. Quando chove, piora tudo, mais sujeita. D Pedro ia até Magé pegar o trem para Petrópolis via baía. Eu me *maiido* por aí. Descanso a cabeça, saio outro de dentro d'água. Pena os terminais de petróleo. *Cadê* a fosforecência, o bigode na proa e a esteira marcando a popa? Os microorganismos vivos desta baía *já eram*. Por que não fazem terminais em Saint-Tropez?

Os pescadores: histórias parecidas, que se misturam, e sardinhas para as indústrias

A baía ainda navegável aparece em claro. Na parte levemente escurecida já não há profundidade. Os trechos mais sombrios são quase lama ou lodo

No cume do morro, a igreja de Nossa Senhora da Guia. Sem altares, mas com missa de 15 em 15 dias

Ilha de Bom Jesus. A igreja, como todas da baía, já teve imagens flamengas, legítimas

D Adelina, 73 anos tomava banho de mar na praia de Santa Luzia, perto da igreja ainda hoje em uso:

— O bonde mal descia, estávamos na muralha, não havia areia. Entrávamos na água pelo tablado-estrado. Banhos de madrugada, das 4 às 6 da manhã, não se dava valor ao sol. Quando ele aparecia, a gente se ia.

— Minhas roupas: brim azul-marinho ou preto, calças compridas com elástico abaixo do joelho. O babado não era *sinhazinha* não; mas cadarço com paletozinho, decote discreto arredondado ou quadrado.

— Os que sabiam nadar iam descendo pela escada de ferro, segurando nas cordas. Lá em cima, o guarda fiscalizava. O banho era em separado: homens de um lado; mulheres de outro. Saíamos de Santa Teresa lá pelas 3 e meia da manhã, tomávamos bonde. Não se saía de casa com roupas de banho. Vestes comuns, de meia e tudo. Depois as coisas foram mudando, em 1942 já se ia à praia de roupão. Não se entrava descalça na água, mas com sapatilhas de borracha, toucas na cabeça e, se o sol aparecia, tínhamos sombrinhas.

— Ia com minha mãe, irmãos, vizinhas. O mar não era violento, mas quando vi fazerem o Aterro disse que nunca iria pisar por lá. Qual... Custava uns dois mil réis o aluguel do balneário, a gente comprava assinatura, saía mais barato. Nunca ninguém roubava nada. Hoje em dia não dá para entender, o pessoal não vai à praia para se refrescar. Vou até hoje, com meus 13 netos, um bisneto, filhos, mas no horário que prefiro é difícil arranjar companhia. Outro dia fui à Barra da Tijuca, gosto muito de praia. Não vou com os trajes que ia, os calções foram subindo, a helanca hoje agarra justo. Bom eram o pão com manteiga e o queijo de Minas que a gente comia na volta, comprados no botequim do Tiosco.

* * *

VAMOS terminando o passeio. Mestre Dirceu aponta para a ilha do Sol, conta a história de Dora Vivacqua, irmã do Senador Atílio Vivacqua, mais conhecida como Luz Del Fuego: "Gostava de se exibir. Sempre que eu passava com turistas ela descia as escadas da casa, vinha para a praia, acenava nua. Tinha um corpo bonito, morena, cabelos compridos, dançava com cobras. Morreu terrivelmente assassinada, seviciada, corda no pescoço."

Uma amenidade: a frente do Iate Clube Jurujuba é um navio. Em sua construção e sua decoração foram aproveitadas várias peças do transatlantico inglês *Madalena*, que encalhou nas Tijucas, perto da entrada da barra, em abril de 1949. Era um transatlantico luxuoso, voltava do Sul, rumo à Inglaterra, em sua viagem de inauguração. Os passageiros foram salvos e o navio rebocado. Mas, entre o Pão de Açúcar e o Forte de Laje, ele se partiu — a proa foi ao fundo e a popa continuou flutuando até encalhar na praia de Imbuí.

* * *

Na entrada da Barra o mar balança forte, molha, sacoleja, existe. À medida que se entra pela baía o mar se inquieta, fica morno, silencia. Botafogo, Flamengo, Monumento dos Mortos, Santos Dumont. Chegando-se à Praça XV, a ilha Fiscal (onde houve o último baile do Império) e a copa do restaurante Albamar se sobressaem. Estranha arquitetura dos edifícios: arredondada no começo do século, quadrada no decorrer, projetando-se cilíndrica para o futuro.

Na saída da Praça XV, o montão de gente indo e vindo. Avenida Presidente Antônio Carlos. A estátua de Tiradentes está com flores amarelas ainda frescas, multidão de carros e pessoas apressadas. Na Rua São José se sucedem restaurantes e defronte à churrascaria latas de lixo recebem restos que garçons, solenes, vêm depositar. Cinco garotos e mulheres — sacos, sacas e gritos — disputam avidamente as sobras e sobras mal-cheirosas. A pessoas passam sem ver, o guarda comanda o transito. Quem assiste? Sentados às mesinhas da churrascaria, comensais bebericam cerveja.

GUIA SEMANAL DE IDÉIAS E PUBLICAÇÕES

Livro

DAS ILUSÕES FAGUEIRAS AO CÍRCULO VICIOSO

POESIAS COMPLETAS, de Machado de Assis, co-edição Civilização Brasileira/ INL-MEC, Rio de Janeiro, 1976. 520 pp., Cr$ 14,00.

Fausto Cunha

QUEM leu com olho crítico, em 1864, as poesias das **Crisálidas** certamente percebeu que Joaquim Maria não teria muito futuro como poeta. Tudo nesse livro são chavões de um romantismo tardio, já esgotado em suas últimas virtualidades, um bagaço poético de que só o talento de Fagundes Varela e Castro Alves podia ainda tirar alguma coisa. São "vãs quimeras", "sonhos doudos", "ilusões fagueiras", a mulher-criança divinizada, reminiscências de leituras e um montão daquilo que em outro lugar chamei de metáforas coletivas. Em 1864, Machado de Assis tinha 25 anos, idade em que seus companheiros de geração, especialmente os poetas, costumavam já estar mortos. Muito pouco iria sair desse tímido casulo, com as **Falenas** de 1870. As **Americanas** de 1875 quase nada viriam acrescentar, exceto o fato de prolongarem algumas influências em dissipação, como as de Gonçalves Dias e Varela. E finalmente em 1901, quando se dão a lume as **Ocidentais**, o quadro poético — cerca de 100 trabalhos publicados em livro se completa: um versejador correto, mas pobre de sopro criador. O único momento em que a poesia pousou verdadeiramente na mão de Joaquim Maria Machado de Assis, o belíssimo soneto **A Carolina**, por motivos óbvios não estava nem está nas **Poesias Completas** — agora publicadas pela Civilização Brasileira em convênio com o INL/MEC, na coleção de Obras Completas preparadas pela Comissão Machado de Assis.

Evidentemente Machado não ficaria nem ficou apenas como poeta, embora ele próprio tivesse grande ternura por suas principais romanticas, tanto que em 1901 não corou de reuni-las em livro, junto com as **Ocidentais**. Parece mesmo que lamentou não haver incluído **toda** a sua produção poética. No início do século, a poesia atravessava uma fase de enorme prestígio social e literário, todo o campo era dominado sob pressão pelos parnasianos, à testa dos quais se achavam os nomes de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia. Já se conhecia a extraordinária obra de Cruz e Sousa. E havia os independentes ou sincréticos, entre eles Luís Delfino e Luís Murat, este último considerado por seus admiradores pouco menos que um gênio. Enfrentar esses leões com uma seleção de versos da mocidade não parece ter intimidado Machado de Assis. E por quê?

A história do parnasianismo ainda não foi escrita em nosso país. Por falta de reedições, a maioria de seus poetas é desconhecida. Criticamente, fomos deformados pela perspectiva dos modernistas de 22 e indiretamente pelo espírito gregário dos simbolistas, que só cuidavam de si mesmos, de maneira que o parnasianismo ficou durante muitos anos entre nós como uma espécie de cadáver insepulto, em que ninguém ousava tocar sob risco de contaminação. Os melhores trabalhos que temos sobre o movimento são os de Manuel Bandeira e de Péricles Eugênio da Silva Ramos (não citado na bibliografia das **Poesias Completas**) e a eles devemos excelentes antologias. É é justamente Péricles quem assinala o papel importante de Machado de Assis na implantação e consolidação do parnasianismo. Poeta menor sem dúvida, mas um crítico de primeira categoria e — hélas! — o melhor prosador brasileiro.

MACHADO DE ASSIS, O POETA

Quando nos debruçamos sobre a poesia de Machado de Assis, vemos que a partir das **Falenas** começa a definir-se a opção por uma linguagem classicizante (em contraposição à "língua brasileira" de Alencar) e mesmo luso-trópica. A lusitanização da linguagem de Machado acentuou-se com o passar dos anos. Mas já estava nas **Falenas** e mesmo nas **Crisálidas**, com o seu filintismo retardado e o culto de Almeida Garret, de quem Machado de Assis transcreve praticamente versos inteiros.

Dono de alguns bons versos avulsos ("Entreaberto botão, entrefechada rosa, / Um pouco de menina e um pouco de mulher"), de composições felizes como o **Soneto de Natal**, **A Mosca Azul**, **Círculo Vicioso**, de uma admirável tradução de **O Corvo**, de Edgar Poe, só o prestígio do contista e do romancista justificou, no entanto, a edição Garnier de 1901 e as reedições que se lhe seguiram. Se por um lado é confortador saber que se cumpra a lei em favor da obra de um escritor, em torno da qual se congrega uma elite de especialistas, por outro isso não alivia o século de silêncio que já pesa sobre alguns poetas // que em nada lhe são inferiores e que talvez nunca sejam reeditados, porque não têm ressonancia no **stablishment**. Não adianta citar nomes. Mas um deles, Vitoriano Palhares, certa vez escreveu estes versos: "Dói-nos ouvir como o povo / Diz com jactancia ilusória / Que tem seu nome na História, / Quando ele a História não lê".

FC, jornalista e crítico literário, membro do Conselho Estadual de Cultura.

UM DESAFORISTA CONTRA A FEROCIDADE DOMINANTE

CARTOLA DE MÁGICO, Mário da Silva Brito, Civilização Brasileira, capa de Dounê, Rio, 1976, 118 pp., Cr$ 30,00.

Benedicto Silva

SIMEÃO, o **Profeta**, uma das três peças incluídas em **Cartola de Mágico** como "tentativas de conto" (opinião do artista), é uma fina obra de arte literária bem fabricada com as matérias-primas clássicas: papel, tinta e talento. Como o de Cristo, o reino do personagem central não é deste mundo. Modelo de cordura, sempre calado, sempre remoto, nunca exigindo, nem sequer pedindo nada, encasulado em seu desprendimento absoluto, um vago e melancólico sorriso de afabilidade, Simeão é a própria imagem da brandura. Sua muda serenidade como que gera uma atmosfera de harmonia difusa, que permeia todo o espaço social do conto. Nem os feios ataques que o afligem frequentemente, nem mesmo a sórdida circunstancia de serem os seus dons de vidente comercializados pela família, a princípio discreta, por fim abertamente, conseguem poluir a magia dessa atmosfera. "Era tão fácil lidar com Simeão! Bastava calar, olhá-lo de quando em quando". Lá estava aquele permanente sorriso, distante mas acolhedor. Lidar, porém, com o Autor do conto e sua obra — de que **Cartola de Mágico** é amostra representativa — está longe de ser assim tão fácil. Antes de mais nada, tem o lidador que se avir com a versatilidade criativa de Mário da Silva Brito. O autor de **Conversa Vai, Conversa Vem** é biógrafo, crítico literário, contista, **ensaista**, poeta, humorista, **aforista**, **desaforista**, etc. Numa palavra, é um autêntico homem de letras. Desprovido de vaidades intelectuais, porém, ele próprio confessa, no ensaio biográfico, de Octalles Marcondes Ferreira, que, a partir de certa altura de sua carreira, passou "a ser uma peça do processo industrial do livro". Pudera! Qual o editor inteligente (e alguns editores soem ser inteligentes) que não exultaria em ter Mário da Silva Brito como mentor literário, um mentor capaz de escrever tanto a **História do Modernismo Brasileiro**, quanto os mais penetrantes ensaios críticos e as mais perfeitas orelhas de livro?

Vejam-se, por exemplo, as orelhas dos romances **Sombras de Reis Barbudos**, de José J. Veiga, e **O Fruto do Vosso Ventre**, de Herberto Sales, ambos editados pela Livraria Civilização Brasileira, o primeiro em 1972, o segundo em 1976. São duas pequenas obras-primas, prodígios de ensaios comprimidos de análise dos textos e do **modus operandi** dos Autores. São, por assim dizer, instantaneos de corpo inteiro desses dois grandes romances. Dir-se-ia que a prosa e o entrecho das obras teriam inspirado o Autor das orelhas. Sem dúvida, mas, senhores. Mário da Silva Brito esteve à altura da tarefa! Neste agilíssimo homem de letras, dois traços se destacam, sobrepondo-se aos demais: o virtuosismo verbal e a faísca do humor. Sua prosa crispa e fumega, comunica profusamente — atingindo à qualidade de prosa egrégia: é um espetáculo paralelo, à parte, que se desenvolve à margem da narrativa. Da verve humorística, nem falemos! Basta ler esta **Cartola de Mágico**, de cujo fundo saltam, em enfiadas sucessivas, as "pequenas manchas ou **blagues**" ou desaforismos, os "estudinhos mais amplos" e os ensaios "mais ambiciosos". Das **blagues**, degustem estas amostras. — "Narciso olhou-se no espelho e concluiu que já era hora de fazer uma operação plástica". — "Nas ditaduras, a frase, famosa, de Descartes, mudou para "Existo, logo não penso". — "Lúcia — alma minha gentil que me partiste". — "A sanfona parece que espicha e encolhe a música". Dos **estudinhos**, leiam-se os dedicados a Júlio Cortázar, Hermilo Borba, filho, Carlos Heitor Cony e M. Cavalcanti Proença. E dos ensaios biográficos e literários, ressaltam-se os seguintes: **Octalles Marcondes Ferreira, Cassiano Ricardo, O Humorista, e Itinerário de Tarsila.** Neste mundo lúgubre e cruel e nestes tempos madastros, de poluição montante, terrorismo generalizado, fome, inflação e outros **maladjustments** sociais, **Cartola de Mágico**, por infalivelmente fazer rir e sorrir (e não apenas por isto), é um revulsivo contra a ferocidade dominante.

BS é escritor, jornalista, editor brasileiro da revista **Correio** (UNESCO).

PESQUISA SOBRE A REALIDADE RACIAL

ETNIAS E CULTURAL NO BRASIL, de Manuel Diégues Júnior, Civilização/ MEC, Rio, 1976, 208 pp., Cr$ 18,00.

Luiz Carlos Lisbôa

AO contrário do problema racial, alvo de todas as atenções e vítima de frequentes especulações, a realidade racial — menos polêmica porque lida com dados objetivos e nasce da pesquisa — tem sido relegada a segundo plano no Brasil. Na reduzida bibliografia pertinente ao assunto, as edições recentes são estranhamente raras. Por isso é tão bem-vinda uma boa reedição, como acontece agora com **Etnias e Culturas no Brasil**, de Manuel Diégues Júnior, trabalho admirável pela concisão e profundidade que consegue reunir com incomum felicidade.

Diégues Júnior é daquela cepa que não se entretém com modismos fáceis ou originalidades promocionais. Sua seriedade atravessa a obra da primeira à última página e reveste tudo — a começar pela forma honesta e incisiva de expor — de uma responsabilidade simples que não tem sobrado em nossos etnólogos e estudiosos em geral. Partindo do primeiro relato antropológico feito em terras brasileiras — a carta de Pero Vaz Caminha — o autor fala no caldeamento inicial de raças, ponto de partida da nacionalidade, apoiando suas conclusões nos depoimentos históricos de Vespucci, Hans Staden, Pero Lopes de Souza e outros. Em seguida, examina a composição das populações indígenas encontradas pelos descobridores, e aponta suas origens possíveis. Nóbrega, Anchieta, Thevet e Léry, são aqui os depoentes.

Obra de história social que renovou inclusive os estudos etnográficos entre nós, **Casa Grande e Senzala**, de Gilberto Freyre, é apontada como um marco no estudo das relações culturais do negro com os demais grupos. Nina Rodrigues e Oliveira Viana trouxeram também notável contribuição àquelas pesquisas, mas a obra definitiva foi a de Arthur Ramos, que examinou a fundo a formação brasileira haurida no branco europeu, no negro africano e no índio. Vista a herança fundamental portuguesa, Diégues Júnior passa ao exame dos outros dois grandes componentes e lança-se ao estudo — que ele torna simples, agradável, acessível — das contribuições menores mas também significativas, de grupos imigrantes.

Italianos, alemães, japoneses, turco-árabes, poloneses, judeus e outros alienígenas, são observados em suas origens, através de sua importancia numérica, em suas caracteristicas próprias e nas regiões em que se radicaram. Um capítulo é dedicado exclusivamente às relações culturais decorrentes dessa grande convergência humana. E Diégues conclui, em oposição a alguns especuladores da moda, que "o Brasil constitui cenário em que se processam democraticamente as mais diversas relações de raça e de cultura", que final compõem o país em que vivemos. Esse "sistema de coexistência de diferentes valores culturais" resulta de uma forma de equilíbrio particular — agora citando Gilberto Freyre — "entre os elementos de segurança e os elementos de insegurança em cada cultura, coexistindo com uma, duas ou mais outras culturas". Essa reciproca aceitação, lembra o Autor de **Etnias e Culturas do Brasil**, é talvez resultante de uma contribuição definitiva, herança espiritual do português colonizador, esse operoso e cordial descobridor de terras do século XVI.

LCL é jornalista, diretor da Sucursal do Jornal da Tarde no Rio.

PORTUGAL, DE ABRIL A NOVEMBRO

PORTUGAL DEPOIS DE ABRIL, de Avelino Rodrigues, Cesário Borga e Mário Cardoso, Intervoz Publicidade Ltda., Lisboa, 1976, 330 páginas.
PORTUGAL — NEM TUDO ESTÁ PERDIDO (Do Movimento dos Capitães ao 25 de Novembro), do Capitão Álvaro Henrique Fernandes, Editora Ulmeiro, Lisboa, 1976, 170 páginas.
EANES: POR QUÊ O PODER?, de Paulino Gomes, Intervoz Publicidade Ltda., Lisboa, 1976, 162 páginas.

Ruy Castro

COMO fazer a revolução num país pequeno e dependente, espremido entre a Espanha e a OTAN, emergindo de 48 anos de ditadura, herdeiro de uma guerra colonial, impotente ante o boicote econômico do Ocidente, incapaz de cativar o bloco socialista, dividido entre as forças políticas internas e subdividido no próprio grupo de militares que detém o Poder? Essa é uma boa pergunta — justamente a que foi feita a Portugal, a meio caminho entre 25 de abril de 1974 e 25 de novembro de 1975. Durante esses 19 meses, Portugal não soube respondê-la. E depois dessa data-limite, deixou de fazer diferença.

Agora, enquanto a esquerda portuguesa pensa as feridas, alguns aproveitam o degelo para escrever. Três livros publicados há pouco em Lisboa fazem a crítica e a autocrítica da revolução, mas nenhum deles declara o ciclo encerrado, apesar de todas as aparências em contrário. Ninguém arrisca previsões muito distantes, mas parecem concordar que, em Portugal, é difícil governar sem a esquerda.

Portugal Depois de Abril é o melhor desses livros. Seus Autores, Avelino Rodrigues, Cesário Borga e Mário Cardoso, narram os fatos com a isenção, apenas relativa, dos derrotados — a única possível a três jornalistas que, de uma forma ou de outra, estiveram ativamente empenhados no processo. A maior parte da narrativa se concentra no processo político e militar da revolução. Assim, cada contagem semanal das espingardas — prenúncios de golpes e contragolpes que faziam parte do jogo de pressões — é cuidadosamente registrada. Os acordos entre os políticos, e principalmente os desacordos, são narrados em minúcias. Nenhum fato muito novo; mas entre a floresta de folhas uma árvore aos poucos se desenha: de como o MFA, a princípio um poder independente e soberano, começa a ser contaminado pelas diferentes idéias que caracterizavam os vários Partidos. Cindido, o MFA se desmancha e o que resta dele, depois do 25 de novembro, são apenas restos.

Durante a narrativa, assiste-se a uma sucessão de unidades sacrificadas para se salvar o todo. Spinola sacrificou Palma Carlos, Costa Gomes sacrificou Spinola, Otelo sacrificou Vasco Gonçalves e finalmente Costa Gomes sacrificou Otelo. Todos esses sacrifícios, normais na luta pelo Poder, apenas reduziram o campo de manobra do Governo e abriram o caminho à radicalização de ambos os lados. Quando isso aconteceu, os moderados entraram em cena, esmagando a esquerda "para impedir um futuro avanço da direita". Mas alguns portugueses não estão muito certos disso, hoje em dia.

O ex-Capitão Álvaro Henrique Fernandes, Autor de *Portugal — Nem Tudo Está Perdido*, é um deles. Depois de servir no Copeon sob as ordens de Otelo, ele preferiu atender aos apelos dos SUV (Soldados Unidos Venceremos) e passou à clandestinidade pouco antes do 25 de novembro. Sua versão do processo, do ponto-de-vista do interior dos quartéis, retrata os recuos e avanços súbitos do MFA, quase nunca planejados, quase sempre estimulados pelos contragolpes frustrados de 28 de setembro e 11 de março. Para ele, uma das causas principais da derrota da esquerda em novembro foi o "saneamento incompleto" do Exército durante a revolução. Mas seu livro seria melhor se, às vezes, ele não deixasse os fatos de lado e os substituísse pela versão dos panfletos. O que talvez tenha sido uma das causas da derrota da esquerda.

Eanes: Por que o Poder? Não diz muito a que veio. Escrito logo depois da eleição de Ramalho Eanes para a presidência, seu Autor se esforça por tirar uma história da vida pregressa do biografado. Talvez por isso seja um livro bem fino. A própria passagem de Eanes pela revolução foi tão rápida que mal conseguiu ser percebida. Apesar da evidente simpatia do Autor pelo novo Presidente, ele não deixa de se referir ao fato de Eanes, durante a campanha, não ter tomado qualquer posição definida a respeito dos assuntos que mais preocupavam os portugueses, de direita ou esquerda: a crise econômcia, a estatização dos bancos, a refoma agrária, a liberdade de opinião. Seja como for, não se demorará muito a saber.

RC é jornalista e crítico. Vivendo em Lisboa de 1973 a 1975, assistiu ao vivo a revolução portuguesa.

ORÍGENES, POR UMA LITERATURA POPULAR

O FEIJÃO E O SONHO, de Orígenes Lessa, Editora Pallas, Rio, 1976, 24a. edição, 206 pp., Cr$ 25,00.

Bella Jozef

A vertente dos ficcionistas urbanos da literatura brasileira, iniciada por Alencar e Machado de Assis, seguidos por Mário de Andrade e Antônio de Alcantara Machado, proporcionou a qublicação de **O Feijão e o Sonho** — agora em 24a. edição — uma das obras-primas de nossa ficção. Sua concomitante adaptação para telenovela mostrou que a comunicação de massa intuiu a receptividade que o romance tem tido, também nessa linguagem específica. Seu autor, Orígenes Lessa, já possui obra extensa, iniciada em 1929: 10 volumes de contos, oito romances e 13 livros de histórias infantis, além de ensaios e reportagens. Dentro das amplas possibilidades abertas pelo modernismo ao fazer literário, a introdução das perspectivas urbanas, aliando-se às inovações da estrutura, tinha como objetivo ajudar a criar uma realidade eminentemente brasileira, através da linguagem, utilizando os signos da cultura, não mais obrigatoriamente situada no regionalismo ou paisagismo. Com sua concepção estética, trouxe o modernismo a configuração atual do conto, desligando-o de padrões importados, na experimentação formal e na estrutura interna.

O universo ficcional de Orígenes alimenta-se da objetividade. Mostrou-se, desde suas primeiras obras, analista e revelador da vida citadina, recriada com consciência profissional. A consagração lhe veio em forma de prêmios: **Alcantara Machado, Fernando Chinaglia, Luísa Claudio de Sousa** e muitos outros. A fluência no modo de narrar foi conseguida após longo processo de depuração artesanal. Na riqueza de aspectos de sua obra de ficcionista entremesclam-se o lírico e o trágico, o irônico e o sentimental, o verossímil e o absurdo, o fantástico e o real, numa arquitetura de ágil e ampla fabulação que se aprofunda na raiz humana do drama cotidiano. Um forte poder de análise manifesta-se sob a égide, segundo Ricardo Ramos, da "densa humanidade que o escritor põe no diapasão de sua voz madura, um refletido tom de comovida e generosa compreensão". Seus personagens, verdadeiros heróis anônimos do cotidiano, têm referentes externos imediatos, em lição aprendida do realismo. E' fácil explorar o sucesso ininterrupto de **O Feijão e o Sonho**: mais de 400 mil exemplares vendidos. O livro vem atravessando incólume modas e modismos, verdadeiro **best seller** promovido pelo gosto do público, que nele soube ver qualidades perenes e universais. Essas não residem na trama complicada ou estrutura complexa: ligeiro **flash back** interrompe a linearidade da narração e a expressão, vazada em simplicidade com vocabulário da linguagem coloquial, de elementos comuns, do dia-a-dia. É o painel de um mundo em extinção, o da cidadezinha com seus tipos, com uma problemática que é a do intelectual de todos os tempos e o da obra de arte em si.

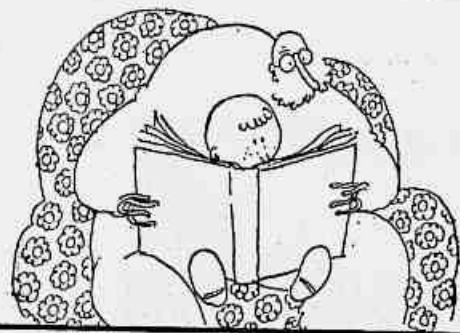
O narrador da história é o biógrafo do escritor, Campos Lara, protagonista do livro. A narrativa começa em Capinzal, com a ação **in medias res**. O foco narrativo, em terceira pessoa, permite ao narrador o distanciamento necessário à objetividade e à atitude crítica, perpassada de ironia. Por vezes, o narrador se intromete para estabelecer maior comunicação com o leitor (cf. à página 195: "pobre lutador"). O leitor reconhece os fatos de **O Feijão e o Sonho** como realidade por efeito de verossimilhança e a **representação** substitui o que ela pretende representar. Dois mundos se opõem: o material e o ideal. No nível da representação desenvolve-se, homologamente, a dialética entre realidade da matéria ficcional (a realidade concreta da obra literária) **versus** o ideal do escritor, no caso Campos Lara, a imagem do mundo convertida em matéria literária. No próprio movimento de negação de sua natureza, a verdade (imaginária) do romance encontra-se afirmada. O romance dissimula a ficção que o anima, o sentido em vista do qual foi composto. A metalinguagem ofusca o efeito do texto e a realidade da leitura se opera sob a máscara.

Orígenes Lessa sempre propugnou por uma literatura popular e é isto que vem realizando em suas obras, como verdadeiro mestre do ofício, falando à sensibilidade do leitor, mas sem concessões.

BJ é escritora e professora de Literatura Latino-Americana na PUC/Rio.

PIROLI, LIVROS SÓ PARA CRIANÇAS?

OS RIOS MORREM DE SEDE, de Wander Piroli, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1976, Cr$ 20,00.
A MÃE E O FILHO DA MÃE, de Wander Piroli, Editora Itatiaia, 3a. edição, 1976, Cr$ 28,00.

Victor Giúdice

ÀS vezes, é muito difícil apontar onde termina a literatura infantil e onde começa a adulta, ou vice-versa. Há octogenários de espírito que preferem Perrault, enquanto certas crianças choram desprotegidas diante das bruxas pirotécnicas de Andersen. A sensibilidade é um fator estratosférico, até certo ponto, indifedente à idade.

Talvez o elemento mais ponderável com relação aos limites das faixas etárias seja a linguagem. Jean Cocteau conseguiu estabelecer um código narrativo para as sequências de **La Belle et La Bête** que satisfaz a gregos e troianos. Chegou a acrescentar nos créditos do filme suas intenções estéticas: "Dedicado às crianças de nove a 20 anos". Da plurivalência da forma resultou a plurivalência da mensagem. Os símbolos se aprofundam segundo o repertório cultural do espectador. Ou do leitor, em se tratando de um livro **infantil** do mineiro Wander Piroli.

A literatura de Wander Piroli tem o mesmo encantamento de linguagem observado nas imagens polissêmicas do Jean Cocteau cineasta.

Tanto o encantamento quanto a polissemia são frutos de um despojamento de linguagem, onde a aparência denotativa não passa de aparência. Na verdade, a tensão conotativa implícita na simplicidade semantica e sintática culmina num passe de mágica que nos revela outras camadas significativas, com as quais não contávamos durante as primeiras linhas do texto. Sem dúvida, uma técnica surpreendente, essa de Wander Piroli.

Observa-se o mesmo efeito nos dois livros **infantis** de Piroli: **O Menino e o Pinto do Menino** e **Os Rios Morrem de Sede.** No primeiro, a polissemia se torna patente a partir do título. Na leitura, verifica-se o trágico episódio de um menino que tenta criar um pinto num apartamento. A fábrica, em sua intensidade dramática, lembra as dimensões de um conto de Tchekhov, a respeito de um menino que vê seu cãozinho estraçalhado por um Pastor Alemão.

As tragédias simbólicas expostas nos livros de Piroli compõem a essencialidade da grande tragédia humana num universo tecnocrata.

No segundo livro, observamos a morte de um rio, a decepção do menino Bumba, mais o contraste de sua existência geográfica, anos antes, instaurada através da memória do pai, que deseja reviver na pele do filho as alegrias da infancia. Em **A Mãe e o Filho da Mãe,** Wander Piroli reúne contos de 1952 a 1973. Três trabalhos do volume receberam classificação num dos concursos de contos promovidos pelo Governo do Paraná. Neste livro, já em terceira edição, percebe-se a permanência dos temas do Autor, escolhidos num padrão denotativo com vistas à valorização da mensagem.

É justamente nesta despreocupação formal que reside a preocupação de Piroli. Talvez seja este o grande segredo da linguagem literária. A construção da metáfora através de uma ordenação sintática obediente aos regulamentos da gramática. A transgressão se opera no conteúdo, ou melhor, no não dito.

No caso de **A Mãe e o Filho da Mãe** não há referências, nem do autor ou do editor, à faixa de idade a que o livro se ajusta. No entanto, em cada um dos três, caberia a observação de Cocteau: "Dedicado a crianças de nove a 90 anos".

VG é escritor e jornalista.

A DESCOMUNICAÇÃO EM FLORILÉGIO

BABEL, de Hernâni Donato, Ed. Hucitec, São Paulo, 1976, 82 pp., Cr$ 20,00.

Marcos Margulies

HUCITEC é um nome complicadamente esotérico de uma pequena editora paulista, que já nos deu as magníficas memórias de Paulo Duarte, a esplêndida biografia, sociologicamente tratada, do Conde Francisco Matarazzo, e que agora ressuscita Hernani Donato. Ressuscita, sim, porque é o mesmo Donato do **Chão Bruto** e da **Selva Trágica** que surge das páginas deste livro, pequeno mas tenso, não épico na unidade de um romance dramatizado, mas na soma de fotografias tiradas do nosso universo que lhe deu o título. O livro se chama **Babel**.

É o mesmo Donato, de estilo sóbrio e tão expurgado do inútil, que este **Babel**, lembra a famosa frase, ainda recentemente repetida pelo crítico literário do **Le Monde** Jacques Cellard: "**Bien écrire, c'est n'écrire que l'essentiel**". E Donato dá exatamente o essencial. Lapidado, duro na sua factualidade, quase que frio, porque é fria a nossa babel anticomunicacional e porque é dura a realidade que não queremos aceitar em sua plenitude desumanizadora, mas que não sabemos mudar — talvez por inércia, talvez por acomodação. E é isso que Donato fotografa: essa inércia, essa triste condição humana, tão tristemente tristonha, que nem sequer consegue transmitir a sua própria tristeza àqueles que a vivem, que a respiram, que a bebem. Ao olhar a sua cara de homens, os homens gritam de susto (p. 51).

Chão bruto, esta babel moderna. Bruto, por falta de lapidação comportamental dos homens, incapazes de conviver a tal ponto, que é uma exceção aquele fazendeiro "que aceita receber o espantalho", para lhe aconselhar: "Pode usar chapéu, calças e sapatos do homem. Até gravata. Mas cuide para que com essas coisas não vá também a alma do homem" (p. 42). Bruto pela brutalidade que — já inerente às pessoas — emana do vasto público aglomerado no palco dessa babel hodierna, da multidão infinda, que sempre exige (e devora) um novo herói: "Quando se cansa do domador, tira-lhe a casaca e a espora". Mas ela também se cansa do tigre domado. A este, tira a pele. Realmente, é melhor refugiar-se na selva (p. 56).

Na incapacidade de saborear o momento, na desconfiança diante do presente, resta apenas, burguesmente, o reencontro com o passado. Para tanto, é hipoteticamente comprável qualquer escritor, qualquer pintor, desde que, ao retratar o pai de um padeiro bem sucedido, siga o conselho do herdeiro e saiba "imaginar um Napoleão fundador da firma panificadora" (p. 44).

É esta babel chã, murcha, castrada, anticomunicacional, que transparece de cada conto, de cada personagem de cada conto, de todos os múltiplos ambientes de todos os contos. Contos pequenos, curtos, breves, concisos, respingos de quem pensa ao retratar, de quem se preocupa ao transmitir. Contos sem adjetivos, como se eles fossem supérfluos — e que talvez o sejam, supérfluos e inúteis, já que em vão tentam embelezar o mundo áspero. Talvez para Donato o adjetivo seja como sonho, porque ele próprio diz que "o sonho é apenas supérfluo" (p. 27). Na realidade, talvez toda essa babel seja apenas um grande sonho, e nesta vida dos "desesperados à procura dos desaparecidos" é preciso que um Ministério da Comunidade apele à cordialidade, para que o cidadão aceite — sob compulsão e a contragosto — a existência do seu semelhante. Porque "o homem fala 100 línguas, mas não a do vizinho. Decide sobre a Ciência, a Fé, o Amor, o Semelhante. Mas ao espelho, todos os dias, pergunta: Quem é esse aí?"

MM é autor, professor e editor de livros.

FRANKFURT, A DESCOBERTA DOS LATINO-AMERICANOS

Frankfurt — Aberta ao grande e interessado público alemão, mas com o principal de suas atenções voltadas para o comércio e a indústria editoriais de todo o mundo, a 28a. Feira do Livro desta cidade pretendeu homenagear os escritores latino-americanos, discutindo seus problemas num colóquio a que compareceram mais de 150 escritores, editores, críticos e tradutores das três Américas (ausente Cuba).

Enquanto a Feira exibia 278 mil títulos (entre os quais 83 mil de recente lançamento) de 4 mil 139 editores de 67 países, o equatoriano Adalberto Ortiz interrogava seus companheiros, para saber se o escritor deve estar comprometido com seu tempo — "ser voz e ouvido" — ou continuar praticando a arte pura, como uma coisa estranha à sociedade que o cerca. Mas, para o brasileiro Osman Lins, que não espera resultados práticos desse encontro, a impressão que recolheu é de que os escritores de língua espanhola tendem a pensar não em uma América Latina, mas numa Hispanoamérica, com exclusão do Brasil.

O OBJETIVO

O objetivo central da Feira deste ano foi o de divulgar a literatura latino-americana, quase desconhecida nos países de língua alemã. Para isso, o Instituto de Relações Internacionais de Stuttgart reuniu, durante dois dias, em Offenbach, tradutores, críticos, editores e professores de literatura latino-americanos, que examinaram as possibilidades de fazer mais conhecidos os seus livros e a sua arte. O responsável pela Seção Latino-Americana do Instituto, o Sr Guenter Lorenz, lembrou que, nos 300 anos últimos, só foram traduzidos para o alemão e publicados na Alemanha 500 livros, enquanto que nas Américas (o Brasil incluído) são traduzidos, anualmente, 80 obras alemãs.

Para o Sr Guenter Lorenz, o precário mercado da literatura latino-americana se deve à geral ignorancia sobre a América Latina e a pouca difusão do castelhano.

Para o romancista Osman Lins, mesmo em face da indiferença de seus colegas de língua espanhola, a literatura brasileira não é mais conhecida na Europa porque o Ministério das Relações Exteriores de seu país não se empenha em difundi-la.

— A culpa, portanto, não pode ser atribuída apenas aos demais. Também é nossa. Penso que, seja como for, meu sentimento de participar de uma unidade chamada América Latina saiu algo afetado deste colóquio. Cheguei à conclusão de que a América Latina é uma coisa e o Brasil outra, se bem que dela faça parte e com os seus mesmos problemas. Isso, afinal, me preocupa, porque toda a divisão é ruim — disse o escritor Osman Lins.

PARTICIPAÇÃO

Participam da 28a. Feira do Livro de Frankfurt — que se encerra na terça-feira — 4 mil 139 editores, 1 mil da República Federal Alemã, 46 da República Democrática Alemã e os demais de 65 países. Estão expostos 278 mil livros, dentre os quais, 83 mil são novidades.

Além de livros, os latino-americanos estão mostrando sua pintura, num programa intitulado Arte Contemporanea e patrocinado pelo Ministério de Cooperação Econômica da RFA. Edith Behring, Ruth Bess, Frank da Costa, Hans Grudzinski, Odetto Guersoni, Anna Letycia, A. Lizarraga, Juarez Magno, Faiga Ostrowr, Romildo Paiva, Rossini Perez, Arturo Luis Piza e Isabel Pons são os brasileiros desse programa.

Som

O SOM E OS RUÍDOS NA MÚSICA CLÁSSICA

Amilcar S. Pereira

Os possuidores de equipamento de alta fidelidade e que apreciam música clássica estão numa situação difícil. Com as restrições de importação e desvalorização da nossa moeda, as poucas lojas de discos especializadas em clássicos importados apresentam estoques reduzidos e preços exorbitantes, que, além de tudo, facilitam o aumento de preço do imprevisível disco nacional. Há razões de ordem técnica, artística e cultural para esta situação.

Música clássica é algo que a maioria das pessoas não gosta. Associa-se a esse tipo de música a lembrança de horríveis cacarejos de operetas, ou cerimônias fúnebres ou a barulheira amelódica dos compositores de música moderna. Muitos adoram *Stranger in Paradise*, com Johnny Mathis, sem saber que a música é de Borodin, ouvida de vez em quando nas salas de concerto, em sua forma original.

A maior parte de nossa cultura é de origem ocidental, o que tornaria fácil uma educação musical semelhante à existente em vários países europeus. Tal não acontece, e a maioria que julga saber quem foi Napoleão Bonaparte, pensa que Setenta é sobrenome de Beethoven.

Qualquer nação civilizada orgulha-se de seus músicos e orquestras como se fossem atletas olímpicos. Os austríacos são tão fanáticos pela sua Filarmônica de Viena quanto os brasileiros por Pelé. Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Rússia, Itália, para citar algumas, têm orquestras excelentes e salas de concerto sempre lotadas, apresentando conjuntos e solistas diversos, inclusive brasileiros. E' uma vida musical intensa, que inclui transmissões estereofônicas desses concertos.

Os artistas brasileiros só conseguem projeção no exterior, e essa inversão de ordem elimina muitos que não podem tentar a sorte em tais condições. Ainda pior é a situação de nossas orquestras e salas de concerto, com músicos mal pagos e falta de ajuda pública ou privada. No Rio de Janeiro, o Teatro Municipal — único que comporta uma orquestra sinfônica — está fechado, em obras para se recuperar da constante depredação nos bailes de carnaval. Temos bons regentes, como Mário Tavares e Eleazar de Carvalho e *vedetes* de mau gosto, especialistas em tiros de canhão na Quinta da Boa Vista. Um deles quase vira apresentador de TV, o que seria um alívio para os amantes da boa música.

Neste cenário, entram certos críticos de música apologistas da mediocridade. Elogiam os bisonhos, criticam os virtuosos, confundem os principiantes dotados de bom gosto e conseguem convencer os mais ignorantes, entre eles, alguns diretores de companhias de discos.

Esse é o problema artístico do disco de música clássica prensado no Brasil. Com pessoas incompetentes escolhendo o que deve ser lançado em nosso mercado, o repertório é pequeno e inclui também gravações de pouco valor, que só estão à venda no exterior, para atender a uma reduzida faixa de apreciadores. Como exemplos da situação: em 1969, não existia nenhuma gravação estereofônica da *5a. Sinfonia*, de Beethoven sendo prensada no Brasil, enquanto mais de 20 estavam à venda nos Estados Unidos; nunca esteve à venda uma prensagem nacional da *8a. Sinfonia*, de Dvorak ou da última *Sonata* de Schubert, mas é bem fácil encontrar a "música de Rosemary Brown".

Quanto à parte técnica, o maior problema é o corte de acetatos para a confecção das matrizes. A grande diferença de níveis e a extensão das obras clássicas exige o uso de passo variável e simultaneo controle de profundidade dos sulcos durante o corte, tarefa realizada por um sofisticado sistema eletrônico e mecanico que precisa ser operado por técnico habilidoso. O ajuste e manutenção requerem, também, outro profissional altamente especializado.

Quando os estreitos limites de tolerancia não são observados, ouvem-se distorções de várias espécies: pré-eco, pós-eco, cruzamento de sulcos com modulação forte, crepitação constante, etc.

Finalmente, uma observação visual cuidadosa permite verificar a existência das frequentes bolhas e empenos, para que você não tenha que ouvir o irritante chavão: "Não trocamos discos".

Música Popular

ARTE E PODER

Tárik de Souza

• Avolumam-se as queixas, querelas e questões à medida que avança o processo de implantação do novo sistema de direito autoral. Por enquanto no Brasil, os grandes veiculadores de música, como o rádio, a TV, casas noturnas e empresas de música ambiental contribuíam com apenas 11% da arrecadação geral. Enquanto isso, erradamente, arcavam com as maiores despesas, os clubes de interior e restaurantes. Joaquim Mendonça, diretor da rádio Eldorado, de São Paulo, por exemplo, já reclamou da "constante ameaça que paira sobre o grande usuário, embora ele nunca tenha direito a opinar sobre o assunto". Mendonça protesta contra a ABERT (Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão)" não ter a menor participação tanto no Conselho, como no Escritório Central de Arrecadação e Distribuição dos Direitos Autorais." Entre outros argumentos, Mendonça bate-se contra a uniformização deste tributo às emissoras de rádio. Seria um desastre para as rádios do interior, que não podem aguentar em seus orçamentos o mesmo ônus de uma rádio de grande aglomeração urbana".

• **Por outro flanco, as fábricas de discos ameaçam o Conselho Nacional do Direito Autoral com a paralisação da prensagem de discos clássicos. A razão alegada é a taxação, para fins de arrecadação, das obras do domínio público, o que envolve a maioria dos** best sellers **eruditos, quase todos mortos além do limite do prazo concedido para arrecadação dos direitos em nome de seus herdeiros.**

• Pela catadupa de interesses em jogo, e, principalmente, pela febril atividade na área das arrecadadoras — que, durante muito tempo, costumaram fingir-se de mortas — não é difícil observar que o vespeiro foi atingido. E os ferrões estão sendo desenferrujados.

• **Terminou ontem, em Brasília, o II Ciclo de Estudos Autorais, promovido pelo Instituto Interamericano de Direito de Autor. Foi abordada a nova legislação brasileira da área, com participação de juristas brasileiros, dois representantes dos Estados Unidos, dois da Argentina (só Buenos Aires arrecada quase o equivalente a todo o direito autoral brasileiro) e convidados especiais do México e da Venezuela.**

• Acusado de insultar o público "**black americano**" de seus próprios bailes e temendo perdê-lo, o discotecário Monsieur Limá, defende-se: "Somente acrescentei que era muito melhor vê-los **curtindo uma boa** e dançando do que vagando pelos bares e ruas, sem ter o que fazer nos fins de semana". Contra-atacando sua acusadora, uma ex-integrante do Instituto de Pesquisa da Cultura Negra ("ela é **milk shake**, nem **black** total ela é"), Limá disse à **Última Hora** (11/9) que tudo começou quando ele se recusou a fazer uma palestra no Instituto sobre os **blacks** americanos, ponderando que seria mais conveniente chamar um professor de Sociologia da PUC. "Nós, da Soul Discothèque, do Furacão 2000, Black Power, Alma Negra, Petrus, Cash Box, Boot Power e muitas outras equipes, comandamos a massa **soul**, mas não nos interessa **curtir** ideologias. É cada um **na sua**, sem **papo** e muito som".

• **Agora é o Senador Vasconcellos Torres, da Arena fluminense, a aparecer com um projeto obrigando as emissoras de TV a uma hora diária de música ao vivo, que deveria ocupar também 30% do horário de funcionamento de qualquer casa noturna. Convém lembrar ao Senador, que há uma lei obrigando as emissoras brasileiras a dedicarem 50% de seu horário nobre à música brasileira, contra outro tanto das enlatadas internacionais. É do Governo Janio Quadros — e até hoje parece não ter entrado em vigor.**

• Informa o crítico Ary Vasconcellos que o Instituto Nacional de Música pretende coeditar, "em estojos de luxo" um dispendioso **Monumento da Música Popular Brasileira**, juntamente com as gravadoras a que pertencem os escolhidos para a atual série.

• **Por que os estojos de luxo e o Monumento, quando o fundamental seriam reedições baratas (já que não se paga mais estúdio, produtores, músicos, etc.) e de largo alcance para o público brasileiro? Uma coleção de gravações como a promovida pelo maestro Leopold Stokowski no Rio, em 1940, e que estaria na lista do INM, não pode ficar — de novo — confinada ao alcance dos privilegiados.**

• Desta vez é para valer, como já foi dito aqui. Se as Sociedades Arrecadadoras não cumprirem suas responsabilidades na formação de funcionamento do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), o CNDA pode punir com intervenção federal ou fechamento dessas entidades. Palavras do presidente do Conselho Nacional do Direito Autoral, Carlos Alberto Direito: "Qualquer providência violenta terá repercussão ruim, mas acho importante mostrar às sociedades que, se não cumprirem sua responsabilidade, o Conselho deverá tomar uma providência".

• **"Em 1964, vários artistas foram apontados como ativistas políticos. A lista, que segundo alguns saiu da própria Rádio (Nacional), através de denúncia de três dos seus elementos, envolvia 144 pessoas, entre artistas, funcionários e administradores. Afastado da vida artística e hoje entregue a trabalhos diversos na Rádio Federal, onde é um de seus principais locutores, César de Alencar considera-se um "injustiçado". Não gosta de falar no assunto, irrita-se quando aquela fase é lembrada e diz que tudo isso foi obra de inimigos seus.** "Arrasaram a minha vida profissional e ninguém pode imaginar o que tenho sofrido desde que começaram as acusações contra mim. Nunca acusei ninguém, nunca fiz política, não tenho preferências partidárias. Quero que me deixem em paz". **(Jornal da Tarde, 10/9/76).**

AGENDA

• *Amanhã, na Noitada de Samba, a compositora Gisa Nogueira. Também começa amanhã, na temporada das 6h30m do Teatro João Caetano, a esplêndida (e inédita) dupla Alaíde Costa (voz) e Turíbio Santos (violão). À capela.*

• Quarta-feira, uma ansiada estréia: a dupla Macalé e Moreira da Silva em temporada regular no Museu de Arte Moderna. Convém lembrar que se trata do primeiro fruto de sucesso da série de *shows* das 6h30m. Macao e Moringueira foram os que mais levaram público ao novo horário do João Caetano até agora.

• *Na mesma noite, no Teatro da Praia, estréia a superprodução do Quinteto Violado,* Missa do Vaqueiro. *E, no dia seguinte, no Teatro Fonte da Saudade, o Quarteto em Cy aventura-se pela primeira vez a uma temporada solo, sem cantores-suporte, em* Resistindo, *show escrito por Aldir Blanc. "Antes, a nossa barra era muito menor", dizem em coro. "Havia sempre um nome na frente, aparando as arestas. Faziamos* shows *com Chico ou Vinícius ou Sérgio Porto. Pela primeira vez fomos para a arena sozinhas".*

• Dia 6 de outubro estréia no Canecão a veterana peça de Joracy Camargo, *Deus lhe Pague*. Atualizada por Millor Fernandes, produção de Aloisio de Oliveira, direção de Bibi Ferreira, a peça tem músicas da dupla Edu Lobo-Vinícius de Morais. A canção-tema é *João Não Tem de Quê*, que introduz em cena o mendigo sábio, personagem central, interpretado por Walmor Chagas: *"Eu agradeço/ eu agradeço a você/ muito obrigado/ por toda a beleza que você nos deu/ sua presença/ eu reconheço/ foi a melhor recompensa que a vida nos ofereceu/ foi muito lindo/ você ter vindo/ sempre ajudando e sorrindo e dizendo/ não tem de quê/ eu agradeço você ter me virado do avesso/ e ensinado a viver/ eu reconheço que não tem preço/ gente que gosta da gente/ assim feito você".*

• Antes de embarcar para os EUA, Egberto Gismonti faz temporada, de 22 de setembro a 3 de outubro no Tereza Rachel, acompanhado de seu grupo Academia de Danças

• *Amanhã, no Tereza Rachel, o grupo Veludo, que também se apresenta, apadrinha a estréia de outro conjunto da área de rock, Apaluza, formado por ex-integrantes do Módulo Mil e Lodo. 21 horas.*

• Termina hoje a vitoriosa temporada do Canecão o conjunto Doces Bárbaros, formado, como se sabe, por Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Maria Bethania. De hoje em diante, até 24 de outubro, eles percorrem Recife, Salvador, Porto Alegre, Brasília e Belo Horizonte. A temporada de Maria Bethania, no Teatro da Praia, por isso, ficou adiada para o começo de 1977.

ACONTECE

• Já nas lojas o segundo LP de Angenor de Oliveira, aliás Cartola, com um repertório de especiarias: **O Mundo E' um Moinho, Minha, Sala de Recepção, Peito Vazio, Aconteceu, As Rosas não Falam, Sei Chorar, Ensaboa,** e **Cordas de Aço,** todas do próprio intérprete. E mais: **Não Posso Viver sem Ela** (parceria com o lendário Alcebiades Barcelos, o Bide), **Senhora Tentação** (Silas de Oliveira) e **Preciso me Encontrar** (Candeia).

• **Fora os livros** Historinha do Desafinado **(Ramalho Neto) e** Balanço da Bossa **(Augusto de Campos), a vital explosão da bossa nova ainda não havia sido convenientemente examinada. Sua bibliografia é acrescida agora, em São Paulo (e não no Rio, onde ela nasceu) pelo pesquisador J. E. Homem de Melo, autor de** Música Popular Brasileira. **São 280 páginas de texto, 100 páginas ilustradas abrangendo 10 anos sonoros (58-68), da bossa aos festivais, em entrevistas com Tom Jobim, Chico Buarque, Elis Regina, Caetano Veloso, Johnny Alf e outros.**

• "Nesse disco, procurei diversificar mais, pois já estavam me rotulando de cantora de candomblé. Acho que cantar candomblé não tem nada demais. E' nossa raiz, nossa característica musical". (Clara Nunes a Angela Lemos, UH, 13/9/76).

• **Francis Hime é o compositor das músicas da trilha sonora do filme** Marcados para Viver, **dirigido por Maria do Rosário. Ao lado das composições de Hime, o repertório inclui Chico Buarque, The Beatles, Linda Batista, Milton Nascimento, Odair José, Rolling Stones, Nelson Gonçalves e Carmem Miranda.**

• O primeiro inscrito na Convocação Geral da Globo para o carnaval de 77 foi o compositor Adelino Moreira Filho, herdeiro do autor de **A Volta do Boêmio, Escultura** e outros sucessos de Nélson Gonçalves, e que no ano passado emplacou **Kojak**, na voz de seu inseparável cantor. A Convocação escolherá 36 músicas para o próximo carnaval, concedendo Cr$ 200 mil em prêmios, metade para o primeiro colocado.

LAZER E CONFORTO EM DEBATE NO MAM. INSCREVA-SE

A vida moderna — lazer, esportes, cultura, conforto da habitação — é o tema de dois ciclos (70 aulas) de cursos e conferências que se iniciarão dia 4 de outubro no Museu de Arte Moderna, promovidos pela Flag Arquitetura Promocional e patrocinados pelo JORNAL DO BRASIL. Esses painéis — Salão Hobby & Lazer e Salão Konfort' 76 — constituem uma experiência de levar ao grande público conhecimentos básicos sobre assuntos até hoje restritos a pequenos grupos. As aulas serão dadas à tarde e à noite. A frequência é gratuita, exigindo-se apenas inscrições prévias, abertas a partir de amanhã nas agências de classificados do JORNAL DO BRASIL, em Ipanema (Rua Visconde Pirajá, 611), no Posto 5 (Avenida Copacabana, 1 100), no Centro (Avenida Rio Branco, 135), na Tijuca (Rua General Roca, 801-F) e no Méier (Rua Dias da Cruz, 74-B).

O amplo temário das palestras inclui títulos como Arte de Colecionar, Plantas e Jardins, Literatura, Motociclismo, Ioga, Lazer Marítimo, Tênis, Som, Conforto Acústico, Mobiliário, Harmonia Ambiental, Cores, Decoração de Interiores, Arquitetura — sempre expostos e discutidos por especialistas acreditados.

Serão conferidos certificados de frequência aos participantes que comparecerem a dois terços ou mais das aulas.

Plantas e Jardins

CRISÂNTEMOS

Leonardo Fróes

Plantados em pleno inverno ou já ao longo da fase de brotação em que estamos, os crisantemos começam a florir dentro em breve, chegando por volta de novembro ao ponto mais exuberante de seu ciclo atual. Vasos com touceiras floridas, por essa época, tornam-se cada vez mais comuns no mercado de plantas, abrangendo uma extraordinária diversidade de coloração e de forma. Quase todos os tipos do chamado crisantemo japonês ou chinês, na verdade, são híbridos, totalizando hoje cerca de 3 mil em cultivo.

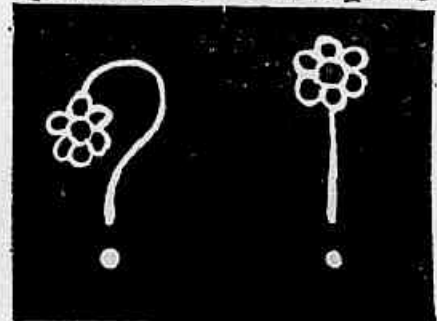
A existência de um crisantemo em casa — que em princípio é viável — depende antes de tudo de seguir o seu ciclo. Cada planta que floresce entra em progressivo declínio e seca normalmente em certas partes, mantendo-se contudo em vegetação através de novos brotos na base. A poda das partes secas, no repouso que sucede às floradas, força esses brotos a crescer em touceira e a florir rapidamente de novo. O sol é indispensável, de preferência de manhã, e a mistura deve ser adubada, frequentemente, com esterco e terra vegetal.

Raramente plantado de semente, o crisantemo se propaga pela divisão das touceiras, com as mudas criadas de início na sombra e levadas para o sol em exposições gradativas. Uma planta de um ano, normalmente, pode ser dividida em quatro ou mais que florescerão alguns meses depois.

As pontas dos brotos basais, ou ponteiros, também servem como estacas para multiplicar o crisantemo. Cortadas com uns cinco centímetros, elas levam mais ou menos um mês para enraizar na sombra. Feito no repouso de inverno, numa mistura de areia de rio e terra vegetal, em partes iguais, o plantio de ponteiros fornece mudas sadias capazes de começar a florir na primavera seguinte. Desde que se formam os primeiros botões, o crisantemo exige uma atenção especial quanto às regas, que a partir desse momento devem ser mais intensas. Na multiplicação por ponteiros, o controle da água é também importante, pois a mistura tem de estar sempre úmida, mas não encharcada.

Devido ao trabalho de seleção e criação de variedades de flor cada vez mais vistosas — em diferentes tonalidades de amarelo, laranja, branco, rosa, vermelho, lilás — o crisantemo perdeu bastante sua resistência às moléstias. A mais comum é conhecida por mancha-parda-da-folha, que tanto surge em mudas recém-plantadas quanto em plantas em flor, sobretudo quando o lugar é pouco arejado. Contra elas, há fungicidas à venda, ou o recurso menos tóxico de destacar a tempo as partes visivelmente afetadas. Outra doença do crisantemo é a ferrugem, combatida normalmente com pulverizações de enxofre.

Cuide bem do crisântemo.
A intensa seletividade e criação de variedades de flor tornaram-no pouco resistente às moléstias

QUESTÕES e SOLUÇÕES

Leonam de Azeredo Penna

Uma lista de árvores e arbustos, de modo a ter sempre uma espécie florida, durante o ano todo.

E' quase impossível, porque, no nosso clima, a época da floração é muito instável. Vamos a um esboço da lista, com nomes vulgares e científicos, coloração das flores, e época da floração (instável).

Arbustos:

1) manacá (**Brunfelsia Hopeana Benth**): flores roxas e brancas; de dezembro a fevereiro (existe uma espécie amazônica, manacá-açu, que floresce em maio).

2) extremosa ou escumilha (**Lagerstroemia indica L.**): flores róseas, roxeadas, brancas, e violeta clara; floresce em fevereiro-março.

3) flor-de-maio ou margarida de árvore (**Montanoa bipinnatifida C. Koch**): flores alvas, vistosas; como o nome indica, floresce em maio.

4) asa-de-papagaio (**Euphorbia pulcherrima W.**): planta cultivada pelas brácteas vermelhas, vistosas e duradouras que ostenta; flores pequeninas; longa floração, iniciada em maio.

5) azaléia (**Rhododendrum indicum Sw.**): flores sulferinas, brancas ou vermelhas; floresce em julho-agosto.

6) jasmim-manga (**Plumeria tricolor Ruiz e Pay.**): variedades brancas, vermelhas, arroxeadas e alaranjadas; novembro e dezembro.

Árvores

1) quaresma (**Tibouchina granulosa Cogn.**): roxas; de janeiro a março;

2) paineira (**chorisia crispiflora J. BK**): é árvore grande, de floração vistosa, rósea; de fevereiro a abril.

3) grão-de-porco (**Cordia superba Cham.**): branca; abril-maio.

4) molungu (**Erytina indica Lam**): vermelhas; de julho a setembro.

5) ipê-amarelo (**Tecoma heptaohyla Mart.**): flores amarelas; de setembro a dezembro.

6) chuva de ouro (**Cassia fistula Willd**): também chamada cássia imperial; flores amarelas, de outubro-novembro.

7) jacarandá-mimoso ou coroba (**Jacaranda mimosaefolia D. Don**): flores roxas; de outubro a dezembro.

8) unha-de-vaca (**Bahuinia monandra Kurz.**): flores róseas, de dezembro.

Quanto à aquisição de mudas, poderão ser encontradas nas chácaras de plantas, ou no Horto Florestal do IBDF, no **Km 51** da antiga Estrada Rio—São Paulo. Plantio comum: abertura de cova, adubação da terra (esterco) e regas.

HORÓSCOPO

JEAN PERRIER

	FINANÇAS	AMOR	SAÚDE	PESSOAL
CARNEIRO — 21 de março a 20 de abril	Dia benéfico para uma viagem ou uma pequena visita. As conversações serão interessantes.	**Você poderá ter uma aventura que agradará momentaneamente o seu coração e aos seus sentidos. Depois, esta aventura poderia se tornar mais séria.**	Sua agitação interna o cansa, afaste todos os seus aborrecimentos.	**Harmonia, cordialidade e compreensão: consolide suas relações.**
TOURO — 21 de abril a 20 de maio	Cuide com atenção de seus trabalhos domésticos. Uma boa organização melhora o seu rendimento. Ótima harmonia com seus amigos.	**O domínio continua lhe dando grandes satisfações. Um sonho poderá ser bem sucedido.**	Prudência necessária se você guiar ou praticar esporte.	**Não permita que certas pessoas se intrometam em seus negócios.**
GÊMEOS — 21 de maio a 20 de junho	Hoje, você deve cuidar de seus filhos e das pessoas que dependem de você. Seja mais aberto com os membros de sua família.	**Hoje, Vênus o incitará a dar livre vazão à sua natureza volúvel. Você será atraído mais pela mudança do que pela continuidade.**	Saúde boa: espere uma melhoria, hoje.	**Resista às tentações e tema as situações embaraçosas.**
CÂNCER — 21 de junho a 21 de julho	Aja. Não fique dormindo. Pense bem no que fizer. Você precisa da experiência de uma pessoa mais velha.	**Uma amizade se tornará mais íntima. Além disso, os laços sentimentais vão se consolidar pois você descobrirá o seu ideal.**	Uma antiga dor poderá voltar, não faça esforços violentos demais.	**Você deve esperar um acontecimento muito agradável hoje.**
LEÃO — 22 de julho a 22 de agosto	Hoje, deixe em plano secundário as suas considerações pessoais. Seu bom humor vai se comunicar com todos os seus amigos.	**O domínio sentimental será neutro, nada devendo ser assinalado. Pense com calma nos seus problemas familiares para poder solucioná-los.**	Apesar do calor, cuidado com um possível resfriado.	**Não fique isolado e participe do entusiasmo alheio.**
VIRGEM — 23 de agosto a 22 de setembro	Dia de descanso excelente. Visite os seus amigos no decorrer da manhã. Evite gastar dinheiro inutilmente.	**Cuidado com uma briga que poderá surgir entre você e a pessoa amada. Ela vai censurá-la por pensar mais no seu trabalho do que nela.**	Forma física defeituosa, você necessita de ar puro.	**Seus esforços devem ser concentrados no que for novo e original.**
BALANÇA — 22 de setembro a 22 de outubro	Procure ser moderado até mesmo diante das provocações da parte da manhã. Se gostar de curiosidades, encontrará alguma coisa muito interessante.	**Os astros podem mudar a sua vida sentimental. Amor novo ou evolução imprevista de suas relações amorosas.**	Dor de dentes: consulte um dentista.	**Vida social favorecida. Encontre o maior número possível de pessoas.**
ESCORPIÃO — 22 de outubro a 21 de novembro	Haverá muitas ocupações, hoje. Leia mais do que de costume. Não descuide de suas obrigações com a sua família.	**Vênus tornará mais linda suas relações com a pessoa amada e os pequenos mal-entendidos vão acabar.**	Evite todos os excessos e tenha uma vida regular.	**Seja prudente em todos os assuntos de ordem estritamente pessoal.**
SAGITÁRIO — 22 de novembro a 21 de dezembro	Dia benéfico para viajar e saia com um amigo para um lugar sossegado. Você poderá também conhecer pessoas úteis para os seus negócios.	**Não procure ter aventuras se quiser evitar os problemas. De qualquer modo, você nada deve esperar do plano sentimental com Vênus mal influenciado.**	Hoje, se você praticar esporte, seja muito prudente.	**No lar, seja compreensivo e evite criar problemas.**
CAPRICÓRNIO — 22 de dezembro a 20 de janeiro	As relações com os seus sócios não serão das mais satisfatórias. Não se iluda com as suas maneiras gentis.	**Saia, viaje e reaja se você não quiser perder a oportunidade de encontrar a alma irmã. O céu astral favorece tal encontro.**	Sua forma física será boa, nada deve ser temido.	**Procure entender melhor os seus próximos, mesmo discordando.**
AQUÁRIO — 21 de janeiro a 19 de fevereiro	Dia benéfico. Um acontecimento providencial o deixará alegre. Não recuse ajuda a uma obra filantrópica.	**Domínio neutro, aja como você quiser. O plano amizade será benéfico e as reuniões entre amigos bem sucedidas.**	Suas pernas o farão sofrer hoje, faça massagens.	**Suas decisões serão boas se você souber guardar uma justa medida.**
PEIXES — 20 de fevereiro a 20 de março	Ouça os conselhos de seus parentes. Você deve usar este dia para pôr em dia o programa da semana.	**Vênus, planeta do amor, no seu signo, favorece os prazeres e os divertimentos. Vida sentimental harmoniosa. Satisfações.**	Se sofrer da vista, consulte um oculista.	**Ótimo dia para cuidar de sua casa.**

LOGOMANIA

LUIZ CARLOS BRAVO

PROBLEMA N.º 472

I	C	E	R
D			
I	R		
O			
M	A	I	S

Encontradas 126 palavras: 33 de 4 letras; 35 de 5; 26 de 6; 26 de 7; 3 de 8; 2 de 9; e 1 de 12.

INSTRUÇÕES

O objetivo deste jogo é formar o maior número possível de palavras de quatro letras ou mais, usando apenas as letras que aqui aparecem misturadas e que formam uma palavra-chave (a palavra-chave é sempre apresentada na edição do dia seguinte, em letras maiúsculas, juntamente com as palavras encontradas no problema anterior). A letra maior deverá aparecer obrigatoriamente em todas as palavras, em qualquer posição. Uma letra não poderá aparecer em cada palavra maior número de vezes do que a palavra-chave. O autor não usa dicionário e só apresenta palavras de uso corrente, por isso o leitor muitas vezes encontrará mais palavras do que as publicadas no dia seguinte. Não valem verbos, nomes próprios, plurais nem gíria.

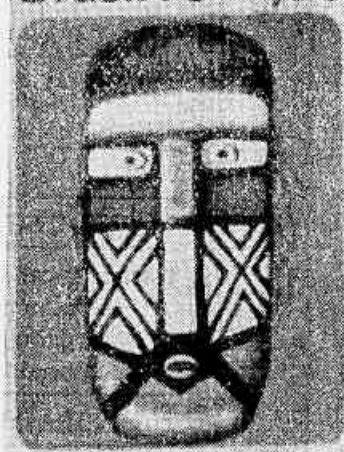
PALAVRAS DO N.º 471

aipo, apenso, aperto, épico, apito, aporte, após, apto, aspecto, áspero, espeto, capota, caprino, captor, carpo, cepa, cepo, cipó, copa, copeira, cópia, copra, copta, crapô, cripta, épica, épico, época, espia, espiã, espira, espora, estopa, inapto, inepta, inepto, inspetor, inspetora, naipe, ópera, paco, pacote, paio, país, pano, páreo, parse, parsec, parte, parto, pasto, pastor, pátio, pato, pátrio, peia, peito, pena, penca, penico, penosa, pensão, penso, pera, perita, perito, perna, PERNÓSTICA, peronista, perto, pesar, pesca, peso, peta, piano, pica, pícaro, pico, picote, pincaro, pino, pinote, pinta, pinto, pintor, pintora, pior, piora, pirão, pires, pisa, piso, pista, pistão, pita, pito, píton, poesia, poeta, poética, poetisa, poia, pois, poita, ponta, ponte, porca, porcina, porta, porte, posta, poste, póstera, pote, prático, prato, preá, preciosa, precisa, precisão, preciso, preito, prensa, preso, prêso, presta, presto, preta, preto, prisca, prisco, prisão, prise, prosa, rapé, rapto, repasto, reposta, rapto, ripa, sapé, sapo, sépta, septo, sopa, sopé, sopeira, tipo, tope, terpa, trapo, trapa, tripa, tripé, tropa.

FILATELIA

OS ÍNDIOS DO BRASIL E SUA ARTE

Três exemplos da arte indígena, desenhados por Aluísio Carvão, para a série da EBCT intitulada Preservação da Cultura Indígena no Brasil. A pintura dos kaiapós, de Mato Grosso e Pará; a máscara de dança bakairi, uns 250 índios que vivem hoje em Mato Grosso; e o diadema (plumária) carajá são os temas dos selos, vendidos a Cr$ 1,00, na Agência Filatélica Guanabara (Rua da Quitanda, 24, CEP 20 000 — RJ) e Agência Filatélica D Pedro II (Praça do Correio, São Paulo — CEP 01 000).

SOLIDARIEDADE AOS PALESTINOS

Solidariedade ao Povo Palestino é o tema do selo de 50 centavos de dólar argelino, colocado à venda, juntamente com um envelope ilustrado, e também um selo de formato médio, carimbados "primeiro dia". A distribuição foi feita pelo Ministério de Correios e Telecomunicações da Argélia a todas as agências postais do mundo.

BOLSA DE TROCAS

"Selos comemorativos do Brasil. Queria trocá-los por selos da Hungria, Estados Unidos, e Portugal.

Tania Regina de Azevedo Guimarães — Rua Pedro Leitão, 80 A — Sepetiba — 20 000 — RJ."

"Quero trocar selos do Brasil por selos de outros países.

Maria de Fátima Serafim — Rua Saulo de Vasconcelos, Quadra 12, casa 88, Jardim Palmares — Santa Cruz — 20 000 — RJ."

"Para troca nas mesmas condições, ofereço selos nacionais e de qualquer outro país.

Adilson Francisco de Azevedo — Espraiado (2.º Distrito) — Maricá — 24 900 — RJ."

"Vendo grande coleção filatélica, selos novos e usados, nacionais e estrangeiros.

J. Ottoni Alves — Rua Sergipe, 154 — Governador Valadares — 35 100 — MG."

"Troco selos nacionais e estrangeiros, com colecionadores do mundo inteiro.

Antônio Carlos Xavier da Gama — Rua Alencar Soares Vargas, 134 — Manhuaçu — 36 900 — MG."

"Meu desejo é trocar selos nacionais e estrangeiros.

Ibrahim El Katib — Rua Alencar Soares Vargas, 235 — Manhuaçu — 36 900 — MG."

"Coleciono selos referentes à flora, fauna, personagens célebres, datas, etc. Quero manter correspondência com jovens colecionadores (as).

Túlio Fonseca Chelbi — Rua Alencar Soares Vargas, 105 — Manhuaçu — 36 900 — MG."

"Desejo manter correspondência com jovens filatelistas. Tenho 14 anos e gostaria de trocar selos brasileiros e estrangeiros. Ofereço informações que recebo de um boletim filatélico.

Alexandre Mitchell Pereira da Silva — Rua Padre Ildefonso Penalba, 151, ap. 319 — Méier — 20 000 — RJ."

"Desejo trocar ou comprar selos de todos os tipos. Ofereço selos de todos os temas e países, em ótimas condições, como também desejo vender valiosa e antiga coleção.

Luís Carlos Brandão da Silva — Av. Lúcio Meira, 155 — Várzea — Teresópolis — 27 900 — RJ."

"Desejo selos sobre os temas: esporte, aeronáutica e artes. Condições de troca a combinar.

Mário Magaldi Perez — Rua General Glicério, 440 — ap. 1 101 — Laranjeiras — 20 000 — RJ."

José Carlos Oliveira

TANGOTERAPIA

— Francisco Bellagamba, um dos nove psiquiatras desaparecidos nos últimos dias em Buenos Aires, foi detido por um grupo de civis armados durante uma sessão de terapia com alguns pacientes, que tiveram de ficar deitados durante a operação

CADA qual entregue a si, os neuróticos ficaram assim: estatuados na loucura de que andam à procura. Mas o si estilhaçado era ainda a saúde, um escudo contra a postura de pátio de hospício. Quebrado, em panico, o ser se recusava a qualquer nova compostura, mesmo demencial. Cada qual falando em si, por si e contra si. Violinos deliravam sem controle: a luta levara dali o maestro e sua batuta.

Borges — *Cadáveres voam. Cadáveres embalsamados despertam na espanhola cripta. Cadáveres repousam invisiveis na Plaza de Mayo. Cadáveres sequestrados aguardam que suas viúvas e órfãos providenciem o resgate. Corpos amontoados nos baldios, algemados, torturados, incendiados. Um jovem é fuzilado no obelisco, à luz do dia. Ninguém mais pode fugir de casa; foi-se o tempo da aventura. Quem foge some; quem some desaparece; quem desaparece, ou caiu na mão sinistra, ou caiu na mão destra. Mais vale um pássaro na mão que dois mortos voando.*

Júlio — *Quando eu era pequenino, mamãe virou uma grande e bela borboleta e voou para a Europa. Quando eu era pequenino, papai virou um chapéu de feltro e foi visto num cabaré de Boca, pendurado no cabide. Nessa noite a sanfona gemia o último tango em Buenos Aires.*

Mafalda — *Papai lê Goethe. Mamãe é vendedora de casacos de camurça. Papai acredita no Deus de Pascal, na música de Mozart, na cruz de Santo Inácio de Loiola entrançada com baioneta. Por isso fiquei neurótica. Pelo lado paterno sou aristocrata, no piano me perco nos exilios e idilios suspirosos de Chopin... Pelo lado materno sou pobre, populista, revoltada, feminista...*

Juan Pablo — *A mulher que eu amava, Maria, era casada com um cego. Nós nos amávamos perdidamente. Depois, matei-a. Prostituta! Como se pode confiar na mulher que é capaz de trair um cego?*

Borges — *Onde estão os machos d'antanho? Os machos da esquina de Corrientes e Esmeralda! Onde estão eles? Onde foi parar o machismo, argentino como a milonga, e as traidoras de cetim e cilios postiços?*

Mafalda — *Eva Peron é a cara de Carlos Gardel. Não se parecem gêmeos. Quem vê não duvida: Evita e Gardel são a mesma pessoa. O macho deixou de ser macho e a fêmea deixou de ser fêmea. A alma argentina sofre uma crise de identidade. De mais a mais, os cadáveres não têm sexo... Sete terroristas de esquerda, espalhando a morte, propagam ao mesmo tempo a reunião proporcional de Eros e Psique: cinco homens, duas mulheres. À direita são só homens; os machões reagem. Me dêem uma bomba-relógio, por Deus! Eu a porei debaixo do colchão e, em poucos minutos, tudo isto irá para o inferno!*

Borges — *Cadáveres hermafroditas, esqueletos milongueiros, múmias bailarinas, fotografias de cabelos brilhantinados numa letra de tango! Perdi papai tão cedo...*

Júlio — *... e mamãe, transformando-se em grande e bela borboleta, voou por cima do Atlantico! E depois voltou, mumificada e incógnita, num avião de carreira.*

Juan Pablo — *No tempo dos faraós e das piramides, os embalsamadores eram condecorados; viviam atarefados; as civilizações desmoronaram; e hoje, só aqui, seus descendentes encontram oportunidade de emprego. No meio tempo, morreram todos de fome. Hosana! As múmias dos embalsamadores estão mumificando os faraós do século XX!*

Mafalda — *Não sou menina sapeca. Não sou neurótica. Sou um pibe sem futuro. Meu sexo me ludibria. Cansada de explosões, torturas, fuzilamentos, escolho a apatia catatônica. Não falar! Não ouvir! Não ver! Não comer! Não sentir! Não viver! Vegetar!*

Juan Pablo — *Mas que dirão os cientistas politicos? Eles estudarão tua imobilidade, teu desinteresse, tua anorexia, tua surdez, tua mudez, tua cegueira... E depois decidirão que és, não há dúvida, uma catatônica de extrema esquerda!*

Borges — *Sonhei que um tirano solucionou o problema da felicidade humana, proclamando a República dos Psicóticos, nomeando ministros-psiquiatras, distribuindo choques elétricos três vezes por dia à população, sem ônus para o cidadão... E o Hospicio funcionou! Foi um déspota esclarecido, esse que sonhei...*

Júlio — *Mas mamãe é uma questão de taxidermia... Mães como a minha necessitam de taxidermistas... Não se esqueçam de que ela virou borboleta, uma grande e maravilhosa borboleta, por livre e espontanea vontade...*

Juan Pablo — *Mas o que houve? Está acontecendo alguma coisa?*

Mafalda — *Não ouço nada, não vejo nada, não digo nada, não sinto nada...*

Borges — *E na verdade não aconteceu nada. É simplesmente* "a história de Caim que continua matando Abel".

No Leilão da MINI GALLERY, preste atenção nos lotes **6 e 95.** Trata-se de **FRANCISCO OSWALD,** de respeitada linhagem de artistas, aparecendo em número cada vez maior de coleções. ★ Sucesso também comercial, a 1a. expô da GALERIA DE ARTE da ALIANÇA FRANCESA da Tijuca. **CARLOS DE LAET** fica devendo a continuidade. ★ Na GALERIA STUDIOS começa esta semana o Curso de VICTORINA SAGBONI sobre DIVERSAS TÉCNICAS DA PINTURA E DESENHO. Inscreva-se pelos telefones **225-3176 e 235-0700.** E no dia 22 o poeta JOSÉ ALBERTO ROSA lança livro com declamadores recitando seus poemas. ★ Antes de voar para Europa, **JOSÉ TARCÍSIO** ainda passa pelo Ceará.

Setembro 19 — 1976 — Edição 89 — Ano II

GUIA SEMANAL/COMPRA, VENDA & SERVIÇOS

Notícias

Quem anda numa ótima fase é **IRLANDINI.** Como pintor, não pára um quadro em suas mãos. Como **marchand,** conduz sua clientela com excessivo zelo: às vezes se parece mais com um professor, empolgado com um determinado quadro. Sua próxima exposição será em S. Paulo. ★ Hoje é dia de conferir Catálogo na excelente exposição das obras do Leilão da MINI GALLERY, no Méridien. E' a maior seleção internacional de quadros oferecida à leilão, da mesma fonte que muitas peças do leilão de **ERNANI.** Desta vez o financiamento é do UNIBANCO — **BELINI CUNHA** — grupo financeiro habituado a operar no setor. **CLAUDIR CHAVES** e **FERNANDO ANDRADE,** os responsáveis pelo acontecimento. ★ Numa caixinha de fósforos distribuída como brinde, a MINI GALLERY anuncia a organização de sucursais em S. Paulo, Nova Iorque e Paris. ★ Todo o mundo das artes triste com a morte de **NORMA BANDEIRA** ★ Destacamos o nível internacional do **stand** do antiquário **AMIN ATTA** no SALÃO DE DECORAÇÃO E ARQUITETURA DE INTERIORES, no Copacabana Palace, encerrando hoje. Aberto das 15h às 23h. ★ O professor **DJALMA DE VINCENZI** é a arte do fogo em pessoa. Mantém, além dos cursos de pintura em ceramica e porcelana, uma GALERIA DA ARTE DO FOGO (Av. Copacabana, 861/3.º), onde expõe obras suas, que também figuram em coleções e museus da Itália, Suiça e Inglaterra. ★ Todo o mundo das artes na exposição de **LAERPE MOTTA,** depois de amanhã na Ipanema. ★ **MAX PERLINGEIRO,** com apenas 26 anos e um curso de engenharia conciliado com a promissora carreira de **marchand,** é o campeão de vendas da semana. A soma dos arremates foi a mais de **Cr$ 5 milhões** e nunca vi **IRINEU ANGULO,** que é muito bom leiloeiro de arte, desempenhar tão bem o seu ofício. ★ Eis o programa da SAMARTE — GALERIA DE ARTE, hoje quase toda voltada para a exportação de arte brasileira: Leilão em Caracas com o patrocínio do casal **LUCILO HADDOCK LOBO** e renda em benefício da Fundação da Criança e a instalação da SAMARTE de Nova Iorque. Em Caracas todos os negócios da SAMARTE são respondidos pelo **Sr ALUIZIO PERISANS DA SILVA,** delegado da COBEC. A sala de Exposições da SAMARTE no Rio (Av. Copacabana, 500, loja e Cobertura) vai acabar se transformando num **TRADE CENTER** das artes. ★ Vendeu seis quadros a exposição de **NEY TECIDIO,** na GALERIA EURORA (Av. Atlantica, 3056). Hoje ainda está aberta, depois das 17h.

★ Produção de Léo Christiano Publicidade. Rio: **Adhemar de Moraes Ferreira, Carlos Alberto Albuquerque, Heliane Carvalho da Fonseca Alsina e Silvia Lewkowicz.** S. Paulo: **Paulo Pereira e Vera Alves Campos Figlioli.**

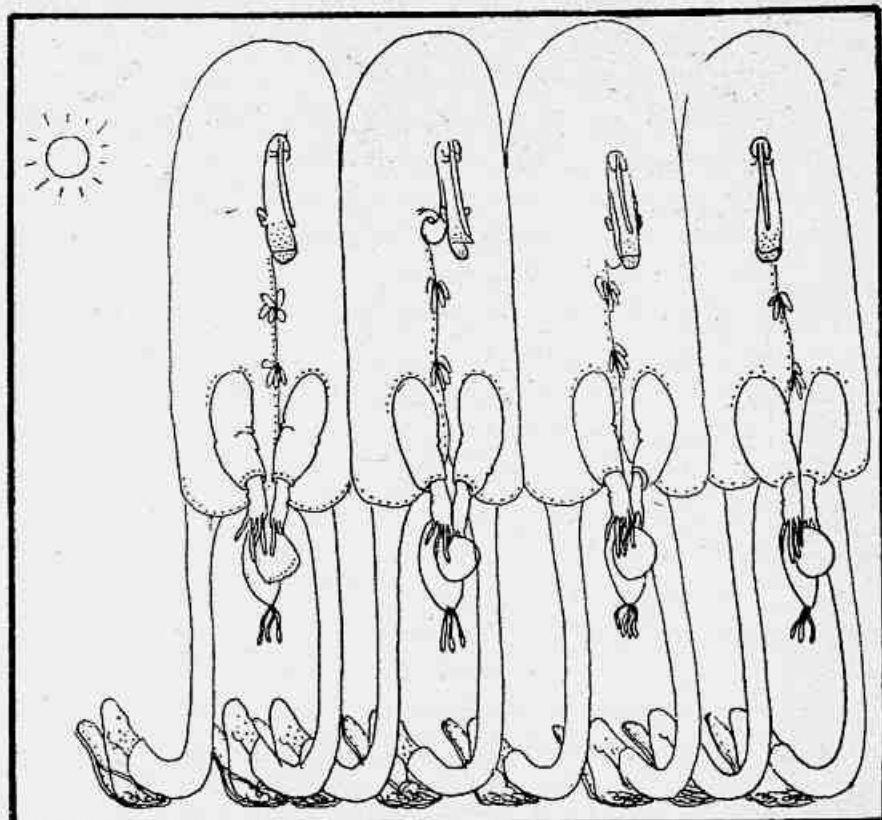
GUIA SEMANAL PARA O LAZER NO RIO □ N.º 29
SEMANA DE 19 A 25 DE SETEMBRO DE 1976

SUPLEMENTO DO
JORNAL DO BRASIL
Não pode ser vendido separadamente

Serviço

É tempo de música popular

Uma programação intensa de shows *dá à semana uma característica especial. Nada menos do que 12 espetáculos musicais entrarão de amanhã até sexta-feira no circuito dos teatros, oferecendo ao público uma ampla variedade de gêneros e estilos. Do folclore recolhido por Stelinha Egg e o maestro Gaya em suas andanças pelo Brasil ao violão também popular de Turíbio Santos, em dupla com Alaíde Costa, tudo é música nas noites do Rio. O jazz de Stan Getz divide a quinta-feira com as vocalizações do Quarteto em Cy.* A Missa do Vaqueiro, *do Quinteto Violado, na quarta, tem a concorrência de Egberto Gismonti e de Macalé e Moreira da Silva. E ainda há Paulinho da Viola, Gisa Nogueira, Jackson do Pandeiro e Gilberto Gil, o rock do Veludo e a lembrança viva de Noel com o conjunto Coisas Nossas.*

Stan Getz e trio / Teatro João Caetano

Missa do Vaqueiro / *Quinteto Violado / Teatro da Praia*

CINEMA

A HORA E A VEZ DOS HOMENS ALADOS

Fortaleza Proibida (Sky Riders), *aventura de sequestro, é a principal estréia de uma semana discretíssima. A curiosidade deste filme de Douglas Hickox é o lançamento (cinematográfico) dos modernos* ícaros *do* hang-gliding *— o vôo individual com asas planadoras.* O Esquadrão da Morte, *de Carlos Imperial, é o lançamento brasileiro. Mas a programação tem como atrações mais fortes as reprises:* Sinfonia Inacabada, *de Willi Forst,* Blowup, *de Antonioni,* Rollerball, *de Norman Jewison, e* The Woody Allen Show, *tríduo do ator-diretor constituído por* O Dorminhoco, Bananas *e* Tudo Que Você Sempre Quis Saber Sobre Sexo. *Continuarão, entre outros,* Violência e Paixão, Um Estranho no Ninho, O Mundo em que Getúlio Viveu, Perdida, Xica da Silva *e* Trama Macabra.

ELY AZEREDO

Susannah York e Werner Pochath: Fortaleza Proibida

Stênio Garcia e Carlos Vereza: O Esquadrão da Morte

A SEMANA/LANÇAMENTOS

SEGUNDA, 20

FORTALEZA PROIBIDA (Sky Riders), de Douglas Hickox. Com James Coburn, Susannah York, Robert Culp, Charles Aznavour, Harry Andrews. **Caruso:** 14h30m, 16h20m, 18h10m, 20h, 21h50m. (18 anos).

Douglas Hickox, diretor do recente **A Morte Segue Seus Passos (Brannigan)**, policial bem-humorado com John Wayne, é o realizador desta aventura de sequestro, a primeira (pelo menos em lançamento aqui) a explorar as **aeroloucuras dos adeptos do hang-gliding** (o vôo individual com asas planadoras). A mulher e os dois filhos de Jonas Bracken (Culp) desaparecem de sua luxuosa residência em Atenas. Os raptores, que se dizem integrantes de um exército revolucionário ativista mundial, querem cinco milhões de dólares. O inspetor Nikolidis (Aznavour) tranquiliza Bracken, mas descobre (tardiamente) a periculosidade da organização, quando seu sobrinho é vítima de terroristas. Entra em cena McCabe (Coburn), contrabandista e ex-marido da mulher de Bracken (Susannah York), cujo plano é aparentemente irrealizável: resgatar à força os reféns ocultos em um mosteiro localizado no topo de uma montanha. Paralelamente, Nikolidis põe em ação um plano de ataque tão violento quanto temerário.

Seis especialistas em **hang-gliding** (inclusive duas mulheres) sobrevoam o mosteiro sob a mira das metralhadoras, como versões plausíveis de Batman ou do Super-Homem. Produção americana, **Sky Riders** foi realizado em Todd-AO 35 e DeLuxe Color. No elenco, a atração é Susannah York.

O ESQUADRÃO DA MORTE (brasileiro), de Carlos Imperial. Com Carlos Vereza, Stênio Garcia, Edson França, Carlos Imperial, Regina Célia, Clarice Piovesan, Norma Suely, Marluce Martins, Baby Conceição, Ura de Agadyr, Claire Chevalier. **Ópera, Tijuca-Palace:** 14h, 15h40m, 17h20m, 19h, 20h40m, 22h20m. **Astor:** 14h20m, 16h, 17h40m, 19h20m, 21h. **Bruni-Copacabana, Bruni-Tijuca, Roma-Bruni:** 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Pathé:** 12h, 13h40m, 15h20m, 17h, 18h40m, 20h20m, 22h. **Paratodos:** 15h, 16h40m, 18h20m, 20h, 21h40m. (18 anos).

Produção de Imperial, co-autor do roteiro (com Hélio de Soveral) e intérprete, sugerida pelas façanhas do **Esquadrão da Morte**. O produtor se diz baseado em ampla pesquisa sobre um caso real: o roubo de Cr$ 500 mil de uma fábrica do antigo Estado do Rio, em 1967, e uma série de assassinatos anônimos, "nitidamente relacionados com o assalto". Segundo o informe da imprensa, trata-se de um "policial erótico".

CARONA PARA O PRAZER (The Hitchhikers), de Ferd e Beverly Sebastian. Com Misty Rowe, Norman Klar, Linda Avery, Tammy Gibbs, Ted Ziegler. **Plaza:** 10h, 11h45m, 13h30m, 15h15m, 17h, 18h45m, 20h30m, 22h15m. (18 anos).

Despretensiosa produção americana de 1971, com diretores e atores desconhecidos. Engravidada pelo namorado, uma garota foge de casa e planeja chegar a Los Angeles pedindo carona. No caminho, roubada, violentada, aprende a **sobreviver à custa de pequenos golpes e completa seu aprendizado de permissividade em companhia de um grupo hippie.**

Carona para o Prazer, *à margem da lei*

A SEMANA EXTRAS

A 7ª Mostra Internacional do Filme Científico (20 a 26), a realizar-se na Cinemateca do MAM, é registrada em matéria do **Caderno B**. A seguir, a súmula extra da semana.

SEGUNDA, 20

TOTÓ EM PARIS, comédia com Totó. **Cineclube Studio 43**, 21h.

TERÇA, 21

BANZÉ NA RÚSSIA, de Mel Brooks. **Cineclube Meridien**, 18h.

QUARTA, 22

OS CHINESES EM PARIS, de Jean Yanne. **Cineclube Meridien**, 21h. **O BOULEVARD DO CRIME**, de Marcel Carné. **Cineclube da Aliança Francesa de Botafogo**, 21h15m.

QUINTA, 23

BANZÉ NA RÚSSIA, de Mel Brooks. **Cineclube Meridien**, 21h.

SEXTA, 24

NOITE INTERMINÁVEL, de Sidney Gilliat. **Cinema-1 (Niterói)**.

O EXPRESSO DE SHANGAI, de Josef von Sternberg. **Cinema-1 (Rio)** 24h.

SÁBADO, 25

OS MARIDOS, de John Cassavetes. **Cinema-1 (Rio)**, 24h. **A PRIMEIRA NOITE DE TRANQUILIDADE**, de Valerio Zurlini. **Studio-Paissandu**, 24h.

A SEMANA/REAPRESENTAÇÕES

SEGUNDA, 20

SINFONIA INACABADA (Leise Flehen Meine Lieder), de Willi Forst. Com Martha Eggerth, Hans Jaray, Luise Ullrich, Hans Moser, Otto Tressler, os Meninos Cantores de Viena e o conjunto húngaro de Gyula Horvath. **Cinema-2 e Cinema-3:** 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h. (Livre).

Episódios da vida de Franz Schubert servem de base a este musical onde o que mais importa, além das criações do compositor, é a procura de um clima romântico — a aura dos filmes do ciclo vienense, dos filmes que (austríacos ou alemães) reconstituíram a Viena Imperial e sua influência extrageográfica através da valsa e da opereta. **Sinfonia Inacabada**, 1933, é o primeiro filme dirigido pelo ator Willi Forst, que depois ampliaria sua popularidade com espetáculos como **Mascarada** (com Paula Wessly) e **Mazurka** (com Pola Negri). Produção austríaca, a realização de Forst foi fotografada por Franz Planner, que depois levaria sua arte aos estúdios de Hollywood.

Hans Jaray, o Schubert de Sinfonia Inacabada

BLOWUP/DEPOIS DAQUELE BEIJO. . . (Blowup), de Michelangelo Antonioni. Com David Hemmings, Vanessa Redgrave, Sarah Miles. **Lido 1.** 15h30m, 17h45m, 20h, 22h15m. (18 anos).

★★★★★ Obra-prima realizada por Antonioni em Londres. O último grande filme do cineasta de **O Passageiro (Profissão: Repórter)**. Há vários pontos de contato entre este filme e **Blowup**, especialmente através das personalidades alienadas do fotógrafo (Hemmings) e do repórter (o **passageiro** Jack Nicholson).

ROLLERBALL, OS GLADIADORES DO FUTURO (Rollerball), de Norman Jewison. Com James Caan, John Houseman, Maud Adams. **Scala:** 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (16 anos).

★★★★★ Jewison desenvolve brilhantemente o tema de um (fictício) jogo institucional, destinado a bloquear todo impulso individual, questionador e libertário numa sociedade do futuro. Metáfora da alienação e da crescente exploração das tendências predatórias do homem. (E.A.)

BUTCH CASSIDY (Butch Cassidy and the Sundance Kid), de George Roy Hill. Com Paul Newman, Robert Redford, Katherine Ross. **Capri:** 13h30m, 15h40m, 17h50m, 20h, 22h10m. (14 anos).

★★ A história de três assaltantes de bancos narrada com humor e elegância, à maneira de **Bonnie and Clyde**. Destaques especiais para a fotografia de Conrad Hall e para a música de Bacharach. (J.C.A.)

O DORMINHOCO (Sleeper), de Woody Allen. Com Allen e Diane Keaton. **Cinema-1** (segunda e terça): 14h20m, 16h15m, 18h10m, 20h05m, 22h45m. (14 anos).

★★ Comédia. Um músico de **jazz** congelado em nossa época acorda no futuro, em meio a uma sociedade mecanizada. (J.C.A.)

QUARTA, 22

BANANAS (Bananas), de Woody Allen. Com Allen e Louise Lasser. **Cinema-1** (quarta e quinta): 14h, 15h40m, 17h20m, 19h, 20h40m, 22h20m. (18 anos).

★★ Os bons momentos se devem à habilidade de Allen como ator. Quando o filme pretende funcionar como sátira política perde todo o interesse. (J.C.A.)

SEXTA, 24

TUDO QUE VOCÊ SEMPRE QUIS SABER SOBRE SEXO. . . (Everything You Always Wanted to Know About Sex, But Were Afraid to Ask), de Wood Allen. Com Allen, Gene Wilder, Louise Lasser, Tony Randall, Burt Reynolds, Lynn Redgrave. **Cinema-1** (sexta a domingo): 14h35m, 16h25m, 18h15m, 20h05m, 22h. (18 anos).

★★ O cinema faz uma espécie de autocaricatura nestas sete anedotas sobre o sexo. O humor de cada uma das cenas depende da intimidade do espectador com as elipses usadas pelo cinema para falar sobre sexo. (J.C.A.)

COTAÇÕES

★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ MUITO BOM
★★★★★ EXCELENTE

HOJE/ESTRÉIAS

A volta de Norma Bengell em **Paranóia**

PERDIDA (Brasileiro), de Carlos Alberto Prates Correia. Com Maria Silvia, Helber Rangel, Álvaro Freire, Silvia Cadaval e Maria Alves. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759/235-4895), **Art-Tijuca** (R. Conde de Bonfim, 406/254-0195), **Art-Méier** (R. S. Rabelo, 20/249-4544), **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira), **Studio-Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35/265-4653): 14h, 15h40m, 17h20m, 19h, 20h40m, 22h20m. (18 anos).

★ ★ ★ ★ A fotografia de José Antônio Ventura e as interpretações de Maria Silvia, Rangel e Freire são os destaques deste filme que conta, numa linguagem irônica e agressiva, a história de uma doméstica que depois de agredida pelos patrões foge de casa e passa a trabalhar como prostituta, ajudada por um chofer de caminhão. (J.C.A.)

PARANÓIA (Brasileiro), de Antônio Calmon. Com Norma Bengell, Anselmo Duarte, Paulo Villaça, Ana Maria Magalhães e Lucélia Santos. **Palácio** (R. do Passeio, 38/222-0838): 14h10m, 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391/227-7805), **Caruso** (Av. Copacabana, 1 362/227-3544): 14h30m, 16h20m, 18h10m, 20h, 21h50m. **Carioca** (R. Conde de Bonfim, 338/228-8178): 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. **Veneza** (Av. Pasteur, 184/226-5843): 16h20m, 18h10m, 20h, 21h50m. **Madureira-2** (R. Dagmar da Fonseca, 54): 15h30m, 17h20m, 19h10m, 21h. (18 anos). Quatro marginais invadem à noite a casa de um industrial paulista e, não encontrando muito dinheiro, permanecem até o horário de abertura dos bancos, estabelecendo um clima de crescente violência.

★ ★ A direção explora com certa habilidade uma antiga fórmula, exagerando no cultivo da violência física e negligenciando as oportunidades de aprofundar a violência psicológica e moral. Norma Bengell não encontra uma personagem à altura de seu talento. Produção bem cuidada, com algumas boas interpretações. (E.A.)

RITMO ALUCINANTE (Brasileiro), de Marcelo França. Com Rita Lee & Tutti Frutti, Vimana, Peso, Cely Campello, Erasmo Carlos e Raul Seixas. **Cinema-2** (R. Raul Pompéia, 102/247-8900), **Cinema-3** (R. Conde de Bonfim, 229), **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72/245-8904): 14h, 15h40m, 17h20m, 19h, 20h40m, 22h20m. (Livre). Documentário.

★ ★ As recentes reportagens sobre os festivais de música **pop** americanos é a principal inspiração desta filmagem de uma série de concertos de **rock** realizados no verão de 75 no Rio. O esquema de produção é mais modesto (menor o número de câmaras em torno do palco) mas os defeitos são os mesmos: uma excessiva movimentação da imagem, uma troca muito frequente de pontos-de-vista, para tentar acompanhar o ritmo da música e da iluminação sobre o palco. (J.C.A.)

O VINGADOR ANÔNIMO (**Il Cittadino si Ribella**), de Enzo G. Castellari. Com Franco Nero, Barbara Bach, Giancarlo Prete e Renzo Palmer. **Ópera** (Praia de Botafogo, 340/246-7705), **Roma-Bruni** (R. Visconde de Pirajá, 371/287-9994), **Tijuca-Palace** (R. Conde de Bonfim, 214/228-4610): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Astor**: 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos). Aventura policial. Um engenheiro industrial resolve fazer justiça com suas próprias mãos diante da ineficiência da polícia. Depois de tomado como refém durante um assalto começa a investigar por conta própria.

★ Policial italiano de motivação distorcida e tendenciosa, com elenco inconvincente, e ainda por cima dublado em inglês. Passem ao largo. (H.G.)

IMPLACÁVEIS ATÉ NO INFERNO, de Gordon Parks Jr. Com Jim Brown, Jim Kelly, Fred Williamson e Sheila Frazier. **Vitória** (R. Senador Dantas, 45/242-9020): 14h10m, 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. **Imperator** (R. Dias da Cruz, 170/249-7982): 15h30m, 17h20m, 19h10m, 21h. (18 anos). Aventura policial.

★ Muito bem sucedida tentativa de bater o recorde mundial de estupidez cinematográfica. Explosões, desastres automobilísticos, tiroteios e lutas de caratê montadas em torno da história de uma organização nazista americana, que planeja matar todos os negros com um veneno (adicionado aos reservatórios de água das cidades) que só faz efeito em gente de cor. (J.C.A.)

KUNG FU NO VIOLENTO MUNDO DO KARATÊ (**Dragon Den**), de Ei Han Shang. Com Wan Ping e Teng Lii. Programa complementar: **Os Sete Homens Fortes do Tebas**. **Rex** (R. Álvaro Alvim, 33/222-6527): 14h30m, 17h30m, 20h30m. (18 anos). Aventura na linha dos filmes de lutas marciais de Hong-Kong.

HOJE/CONTINUAÇÕES

TRAMA MACABRA (**Family Plot**), de Alfred Hitchcock. Com Karen Black, Bruce Dern, Barbara Harris e William Devane. **Metro-Copacabana** (Av. Copacabana, 749/237-7997), **Pax** (R. Visconde de Pirajá, 351/287-1935): 15h, 17h20m, 19h40m, 22h. **Metro-Tijuca** (R. Conde de Bonfim, 366/248-8840), **Metro-Boavista** (R. do Passeio, 62/222-6490): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. (14 anos). Milionária encarrega uma charlatã (falsa médium) de localizar seu único herdeiro, desaparecido desde criança. Este se tornou ladrão, traficante de diamantes e prefere passar por morto. Prod. americana.

★ ★ ★ ★ Um Hitchcock extremamente divertido, manipulando com sua mestria habitual um mecanismo de surpresas fora-de-série. (E.A.)

VIOLÊNCIA E PAIXÃO (**Gruppo di Famiglia in um Interno**), de Luchino Visconti. Com Burt Lancaster, Helmut Berger, Silvana Mangano e Cláudia Marsani. **Condor Copacabana** (R. Figueiredo Magalhães, 286/255-2610): 15h, 17h20m, 19h40m, 22h. **Condor Largo do Machado** (Largo do Machado, 29/245-7374): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. **Rio** (R. Conde de Bonfim, 302/254-3270), **Rio-Sul** (R. Marquês de São Vicente, 52/274-4532): 14h30m, 17h, 19h30m, 22h. (18 anos). O penúltimo filme de Visconti. Um velho professor, colecionador de arte, que vive distanciado da realidade, recebe em sua casa alguns hóspedes, com cujos problemas (inclusive um crime) aos poucos se envolve.

★ ★ ★ ★ ★ Não exatamente uma autobiografia ("Nunca fui tão isolado e egoísta quanto meu personagem", afirmou Visconti), mas um exame das responsabilidades, fracassos e sucessos de um intelectual da geração do diretor, "a parábola de uma cultura que se ocupou mais das obras criadas pelos homens do que dos homens propriamente ditos." (J.C.A.)

XICA DA SILVA (Brasileiro), de Cacá Diegues. Com Zezé Motta, Walmor Chagas, Altair Lima, Elke Maravilha e Stepan, Nercessian. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2/222-1508): 13h, 15h15m, 17h30m 19h45m, 22h. **Roxi** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Tijuca** (R. Conde de Bonfim, 422/288-4999): a partir das 15h15m. **Madureira-1** (R. Dagmar da Fonseca, 54), **Olaria**: 14h45m, 17h, 19h15m, 21h30m. (18 anos). Uma das produções mais caras do cinema nacional e o segundo filme negro do cineasta que estreou na longa metragem com **Ganga Zumba, Rei dos Palmares**. Baseado em dados históricos sobre a exploração colonial do Ciclo Diamantino, do século 18, tem como protagonista a escrava que despertou paixão no Contratador João Fernandes de Oliveira, tornando-se uma rainha não oficial da região.

★ ★ ★ ★ A interpretação de Zezé Motta, a fotografia de José Medeiros e a música de Jorge Ben são os destaques neste filme todo o tempo irreverente e alegre, que procura ser a "história da maravilhosa doidice brasileira, dessa capacidade de estar sempre dando a volta por cima", segundo seu diretor. (J.C.A.)

Suspense *com humor:* Trama Macabra, *de Hitchcock*

Zezé Motta: uma Xica da Silva *com muito humor*

A TERRA QUE O MUNDO ESQUECEU (**The Land That Time Forgot**), Kevin Connor. Com Doug McClure, John McEnery e Susan Penhaligon. **Ilha Auto-Cine**: 20h30m, 22h30m. **Phatê** (Praça Floriano, 45/224-6720): 13h40m, 15h20m, 17h, 18h40m, 20h20m, 22h. **Paratodos** (R. Arquias Cordeiro, 350/281-3628): 15h, 16h40m, 18h20m, 20h, 21h40m. **Bruni-Tijuca** (R. Conde de Bonfim, 379/268-2325), **Scala** (Praia de Botafogo, 320/246-7218): 15h40m, 17h20m, 19h, 20h40m 22h20m. (10 anos). Produção americana baseada em uma história de Edgar Rice Burroughs. Aventuras de náufragos numa ilha povoada por homens e animais pré-históricos.

PATETA, O SUPERATLETA (**Superstar Goofy**), desenhos animados de Walt Disney. Complemento: **O Ursinho Puff e o Tigre Pulador**. **São Luiz** (R. Machado de Assis, 74/225-7459), **Copacabana** (Av. Copacabana, 801/255-0953), **América** (R. Conde de Bonfim, 334/248-4519): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Santa Alice** (R. Barão de Bom Retiro, 1 095/201-1299): 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre). Coletâneas de comédias de Goofy (o Pateta), incluindo Donald e outros personagens disneianos.

★ ★ O simpático Pateta (Goofy) é sempre uma opção amena para quem curte desenho animado e este painel esportivo — sem ser dos mais representativos do personagem — pode ser programado tranquilamente para as crianças. (E.A.)

O MUNDO EM QUE GETÚLIO VIVEU (Brasileiro), de Jorge Ileli. Documentário de montagem escrito em colaboração com Orlando Caramuru. Montagem (baseada em material nacional e estrangeiro) de Maria Guadalupe. Narradores: Armando Bogus e Roberto Faissal. Complemento: **Carmen Miranda**, de Jorge Ileli. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 286/275-4546), **Jóia** (Av. Copacabana, 680/237-4714): 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h. (Livre).

★ ★ ★ ★ ★ Filme de grande impacto documentário-dramático. A ascensão e queda de Vargas em paralelo elucidativo com os principais acontecimentos políticos do século. Sua reconstituição histórica é, pelo enfoque jornalístico e pela extraordinária qualidade da montagem, a melhor realização brasileira no gênero. (E.A.)

UM ESTRANHO NO NINHO (**One Flew Over the Cuckoo's Nest**), de Milos Forman. Com Jack Nicholson, Louise Fletcher, William Redfield, Michael Barryman, Peter Brocco, Sidney Lassik, Christopher Lloyd, Will Sampson e Brad Dourif. **Comodoro** (R. Haddock Lobo, 145): 14h, 16h35m, 19h10m, 21h45m. **Império** (Pça. Floriano, 19/224-7982), **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391/287-4525), **Capri** (R. Voluntários da Pátria, 88): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m. (16 anos).

O HOMEM QUE QUERIA SER REI (**The Man Who Would Be King**), de John Huston. Com Sean Connery, Michael Caine, Christopher Plummer e Shakira Caine. **Bruni-Copacabana** (R. Barata Ribeiro, 502/255-2908): 14h30m, 17h, 19h30m, 22h. (10 anos). Dois ex-sargentos do Exército inglês na Índia do século XIX abandonaram uma vida de vigarices e pequenos delitos e decidem ser reis no longínquo Cafiristão (território hoje integrante do Afeganistão), de onde "desde Alexandre, O Grande, nenhum estrangeiro voltara vivo".

★ ★ ★ ★ Huston continua colecionando sucessos com heróis fascinados por objetivos difíceis ou inacessíveis. O relato de Kipling lhe proporcionou a base para uma de suas realizações mais atraentes dos últimos anos. Uma indicação para todos os públicos. (E.A.)

Dirk Bogarde e James Fox: O Criado, *de Losey.*

Bodas, *encerrando hoje a retrospectiva dedicada a Wajda.*

HOJE/REAPRESENTAÇÕES

SONHOS DE UM SEDUTOR (Play It Again Sam), de Herbert Ross. Com Woody Allen e Diane Keaton. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72/245-8904): 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h. (18 anos).
★★★ Comédia com o excelente Woody Allen em papel à sombra do mito Bogart. **(E.A.).**

OPERAÇÃO FRANÇA (The French Connection), de William Friedkin. Com Gene Hackman, Fernando Rey, Roy Scheider e Tony Lo Bianco. **Coral** (Praia de Botafogo, 320/246-7218): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).
★★★ A encenação deste policial procura imitar a espontaneidade de um documentário: o tom da fotografia, que procura acentuar a direção natural da luz e a interpretação que caracteriza os personagens com pequenos tiques. **(J.C.A.).**

O VENTO E O LEÃO (The Wind and the Lion), de John Milius. Com Sean Connery, Candice Bergen, Brian Keith e John Huston. **Bruni-Grajaú** (Rua José Vicente, 56/268-9352): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).
★ Algumas vezes esta mistura de aventura romântica com uma aventura política ganha a atmosfera de uma farsa sobre a violência entre pessoas e nações. Mas as intenções se perdem em trucagens e estrelismos **(J.C.A.).**

O DESTINO DO POSEIDON (The Poseidon Adventure), de Ronald Neame. Com Gene Hackman, Ernest Borgnine e Red Buttons. **Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): 15h, 17h, 19h, 21h. **Bruni-Méier:** 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos). Um naufrágio e o drama de um punhado de personagens em busca de salvação. Produção americana.
★ Um bom cenário (o salão de festas no navio que vira de cabeça para baixo), mas uma história monótona e truques fracos todas as vezes em que é necessário filmar o navio por inteiro. **(J.C.A.).**

O CRIADO (The Servant), de Joseph Losey. Com Dirk Bogarde, Sarah Miles e James Fox. **Alasca** (Av. Copacabana — Posto Seis): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).
★★★★ Um filme sobre os polidos códigos sociais que mantêm as distâncias entre os nobres e seus criados. **(J.C.A.).**

FESTIVAL — Um filme por dia: **Simbad, o Marujo Trapalhão** (Brasileiro), de J. B. Tanko. Com Renato Aragão, Dedé Santana, Rossina Malbouissan, Jorge Cherques, Carlos Kurt e Edson Rabelo. **Plaza** (Rua do Passeio, 33/222-1097): 14h, 15h40m, 17h20m, 19h, 20h40m, 22h20m. (Livre).
★ Repetição da fórmula de equívocos, acrobacias, correrias e alguns recursos de pastelão, já exausta depois de produções com a mesma dupla Aragão & Santana baseados em Aladim, Robin Hood e Ilha do Tesouro. Os cuidados técnicos habituais em Tanko não desculpam a quase total abulia mental da história e do roteiro. **(E.A.).**

AS MULHERES SEMPRE QUEREM MAIS (Brasileiro), de Roberto Mauro. Com Maria Isabel de Lisandra, Oasis Minniti, Leda Machado e Ivo da Mata. **Studio Tijuca** (Rua Desembargador Isidro, 10/268-6014): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos). Último dia.

. . . E O VENTO LEVOU (Gone With the Wind), de Victor Fleming. Com Clark Gable, Vivien Leigh, Olivia de Havilland e Leslie Howard. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360/237-9932): 12h, 16h, 20h. (14 anos). Drama passional baseado no romance de Margaret Mitchell, tendo como pano de fundo a Guerra Civil Americana. Produção americana. Até quarta.
★★★ A mais caudalosa torrente romântica do cinema, produzida com excepcional perícia profissional e uma galeria de monstros sagrados bem comportados. A contribuição do designer William Cameron Menzies e de outros cineastas que não aparecem nos letreiros garante o permanente interesse espetacular. **(E.A.).**

DRIVE-IN

A TERRA QUE O MUNDO ESQUECEU — **Ilha Auto-Cine.** Ver Continuações em Cinema.

MATINÊS

O NEGRINHO DO PASTOREIO — De 5ª a domingo, às 18h30m, no **Lagoa Drive-In.** (Livre).

AS AVENTURAS DE ALICE NO MUNDO DAS MARAVILHAS — **Carioca:** 14h. (Livre).

LUCKY LUKE, O DESTEMIDO — Hoje, às 10h e 11h30m, no **Bruni-Grajaú.** (Livre).

HOJE/EXTRAS

RETROSPECTIVA WAJDA (Repetição) — Exibição de **Geração (Pokolenie)**, de Andrzej Wajda. Com Tadeusz Lomnicki e Urszula Modrzynska. Hoje, às 16h30m, na **Cinemateca do MAM.** Legendas em espanhol. Patrocínio da Embaixada da Polônia.

RETROSPECTIVA WAJDA (X — Final) — Exibição de **Bodas (Wesele)**, de Andrzej Wajda. Com Ewa Zietek e Daniel Olbrychski. Hoje, às 18h30m e 20h30m, na **Cinemateca do MAM.** Legendas em espanhol. Patrocínio da Embaixada da Polônia.

SAGARANA: O DUELO (Brasileiro), de Paulo Thiago. Com Milton Morais, Ítala Nandi, Joel Barcelos e Átila Iório. Hoje, às 20h30m, no **Cineclube Glauber Rocha,** Rua São Francisco Xavier, 75. (18 anos).
★★★ Um vigoroso **Duelo** e um **Sagarana que não consegue transmitir toda a seiva do mundo ficcional de Guimarães Rosa.** Produção de muito bom nível, elenco eficiente e excelente fotografia. **(E.A.).**

OS CONDENADOS (Brasileiro), de Zelito Viana. Com Isabel Ribeiro, Cláudio Marzo e Nildo Parente. Hoje, às 19h, no **Cineclube Santa Teresa,** na XIII Região Administrativa (Largo do Guimarães).
★★★ Bom filme. A fotografia de Dib Lutfi, a interpretação de Isabel Ribeiro e Nildo Parente e a música de Neschling são os destaques que, por si só, garantem esta adaptação do romance de Oswald de Andrade. **(J.C.A.).**

CARAMBOLA (Carambola), de Ferdinando Baldi. Com Paul Smith e Michael Coby. Hoje, às 14h, 16h, 18h, 20h, no **Roma-Tijuca,** Rua Mariz e Barros, 354. (Livre).

O ECLIPSE (L'Eclisse), de Michelangelo Antonioni. Com Monica Vitti e Alain Delon. Hoje, às 20h, no **Cineclube Adhemar Gonzaga,** Rua Silva Xavier, 31 — Abolição.

CICLO DO CINEMA ALEMÃO — **Filme a ser programado. Hoje, às 20h, no Cineclube do Leme,** Rua General Ribeiro da Costa, 164.

Oswald de Andrade apresentado na tela: Os Condenados *de Zelito Viana.*

GRANDE RIO

NITERÓI

CINEMA-1 — **American Graffiti/Loucura de Verão,** com Richard Dreyfuss. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos). Último dia. Hoje, às 10h, **A Pantera Comanda o Espetáculo nº 6.**
SÃO BENTO — **O Vingador Anônimo,** com Franco Nero. Às 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos). Último dia.
ALAMEDA — **A Volta da Pantera Cor de Rosa,** com Peter Sellers. Às 14h50m, 17h, 19h10m, 21h20m. (Livre).
CENTRAL — **Pateta, o Super Atleta,** desenhos animados de Walt Disney. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).
CENTER — **Paranóia,** com Norma Bengell. Às 14h10m, 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. (18 anos). Último dia.
EDEN — **Kung Fu e Acupuntura,** com Chen Ming. Às 14h10m, 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. (18 anos).
ICARAÍ — **Xica da Silva,** com Zezé Motta. Às 15h15m, 17h30m, 19h45m, 22h. (18 anos). Último dia.
NITERÓI — **Implacáveis Até no Inferno,** com Jim Brown. Às 14h05m, 16h, 17h55m, 19h50m, 21h40m. (18 anos). Último dia.

DUQUE DE CAXIAS

PAZ — **Amadas e Violentadas,** com David Cardoso. Programa complementar: **Punhos de Aço Contra o Karatê.** Às 14h, 17h30m, 19h30m. (18 anos). Último dia.

PETRÓPOLIS

DOM PEDRO — **Paranóia,** com Norma Bengell. Às 14h, 15h50m, 17h40m, 19h30m, 21h20m. (18 anos). Último dia.

PETRÓPOLIS — **A Garota do Bandido,** com Sophia Loren. Às 14h, 15h50m, 17h40m, 19h30m, 21h20m. (18 anos).

ART-PETRÓPOLIS — **Perdida,** com Maria Sílvia. Às 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos). Último dia.

TERESÓPOLIS

ALVORADA — **Lição de Amor,** com Lilian Lemmertz. Às 15h, 17h, 19h, 21h. (16 anos). Até terça.
CINE ARTE — **Lucíola, o Anjo Pecador,** com Rossana Guessa. Às 15h e 21h (18 anos). Último dia.

ESPORTES

É conveniente optar pelo kart *ou ter esperanças de que a ginástica de juvenis revele uma candidata a Nadia Comaneci. Fora disso, as atrações esportivas da semana chamam-se Botafogo da Paraíba e Fluminense de Feira de Santana — o que é muito pouco, mas talvez ainda preferível a um Vasco x América que, por obra do chamado Campeonato Brasileiro de Futebol Profissional, se repete hoje pela enésima vez este ano.*

HOJE

Futebol — Pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Profissional: América x Vasco (Maracanã, 17 horas).

Ginástica — Provas do Campeonato Carioca Juvenil de Ginástica Olímpica, no ginásio do Flamengo, pela manhã.

Natação — Competição para nadadores do Grupo VII (até 13 anos de idade). Na piscina do Vasco, em São Januário, pela manhã.

Kart — Segunda etapa do Campeonato Carioca, no Kartódromo Maqui-Mundi, às 10 horas.

Tiro — Provas do calendário anual da Federação Carioca, nos **stands** do Flamengo e do Fluminense, às 8h30m.

Jogos Universitários JB/Shell — Tiro ao alvo, às 9 horas, no Flamengo; tênis de mesa, às 9 horas, no Melo Tênis Clube; e futebol: SUAM x Estácio de Sá (Ilha do Fundão, 8 horas), Fahupe x Cândido Mendes (Ilha do Fundão, 10 horas), Escola Naval x Gama Filho (Vila Olímpica, Jacarepaguá, 8h30m) e PUC x UERJ (Vila Olímpica, 10h30m).

Surf — A previsão surfológica indica que só em caso de ventos Leste o Arpoador, a Barra e Grumari estarão com águas surfáveis. Se continuarem os ventos de Sudoeste, a Prainha e o Recreio dos Bandeirantes oferecerão boas condições de surf.

QUARTA, 22

Futebol — Pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Profissional: Fluminense x Botafogo da Paraíba (Maracanã, 21h15m).

SÁBADO, 25

Futebol — Pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Profissional: Botafogo x Fluminense de Feira de Santana (Maracanã, 17 horas).

MUSEUS

HISTÓRIA

MUSEU NACIONAL. Fundado em 1818, por D João VI, possui diversas seções, destacando-se as de Antropologia e Paleontologia. **Quinta da Boa Vista** (228-7010), S. Cristóvão. De 3ª a dom., das 12h às 17h. Não abre às 2ªs e feriados. As visitas guiadas deverão ser marcadas antecipadamente.

MUSEU DA REPÚBLICA. Objetos relacionados com a História da República Brasileira. R. do Catete, s/nº, antigo **Palácio do Catete** (225-4302 e 254-3102). De 3ª a 6ª, das 12h às 18h, sáb. e dom., das 15h às 18h. Entrada atualmente pela R. Silveira Martins. Para visitas guiadas, deve-se telefonar com antecedência para 225-7662.

CASA DE RUI BARBOSA. Exposição permanente de móveis, roupas, livros e carruagens que pertenceram a Rui Barbosa. R. S. Clemente, 134 (226-2548). De 3ª a dom., das 14h às 21h.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Exposição de peças do Brasil-Colônia e Brasil-Império. Pça. Mal. Ancora (224-0933). De 3ª a 6ª, das 10h às 17h, sáb. e dom., das 13h 30m às 18h. Visitas guiadas deverão ser marcadas com antecedência pelo telefone.

MUSEU DO EXÉRCITO. Expõe armas leves, uniformes e objetos, desde os do Brasil-Império até os atuais. **Casa de Deodoro**, Pça. da República, 197 (224-4918). 2ª, 3ª, 5ª e 6ª, das 9h às 11h e 13h às 17h.

MUSEU HISTÓRICO DA CIDADE. Peças relacionadas à história do Rio de Janeiro. **Parque da Cidade**, Estrada de Sta. Marinha, s/nº. De 3ª a 6ª, das 13h às 17h, sáb., dom. e feriados, das 11h às 17h.

ARTES

MUSEU NACIONAL DE BELAS-ARTES. Galerias com pinturas e esculturas de artistas nacionais e estrangeiros. Av. Rio Branco, 199 (232-3470). De 3ª a 6ª, das 13h às 19h, sáb. e dom., das 15h às 18h. As visitas guiadas para grupos de estudantes deverão ser marcadas com dois dias de antecedência, pelo telefone 242-4354, diariamente, das 12h às 18h.

MUSEU VILLA-LOBOS. Instrumentos e objetos de uso pessoal do compositor. Funciona no **Palácio da Cultura**, R. da Imprensa, 16/9º, sala 913 (222-2917). De 2ª a 6ª, das 10h às 16h.

MUSEU DE ARTE MODERNA. Exposição do acervo com obras de artistas nacionais e estrangeiros. Av. Beira-Mar, s/nº (231-1871). De 3ª a 6ª, das 12h às 19h, sáb., das 12h às 22h e dom., das 14h às 19h. Ingressos a Cr$ 10,00 e Cr$ 5,00, estudantes. Grátis às quintas-feiras. As visitas guiadas para estudantes são gratuitas, somente de 3ª a 6ª, das 14h às 16h 30m, e devem ser marcadas com 48 horas de antecedência.

MUSEU DA CHÁCARA DO CÉU. Pertencente à Fundação Raimundo de Castro Maia. Expõe atualmente 357 obras de arte, brasileiras e estrangeiras, entre quadros, esculturas, cerâmica, luminárias e prataria. R. Murtinho Nobre, 93 (224-8981), Santa Teresa. De 3ª a sáb., das 14h às 17h e dom., das 11h às 17h. Ingressos a Cr$ 5,00 e Cr$ 2,00, estudantes.

MUSEU INSTRUMENTAL DELGADO DE CARVALHO. Mostra de vários tipos de instrumentos musicais raros. R. do Passeio, 98 (242-6777). De 2ª a 6ª, das 9h às 17h.

CIÊNCIAS

MUSEU DA FAUNA. Mostra de mamíferos e répteis empalhados, mostruários com metamorfoses de borboletas, além de animais raros encontrados no Brasil. **Quinta da Boa Vista** (228-0556), S. Cristóvão. De 3ª a dom. e feriados, das 12h às 17h.

MUSEU DO ÍNDIO. Peças de várias áreas culturais indígenas. Trabalhos das tribos do Xingu, Norte da Amazônia, Nordeste e Sul do país. R. Mata Machado, 127 (228-5806). De 2ª a 6ª, das 11h 30m às 16h 30m. As visitas escolares devem ser marcadas com antecedência.

MUSEU NAVAL E OCEANOGRÁFICO. Pertence ao Serviço de Documentação da Marinha e expõe maquetes de navios, objetos históricos e peças usadas por grandes vultos da Marinha. R. D. Manuel, 15 (221-7271). De 2ª a dom., das 13h às 17h 30m.

MUSEU BOTÂNICO KUHLMANN. Construído nos fundos do Jardim Botânico em 1800, a antiga **Casa dos Pilões** e ex-moradia de João Geraldo Kuhlmann é a atual sede do Museu. Podem ser vistos objetos pessoais do cientista, seus instrumentos de trabalho, suas coleções e os resultados de suas pesquisas. R. Jardim Botânico, 1008 (246-9384). De 2ª a dom., das 8h 30m às 17h.

MUSEU ANTÔNIO DO LAGO. Reprodução de uma botica do século passado, com peças de antigas farmácias. R. dos Andradas, 96/10º (223-5225). De 2ª a 6ª das 14h às 17h. Visitas guiadas deverão ser marcadas com três dias de antecedência.

EXPOSIÇÕES

O MUNDO ENCANTADO DE ANTÔNIO DE OLIVEIRA. Peças e cenários mecanizados esculpidos em madeira. **Pão de Açúcar, Av.** Pasteur, 520 (226-2767). Diariamente, das 9h às 22h. Exposição permanente.

ARTISTAS E ESCRITORES FAZENDÁRIOS. Trabalhos de 31 funcionários e ex-funcionários que se dedicaram às áreas de literatura, pintura, artes gráficas, artesanato, música e teatro. **Museu do Ministério da Fazenda**, A. Pres. Antônio Carlos (242-3449). De 2ª a 6ª, das 11h às 17h. Até novembro.

ARTESANATO POPULAR BRASILEIRO. Mostra de 200 peças doadas ao museu. **Museu de Artes e Tradições Populares**, R. Pres. Pedreira, 78 (722-2024), Palácio do Ingá — Niterói. De 3ª a dom., das 11h às 17h.

VI EXPOSIÇÃO DE LIVROS PALLAS. Mostra de livros lançados pela Editora nas áreas de Administração, Artes, Ciências Sociais, Comunicação, Direito e Literatura Infantil. **Biblioteca Euclides da Cunha, Palácio da Cultura**, R. da Imprensa, 16/4º. De 2ª a 6ª, das 9h às 18h. Até dia 6 de outubro.

RIO ANTIGO. Painéis fotográficos. **Museu da Imagem e do Som, Pça.** Rui Barbosa, 1. De 2ª a 6ª, das 11h às 17h. Até dia 30.

DOCUMENTOS HISTÓRICOS. Mostras permanentes e periódicas. **Arquivo Nacional**, Pça. da República, 26, térreo. De 2ª a 6ª, das 12h às 16h.

PROMISSORA VISITA ESPANHOLA, COM "WOYZECK", DE BUCHNER

O ponto alto da semana está programado para a noite de sábado, quando o Teatro de la Plaza, de Madri, dirigido pelo excelente José Luis (Mockinpott) Gomez, dará início à sua temporada de três dias no Teatro João Caetano, com a poética obra-prima do pré-romantismo alemão, Woyzeck, *de Georg Buchner. A programação completa-se com o lançamento, adiado da semana passada, de* Medo, *de Maria Teresa Amaral, no Porão-Opinião.*

YAN MICHALSKI

A SEMANA/ESTRÉIAS

QUARTA, 22

MEDO. Texto de Maria Teresa Amaral e Lapi. Dir. de Maria Teresa Amaral. Programação visual de Lapi. Sonoplastia de Renato Bernardi. Com Marco Ubiratan e Fernando Palitot. **Teatro Porão-Opinião.**
• Partindo de uma tentativa de assassinato ocorrida num teatro, o texto pretende situar, num plano semidocumentário, os problemas e os medos a que se acha exposto o ator brasileiro.

SÁBADO, 25

WOYZECK. Texto de Georg Buchner. Versão espanhola de José Luis Gomez, com a colaboração de José Antonio Gomez Marin. Produção do Teatro de la Plaza, de Madri. **Tournée patrocinada pelo Instituto Cultural Brasil-Alemanha.** Dir. de José Luis Gomez. Música de Luís de Pablo. Cen. e fig. de Dietlind Konold. Com Enrique Arredondo, Antonio Lopis, Eusebio Lazaro, José Hervas, Miguel Angel Garrido, Luís Olmos, Paca Ojea, Jeannine Mestre, Juan Pastor, José Maria Lacoma, Francisco Casares. **Teatro João Caetano.** Só dias 25 e 27, às 21h, e 26, às 18h.
• Reflexão poético-científica sobre o caso histórico do barbeiro-soldado Johan Woyzeck, que em 1821, após ter sido obrigado a servir longamente como mercenário em vários exércitos, e por isso impossibilitado de levar uma existência normal, apunhalou mortalmente a sua amante Maria. Durante o julgamento foi levantada a tese da irresponsabilidade criminal, resultante de enfermidade mental, mas Woyzeck acabou condenado e executado. Na tragédia de Buchner, o seu gesto é apresentado como uma reação rebelde e autodestrutiva à violência insistentemente exercida por um sistema social de opressão e injustiça contra o próprio criminoso. Buchner não chegou a terminar a peça, deixando apenas folhas manuscritas com diferentes versões de várias cenas, sem indicação da ordem prevista. A montagem do Teatro de la Plaza baseia-se numa nova seleção e organização de cenas, realizada pelo diretor José Gomez a partir das mais recentes conclusões de estudiosos alemães. O grupo visitante foi criado em Madri no ano passado, quando montou uma premiadíssima produção de **Arturo Ui**, de Brecht. O diretor Gomez, que durante vários anos dividiu a sua atividade entre a Alemanha e a Espanha, já esteve no Brasil duas vezes: a primeira, como protagonista e encenador de **Informe Para uma Academia**, de Kafka, e **O Pupilo Quer Ser Tutor** e **Kaspar**, de Peter Handke; a segunda, como diretor da bem sucedida encenação gaúcha de **Mockinpott**, de Peter Weiss.

PEÇAS EM CARTAZ

A LONGA NOITE DE CRISTAL: Comédia dramática de Oduvaldo Viana Filho. Dir. Gracindo Junior. Com Osvaldo Loureiro, Denis Carvalho, Maria Cláudia, Isabel Teresa, Pedro Paulo Rangel, Helena Velasco e Sonia de Paula. Cen. José de Anchieta. **Teatro Glória**, R. do Russel, 632 (245-5527). De 3ª a 5ª, 21h15m; 6ª, 22h; sáb., 20h e 22h30m; dom., 18 e 21h15m. Ing. de 3ª a 6ª e dom., Cr$ 60 e Cr$ 30 (est.) e sáb. a Cr$ 60. (18 anos). Ascensão e queda de um grande locutor, tendo o ambiente de uma emissora de televisão como pano de fundo.

O BERÇO DE OURO. Texto de E. C. Caldas. Dir. Almério Belém. Com Almério Belém, Salomão Turkieniez, Elisabete de Paula, Lucrécia Iacovino, Marcos Roma Santos e outros. **Teatro Experimental Cacilda Becker.** R. do Catete, 338. (265-9933). De 3ª a dom., 21h. Ing. Cr$ 20 e Cr$ 10 (est.). Até dia 30. Família de alta classe média ganha um filho de mil bocas.

TRIVIAL SIMPLES. Drama de Nelson Xavier. Dir. Rui Guerra. Com Camila Amado e Paulo Cesar Pereio. **Teatro Gláucio Gill**, Pça. Card. Arcoverde (237-7003). De 3ª a 6ª e dom. 21h30m; sáb. 20h30m e 22h30m; vesp. de 5ª, 17h e de dom. 18h. Ing. de 3ª a 5ª e dom. Cr$ 40 e Cr$ 20 (est.); sáb. Cr$ 50 e vesp. de 5ª Cr$ 30. O atormentado relacionamento de um casal da pequena classe média. Até dia 26.

GOTA DÁGUA. Texto Paulo Pontes e Chico Buarque. Músicas de Chico Buarque. Dir. Gianni Ratto. Com Bibi Ferreira, Nelson Caruso, Lafayete Galvão, Francisco Milani, Cidinha Milan, Carlos Leite, Sônia Oiticica, Isolda Cresta, Norma Sueli e outros. **Teatro Carlos Gomes**, Pça. Tiradentes, 19 (222-7581). De 3ª a dom. 21h; vesp. de 5ª e de dom. 17h. Ing. de 3ª a 6ª e dom. Cr$ 60 e Cr$ 30 (est.) (da letra A até O), Cr$ 40 e Cr$ 20 (est.) (da letra P até X), Cr$ 60 (camarote por pessoa), Cr$ 30 (balcão nobre), Cr$ 15 (balcão simples), vesp. de 5ª Cr$ 30. (18 anos). O enredo de **Medéia**, de Eurípedes, livremente transposto para o Brasil de hoje. **Recomendação Especial da Associação Carioca de Críticos Teatrais.**

DOSE DUPLA. Comédia policial de Robert Thomas. Dir. Leo Jusi. Com Patrícia Bueno, Suely Franco, Rubens de Falco, André Villon e Paulo Pinheiro. **Teatro da Galeria**, R. Sen. Vergueiro, 93 (225-8846). De 3ª a 6ª e dom. 21h30m; sáb. 20h e 22h30m; vesp. de dom. 18h. Ing. Cr$ 50 e Cr$ 30 (est.); sáb. Cr$ 50. Um barão arruinado, o seu sósia e a sua mulher explorada, numa competição de armadilhas e tapeações.

BANCS PUBLICS. Duas peças em um ato, representadas em francês: **Les Jumeaux Etincelants**, de René de Obaldia e **Couer à Deux**, de Guy Foissy. Dir. de Etienne le Meur. Mús. de Ronaldo Miranda, letras de Orlando Codá. Com Ana Lúcia Bruce, Richard Roux e Jean-François Du Payrat. **Aliança Francesa de Copacabana**, Rua Duvivier, 43. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 10,00 (membros da Aliança Francesa). Duas histórias de amor tendo como cenário uma praça pública.

MURO DE ARRIMO. Texto Carlos Queirós Teles. Dir. Antonio Abujamra. Com Antônio Fagundes. **Teatro Ipanema.** R. Prudente de Morais, 824 (247-9794). De 3ª a dom. 21h30m; vesp. de dom., 18h. Ing. Cr$ 40 e Cr$ 20 (est.); sáb. Cr$ 50. Um operário de construção executa o seu trabalho enquanto ouve, no seu rádio de pilha, a transmissão de um jogo decisivo do Brasil na Copa do Mundo. **Último dia.**

O RENDEZ-VOUS. Comédia de Robert Thomas. Dir. Antônio Pedro. Com Eva Tudor, Luís Armando Queirós, Lutero Luís, Roberto Azevedo, Zezé Mota, Renato Pedrosa e Mário Roberto. **Teatro Maison de France.** Av. Pres. Antônio Carlos, 58 (252-3456). De 4ª a 6ª e dom. 21h30m; sáb. 20h e 22h30m; vesp. de 5ª 17h e de dom. 18h. Ing. Cr$ 50 e Cr$ 30 (est.). Seis pequenas histórias reunidas no cenário comum do Hotel Boa Transa, no Centro do Rio.

TRANSE NO 18. Comédia de Gene Stone e Ron Cooney. Dir. Cecil Thiré. Com Milton Morais, Lucélia Santos e Pedro Veras. **Teatro de Bolso.** Av. Ataulfo de Paiva, 269 (287-0871). De 3ª a 6ª e dom. 21h30m, sáb. 20h e 22h30m, vesp. de dom. 18h30m. Ing. de 3ª a 5ª Cr$ 60 e Cr$ 30 (est.), de 6ª a dom. Cr$ 60 e vesp. de dom. Cr$ 40 (18 anos). Num sala-e-quarto londrino, uma adolescente **hippie** e um quarentão **careta** encontram terreno para um convívio harmonioso.

EQUUS. Drama de Peter Shaffer. Dir. Celso Nunes. Com Rogério Fróes, Ricardo Blat, Betina Viany, Monah Delacy, Ana Lucia Torre, Marcus Toledo, Davi Pinheiro e outros. **Teatro do BNH**, Av. Chile, 230 (224-9015). De 3ª a 6ª e dom. 21h; sáb. 19h e 22h; vesp. de dom. 18h. Ing. de 3ª a 6ª, sáb. (1ª sessão) e dom. Cr$ 60 e Cr$ 30 (est.), e sáb. (2ª sessão) Cr$ 60, à venda também no Mercadinho Azul (18 anos). Um psiquiatra desvenda perplexo, os conflitos emocionais de um paciente de 17 anos, culpado de um ato aparentemente gratuito de violência.

ESPERANDO GODOT. Texto Samuel Beckett. Dir. Marcos Fayad. Com Henry Pagnoncelli, Eliane de Mattos, Fernando Portela, Ney Heleu e Guilherme. Sala Corpo/Som do **Museu de Arte Moderna**, Av. Beira-Mar, s/nº (231-1871). De 6ª a dom. 21h. Ing. Cr$ 40 e Cr$ 20 (est.).

CINDERELA DO PETRÓLEO. Comédia de João Bethencourt. Dir. do autor. Com Norma Blum, Felipe Wagner, Milton Carneiro, Berta Loran, Ari Leite, Silvia Martins, Ivan Sena e César Montenegro. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (221-4484). De 3ª a 6ª 21h 15m; sáb. 20h e 22h 30m; dom 21h, vesp. de 4ª 17h e de dom. 18h. Ing. de 3ª a 6ª e dom. Cr$ 50 e Cr$ 25 (est.); sáb. Cr$ 50 e vesp. de 4ª Cr$ 20 (18 anos). A França resolve sua crise de petróleo através do **sacrifício**, não muito doloroso, de uma de suas jovens cidadãs.

O ÚLTIMO CARRO. Antitragédia de João das Neves. Dir. do autor. Com Ilva Niño, Ivan Candido, Ivan Seta, Ivan de Almeida, João das Neves, Margot Baird, Sebastião Lemos, Vinicius Salvatori e Pascoal Vilaboim. **Teatro Opinião**, R. Siqueira Campos, 143 (235-2119). De 3ª a 6ª e dom. 21h 30m; sáb. 20h 30m e 22h 30m; vesp. de dom. 18h. Ing. 3ª, 5ª e 6ª, Cr$ 40 e Cr$ 20 (est.); 4ª Cr$ 30 e Cr$ 15 (est.); sáb. e dom. Cr$ 50 e Cr$ 30 (est.) (18 anos). As cotidianas e anônimas tragédias dos usuários dos trens suburbanos cariocas. **Recomendação Especial da Associação Carioca de Críticos Teatrais.**

TUDO NO ESCURO. Comédia de **Peter Shaffer.** Dir. Jô Soares. Cen. Federico Padilha. Com Jô Soares, Elisângela, Teresa Austregésilo, Jaime Barcelos, Henriqueta Brieba, Toni Ferreira, Antonio Carlos e Cláudio Fontes. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). De 3ª a 6ª e dom. 21h 30m; sáb. 20h 30m e 22h 30m; vesp. de dom. 18h. Ing. 3ª, 4ª e vesp. de dom. Cr$ 60 e Cr$ 30 (est.); 5ª, 6ª, sáb. e dom. Cr$ 60. (16 anos). As complexas conseqüências de uma pane de luz.

SACOS E CANUDOS. Texto de Dedires Demrós. Direção de José Carlos de Souza e David de Medeiros. Produção de Deley Gazinelli. Apresentação do grupo TAL, formado por Jane Thomé, Paulo Renato, Gilmar Giro e outros. **Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 45. De 6ª a dom. às 21h. Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 15,00 (estudantes). Até dia 3.

ESQUEÇA O MUNDO E ATIRE AS CHAVES PELA JANELA. De Otoni de Carlo. Direção de Omar Rosa. Com Renato Brasiliano e Otoni de Carlo. **Casa do Estudante**, Pça. Ana Amélia, 9. De 5ª a dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 10,00 (estudantes).

OS FILHOS DE KENNEDY. Texto Robert Patrick. Trad. Millor Fernandes. Dir. Sérgio Brito. Com Susana Vieira, José Wilker, Vanda Lacerda, Otávio Augusto, Maria Helena Pader e Lionel Linhares. **Teatro Senac**, R. Pompeu Loureiro, 45 (256-2746). De 3ª a 6ª, 21h 30m; sáb. 20h e 22h 30m; dom. 18h e 21h. Ing. de 3ª a 5ª e dom. Cr$ 60 e Cr$ 30 (est.); 6ª e sáb. Cr$ 60. (18 anos). Cinco representantes típicos da jovem geração dos anos 60 fazem desfilar num bar nova-iorquino as desilusões que a evolução da sociedade norte-americana lhes tem trazido.

DANAÇÃO DAS FEMEAS. Texto Leslie Stevens. Trad. Hedy Maia. Dir. Dercy Gonçalves. Com Ribeiro Fortes, Lidia Vani e outros. **Teatro Dulcina**, R. Alcindo Guanabara, 17 (232-5817). De 4ª a dom. 21h 15m. Ing. de 4ª a 6ª e dom. Cr$ 50 e Cr$ 25 (est.); sáb. Cr$ 50. (18 anos).

O DONZELO. Texto Costinha e Emanoel Rodrigues. Com Antonio Duarte, Mario Ernesto, Costinha, Mara de Carlo e Iara Silva. **Teatro Serrador**, R. Senador Dantas, 13 (232-8531). De 3ª a 6ª, 21h 15m, sáb. 20h 15m e 22h 30m e dom., 18h 15m e 21h 15m. Ing. Cr$ 40.

Muro de Arrimo: *último dia, hoje, no Teatro Ipanema.*

EGBERTO DESPEDE-SE E O QUARTETO EM CY RESISTE

Egberto: antes da Europa e EUA, nova temporada no Teresa Rachel

Adiado da semana passada, o show *de Jackson do Pandeiro, com a participação de Gilberto Gil, no Glaucio Gill, abre a semana de muitos acontecimentos. Ainda amanhã, a compositora Gisa Nogueira faz a* Noitada de Samba do Opinião, *os conjuntos Veludo e Apalusa tocam em noite única no Teresa Rachel e a série* Seis e Meia *entra em sua oitava semana apresentando uma dupla insólita: Turíbio Santos e Alaíde Costa. Terça-feira (até domingo) a música brasileira volta ao Casa-Grande com o* show Andanças, *de Stelinha Egg e Gaya, já exibido em vários Estados, e penetra pela primeira vez no Teatro Ipanema (até 3 de outubro) com os instrumentos e as vozes do conjunto Coisas Nossas, especializado em Noel Rosa. Na quarta, são três as estréias:* Missa do Vaqueiro, *com o Quinteto Violado, para longa temporada no Teatro da Praia; Macalé (com repertório novo) e Moreira da Silva no MAM e* Corações Futuristas, *com Egberto Gismonti acompanhado do conjunto Academia de Danças despedindo-se este ano do Brasil. O* show *fica até o dia 3 de outubro no Teresa Rachel.*

O saxofonista Stan Getz e seu trio chegam ao Rio para um único espetáculo no Teatro João Caetano, quinta-feira, seguindo depois em tournée ***por mais cinco cidades brasileiras. Quinta é também o dia em que o Quarteto em Cy pela primeira vez estréia um espetáculo só seu, com texto e roteiro de Aldir Blanc. Seu título é*** Resistindo ***e o palco é o do Teatro Fonte da Saudade. Na sexta, finalmente, Paulinho da Viola faz uma noite de samba e choro no Museu Histórico do Estado (Palácio do Ingá, Niterói), enquanto um grupo jovem, liderado pelo cantor e compositor Guilherme Coimbra, mostra seu trabalho — intitulado*** Por Trás da Cachaça — ***na Sala Molière da Aliança Francesa de Copacabana.***

MARY VENTURA

TEATRO

HERMETHO PASCHOAL. Show do pianista e flautista acompanhado de seu conjunto formado por Aleuda (voz e percussão), Lelo (piano e percussão), Mauro Senise (sax e flauta), Márcio Montarroyos (trompete), Oberdan e Zé Carlos (sax e flauta), Paulinho Braga (percussão), Zeca (baixo) e Zé Eduardo (bateria e percussão). **Teatro Teresa Rachel,** Rua Siqueira Campos, 143. (235-1113). **De 4ª a dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 50,00 e Cr$ 30,00, estudantes. Último dia.**

CAIA NA ESTRADA E PERIGAS VER. Show de música popular brasileira com o conjunto Novos Baianos, formado por Galvão, Baby, Paulinho e Pepeu. **Museu de Arte Moderna,** Av. Beira-Mar. De 2ª a 6ª, às 21h. Ing. Cr$ 40 e Cr$ 20 (est.). **Último dia.**

SAMBA, PRONTIDÃO E OUTRAS BOSSAS. Espetáculo sobre a vida e as composições de Noel Rosa, apresentado pelo conjunto Coisas Nossas. **Teatro da Aliança Francesa da Tijuca,** R. Andrade Neves, 315 (268-5798). Hoje, às 21h. Ing. Cr$ 30 e Cr$ 20 (est.).

EXTRA

CIRCO VOSTOK. Números variados de equilibrismo e malabarismo, animais amestrados, palhaços e mágicos. Praia de Olaria (aterro do Cocotá), Ilha do Governador. (224-2396). De 3ª a 6ª, às 20h30m. Sáb. e dom., às 14h30m, 17h30m, 20h30m. Ing. a Cr$ 20 e Cr$ 15 (crianças na geral), Cr$ 30 e Cr$ 20 (arquibancada), Cr$ 40 e Cr$ 25 (cad. lateral), Cr$ 50 e Cr$ 30 (cadeira central) e Cr$ 200 (camarote com 4 lugares).

CIRCO TIHANY. Águas dançantes, animais amestrados, acrobatas, ciclistas, palhaços, mágicos e outras atrações. Av. Pres. Vargas (224-5884). De 3ª a 6ª, às 21h. Vesp. de 5ª às 16h. Sáb., às 15h, 18h e 21h. Dom. e feriados, às 10h, 15h, 18h, 21h. Ing. Cr$ 70 (cad. preferenciais), Cr$ 50 (cad. centrais), Cr$ 40 (crianças), Cr$ 40 (cad. laterais), Cr$ 30 (crianças), Cr$ 30 (cad. simples) e Cr$ 20 (menores até 12 anos).

CIRCO DE MUNICH. Espetáculo circense com mágicos, equilibristas, aramistas, palhaços e o Globo da Morte. R. Maxwell, Vila Isabel. (224-2396) 5ª e 6ª, 20h30m; sáb. e dom., 10h, 14h, 16h, 19h, Ing. Cr$ 30; e Cr$ 20, crianças, arquibancada; Cr$ 40 e Cr$ 25, crianças — cadeira lateral; Cr$ 50, e Cr$ 30, crianças — cadeira central; Cr$ 200, camarote (quatro lugares).

CASAS NOTURNAS

DOCES BÁRBAROS. Show com Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Betânia e Gal Costa. Acompanhamento de Djalma Correa (percussão), Arnaldo Brandão (baixo), Chiquinho Azevedo (bateria), Mauro Senise (flauta e sax), Perinho Santana (guitarra), Tomaz Improta (piano) e Tuzé Abreu (flauta e sax). Dir. musical de Gilberto Gil. **Canecão,** Av. Venceslau Brás, 215 (246-0617 e 246-7188). 4ª e 5ª, às 22h. 6ª e sáb., às 23h30m. Dom., às 20h. Inf. a Cr$ 80 sem consumação. **Último dia.**

ALTA ROTATIVIDADE. Show de Carlos Machado. Texto de Max Nunes e Haroldo Barbosa. Direção de Agildo Ribeiro. Com Agildo Ribeiro, Rogéria, Solange Radislovich e Ary Fontoura, acompanhados do conjunto Brazorra. **Sucata,** Av. Borges de Medeiros, 1 426 (247-7999 e 274 7748). De 3ª a 5ª e dom., às 23h30m. 6ª e sáb., às 24h. **Couvert** de Cr$ 100 e consumação de Cr$ 50.

BANANAS E PAETÊS. Show de Sandra Bréa e Luís Carlos Miele, acompanhados pelo balé de Juan Carlos Berardi e orquestra sob a regência de Edson Frederico. Direção de Augusto César Vanucci. **Vivará,** Av. Afrânio de Melo Franco, 296 (267-2313 e 247-7877). De 3ª a 5ª e dom., às 23h. 6ª e sáb., às 24h. Ing. a Cr$ 100, sem consumação obrigatória. **Último dia.**

SARAVÁ. Show e música ao vivo para dançar de 2ª a sáb., a partir das 21h, com o grupo Cravo e Canela, formado por Téo (percussão), Reinaldo (teclados), Da Fé (contrabaixo), Rocha (guitarra e violão) e as cantoras Fabíola e Vera Lúcia. Acompanhamento da orquestra de Nestor Schiavone. **Rio-Sheraton Hotel,** Av. Niemeyer, 121 (274-1122). **Couvert** de Cr$ 50.

SAMBÃO E SINHÁ. No térreo, restaurante de cozinha brasileira funcionando de 3ª a dom., das 19h às 3h, com a participação dos Cantores Negros e o piano de Lucas. No 1º andar, o **show Volta ao Brasil em 80 Minutos,** de 3ª a dom., às 24h. Com Ivon Curi, Judy Miller e Canarinho. Aberto a partir das 22h. com música para dançar. **Couvert** de Cr$ 100, sem consumação mínima. R. Constante Ramos, 140 (237-5368 e 256-1871).

NEW BRASA SAMBA SHOW-2. De 2ª a sáb., às 22h, com a participação de Gasolina, a cantora Biga, passistas e ritmistas. Aos domingos, às 22h, apresentação dos cantores Sidney Magal e Sapoti da Mangueira. **Las Brasas,** R. Humaitá, 110 (246-7858 e 246-9991).

LISBOA À NOITE. De 2ª a sáb., a partir das 22h30m, apresentação dos cantores Paula Ribas e Luís M'Gambi e os fadistas Maria Teresa Quintas e Antônio Campos. R. Francisco Otaviano, 21 (267-6629).

FOSSA. De 2ª a sáb., canções românticas a partir das 22h, com os cantores Mano Rodrigues, Ivani de Morais e Ribamar ao piano. Música para dançar com Ribamar Trio e Mojica Trio. R. Ronald de Carvalho, 55 (235-7727). **Couvert** de Cr$ 50:

A GRANDE NOITE. Musical com a cantora mexicana Milagros Lanti, os cantores Cy Manifold, H. M. Richardson, Carlos Maia e as bailarinas Mado Echer e Sandra Matera. Dir. musical de Eduardo Lages. Criação de Expedito Faggioni. **Rincão Gaúcho,** R. Marquês de Valença, 83 (264-6659 e 264-3545). **De 3ª a 5ª e dom., às 22h30m. 6ª às 23h e sáb. às 23h30m. Couvert de 3ª a 5ª** e dom. a Cr$ 40. 6ª e sáb. **a Cr$ 60.**

SEM TELECOTECO É XAVECO. Show com Osvaldo Sargentelli e os cantores Mara Rúbia, Moacir, Ismael, Iracema, o violonista Nanai e as Mulatas que Não Estão no Mapa. **Oba Oba,** R. Visc. de Pirajá, 499 (287-6899 e 227-1289). De 3ª a 5ª e dom., às 23h30m. 6ª e sáb. às 23h e 1h. **Couvert** de Cr$ 100 e consumação de Cr$30.

NEW YORK CITY DISCOTHEQUE. Diariamente a partir das 21h, música para dançar com o sistema de videodisco. R. Visc. de Pirajá, 22 (287-3579 e 287-0302). Consumação de 2ª a 5ª e dom. a Cr$ 50. 6ª, sáb. e véspera de feriado a Cr$ 80.

DANCIN' DAYS. Diariamente a partir das 22h, música para dançar. **Shopping Center da Gávea,** R. Marquês de São Vicente, 52 — 2º andar. Ing. de 2ª a 5ª e dom. a Cr$ 50 e Cr$ 30 (est.). 6ª e sáb. preço único de Cr$ 50.

HELENA DE LIMA: Show de 5ª a sáb., a partir das 22h30m, com a cantora acompanhada de seu conjunto. De 3ª a dom., a partir das 21h, música para dançar com o conjunto Renovasom. **Tijucana,** R. Marquês de Valença, 71 (228-8870). **Couvert** de Cr$ 25.

SAUDADES DO BRASIL EM PORTUGAL: Show de nostalgia e carnaval com Ivan el Jaick e Maria da Graça. Acompanhamento, de guitarras portuguesas, piano, órgão e bateria. Música ao vivo para dançar. **Adega de Évora,** R. Santa Clara, 292 (237-4216). De 2ª a sáb., a partir das 22h. **Couvert de Cr$ 40.**

BIERKLAUSE. Show diariamente a partir das 22h, com o conjunto de Araripê e os cantores Neg e Wander Silva. Participação dos cantores Everardo e Marcel Link. Aberto a partir das 19h, com música para dançar. R. Ronald de Carvalho, 55 (235-7727). **Couvert** de Cr$ 40.

SPECIAL BAR. Diariamente a partir das 19h com Mr Harris ao piano. Música ao vivo para dançar, a partir das 22h, com os conjuntos de Ronnie Mesquita e Luís Carlos Vinhas. R. Prudente de Moraes, 129 (287-1354 e 287-1369).

MIKONOS. No segundo andar, diariamente, a partir das 22h, música ao vivo para dançar com o conjunto do saxofonista Meireles e formado por Maurício (baixo), Helinho (guitarra), Tião (bateria) e a cantora Valéria. No primeiro andar, discoteca e galeria de arte. Av. Bartolomeu Mitre, 336 (294-2298). Consumação de Cr$ 100.

OPEN. Aberto diariamente a partir das 20h, com música ao vivo para dançar (às 21h) a cargo dos conjuntos de Luís Carlos e Aécio Flávio, além de serviço de restaurante. R. Maria Quitéria, 83 (287-12 3). Sem consumação mínima.

FACE'S. Show de jazz todas as 3ªs., às 21h30m, com o conjunto do trompetista Marcio Montarroyos. Anexo ao Meia-Trava, Auto-Estrada Lagoa Barra, 480 (399-3033). Ing. a Cr$ 50.

BACO. Diariamente das 17h em diante. A partir das 22h, música ao vivo com o compositor Luís Reis, o violinista Jarbas e o pianista San Severino. Anexo ao restaurante Real-Astória, Av. Ataulfo de Paiva, 1235 (294-3296). Sem **couvert** e consumação mínima.

706. Diariamente a partir das 19h. Às 22h, música ao vivo com o conjunto de Eduardo. Às 23h30m, conjunto de Fernando e à 0h30m, banda de Osmar Milito. Av. Ataulfo de Paiva, 706 (274-4097). **Couvert** de Cr$ 40.

CHICO'S BAR. Funciona de 3ª a dom., das 18h às 5h. A partir das 20h, a pianista Cida e às 22h, apresentação de Vitor Assis Brasil (sax) e Luizinho Eça (piano). Av. Epitácio Pessoa, 1 560 (267-0113). Sem **couvert** e consumação mínima.

MÚSICA

QUINTETO AMERICANO NA SÉRIE VESPERAL

A atração que desperta maior interesse na programação musical da semana é o American Brass Quintet, conjunto de metais que se apresentará sexta-feira, na Série Vesperal da Sala Cecília Meireles. Sediado em Nova Iorque, onde fez sua primeira exibição em 1960, o grupo vem procurando incentivar novos compositores a escreverem para instrumentos de metal, bem como pesquisando o repertório do gênero em épocas diversas, tirando do anonimato importantes produções do passado. Dentro dessa orientação, realizou no Carnegie Hall, na temporada de 1974/75, uma série intitulada First Performances, Old and New, com quatro recitais inteiramente esgotados. Pouco depois, apresentou a estréia mundial do Quinteto para Metais, *de Elliot Carter, na BBC de Londres, repetindo-o em seguida no Alice Tully Hall (N. Iorque) e na Biblioteca do Congresso (Washington).*

Antes do seu recital na Sala, o American Brass Quintet fará uma conferência ilustrada nos Seminários de Música Pró-Arte (Rua Alice 462), quarta-feira próxima, às 18 horas.

RONALDO MIRANDA

American Brass Quintet

HOJE, 19

ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL DA RÁDIO MEC — Concerto sob a regência do maestro Ronaldo Bologna. Prog: **Concerto para Violino**, de Max Bruch (solista: Natan Schwatzman); **Sinfonia nº 4, em Ré Menor**, de Schumann e **Estigmas**, de Almeida Prado. Às 21h, na **Sala Cecília Meireles.** Entrada franca.

ORQUESTRA DE CÂMARA HEBRAICA-RIO-Concerto sob a regência do maestro Nelson Niremberg. (solista: Noel Devos, fagote). No programa, peças de Nepomuceno, Haydn, Telemann, Vivaldi e Bach. As 20h30m, na Hebraica, R das Laranjeiras, 346.

AMANHÃ, 20

ANTONIO DEL CLARO — **Recital** do violoncelista acompanhado ao piano de Maria de Lourdes Imenes. Prog.: **Sonata em Mi Maior**, de Francoeur; **Suite nº 6, em Ré Maior para Violoncelo Solo**, de Bach; **Sonata em Lá Maior Opus 69**, de Beethoven; **Cantilena**, de Camargo Guarnieri e **Variações de Bravura para uma só Corda, sobre um Tema de Rossini**, de Paganini. Às 21h, no IBAM, R. Visc. Silva, 157. Entrada franca.

LUIS SENISE — Recital de piano. Às 20h, no **Conservatório Brasileiro de Música**, Av. Graça Aranha, 58/12º.

MARIA LUCIA GODOY — **Recital** do soprano com a participação da pianista **Maria Lúcia Pinho** e do clarinetista **José Botelho. No** programa, obras de Purcell, Dowland, Thomas Morley, Luis de Milan, Juan Vasquez, Schubert. Às 21h, na **Sala Cecília Meireles.** Ing. Cr$ 40,00 platéia; Cr$ 30, platéia superior e Cr$ 15, (est.).

TERÇA, 21

MIRIAM RAMOS. Recital de piano. Prog.: **A Sertaneja**, de Brasílio Itiberê; **Sonata, Op 27, nº 2**, de Beethoven e **2º Scherzo, 1ª Balada e Andante Spianato e Grande Polonaise**, de Chopin. Às 17h, no **Salão Leopoldo Miguez**, Escola de Música da UFRJ. Entrada franca.

RACHEL GUTIERREZ. Recital da pianista. Prog.: **Sonata em Mi Bemol Maior**, de Haydn; **Dois Scherzos**, de Schubert; **Andante Spianato e Polonaise**, de Chopin e **Valsas e Tangos**, de Ernesto Nazareth. As 21h, na **Casa de Rui Barbosa**, Rua S. Clemente, 134. Ing. Cr$ 15.

QUINTA, 23

SÉRIE PANORAMA DO PIANO BRASILEIRO. Recital do pianista Oriano de Almeida. Prog.: **Valsas Nobres e Sentimentais**, de Ravel; **Duas Arabescas, Balada e Jardin Sous la Pluie**, de Debussy; **S. Francisco de Paula Caminhando sobre as Ondas**, de Liszt; **Andante Spianato e Grande Polonaise Brilhante Op 22**, de Chopin. Às 21h, na **Sala Cecília Meireles.** Ing Cr$ 50, platéia; Cr$ 30, platéia superior e Cr$ 15, (est.).

SEXTA, 24

THE AMERICAN BRASS QUINTET. Recital. Integrantes: Raymond Mase (trompete), Louis Ranger (trompete), Herbert Rankin (trombone tenor), Robert Bidlecome (trombone baixo) e David Wakefiekd (trompa). Prog.: **Duas Fantasias**, de Giovanni Coperario; **Suite de Danças Elizabetanas**, de Anthony Holborne; **Fantasia sobre uma Nota**, de Purcell-Carter; **Música Matinal**, de Hindemith; **Sonata para Trompete, Trompa e Trombone**, de Poulenc e **Contrapontos III e IX**, de Bach. Às 18h30m, na **Sala Cecília Meireles.** Ing.: Cr$ 10, e Cr$ 5, (est.).

ORQUESTRA SINFÔNICA DA ESCOLA DE MÚSICA. Concerto sob a regência do maestro Roberto Ricardo Duarte. Participação especial da Associação de Canto Coral. Prog: **Moteto dos Santos Mártires**, de José Maurício Nunes Garcia (solista: soprano Lúcia Moura Passos) e **A Conquista do Sertão**, de Raphael Batista (solista. tenor Izauro Camino). Às 17h30m, no **Salão Leopoldo Miguez** da Escola de Música da UFRJ.

ATTILIO MASTROGIOVANNI. Recital de piano. No programa, peças de Frescobaldi, Scarlatti, Baldassare Galuppi, Benedetto Legati e Antonio Pampani. Às 21h, na **Casa de Rui Barbosa**, R S. Clemente, 134. Ing Cr$ 15,00.

SÁBADO, 25

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA. 2º concerto da primavera, sob a regência do maestro Alceo Bocchino. (solista: Ilan Rogoff, piano) No programa, obras de Rachmaninoff, Breno Blauth, Verdi e De Falla. Às 16h30m, na **Sala Cecília Meireles.**

SÉRGIO MELARDI. Recital de piano. Prog: **Op 118**, de Brahms; **Sonata Op 81**, de Beethoven e **Fantasia Op 49**, de Chopin. Às 17h30m, na **Casa de Rui Barbosa**, R S. Clemente, 134. Ing. Cr$ 10,00.

RÁDIO

EM DESTAQUE, SCHOENBERG

E O REPERTÓRIO PIANÍSTICO

Orquestra de câmara de renome internacional, conhecida no Brasil através de suas excelentes gravações (aqui editadas pela Odeon), a Academia de Saint-Martin-in-the-Fields, dirigida pelo maestro Neville Marriner, estará na programação da Rádio JB-FM desta semana (sábado) interpretando uma das obras-primas da música pós-romântica: Noite Transfigurada, *de Schoenberg.*

Para quem aprecia o repertório pianístico, a programação oferece grandes cartazes: Magda Tagliaferro executa Villa-Lobos (hoje); Alicia de Larrocha toca Ravel (terça); e Maurizio Pollini (quarta) e Cláudio Arrau (sexta) interpretam, respectivamente, os Estudos Op. 10 *e os* Prelúdios *de Chopin.*

RÁDIO **JORNAL DO BRASIL**/ZYD-66

23h — **NOTURNO. Jazz e Blues.** Produção de Celio Alzer. Apresentação de Fernando Mansur. Programação de hoje: Thelonius Monk — **Think of Me** (5:17), Mary Lou Williams **N.M.E.** (3:23), Duke Ellington -- **Take the "A" Train** (4:18), Elvin Jones -- **Pollen** (7:18), Art Blakey e os Jazz Messengers — **The End of a Love Affair** (6:40), Stan Getz — **Nitetime Street** (3:48), Oliver Nelson — **I Hope in Time a Change Will Come** (2:33), Roland Kirk — **I'll Be Seeing You** (6:07), McCoy Tyner — **Makin' Out** (13:04).

JORNAL DO BRASIL INFORMA: 7h 30m, 12h 30m, 18h 30m, 0h 30m. Apres. William Mendonça e Jorge Nedehf.

INFORMATIVOS INTERMEDIÁRIOS: **Flashes** nos intervalos musicais e informativos de um minuto, às meias horas, de segunda a sexta.

FM ESTÉREO — 99.7 MHz

DOLBY SYSTEM

Diariamente das 7h à 1h

HOJE, 19

10h. Till Eulenspiegel, Richard Strauss (Bernstein, 15:05); **Trio nº 18, em Lá Maior**, Haydn (Beaux Arts, 16:00); **Apoteose de Lully**, Couperin (Leppard, 28:05); **Fantasia para Piano e Orq.**, Debussy (Kars e Gibson, 23:10); **Serenata em Dó Maior, Op. 48**, Tchaikowsky (Zinman, 29:36); **Sonata em Ré Menor**, Corelli (Zabaleta, 8:40); **Suite para Orq. nº 3, em Ré Maior**, Bach (Casals, 21:43); **Concerto para Violino e Orq. nº 1, em Sol Menor**, Max Bruch (Masuko Ushioda e Ozawa, 23:00).

20h. No Reino da Natureza — Abertura Op. 92, Dvorak (Kertesz, 13:20); **Impressões Seresteiras, Farrapos e Lenda do Caboclo**, Villa-Lobos (Magda Tagliaferro, 13:00); **Concerto nº 1, em Ré Maior, Op. 6**, Paganini (Grumiaux, 30:00); **Rapsodia para Contralto, Op. 53**, Brahms (Lucretia West e Knappertsbuch, 13:55); **Concerto de Trompetes para as Festas no Canal de Versalhes**, Michel-Richard de Lalande (Froment, 21:20); **Missa Assumpta est Maria**, Palestrina (George Guest, 30:00); **Sonata em Ré Maior, K 576**, Mozart (Ashkenazy, 14:30); **Concerto para Violino, em Ré Maior, Op. 61**, Beethoven (Grumiaux e Colin Davis, 41:42).

SEGUNDA, 20

20h. Transmissão em 4 canais — SQ. Prelúdio em Mi Maior e Pequena Suite do Livro de Ana Magdalena, Bach-Ormandy (Orq. Filadélfia, 11:12); **Concerto em Ré Maior, para Cravo e Orq. Op. 21/1**, Haydn (Newman, 18:08); **Sinfonia nº 2 — Os 4 Temperamentos**, Nielsen (Bernstein, 34:27); **21h 05m. Stereo. Habanera** (2:38); **Jeux d'Eau** (4:53); e **Menuet Antique** (5:17), Ravel (Entremont); **Allegro de Concerto em Dó Maior, para Fagote e Orq.**, Jan Antonin Kozeluh (Milan Turkovic, 6:58); **Bailados das Óperas Trovador e Otelo**, Verdi (O. S. Londres e Antonio de Almeida, 28:16); **Concerto para Piano e Orq. nº 3, em Dó Maior, Op. 26**, Prokofieff (Beroff e Masur, 27:32); **Sinfonia nº 6, em Dó Maior**, Schubert (Munchinger, 31:25).

RÁDIO/Final

TERÇA, 21

20h. La Jeunesse d'Hercule, Saint-Saens (Dervaux, 17:45); **Barcarola Op. 60**, Chopin (Moravec, 9:30); **Concerto para Violoncelo e Orq.**, Khatchaturian (Walevska, 32:00); **Sinfonia nº 4, em Fá Maior**, William Boyce (Menuhin, 5:45); **Valsas Nobres e Sentimentais**, Ravel (Alicia de Larrocha, 15:34); **Ich Bin Eine Blume zu Saron**, Buxtehude (Linde, 10:01); **Poema Lírico Op. 12 e Cortejo Solene**, Glazunov (Rozhdestvensky, 15:34); **Bénédiction de Dieu dans la Solitude**, Liszt (Arrau, 19:00); **Sinfonia nº 3— O Poema Divino**, Scriabin (Svetlanov, 46:38).

QUARTA, 22

20h. Abertura da ópera **La Cambiale di Matrimonio**, Rossini (Mariner, 5:23); **Concerto em Mi Bemol, para Corneinglês e Orq.**, Fiala (Holliger, 11:45); **Sinfonia nº 104, em Ré Maior**, Haydn (Klemperer, 31:22); **Concerto para Violino e Orq. nº 24, em Si Menor**, Viotti (Andreas Roehn, 24:30); **12 Estudos Op. 10**, Chopin (Maurizio Pollini, 27:00); **Catulli Carmina**, Carl Orff (Leitner, 36:40); **Concerto para Piano e Orq. nº 4, em Si Bemol Maior, Op. 53 (mão esquerda)**, Prokofieff (Beroff e Masur, 23:25); **Concertino de Primavera**, Milhaud (Solistas Lamoureux, 8:50).

QUINTA, 23

20h. Ato 3º da Ópera Semele, Haendel (Somary, 65:00). **21h 05m. Stereo. Concerto nº 2**, Rachmaninoff (Ashkenazy, 32:30); **Sinfonia nº 2, em Ré Maior**, Alessandro Scarlatti (Sacher, 7:42); **Sonata para Violoncelo e Piano nº 2, em Sol Menor, Op. 5/2**, Beethoven (Tortelier e Heidsieck, 22:00); **O Beijo da Fada**, Strawinsky (Reiner, 24:00); **Concerto em Ré Menor, para Cravo, Cordas e Continuo**, Carl Ph. E. Bach (Collegium Aureum e Leonhardt, 22:25).

SEXTA, 24

20h. Meza Notte (galhardas) e La traditora (pavana e galharda), autores anônimos do séc. XVI (Musica Reservata, 6:10); **Concerto Grosso em Sol Menor, Op. 6/6**, Haendel (Leppard, 15:15); **Sinfonia nº 97, em Dó Maior**, Haydn (Dorati, 24:35); **Concerto em Ré Maior, para Trompa e Cordas**, Leopold Mozart (Tuckwell, 10:57); **26 Prelúdios (Op. 28, nº 25 em Dó Sustenido Menor e nº 26, em Lá Bemol)**, Chopin (Arrau, 46:40); **Tasso, Lamento e Trionfo — Poema Sinfônico nº 2**, Liszt (Solti, 20:35); **Concerto em Lá Menor, para Piano e Cordas**, Mendelssohn (Ogdon, 26:30); **Do Apocalipse — Quadro Sinfônico Op. 66**, Liadov (Svetlanov, 8:45); **Rapsodia nº 1, para Violino e Orq.**, Bartok (Szering e Haitink, 9:47).

SÁBADO, 25

20h. Concerto em Mi Menor, para Trompete e Orq., Telemann (M. André e Karl Richter, 9:29); **Noite Transfigurada**, Schoenberg (Ac. St-Martin in the Fields, 30:00); **Gloria**, Vivaldi (Coral do King's College, 28:20); **Concerto para Piano e Orq.**, Moszkowski (Michael Ponti, 35:43); **Sonata para Flauta e Cravo nº 4, em Fá Maior, K 13**, Mozart (Rampal e Veyron-Lacroix, 9:11); **Sinfonia nº 6 — Patética**, Tchaikowsky (Ozawa, 44:54); **Sonata para Violino e Piano**, Debussy (Silverstein e Tilson Thomas, 12:45).

INFORMATIVO DE UM MINUTO • De 2ª a sáb., às 9h, 12h, 15h, 18h, 20h, 23h e 24h; dom., às 10h, 13h, 15h, 18h, 20h, 23h e 24h.

Correspondência para a RÁDIO JORNAL DO BRASIL: Av. Brasil, 500, 7º. Telefone: 264-4422.

Para receber mensalmente o boletim da programação de Clássicos em FM, basta enviar uma vez o seu nome e endereço à Rádio JB FM, Av. Brasil, 500. Oferecimento Rádio JB/Carlton.

CURSOS

Cultura Afro-Brasileira. 20 aulas com utilização de slides, fitas magnéticas, discos, filmes e fotografias, além de apostilas, ministradas pelo professor Fernandes Portugal, do Centro de Estudos e Pesquisas do Museu de Artes e Tradições Populares. Horário: das 20h às 21h30m. Inscrições no Instituto de Psicologia Aplicada, Rua Miguel Lemos, 41, sala 607. Tel.: 257-8337.

Experiências em Arte e Educação. Seminário coordenado por professores da Escolinha de Arte do Brasil, com relatos (apresentação de trabalhos, projeção de slides e super-8, discussão), atividades criativas desenvolvidas com crianças, jovens e adultos e trabalhos em escolas, escolinhas de arte e na comunidade. Duração: oito aulas, às quartas-feiras, às 17h30m, a partir de quarta-feira. Taxa de Cr$ 400,00. Inscrições: Sociedade Cultural Divulgação e Pesquisa, Rua Maria Angélica, 37, Jardim Botânico. Tel.: 286-6093.

Panorama da Arte Argentina a Partir do Séc. XIX. Com a professora de História de Arte da Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Buenos Aires, Graziela Kartofel de Rodenstein, para alunos de nível universitário. Aulas de amanhã a sábado, das 17h às 18h, com número limitado de vagas. Inscrições no local, Museu Nacional de Belas-Artes, Av. Rio Branco, 199 (seção técnica).

Microssociologia e as Formas de Expressão. Com o professor convidado Jean Duvignaud, da Universidade Rabelais de Paris e diretor do Laboratório de Sociologia do Conhecimento e de Antropologia Social de Tours. Ministrado em francês com tradução simultânea. Duração: de 27 de setembro a 1º de outubro, das 18h30m às 20h30m. Taxas de Cr$ 300,00 (aluno externo) e Cr$ 20,00 (aluno da PUC e Aliança Francesa). Inscrições: CCE/PUC, Rua Marquês de São Vicente, 209, casa 15. Tel.: 274-9922 R/ 335.

Shiatsu. Curso teórico e prático, para orientação de médicos e leigos na técnica de massagem e terapêutica de manipulação do corpo, segundo a prática milenar da Medicina oriental. Inscrições amanhã e terça-feira, na Comunidade Budista Sohaku-In, Rua N Sª deLourdes, 131, Grajaú. Tel.: 288-9349.

Francês. Inscrições abertas até o final do mês para novas turmas de conversação e audiovisual. Aulas às terças e quintas, a partir do dia 5 de outubro, com matrícula a Cr$ 30,00 e mensalidade de Cr$ 100,00. Museu da Imagem e do Som, Praça Rui Barbosa, 1, no horário de 14h às 20h.

Novos Rumos à Experimentação Extra-Sensorial. Simpósio de Parapsicologia e Psicobiofísica ministrado pelo professor Henrique Rodrigues, de amanhã até o dia 27, às 20h. Promoção do Instituto de Cultura Feminina, Av. N. Sª de Copacabana, 928, 10º andar. Taxas: Cr$ 500,00, individual; Cr$ 400,00, alunas do Iscuf; e Cr$ 700,00, casal.

O Espaço Cultural Hispano-Americano e o Brasil. Para alunos de nível universitário, aos quais será conferido certificado de freqüência. Ministradas pela professora Bella Josef, as aulas irão de quinta-feira próxima ao dia 18 de outubro, às terças e quintas, das 17h30m às 19h30m. Inscrições no local: Fundação Casa de Rui Barbosa, Rua São Clemente, 134, Botafogo, das 13h às 18h.

CULTOS

Para aqueles que não concebem religião só na linha vertical, este é um domingo bem indicado: a Feira da Providência, que se encerra hoje às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, é um bom convite para ajudar os menos afortunados. A Feira fica, entretanto, no caminho de algumas igrejas onde uma participação na missa servirá para completar essa forma de ser religioso: Divina Providência às 11h 30m, 18h 30m, 20h e 21h 30m; Santa Margarida às 11h, 12h, 18h e 19h 30m; Santos Anjos às 18h; e São José às 10h 30m, 12h, 17h, 18h e 19h. Os metodistas têm também seu culto às 19h na igreja do Jardim Botânico e os presbiterianos, às 18h, na da Gávea. A Feira abre ao meio-dia.

BORGES NETO

CATÓLICOS

MISSAS EM ESTRANGEIRO

Alemão. Casa São Bonifácio (R. Bispo, 26), 9h; Colégio Notre Dame (R. Barão da Torre, 308), 18h. **Árabe.** Para fiéis de rito melquita: igreja São Basílio (R. Rep. Líbano, 17), 10h; igreja São Paulo Apóstolo (R. Barão Ipanema, 85), 17h. Para fiéis de rito maronita: igreja N. Sª do Líbano (R. Cde. Bonfim, 638), 10h. **Francês.** Salão paroquial da igreja SS Trindade (R. Sen. Vergueiro, 141), 18h 30m sáb. **Inglês.** Capela N. Sª da Misericórdia (R. Visc. Caravelas, 48), 8h e 10h dom. e 18h sáb. **Lituano.** Capela N. Sª da Aurora e São Casimiro (catedral — Praça 15), 11h, só último dom. cada mês. **Polonês.** Igreja N. Sª da Piedade (R. Marq. Abrantes, 215), 10h.

MISSAS NA ZONA SUL

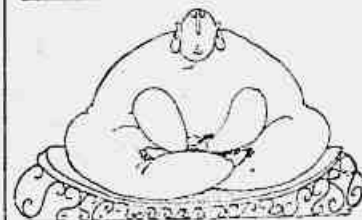
Cristo Redentor (R. Laranjeiras, 519): 7h, 9h, 11h, 18h e 20h. **Imaculada Conceição** (Praia Botafogo, 266): 7h, 8h, 9h (crianças), 10h 30m, 12h, 17h, 18h e 19h. **N. Sª do Brasil** (Av. Portugal, 772): 6h 30m, 8h, 9h 30m, 11h, 18h, 19h e 20h. **N. Sª da Conceição** (R. Marq. São Vicente, 19): 7h, 8h, 9h (crianças), 11h 30m, 17h e 19h. **N. Sª de Copacabana** (matriz provisória: R. Tonelero, 56): 7h, 8h 30m, 10h (uma na igreja e outra no salão), 11h 30m, 17h, 18h 30m, 20h e 21h. **N. Sª da Esperança** (R. Cde. Irajá, 465): 7h 30m, 9h 30m, 11h, 18h e 19h. **N. Sª da Glória** (Lgo. Machado): 6h 30m, 7h 30m, 9h (crianças), 10h, 11h, 12h, 17h (jovens), 18h, 19h e 20h. **N. Sª da Paz** (R. Visc. Pirajá, 351): missas de hora em hora desde 6h 30m até 21h 30m. **N. Sª do Rosário** (R. Gal. Rib. da Costa, 164): 7h, 8h 30m, 10h, 11h 30m, 18h e 19h (jovens). **N. Sª das Vitórias** (R. São Clemente, 214/4º): 8h 30m. **Ressurreição** (R. Fr. Otaviano, 99): 7h 30m, 9h, 10h 30m, 12h, 17h, 18h 30m, 20h e 21h 30m. **Santa Cecília** (R. Álvaro Ramos, 385): 7h, 8h 30m, 10h (crianças), 18h (jovens) e 19h 30m. **Santa Cruz de Copacabana** (R. Siq. Campos, 143/3º): 7h, 9h (crianças), 10h, 18h e 19h. **Santa Mônica** (R. José Linhares, 96): 7h, 8h, 9h, 10h, 11h, 12h, 17h, 18h, 19h e 20h. **Santa Teresinha** (Av. Lauro Sodré, 83): 7h 30m, 9h (crianças), 10h 30m, 12h, 17h 30m e 19h (jovens). **Santíssima Trindade** (R. Sen. Vergueiro, 141): 7h, 8h, 9h, 10h, 11h, 12h, 17h, 18h, 19h e 20h. **São Conrado** (Praia): 8h 30m, 10h e 18h. **São João Batista** (R. Vol. Pátria, 287): 6h 30m, 8h, 9h 30m, 11h, 12h 30m, 17h, 18h 30m (jovens) e 20h. **São Judas Tadeu** (R. Cosme Velho, 470): 7h, 8h 30m, 10h, 11h 30m e 18h. **São Paulo Apóstolo** (R. Barão de Ipanema, 85): 7h, 8h 15m (crianças), 9h, 10h, 11h, 12h, 17h (rito melquita), 18h (jovens), 19h 30m e 20h 30m.

MISSAS NA ZONA NORTE

Bom Jesus da Penha (Av. Brás de Pina, 181): 7h, 8h 30m, 10h, 17h 30m (jovens) e 19h 30m. **N Sa da Conceição** (Pça. Imac. Conceição, Eng. Novo): 6h 30m, 8h, 9h 30m (crianças), 11h (jovens), 18h, 19h, 19h 30m, 20h e 20h 30m. **N Sa da Consolata** (R. São Luís Gonzaga, 1860): 7h, 8h 30m (crianças), 10h 30m e 18h (jovens). **N Sa do Loreto** (Lad. Freguesia, Jacarepaguá): 8h (crianças), 10h e 18h (jovens). **N Sa de Lourdes** (Av. 28 Setembro, 200): 7h, 8h, 9h (crianças), 11h 30m (jovens), 18h e 20h. **N Sa do Perpétuo Socorro** (Pça. Edmundo Rego, 27, Grajaú): 7h, 8h 30m, 10h, 11h 30m, 17h, 18h e 19h (jovens).

EVANGÉLICOS

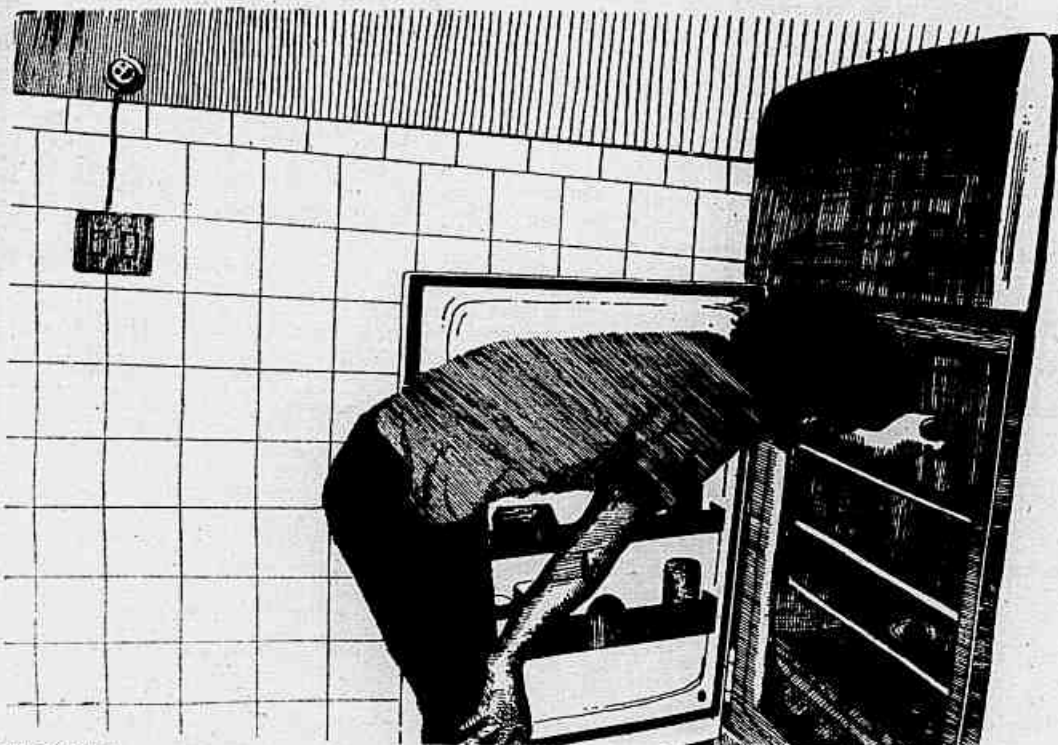
ADVENTISTAS. **Campo Grande** (R. Augusto Vasconcelos, 828) e **Ilha do Governador** (Estr. Dendê, 257): cultos 20h dom. e quartas; 9h sábados. ANGLICANOS. **Botafogo** (R. Real Grandeza, 99): cultos 8h 45m (comunidade brasileira) e 10h 30m (comunidade britânica). **Tijuca** (R. Haddock Lobo, 258): comunhão 8h 30m; esc. dom. 9h 30m; cultos 10h e 18h (jovens). BATISTAS. **Botafogo** (R. Visc. Ouro Preto, 58): esc. dom. 9h; cultos 10h e 20h. **Estácio** (R. Frei Caneca, 525): esc. dom. 9h 30m; cultos 11h e 20h; união da mocidade 18h. **Ipanema** (R. Barão da Torre, 37): esc. dom. 9h; cultos 10h e 19h 30m; união de treinamento 18h. LUTERANOS. **Centro** (R. Carlos Sampaio, 251): culto 10h. **Ipanema** (R. Barão Torre, 98): esc. dom. e culto 10h. METODISTAS. **Campo Grande** (Av. Cesário de Melo, 1 399): esc. dom. 9h; culto 19h 30m. **Catete** (Pça. José de Alencar, 4): esc. dom. 9h 30m; cultos 11h e 19h. PRESBITERIANOS. **Centro** (R. Silva Jardim, 23): esc. dom. 9h; cultos 10h 15m e 19h 30m; programa da mocidade 17h 30m. **Grajaú** (R. Farias Brito, 34): esc. dom. 10h; cultos 9h e 18h. **Ipanema** (R. Joana Angélica, 203): esc. dom. 10h; cultos 10h e 19h.

OUTROS

CENTRO DA COMUNIDADE **ISRAELITA** (R. Tenente Possolo, 8): cultos 8h 30m sáb. e 18h 30m sextas. • **FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA** (Av. Passos, 30): culto 16h. • **FRATERNITAS ROSICRUCIANA ANTIQUA** (R. Sabóia Lima, 77): missa gnóstica 9h. • **IGREJA DA CIÊNCIA CRISTÃ** (Av. Mal. Câmara, 271/3º): esc. dom. e culto, em português, 9h; culto, em inglês, 10h 30m. • **IGREJA DOS MÓRMONS** (Rua Zara, Jardim Botânico): esc. dom. 10h; reunião sacramental 18h. • **IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL — Grajaú** (R. Itabaiana, 74): cultos 9h e 18h. • **IGREJA ORTODOXA — Antioquena** (Av. Gomes Freire, 569), **Grega** (R. Darke de Matos, 46) e **Russa** (R. Monte Alegre, 210): missa 10h. • **IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL** (R. Benjamim Constant, 74): culto e leituras 10h. • **SALÃO DO REINO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ** (Av. Gomes Freire, 37/2º): conferência e estudo 17h dom. e 19h sábados. • **SOCIEDADE BUDISTA DO BRASIL** (Estr. Dom Joaquim Mamede, 45, Sta. Teresa): palestras 15h e 17h; meditações 15h 50m (plena atenção) e 16h 30m (amor universal). • **SOCIEDADE CONSCIÊNCIA KRISNA** (Estr. Velha Tijuca, 102): festival transcendental 17h.

ARTES PLÁSTICAS

UM POUCO MENOS E SERIA NADA

De uma semana a outra o movimento de inaugurações de exposições no Rio funciona à semelhança de uma gangorra, para cima, para baixo. Na semana passada havia um pouco mais de quantidade e qualidade. Nesta agora estamos perto do nada. Serão cinco exposições apenas, e uma única valendo destaque — a do jovem paulista Gregório (Graffiti Galeria de Arte). E a figura continua exercendo seu presente predomínio: além de tratada com maestria fotográfica em Gregório, é ela o centro das três outras individuais marcadas para esta semana. Apresenta-se assim na linguagem irônica das litogravuras do estreante Wladimir Machado (Caderneta de Poupança Morada), no tipicismo meio ingênuo e meio rebuscado da pintura de Humberto Cerqueira (Galeria Quadrante) e no amaneiramento ilustrativo de mais uma série de trabalhos de Laerpe Motta (Galeria Ipanema). Pobre temporada!

ROBERTO PONTUAL

GREGÓRIO / gravura sobre zinco / 1976

WLADIMIR MACHADO / litogravura / 1976

LAERPE MOTTA / Profeta Malaquias / *1976*

HUMBERTO CERQUEIRA / pintura / 1976

A SEMANA / INAUGURAÇÕES

SEGUNDA, 20

HUMBERTO CERQUEIRA. Pinturas. **Quadrante Galeria de Arte** (Rua Gen. Venâncio Flores, 125 — 21h). Nascido em Alagoas, 1915, vive há muito no Rio. Vem apresentando trabalhos em mostras coletivas e individuais desde 1956. Sua pintura, embora tenha atravessado fases abstratas de pendor informal, manteve-se até hoje mais caracteristicamente figurativa. Nos trabalhos de agora desenvolve temas populares em figuras e cenários geralmente simplificados.

TERÇA, 21

LUÍS GREGÓRIO CORREA. Aquarelas e gravuras. **Graffiti Galeria de Arte** (Rua Maria Quitéria, 85 — 21h). Filho do pintor Mário Gruber, Gregório nasceu em Santos, em 1951. Depois de frequentar o curso de desenho de Frederico Nasser, em São Paulo, começou a apresentar trabalhos em 1971. De então para cá veio se fixando como um dos jovens desenhistas brasileiros mais respeitados no momento. Seu desenho e, por extensão, sua gravura têm mantido um mesmo ponto de partida temático e técnico: a visão da cidade grande e de seus jovens habitantes, entre o caráter fotográfico e a intensificação surrealista, entre o direto e o velado. Ultimamente, vem lecionando no curso livre de desenho da Pinacoteca do Estado de São Paulo. É a segunda vez que se apresenta individualmente no Rio.

LAERPE MOTTA. Pinturas. **Galeria de Arte Ipanema** (Rua Aníbal de Mendonça, 27 — 21h). Trata-se de uma prévia do que este carioca de 43 anos estará mostrando no início de outubro na filial paulista da mesma galeria. Vindo do desenho de publicidade até a pintura, ele continua a tratá-la ilustrativamente, com apelo a cores vivas, tons aveludados e sinuosidades de formas. A série atual trata dos profetas do Velho Testamento.

WLADIMIR MACHADO. Litogravuras. **Caderneta de Poupança Morada** (Rua Visconde de Pirajá, 234 — 21h). Gaúcho, está no Rio há pouco mais de 10 anos. Frequenta a Escola de Belas-Artes da UFRJ, sendo esta a sua primeira individual. Num desenho de evidências simbólicas ele acrescenta detalhes de ironia. Além da gravura, desenho e pintura, tem trabalhado também com o filme Super 8.

QUARTA, 22

ANTONIA VINHAES E POLYCENA BARROSO DE SOUZA. Esculturas e pinturas. **Clube dos Caiçaras** (Av. Epitácio Pessoa — 21h). Os responsáveis pela mostra não fazem qualquer indicação biográfica sobre as expositoras nem sobre o tipo de trabalho que desenvolvem.

CONTINUAÇÕES

RESTOS DA PAISAGEM. Proposta de Regina Vater. **Museu de Arte Moderna**, Av. Beira-Mar. De 3ª a 6ª, das 12h às 19h; sáb.; das 12h às 22h e dom., das 15h às 18h. Até dia 17 de outubro.

ABELARDO ZALUAR. Pinturas. **Aliança Francesa de Ipanema**, R. Visc. de Pirajá, 82/12º. De 2ª a 6ª, das 9h às 21h. Até dia 4 de outubro.

ROBERTO MORVAN. Pinturas. **Galeria Rembrandt**, R. Hilário de Gouveia, 57. De 2ª a sáb. das 10h às 18h.

NEWTON CAVALCANTI. Pinturas. **Galeria do IBEU**, Av. Copacabana, 690. De 2ª a 6ª, das 16h às 22h.

CARMEN BARDY. Serigrafias e esculturas. **Galeria Bonino**, R. Barata Ribeiro, 578. De 2ª a sáb. das 10h às 12h e das 16h às 22h.

PICHAWAYI. Pinturas ornamentais dos Templos de Rajasthan, na Índia. **Museu Nacional de Belas-Artes**, Av. Rio Branco, 199. De 3ª a 6ª, das 12h30m às 18h30m e sáb. e dom. das 15h às 18h.

NEY TECÍDIO. Pinturas. **Galeria Europa**, Av. Atlântica, 3056. Diariamente, das 17h às 23h. Até dia 30.

COLETIVA. Obras de Sinhá D'Amora, Ethel Lowndes, Solon Botelho, Edmond Rostan e Roberto Alves. **Atelier Roberto Alves**, Av. Princesa Isabel, 186. De 3ª a dom, das 15h às 22h. Até dia 30.

ACERVO. Obras de Di Cavalcanti, Portinari e Dacosta. **Galeria Ipanema**, R. Aníbal de Mendonça, 27: 2ª, das 14h às 23h; de 3ª a 6ª, das 11h às 23h; sáb. das 10h às 13h e das 16h às 21h e dom, das 16 às 21h. **Último dia.**

COLETIVA. Obras de Elise, Elisa, Alba, Galileu e Célia. **Museu Histórico da Cidade**, Estrada de Santa Marinha, s/nº. De 3ª a 6ª, das 13h às 17h e sáb. e dom, das 11h às 17h. Até dia 29.

DI CAVALCANTI. Pinturas. **Galeria Ágora**, R. Barão da Torre, 185. De 2ª a sáb. das 13h às 21h.

AMARANTE. Aquarelas. **Clube dos Decoradores**, Av. Copacabana, 1100. De 2ª a 6ª, das 18h às 22h. Até dia 24.

1º SALÃO COMUNITÁRIO DE ARTES PLÁSTICAS DA UFF. Mostra de 41 pinturas, sete esculturas, nove desenhos, quatro gravuras e dois objetos. **Reitoria da Universidade**, R. Miguel Frias, 9, Icaraí, Niterói.

HUMBERTO DA COSTA E GENTIL CORREA. Pinturas. **Galeria de Arte do Hotel Flamengo Palace**, Praia do Flamengo, 6. Diariamente, das 10h às 24h. Até dia 15 de outubro.

VITÓRIA SANT'ANA. Pinturas. **Centro de Pesquisa de Arte**, R. Paul Redfern, 48. De 2ª a sáb. das 11h às 22h.

FERNANDO COCCHIALE. Proposta. **Museu de Arte Moderna**, Av. Beira-Mar. De 3ª a 6ª, das 12h às 19h; sáb., das 12h às 22h e dom., das 15h às 18h. Até dia 10 de outubro.

CONTEMPORÂNEOS BRASILEIROS. Coletiva com obras de Adilson Santos, Bianco, Géza Heller, Guima, Inácio Rodrigues, Manoel Santiago e mais cinco artistas: **Galeria Signo**, R. Visc. de Pirajá, 580, s/114. De 2ª a sáb., das 14 às 22h. Até dia 25.

FEDERICO VON DESSAUER. Pinturas. **Blu Bay Arte**, R. Prudente de Morais, 1 286. De 2ª a sáb., das 9h às 21h. Até dia 24.

DELSON PITANGA. Desenhos. **Galeria César Aché**, R. Visc. de Pirajá, 281/3º

CARLOS LEÃO. Aquarelas e desenhos. **Museu Nacional de Belas-Artes**, Av. Rio Branco, 199. De 3ª à 6ª, das 12h 30m às 18h 30m e sáb. e dom., das 15h às 18h. Até dia 26.

SIRON FRANCO. Pinturas. **Petite Galerie**, R. Barão da Torre, 220. De 2ª à 6ª, das 15h às 22h e sáb., das 18h às 21h. Até dia 24.

LÚCIA BASÍLIO. Pinturas. **Eucatexpo**, Av. Princesa Isabel, 350. De 2ª à 6ª, das 13h às 21h. Até dia 27.

AS MULHERES DE MITHILA. Pinturas das mulheres de uma das regiões da Índia. **IBAM**, R. Visc. Silva, 157. De 2ª a sáb., das 14h às 20h. Até amanhã.

COLETIVA. Obras de Bianco, Dacosta, Bortk, Renina, Zaluar e outros. **Galeria Nouvelle Dezon**, R. Siqueira Campos, 143. De 2ª a sáb., das 14h às 22h e dom., das 18h às 21h.

CACO E BRANQUINHO. Pinturas e esculturas. **SPAC**, R. Nascimento Silva, 244. De 2ª a 6ª, das 9h às 19h e sáb., das 9h às 13h.

NAGYR: Pinturas: **Centro Interescolar Inácio Azevedo Amaral**, R. Jardim Botânico, 563. De 2ª a 6ª, das 12h às 17h. Até dia 30.

YOLANDA FREIRE. Ambientes. **Museu de Arte Moderna**, Av. Beira-Mar. De 3ª a 6ª, das 12h às 19h; sáb., das 12h às 22h e dom., das 15h às 18h. Até 3 de outubro. **Performances** hoje e dia 26, às 17h. De 3ª a sáb., às 17h, projeção de Super 8.

THOR. Tapetes-objeto. **Galeria Oca**, R. Jangadeiros, 14-C. De 2ª a 6ª, das 8h 30m às 19h e sáb., das 8h 30m às 13h. Até amanhã.

SINHÁ D'AMORA. Pinturas. **Cantinho da Arte**, Everest Rio Hotel, R. Prudente de Morais, 1117. Diariamente, das 10h às 22h. Até terça-feira.

KAZUO IHA. Pinturas. **Galeria Samarte**, Av. Copacabana, 500. De 2ª a 6ª, das 10h às 22h e sáb., das 10h às 19h. Até dia 30.

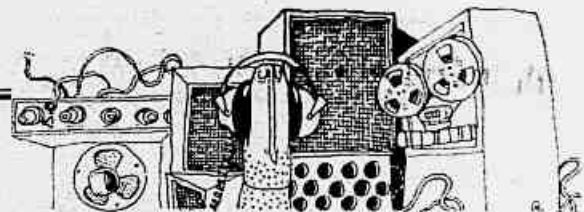
COLETIVA. Obras de Guita, Rissone, Carlos Leão, Nogueira da Gama, Zaluar, Antonio Maia e Victorina Sgaboni. **Galeria Studius**, R. das Laranjeiras, 498. De 2ª a sáb. das 16h às 21h.

COLETIVA. Obras de Sigaud Edgar Walter, Lazzarini, Marie Matos, Scliar e outros. **Galeria Monet**, R. Cinco de Julho, 334, loja 105, Icaraí, Niterói. De 3ª a 6ª, das 15 às 22h e sáb. e dom., das 18h às 22h.

ASCANIO MMM. Esculturas e relevos. **Museu de Arte Moderna**, Av. Beira-Mar. De 3ª a 6ª, das 12h às 19h; sáb., das 12h às 22h e dom., das 15h às 18h. Até dia 26.

UM SÉCULO DE PINTURA NO BRASIL. Sessenta e seis obras de artistas brasileiros e estrangeiros radicados no Brasil, entre eles Louis Moreaux, Vitor Meireles, Decio Villares, Anita Malfatti, Guignard e Djanira. **Galeria Luis Buarque de Holanda e Paulo Bittencourt**, R. das Palmeiras, 19. De 2ª a 6ª, das 13h às 21h; sáb. e dom., das 15h às 19h. Até dia 26.

ARTES GRÁFICAS ROMENAS. Coletiva de gravuras de Ala Jalea, Vasile Kazar, Dan Aroeanu, Leclea George, Micolae Softoiu, Ana Iliut, Joan Gheorghe Ivancenco e Wanda Mihuleac. **Museu Antonio Parreiras**, R. Tiradentes, 47, Ingá, Niterói. De 3ª a 6ª, das 13h às 17h e sáb. e dom. das 14h às 17h. Último dia.

DISCOS

ANJOS DO INFERNO, BANDO DA LUA... A NOSTALGIA DOS VOCAIS DE ANTIGAMENTE

Fornecedor de matéria-prima para os melhores intérpretes do gênero, Monarco é um compositor da Portela que durante anos mostrou seus sambas nas quadras da escola e nos bares de Osvaldo Cruz. Agora tem a primeira oportunidade de mostrá-los ele mesmo em disco. Outras novidades: as vozes do Bando da Lua e dos Anjos do Inferno, numa coletânea de grandes conjuntos vocais brasileiros, e as dos Novos Baianos, com o Lp Caia na Estrada e Perigas Ver. ***Dos internacionais, chegam discos do Jethro Tull, Tower of Power e Fleetwood Mac.***

ALBERTO CARLOS DE CARVALHO.

MONARCO (Continental 1-07-405.088) — Quando Martinho da Vila gravou sua composição **Tudo Menos Amor**, Monarco pôde ultrapassar um reconhecimento de mais de 20 anos nas rodas chegadas ao samba puro, transformando-se num compositor familiar ao grande público. Com ótimos sambas gravados por Paulinho da Viola, Beth Carvalho, Clara Nunes e Roberto Ribeiro, Monarco tem agora a primeira oportunidade de mostrar seu rico material em disco individual. Não esperem um grande cantor, mas um excelente sambista apresentando com simplicidade suas criações.

FLEETWOOD MAC (Reprise/WEA 24.000) — Com 10 anos de carreira e uma série de modificações internas, o grupo inglês Fleetwood Mac vem se mantendo fiel a uma mesma linha musical, embora este seu 14º Lp tenha feito algumas concessões e ingressado numa área mais ampla de consumo dirigido. Como resultado, o disco permanece há um ano entre os 10 mais vendidos nos Estados Unidos. Traz boas vocalizações de Christine McVie e Stevie Nicks, números fortes e, mesmo sem contar com o guitarrista Bob Welch, um instrumental incapaz de desagradar aos seus mais tradicionais admiradores.

OS GRANDES CONJUNTOS VOCAIS BRASILEIROS/ diversos (Continental Série Destaque nº 6/1 19-405.028) — Curiosos, saudosistas e colecionadores vão encontrar nesta coletânea uma pequena amostra das primeiras formações vocais brasileiras, inspiradas nas harmonizações dos grupos norte-americanos da década de 30. Desde os Anjos do Inferno e o Bando da Lua até os Cariocas e Conjunto Farroupilha, passando pelos Quatro Azes e um Coringa e o Trio de Ouro formado pelas vozes de Herivelto Martins, Nilo Chagas e Dalva de Oliveira.

JETHRO TULL/TOO OLD TO ROCK' N'ROLL (Chrysalis 6307.572) — Mais um disco conceitual do grupo que, entre 1968 e 1972, foi um dos principais renovadores da música progressiva inglesa. Desta vez, Ian Anderson conta a história de um roqueiro chamado Ray Lomas. A idéia seria boa se a parte musical não fosse tão fraca e monótona.

NOVOS BAIANOS/CAIA NA ESTRADA E PERIGAS VER (Tapecar X-40). Do forró ao **rock** pesado, o disco traz uma variedade de ritmos onde só o carnaval característico não está presente. Ficou no clima geral. Tendo mais uma vez como ponto forte as guitarras e bandolins de Pepeu, os Novos Baianos comemoram seus sete anos de atividades com o melhor Lp depois de **Acabou Chorare.**

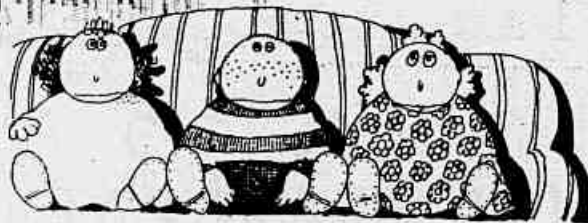
TOWER OF POWER/LIVE AND IN LIVING COLOR (Warner/WEA 26.001). Contando com a voz negra de Hubert Tubbs e uma das melhores seções de metais no gênero **funk**, a banda apresenta, numa gravação ao vivo, alguns números — chave de seu repertório. No lado B há apenas uma música, como pretexto para uma longa **jam-session**, destacando-se bons solos dos saxes de Lenny Pickett, Emilio Castillo e Steve Kupka.

OUTROS LANÇAMENTOS

FAZENDA MODELO/**Terra Boa** (CBS 137949)
JAIR RODRIGUES/**Minha Hora e Vez** (Phonogram 6349.192)
UFO/**No Heavy Petting** (Phonogram 6307.574)
THE MARTIN FORD ORCHESTRA/**Smoovin** (Phonogram 6370.415)

OS COMPACTOS MAIS VENDIDOS

	RIO	SÃO PAULO	EUA	INGLATERRA
1	**NÃO SE VÁ** Jane e Herondy (RCA)	**NÃO SE VÁ** Jane e Herondy (RCA)	**SHAKE YOUR BOOTY** KC & The Sunshine Band (TK)	**DANCING QUEEN** Abba (Epic)
2	**SAILING** Rod Stewart (WEA)	**SAILING** Rod Stewart (WEA)	**PLAY THAT FUNKY MUSIC** Wild Cherry (Epic)	**LET'EM IN** Wings (Parlophone)
3	**EU NASCI HÁ 10 MIL ANOS ATRÁS** Raul Seixas (Phonogram)	**MOÇA BONITA** Ângela Maria (Copacabana)	**LOWDOWN** Bob Scaggs (Columbia)	**DON'T GO BREAKING MY HEART** Elton John & Kiki Dee (Rocket)
4	**TU T' EN VAS** Alan Barriere (RCA)	**LOVE HURTS** Nazareth (Phonogram)	**YOU'LL NEVER FIND** Lou Rawls (Epic)	**A LITTLE BIT MORE** Dr Hook (Capitol)
5	**LOVE HURTS** Nazareth (Phonogram)	**OUR LOVE** Terry Winter (RCA)	**A FIFTH OF BEETHOVEN** Walter Murphy & The Big Apple Band (P. Stock)	**THE KILLING OF GEORGIE** Rod Stewart (Riva)

TELEVISÃO

DASSIN, DE SICA E HUSTON COMPENSAM UMA SEMANA FRACA

Semana das mais mornas para quem não vê filmes na TV por hábito: o generoso volume habitual de produções americanas rotineiras torna-se avalanche, deixando pouco espaço (mais para o fim da semana) para ar fresco. A primeira boa "lufada" vem na quinta-feira, com Sombras do Mal, *exemplar criminal que Jules Dassin realizou em Londres, fotografando em chave expressionista a Capital inglesa pouco antes de sair definitivamente de seu país. A última (e mais solene) está no domingo: reprise de* Ladrões de Bicicletas, *de De Sica, o clássico mais "universal" e menos neo-realista do cinema italiano do pós-guerra. Entre os dois, no sábado, três momentos em que o cinema americano não foi apenas "rotina":* Carta ao Kremlin, *ou a espionagem internacional dissecada até a vertigem por John Huston;* Os Abutres Têm Fome, *western "mexicano" de Don Siegel, brandindo em tom cínico a bandeira ideológica da aventura; e* Meus Dois Carinhos, *melodrama de George Sidney sobre o mundo do espetáculo.*

Em meio à avalanche, os cinéfilos pelo menos poderão conferir dois melodramas vetustos de Frank Borzage, que tem seus defensores: O Revoltado *(amanhã) e* O Amor que não Morreu *(terça). Ernest Lubitsch dá o ar de sua graça em dois episódios do antiqüíssimo (32)* Se Eu Tivesse um Milhão *(amanhã). E* Hienas do Pano Verde *(quarta) não desonra a carreira de Blake Edwards, que ainda não havia encontrado o seu* toque *(de pelica) para falar dos* arrivês.

Se o problema é ver como se comportavam os mitos quando a fábrica de sonhos não se mostrava à altura, estão aí Humphrey Bogart em O Manda-Chuva *(sexta) e Gable/Gardner em* Estrela do Destino *(idem). Como cada década tem o mito que merece, Steve McQueen volta com seu machismo de celulóide no, para muitos, mais que suportável* Bullitt.

O único brasileiro não rotulado (sessão de sábado à tarde é chanchada: O Cantor e o Milionário*) sai da gaveta pela segunda vez imerecidamente: é o lamentável* As Confissões de Frei Abóbora *(quarta).*

CLÓVIS MARQUES

Lamberto Maggiorani: Ladrões de Bicicletas *(domingo, Canal 4)*

OS FILMES DA SEMANA

SEGUNDA, 20

14h Canal 4. **SE EU TIVESSE UM MILHÃO.** Americano de vários diretores (entre os quais Ernest Lubitsch), com Gary Cooper, George Raft, W. C. Fields e Charles Laughton. Comédia de costumes (p&b).

24h Canal 4. **A CALDEIRA DO DIABO (Peyton Place).** Americano de Mark Robson, com Lana Turner e Hope Lange. Melodrama paroxístico (cor).

0h40m Canal 6. **O REVOLTADO (Moonrise).** Americano de Frank Borzage, com Dane Clark, Gail Russel e Ethel Barrymore. Melodrama clássico (p&b).

TERÇA, 21

14h Canal 4. **O AMOR QUE NÃO MORREU (Smilin' Through).** Americano de Frank Borzage, com Jeanette MacDonald, Brian Aherne e Gene Raymond. Melodrama clássico (p&b).

23h20m Canal 6. **MORTE SUSSURRANTE.** Americano de Jeff Corey e Steven Spielberg (TV), com Roy Thinnes e Jim Hutton. Drama sobre um veterano do Vietnã (cor).

24h Canal 4. **DE VOLTA À CALDEIRA DO DIABO.** Americano de José Ferrer, com Jeff Chandler, Eleanor Parker e Carol Lynley. Arquimelodrama (cor).

QUARTA, 22

14h Canal 4. **HIENAS DO PANO VERDE (Mister Cory).** Americano de Blake Edwards, com Tony Curtis, Martha Hyer e Charles Bickford. Drama satírico (cor).

24h Canal 4. **AS CONFISSÕES DE FREI ABÓBORA.** Brasileiro de Braz Chediak, com Tarcísio Meira, Norma Bengell e Jacqueline Myrna. Melodrama (cor).

QUINTA, 23

14h Canal 4. **SEDUÇÃO DE MARROCOS (Road to Morocco).** Americano de David Butler, com Bing Crosby, Bob Hope e Dorothy Lamour. Comédia (p&b).

24h Canal 4. **SOMBRAS DO MAL (Night and the City).** Britânico de Jules Dassin, com Richard Widmark e Gene Tierney. Thriller criminal (p&b).

SEXTA, 24

14h Canal 4. **MARAVILHAS EM DESFILE (Anything Goes).** Americano de Robert Lewis, com Bing Crosby, Donald O'Connor e Mitzi Gaynor. Comédia musicada (p&b).

24h Canal 4. **BULLITT.** Americano de Peter Yates, com Steve McQueen e Jacqueline Bisset. Policial (cor).

0h20m Canal 6. **O MANDA-CHUVA (The Big Shot).** Americano de Lewis Seiler, com Humphrey Bogart e Irene Manning. Criminal (p&b).

2h Canal 4. **ESTRELA DO DESTINO (Lone Star).** Americano de Vincent Sherman, com Clark Gable e Ava Gardner. Western histórico (cor).

SÁBADO, 25

14h Canal 4. **O CANTOR E O MILIONÁRIO.** Brasileiro de José Carlos Burle, com Anselmo Duarte e Eva Wilma. Comédia musicada (p&b).

21h15m Canal 4. **O PIRATA SANGRENTO (The Crimson Pirate).** Americano de Robert Siodmak, com Burt Lancaster e Eva Bartok. Capa-e-espada (cor).

22h40m Canal 6. **MCMILLAN: A CURA FATAL.** Americano de James Sheldon (TV), com Rock Hudson e Susan Saint James. Policial de série (cor).

23h20m Canal 4. **CARTA AO KREMLIN (The Kremlin Letter).** Americano de John Huston, com Patrick O'Neal, Max Von Sydow e Bibi Andersson. Thriller de espionagem (cor).

0h40m Canal 6. **OS ABUTRES TÊM FOME (Two Mules for Sister Sarah).** Americano de Don Siegel, com Clint Eastwood e Shirley MacLaine. Western (cor).

1h20m Canal 4. **MEUS DOIS CARINHOS (Pal Joey).** Americano de George Sidney, com Frank Sinatra, Rita Hayworth e Kim Novak. Melodrama e show-business (cor).

DOMINGO, 26

22h Canal 4. **A COSTA DE SÃO FRANCISCO (The Barbary Coast).** Americano de Bill Bixby (TV), com Dennis Cole e William Shatner. Aventura (cor).

22h Canal 6. **CONFISSÕES DE UM PROMOTOR (Confessions of the D. A. Man).** Americano de Hollingsworth Morse, com Robert Conrad e Julie Cobb. Policial (cor).

24h Canal 4. **LADRÕES DE BICICLETAS (Ladri di Biciclette).** Italiano de Vittorio De Sica, com Lamberto Maggiorani e Enzo Staiola. Drama neo-realista (p&b).

Gene Tierney, Richard Widmark: Sombras do Mal *(quinta-feira, Canal 4)*

Bibi Andersson, Patrick O'Neal: Carta ao Kremlin *(sábado, Canal 4)*

PROGRAMAÇÃO DE HOJE

CANAL 2

13h15m. **João da Silva**. Novela didática.
14h30m. **Imagens**. Informes científicos e culturais. Cor.
15h. **Jornalismo Especial**. Cor.
15h45m. **Ciência em Casa**. Cor.
16h. **Reportagem Musical**. João Nogueira. Cor.
17h. **Opus**. Série musical erudita. Cor.
17h30m. **Galeria 2**. Programa sobre artes plásticas. Cor.
18h. **Profissão Repórter**. A vida e a obra de Volpi. Cor.
18h30m. **Caderno 2**. Hoje: O Parque Laje, Neurose Urbana, Marcus Pereira. Cor.
19h15m. **Teatro**. Sergio Brito. Cor.
20h. **Depoimento**. Ministro Arnaldo Prieto.
21h. **Pequena Antologia da Música Popular Brasileira**. Benê Nunes. Cor.
22h. **Terceiro Tempo**. Cor.
23h. **Futebol**. VT do jogo Vasco x América. Cor.

CANAL 4

8h15m. Padrão a Cores.
8h30m. **Santa Missa em Seu Lar**.
10h. **Concertos para a Juventude**. Cor.
11h. **Scooby Doo**. Desenho. Cor.
12h. **O Planeta dos Macacos**. Seriado com Ron Harpe e James Naughton. Hoje: **O Logro**. Cor.
13h. **Domingo Gente**. Entrevistas e reportagens. Cor.
14h. **Esporte Espetacular**. Cor.
16h. **Disneylandia 76**. Filme: **O Arrepiado**. Cor.
17h. **Moacyr TV**. Os grandes sucessos das novelas. Apres. de Moacyr Franco. Cor.
18h. **Globo de Ouro**. **Hitparade** musical. Cor.
19h. **8 ou 800**. Programa de perguntas e respostas. Apres. de Paulo Gracindo. Cor.
20h. **Fantástico, o Show da Vida**. Cor.
22h. **Tóquio Urgente**. Noticiário. Cor.
22h05m. **Cinema Especial**. Filme: **Mensagem para Minha Filha**. Cor.
24h. **Festival de Sucessos**. Filme: **Demônio de Mulher**. Preto e branco.

CANAL 6

9h15m. **A Voz do Pastor**. D Eugênio Salles.
9h30m. **TVE**. Circuito Nacional.
10h. **Portugal sem Passaporte**. Cor.
11h. **Extensão**. Apres. de Alvaro Valle.
11h30m. **Programa Sílvio Santos**. Cor.
20h. **Os Trapalhões**. **Show** humorístico e musical com Renato Aragão, Dedé Santana, Mauro Gonçalves e Muçum. Cor.
21h40m. **Jornal de Domingo**. Noticiário. Cor.
22h. **Cinerama 76**. **Grau de Assassinato**. Cor.
24h. **Futebol** (VT). Campeonato Brasileiro. Narração de Carlos Lima. Cor.

CANAL 11

11h30m. **Programa Sílvio Santos** (em cadeia com o canal 6). Cor.
20h. **A Vida na Corda Bamba**. Com Mike Connors. Quatro sessões. Cor.
22h. **Futebol**. VT de **Vasco e América**. Cor.
24h. **Encerramento**.
• Nos intervalos entre as sessões, quatro edições de **Fatosefotos da Semana**, noticiário.

CANAL 13

10h50m. **Abertura**.
10h55m. **Universo em Desencanto**. Apres. de João Roberto Kelly.
11h. **A Bronca É da Torcida**. Debates com os chefes das torcidas. Apres. Denis Miranda. Cor.
12h. **Relatório Científico**. Cor.
12h30m. **Repórter Espetacular**. VT.
13h30m. **Matinê 13**. Filme (1ª sessão).
15h30m. **Matinê 13**. Filme (2ª sessão).
17h30m. **Discoteca Cocota**. Musical jovem com **tapes** de astros internacionais. Cor.
18h. **Show de Turismo**. Apres. de Paulo Monte. Cor.
19h. **Cimarron**. Seriado com Stuart Whitman. Cor.
21h. **Longa-Metragem**.
23h. **Longa-Metragem**.

OS FILMES DE HOJE

A programação de hoje oferece três escolhas bem diversas. Demônio de Mulher *é investimento certo na área do espetáculo inteligente. E* Grau de Assassinato *é uma curiosidade do jovem cinema alemão.*

Jack Lemmon, Judy Holliday: **Demônio de Mulher** *(Canal 4, 24h)*

MENSAGEM PARA MINHA FILHA
TV Globo — 22h05m

(A Message to my Daughter). **Produção americana realizada diretamente para a TV por Robert Michael Lewis. No elenco: Bonnie Bedelia, Kitty Winn, Martin Sheen, Neva Patterson, Mark Slade, Richard McMurray, Jan Shutan, King Moody, Bob Goldstein, John Crawford.** Colorido.

• Em conflito com o pai (Sheen, envelhecido para o papel), uma jovem (Winn) parte em viagem "existencial" pelos Estados Unidos, levando consigo as fitas em que sua mãe deixou gravadas impressões pessoais antes de morrer de câncer aos vinte e um anos. As gravações e as lembranças da mãe (Bedelia) materializam algo como uma lição de vida para a jovem que partiu em viagem-procura. Os observadores mostraram-se benevolentes com esta produção estrelada por três jovens "promessas" do cinema americano.

GRAU DE ASSASSINATO
TV Tupi — 22h

(Mord und Totschlag). **Produção alemã de 1966 dirigida por Volker Schlondorff. No elenco: Anita Pallenberg, Hans P. Hallwachs, Manfred Fischbeck, Werner Enke, Angela Hillebrecht, Sonja Karzau, Kurt Bula, Willi Harlander.** Colorido.

• Pallenberg é uma garçonete que, numa discussão, mata acidentalmente o ex-amante (Enke) e oferece dinheiro a um estranho (Hallwachs) para que a ajude a se livrar do cadáver. Apesar do pretexto narrativo, não estamos aqui na esfera do **film-noir**, a não ser como referência longínqua: o cadáver que pesa na relação dos cúmplices é apenas uma presença catalizadora. O realizador Schlondorff (de **A Súbita Riqueza dos Pobres de Kombach**, visto na Cinemateca) pretendeu não só "falar" da juventude alemã, mas fazer "um filme de jovens". Sua visão, se não é desesperada, não chega a ser reconfortante.

DEMÔNIO DE MULHER
TV Globo — 24h

(It Should Happen to You). **Produção americana de 1954, dirigida por George Cukor. No elenco: Judy Holliday, Jack Lemmon, Peter Lawford, Michael O'Shea, Vaughn Taylor, Connie Gilchrist, Whit Bissell, Constance Bennett, Ilka Chase, Melville Cooper.** Preto e branco.

• Nova Iorque: Holliday é Gladys Glover, modelo profissional que estampa seu nome num gigantesco out-door e consegue despertar o interesse de um industrial (Lawford), para desespero de seu namorado cinegrafista (Lemmon). Enésima reprise desta sátira saborosa em que a dupla Cukor/Garson Kanin (roteirista) firmou definitivamente a reputação de La Holliday como a **louquete** por excelência da comédia sofisticada dos anos 50. Vale a pena conferir.

C. M.

RESTAURANTES

E POR QUE NÃO COMER PAISAGENS?

Já uma vez ofereci ao apetite dos leitores paisagens no lugar de pratos. É uma opção razoável em cidade onde a vista é melhor que os restaurantes. Só a repito porque os tempos são outros. O inverno se prolonga. Pancadas de chuva e imprevistas ventanias transformam as vistas tropicais em paisagens de mar Báltico. Poderemos, então, brincar que ainda estamos no inverno. E, de preferência sentados em restaurantes que ficam em andares elevados, contemplar a natureza. Um alimento para a alma.

APICIUS

MESBLA. Rua do Passeio, 42, 11º andar. Tel. 222-0945. Amplo salão em cores claras, abrigando um painel com a Rua do Passeio. Vista panorâmica da enseada da Glória e Parque do Flamengo. Pratos principais: panquecas de siri e medalhão de filé com caviar. De 2ª a 6ª, de 11h 30m às 22h. American Express, Credicard, Diner's, Elo, Passaporte, Nacional e cheques de viagem.

MUSEU DE ARTE MODERNA. Av. Beira-Mar. Tel. 231-1871. Salão amplo, decorado com obras de arte. Vista panoramica da Baía de Guanabara. Coquilles St.-Jacques e **steak** Diana. De 2ª à 6ª, de 12h às 16h. American Express, Credicard, Diner's, Elo, Passaporte, Nacional e cheques de viagem.

ASTRODOME. Rua Araujo Porto Alegre, 36, 15º andar. Tel.: 221-7410. Terraço panorâmico, com mesas ao ar livre. Sopa de cebola. De 2ª à 6ª, de 11h 30m às 23h. Credicard, Diner's, Passaporte e cheques de viagem.

OURO VERDE. (HOTEL OURO VERDE). Av. Atlântica, 1 456, s/l. Tel. 257-1880. Vista panorâmica para a praia de Copacabana e iluminação de velas no jantar. Camarão ao uísque flambado à mesa e escalope ao molho marsala. Diariamente, de 12h à 1h. American Express e cheques de viagem.

EXCELSIOR (HOTEL EXCELSIOR). Av. Atlântica, 1 800, s/l. Tel. 257-1950. Ambiente claro com vista para a praia. **Buffet** frio no almoço e no jantar. Costeletas de porco ao molho picante. Diariamente, de 12h às 16h e de 19h às 22h. American Express, Credicard, Diner's, Elo, Passaporte, Nacional e cheques de viagem.

MIRAMAR (HOTEL MIRAMAR). Av. Atlântica, 3 668, 1º andar. Tel. 247-6070. Amplo salão envidraçado com vista panorâmica da praia de Copacabana. Diariamente, de 12h às 15h e de 19h às 23h. American Express, Diner's, Elo, Passaporte, Nacional e cheques de viagem.

LA FOURCHETTE (LEME PALACE HOTEL). Av. Atlântica, 656, s/l. Tel. 275-8080. Ambiente claro, com flores silvestres no centro das mesas. Vista da praia. Pato ao forno com cerejas flambadas ao conhaque. Diariamente, de 12h às 16h e de 19h às 24h. American Express, Credicard, Diner's, Elo, Passaporte, Nacional e cheques de viagem.

MOENDA (HOTEL TROCADERO). Av. Atlântica, 2 064, s/l. Tel. 257-1834. Decoração colonial. Vista panorâmica. Vatapá, caruru, muquecas de peixes e camarão. Doces caseiros. Diariamente, de 12h à meia-noite. American Express, Credicard, Diner's, Elo, Passaporte, Nacional e cheques de viagem.

SOL IPANEMA (HOTEL SOL IPANEMA). Av. Vieira Souto, 320, s/l. Tel. 227-0060. Ambiente clássico, com vista panorâmica da praia de Ipanema. Camarão ao uísque, preparado à mesa. Fondues. Doces caseiros. Diariamente, de 12h à meia-noite. 6ª e sáb. até 1h 30m. American Express, Credicard, Diner's, Elo, Passaporte, Nacional e cheques de viagem.

BERRO D'ÁGUA. Rua Alberto de Campos, 12. Tel. 227-3951. Decoração rústica, em cerâmica e pedra. Mesas ao ar livre e piscina. Vista panorâmica da Lagoa Rodrigo de Freitas. Feijoadas aos sábados. De 3ª a domingo, a partir de 20h. American Express, Credicard, Diner's, Elo, Passaporte, Nacional e cheques de viagem. Capacidade: até 350 pessoas.

ON THE ROCKS. Rua Alberto de Campos, 12. Tel. 227-3951. Decoração moderna. Vista panorâmica. De 2ª a sáb. a partir de 20h. American Express, Credicard, Diner's, Elo, Passaporte, Nacional e cheques de viagem. Capacidade: até 60 pessoas.

CÉU (HOTEL NACIONAL-RIO). Av. Niemeyer, 769, 27º andar. Tel. 399-1000. Decoração moderna. Vista panorâmica. Camarão no abacaxi. Diariamente, de 12h às 16h e de 19h à 1h. American Express, Credicard, Diner's, Elo, Passaporte, Nacional e cheques de viagem.

MIRADOR (HOTEL RIO-SHERATON). Av. Niemeyer, 121, 5º andar. Tel. 274-1122. Decoração moderna, com piso de cerâmica. Vista panorâmica. Um cardápio por dia, a preço fixo. Diariamente, de 12h à 1h. American Express, Credicard, Diner's, Elo, Passaporte, Nacional e cheques de viagem.

PÃO DE AÇÚCAR. Morro da Urca (acesso pelo bondinho aéreo). Tel. 226-2767. Terraço com vista panorâmica da Baía de Guanabara. Trivial variado. Horário de inverno: de 2ª à 6ª, de 11h às 18h (sáb. e domingo até 20h). Horário de verão: 2ª a domingo, até 22h. American Express, Elo, Passaporte, Nacional e cheques de viagem.

AONDE LEVAR AS CRIANÇAS

HÁ UM BOM FILME E OITO BOAS PEÇAS PARA A GAROTADA

O panorama não apresenta grandes mudanças em relação à semana passada. Em cinema, o destaque ainda é a coletânea de desenhos animados de Disney com o atletismo de Pateta. Em teatro, recomendamos O Patinho Feio, Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove, A Verdadeira História da Gata Borralheira, Maria Minhoca. ***Outras boas escolhas são*** Ambrósio, O Boneco, A Menina que Sonhava, O Palhaço Imaginador, ***e a belíssima*** Lenda do Vale da Lua.

Ana Maria Machado

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

A LENDA DO VALE DA LUA: Texto João das Neves. Dir. Manoel Kobachuk. Músicas de Espírito Santo. Apresentação do grupo Carreta, com Conceição Correa, Jorge Crespo, Júlia Guedes, Manoel Kobachuk e Tunico. **Teatro Gláucio Gil**, Pça. Cardeal Arcoverde. Sáb. e dom., 15h30m. Ing. Cr$ 15. Até o dia 10 de outubro.

AMBROSIO, O BONECO. Texto José Luís Rodi. Dir. José Roberto Mendes. Com Betty Erthal, Laís Dória, Aline Molinari e outros. **Teatro Cacilda Becker**, R. do Catete, 338. Sáb. 17h e dom. 16h. Ing. Cr$ 15.

A MENINA QUE SONHAVA. Texto e dir. Simone Hoffman. Com Luci Gonda, Lia Sol, Fernando César e Anthenor Ribeiro. Músicas de Paulo Guimarães. **Teatro Opinião**, R. Siqueira Campos, 143. Sáb. e dom. 16h. Ing. Cr$ 15.

O PATINHO FEIO. Musical com texto e dir. Maria Clara Machado. Músicas de John Neschling. Coreografia Neiz Laport. Com Sura e Fernando Berditchevsky, Maria Cristina Gatti, Thais Balloni, Ana Lúcia Paula Soares e outros. **Teatro Tablado**, Av. Lineu de Paula Machado, 795. Sáb. e dom. 16h e 17h30m. Ing. Cr$ 20.

FAÇA DO COELHO REI. Texto Pedro Porfírio. Dir. Luiz Mendonça. Com Aline Viveiros, Bren Boni e De Boni. **Teatro Nacional de Comédia**, Av. Rio Branco, 179: Sáb. 15h e 17h, e dom. 10h30m e 15h30m. Ing. Cr$ 15.

EU CHOVO, TU CHOVES, ELE CHOVE. Texto e dir. Sílvia Orthof. Com o grupo Casa de Ensaio. **Museu de Arte Moderna**, Av. Beira-Mar. Sáb. e dom. 16h. Ing. Cr$ 25 e Cr$ 20, sócios do museu e crianças. Espetáculo recomendado pela crítica.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DA GATA BORRALHEIRA. Texto Maria Clara Machado. Dir. Wolf Maia. Com Angela Leal e Sandra Pera. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290: sáb. e dom. 15h30m. Ing. Cr$ 25.

PERERICES DO SACI. Texto M. Cena. Dir. Marcondes Mesqueu. Apres. do grupo Asfalto Ponto de Partida, com Beth Correa, Paulo Custódio, Luís Loiola e Joel da Silva. **Teatro Armando Gonzaga**, Mal. Hermes. Hoje às 10h30m. Ing. Cr$ 10.

DONA RAPOSA, O MACACO TÁ CERTO. Texto e dir. Jair Pinheiro. Com Lea Patrô, Elicio Moreira e outros. **Teatro de Bolso**, Av. Ataulfo de Paiva, 269. Sáb. e dom. 17h. Ing. Cr$ 25.

PALHAÇO IMAGINADOR. Musical de Ronaldo Ciambroni. Dir. Rainer Vieira. Com Adriana de Figueiredo, João Gomes do Rego, Silvia Betina e Maria Stela de Oliveira. **Teatro Luiz Peixoto**, R. 20 de Abril, 14: Sáb. e dom. 17h. Ing. Cr$ 10.

O GRANDE MISTÉRIO DA FLORESTA: Adaptação livre de um conto popular pelo grupo Carreta. Com Jorge Crespo, Toinho Bernardes, Julia Guedes e Manoel Kobachuk. **Teatro de Bonecos e Fantoches do Parque do Flamengo.** Sáb. e dom. 10h30m. Entrada franca.

O SAPO DOURADO: Texto, dir. e músicas Dilu Melo. Com Roberto Argolo, Claudiomar Carvalhal, Sergio Machado, Aline Veiga e Iracema Borges. **Teatro da Galeria**, R. Senador Vergueiro, 93. Sáb. e dom. 17h. Ing. Cr$ 15.

LIBEL, A SAPATEIRINHA. Dir. Jorge Lucio. Prod. Ruth Machado. Com Ruth Machado, Jorge Lucio, Beto Pinheiro, Pery Ramos e Guilherme Santerém. **Teatro Arcádia**, Trav. Alberto Cocozza, 38, Nova Iguaçu. Sáb. e dom. 15h e 17h. Ing. Cr$ 10, e Cr$ 5, crianças. Até dia 26.

O CASAMENTO DE DONA BARATINHA. Musical de Regis Rodrigo e Eliete Regina. Dir. Regis Rodrigo. Com Mário Trinkaus, Walmir Jr. Laís Tadeucci. **Auditório do Grajaú Tênis Clube**, Av. Engenheiro Richard, 83. Sáb. 16h e dom. 10h e 16h. Ing. Cr$ 10. **Último dia.**

CHAPEUZINHO VERMELHO. Dir. Elizeu Miranda. Apresentação do grupo Arco da Velha, com Jane Vieira, Edgar Martorelli, Irene Maria e Elizeu Miranda. **Colégio Franco Brasileiro**, R. das Laranjeiras, 13. Dom. 16h. Ing. Cr$ 15.

DOROTÉIA A BRUXINHA REBELDE. Texto de Elizeu Miranda. Dir. Ricardo Lavalhos. Com Wanda Guedes, Teresa Cristina, Edson Mourão e Solange. **Aliança Francesa da Tijuca**, R. Andrade Neves, 315. Dom. 10h e 16h. Ing. Cr$ 15.

DONA TELEVISÃO É UMA FADA-BRUXA. Texto Caú. Dir. Fayzel. **Teatro Porão-Opinião**, R. Siqueira Campos, 143. Sáb. e dom. 16h e 17h30m. Ing. Cr$ 15.

CHAPEUZINHO VERMELHO. Dir. Sueli Poggio. Prod. Paulo Barcelos. Participação do grupo Fantasia, com Fátima Barcelos, Dino Romano, Amalia Augusta e Eliana Rocha. **Teatro Teresa Raquel**, R. Siqueira Campos, 143. Sáb. 17h. Ing. Cr$ 15.

PERNALONGA, UM COELHO EM APUROS. Texto e dir. Dino Romano. Prod. Paulo Barcelos. Apresentação do grupo Fantasia, com Dino Romano, Amalia Augusta e Eliana Rocha. **Teatro Teresa Raquel**, R. Siqueira Campos, 143. Dom. 17h. Ing. Cr$ 15.

CHAPEUZINHO VERMELHO. Produção de Roberto de Castro. Participação do grupo Carrossel. **Teatro Leopoldo Fróes**, Pça. da República, Niterói. Dom. 16h. Ing. Cr$ 15.

O SOLDADO, O PALHAÇO E A MENINA. Participação do grupo Era Uma Vez. Com Paulo Matozinho e Eliza Simões. **Aliança Francesa da Tijuca**, R. Andrade Neves, 315. Sáb. 16h. Ing. Cr$ 15.

PINÓQUIO, O BONECO DE PAU. Texto e dir. Jair Pinheiro. Com Léa Patro, Elisio Moreira e Olegário de Holanda. **Teatro de Bolso**, Av. Ataulfo de Paiva, 286. Sáb. e dom. 16h. Ing. Cr$ 25.

AVENTURA DE JUJUBA E TETECA. Texto e dir. Bosco Scaffs. Apres. grupo Sétimo Ato, com Liza Torres, Carlos Gomes, Odair Viana, Carlos Faria e Paulo Queiroz. **Teatro da Amizade**, Rua Retiro dos Artistas, 571, Pechincha, Jacarepaguá. Sáb. e dom. 16h30m. Ing. Cr$ 12 e Cr$ 8 (crianças).

MARIA MINHOCA. Texto e dir. Maria Clara Machado. Com Germano Filho e Cristina do Rego Monteiro. **Música de Arte Moderna**, Av. Beira-Mar. **Sáb. e dom. 17h.**

AS INCRÍVEIS INVENÇÕES DO DR. AQUOSO. Grupo Fantoche, com Amália Nochi, Maria Eduarda e Marco Mirelli. **O Gran Circo Batatinha** apresenta grupo Quebra-Cabeças. Dir. Murilo Lima. Com Cylemar Curty, Jorge Correia, Gilvan Tavarini e Silvio Curty. **Recanto Feliz**, Teatro de Marionetes. Programação conjunta de peças no **Parque do Pão de Açúcar**, Morro da Urca. De 2ª a sáb., das 10h às 18h30m, com. das 9h às 19h. Ing. incluído nos preços das passagens ao alto do Pão de Açúcar: crianças até três anos grátis; de três a 12 anos Cr$13; mais de 12 anos Cr$ 26; ida e volta.

OS TRÊS PORQUINHOS E GASPARZINHO, O FANTASMINHA LEGAL. Texto e dir. Roberto de Castro. Apresentação do grupo Carrossel. **Teatro da Praia**, R. Fco. Sá, 88: Sáb. 16h. Ing. Cr$ 15.

QUEM QUER CASAR COM A DONA BARATINHA. Texto e dir. Roberto de Castro. Apres. grupo Carrossel. **Teatro da Praia**, R. Fco. Sá, 88. Dom. 16h. Ing. Cr$ 15. Meia hora antes do espetáculo, recreação infantil com titio Heraldo.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES. Prod. Roberto de Castro. Apres. grupo Carrossel. **Teatro da Praia**, R. Fco. Sá, 88. Dom. 15h Ing. Cr$ 15. Meia hora antes do espetáculo, recreação infantil com titio Heraldo.

JOÃOZINHO E MARIA NA CASA DA BRUXA. Texto e dir. de Jair Pinheiro. Com Jair Pinheiro, Lea Patrô, Lídia Iório e Ricardo Howat. **Teatro de Bolso**, Av. Ataulfo de Paiva, 269. Sáb. e dom. 16h. Ing. **Cr$ 25.**

CAPITÃO BERIGUNDI. De Washington Guilherme. Com América Maria, Ítalo Freitas, Conrado Gonçalves e Lina Costa. **Teatro Brigite Blair**, R. Miguel Lemos, 51. Sáb. e dom. 17h. Ing. Cr$ 15.

COELHO PITOMBA. De Milton Luís. Dir. Dilu Melo. Prod. Brigite Blair. Com Roberto Argolo, Claudiomar Carvalhal, Iracema Borges, Sergio Machado. **Teatro Brigite Blair**, R. Miguel Lemos, 51. Dom. 18h. Ing. Cr$ 15.

CINEMAS

RITMO ALUCINANTE — Ver **Estréias** em **Cinema.** (Livre).
A TERRA QUE O MUNDO ESQUECEU — Ver **Continuações** em **Cinema.** (10 anos).
PATETA, O SUPER ATLETA — Ver **Continuações** em **Cinema.** (Livres).
O MUNDO EM QUE GETÚLIO VIVEU — Ver **Continuações** em **Cinema.** (Livre).
O HOMEM QUE QUERIA SER REI — Ver **Continuações** em **Cinema.** (10 anos).
SIMBAD, O MARUJO TRAPALHÃO — Ver **Reapresentações** em **Cinema.** (Livre).
O NEGRINHO DO PASTOREIO — Ver **Matinês** em **Cinema.** (Livre).
AS AVENTURAS DE ALICE NO MUNDO DAS MARAVILHAS — Ver **Matinês** em **Cinema.** (Livre).
CARAMBOLA — Ver **Extra** em **Cinema.** (Livre).
SESSÃO INFANTIL — Hoje, às 18h30m, no **Ilha Autocine: O Sítio do Pica-Pau Amarelo.** (Livre).

O Palhaço Imaginador: *musical de Ronaldo Ciambroni, cartaz do* Teatro Luiz Peixoto

PARQUES

PARQUE DO FLAMENGO: Com 1 milhão e 200 mil m2 de área, jardins artísticos e gramados, estação de trenzinho, pista de aeromodelismo, pista de dança, praia artificial com 1 mil e 700m de extensão, oito campos de **pelada** e oito quadras de voleibol, basquete e tênis, modelismo naval, teatro de fantoches e marionetes, aldeia de brinquedos, coretos para exibição de bandas, postos de gasolina, estacionamento para automóveis e telefones públicos.

JARDIM BOTÂNICO. O maior jardim botânico tropical do mundo, com 1 milhão e 500 mil m2 de área verde, 12 km de aléias e caminhos, lagos, cascatas e plantas da floresta amazônica, entre elas a vitória-régia. Sete mil espécies de plantas classificadas e a mais completa coleção de palmeiras, com cerca de 300 tipos diferentes. Visita a prédios históricos, como a Casa-Grande da Fazenda Rodrigo de Freitas e a Fábrica de Pólvora, fundada em 1808. Lanchonete e **playground.** Estacionamento pela entrada da R. Jardim Botânico, 1008 (287-3156). Horário de inverno: das 8h30m às 17h30m. No verão, até às 18h30m. Ing. Cr$ 2 e crianças com menos de oito anos não pagam.

PARQUE LAJE. Com uma grande mansão, sede do Instituto de Belas-Artes, florestas, grutas, t[illegible] são, calabouço dos escravos, jardins, lagos, represas. R. Jardim Botânico, [illegible]. Das 8h às 17h30m, exceto às segundas.

QUINTA DA BOA VISTA. Antiga Chácara do Elias, uma das mais belas residências da época que, ofertada a D João VI, se tornou o Paço de São Cristóvão. Ali moraram D Pedro I e D Pedro II. Hoje sede do Museu Nacional.

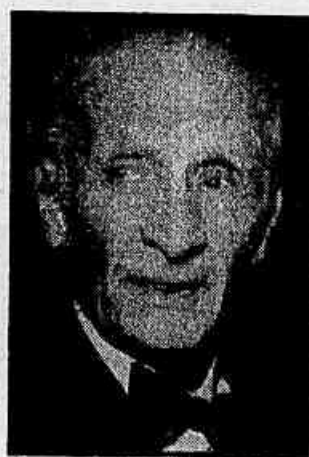
JARDIM ZOOLÓGICO. Numerosas espécies de animais da fauna mundial. Grande coleção de aves e pássaros do Brasil. Na Quinta da Boa Vista (254-2024), diariamente das 8h às 17h. Ing. Cr$ 2. Crianças com menos de 1,20m não pagam.

PARQUE DA CIDADE. Com lagos, bosques, jardins artísticos, extensos gramados e ainda o Museu da Cidade. Estrada Santa Marinha s/nº. De 3ª a 6ª, das 13h às 1[illegible] sáb. e dom., das 11h às 17h.

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 19 DE SETEMBRO DE 1976

JORNAL DO BRASIL
ESPECIAL

Abdias Silva

Melo Viana
Para o progresso e felicidade da grande pátria

Flores da Cunha
"Non é cosa comprovata"

UMA CONSTITUIÇÃO NASCIDA DO DEBATE

Eram 15h do dia 18 de setembro de 1946, no velho Palácio Tiradentes. O Senador Melo Viana, do PSD mineiro, anuncia que vai ser promulgada a nova Constituição, instrumento pelo qual "emergimos — diz ele — de um regime ditatorial sombrio, em que as garantias individuais foram canceladas."

Dos 323 constituintes, só um não estava presente: Getúlio Dorneles Vargas. Eleito Senador pelo Rio Grande do Sul, o Presidente deposto a 29 de outubro do ano anterior preferira poupar-se de ouvir de corpo presente o duro julgamento da Carta que outorgara em 1937 e as criticas por vezes muito ásperas à sua atuação politica e à sua administração.

A elaboração da Constituição de 1946 se processou notoriamente sob o espirito de repúdio ao Estado Novo, espirito que se manifestou já na sessão de abertura, a 1º de fevereiro, dirigida pelo Sr Valdemar Falcão, na qualidade de presidente do Tribunal Superior Eleitoral.

Mal pronunciadas suas palavras — "Está assim o Brasil na plenitude do regime democrático" — e o primeiro orador da Constituinte a se pronunciar, Sr Mauricio Grabois, do Partido Comunista, eleito pelo Distrito Federal, levanta-se para discutir as normas regimentais e diz que elas não poderiam ter qualquer vinculo com "a Carta caduca e parafascista de 10 de novembro de 1937."

Eleito presidente da Assembléia, o Sr Melo Viana (200 votos contra 15 dados ao Senador Luis Carlos Prestes e 14 a outros constitituintes), quem discursa para saudá-lo é o Deputado José Maria Alkmin (PSD-MG), que tem os seus aplausos secundados pela bancada comunista através do seu lider, para quem Melo Viana certamente "demonstrará o mesmo espirito liberal e democrático que impera na terra de Tiradentes."

Único poder soberano

Os primeiros debates da Assembléia Constituinte giram em torno do que se deveria tomar como ponto de partida para elaborar a nova Constituição. O Deputado Arruda Camara (PDC-PE) sugere a Carta de 1934. O Deputado Armando Fontes, do Partido Republicano (SE) preconiza um Ato Institucional Provisório até que se concluam os trabalhos da Assembléia e critica a Carta de 1937, dizendo que "uma Constituição não é apenas o conjunto de regras a que se atribui esse nome, porque tenha adotado a forma geralmente usada na feitura das leis."

"Para que adquira hierarquia sobre as outras leis — acrescenta — para que atinja a dignidade que lhe é própria, é necessário que tenha provindo do único poder que legitimamente dispõe de soberania. Esse poder é o povo."

"Mas nós fomos eleitos em virtude da Carta de 1937", diz o Senador Nereu Ramos (PSD-SC), lider da Maioria e presidente da Comissão da Constituição na Assembléia.

"Não lhe devemos respeito," afirma o deputado Hermes Lima, da Esquerda Democrática, eleito pelo Distrito Federal.

"Os Partidos que aqui estão — retruca o Sr Nereu Ramos — se comprometeram a respeitar a Constituição perante o Tribunal Eleitoral".

"Qual? Como? Onde?" — brada o Deputado Nestor Duarte (UDN-BA).

"Qual Constituição?" — reforça o Deputado Plinio Barreto (UDN-SP).

"A de 1937," responde o Sr Nereu Ramos.

"Perdão. Comprometeram-se a respeitar o regime democrático", intervém o Sr Armando Fontes.

"Quem desrespeitou a Constituição de 1937 foi o Sr Getulio Vargas, que a golpeou várias vezes", diz o Deputado José Leonil (UDN-RJ).

"Se o Tribunal Eleitoral me tivesse pedido declaração de respeito à Constituição de 1937" — diz Hermes Lima, — "eu teria recusado o meu mandato.

"Todos nós," acrescenta o Deputado Prado Kelly (UDN-RJ), ao que o Sr Nereu Ramos retruca: "Não desejamos que os Senhores Constituintes aqui reunidos respeitem senão os principios democráticos da Carta de 37".

"Nem com essa ressalva," responde o Sr Prado Kelly.

Nesse tom se desenvolvem os primeiros debates da Constituinte, na fase em que se procura um modelo para a nova Carta e um roteiro para os trabalhos da Assembléia. A UDN e o PR sugerem o que o Deputado Aliomar Baleeiro (UDN-BA) chama de "ato abreviado", limitando o arbitrio do Presidente Eurico Gaspar Dutra. Mas o lider da Maioria recusa:

"Não viemos aqui para votar retalhos de Constituição, nem para elaborar atos institucionais".

Nereu Ramos
A defesa de 37 em 46

Café Filho
O medo das emendas

Preâmbulo

Quase todos os problemas suscitados na Assembléia são polêmicos, desde o preambulo. O Deputado Clemente Mariani (UDN-BA), constituinte de 34, se confessa lisonjeado por verificar a influência que dela se transpõe para a de 46.

"Mas não me conformo," diz, "com a fórmula pretensiosa de nos considerarmos sob a proteção de Deus, em vez de humildemente invocarmos Sua inspiração para o desempenho do nosso mandato."

"Fórmula imodesta", observa o Deputado Nestor Duarte. "Nossa única esperança", intervém o Sr Hermes Lima, "é que Deus não tome conhecimento dela".

Além do preambulo, Clemente Mariani tem outras reservas: não entende a supressão de certos dispositivos quanto à politica imigratória nem à indecisão sobre o que considera conquistas politicas tais como a coincidência de mandatos e o sistema unicameral com o Senado funcionando como órgão de colaboração e coordenação.

Construindo a força

Quando se chega à divisão dos poderes, a discussão envereda para a opção presidencialismo-parlamentarismo e de imediato para o fenômeno que hoje parece tão ou mais atual que em 1946: a hipertrofia do Poder Executivo.

"Nesse pessimismo politico que é a nota mais dolorosa dos nossos tempos de República", diz o Sr Aloisio de Carvalho (UND-BA), "coube sempre a primazia não só nos julgamentos mas nos fatos ao Poder Executivo, através de sua evidente, flagrante, incontestável, indiscutivel hipertrofia. E' a diminuição sensivel e cada vez maior do prestigio e da autoridade do Parlamento. O Poder Executivo, sempre que possivel, e muitas vezes além do possivel, procura a todo o transe realizar ele só a administração e até a politica, com o desprestigio evidente do Parlamento".

"Todo o progresso do Brasil é consequência do regime presidencial", contesta o Sr Dioclécio Duarte (PSD-RN). "Cinquenta anos de parlamentarismo nada realizaram na Monarquia".

"Realizaram o equilibrio da politica e o progresso que as aquisições da ciência então permitiram", retruca o Sr Aloisio de Carvalho. "Evidentemente o parlamentarismo não podia extinguir a variola na Capital da República, quando ainda não se conhecia o sistema de vacinação".

"Argumento pueril", diz o Deputado Deoclécio Duarte. "A verdade é que o parlamentarismo fracassou na Monarquia".

— "*Non é cosa comprovata*", aparteia o Deputado Flores da Cunha, da UDN do Rio Grande do Sul.

Alguns dias mais tarde, o Sr Raul Pila, (PL-RS), apresenta a emenda parlamentarista, derrotada por 154 a 69 votos.

Aliomar Baleeiro
Construindo a forca

Raul Pila
Democracia de ficção

A esta altura, o Deputado Café Filho (PSP-RN), está cheio de dúvidas. Acha bom o projeto da Constituição, mas teme as emendas, que até a redação final chegam a 6 mil com quase 2 mil subemendas, teme as injunções partidárias, teme os apegos a cargos e às situações politicas.

"Tudo isso pode nos levar", adverte, "a regime pior que a ditadura, regime de Parlamento sem poder deliberar, no qual quem resolve é o Poder Executivo".

"Democracia de ficção", observa o Sr Raul Pila.

"Aqueles que querem reforçar de tal modo o Poder Executivo na Constituição", declara Aliomar Baleeiro, "talvez estejam construindo a forca na qual serão pendurados dentro desse mesmo quadriênio. Muito provavelmente vão morrer pela corda que estão trançando."

"Os que querem a hipertrofia do Executivo são os saudosistas da ditadura", intervém o Deputado Lino Machado, do Partido Republicano pelo Maranhão.

"Não sabe o meu nobre colega", responde o Deputado Café Filho, "a alegria que me proporciona com o seu aparte. Já vivi no Parlamento, já senti as crises e já ouvi palavras como as que V Exa pronuncia: que a forca podia apanhar aqueles que a preparavam. A forca já me pegou a mim. Como Deputado, perdi o mandato e vi-me obrigado a fugir para o estrangeiro".

"V Exa tem experiência", observa o Deputado Plinio Barreto.

"Tenho a experiência do passado recente, a que junto as desconfianças do presente", diz o Sr Café Filho.

Pecado da timidez

Chegam os constituintes ao capitulo da ordem econômica e social e novamente se afirmam as criticas e desconfianças quanto ao projeto.

"É critico, longo, analitico, minucioso", sentencia o Deputado Hermes Lima. "Em matéria econômica e social, as declarações de principios pecam antes pela timidez do que pela extensão e coragem. Exemplo: o Artigo 164 dá ao Estado a faculdade de monopolizar empresas ou atividades econômicas. Melhor fora que se tivesse limpamente declarado o principio da nacionalização. Entre nós, o Estado jamais deixou de intervir no dominio econômico. Basta recordar as diversas intervenções no café e ainda na lei dos reajustes econômicos".

"Pode citar os Institutos", lembra o Deputado Ferreira de Souza (UND-RN).

"E' melhor regular a intervenção do Estado na Constituição do que deixá-la ao arbitrio do Governo. Este é o perigo", intervém o Deputado Osmar de Aquino (UND-PB).

O Deputado Aliomar Baleeiro concorda com Hermes Lima. Espanta-se com a diferença entre o projeto em elaboração e as Cartas de 1824, 1891 e 1934. A Minoria jamais se refere à Carta de 1937 como Constituição.

"Naquelas", lembra o parlamenter baiano, que se firma como uma das grandes figuras da Constituinte, "havia um surto de fé profunda na perenidade da obra a que se dedicavam. Creio que esta é mais cética, a mais melancólica das Assembléias Constituintes que já se reuniram no Brasil. Nenhum de nós parece que acredita estar construindo para os séculos".

"Isto é mal da época", diz o Sr Ferreira de Souza.

"O projeto é conservador, reacionário e até clerical, se me perdoa o nobre colega Padre Medeiros Neto (PSD-AL). Em verdade, as constituições, como Adão, também são feitas de barro, inerte e frio. E' preciso que se lhes dê um sopro de vida e infelizmente esse sopro de vida em relação às constituições não é dado pelos deuses, mas por pulmões muito humanos".

"Este sopro de vida está faltando à Constituição", declara o Deputado Raul Pila.

"No capitulo da politica tributária", adianta o Deputado Aliomar Baleeiro, "uma solução que eu apontaria aos constituintes de 1946 seria esta: inscrever expressamente na Constituição que o aparelho fiscal não é apenas um fornecedor de dinheiros para a manutenção de serviços públicos, mas órgão de direção de justiça social. Toda a reforma financeira partiria deste principio. Que juizo fará a posteridade de todos nós, quando apurar a composição social desta Constituinte e verificar que trouxemos aqui o egoismo de nossa classe?"

De qualquer forma, o projeto chega à redação final. Ao ser recebido pela Mesa na 71a. sessão (27 de maio) e votado no dia 31 do mesmo mês, ele passa em primeiro turno, em votação global. Alguns entretanto encaminham declarações de voto, para que conste dos anais sua inconformidade, embora o aprovem e se disponham a assiná-lo.

O Deputado Caires de Brito (PC-SP) enumera entre outros os seguintes pontos de discordancia: o projeto não expressa a realidade brasileira, conquanto seja melhor que a Carta outorgada de 37; a hipertrofia do Executivo oferece o perigo de um novo golpe de estado; o "velho" Senado deve ser eleito pelo sistema majoritário e não pelo caráter proporcional, como se dispõe para a Camara dos Deputados e, finalmente, "a Justiça Eleitoral fica entregue ao Presidente da República", além de negar o voto ao analfabeto e ao soldado, e autonomia aos principais municipios. Tudo isto para não falar no problema da terra, o latifúndio e "os restos feudais" como os comunistas gostam de dizer, sempre que abordam seu tema preferido — a reforma agrária.

Na mesma oportunidade, o Deputado Raul Pila declara discordar do capitulo sobre a organização dos poderes, em que, diz ele, os constituintes "reincidem em velhos erros". Acompanham o velho lider politico os Srs José Augusto (UDN-RN), Aloisio de Carvalho, Nestor Duarte, Café Filho, Glicério Alves (PSD-RS) e Aluizio Alves (UDN-RN).

O escândalo maior

Alguns capitulos importantes atravessam entretanto todo o curso dos debates pacificamente. Estão neste caso a inviolabilidade dos congressistas no exercicio do mandato por suas opiniões, palavras e votos, o direito de greve e os direitos e garantias individuais, cujos pontos de conflito — quando existem — são menos quanto à essência do que quanto à forma.

A margem dos debates sobre o trabalho especifico de elaborar a Constituição, a Assembléia Nacional de 1946 praticamente disseca tudo quanto ocorre no pais, naquele periodo. Dez Partidos estão ali representados e cada um tem interesses politicos nos acontecimentos. Um exemplo é o chamado "escandalo do algodão", envolvendo o Deputado Hugo Borghi, acusado de auferir lucros com financiamentos do Banco do Brasil para fins politicos.

O Deputado Otávio Mangabeira (UDN-BA) chama ao debate o Deputado Souza Costa (PSD-RS), que havia sido Ministro de Vargas:

"Estou profundamente convencido", diz ele "de que o caso do financiamento do algodão envolve o maior escandalo politico-administrativo da História do Brasil. E' como penso e o declaro".

"V Excia está em erro", aparteia o Sr Souza Costa, "e espero convencê-lo".

"Terei o maior prazer, se V Excia o fizer, apenas não acredito. Se entretanto me convencer, declara-lo-ei desta tribuna. O Sr Deputado Souza Costa fará um milagre — e eu lhe farei justiça — se conseguir libertar-se das garras em que esse libelo o traz seguro. Estou profundamente convencido de que S Excia, para servir à politica da Ditadura de que era Ministro, lançará mão do dinheiro público para, de modo indireto, ajudar o "Queremismo", que era a campanha da perpetuação do ditador no Poder. Estou profundamente convencido".

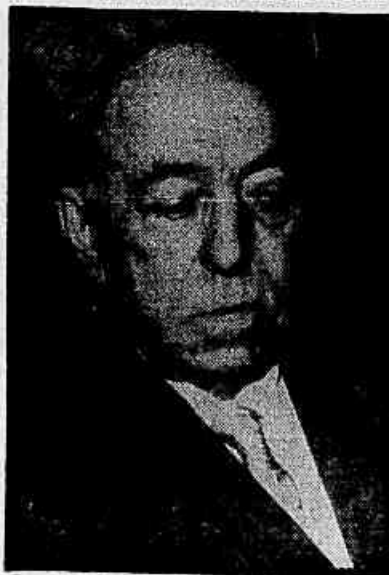
"E todo o pais", reforça o Deputado Fernandes Távora (UDN-CE). "O pais não, a UDN. Mas o pais é o maior do que a UDN" intervém o Senador Pedro Ludovico (PSD-GO). "E a prova é que vencemos as eleições".

"Com o dinheiro da Nação, com dinheiro obtido por meios indevidos", diz o Sr Aliomar Baleeiro.

Pelo menos uma centena de episódios como este enchem os 26 volumes dos Anais da Constituinte, desde o comicio de 1º de Maio, no Largo da Carioca, proibido pelo Chefe de Policia Pereira Lira à declaração de Luis Carlos Prestes sobre a hipótese de uma guerra entre a Rússia e o Brasil, às denúncias de Barreto Pinto visando à cassação do registro do Partido Comunista, até o beijo de Mangabeira na mão de Eisenhower.

Tudo parece demonstrar o quanto foi árdua a tarefa que se concluiu a 18 de setembro de 1946, quando "todas as esperanças da Nação e todos os seus anseios democráticos" se voltam para a Assembléia e quando o Sr Melo Viana convida os Constituintes a assinarem a nova Constituição. Se ela é boa ou má, se "contempla o futuro ou se volta para o passado", como disse certa vez o Deputado Luis Viana (UDN-BA), tudo estará agora superado. O que importa é promulgar uma Carta que substitua a do Estado Novo. E que resulta do esforço de todos, como diz o Sr Melo Viana na oração de despedida, "para o progresso e felicidade da grande pátria que Deus deu e que ainda maior legaremos às gerações porvindouras".

Hermes Lima
Que Deus não tome conhecimento

Abdias Silva é repórter do JORNAL DO BRASIL, em Brasília.

O capítulo dos Direitos e Garantias Individuais das Constituições de 1946 e 1969 — o desta resultado da ampla emenda à Constituição de 1967, promulgada pelo Congresso Nacional durante o Governo do Presidente Castelo Branco, guardam muitas semelhanças, mas contém algumas dissemelhanças, principalmente devido aos acréscimos ditados pelos interesses da Revolução de 1964.

Muitos dos direitos e garantias oferecidos pela Carta de 1969, estão limitados ou suspensos pelo Ato Institucional nº 5:

"Artigo 4º — No interesse de preservar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais."

O Parágrafo 1º do Artigo 5º diz o seguinte:

"O ato que decretar a suspensão dos direitos políticos poderá fixar restrições ou proibições relativamente ao exercício de quaisquer outros direitos públicos ou privados."

"Artigo 6º — Ficam suspensas as garantias constitucionais ou legais de: vitaliciedade, inamovibilidade e estabilidade, bem como a de exercício em funções por prazo certo."

"Artigo 8º — O Presidente da República poderá, após investigação, decretar o confisco de bens de todos quanto tenham enriquecido ilicitamente, no exercício de cargo ou função pública, inclusive de autarquias, empresas públicas e sociedades de economia mista, sem prejuízo das sanções penais cabíveis."

"Artigo 10 — Fica suspensa a garantia de habeas-corpus, no caso de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular."

"Artigo 11 — Excluem-se de qualquer apreciação judiical todos os atos praticados de acordo com este Ato Institucional e seus Atos Complementares, bem como os respectivos efeitos."

DIREITOS E GARANTIAS INDIVIDUAIS

Art. 141 — A Constituição assegura aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à vida, à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes

§ 1º — Todos são iguais perante a lei.

§ 2º — Ninguém pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei.

§ 3º — A lei não prejudicará o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada.

§ 4º — A lei não poderá excluir da apreciação do Poder Judiciário qualquer lesão de direito individual.

§ 5º — E' livre a manifestação do pensamento, sem que dependa de censura, salvo quanto a espetáculos e diversões públicas, respondendo cada um, nos casos e na forma que a lei preceituar, pelos abusos que cometer. Não é permitido o anonimato. E' assegurado o direito de resposta. A publicação de livros e periódicos não dependerá de licença do poder público. Não será, porém, tolerada propaganda de guerra, de processos violentos para subverter a ordem política e social, ou de preconceitos de raça ou de classe.

§ 6º — E' inviolável o sigilo da correspondência.

§ 7º — E' inviolável a liberdade de consciência e de crença e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, salvo o dos que contrariem a ordem pública ou os bons costumes. As associações religiosas adquirirão personalidade jurídica na forma da lei civil.

§ 8º — Por motivo de convicção religiosa, filosófica ou política, ninguém será privado de nenhum dos seus direitos, salvo se a invocar para se eximir de obrigação, encargo ou serviço impostos pela lei aos brasileiros em geral, ou recusar os que ela estabelecer em substituição daqueles deveres, a fim de atender escusa de consciência.

§ 9º — Sem constrangimento dos favorecidos, será prestada por brasileiro (Art. 129, ns. I e II) assistência religiosa às Forças Armadas e, quando solicitada pelos interessados ou seus representantes legais, também nos estabelecimentos de internação coletiva.

§ 10 — Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal. E' permitido a todas as confissões religiosas praticar neles os seus ritos. As associações religiosas poderão, na forma da lei, manter cemitérios particulares.

§ 11 — Todos podem reunir-se, sem armas, não intervindo a polícia senão para assegurar a ordem pública. Com esse intuito, poderá a polícia designar o local para reunião, contanto que, assim procedendo, não a frustre ou impossibilite.

§ 12 — E' garantida liberdade de associação para fins lícitos. Nenhuma associação poderá ser compulsoriamente dissolvida senão em virtude de sentença judiciária.

§ 13 — E' vedada a organização, o registro ou o funcionamento de qualquer Partido político ou associação, cujo programa ou ação contrarie o regime democrático, baseado na pluralidade dos Partidos e na garantia dos direitos fundamentais do homem.

§ 14 — E' livre o exercício de qualquer profissão, observadas as condições de capacidade que a lei estabelecer.

§ 15 — A casa é o asilo inviolável do indivíduo. Ninguém poderá nela penetrar à noite, sem consentimento do morador, a não ser para acudir a vítimas de crime ou desastre, nem durante o dia fora dos casos e pela forma que a lei estabelecer.

§ 16 — E' garantido o direito de propriedade, salvo o caso de desapropriação por necessidade ou utilidade pública, ou por interesse social, mediante prévia e justa indenização em dinheiro. Em caso de perigo iminente, como guerra ou comoção intestina, as autoridades competentes poderão usar da propriedade particular, se assim o exigir o bem público, ficando, todavia, assegurado o direito a indenização ulterior.

§ 17 — Os inventos industriais pertencem aos seus autores, aos quais a lei garantirá privilégio temporário ou, se a vulgarização convier à coletividade, concederá justo prêmio.

§ 18 — E' assegurada a propriedade das marcas de indústria e comércio, bem como a exclusividade do uso do nome comercial.

§ 19 — Aos autores de obras literárias, artísticas ou científicas pertence o direito exclusivo de reproduzi-las. Os herdeiros dos autores gozarão desse direito pelo tempo que a lei fixar.

§ 20 — Ninguém será preso senão em flagrante delito ou, por ordem escrita da autoridade competente, nos casos expressos em lei.

§ 21 — Ninguém será levado à prisão ou nela detido se prestar fiança permitida em lei.

§ 22 — A prisão ou detenção de qualquer pessoa será imediatamente comunicada ao juiz competente, que a relaxará, se não for legal, e, nos casos previstos em lei, promoverá a responsabilidade da autoridade coatora.

§ 23 — Dar-se-á habeas-corpus sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder. Nas transgressões disciplinares, não cabe o habeas-corpus.

§ 24 — Para proteger direito líquido e certo não amparado por habeas-corpus, conceder-se-á mandado de segurança, seja qual for a autoridade responsável pela ilegalidade ou abuso de poder.

§ 25 — E' assegurada aos acusados plena defesa, com todos os meios e recursos essenciais a ela, desde a nota de culpa, que, assinada pela autoridade competente, com os nomes do acusador e das testemunhas, será entregue ao preso dentro em 24 horas. A instrução criminal será contraditória.

§ 26 — Não haverá foro privilegiado nem juízes e tribunais de exceção.

§ 27 — Ninguém será processado nem sentenciado senão pela autoridade competente e na forma de lei anterior.

§ 28 — E' mantida a instituição do júri, com a organização que lhe der a lei, contanto que seja sempre ímpar o número dos seus membros e garantido o sigilo das votações, a plenitude da defesa do réu e a soberania dos veredictos. Será obrigatoriamente da sua competência o julgamento dos crimes dolosos contra a vida.

§ 29 — A lei penal regulará a individualização da pena e só retroagirá quando beneficiar o réu.

§ 30 — Nenhuma pena passará da pessoa do delinquinte.

§ 31 — Não haverá pena de morte, de banimento, de confisco nem de caráter perpétuo. São ressalvadas, quanto à pena de morte, as disposições da legislação militar em tempo de guerra com país estrangeiro. A lei disporá sobre o sequestro e o perdimento de bens, no caso de enriquecimento ilícito, por influência ou com o abuso de cargo ou função pública, ou de emprego em entidade autárquica.

§ 32 — Não haverá prisão civil por dívida, multa ou custas, salvo o caso de depositário infiel e o de inadimplemento de obrigação alimentar, na forma da lei.

§ 33 — Não será concedida a extradição de estrangeiro por crime político ou de opinião e, em caso nenhum, a de brasileiro.

§ 34 — Nenhum tributo será exigido ou aumentado sem que a lei o estabeleça; nenhum será cobrado em cada exercício sem prévia autorização orçamentária, ressalvada, porém, a tarifa aduaneira e o imposto lançado por motivo de guerra.

§ 35 — O poder público, na forma que a lei estabelecer, concederá assistência judiciária aos necessitados.

§ 36 — A lei assegurará:

I — o rápido andamento dos processos nas repartições públicas;

II — a ciência aos interessados dos despachos e das informações a que eles se refiram;

III — a expedição das certidões requeridas para defesa de direitos;

IV — a expedição das certidões requeridas para esclarecimento de negócios administrativos, salvo se o interesse público impuser sigilo.

§ 37 — E' assegurado a quem quer que seja o direito de representar, mediante petição dirigida aos poderes públicos, contra abusos de autoridades, e promover a responsabilidade delas.

§ 38 — Qualquer cidadão será parte legítima para pleitear a anulação ou a declaração de nulidade de atos lesivos do patrimônio da União, dos Estados, dos Municípios; das entidades autárquicas e das sociedades de economia mista.

Art. 142 — Em tempo de paz, qualquer pessoa poderá com os seus bens entrar no território nacional, nele permanecer ou dele sair, respeitados os preceitos da lei.

Art. 143 — O Governo federal poderá expulsar do território nacional o estrangeiro nocivo à ordem pública, salvo se o seu cônjuge for brasileiro, e se tiver filho brasileiro (Art. 129, nºs I e II) dependente da economia paterna.

Art. 144 — A especificação dos direitos e garantias expressas nesta Constituição não exclui outros direitos e garantias decorrentes do regime e dos princípios que ela adota.

1969

Art. 153 — A Constituição assegura aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

§ 1º — Todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça, trabalho, credo religioso e convicções políticas. Será punido pela lei o preconceito de raça.

§ 2º — Ninguém sera obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei.

§ 3º — A lei não prejudicará o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada.

§ 4º — A lei não poderá excluir da apreciação do Poder Judiciário qualquer lesão de direito individual.

§ 5º — E' plena liberdade de consciência e fica assegurado aos crentes o exercício dos cultos religiosos, que não contrariem a ordem pública e os bons costumes.

§ 6º — Por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, ninguém será privado de qualquer dos seus direitos, salvo se o invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta, caso em que a lei poderá determinar a perda dos direitos incompatíveis com a escusa de consciência.

§ 7º — Sem caráter de obrigatoriedade, será prestada por brasileiros, nos termos da lei, assistência religiosa às forças armadas e auxiliares, e, nos estabelecimentos de internação coletiva, aos interessados que a solicitem, diretamente ou por intermédio de seus representantes legais.

§ 8º — E' livre a manifestação de pensamento, de convicção política ou filosófica, bem como a prestação de informação independentemente de censura, salvo quanto a diversões e espetáculos públicos, respondendo cada um, nos termos da lei, pelos abusos que cometer. E' assegurado o direito de resposta. A publicação de livros, jornais e periódicos não depende de licença da autoridade. Não serão, porém, toleradas a propaganda de guerra, de subversão da ordem ou de preconceitos de religião, de raça ou de classe, e as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes.

§ 9º — E' inviolável o sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas e telefônicas.

§ 10 — A casa é o asilo inviolável do indivíduo; ninguém pode penetrar nela, à noite, sem consentimento do morador, a não ser em caso de crime ou desastre, nem durante o dia, fora dos casos e na forma que a lei estabelecer.

§ 11 — Não haverá pena de morte, de prisão perpétua, de banimento, ou confisco, salvo nos casos de guerra externa, psicológica adversa, ou revolucionária ou subversiva, nos termos que a lei determinar. Esta disporá, também, sobre o perdimento de bens por danos causados ao erário, ou no caso de enriquecimento ilícito no exercício do cargo, função ou emprego na Administração Pública, direta ou indireta.

§ 12 — Ninguém será preso senão em flagrante delito ou por ordem escrita de autoridade competente. A lei disporá sobre a prestação de fiança. A prisão ou detenção de qualquer pessoa será imediatamente comunicada ao juiz competente, que a relaxará, se não for legal.

§ 13 — Nenhuma pena passará da pessoa do delinquente. A lei regulará a individualização da pena.

§ 14 — Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral do detento e do presidiário.

§ 15 — A lei assegurará aos acusados ampla defesa, com os recursos a ela inerentes. Não haverá foro privilegiado nem tribunais de exceção.

§ 16 — A instrução criminal será contraditória, observada a lei anterior, no relativo ao crime e à pena, salvo quando agravar a situação do réu.

§ 17 — Não haverá prisão civil por dívida, multa ou custas, salvo o caso do depositário infiel ou do responsável pelo inadimplemento de obrigação alimentar, na forma da lei.

§ 18 — E' mantida a instituição do júri, que terá competência no julgamento dos crimes dolosos contra a vida.

§ 19 — Não será concedida a extradição do estrangeiro por crime político ou de opinião, nem, em caso algum, a de brasileiro.

§ 20 — Dar-se-á habeas-corpus sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder. Nas transgressões disciplinares não caberá habeas-corpus.

§ 21 — Conceder-se-á mandado de segurança para proteger direito líquido e certo não amparado por habeas-corpus, seja qual for a autoridade responsável pela ilegalidade ou abuso de poder.

§ 22 — E' assegurado o direito de propriedade, salvo o caso de desapropriação por necessidade ou utilidade pública ou por interesse social, mediante prévia e justa indenização em dinheiro, ressalvado o disposto no Art. 161, facultando-se ao expropriado aceitar o pagamento em título da dívida pública, com cláusula de exata correção monetária. Em caso de perigo público iminente, as autoridades competentes poderão usar da propriedade particular, assegurada ao proprietário indenização ulterior.

§ 23 — E' livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, observadas as condições de capacidade que a lei estabelecer.

§ 24 — A lei assegurará aos autores de inventos industriais privilégio temporário para sua utilização, bem como a propriedade das marcas de indústria e comércio e a exclusividade do nome comercial.

§ 25 — Aos autores de obras literárias, artísticas e científicas pertence o direito exclusivo de utilizá-las. Esse direito é transmissível por herança, pelo tempo que a lei fixar.

§ 26 — Em tempo de paz, qualquer pessoa poderá entrar com seus bens no território nacional, nele permanecer ou dele sair, respeitados os preceitos da lei.

§ 27 — Todos podem reunir-se sem armas, não intervindo a autoridade senão para manter a ordem. A lei poderá determinar os casos em que será necessária a comunicação prévia à autoridade, bem como a designação, por esta, do local da reunião.

§ 28 — E' assegurada a liberdade de associação para fins lícitos. Nenhuma associação poderá ser dissolvida, senão em virtude de decisão judicial.

§ 29 — Nenhum tributo será exigido ou aumentado sem que a lei o estabeleça, nem cobrado, em cada exercício, sem que a lei que o houver instituído ou aumentado esteja em vigor antes do início do exercício financeiro, ressalvados a tarifa alfandegária e a de transporte, o imposto sobre produtos industrializados e o imposto lançado por motivo de guerra e demais casos previstos nesta Constituição.

§ 30 — E' assegurado a qualquer pessoa o direito de representação e de petição aos Poderes Públicos, em defesa de direito ou contra abusos de autoridade.

§ 31 — Qualquer cidadão será parte legítima para propor ação popular que vise a anular atos lesivos ao patrimônio de entidades públicas.

§ 32 — Será concedida assistência judiciária aos necessitados na forma da lei.

§ 33 — A sucessão de bens de estrangeiros situados no Brasil será regulada pela lei brasileira, em benefício do cônjuge ou dos filhos brasileiros, sempre que lhes não seja mais favorável a lei pessoal do **de cujus**.

§ 34 — A lei disporá sobre a aquisição da propriedade rural por brasileiro e estrangeiro residente no país, assim como por pessoa natural ou jurídica, estabelecendo condições, restrições, limitações e demais exigências, para a defasa da integridade do território, a segurança do Estado e a justa distribuição da propriedade.

§ 35 — A lei assegurará a expedição de certidões requeridas às repartições administrativas para defesa de direitos e esclarecimento de situações.

§ 36 — A especificação dos direitos e garantias expressos nesta Constituição não exclui outros direitos e garantias decorrentes do regime e dos princípios que ele adota.

Art. 154 — O abuso de direito individual ou político, com o propósito de subversão do regime democrático ou de corrupção, importará a suspensão daqueles direitos de dois a 10 anos, a qual será declarada pelo Supremo Tribunal Federal, mediante representação do Procurador-Geral da República, sem prejuízo da ação civil ou penal que couber, assegurada ao paciente ampla defesa.

Parágrafo Único — Quando se tratar de titular de mandato eletivo, o processo não dependerá de licença da Camara a que pertencer.

JORNAL DO BRASIL
RIO DE JANEIRO, DOMINGO,
19 DE SETEMBRO DE 1976

46

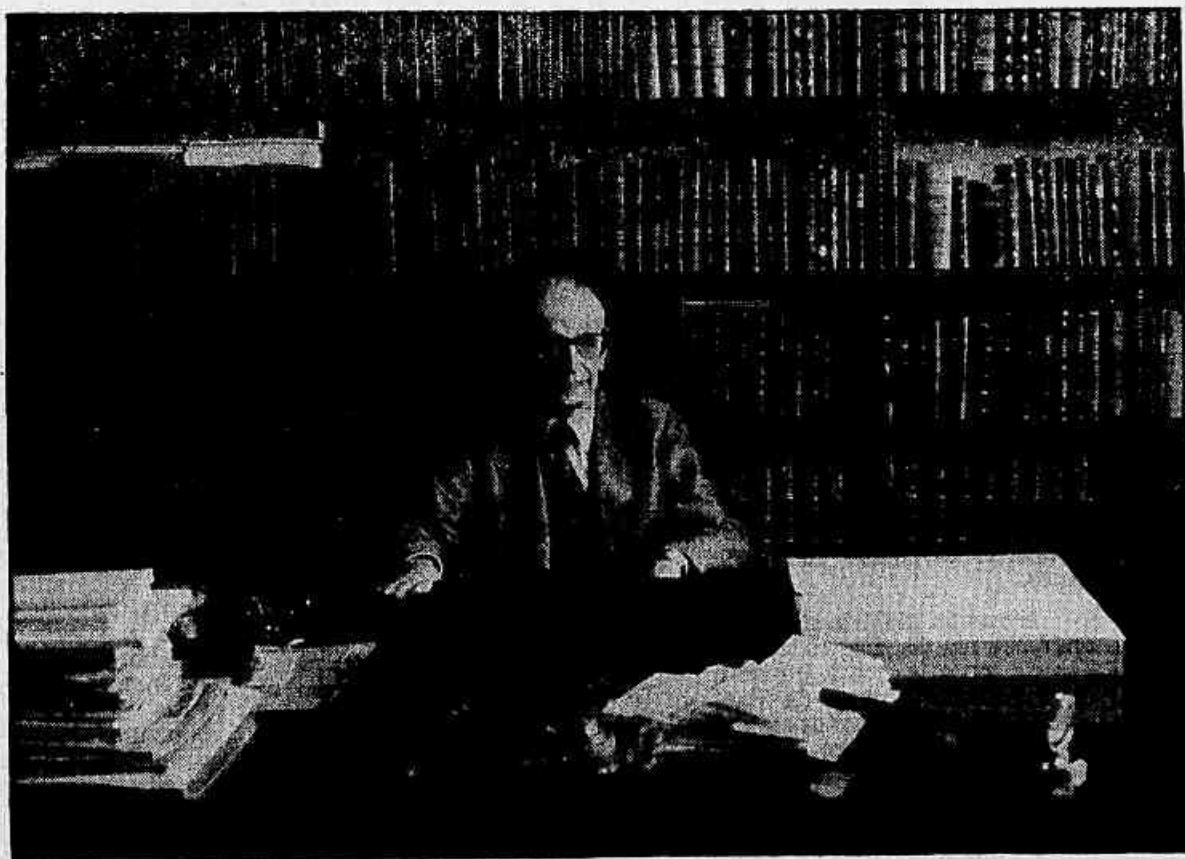
UM DOCUMENTO DO SEU TEMPO

Entrevista a Aluizio Flores

O Governo autoritário "cedeu, mas com relutância"

NÃO há nada que sofra mais frequentemente a acusação de haver sido uma utopia, além daquela que imaginou Thomas More, do que a Constituição brasileira promulgada solenemente no dia 18 de setembro de 1946, encerrando o período de anormalidade institucional iniciado pelo Estado Novo. No entanto, também não há nada mais concreto do que o suicídio de um Presidente da República, o impedimento de outros dois, a renúncia de um quarto e a deposição de um quinto sob essa Constituição nascida dos escombros da Ditadura e da qual decorrem as Constituições de 1967 e 1969, com a diferença de que a última, outorgada, é praticamente suspensa pelo Ato Institucional nº 5.

O que teria sido, na realidade, essa Carta Constitucional que, sendo instintivamente democrática, pôs-se a devorar Presidentes? De que mal sofreria esse texto que, sendo acusado de débil, suportou tantas crises e as absorveu até pela via da morte?

Essas e outras perguntas foram postas diante do Ministro José Eduardo Prado Kelly, 72 anos, constituinte de 1934 e vice-presidente da Grande Comissão da Constituição que elaborou a Carta de 1946. Conciso, mas meticuloso nas suas apreciações, o antigo líder da UDN fez um relato dos antecedentes que levaram àquele modelo constitucional.

"Quais os enunciados do seu texto que são objeto de crítica?

"No Brasil, como em outros países sul-americanos, os precedentes não eram tranqüilizadores"

"Não só a liberdade geral, mas também as liberdades especiais"

A Constituição de 1946 foi, como é pacifico, o resultado de um movimento de resistência ao regime ditatorial. Que fatos mais contribuíram para a queda da ditadura?

Claro. O golpe de 10 de novembro de 1937 não esmoreceu a resistência democrática e, apesar das limitações impostas pela força, circularam em diferentes épocas cartas escritas pelos exilados, impressas e distribuídas clandestinamente nos Estados. A esse tipo de resistência clandestina seguiu-se o Manifesto dos Mineiros; meses depois, programaram-se conferências a propósito da Segunda Guerra Mundial, a serem realizadas na Faculdade de Direito de São Paulo, por iniciativa do Centro Acadêmico XI de Agosto. A primeira conferência foi proferida a 29 de outubro de 1944, mas o prosseguimento da série foi impedido pela polícia. Um mês antes, eu mesmo tive contatos, em Buenos Aires, com Armando Sales, recém-operado e que desejava recolher as impressões dos correligionários. Em fevereiro de 1945 reuniu-se o 1º Congresso de Escritores, realizado em São Paulo, cujos trabalhos culminaram com a leitura, no Teatro Municipal, cedido pelo Prefeito Prestes Maia, da Declaração de Princípios. A publicação desse documento foi impedida, mas a ele se referiu José Américo de Almeida na célebre entrevista a Carlos Lacerda, com o efeito imediato de abolir a censura. E' sabido que nesse mesmo dia foi lançada a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República.

— Então, o Governo autoritário cedeu às pressões?

Cedeu, mas com relutância, baixando a Lei Constitucional nº 9, de 28 de fevereiro de 1945, que visava, como dizia na exposição de motivos, ao funcionamento dos órgãos representativos previstos na Carta outorgada de 1937, tanto que as eleições se processariam "para um Parlamento dotado de poderes especiais para, no curso de sua legislatura, votar, se o entender conveniente, a reforma da Constituição", suprindo assim "com vantagem o plebiscito de que tratava o Artigo 187 desta última. Foi de antemão modificada no tocante às eleições legislativas e para Presidente, que passariam, como passaram, a ser diretas e não indiretas. Desenvolvendo-se a propaganda eleitoral em comícios de ambos os candidatos — General Eurico Gaspar Dutra e Brigadeiro Eduardo Gomes — o meio político foi surpreendido com o Decreto 8 063, de 10 de outubro de 1945, mandando proceder as eleições de Governadores e Assembléias Legislativas estaduais simultaneamente com as do Presidente da República e determinando que os interventores, delegados do Governo Central, outorgassem Cartas constitucionais. Enquanto isso, repercutiam os ecos da campanha alimentada pelos comunistas, de "Constituinte com Getúlio." Essé e outros fatos, como a substituição de João Alberto pelo Coronel Benjamin Vargas na Chefatura de Polícia do Distrito Federal, despertaram a consciência dos chefes militares, que vieram a depor Getúlio Vargas a 29 de outubro. O Governo José Linhares então baixou as Leis Constitucionais nº 13 e 15, dando plenos poderes a uma Assembléia Constituinte a ser eleita com o Presidente da República, a 2 de dezembro de 1945.

Diante de tais fatos, seria a Constituição de 1946 um instrumento defensivo?

A Constituição de 1946 foi um documento necessariamente defensivo, pois até no subconsciente coletivo latejava a lembrança do Governo unipessoal e da postergação das garantias individuais e ainda do aniquilamento da Federação política.

A Constituição de 1946 tem sido acusada com frequência de resguardar uma forte dose de irrealismo. O senhor concorda com essa opinião?

Respondo com uma outra pergunta: quais os enunciados do seu texto que são objeto de crítica? (Além dessa resposta-pergunta, o entrevistado parece perguntar-se se os críticos da Constituição de 1946 não serão também críticos da normalidade democrática, baseada no respeito aos direitos individuais dos cidadãos).

Como a Constituição de 1946 organizou o capítulo do resguardo das liberdades do cidadão?

O texto da Carta estabelecia e resguardava para os nacionais e para os estrangeiros residentes, não só a liberdade geral, "ou seja, o poder de fazer ou deixar de fazer tudo o que a lei não vede, no interesse da sociedade", mas também as "liberdades especiais": a de pensamento, a de consciência, a de trabalho, as de reunião e associação, e a própria "liberdade física". Formulava o princípio da "igualdade", em termos que repeliam a propaganda de preconceitos de raça ou de classe. E arrolava todas as garantias inseparáveis ao exercício daqueles direitos. Umas diziam respeito à estabilidade das relações privadas e ao primado da Justiça e dos seus órgãos, como as disposições que proibiam o desrespeito ao direito adquirido, aos atos perfeitos e à coisa julgada e determinavam que a lei não poderia excluir da apreciação do Judiciário qualquer lesão ao direito individual. Outras resguardavam a influência efetiva dos cidadãos nos negócios estatais, quer por via de representação, quer pelo uso da ação pública, civil ou criminal, quer pelos meios de informação, que lhes deferia, nas repartições administrativas. Outras regulavam os instrumentos processuais para proteger a liberdade, a função e o patrimônio contra atos ilegais das autoridades: tais, na primeira fila, o habeas-corpus e o mandado de segurança, sem privilégio para qualquer agente do poder, por mais alto que fosse o cargo ou mais elevadas as prerrogativas. Proibiram-se expressamente os tribunais de exceção, as penas de morte, de banimento, de confisco ou de caráter perpétuo, a prisão civil por divida, multa ou custas, a retroação da lei penal em prejuízo do réu. Restaurou-se o Júri em sua feição popular e consagrou-se o princípio da individualização da pena. Mantiveram-se as demais garantias: a inviolabilidade do domicílio e da correspondência, a proibição da censura de livros e periódicos, o livre exercício dos cultos, a impossibilidade de se dissolver qualquer associação por via administrativa, e as que concernem aos chamados "direitos intelectuais", como os de autor, inventor, industrial e comerciante.

O aniquilamento da Federação, ao qual o senhor se referiu em relação ao Estado Novo, contribuiu para o fortalecimento dessa forma de Estado na Carta de 1946?

Ao manter a Federação, a Assembléia de 1946 não atendeu, apenas, às exigências do meio físico, "um mundo completo no ambito de suas fronteiras, com todas as zonas, todos os climas, todas as constituições geológicas, todos os relevos do solo, uma natureza adaptável a todos os costumes, a todas as fases da civilização, a todos os ramos da atividade humana", como encareceu Ruy Barbosa dias antes da queda do Império. Atendeu às mais puras vozes da História. Nabuco acentuara que "a Federação é um fenômeno do nosso passado todo, nós a encontramos no crescimento **gradual e lento** do nosso país, encontramo-la associada às antigas Capitanias." Mas, se o fundamento da "união" e não da "unidade" estava na Constituição, o primeiro problema que a esta caberia resolver era o da discriminação de competências entre os poderes centrais e centralizados. Qual o conteúdo da autonomia local? De que modo interviriam os Estados membros na legislação nacional e na sua execução? À União reservou-se faculdades privativas, que não excederam, em 1964, às proporções de 1934. A ela pertenciam, em geral, a direção da política externa, as chaves da guerra e da paz, a orientação da economia e dos transportes, a atribuição de cunhar e emitir moeda e a legislação de direito privado e de muitos setores do direito público e administrativo. Aos Estados cabia a legislação supletiva em certos assuntos, como direito financeiro, segundo a previdência social, defesa e proteção da saúde, regime penitenciário, produção e consumo, educação — até com sistemas próprios em todos os graus — polícias militares, requisições em tempos de guerra, tráfego interestadual, riquezas do subsolo, mineração, metalurgia, água, energia elétrica, florestas, caça e pesca.

Também lhes cabiam todos os poderes que implícita ou explicitamente não lhe haviam sido negados na lei básica; e o princípio da autonomia se traduzia na capacidade relativa de organização, regendo-se cada Estado pela Constituição e pelas leis que adotasse, com observancia de algumas normas consideradas essenciais à existência republicana. Na partilha dos tributos entre a União, os Estados e os Municípios, ficou a primeira com o melhor quinhão, mais de metade da arrecadação total. Um grande passo no texto de 1946, em relação aos anteriores, foi o instituto da intervenção. No Brasil, como em outros países sul-americanos, os precedentes não eram tranquilizadores. Multas vezes a excepcional ajuda que, por aquele meio, a União prestava aos Estados, sofreu uma radical subversão de sentido, servindo de instrumento mortífero contra eles e contra os seus direitos de autodeterminação. A Constituinte aproximou-se, nas linhas gerais do Instituto, do modelo norte-americano, embora, na especificação dos casos, conservasse uma relativa influência do direito público argentino; e, ainda aí, estabeleceu um sistema de interdependência, mediante o qual colaboravam no desfecho da crise diferentes poderes, conforme a hipótese, cabendo sempre ao Judiciário zelar pelo cumprimento de suas ordens e decisões e sentenciar sobre a inconstitucionalidade do ato local, que se reputasse ofensivo ao Estatuto da União.

Quais os motivos que levaram ao estabelecimento da forma presidencialista de Governo, quando o parlamentarismo ganhava terreno em muitas partes do mundo?

Mantida a forma republicana de Governo, a Assembléia estava mais uma vez convidada a opinar entre o regime parlamentar e o presidencial. A favor do primeiro depunha a experiência do Segundo Reinado e militava, mais do que em 89, o surto que ele obtivera, na Europa, depois do Tratado de Versalhes. Aconselhavam-no as reais qualidades que trazia em si: a facilidade e frequência da consulta ao eleitorado, a sua maleabilidade, propícia à formação de gabinetes multipartidários, a vantagem de compor, como nenhum outro, uma galeria de estadistas e a virtude de possibilitar a solução de graves dissenções políticas sem o apelo à violência e ao predomínio militar. Havia, porém, uma tradição de 56 anos em favor do presidencialismo e uma generalizada aspiração de estabilidade das instituições e de continuidade administrativa para execução das reformas exigidas no período de transição entre o Governo autoritário e a ordem constitucional. A Assembléia de 1946, como a de 1934, permaneceu fiel às primeiras inspirações da República e a sua intencional filiação a um sistema praticado com êxito nos Estados Unidos e na maioria das nações do continente. Os que pronunciaram pelo parlamentarismo foram, entretanto, mais numerosos do que nas Constituintes anteriores, dando a impressão de que se deparava, com efeito, uma idéia em marcha. E muitos que sufragaram o presidencialismo o fizeram com propositada alteração de algumas de suas linhas, embora em parte acessória, e não substancial. Mas foi tal a preocupação de coactar o arbítrio, mesmo na esfera dos funcionários do Estado, que a Constituição reservou títulos especiais aos direitos dos militares e aos dos servidores civis, libertando-os, o mais possível, da presença instável da política.

A organização dos direitos econômicos procurou estimular a independência social dos cidadãos?

A Constituição de 1946 conceituava a propriedade como "função social", e, nesse particular recordo com prazer que um dos egrégios patrícios da fase da Independência, José Bonifácio, já o enunciara muito antes de Saint-Simon e de Proudhon, e muitíssimo antes dos publicitas Duguit, Wolff e Herdemann. A garantia remanescente era a prévia indenização, quando desapropriados os bens, não só por necessidade ou utilidade pública, como nos códigos que restaram o napoleônico, mas igualmente por "interesse social, como o seria, exemplificando, para a realização da reforma agrária, ou quaisquer outras destinadas à justa distribuição da riqueza, com igual oportunidade para todos. Assim o dizia enfaticamente o mesmo artigo que condicionava o uso da propriedade ao bem-estar comum. De outro lado se permitia, e até se estimulava o intervencionismo do Estado. Para que fim? Para influir no domínio econômico e monopolizar determinada atividade. Sob que condições? As de ter por base o interesse público e por limite os direitos fundamentais enunciados na Constituição. Vê-se que aí não se deparava o intervencionismo político ou mercantilista dos Estados autocráticos, cuja conveniência era a lei suprema. Defrontava-se ao contrário uma forma de "intervencionismo social, único harmonizável com o processo democrático, pois se destinava a incrementar o bem-estar dos indivíduos, de grupos ou de classes e tendia, a seu modo, para o nivelamento das condições de coexistência, suprindo desigualdades e estendendo os benefícios do progresso aos deserdados ou menos favorecidos. Não era outro sentimento, quase instintivo, de defesa que obedecia à repressão, também estabelecida, de toda e qualquer forma de abuso do poder econômico, inclusive a união ou agrupamento de empresas que visassem a dominar os mercados, eliminar a concorrência e aumentar arbitrariamente os lucros. Assim também a regra que punia a usura, admitindo, sob certos aspectos, a inversão da desigualdade contratual.

O jornalista Aluizio Flores é Subeditor Político do JORNAL DO BRASIL.

A CONCILIAÇÃO À SOMBRA DA IMPREVIDÊNCIA

Wilson Figueiredo

ENTRE as cenas projetadas na tela dos cinemas neste momento, para reavivar *O Mundo em que Getúlio Viveu*, aparece a promulgação da Carta Constitucional de 18 de setembro de 1946 com o esclarecimento de que Vargas lhe recusou a assinatura como de resto havia sido uma deliberada ausência durante os trabalhos da Constituinte.

A referência à falta do nome de Getúlio Vargas entre os signatários é precedida no filme de um comentário de igual animosidade antiliberal, na cena relativa à promulgação da Carta de 34, quando aparecem junto à mesa do Congresso o mesmo Vargas e o velho Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. "Era a volta à política do cochicho", assinala o narrador quando a camara focaliza uma conversa ao pé do ouvido entre os dois.

Terá sido, no entanto, a Constituição de 46 apenas uma reedição do nosso sentimento liberal aproveitado da carta de 34? E' difícil acreditar que sua falha tenha residido na incorporação de um sentimento tão evidenciado no curso das manifestações políticas desencadeadas ao longo do ano de 45, a partir do momento em que, rompida a censura, o anseio coletivo de liberdade rapidamente ordenou o país e sua contida revolta acumulada pelo Estado Novo.

Na verdade a Constituição de 46 deixou de funcionar politicamente pela incapacidade de avaliação dos constituintes no tocante aos riscos a que iria expor-se indefesamente o país nas eleições seguintes. Sem consagrar o princípio da maioria absoluta para a eleição direta do Presidente da República, a primeira sucessão iria evidenciar a falha que permitiu ao ditador deposto voltar cinco anos depois. Retirado em razão de suspeita política pelas Forças Armadas, Getúlio Vargas conheceria 30 e poucos dias depois uma reparação eleitoral. Com sobra de votos elegeu-se pelos principais Estados, Senador à Constituinte.

Sem retribuir à confiança eleitoral de 1945, Vargas preservou sua identidade política antiliberal: absteve-se na Constituinte e depois. Presença ocasional no Congresso, deixou-se ficar em São Borja até que o impasse da coalisão separasse de novo o PSD e a UDN em duas candidaturas, em 1950, para reaparecer então, em cima da hora, como candidato de um sentimento ideologicamente difuso mas eleitoralmente consistente, e que encerrava de certa forma um julgamengo contrário ao regime de 46.

Um ex-ditador avesso a eleições, notariamente antiliberal, astuto, conhecedor da natureza humana, utilizava as omissões de um tecido constitucional elaborado por seus adversários para voltar ao Poder e manifestar, em palavras e atos, mudança de atitudes num comportamento entre ressentido e revanchista. Coube-lhe, aliás, a primazia de declarar inviável o exercício do Governo com a Constituição de 46, como iriam repetir os seus sucessores.

A outra falha política da Constituição de 46 veio a revelar-se mais tarde, quando o Sr João Goulart elegeu-se Vice-Presidente de um Governo eleito por outra legenda, de conteúdo político oposto. Sem vincular o candidato a Vice e o candidato a Presidente aos mesmos riscos eleitorais, abria-se uma brecha que, mais cedo ou mais tarde, tornaria vulnerável o sistema, por permitir um fenômeno como a frustração da vontade da maioria quando o único Presidente eleito com maioria absoluta de votos renunciou e abriu vaga ao Vice (sem o mesmo benefício) do candidato derrotado 10 meses antes.

A tese da maioria absoluta apareceu em 50, mas com o labeu de tentativa para impedir ou tumultuar a posse de Vargas. Na verdade, todos os candidatos potenciais eram contrários à instituição de uma barreira que dificultava a vitória mais acessível — e cuja adoção implicaria transferir ao Congresso, em caso de insuficiência de votos, o poder de decisão num pleito reduzido aos dois nomes mais votados.

Na segunda sucessão presidencial iria repetir-se a questão da maioria absoluta, mas nem antes nem depois era viável qualquer solução. Além do desinteresse potencial dos candidatos e dos Partidos, que dominavam o Congresso, havia um obstáculo intransponível na Constituição.

Qualquer proposta de emenda constitucional só poderia ser apresentada quando subscrita por um quarto dos membros da Camara ou do Senado, e aprovada por maioria absoluta da Camara e do Senado, em duas sessões ordinárias consecutivas. Com aprovação de dois terços tornava-se dispensável a segunda votação. Pela dificuldade de coordenação política, no pluripartidarismo fragmentado, era obstáculo intransponível. Ou então quando patrocinada a iniciativa por mais de metade das Assembléias Legislativas, e ainda assim com todas elas aprovando-a por maioria absoluta. Havia ainda a exigência de ratificação no prazo máximo de dois anos ou duas legislaturas.

Essa trava anti-reformista resultou de uma cautela de inspiração liberal para impedir mudanças deformadoras da Constituição elaborada sob o consciente sentimento de repúdio ao período ditatorial. Esse mesmo espírito liberal, no entanto, foi manifestamente sábio ao acolher no nosso contrato político todas as conquistas sociais nominalmente creditadas ao Estado Novo. Na verdade significavam a inspiração de 1930 — da qual aqueles homens de 46 eram em larga maioria representativos — resgatada numa reafirmação liberal, para esvaziar historicamente o Estado Novo do conteúdo trabalhista de que se apropriara.

Mais tarde envolveu a Constituição a crítica de que seus autores haviam se alinhado de costas para o futuro, obcecados pelo pasado. Teria sido impossível, contudo, ao constituinte de 46 ficar de frente para um futuro ainda por delinear-se na Europa mal saída da Segunda Guerra. A aversão ao Estado Novo foi política e socialmente tão importante que até os comprometidos com o período de ditadura cuidaram de reaver a imagem liberal durante a tarefa constituinte. O país reencontrou-se com o sentimento da liberdade política, praticada nas ruas e nos jornais; em tal grau de ordem e responsabilidade que parecia impossível qualquer futuro.

A tese da maioria absoluta levantada nas sucessões presidenciais de 1950 e 55 — a primeira vez depois e a segunda antes das eleições — augurava o aparecimento de uma crise congênita na Constituição por força dos deslocamentos sociais já determinados pelo processo de urbanização e industrialização, com peso político desequilibrador nos anos 50.

A transição pacífica da ditadura para o regime representativo foi em grande parte garantida pela idéia de convocação da Constituinte, que soube, a seu tempo, dar vazão às tendências políticas reprimidas e organizá-las num programa eleitoral que absorveu os aspectos conflitantes da nossa realidade. Traduziu-se a Constituinte num campo de reconciliação nacional. Sob a Constituição que resultou desse acerto, pareceu possível às lideranças dos dois maiores Partidos — a UDN e o PSD — presenças dominantes na vida nacional, realizar estrategicamente a unificação política numa aliança de centro, e com apoio no Governo, para encaminhar em segurança a sucessão presidencial.

Vargas — A omissão para poder voltar

A dificuldade de se descondicionarem de posições e nomes identificados com o primeiro momento político democrático, em 1945, embaraçou no encaminhamento da fórmula sucessória de 1950. A candidatura de Getúlio Vargas foi favorecida taticamente pela dualidade de candidaturas centristas e ainda se beneficiou de um inconfessado apoio tácito de lideranças regionais do PSD. Em 45, o PTB e o PSD foram aliados no lançamento da candidatura Eurico Dutra contra o candidato da UDN, mas o PTB não foi para o Governo na vitória conjunta. Em 50, Vargas pôde correr o risco de apresentar-se por uma nova aliança: além de sua marca partidária própria, garantida pelo PTB, teve o apoio do PSP que ressaltou a moldura populista exclusiva.

A reconciliação política brasileira, com base constitucional firmada em 46, só veio a ser efetivamente abalada a 11 de novembro de 55, como resultado de um processo político iniciado com a arguição de ilegitimidade da vitória de Vargas em 50, pelo critério da maioria absoluta, e agravado na sucessão de 55, pela mesma razão invocada desde antes contra Juscelino Kubitschek. Precipitou-se com a vitória de Kubitschek (restauração da aliança PSD-PTB) a crise política e, preservada embora a Constituição com um sentido reverencial, a conciliação por ela historicamente representada desfez-se em novembro de 55.

O esforço político passou a responder pelo equilíbrio nacional. Tanto que o Governo Kubitschek cumpriu seu prazo sob tensões políticas até o último ano do mandato, quando a sucessão produziu o milagre de uma trégua amparada pelas expectativas de vitória eleitoral E' verdade que já então Brasília desempenhava uma função no deslocamento do centro da crise que, por falta de eco, o Planalto podia absorver.

Mas é também verdade que, como pano de fundo da política, a ruptura da conciliação política no episódio do 11 de novembro distanciou em divergência a unidade militar em que se assentava o regime de 46. A candidatura do Marechal Teixeira Lott em 1960 iria identificar nitidamente o sentido do 11 de novembro levado adiante e transposto para o plano político. Se aquele movimento assegurou a posse de Kubitschek, também o obrigou a abdicar de qualquer iniciativa política autônoma em sua própria sucessão. E para garanti-lo o espírito de novembro teve de manter a divisão militar, através do exercício de formas punitivas dos oficiais que haviam participado da divergência política na eleição presidencial de 55 e de seus efeitos no impedimento dos Presidentes Carlos Luz e Café Filho.

TERMINADA a eleição, cuja característica predominante foi o apogeu democrático evidenciado na vitória de um candidato oposicionista, inverteu-se a situição no que respeitava ao 11 de novembro. A vitória de Janio Quadros, respaldada pela maioria absoluta, modificava fundamentalmente a situação do ponto-de-vista militar. Eram o espírito militar oposto ao 11 de novembro e uma candidatura vencedora com a bandeira da UDN, uma espécie de desforra política pelas urnas. A imprevidência do espírito constituinte de 46, ao permitir a eleição de um Vice-Presidente desvinculado do Presidente, iria enfim realizar o risco político: a vitória de Janio Quadros e João Goulart era uma contradição de vontade coletiva e, com a renúncia do primeiro, a crise foi aberta. A Constituição de 46 não oferecia recursos para vencer as novas dificuldades. A emenda parlamentarista, com o sentido tácito de manobra protelatória, estava destinada a cumprir apenas um prazo para posterior devolução dos poderes presidenciais a Goulart.

A perda da conciliação evoluiu e aprofundou primeiro, no plano militar e depois socialmente, uma divergência que além de política tornou-se ideologicamente nítida, até promover as decisões de 64, cujo Governo, por sua vez, teve de ir mais fundo nas medidas de sua proteção. O que em 55 — por efeito do 11 de novembro — representou o afastamento de oficiais sem confiança política, deslocados para postos de importancia secundária, em áreas distantes, em 64 teve forma de punição política definitiva. Talvez por isso a Carta política de 46 tenha desaparecido na voragem dos acontecimntos que escaparam ao controle e à vontade dos líderes de 64, cujo compromisso formal com a idéia democrática expressa na Constituição de 46, era apenas protegê-la através da reforma contra os perigos, reforçá-la para a sobrevivência duradoura e preservá-la como o único instrumento de conciliação política viável.

Wilson Figueiredo é redator do JORNAL DO BRASIL.

Cartas

As cartas dos leitores serão publicadas só quando trouxerem assinatura, nome completo e legível e endereço. Todos esses dados serão devidamente verificados.

Chinês & ortografia

"O problema de escrever corretamente as palavras, a representação gráfica dos sons produzidos pela voz humana, constitui preocupação e dificuldade em praticamente todos os idiomas do mundo.

E não é para menos. Se a voz do homem é um instrumento de tantas possibilidades, um instrumento capaz de produzir uma gama quase infinita de sons, um instrumento capaz de fazer rir e chorar, sua representação não pode ser feita através de 23, 25 ou 30 letras. O retrato gráfico da voz será, pois, fatalmente imperfeito.

E o problema é antigo. Já encontramos reclamações contra o sistema de escrever as palavras nos escritores gregos e romanos. E ninguém resolveu a contento a questão, pelo simples fato de ser muito grande a defasagem entre o instrumento perfeitíssimo da voz humana e o precário meio de representação que é o alfabeto.

Essas considerações me vieram à mente, mais uma vez, ao ler na coluna Momento, do Caderno Especial de 29/8, duas notas sob o título Chinês Simplificado. Uma nota diz que o chinês escrito tem um vocabulário de 50 mil ideogramas ou caracteres diferentes. Ou seja: uma espécie de alfabeto com 50 mil letras, já que as letras em chinês representam idéias. Daí, ideogramas.

Com um acervo tão considerável de "letras", será que o idioma chinês resolveu o problema da ortografia? Pelo contrário, até complicou-o. Tanto que, antigamente, só os mandarins sabiam, ou conheciam parcialmente, o alfabeto.

Não foi por outro motivo que uma das primeiras medidas de Mao Tsé-tung, ao se instalar no Poder, foi a simplificação do alfabeto, reduzindo-o a algumas dezenas de "letras". E' claro: Mao queria dar seu recado ao povo — e com um alfabeto de 50 mil ideogramas, a massa jamais conseguiria ler os poemas do Presidente, as lições revolucionárias, os jornais murais. Mas este é outro assunto.

O fato é que agora a China parte para nova simplificação, usando os caracteres latinos. Se vai ficar mais fácil ou não, eles devem saber, devem ter pesquisado o assunto, antes de tentar sua implantação em termos nacionais.

Pelo menos não será necessário desenhar tanto, trabalhar tão meticulosamente na construção gráfica de uma palavra, embora isso não deva constituir grande problema para a paciência de um oriental. Está aí o Japão, também com seus milhares de ideogramas e funcionando com status de potência de primeira grandeza. A demora no escrever, a paciência no desenho das palavras não tem atrasado o progresso do Japão.

Para nós, entretanto, o problema continua. E, em português — como em outras línguas neolatinas — com a agravante de um fonema (som) poder ser representado por várias letras ou uma letra poder representar vários sons. E as dificuldades, as perguntas que começam no curso primário, continuam pela vida inteira: é com S ou com Z? Com X ou com CH? Exame, trouxe, feixe (o X valendo Z, S e CH).

E mais: entre nós, tem havido uma verdadeira onda de reformas ortográficas, algumas completamente sem sentido. Daí a confusão que fazem as crianças, os estudantes em geral, pois um livro editado em 1943 tem ortografia diferente de um impresso em 1945 ou depois de 1972. Enquanto na Inglaterra, por exmplo, ou na França, a criança tem praticamente a mesma forma de escrever no livro do vovô e no jornal de hoje — no Brasil, vigora esta confusão.

O inglês tem dificuldades ortográficas? Claro, não existe a ortografia perfeita. Mas pelo menos eles têm a vantagem da tradição, da invariabilidade das formas. E não há a possibilidade de perguntas como esta: sede tem acento ou não tem? Ainda se usa o trema?

Creio que não se pode reclamar da ignorancia dos estudantes e jovens em geral, em matéria de ortografia. A tendência deles é usar uma ortografia fonética. Não têm razão, certamente. Nem culpa. Que esta, se houver, deve ser atribuída a outros fatores. A mania de reformas ortográficas, por exemplo.

J. Nogueira de Queiroz — Rio."

Espírito de Helsínqui

"Dizem que os acordos são feitos para não serem cumpridos. Principalmente os internacionais. Talvez não seja uma verdade absoluta. Mas a história ensina que tem muito de verdade. E nós, espectadores e participantes da história, temos alguns exemplos disso.

A Declaração de Helsínqui, por exemplo, cujo primeiro aniversário foi devidamente registrado no **Caderno Especial** de 1º de agosto, num artigo de Dev Murarka. Como todo leitor interessado em assuntos internacionais sabe, a Conferência de Helsínqui, ou Conferência de Segurança Européia, representou, sob vários aspectos, uma vitória diplomática da União Soviética, que praticamente conseguiu o apoio tácito do Ocidente à sua dominação na Europa do Leste.

É verdade que, em troca — e para isso, entre outras coisas, servem os acordos — ficou acertado que a URSS faria uma política interna mais liberal, na questão dos direitos humanos. Mas, como todo mundo sabe, os soviéticos não têm cumprido esta parte do acordo. Estão aí de prova as perseguições a intelectuais, os internamentos forçados em clínicas psiquiátricas.

Além disso, nessa questão referente a permutas humanitárias e culturais — objeto de uma parte da Declaração de Helsínqui — os russos têm sido até cínicos. E' como diz Dev Murarka: "...interessante observar que Moscou e seus aliados preferem uma abordagem quantitativa a uma abordagem qualitativa. Eles poderão dizer, como fez Brejnev em Berlim, que, enquanto tantos autores ocidentais são traduzidos para as línguas soviéticas, o número de autores soviéticos traduzidos em línguas ocidentais não é o mesmo".

Claro, a argumentação seria ingênua, não fosse grosseira e cínica: é possível que os autores soviéticos não traduzidos no Ocidente não sejam interessantes, como também é possível que os autores ocidentais traduzidos no Leste europeu não tenham fama, conceito ou interesse aqui no Ocidente.

Este é apenas um dos pontos não cumpridos no acordo. Há outras falhas. Fora e independentemente da Declaração de Helsínqui. Há o caso das franquias a jornalistas estrangeiros, o caso dos judeus russos, que não podem emigrar — e tantos fatos narrados quase diariamente nos jornais.

Mas, a **détente** está aí pra isso mesmo. **Détente**, distensão. Mas só do nosso lado, que lá eles dão a interpretação que mais lhes convém — às palavras, aos acordos, aos compromissos assumidos.

Os sinais de reação por parte do Ocidente manifestaram-se — debilmente, embora — na esteira dos acontecimentos na Espanha, das eleições italianas, chegando o Presidente Ford a abolir do seu vocabulário a palavra **détente**.

Novembro vem aí, com eleições nos Estados Unidos. Pelo que se tem sabido, o candidato Jimmy Carter tem posição mais dura e firme em relação aos soviéticos. E já o declarou em entrevista à imprensa norte-americana. Sobre o direito de os judeus saírem da Rússia, por exemplo, disse Carter que seria "um compromisso seu, como Presidente dos EUA".

Novembro vem aí. Se Carter for para a Casa Branca, vamos ver o que acontece com o "espírito de Helsínqui".

J. Esteves Borges — Rio."

Líbano — por quê?

"Beirute agora é uma cidade moribunda", escreve o correspondente do The New York Times, James A. Markham, numa reportagem transcrita pelo Caderno Especial de 29 de agosto.

Temos lido muita coisa, temos ouvido muito sobre esta longa e louca tragédia do Líbano, "uma guerra insana", como diz o título da matéria citada acima. E ainda não entendemos completamente o porquê daquilo tudo. Alguém entendeu?

Outro dia, o JB publicou carta patética de um leitor — pelo sobrenome, descendente de libaneses — exaltando a raça dos descendentes dos fenícios e conjurando todas as forças que ele chama de "invasoras" a abandonarem a terra sagrada do Líbano. O apelo soava patético por causa da solidão e da importancia daquela voz isolada, abafada pelo ódio das forças que estão consumindo o corpo e a alma da Nação.

Pelo que sabemos, pelo que a imprensa tem publicado, ainda está faltando a grande reportagem sobre o Líbano. Não uma correspondência de guerra, narrando detalhadamente os crimes, as infamias, as mortes, as loucuras que acontecem a cada momento naquela terra. Isso, todos nós sabemos. Lemos nos jornais e vemos, quase diariamente, na televisão as imagens que, não fossem tão trágicas, classificaríamos de monótonas: jovens correndo apressadamente pelas ruas de uma Beirute destruída, atirando contra um inimigo que ninguém vê, assestando bazucas, pequenos foguetes, canhões contra edifícios de vidros quebrados e esburacados de balas.

O que está faltando é alguém que conte por que toda essa insania. Um trabalho que explique os verdadeiros motivos — econômicos, sociais, políticos, religiosos (ou tudo isso ao mesmo tempo) — dessa carnificina. Que conte tudo e explique. Não há guerras sem motivos. A História ensina. Mesmo as guerras santas tiveram lá seus motivos econômicos e/ou outros menos místicos.

[illegible] Lima — Rio."

MOMENTO

As formas de Vênus/1

Em Porto Rico, um grupo de cientistas conseguiu imagens detalhadas de Vênus através do radar, dando aos astrônomos a primeira visão ampla dos traços topográficos do planeta. As imagens do radar são consideradas de alta qualidade, quase como fotografias. Só isto já pode ser considerado um passo significativo na exploração planetária, mas o que aí se revela é de grande importancia, também: processos em atividade na Terra e na Lua também estão provavelmente agindo em Vênus. As "fotos" — tiradas no Centro Nacional de Astronomia e Ionosfera, Observatório de Arecibo — indicaram algo semelhante a uma enorme torrente de lava, e depressões e elevações que podem ter sido formadas por movimentos semelhantes aos que moldaram a Terra.

As formas de Vênus/2

Essas observações levam os cientistas a acreditar que Vênus, o vizinho planetário mais próximo da Terra, tem possivelmente um núcleo em estado de fusão e outra atividade interna. Os ecos do radar mostraram também uma grande bacia produzida por impacto na superfície venusiana, semelhante às que são vistas na Lua, que, segundo os cientistas, não têm nenhuma atividade interna. O radar já desvendou, de certa forma, a superfície coberta de nuvens de Vênus, mas um completo mapeamento do planeta só poderá ser conseguido no fim da década, quando uma nave espacial, equipada com sistemas de radar, será colocada em órbita de Vênus.

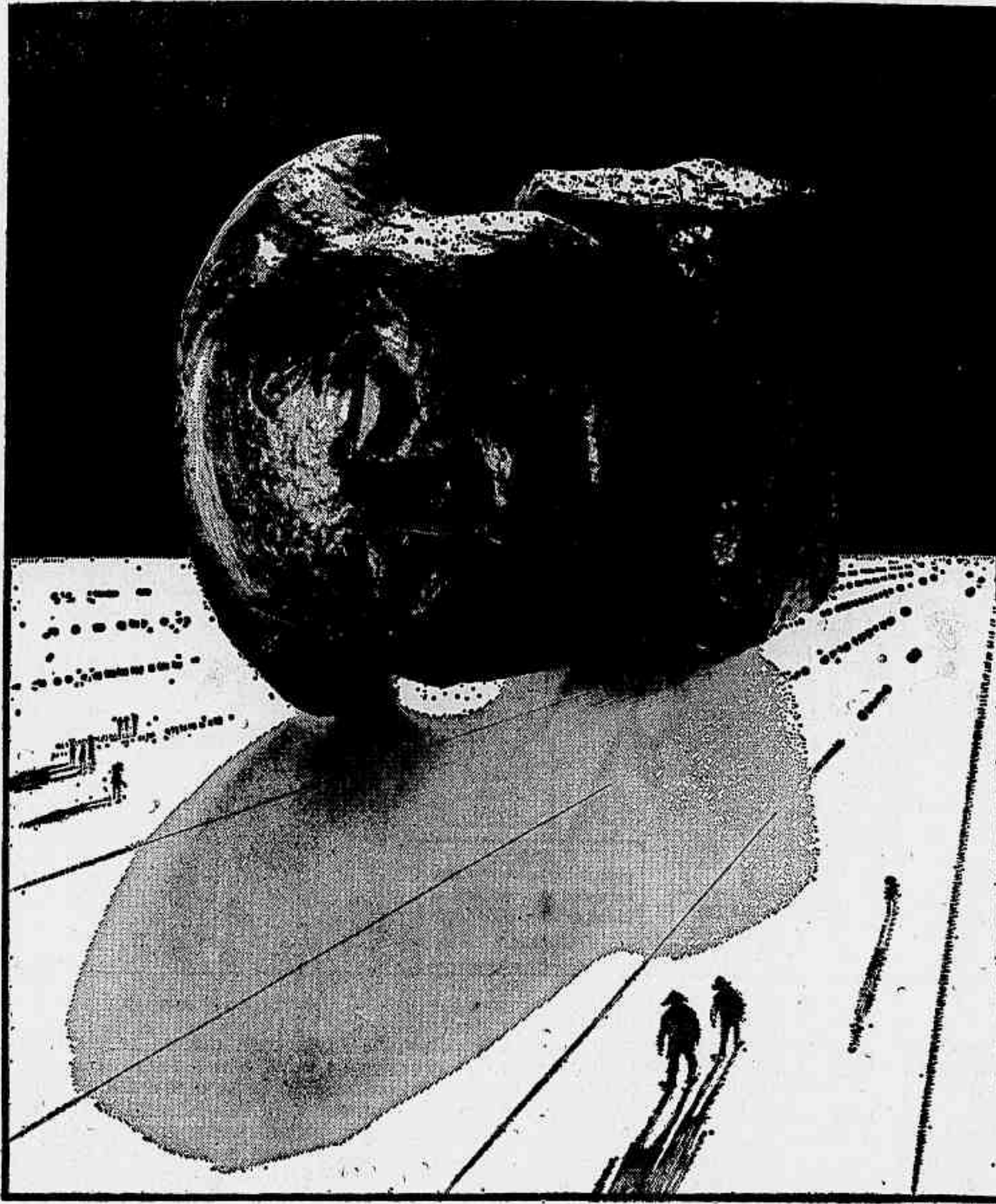
Psicocirurgia

Uma comissão designada pelo Governo americano recomendou recentemente que a discutida operação cerebral conhecida como **psicocirurgia** continue numa base de pesquisa científica, desde que sejam dadas amplas garantias aos direitos e bem-estar dos pacientes. A psicocirurgia tem sido objeto de muitas controvérsias ultimamente No Congresso, já foram apresentados vários projetos de lei no sentido de bani-la. A comissão especial concluiu que esse tipo de operação tem lá seu valor, desde que realizada por equipes de neurocirurgiões competentes e os riscos não sejam demasiados. "Assim, a psicocirurgia não deve ser proibida categoricamente", diz um relatório da comissão. "É claro, entretanto, que é preciso pesquisar mais, a fim de determinar até que ponto alguns processos específicos podem aliviar sintomas e distúrbios psiquiátricos". A comissão esclarece que a psicocirurgia ainda se encontra em estágio de pesquisa e, entre as várias recomendações que faz, enfatiza a necessidade de rigorosos exames pré-operatórios e a exigência de que tal operação só se realize em instituições devidamente aparelhadas e autorizadas pelo Departamento de Saúde.

Costa do Marfim

A madeira ocupa o segundo lugar na pauta de exportações e as serrarias representam o terceiro setor industrial da Costa do Marfim, onde 46% do território estão situados em zona de floresta densa. Mas, diz o diretor de uma companhia madeireira do país, "em 10 anos não haverá mais florestas na Costa do Marfim". Enquanto isso não acontece, a indústria madeireira com lugar de destaque na economia do país, lidera o índice de absorção nacional da mão-de-obra (1/4 de todos os empregos industriais).

África em armas

Pesquisa publicada pelo Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres no último relatório anual, The Military Balance (O Equilíbrio Militar), demonstra que a maioria dos países do Sul e Leste africanos estão empenhados em grande corrida armamentista. Este aumento e reforço do potencial militar se nota particularmente na África do Sul e Rodésia, onde também se agrava cada vez mais o problema do choque entre negros e brancos. O Governo de Pretória continua, em ritmo acelerado, com suas aquisições de material naval francês, construindo em território africano tanques blindados e aviões. O orçamento de defesa da África do Sul passou de 332 milhões de dólares, em 1975, para 1 bilhão 494 milhões, em 76. A tendência de crescimento militar também é assinalada nos Estados negros, que procuram contrabalançar, na medida do possível, o poderio dos Governos brancos. A Tanzania, por exemplo, que contava apenas com quatro batalhões de infantaria em 1975, atualmente possui sete, sendo que dois desses encontram-se estacionados permanentemente em Moçambique.

Escultura de Tim

Recordando Mao Tsé-tung

John S. Service

QUANDO o conheci, em 1944, Mao Tsé-tung tinha 51 anos. Durante quatro meses, vi-o constantemente, duas ou três vezes por semana; talvez umas 50 vezes, em todos os tipos de ocasiões, oficiais e informais — conversas em particular, discussões em grupo, almoços, jantares, teatros e outras diversões, discursos em público e até em bailes, aos sábados, nas quentes noites de verão, num quintal de terra batida.

Eu estava ligado ao Estado-Maior do General Joseph W. Stilwell, como membro do primeiro Grupo de Observação do Exército americano a visitar Ienã e estabelecer contato direto com a liderança do Partido Comunista.

Minha tarefa era relatar as opiniões e declarações do Presidente Mao e de outros dirigentes do Partido. A aparência de Mao, seus maneirismos, e a impressão que transmitia, as conversas em geral — tudo isso não tinha importancia para relatórios oficiais, e era em grande parte omitido. Mas Mao Tsé-tung não era uma pessoa que a gente esquecesse.

Ao primeiro contato não havia bem aquele sentimento de calidez imediata e de relacionamento quase instantaneo que se experimentava com Chou En-lai. Mao era alto para um chinês, mas tão gordo como viria a tornar-se. Movia-se um tanto lentamente, e havia nele um ar de gravidade e dignidade. Mas não de pompa. Era cortez e amável. Talvez fosse uma espécie de timidez e reserva; ficava-se um pouco com a sensação de que ele estava avaliando seu interlocutor.

As coisas mudavam, é claro, quando o conhecíamos melhor. Faltando-lhe talvez algo da suavidade e civilidade de Chou, Mao sabia também ser mais vivaz e espontaneo. Era provável que as conversas reluzissem com ditos de espírito, alusões aos clássicos chineses e observações lúcidas e surpreendentes. Conclusões adequadas e óbvias eram atingidas de repente, sem que se parecesse ter chegado a elas por um processo lógico. As conversas também derivavam para direções inesperadas e inteiramente fora de popósito. Havia poucos assuntos em que ele não estivesse interessado e dos quais suas leituras omnivoras não lhe houvessem dado algum conhecimento.

Era normal, acho eu, o fato de que ele geralmente parecia estar conduzindo a conversa. Sentia-se às vezes que era a gente quem estava sendo entrevistado. E no entanto, ele fazia isso com muita finesse. Não monopolizava a conversa, não tentava impor a qualquer custo seus pontos-de-vista nem dominar o interlocutor. Na verdade, em reuniões de grupo, tinha geralmente o cuidado de providenciar para que toda pessoa presente tivesse oportunidade de juntar-se aos outros e manifestar-se. Muitas vezes, Mao resumia no fim o sentido geral do debate. Sempre que o vi fazer isso, seu resumo foi justo, completo e sucinto.

A nítida e indiscutível liderança de Mao sobre o Partido só recentemente fora conseguida. Mas havia uma atmosfera tranquila e descontraída, entre os principais dirigentes comunistas, que surpreendia aqueles entre nós que haviam tido contato com o líder do Governo de Chungking, Chiang Kai-shek, e observado a tensão que o Generalíssimo criava entre todos os abaixo dele.

Todos respeitavam o Presidente Mao, e ele era, evidentemente, o primeiro entre iguais. Parecia, por exemplo, ser o único líder que vivia numa casinha separada, fora dos vários complexos institucionais. Mas num grupo de camaradas veteranos da Longa Marcha, não havia subserviência, nada de posição de sentido, o que se via era antes um diálogo fácil, algumas piadas e gozações sobre acontecimentos passados, e até uma disposição a divergir em opiniões — embora não diante de estrangeiros — sobre qualquer problema de política externa.

A política era o que mais ocupava o pensamento e o tempo de Mao; como conquistar o apoio dos camponeses nas áreas de guerrilha por trás das linhas japonesas; como empregar a força resultante desse apoio camponês na inevitável luta futura pelo Poder contra a ditadura unipartidária de Chiang Kai-shek; como persuadir os Estados Unidos a assumirem um papel neutro nesse conflito interno chinês.

ESSES eram os temas em todos os seus aspectos e ramificações, sobre os quais Mao preferia falar. Os talhes, os problemas do dia-a-dia, a rotina do comando, ele preferia deixar aos outros. Camaradas capazes, como Chu En-lai ou Chu-Teh, por exemplo, não faltavam.

Mas se eu quisesse mais detalhes do que ele estava interessado em dar, ou podia dar, enviava-me a outro dirigente. Enviava-me, por exemplo, a Liu Shao-chi para falar dos assuntos do Partido, sua força e organização. Po Ku, um dos líderes treinados pelos soviéticos e um dos ex-rivais de Mao dentro do Partido, era o homem indicado por ele para me falar da política econômica no pós-guerra. Um líder comunista japonês no exílio era designado por Mao para me falar sobre as opiniões do Partido chinês em relação ao futuro do Imperador do Japão.

Essa disposição de relegar responsabilidades e sua óbvia confiança e dependência dos associados eram apenas um dos muitos contrastes com o que eu testemunhara em Chungkin, onde poucas decisões podiam ser tomadas, aparentemente, sem Chiang Kai-shek.

Como nosso grupo em Ienã era do Exército, e encarregado de avaliar o potencial militar das forças comunistas na guerra contra o Japão, nosso primeiro encontro tratou de estabelecer os procedimentos e os aspectos formais do nosso relacionamento. Mas os comunistas sabiam que eu era um civil, que reportava tanto ao General Stilwell como ao Departamento de Estado.

Quando um dos primeiros encontros se encerrou e Mao pôde falar em particular comigo, disse-me com um meio-sorriso enigmática que supunha que eu queria ter uma conversa com ele, e que também queria falar comigo. Contudo, continuou, achava que nossa conversa seria mais útil para os dois se tivéssemos oportunidade de nos conhecer, e se os americanos pudessem ver algo dos comunistas.

Só um mês depois, assim, é que fui convidado para minha primeira verdadeira entrevista a sós com Mao. Com uma interrupção para a ceia, quando Chiang Ching se juntou a nós, a conversa durou oito horas. Seguiram-se outras, mas nenhuma tão longa. As bases haviam sido lançadas.

Uma das coisas que mais me impressionaram naquela entrevista foi a constatação de que o tranquilo ar de força e serenidade característico de Mao não era pose. Ele acreditava absolutamente no sucesso final de sua causa e do Partido Comunista. O contraste com suas circunstancias reais nas cavernas de Ienã, na época, era esmagador. Foi preciso algum tempo para nos acostumar a isso, e outro considerável período para chegar à conclusão a que finalmente chegamos: que o Presidente Mao estava certo naquela confiança.

Quando tive chance de revisitar a China, em 1971, era notável quantos daqueles temas acentuados e reacentuados nas conversas de 1944 em Ienã ainda pareciam vivos e cheios de significado. O Partido, ele dissera, deve servir ao povo, e aceitar (como na Revolução Cultural) a crítica do povo. Os intelectuais devem aprender algum trabalho manual, e a educação deve ser prática, não excessivamente teórica. A China só poderia se desenvolver dependendo de si mesma. Quando motivados, os camponeses eram capazes de grande criatividade e de conquistas prodigiosas. A China não deveria temer perigos ou dificuldades. O espírito é superior à máquina. E tudo é possível para a paciência e a firme persistência.

Alguns temas, como as relações com a União Soviética, eram menos nitidamente abordados por ele. Somos antes de tudo chineses, insistia sempre. Buscamos relações de amizade, mas não recebemos ordens de ninguém. Sempre tomaremos nossas decisões e sempre aplicaremos o marxismo de acordo com as circunstancias atuais da China. E pensava mesmo então que a amizade dos Estados Unidos era um equilíbrio necessário para uma União Soviética muito impositiva.

Nem tudo que o Presidente Mao pensou e porque combateu se realizou, é certo. Desde aquelas primeiras sondagens em 1944, por exemplo, as relações sino-americanas ainda se encontram numa insatisfatória zona crepuscular. Mas no todo, que homem conseguiu mais coisas numa vida! A China levantou-se no mundo. A face do país foi transformada. E seu povo foi conduzido numa revolução longa, ainda inacabada, para forjar uma nova sociedade igualitária, que deu à grande massa do povo um sentido de propósito, confiança, segurança e bem-estar que a maioria jamais poderia ter sonhado.

Eu perguntava sempre a amigos comunistas chineses porque eles achavam que Mao vencera seus muitos rivais e se tornara o líder inconteste. A resposta era sempre a mesma, e no fim resumia-se a uma frase: "Ele via longe."

John S. Service serviu na China, durante 12 anos, com o Departamento de Estado, de 1933 a 1945. Depois de um longo período de ostracismo, após a visita de Nixon à China, reapareceu como um dos mais solicitados sinólogos americanos.

KOSSIGUIN

SÓ TOMOU UM BANHO

Dev Murarka

VICTOR Louis não a escreveu, nem ao menos a sugeriu, na verdade. Quando a notícia do acidente com Kossiguin apareceu no Evening News, *de Londres (do qual ele é correspondente em Moscou, além de ser tido como porta-voz oficioso do Kremlin), Louis nem se encontrava na Capital soviética. E', portanto, fora de qualquer dúvida que a matéria foi criada e escrita em Londres, mas o estranho é que tenha aparecido sob a sua assinatura.*

Ainda mais extraordinário foi que, tão logo ela apareceu, a BBC anunciou, em alto e bom som, com certa tagarelice irônica, que havia sido decidido em Moscou, no "mais alto nível", deixá-la vir a público. Ora, até uma criança soviética sabe que existe apenas um "mais alto nível" em Moscou: o Politburo do Comitê Central do Partido Comunista soviético.

A simples idéia de que o Politburo tenha se reunido solenemente para decidir entregar a matéria de bandeja ao temível Victor Louis é tão ridícula que chega a provocar lágrimas de riso. Que foi o que provocou nos poucos russos que ouviram a irradiação.

A única explicação para esse furo da BBC seria a de que Moscou tem sido sempre boa fonte para este tipo de aventuras dos meios de comunicação. Mas é certo que alguém, em algum lugar, foi responsável pela divulgação do acidente com Kossiguin e, considerando-se todas as circunstancias, poder-se-ia apostar que este alguém seria o Serviço de Informações britanico ou o próprio Foreign Office, *em Londres.*

E' tão raro hoje em dia qualquer um deles conseguir uma informação desse tipo que, quando a obtêm, ficam indóceis para passá-la adiante. Os orgulhosos editores de Fleet Street, por sua vez, não se negariam, ao que parece, a aceitar tais imposições, particularmente quando podem ser tão facilmente atribuídas ao outro lado. Assim, a glória deve realmente caber ao seco senso de humor de quem se utiliza do nome de Victor Louis como cobertura.

A verdade é que a notícia foi altamente deturpada, pois Kossiguin não sofreu ataque cardíaco. Ele escorregou de seu barco e caiu no rio; naturalmente, seu guarda-costas saltou atrás dele, ajudando-o a chegar à margem. Aparentemente, o Primeiro-Ministro teve algum ferimento, o que explica o longo período de repouso após o acidente, ocorrido no fim de julho. Afinal de contas, ele tem 72 anos.

Assim, qual a razão para forjar uma notícia tão sensacional, que certamente desencadearia todo tipo de rumores e especulações em torno do Primeiro-Ministro soviético? Em Moscou se sugere que o motivo era prejudicar o futuro de Kossiguin. Mas, se esse foi o objetivo, a coisa toda parece ter sido contraproducente. Nos círculos oficiais de Moscou consta ser iminente o retorno de Kossiguin a seu posto.

CONTUDO, as especulações aumentaram com a nomeação de Nikolai Tikhonov para primeiro Vice-Primeiro-Ministro, divulgada na sequência do acidente de Kossiguin. Jornalistas e diplomatas estrangeiros, relativamente entediados com o longo e morno verão de Brejnev, e com a estação morta em Moscou, tiram o partido que podem da notícia.

Alguns já fazem Kossiguin arrumar as malas; outros, o estão elevando à condição honrosa de Presidente do Soviete Supremo da União Soviética, substituindo a Podgorny; outros ainda, considerando-se cautelosos e prudentes, insistem simplesmente em que está velho e, por conseguinte, terá de sair um dia. O mesmo grupo heterogêneo se ocupa em nomear seu sucessor, indo os nomes desde o relativamente óbvio do primeiro Vice-Primeiro-Ministro (existem dois primeiros Vice-Primeiros-Ministros agora, como havia antes) Kyril Mazurov até a indicação romantica de Grigory Romanov, um dos mais novos membros efetivos do Politburo e primeiro-secretário do PC de Leningrado.

Nesta atmosfera de estufa, onde os fatos não só são difíceis de ser apurados como também, em muitos casos, são apenas frutos de fantasiosa imaginação, não é raro se ignorar as realidades. Uma destas realidades é que, desde que Brejnev e Kossiguin passaram a ocupar suas atuais posições (outubro de 1964), especuladores vêm prevendo a saída de um ou outro, ou de ambos, com monótona regularidade.

A única diferença, nos últimos anos, é que as manifestas fraquezas da idade avançada proporcionaram uma razão mais plausível para tal especulação. A única guinada nova é que a indisposição de Kossiguin desviou a atenção de Brejnev, provavelmente com grande alívio para o chefe do PC.

O pior é que os poucos fatos disponíveis são usados incorretamente. Veja-se, por exemplo, a ligação que se fez entre o acidente de Kossiguin e a nomeação de Tikhonov. Para começar, Tikhonov preenche a vaga deixada, em 1973, por Dimitry Polyansky, atualmente Embaixador no Japão, que foi rebaixado do posto de primeiro Vice-Primeiro-Ministro para o de Ministro da Agricultura. Desde então, houve apenas um primeiro Vice-Primeiro-Ministro, Mazurov.

E' possível que a promoção tenha sido apressada para proporcionar maior assistência a um enfraquecido Kossiguin. Por outro lado, aos 71 anos, Tikhonov não está em idade de ser chamado a preencher o lugar de Kossiguin, ou mesmo o de Mazurov.

A verdadeira notícia — que não conhecemos — está em saber-se porque o posto ficou vago tanto tempo. Há certas evidências sugerindo que a promoção de Tikhonov é o resultado de uma luta interna de poder de caráter bem definido. Há algum tempo, admitia-se como certo que Boris Stukalin, de 54 anos, desde 1970, presidente da Comissão Estatal para Publicação, seria nomeado para este posto, mas sua nomeação foi bloqueada pelos esforços conjuntos de Suslov e Mazurov, pela sua incompatibilidade, segundo se diz, com o chefe ideológico da União Soviética — Suslov.

Embora Stukalin fosse, por influência, a escolha de Brejnev, o Secretário-Geral teve de ceder aos desejos de seus colegas. Este episódio revela alguma coisa sobre o estilo de Brejnev e sua moderação no relacionamento com seus colegas. No fim, naturalmente, Brejnev recorreu a outro de seus partidários, Tikhonov, há muito ligado a ele, mas apenas como candidato inofensivo, de transição.

Mais significativamente, a nomeação de Tikhonov foi anunciada durante uma breve estada do líder soviético em Moscou, entre sua chegada das férias na Criméia e sua partida, em 2 de setembro, para uma conferência agrícola em Alma-Ata, no Cazaquistão. Isto sugere que Brejnev venceu a luta no último minuto, mas está longe de presumir a saída de Kossiguin em futuro próximo.

Também indica outra coisa: se houver um sucessor para Kossiguin em futuro próximo, é improvável que a escolha recaia sobre Mazurov. Por conseguinte, talvez não tenha fundamento chegar à conclusão apressada de que Mazurov ocupará, por acesso natural, o lugar de Kossiguin, sem mencionar o fato de que há quase um ano se ouve dizer que Mazurov não herdaria, em hipótese alguma, o cargo de Primeiro-Ministro.

Ademais, se alguma coisa parece óbvia nos últimos anos, no que respeita às nomeações para altos cargos na URSS, é que o óbvio não se concretiza. Mesmo os mais clarividentes kremlinologistas, por exemplo, não teriam previsto a promoção de Tikhonov, mas ela ocorreu, e não exatamente pelas razões que estão sendo tão confiantemente indicadas.

De acordo com as evidências disponíveis até agora, é muito prematuro alijar Kossiguin, com base num acidente ou enfermidade passageira, mas não há dúvida de que está a caminho uma grande reorganização da estrutura ministerial, cujo planejamento vem se processando desde o XXV Congresso do Partido, em fevereiro passado. No processo, e como resultado de seu acidente, os encargos de Kossiguin talvez tenham sido aliviados, mas sem que isto interfira em sua autoridade.

Dev Murarka é correspondente do JORNAL DO BRASIL em Moscou.

A Lockheed e os seus escândalos

Pierre Feydel
L'Express

JULGADO: um príncipe consorte holandês. Presos: um ex-primeiro-ministro japonês; dois generais, um italiano e um turco; dois homens de negócios, um italiano e um japonês. Suspeitos: o atual Presidente do Conselho italiano e alguns de seus antecessores; um punhado de ex-ministros alemães, britanicos, espanhóis; vários oficiais superiores colombianos, gregos, mexicanos, venezuelanos, suecos; personalidades nigerianas, sauditas, sul-africanas.

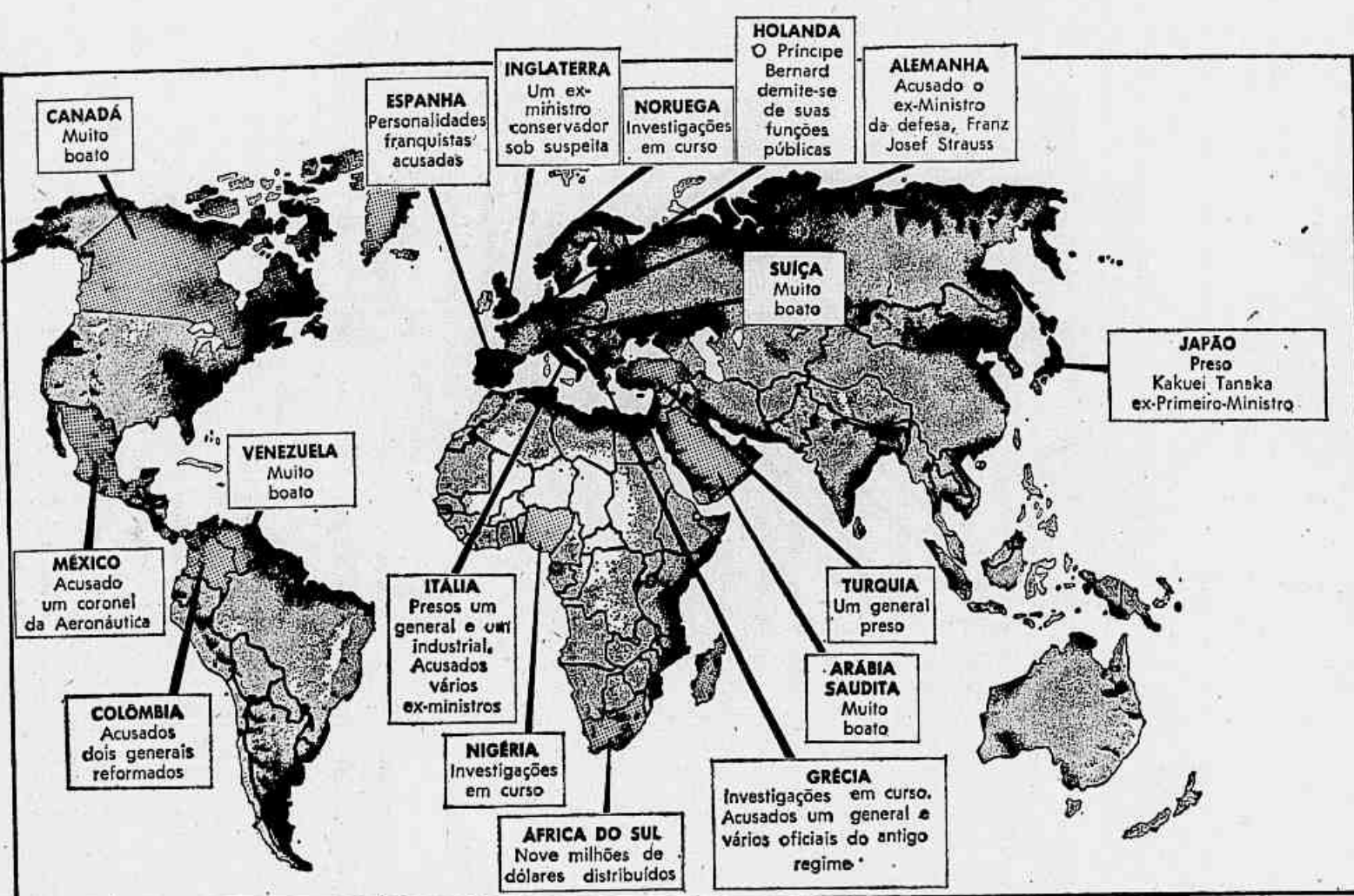
O inventário dos poderosos deste mundo vitimados pelo escandalo da Lockheed assume as dimensões de um *Who's Who* internacional, e sua queda das alturas parece um castigo divino. E' realmente um apocalipse para alguns Partidos politicos no Poder e para uma família reinante.

O anjo exterminador é encarnado hoje por Frank Church, Senador pelo Estado de Idaho, presidente da comissão do Senado sobre as atividades das multinacionais de seu país. Como bom fiel da Igreja presbiteriana, talvez ele conheça o versículo da Bíblia que diz: "Pois do vinho das prostituições de Babilônia se abeberaram todas as nações, os reis da Terra fornicaram com elas, e os traficantes da Terra enriqueceram com sua desenfreada luxúria".

O vinho das prostituições da Babilônia-Lockheed são mais de 25 milhões de dólares distribuídos em pelo menos 17 nações do mundo *(ver mapa)* para subornar e corromper. E o anjo Church fez rolar cabeças, primeiro nos Estados Unidos, depois na Europa, Ásia, Africa. Por toda parte.

As exigências de moral política que se impõem os Estados Unidos de após Watergate alcançam o resto do mundo. O escandalo estoura aqui, germina ali. Mesmo os inocentes o temem. Basta alguém possuir alguns aviões Lockheed para se sentir culpado. O sub-secretário norueguês de Defesa, Johan Joergen Holsten, ordenou a seus serviços que examinassem cuidadosamente os contratos feitos com a empresa americana para a compra de aparelhos, sem dúvida seguindo o adágio de que é melhor prevenir que remediar, porque naquele país ninguém é suspeito pela comissão de inquérito americana de ter sido corrompido. Mas Holsten não é, certamente, o único estadista do mundo a ter essa reação, com exceção dos da França, onde a Força Aérea tem poucos aviões americanos em geral e poucos Lockheed em particular. As companhias Air France, Air Inter e UTA são clientes da Boeing, da Douglas e de fabricantes europeus. Isso explica porque hoje a França está fora desse escandalo.

Contudo, a Lockheed Aerospace Company, no início de 1976, vendeu em muitas dezenas de países mais de mil de seus aviões. Só do Hercules C-130, o avião de transporte dos comandos israelenses em Entebbe, foram construídas quase 500 unidades, adquiridas por 38 países.

A Lockheed devia portanto ser uma empresa próspera. Os subornos só poderiam ser uma forma desleal de aumentar essa prosperidade. Mas não é assim. A Lockheed está em apuros. Sofre dos graves males que envenenam há mais de seis anos a vida dos construtores aeronáuticos americanos. No fim do primeiro semestre deste ano, a indústria aeroespacial americana empregava pouco mais pessoas que em 1960. A Aerospace Industries Association (AIA) anunciou que tinha 903 mil assalariados. Cerca de 40% menos que em 1968.

Naquela época, a retirada parcial do Vietnã, a limitação das encomendas de veículos espaciais, os golpes desferidos pelo Congresso no orçamento da Defesa, de um lado, limitando as vendas de outro, impediram o lançamento de novos programas.

Em Seattle, a Boeing dispensou em dois anos 63 mil de seus 101 mil empregados. A Rockwell, que participara largamente do programa Apolo, teve de dispensar dois terços de seu pessoal da divisão aeroespacial. A Lockheed demitiu um terço de seus empregados.

A situação financeira da empresa deteriorou-se rapidamente. No início de 1971, boatos de falência corriam por Wall Street. A Lockheed perdeu 480 milhões de dólares nos contratos de defesa feitos com o Pentágono, dos quais 200 milhões no programa de fabricação do Galaxie C-5, um cargueiro gigante. De uma só vez, a empresa registrou, para o exercício de 1970, um déficit de 80 milhões de dólares.

O presidente do conselho de administração, Daniel J. Haughton, anunciou que procuraria obter empréstimos bancários para financiar o projeto de construção do Tristar L-1011. Os bancos hesitaram. A firma informou que teria de demitir 6 mil 500 empregados.

Mas se o programa Tristar não pudesse ser levado a cabo, as companhias aéreas que haviam encomendado o avião reclamariam os "sinais" que tinham dado à Lockheed a título de opção, ou seja, de 70 a 80 milhões de dólares já desembolsados.

POUCO a pouco, no entanto, a situação normalizou-se. No fim de 1971, o Governo Nixon lutava encarniçadamente contra as pombas do Congresso para aumentar o orçamento de defesa. As vendas da indústria aeronáutica americana atingiram 23,5 bilhões de dólares, segundo a AIA, que julgou esse montante ainda insuficiente. A Lockheed conseguiu tomar emprestados 650 milhões de dólares e continuar com o programa Tristar, e estava provisoriamente salva.

Em 1976, tudo foi novamente posto em questão. Em fevereiro, a direção da sociedade foi decapitada, após o depoimento, perante o Senador Church, do Vice-Presidente A. Carl Kotchian. Este se demitiu dias depois, juntamente com o Presidente Haughton.

Robert W. Haack, antigo presidente da Bolsa de Nova Iorque, aceitou suceder Haughton provisoriamente. Sua primeira decisão foi anunciar que todas as atividades da Lockheed fora dos EUA seriam conduzidas e supervisionadas pelos escritórios centrais da firma.

Mas também tinha de enfrentar uma situação financeira inquietante. A Lockheed ainda devia 195 milhões dos 250 milhões de dólares que tomara emprestados com a garantia do Estado em 1971. Restavam os 400 milhões de adiantamentos bancários não cobertos pelo Governo. Esses empréstimos pesavam muito. Tanto mais que as perspectivas comerciais eram pouco entusiasmantes. A Lockheed esperava vender 300 Tristar. Em agosto, a British Airways encomendou seis. Seriam entregues a partir de 1979. Mas a linha de fabricação de Burbank teve de reduzir sua produção a nove aparelhos por ano. E até então só 160 aviões haviam sido construídos, dos quais 30 entregues. O programa Tristar, com essas perspectivas de venda, já perdera, em 1974 e 1975, uns 100 milhões de dólares.

Haack, em junho passado, anunciou que um plano de reestruturação financeira da Lockheed fora aceito por 24 bancos. As dívidas da sociedade seriam convertidas em ações, com a concordancia da Securities and Exchange Comission (SEC), Comissão Americana das Operações da Bolsa. Em troca de sua concordancia, a SEC teria conhecimento de todas as comissões ocultas, passadas e futuras, dadas pela Lockheed no exterior.

Eis a Lockheed controlada e salva por algum tempo. O que não anulava de modo algum as causas do escandalo, pois os que aceitaram subornos da empresa não são vítimas apenas de sua própria leviandade. Por causa dela, aceitaram tornar-se representantes comerciais oficiais de uma enorme potência industrial e política: o *lobby* militar-industrial americano.

Os contratos de defesa do Pentágono sustentam negócios entre os mais poderosos do mundo. Todo ano, a lista das 100 primeiras empresas beneficiadas com esses contratos é publicada. E' particularmente reveladora.

A primeira beneficiária é a Lockheed, que recebeu em 1975 do Pentágono, 2 080 milhões de dólares para um total de negócios em 1974 de 3 222 milhões de dólares. Seguem-se a Boeing, com 1 560 milhão de dólares; United Technologies, com 1 407; McDonnel-Douglas, 1 397; Grumman, 1 319; General Dynamics, 1 288; General Electric, 1 264; Litton Industries, 1 038; Hughes Aircraft, 1 026; Rockwell International, 732; etc.

Mais distantes vêm, após as firmas aeronáuticas, as eletrônicas, petroleiras e outras. No 16º lugar, a General Motors; no 19º, a Exxon; no 22º, a Standard Oil; no 23º, a Honeywell. Ao todo, mais de 20 bilhões de dólares foram distribuídos às empresas beneficiadas com os 30 maiores contratos de defesa.

Essa verba é indispensável à sua existência. Cada firma depende de um aumento ou redução das despesas orçamentárias do Departamento de Defesa. Em 1971, o orçamento ficou em torno de 76 bilhões de dólares. Especialistas calculam que se essa cifra fosse reduzida a 59 bilhões, a indústria aerospacial perderia 24% de suas vendas; a eletrônica, 12,9%; a siderúrgica, 8%. Se, porém, o orçamento chegasse a 93 bilhões, os construtores de aviões venderiam 35,5% mais; e as indústrias eletrônicas, 19,2%.

Todo ano, o Congresso tenta reduzir as despesas militares. Amputa, anula programas. Contudo, a verba da Defesa para 1976 foi de 98 bilhões de dólares, um quarto do orçamento federal. Para 1977, o Pentágono propõe 115 bilhões de dólares. E ainda este ano, os construtores americanos venderam 60% de sua produção às Forças Armadas de seu país.

Fora isso, eles têm de exportar a qualquer custo, por todos os meios, inclusive os mais escusos.

TODOS os dirigentes dessas empresas têm na cabeça duas cifras. A do mercado de aviões militares no mundo, de 1973 a 1982: 29 mil aviões, 91 bilhões de dólares. E a dos aviões civis para o mesmo período: 3 mil aviões, 43 bilhões. Sabem que, se pegarem a essência desses dois mercados, poderão reencontrar o nível de emprego e de lucro de 1968. Assim, cada um aumenta sua parte das cifras de negócios destinadas à exportação.

"Algumas pessoas pensam que os Estados Unidos têm a obrigação moral de vender armas aos outros países para a defesa deles, depois que compreendemos abertamente que não poderemos mais ser por muito tempo os policiais do mundo", constatou o presidente da Boeing, Thornton A. Wilson. Acrescentou que, quanto a ele, sabe que as exportações de armamentos dão emprego a 350 mil americanos, e que essas vendas "constituem uma contribuição importante à manutenção de uma forte indústria de armamentos nos Estados Unidos".

A essas realidades econômicas e industriais opõe-se agora o rigor moral de alguns congressistas. Como o Senador Frank Church, eles não acham que "o povo americano queira que a desonestidade se torne prática corrente na vida política e econômica". Nem no país deles nem no dos outros.

Como o representante Jonathan Bingham, do Estado de Nova Iorque, eles não podem crer que "seja sensato equipar a Jordania com mísseis americanos para atacar os aviões americanos que equipam a Força Aérea israelense". E tanto pior para os príncipes, ministros e generais que se fazem intermediários desse comércio.

Os russos não deixam falar

Lord Chalfont

HA muito tempo — na verdade, quando penso nisso agora, parece que aconteceu em outro mundo — eu tive um preceptor russo em Paris. Como todos os bons professores de linguas, ele só conversava comigo em seu próprio idioma, e, entre suas numerosas idiossincrasias, estava o hábito de fazer trocadilhos obscuros e incompreensíveis.

Como esta forma de humor me irrita, mesmo quando perpetrada na minha própria língua, comecei pouco a pouco a experimentar sensações de fúria homicida sempre que ele batia de leve com o dedo indicador direito no lado do nariz — sinal infalível da aproximação de algum trocadilho tortuoso e infame. Todavia, um dos seus trocadilhos menos equívocos continua até hoje em minha memória, talvez porque ele a repetisse incansavelmente todas as manhãs, quando nos sentávamos à mesa de um café na calçada para tomar chá com limão e ler os últimos jornais de Moscou.

Conforme a maioria dos leitores devem saber, os dois principais jornais oficiais russos são o Pravda *e o Isvestia, palavras que significam, respectivamente,* Verdade *e* Notícias. *Depois de ler os dois jornais, ele dava o tradicional aviso nasal, tomava um gole de chá e anunciava, em seu indelével russo pré-revolucionário: "Em* Verdade *não há notícias e em* Notícias *não há nenhuma verdade". Depois, dava aquela risada russa, caracteristicamente sem graça, e que consiste exatamente na repetição do monossílabo "ha", três vezes, e precisamente na mesma nota.*

Recentemente, lembrei-me dessas trocas aparentemente irrelevantes por causa de duas experiências com o Pravda. *Espero merecer a atenção de vocês, pois gostaria de falar sobre o assunto.*

A primeira aconteceu há poucas semanas, quando apareceu no Pravda *um artigo sobre o equilibrio militar entre o Leste e o Ocidente. Os pontos principais do artigo eram: que a despesa militar da URSS em 1975 foi a metade da dos EUA; que há excelentes razões por que a URSS deve ter forças armadas convencionais mais numerosas do que a América; e que o número de "unidade de armas nucleares estratégicas" tinha crescido entre 1970 e 1975 à razão de 112,5% nos EUA, e de 38,8% na URSS.*

O artigo era bem escrito e a argumentação convincente; e é a única versão dos fatos a que os leitores de jornais russos terão acesso.

Depois, a 16 de agosto, um jornal inglês publicou uma reportagem afirmando categoricamente que o Governo americano solicitara a permissão para montar uma nova estação de rádio na Inglaterra "para transmitir noticias e propaganda para dentro da Cortina de Ferro". De acordo com esta reportagem, a estação devia-se ligar à cadeia da Rádio Europa Livre, "amplamente financiada pela CIA".

A reportagem era, realmente, uma invenção irresponsável. Não fora feita nenhuma solicitação desse tipo. E, de qualquer forma, a CIA não tem nenhuma ligação com a Rádio Europa Livre desde junho de 1971. Como era de se prever, entretanto, os russos se apoderaram da história, e, no dia 20 de agosto, o Pravda *a repetiu, como prova irrefutável dos esforços da CIA para obstruir o processo da* détente. *No dia 24 de agosto, o jornal inglês publicou uma retratação, admitindo ter-se equivocado quanto aos fatos. Isto, como também era de se prever,* não *foi repetido pelo* Pravda.

MENCIONO esses dois acontecimentos simplesmente para sublinhar o fato, agora razoavelmente bem conhecido no Ocidente, de que não há imprensa livre na URSS. O povo soviético está isolado do resto do mundo por um serviço de informação dirigido pelo Estado, que lhes transmite o que o Estado quer que eles saibam — nem mais nem menos. Isso, de fato tem um efeito direto sobre a realidade e, portanto, sobre esse elemento algo dúbio das relações internacionais, conhecido como détente, *uma vez que não pode existir estreito relacionamento de verdade entre agrupamentos políticos em que não há livre troca de informações.*

Na Conferência de Helsinqui do ano passado, esta verdade foi presumivelmente reconhecida por todos os signatários da Ata Fina que se referiram ao "papel essencial e influente da imprensa, rádio, televisão, cinema e agências de notícias e aos jornalistas que trabalham nesses setores".

Além disso, incluiu-se uma referência específica às comunicações radiofônicas: Os Estados participantes observam a expansão da difusão de informações através da radiodifusão e manifestam esperança de que o processo continue, no interesse da compreensão mútua entre os povos.

Desde a manifestação desses sentimentos inatacáveis, nada mais aconteceu. Não ficou mais fácil comprar jornais ocidentais na URSS, nem o Governo soviético deu qualquer sinal de relaxar o sistema de rigoroso controle de informações em sua própria imprensa.

O mais importante é que as transmissões de rádio do exterior, capazes de funcionar como um substituto da imprensa livre em sociedades fechadas, também são objeto de censura maciça. Este foi recentemente um dos tópicos de um estudo do Dr David Abshire, no qual ele apela para que o Ocidente compreenda melhor o valor da radiodifusão como instrumento de diplomacia.

O Dr Abshire é presidente do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais da Universidade de Georgetown, em Washington. Também preside a Junta de Radiodifusão Internacional, que supervisiona as atividades da Rádio Europa Livre e da Rádio Liberdade. Ele observa que a URSS continua gastando grandes somas de dinheiros (uns 150 milhões de libras por ano), para interferir nas transmissões em lingua russa da Rádio Liberdade, assim como nas da China, da Albania e de Israel. Há também uma continua interferência dos serviços da Tcheco-Eslováquia, Bulgária e Polônia na Rádio Europa Livre.

ACHO que vale a pena salientar que essas atividades de interferência não somente são contrárias ao celebrado "espírito de Helsinqui". Também contrariam a Convenção de Telecomunicações Internacionais de Montreux, da qual a URSS é signatária e, no caso de isso ainda interessar a algum dos signatários de Helsinqui, essas interferências contituem uma violação direta do Artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Penso que é conveniente insistir sobre esses fatos já que parece haver uma tendência, em alguns setores do Ocidente, para esquecer os antecedentes da Declaração de Helsinqui.

Foi o auge da campanha de Brejnev para conseguir o reconhecimento internacional das "mudanças territoriais ocorridas na Europa em consequência da Segunda Guerra Mundial"; e, no Ocidente, o argumento usado para concordar com uma conferência claramente projetada pela URSS como meio de ratificar suas fronteiras no Leste europeu, foi que essas fronteiras seriam abertas para a livre troca de idéias e livre movimento de pessoas — elementos essenciais daquela parte dos acordos de Helsinqui que trataram de cooperação humanitária e chegaram a ficar conhecidos como "Terceiro Cesto".

O não cumprimento de sua parte nas negociações de Helsinqui por parte dos soviéticos é mais que uma simples violação de compromisso; põe em dúvida todo o conceito da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa, e até a teoria de que a Declaração de Helsinqui tem qualquer validade.

Pois, como disse Alexander Soljenitsyn em seu discurso de recepção do Prêmio Nobel: "O Bloqueio da informação torna irreais as assinaturas e tratados internacionais; dentro da zona de silêncio forçado, qualquer tratado pode sofrer reinterpretações à vontade".

Ninguém, em sã consciência, quereria dificultar o alívio de tensões ou o desenvolvimento de boas relações entre a URSS e o Ocidente, desde que sejam baseadas num clima comum de informação, sem o qual a confiança mútua é simplesmente impossível.

Portanto, é de vital importancia que, entre agora e junho de 1977, quando a próxima conferência Leste/Oeste deve-se realizar em Belgrado, as potências ocidentais esclareçam à URSS, não deixando qualquer possibilidade de dúvida ou interpretação errônea, que a continuação da détente *está condicionada a uma verdadeira melhora no livre fluxo de informações e ao cumprimento das garantias de Helsinqui sobre cooperação no campo dos direitos humanos.*

Isto se aplica, com urgência especial, à questão da radiodifusão. Pois, enquanto a URSS continuar a interferir no direito de seus cidadãos e os cidadãos dos países da Europa Oriental receberem informações e idéias "através de qualquer meio de comunicação e sem consideração a fronteiras", a Declaração de Helsinqui vale muito menos que o papel em que foi escrita.

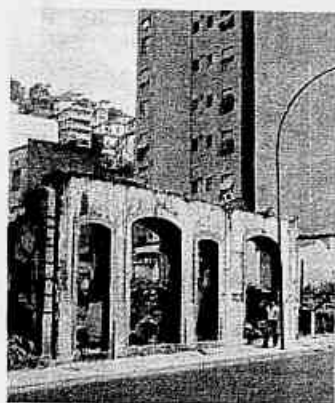
Lord Chalfont, ex-Secretário de Defesa do Governo Inglês, escreve frequentemente sobre relações Leste-Oeste.

Revista de Domingo

Suplemento do *Jornal do Brasil*. Não pode ser vendido separadamente   Número 24

O que estão fazendo com o Rio?

Rua Ferreira Viana, no Catete

Consulte seu Agente de Viagens
TRANS BRASIL
Pensa em você

LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

O Agente Secreto

Quem dentre vós nunca sonhou em criar o seu próprio agente secreto inglês que atire o primeiro James Bond. Certa vez pensei em inventar um superagente brasileiro, Jaime Alguma Coisa, e escrever suas aventuras no mundo da intriga internacional, mas não deu certo. Por alguma razão, sempre que eu começava a descrevê-lo, saía um tipo magro, baixo, orelhudo, de bigodinho, o único no departamento a torcer pelo América, e que enjoava em avião. Sua classificação de 00664853 barra 7 lhe permitia andar armado, virar a gola do seu impermeável para cima e fazer um lanche por dia à custa do departamento, com comprovante. Na primeira página da primeira aventura que imaginei para ele, o chefe da espionagem, seu superior, examina o dossiê de um caso dificílimo que tem à sua frente, morde a haste do cachimbo e decide: "Este é um caso para o Jaimito". Parei aí mesmo. Nada de muito sério — e certamente não aquele caso de espionagem atômica envolvendo a própria sobrevivência do país, além de 17 anões iugoslavos e uma falsa condessa — podia ser confiado ao Jaimito. Além disso a sua arma secreta, um isqueiro com 64 utilidades diferentes, todas mortíferas, falhava até para acender cigarro. Desisti do Jaimito. Agente secreto inglês tem que ser inglês. Como este que acabei de criar.

Peter Vest-Pocket encurtou a Segunda Guerra Mundial em oito meses ("e três dias", acrescenta ele, com característica atenção ao detalhe) quando decifrou para os Aliados os códigos do Alto Comando alemão — embora tivesse só cinco anos incompletos na ocasião. Seu sorriso enigmático foi responsável por 10 tentativas de suicídio em todo o mundo, nove mulheres e um bailarino russo que engoliu a própria sapatilha. É a maior autoridade mundial em peixes tropicais, manuscritos medievais da Europa Central e a vida de Mae West. Suplementa o seu salário do governo jogando pôquer, no qual desenvolveu um método infalível para ganhar sempre: trapaceando.

Foi no famoso salão cor de vômito, o Puke Room do Harbinger's em Londres, onde você só entra apresentando ao porteiro uma nota assinada pelo Secretário do Tesouro da Inglaterra, de preferência de mil libras, que Vest-Pocket viu-se, certa noite, frente a frente com o único homem no mundo que temia: o Barão Guy de la Recherche. Na mesa estavam ainda um gordo ex-ministro venezuelano que suava muito, um Emir árabe com óculos tão escuros que precisava de um secretário para lhe dizer que cartas tinha na mão e o rei das batatas *chips* dos Estados Unidos. Mas Vest-Pocket os ignorou. Seu adversário era de la Recherche.

Recostado na cadeira com a mão direita erguida ao lado do rosto, segurando um dos charutos que Fidel lhe mandava semanalmente com aborrecidos bilhetes cheios de admiração juvenil, Vest-Pocket jogava displicentemente com a mão esquerda. Só variava a posição quando dava as cartas e aí prendia o charuto entre os dentes e usava as duas mãos para embaralhar, servir a mesa e tirar cartas da manga quando a situação o exigisse. Periodicamente levava à boca um copo de aguardente feito especialmente para ele, na Bolívia com a saliva de jovens índias que mascavam a raiz sagrada do Peote — e duas gotas de Beneditino.

Às quatro horas da madrugada, tendo mantido o jogo razoavelmente equilibrado até ali para não espantar ninguém, Vest-Pocket viu a sua chance. O Barão, que sempre passava um dedo pelo seu afilado nariz quando tinha um bom jogo nas mãos, esfregava o nariz como nunca. E o secretário que lia as cartas para o Emir acabara de segredar alguma coisa no ouvido do seu mestre que o fizera sorrir, quase imperceptivelmente. O venezuelano e o americano estavam de fora. Chegara a hora. Tudo dependia daquela jogada. Vest-Pocket dava as cartas.

O Barão não quis cartas. O Emir pediu uma, que obviamente o agradou. Peter descartou duas e tirou da manga as duas que faltavam para o seu *Royal Street Flush*.

O Emir não tinha fichas suficientes para apostar e colocou na mesa um cheque de 100 mil libras.

"Suas 100", disse o Barão, tirando um livro de cheques do bolso, "e mais 100".

"As suas 200", disse Peter, "e mais 400".

"As suas 600", disse o Emir, "e mais o número da minha conta na Suíça e uma autorização para sacar tudo".

"Não aceitamos hipóteses, queremos cifras", disse Peter, com tamanha autoridade que o Emir não disse outra palavra. "Barão?"

"As suas 600. . .", começou o Barão, "e o que você quiser, meu amigo. Minha propriedade no Loire? A minha ilha nas Caraíbas? Meus cavalos na Argentina? Diga você".

"Quero a sua receita de *mousse* de salmão".

"O quê? Impossível. É um segredo de família. Ninguém mais a conhece. O meu prato supremo"

Exatamente, pensou Peter Vest-Pocket. Enquanto o Barão de la Recherche detivesse o segredo daquela *mousse* de salmão, ele, Peter, não podia se considerar o melhor cozinheiro amador do mundo. Com a receita da *mousse* de salmão, ele seria imbatível. Não precisaria mais temer a reputação de ninguém. Sem tirar os olhos dos olhos do Barão, Peter falou:

"Aumente a parada, pague para ver ou silencie para sempre. Se eu ganhar, quero a receita da *mousse* dentro de 48 horas, pois pretendo receber algumas pessoas para jantar".

(Ao leitor decepcionado com a falta de ação, violência e intriga internacional explico que esta é só a primeira cena. Os 17 anões iugoslavos e seus exóticos métodos de matar o inimigo a cócegas entram depois.)

AGGS INDÚSTRIAS GRÁFICAS S.A.

Como falar em agropecuária numa revista de moda, beleza, família, cultura etc?

Faz tempo, mas você ainda deve lembrar das filas que dobravam as esquinas por uma lata de óleo. Por um quilo de carne. Por um litro de leite.

É que em determinadas épocas do ano – as chamadas entressafras – muitos alimentos sumiam do mercado. E da sua cozinha.

Por isso, achamos que a solução que o Governo encontrou para o problema deve interessar a você tanto quanto moda, maquiagem e decoração.

A partir do momento em que os interesses dos produtores se conciliaram com os dos consumidores, os alimentos apareceram e as filas desapareceram. A armazenagem nos períodos das safras é apenas um exemplo das medidas que têm sido tomadas para se evitar a escassez dos produtos nas entressafras.

Por meio de seu principal agente financeiro – o Banco do Brasil – o Governo está sempre oferecendo incentivos aos agricultores e pecuaristas brasileiros.

Assim eles podem produzir mais, ter lucros mais justos e ainda por cima nunca mais vão deixar faltar nenhum produto na sua mesa.

BANCO DO BRASIL

mpm

O QUE ESTÃO FAZENDO COM O RIO?

A dificuldade de ser do carioca

Marcos Santarrita • Fotos de Januário Garcia

Comércio, indústria, autoridades, população, todos fazem o que podem para enfeá-lo. Mas ele resiste, com o heroísmo de seu nome oficial. O pintor Gauguin costumava dizer que o feio pode ser belo; o bonitinho, nunca. E o mal do Rio às vezes, parece ser exatamente este — as desajeitadas tentativas de embelezá-lo. É o que agride, por exemplo, nas ruas do Centro, nos coloridos anúncios em acrílico ou neon, com desenhos que envergonhariam uma rua do interior, e que vulgarizam venerandas construções, algumas em ruínas, transformadas em cortiços. Quando não é isso, é a simples indiferença, a falta de senso comunitário, ou a pobreza mesmo, que se refletem nas vidraças quebradas, nas paredes enegrecidas, nas roupas penduradas em janelões e varais.

Tabiques de obras avançam contra as ruas, estrangulando o pouco espaço que ainda resta aos pedestres, caramanchões de tela vedam os céus, paredes ruem em pleno movimento do meio-dia sob as rajadas das britadeiras, cujo ruído atinge 120 decibéis. No asfalto irregular, buracos fazem carros ricochetearem como bolas de efeito. O Catete, um bairro inteiro, de comércio tradicional e ativo, está fechado para obras — no caso, do metrô — e assim deverá permanecer, na melhor das hipóteses, pelos próximos dois anos e meio. A Cinelândia, que já passou por isso, ainda não se recuperou; agora chegou a vez da Rua Uruguaiana e adjacentes, e também da Tijuca.

Nessas áreas, 2 milhões de pessoas são obrigadas a conviver diariamente com uma paisagem de guerra e devastação, onde predominam as crateras, as casas demolidas ou em demolição, a constante poeira que rodopia ao sabor das ocasionais correntes de ar. É difícil acreditar, vendo-se aqueles montes de ferro retorcido brotando da argamassa, as colunas ainda em pé de velhos prédios já derrubados, que por ali não passou nenhum furacão, não houve nenhuma batalha de tanques, terremoto ou erupção vulcânica.

Na Zona Sul, uma área supostamente privilegiada da cidade, o privilégio só aparece no agravamento dos problemas de outras partes. Em Copacabana, tida antigamente como "ameno recanto praiano", só como piada se poderia falar agora em "amenidade". Podem-se contar as árvores que ainda restam, raquíticas, asmáticas, intoxicadas pela poluição. Há apenas duas praças, em seis quilômetros de extensão, e grande parte de uma delas ocupada por uma construção. Também aqui berram o mau gosto ou a feiura pura e simples dos acrílicos de lanchonetes e lojas, imensos *outdoors* tapam qualquer possibilidade de perspectiva fora dos desfiladeiros de concreto, cortiços de cimento abrigam humanidades em pardieiros malcheirosos, suarentos, super-habitados. E a favelização se estende, como um mal contagioso, já avança sobre Ipanema e ameaça o Leblon.

Sujeira na Lagoa, mau gosto nos acrílicos, buracos nas ruas, roupas estendidas em janelas e varais — eis a imagem de um Rio que todos tentam tornar feio, mas que resiste com o heroísmo de seu título original. Até quando, porém, poderá continuar essa resistência?

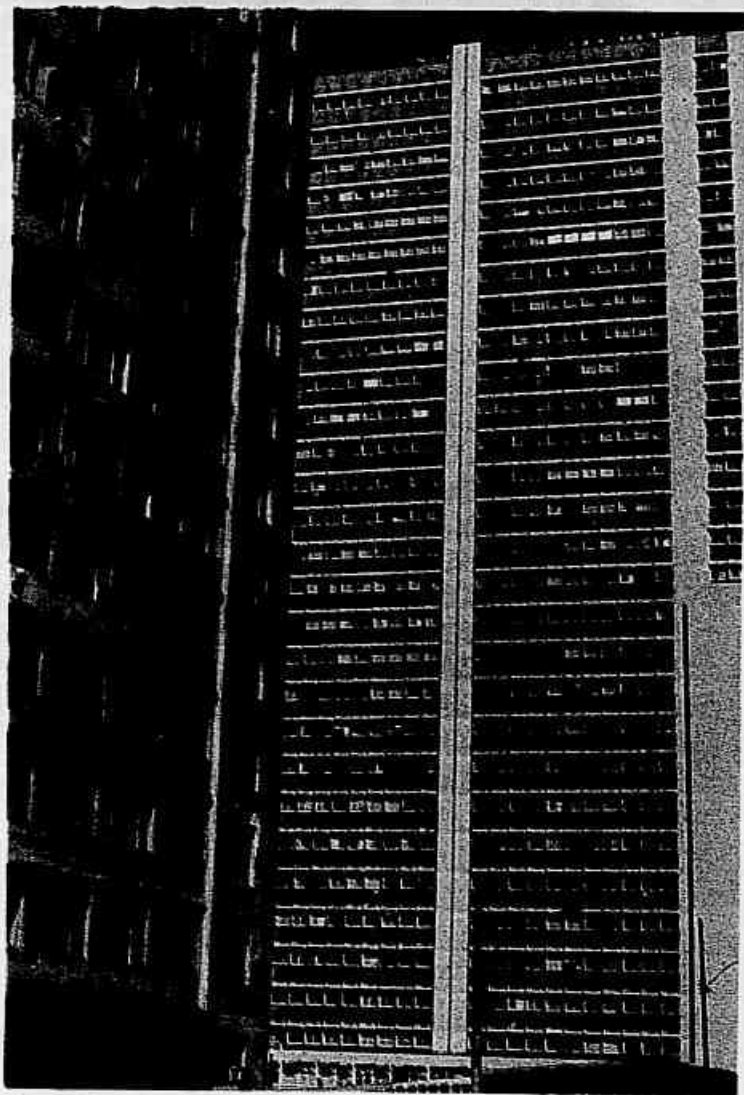
O Rio, como toda grande metrópole, é uma cidade em eterna construção. Uma de suas principais vocações é precisamente crescer. Mas alguns dos problemas já tiveram tempo até demais para serem resolvidos. O drama da Lagoa Rodrigo de Freitas, por exemplo, com sua mortandade de peixes e seu insuportável mau cheiro, vem do Brasil Império. Além disso, parece que tudo aqui é feito empiricamente, na base da experiência e erro. Projeta-se uma obra, inicia-se, não dá certo, anula-se e tenta-se de novo, de outra forma. Se todos os projetos já anunciados, sugeridos e até iniciados tivessem sido executados, certamente teríamos o caos; dificilmente um paraíso urbano.

Há os programas que nada custaram, e os que custaram demasiado. Há os que foram concluídos e os que quedaram abandonados. E o resultado tem sido sempre o abastardamento de uma cidade cuja importância histórica vem desde o primeiro século após o descobrimento do Brasil. Hoje, quem procurar na paisagem ou na arquitetura os testemunhos e as marcas desses quase 500 anos de história, certamente ficará perplexo e confuso. Houve, sem dúvida acertos significativos, como o Túnel Rebouças e o

No canyon *da Barata Ribeiro, a mistura desordenada de estilos, alturas e soluções arquitetônicas em que o bom gosto não entra*

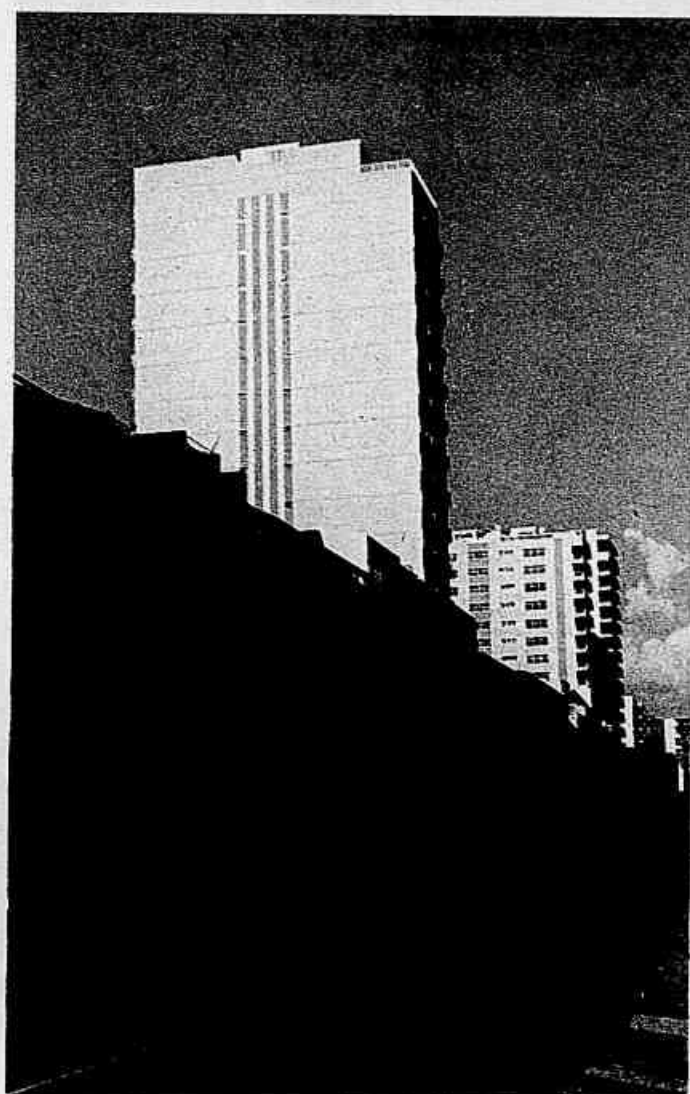
RIO

Aterro do Flamengo, que não só modificaram a paisagem urbana, contribuindo efetivamente para melhorar sua aparência, como se mostraram de grande utilidade social, sobretudo o Túnel, que tanto aproximou as Zonas Sul e Norte. Mas estas são exceções. Os administradores querem iniciar obras e terminá-las rapidamente, para que fiquem ligadas ao seu nome, à sua gestão. Não querem concluir obras recebidas de administrações anteriores, e por isso mesmo não desejam planejar outras que não possam terminar, e que seus sucessores, seguindo o mesmo padrão, abandonarão.

Em meio a tudo isso, o pobre carioca, desorientado, perde a pouco e pouco o seu famoso senso de humor, que desaparece com o amesquinhamento de sua qualidade de vida. À despersonalização urbana, corresponde uma despersonalização da população, uma desumanização do homem. Tudo o atormenta, desde o cidadão que vai à praia com seu rádio de pilha ligado a todo volume até os outros que jogam

Como espremer o céu com 35 andares

Com boa vontade seria kitsch. *Mas é apenas feio*

A difícil convivência de lojas e apartamentos

Na Avenida Copacabana, o tapume de madeira para proteger quem passa embaixo, como manda a lei. Quem sai machucada é a estética

Vieira Souto: o Sol nem sempre nasce para todos

Centro: as torres em busca de ar e espaço vital

Ipanema: cruzes e acrílico

Para onde vai a Zona Sul?

frescobol ou praticam *surf* entre os banhistas. Tem de espremer-se por entre carros estacionados nas calçadas e ouvir música quase sempre ruim trombeteada pelos alto-falantes das lojas de discos. Nos ônibus, apesar da proibição, recebe baforadas de fumo no rosto, vê pessoas pisando na grama, cuspindo no chão, falando em altos brados em cinemas e restaurantes. Orelhões de telefone, estátuas e bancos de praças são vandalizados. O trânsito, quer ele ande de coletivo ou veículo individual, o massacra — às vezes literalmente, quando está a pé.

O certo é que, hoje, o carioca tenta se equilibrar nas "passagens de pedestres" que lhe restaram, ou sobre passarelas, obras e buracos. Enfrenta horas de engarrafamento, e se precisar de um táxi, vai ter de contar com a pura sorte. Se vem para a cidade de trem, tem de acordar quatro horas antes. Nos fins de semana, fica horas dentro de um túnel. Quando chega à praia, tem de brigar por um pedaço de chão, e precisa ficar atento para que o reboque não leve seu carro.

Mas culpar o progresso por tudo isso é nada menos que mistificação. Os chamados "males do progresso" não impediram o

Entre o esgoto e o mar, a praia

O gosto duvidoso do sorvetão

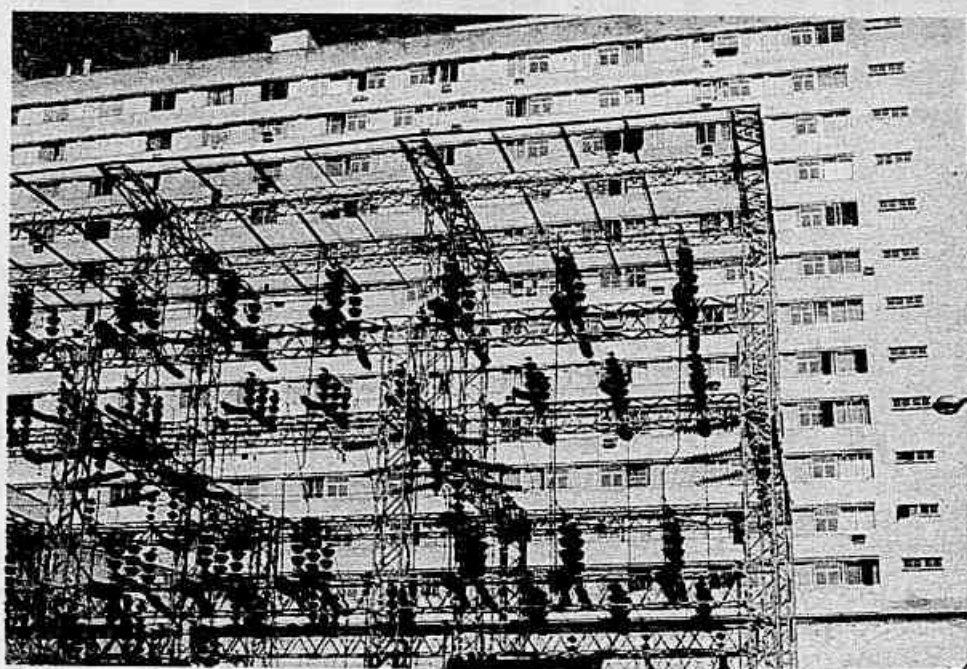
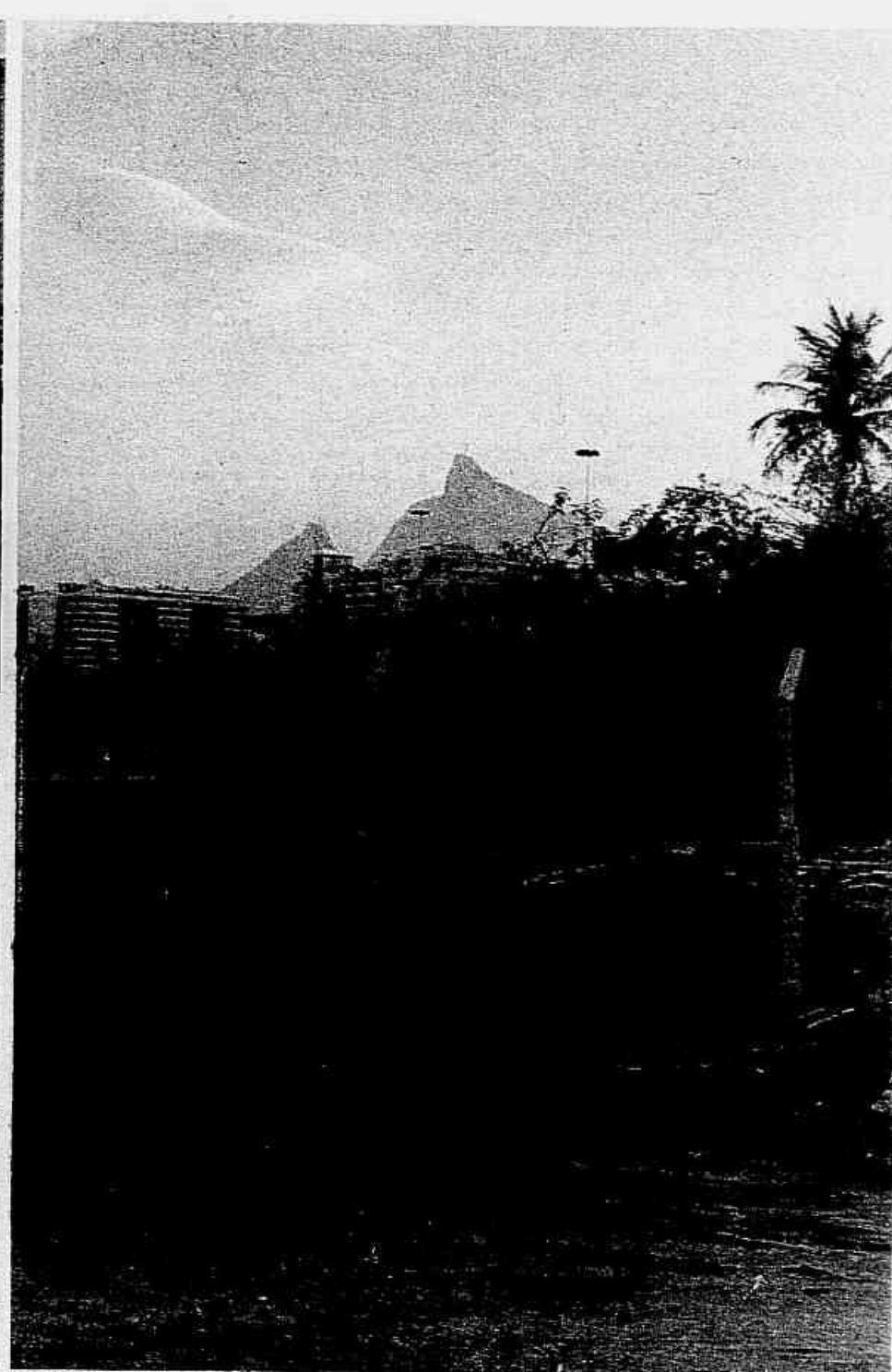
Na Sete de Setembro, a estranha construção convive com prédios antigos e espigões

RIO

erguimento de cidades que hoje enchem os ôlhos dos turistas. Elas obedeceram a um planejamento urbano que definia prioridades, o que no Rio parece nunca ter havido, ou pelo menos nunca ter sido posto em prática. Por isso a cidade foi crescendo e enfeando-se. A ocupação urbana não levou em conta condições mínimas de infra-estrutura de serviços. Há cerca de dois anos, um engenheiro da Secretaria de Obras, Paulo Macedo, dizia que depois dos projetos criados por Alfredo Agache, engenheiro francês convidado pelo então Presidente da República Washington Luís (1926-30), nada mais se havia criado em planos viários para a cidade. Agache apresentou sete projetos, base usada até hoje no sistema viário do Rio.

Desde então, as obras realizadas para desafogar o trânsito só prejudicaram a cidade, deformando sua paisagem e criando todos os inconvenientes

A solução provisória das chapas de aço na pista e a invasão das calçadas pelas obras

Na Ferreira Viana, a feira entre os escombros das demolições

Entre as estruturas de metal, a agressão dos enormes conjuntos

O projeto inicial dos jardins do Aterro não previa isto

Os mistérios insondáveis do subsolo às vezes afloram à superfície e se espalham pelas ruas

possíveis. Em 1990, o Rio deverá ter 7,5 milhões de habitantes e 2 milhões de carros, segundo previsão do Detran. Técnicos da Secretaria de Obras acreditam que, até a conclusão do metrô, o Plano Viário será capaz de absorver grande parte do tráfego, porque as vias expressas visam a ligar os extremos da cidade, evitando o trânsito intenso pelo Centro.

Pensa-se, por exemplo, em retirar os automóveis particulares do Centro, mas não se oferecem alternativas de transportes pontuais e decentes. O metrô está consumindo o equivalente a 100 milhões de dólares por quilômetro, entre a Glória e a Central, enquanto o de São Paulo, concebido praticamente à mesma época, já transporta 200 mil pessoas por dia. Mas que fazer? Este parece ser o destino da cidade, senão de todo o país. Provavelmente muito tempo passará até que os administradores se disponham a fazer suas experiências e erros no papel, antes de tentarem construir alguma coisa. Até lá, só resta esperar que o Rio, apesar de tudo, continue maravilhoso. ●

A MODA DESTE VERÃO

Para o resto do Brasil seguir

Iesa Rodrigues • Fotos de Evandro Teixeira

A velha competição Rio—São Paulo quase não existe mais. Um dos últimos pontos de concorrência é de surgimento bastante recente: a moda. Até poucos anos, São Paulo produzia e lançava moda, através de grandes indústrias e *boutiques* caras. Eram roupas clássicas, de boa qualidade, em modelos duradouros. De repente, Ipanema começou a se firmar como centro irradiador de pequenos modismos, quase sempre saídos da praia: a tanga, as camisetas, as sandálias de couro cru. Tudo muito jovial e barato. Foi o começo da moda carioca. Com a criação das feiras, há dois anos, aproveitando as estruturas dos grandes hotéis novos, acentuou-se mais a competição. Agora, não são mais miudezas: existe todo um estilo de vestir típico da mulher carioca, industrializado em pequena escala para as brasileiras copiarem. Nunca é uma produção gigantesca, porque a verdadeira moda do Rio dura pouco: em geral, apenas um verão.

Os lançamentos deste ano já começaram a ser feitos, em desfiles-shows, também muito cariocas: têm trilha sonora de discoteca, mostram as roupas vestidas por uma dúzia de meninas alegres e saudáveis. . . e começam sempre com atraso. Mas está tudo ótimo, por enquanto. A julgar pelos primeiros desfiles, teremos um belo verão, na moda. As mulheres vestirão macacões tomara-que-caia, ou transparentes túnicas de bandagem, um tecido-vedete. À noite, para sair, será a vez dos vestidos de um ombro só, ou com elástico no decote, de jérsei, ou de babados coloridos como um arco-íris. E ainda restam os brancos, muito bonitos, com ares bem brasileiros, cheios de rendões e bordados. ●

Todas estas tendências foram interpretadas por quatro confecções: Persona, Gregório's, Alessandra e Jo & Co, no desfile realizado no Hotel Méridien-Rio

Alegria no lar com o novo Panacolor National

Para tranqüilidade e alegria de todos a National apresenta seu novo Televisor com **12 meses de garantia integral** e novo "MAGIC LINE" para uma sintonia rápida e perfeita, com total harmonia de colorido natural.

MODELO TC-203

- NOVO MAGIC LINE / AFC
  Puxe o botão AFC.
  Aperte e gire o sintonizador até a faixa vermelha mudar para verde. Leve até a largura mínima.
  Aperte o botão AFC. Pronto. A melhor imagem e o melhor som possiveis.
- CHASSIS MODULAR
  Facilidade e rapidez na manutenção.
- 100% SOLID STATE
  Totalmente transistorizado.
- CINESCÓPIO BLACK MATRIX
  Pontos de fósforo rodeados de tinta preta; maior transparência, maior brilho e melhor nitidez. O mais baixo consumo, apenas 100 watts.

NATIONAL DO BRASIL COMERCIAL LTDA.
MATRIZ: Alameda Itú, 215 - S.P. - Tels.: 289-1980 e 287-3593
ASSIST. TÉCNICA: R. Freire da Silva, 180 - S.P. - Tels.: 278-4160 e 278-4454
FILIAIS: Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife.
FILIAL RIO DE JANEIRO: Rua Itapiru,1490 - Tels.: 264-1617, 264-2478

Panacolor **National**

HERMAN KAHN

Boas novas do ex-profeta do Apocalipse

Edward Jay Epstein

Herman Kahn é um físico formado, mas sua especialização é a criação de roteiros hoje famosos para o futuro do mundo. Após deixar o Instituto de tecnologia da Califórnia, em 1948, juntou-se à Rand Corporation, onde dedicou seus talentos a prever as conseqüências de uma guerra termonuclear. Conquistou rapidamente uma sombria reputação de homem obcecado pela inconcebível ameaça de destruição em grande escala, que afirmava ser quase inevitável num mundo que competia por recursos escassos. Em 1961, ajudou a fundar o Instituto Hudson, uma assessoria de alto nível, mantida por particulares, dedicada à análise de políticas públicas. Hoje, o Hudson é uma das raras instituições deste tipo que sobreviveram à década de 60, o que só conseguiu porque fez uma transição radical do planejamento de guerra para o planejamento de paz. Com um staff *de mais ou menos 40 analistas, Kahn está hoje interessado basicamente em elaborar uma visão coerente do futuro, e essa mudança de interesses representou uma grande mudança em sua imagem. Encarado outrora como um profeta do Apocalipse, ele agora aparece como um portador de esperanças para a humanidade. Esperanças, não alegrias — vejam bem — porque sua bola de cristal ainda pode causar calafrios em algumas almas.*

Kahn, que reconhece plenamente a heresia de suas novas e otimistas previsões para a humanidade, acaba de publicar um roteiro para a América e o mundo num livro intitulado Os Próximos 200 Anos. *Quando entrevistado recentemente, explicou entre outras coisas como veio a desenvolver uma tese que difere tão radicalmente da do pessoal do "limite-do-crescimento" e seus proponentes, os ilustres e ricos membros do Clube de Roma.*

HERMAN KAHN

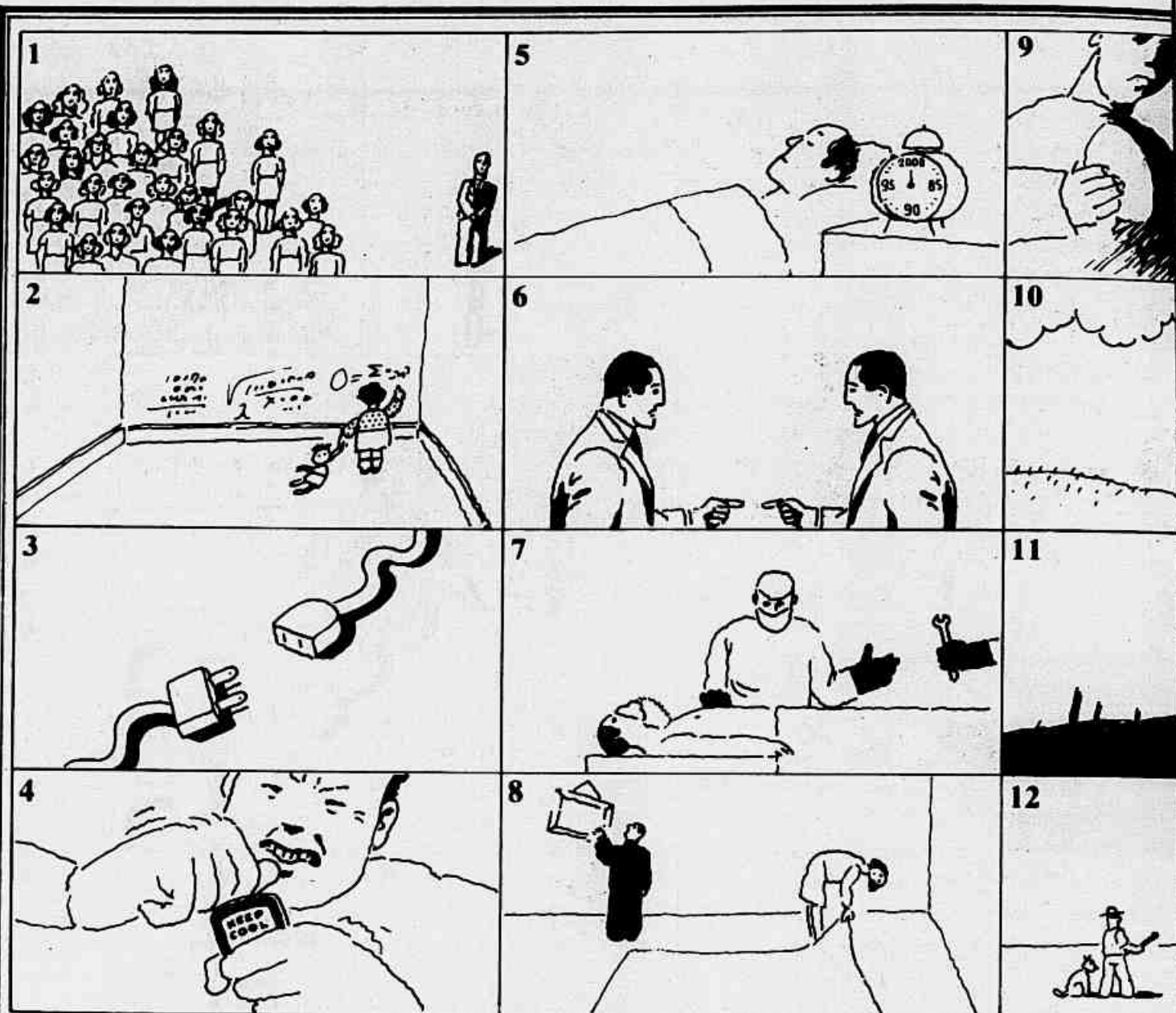
P. Segundo uma pesquisa de Lou Harris, feita em dezembro de 1975, a maioria dos americanos aceitou a tese de que o mundo está esgotando seus recursos, e que o desenvolvimento econômico futuro deve, por conseguinte, ser limitado. Estão sendo pessimistas demais?

R. Sim — infelizmente, foram bastante desorientados por um novo tipo de profetas do Apocalipse, altamente sofisticados: os Novos Malthusianos. Tornaram-se moda em todo o mundo os intelectuais e os meios de comunicação atacarem o desenvolvimento econômico, o capitalismo, a industrialização, a sociedade de consumo, etc.

P. O Clube de Roma, o professor Meadows e Dartmouth e outros apresentaram uma minuciosa análise para apoiar a opinião deles, de que o desenvolvimento deve ser limitado. Tais suposições serão erradas?

R. Grande parte da argumentação deles é mal formulada, ridiculamente exagerada ou simplesmente errada. Ignoram várias possiblidades, como a possibilidade de substituição de um recurso por outro, e entregam-se à falácia da agregação — arrolando os problemas da Índia com os dos Estados Unidos. Cometem até erros de aritmética. Não se esqueça de anotar isso.

P. Você não prevê limites para o desenvolvimento?

R. No Instituto Hudson, concluímos que ainda não nos aproximamos do limite, nem o faremos em futuro previsível. Não vemos razão pela qual o mundo não possa suportar uma população de 30 bilhões de pessoas com renda *per capita* de 20 mil dólares e com toda energia, matérias-primas e alimentos de que elas precisem. Haverá alguma dificuldade no abastecimento de

ALGUMAS MOSCAS NO MEL — AS DIFÍ

Os progressos tecnológicos logo estarão pondo os americanos diante de opções políticas extraordinariamente difíceis. Herman Kahn identifica os 16 seguintes dilemas:

1. Determinação do sexo: *Os pais estarão em breve determinando o sexo de seus filhos. Se a sociedade não decidir limitar esse direito de escolha, a proporcionalidade biológica pode ser perturbada por uma preferência na moda por crianças de um sexo e não de outro.*

2. Engenharia genética: *A pronta disponibilidade da engenharia genética pode permitir aos pais escolher para seus filhos atributos como o nível de QI; altura, desempenho atlético, etc. Deverá tal escolha ser vetada aos pais? Em caso positivo, como se fará a escolha?*

3. Estimulação elétrica: *Os progressos na pesquisa neurológica permitirão ao indivíduo ter consolos eletrônicos que simulem perfeitamente toda a gama de experiências sexuais, inclusive o orgasmo. Deve-se liberar o uso de tais aparelhos? Se se deve, a pessoa terá permissão de operar seu consolo, ou será necessário um parceiro, obrigatório por lei ou convenção?*

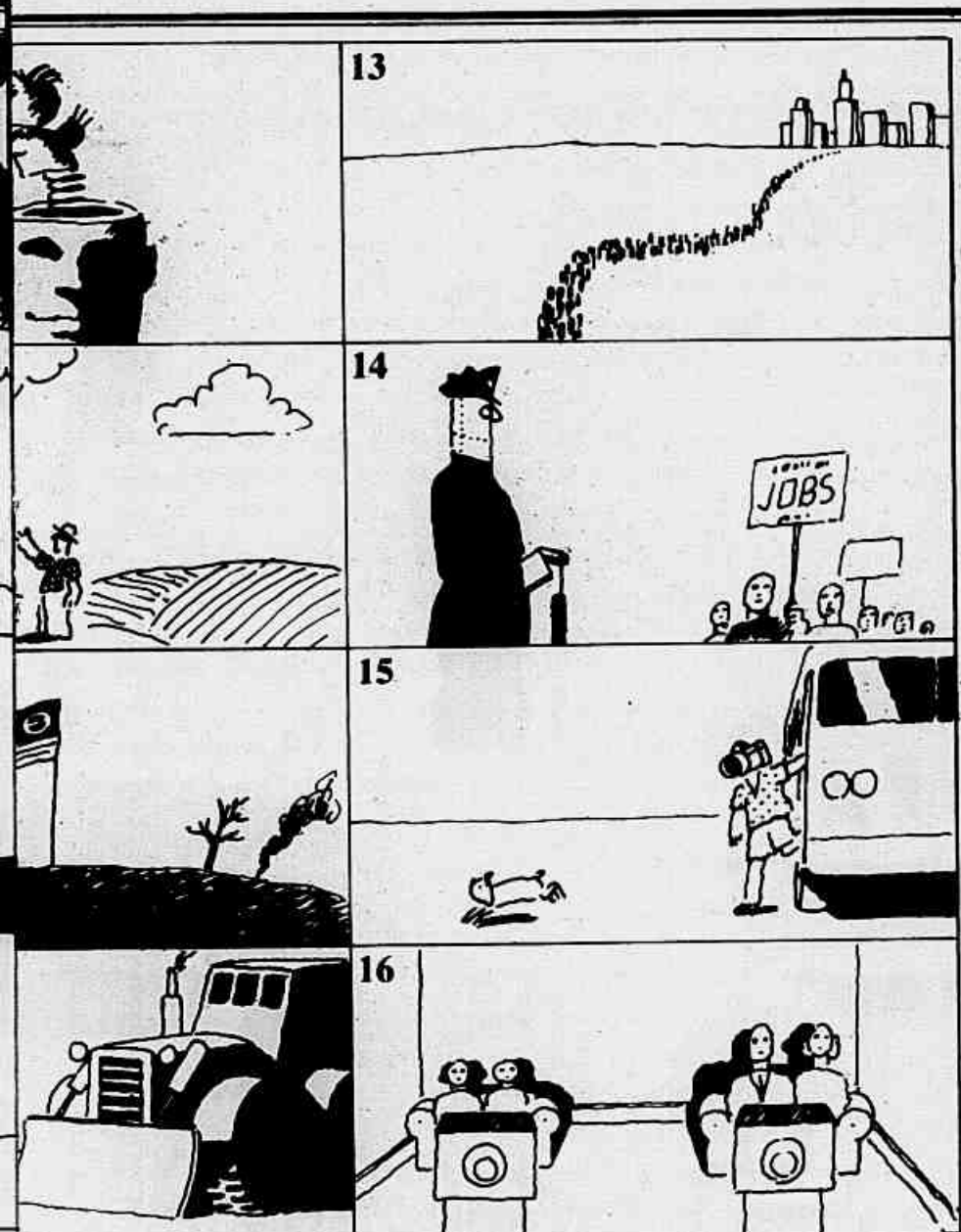
4. Drogas para estados de espírito: *Em 1985, qualquer um poderá manipular precisamente seu estado de espírito apenas tomando as pílulas certas. Poderá tornar-se instantaneamente introspectivo, extrovertido, gregário, exuberante, amoroso, frio, calculista, calmo, etc. Pode-se permitir os estados de espírito sob encomenda? Que tipos de controle serão necessários? Os empregadores poderão exigir que os empregados modifiquem seus estados de espírito?*

5. Prolongada hibernação: *Grandes progressos na medicina permitirão aos indivíduos evitar o envelhecimento num período de vários anos, através de um estado induzido de hibernação. Pode-se permitir que as pessoas suficientemente ricas para isso estendam suas vidas e se ausentem por anos de cada vez? Quais seriam as conseqüências sociais de tal opção?*

6. Supercosmetologia: *A cirurgia plástica terá se desenvolvido, em 1985, a ponto de poder alterar totalmente as aparências. Pode-se permitir que as pessoas assumam a imagem de outras? Essas "falsificações" serão controladas por novas leis?*

7. Vida dependente da mecânica: *Marcapassos e outros aparelhos mecânicos altamente sofisticados, além de órgãos sintéticos, permitirão o prolongamento da vida numa estranha variedade de maneiras. Até que ponto uma pessoa estará legalmente viva ou morta? Será necessária uma nova categoria de vida robotizada?*

8. Registros e vigilância computadorizados: *O casamento de novas gerações de computadores com técnicas altamente sofisticadas de vigilância (como o controle eletrônico do paradeiro de todos os automóveis) poderá mudar radicalmente o conceito de intimidade. Deverá a tecnologia de vigilância ser limitada por lei?*

9. Controle da mente: *Técnicas como as sugeridas no filme* A Laranja Mecânica *podem ser criadas para "reeducar" as pessoas que apresentem comportamento não ortodoxo. Quem decidirá qual comportamento será permitido e qual estará*

ÍCEIS OPÇÕES DO FUTURO

sujeito à "reeducação"? Serão permitidos o homossexualismo, o vício das drogas, o fumo, etc.?

10. Controle do tempo: *A manipulação do tempo significará que alguns grupos se beneficiarão à custa de outros. As chuvas, por exemplo, ajudarão os fazendeiros, mas encharcarão os moradores das cidades. Quem tomará as decisões sobre o tempo de uma região?*

11. Nações fora da lei: *Algumas nações podem persistir com práticas que ponham em perigo a ecologia mundial — inclusive, por exemplo, a expansão da população, em vez do controle da natalidade. Haverá guerras por motivos ecológicos?*

12. Projetos geomorfológicos: *A melhoria dos transportes numa área, através de práticas como remoção de montanhas e escavação de canais, poderia degradar as condições de vida em outras áreas. O planejamento regional será, assim, um problema crucial.*

13. Alimentos sintéticos: *Proteínas unicelulares e outros alimentos fabricados artificialmente substituirão muitos produtos agrícolas, como a manteiga, o café, etc. Isto evidentemente afetará os elementos agrícolas da sociedade e provocará deslocamentos radicais de população.*

14. Obsolescência tecnológica da mão-de-obra não qualificada: *Robôs e novas técnicas de fabricação substituirão os trabalhadores não qualificados. Como os sindicatos e interesses organizados aceitarão tais progressos tecnológicos?*

15. Melhores comunicações: *A redução dos custos das viagens e o maior tempo de lazer provocarão o aparecimento de hordas de turistas em 1985. A relação anfitrião-hóspede provocará grandes tensões na sociedade e poderá tornar-se um problema político importante.*

16. Educação de massa: *Novas técnicas de educação — TV particular em casa, etc. — poderão criar, em grandes faixas da população, uma "incapacidade educada" para empenhar-se em atividades tradicionais. Também acentuarão as dificuldades existentes entre gerações.*

UMA NOVA BELLE ÉPOQUE TAMBÉM PARA OS POBRES

Herman Kahn acha que o mundo acaba de entrar numa nova belle époque, *um período brevíssimo de tempo em que a humanidade está em paz e o comércio floresce entre as nações; os ricos tornam-se mais ricos, e os pobres também. Contudo, só para a alta burguesia e as nações já ricas é que tal* época *é realmente* belle.

Ele acredita que, para os americanos, a nova belle époque *durará mais ou menos as próximas duas décadas. Em períodos anteriores semelhantes, as altas classes médias impuseram sua moralidade burguesa às classes mais baixas, juntamente com leis sobre jogo, álcool, drogas e "políticas reformistas"; agora, será a "imoralidade" da alta classe média que penetrará nas camadas inferiores da população. Na verdade, uma das características mais exuberantes que Kahn prevê para seus compatriotas, nas próximas duas décadas, é o florescimento de um tempo de prazeres e hedonismo. Enquanto os artistas de* belles époques *anteriores se afastaram dos padrões vitorianos, preferindo os estilos estrangeiros e violentos de gênios como Diaghilev, Gauguin, Piacasso e Stravinsky, na atual, toda a nossa cultura se tornará cada vez mais sensual e epicurista. Abandonaremos nossos prazeres materialistas de propriedade e do automóvel por uma vida de "experiência" — viagens, artes e uma atitude quase ateniense de adoração de nossos corpos, baseada em estações de águas e drogas rejuvenescedoras.*

Nas próximas duas décadas, nosso conhecimento e especialização tecnológica se expandirão em ritmo incrível, tornando essencial que nos preparemos com meticuloso planejamento para as consequências de toda mudança, especialmente a pesquisa, desenvolvimento e difusão de invenções. Na verdade, será dada alta prioridade ao "progresso" e ao pensamento voltado para o futuro — nosso bem-estar social, político, cultural e econômico será todo planejado, como o serão a forma e a exploração do mundo material. Isto significa que haverá mais papéis a serem desempenhados pelos intelectuais, e Kahn prevê uma continuação da "indústria do conhecimento". Planejada ou não, no entanto, ele prevê a diminuição gradativa da atual explosão populacional — não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo — que será acompanhada por outra tendência universal, o desenvolvimento de gigantescas supercidades ou megalópoles.

A nova belle époque, *como as anteriores, se caracterizará por um pavor à guerra e por sérias tentativas de controle das armas. Mas Kahn afirma que nossa crescente capacidade militar para destruição em massa continuará a aumentar. Uma olhada a todo o seu quadro da nova* belle époque, *porém, revela a igualdade estratégica dos Estados Unidos e União Soviética, acompanhada de um declínio no poder, prestígio e influência de ambas as superpotências. Quanto aos Produtos Nacionais Brutos, Kahn diz que, em 1985, haverá de 15 a 20 grandes nações com os seguintes PNBs (mais ou menos 20%) em bilhões de dólares:*

EUA	***2 mil***
Japão e URSS	***1 mil***
França e Alemanha Ocidental	***500***
China, Canadá, Itália e Reino Unido	***250***
Índia, Brasil, México, Espanha, Alemanha Oriental, Polônia, Holanda, Suécia, Bélgica, Austrália, Argentina e Indonésia	***50-100***

Viver na nova belle époque *será viver num ritmo cada vez mais acelerado de mudança, num mundo dominado pela tendência a uma economia superindustrial unificada mas altamente competitiva. Kahn descreve-a como uma economia da qual metade da população do mundo participará intensamente, e que dependerá de uma compreensão dos processos e técnicas do desenvolvimento econômico constante. A "revolução verde" da agricultura se espalhará por todo o mundo, e a unidade mundial será mantida, porém mais através do comércio, da indústria privada e de instituições comerciais e financeiras do que de instituições internacionais legais e políticas.*

HERMAN KAHN

certos minérios, como o mercúrio ou o cromo, mas isto é secundário. Há certamente uma advertência — o desenvolvimento desses recursos poderia causar mudanças ecológicas que não prevemos nem sabemos. Contudo, o que estamos dizendo é que se pode dar às pessoas ar puro, água limpa, comida, energia e matérias-primas. Se o desenvolvimento tecnológico continuar, tornará a tarefa mais fácil, mas a tecnologia de que esperamos dispor no fim do século 20 será suficiente para resolver todos os problemas dos próximos 200 anos.

P. Por que você prevê uma população mundial de apenas 15 bilhões de pessoas e uma taxa estável ou declinante de crescimento em 2176 quando os demógrafos que defendem o "limite-do-crescimento" prevêem uma população de 30 a 40 bilhões e uma taxa de crescimento acelerada?

R. Se estudamos qualquer período extenso da história humana — digamos, 8 mil anos — vemos que a taxa de expansão da população nos últimos 100 anos é uma aberração, um *blip* (oscilação numa tela de radar) numa linha até então estável. Aproximamo-nos agora do auge desse *blip*, e nos próximos anos testemunharemos um declínio. O pessoal do "limite-do-crescimento" comete o erro de extrapolar a partir do ponto alto. É como tomar a taxa de crescimento de um garoto de 14 anos e supor que ele continuará a crescer à mesma taxa, até se tornar um monstro aos 25 anos. Por isso, alguns dizem: "Vamos fazê-lo passar fome", ou, neste caso: "Temos de reduzir a taxa de nascimentos". Esta é provavelmente a pior estratégia do mundo. Veja as taxas de nascimento na

Continua na página 26

A FORÇA DO SOL, DO VENTO, DO MAR

À medida que as reservas de petróleo e carvão da terra diminuem, Kahn prevê o emprego de inúmeras novas fontes de energia em cerca de 150 anos a partir de agora:

Fissão: *A energia elétrica disponível, através da atual tecnologia, para os países não comunistas equivale mais ou menos às reservas totais de petróleo do mundo. No caso não improvável de que reatores alimentadores, avançados reatores canadenses de água pesada, ou a extração de urânio da água do mar ou do xisto de baixo grau se tornem práticos e aceitáveis, o processo de fissão proporcionaria uma parte bastante considerável da energia elétrica do mundo.*

Moinhos de vento: *Estes serão uma fonte de energia econômica para as regiões onde o vento sopra constantemente a velocidades acima da média — a costa texana do golfo, as ilhas Aleutas, as Grandes Planícies, a Plataforma Marítima ocidental. Os primeiros sistemas comerciais serão instalados no início da década de 80.*

Bioconversão: *Espera-se que a energia obtida pela conversão de matérias orgânicas, especialmente* detritos, *em combustíveis ou energia elétrica se torne economicamente exeqüível antes de 1980.*

Radiação solar: *Alguns especialistas prevêem que o aquecimento e a refrigeração de prédios pelo uso direto da radiação solar como fonte de calor serão padronizados em novas construções nos Estados Unidos, nas próximas duas décadas.*

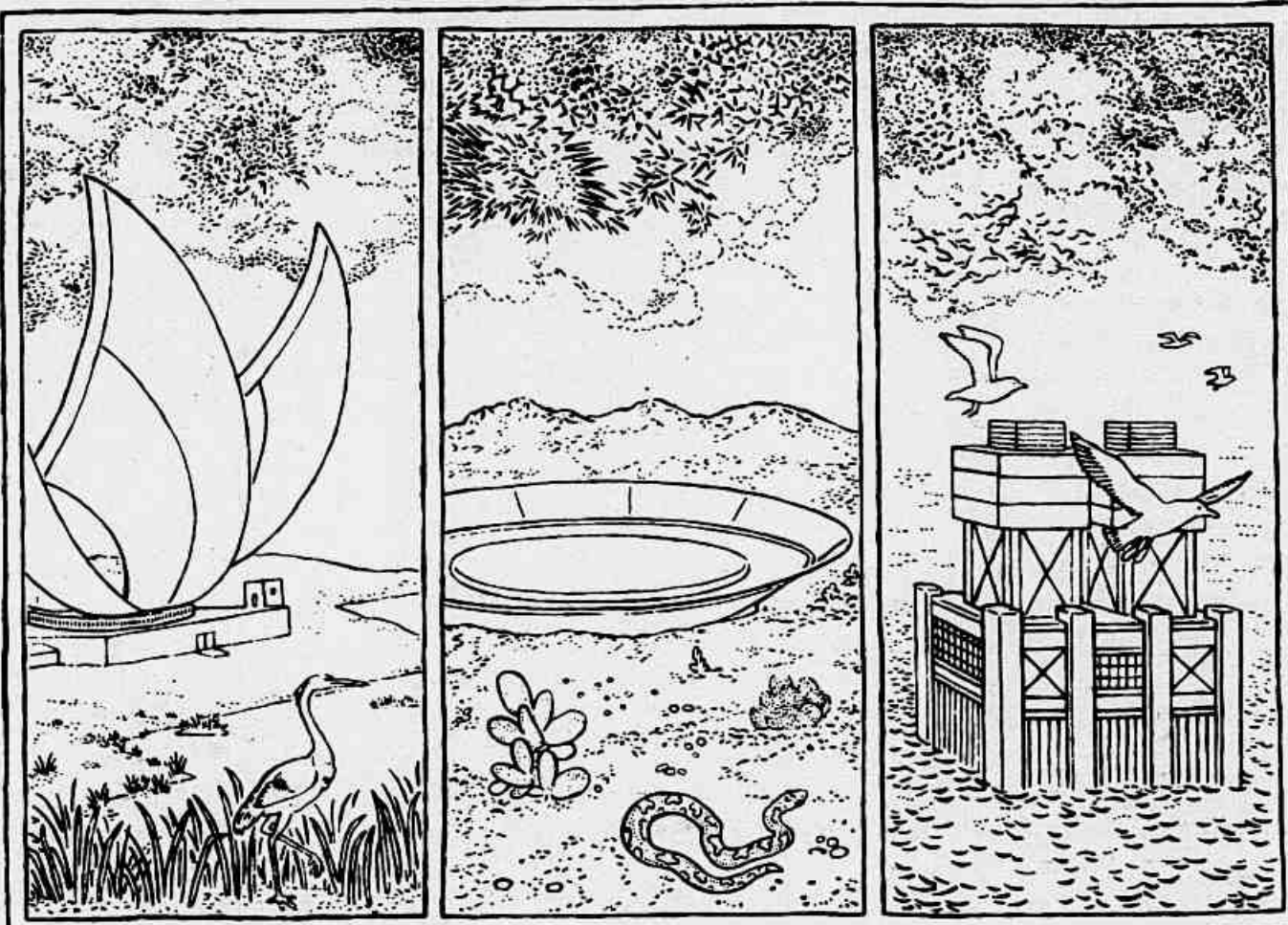
Energia fotovoltaica: *A conversão da luz do Sol em corrente elétrica contínua por células solares, colocadas em desertos ou mesmo em veículos espaciais, poderia talvez satisfazer todas as necessidades de energia a preços comparáveis ou inferiores aos das fontes convencionais de hoje.*

Energia térmica oceânica: *A diferença de 35 graus de temperatura entre as camadas superior e inferior de certas áreas do oceano permite a operação contínua de geradores flutuantes ou em terra firme. Esses geradores poderiam vir a produzir mais energia elétrica do que o mundo precisaria nos próximos 200 anos.*

Energia térmica solar: *A radiação solar que atinge uma superfície negra e é transformada em calor pode satisfazer as necessidades previstas do mundo nos próximos 200 anos. Talvez um terço do deserto do Saara seja usado para o aproveitamento da energia solar.*

Energia geotérmica: *Reservas subterrâneas de vapor, água quente e rocha derretida, só nos Estados Unidos, provavelmente contêm maior conteúdo de energia que as reservas totais de petróleo e gás natural que se calculam existentes no mundo. A rocha seca e quente, nos Estados Unidos, é teoricamente suficiente para satisfazer todas as necessidades de energia do mundo por muito mais que os próximos 200 anos.*

Fusão nuclear: *A fusão de dois quilos de uma mistura de deutério-trítio desprende energia equivalente a 10 mil toneladas de carvão. É provável que a viabilidade comercial de um dos sistemas de fusão magnética seja estabelecida no início da década de 90.*

Maior eficiência: *Dínamos, baterias, células combustíveis e várias formas de hidrogênio podem ser usados cada vez mais para conversão e armazenamento de energia, e a energia de combustíveis fósseis, gerador elétrico, a melhor isolação e projeção de edifícios, linhas aéreas de alta voltagem adequadamente isoladas por* shields, *bombas de calor alimentadas a eletricidade, a substituição da lâmpada incandescente e o emprego de meios para aproveitar a energia dos detritos significarão maior eficiência e menor poluição.*

Pronta Entrega - Para os Estados. — Etiqueta - Exclusiva - BLU-BLU.

1

AS OPÇÕES À CARNE

Uma boa oportunidade para mudar

Ciléa Gropillo

2

Na época da entressafra, quando a carne fresca se torna um luxo quase nunca desfrutado, as alternativas são várias. Basta saber escolher. O primeiro passo é livrar-se do condicionamento, imposto desde a infância, de só comer carne de boi, com ligeiras e rápidas incursões aos porcos, galinhas e peixes. Ninguém vai negar as qualidades de uma boa carne, nem o sabor sem igual de um bife de chapa, ao ponto. Mas será que não existe nada além disso?

Basta querer mudar, experimentar outros sabores e habituar o paladar a carnes tão boas quanto a bovina, fáceis de encontrar, e nesta época, mais baratas. Uma carne muito empregada na Europa, e que tem os seus adeptos no Brasil, é a carne de cordeiro, agora em franca ascensão. Ela representa uma boa alternativa para se ter sempre à mão carne fresca. Alguns Estados consomem com regularidade a carne de cordeiro, mas só há pouco tempo ela entrou nos supermercados e açougues de bairro das cidades grandes. É uma carne gostosa, fácil de preparar e macia. •

1. Carré de Carneiro

Para seis pessoas. Tempo de preparação: 1h 30m.

1 1/2 kg de *carré* de carneiro, sal, pimenta, sal de alho.

Coloque o peso de carne numa assadeira untada com manteiga. Pincele o *carré* com manteiga ou margarina e leve ao forno à temperatura de 175°, por aproximadamente uma hora e meia. A carne estará pronta quando estiver dourada por fora e suculenta por dentro. Para saber exatamente o ponto, enfie uma faca bem afiada e de ponta fina. Se ao retirar ela estiver quente na ponta e úmida, a carne está boa. Desosse o *carré* conservando os ossos. Corte a carne em fatias e recomponha o *carré* utilizando os ossos que ficaram reservados. Para acompanhar este prato recomendamos fundos de alcachofras, *champignons sauté*, pontas de aspargos, tomates grelhados ou batatas assadas.

2. Cordeiro Assado à Romana

Para quatro pessoas. Tempo de preparação: 1h 30m.

1 1/2 kg de perna de carneiro, pimenta-do-reino, sal, 2 colheres (de chá) de alecrim, 6 anchovas, 1/2 xícara (de chá) de óleo, 1/2 xícara de vinho branco seco, 1 colher (de sopa) de vinagre de vinho, branco.

Desosse a perna de carneiro, retire as bolas de gordura que aparecem na parte interna perto das articulações, corte em cinco pedaços e tempere com sal, pimenta e as anchovas amassadas. Salpique alecrim por toda a carne depois de pincelá-la com óleo. Coloque os pedaços numa assadeira e leve ao forno pré-aquecido, à temperatura de 175°. Aqueça o vinho junto com o vinagre e depois que a carne estiver há 30 minutos no forno, regue-a duas ou três vezes com esta mistura. O tempo de cozimento varia entre uma hora e 15 minutos a uma hora e meia.

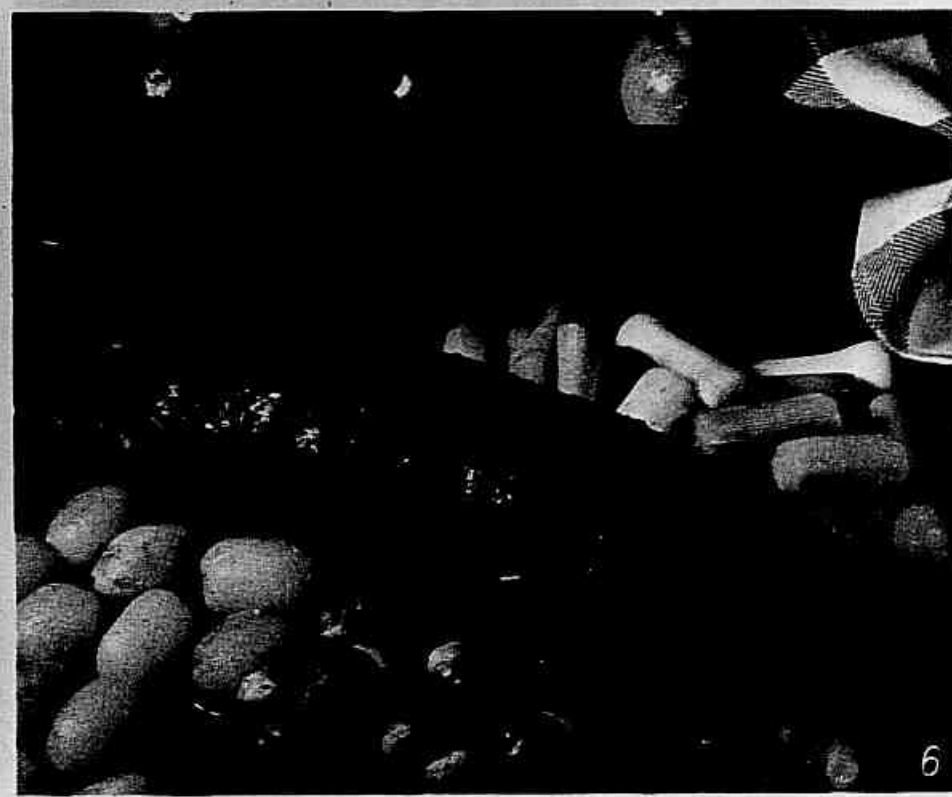
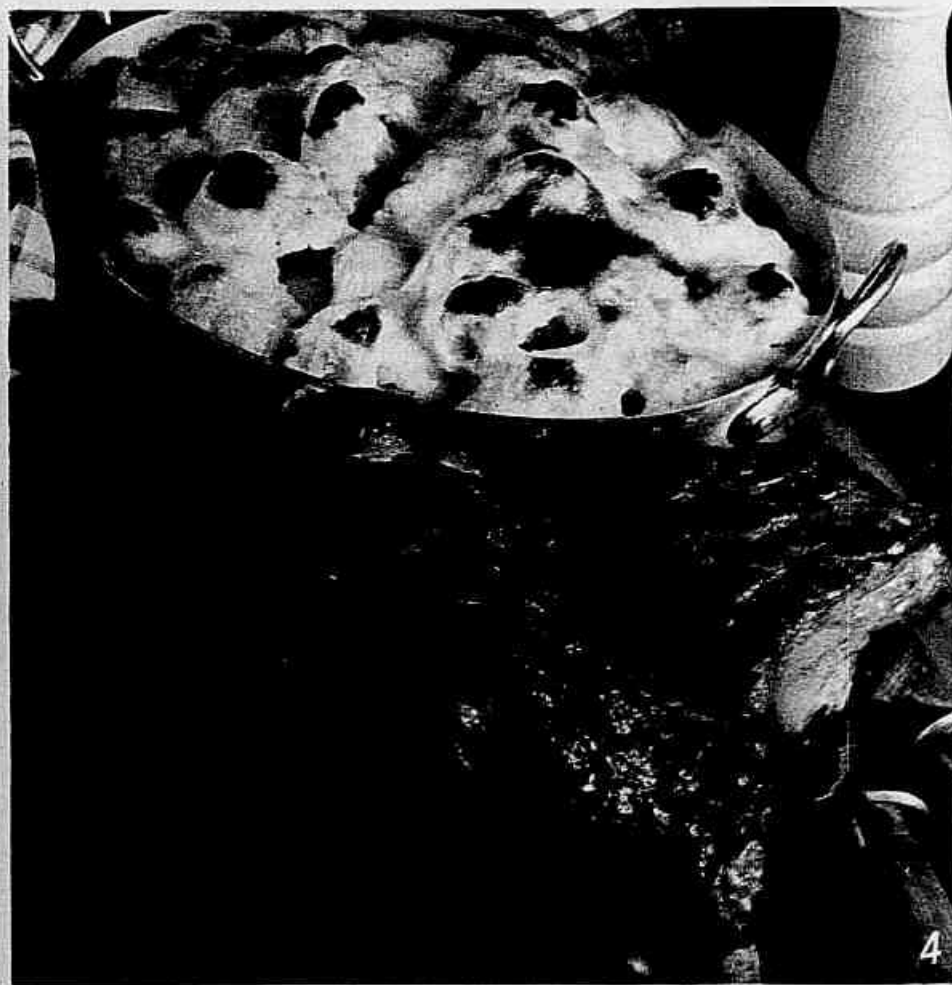
Este prato deve ser servido quente com fatias de pão tipo italiano para mergulhar no molho.

3. Perna de Cordeiro Assada

Para quatro pessoas. Tempo de preparação: 2h 45m.

1 1/2 kg de perna de carneiro, sal, manjericão, pimenta, sal de alho, manteiga ou óleo, 1/2 copo de vinho branco, 1/2 copo de vinagre branco de vinho, 1 molho de hortelã.

Peça ao açougueiro para retirar o osso da bacia, se a perna for traseira. Tempere com sal, pimenta, manjericão, sal de alho e leve ao forno por aproximadamente uma hora e meia, regando de vez em quando com óleo ou margarina derretida. Este prato é servido mal passado e acompanhado com batatas gratinadas, alface frita, maçãs grelhadas ou o molho de hortelã que se segue:

Aqueça o vinho com o vinagre, e quando levantar fervura jogue as folhas de hortelã. Apague o fogo imediatamente e abafe. Corte a carne em fatias como se fosse um presunto e sirva com este molho.

4. *Costelas de Carneiro Assadas*

Para quatro pessoas. Tempo de preparação: 1h 30m.

1 1/2 kg de costela de carneiro já cortadas (ou quatro a seis costelas por pessoa), 2 colheres (de sopa) de óleo, 2 colheres (de sopa) de molho de soja, 2 colheres (de sopa) de molho de tomates (concentrado), 1 colher (de chá) de mel, uma pitada de alecrim, 2 cabeças de couve-flor cozidas na água e sal.

Molho para gratinar: Uma colher (de sopa) de margarina, duas colheres (de sopa) de farinha de trigo, 1/2 xícara da água em que foi cozida a couve-flor, 1/2 xícara de leite, uma gema, 1 xícara (de chá) de queijo parmesão ralado, sal e pimenta-do-reino.

Tempere as costelas com sal, pimenta e alecrim moído. Coloque numa assadeira untada e leve ao forno à temperatura de 175°, por aproximadamente uma hora, pincelando de vez em quando com manteiga. Separe as flores da couve-flor, deixando de lado os talos duros. Coloque numa forma refratária. Derreta a manteiga e junte aos poucos a farinha, mexendo sempre. Acrescente o caldo da couve-flor e o leite, bem devagar para não embolar. Continue mexendo. Adicione uma gema e o queijo. Misture. Prove o sal, e se for necessário, coloque um pouquinho. Cubra a couve-flor com este molho e leve ao forno à temperatura de 225°, por aproximadamente 15 minutos, ou até dourar. Sirva imediatamente com as costeletas.

5. *Lombo de Cordeiro Assado*

Para cinco ou seis pessoas. Tempo de preparação: 1h 40m.

1 1/2 kg de lombo de carneiro ou ovelha (de preferência) sal, uma pitada de pimenta-do-reino moída na hora, uma pitada de alecrim moído bem fino, 1 xícara de caldo de carne e 1 cálice de vinho madeira.

Tempere a carne com todos os ingredientes (menos o caldo e o vinho) e coloque numa assadeira untada. Leve ao forno à temperatura de 175°, durante aproximadamente uma hora e meia. Quando a carne estiver assada, retire do forno e coloque numa tábua de corte. Aproveite o caldo que ficou na assadeira para fazer um molho, adicionando o vinho, o caldo de carne, e um pouquinho de maisena para engrossar. Este prato pode ser servido com batatas cozidas, vagens, geléia de hortelã, ou uma boa salada.

6. *Perna de Cordeiro Recheada*

Para quatro pessoas. Tempo de preparação: 2h.

1 1/2 kg a 2 kg de perna de carneiro, 100g de carne de porco moída, 100 g de *champignons* picados, 1 colher de sopa de margarina ou manteiga, 1 colher de sopa de purê de tomates, sal, manjericão, pimenta-do-reino, um molho de salsa, alecrim, óleo para fritar, 10 batatas médias, 3 a 4 alhos-porós, 4 a 5 cenouras, 1/2 dg de couve-de-bruxelas, 1/4 de litro de caldo de carne concentrado.

Abra a perna de carneiro utilizando uma faca bem afiada e retire o osso, sem separá-la em duas metades. Retire todas as bolas de gordura que ficam perto das articulações dos ossos e tempere com sal e pimenta. Tempere com sal e pimenta também a carne de porco. Acrescente os *champignons*, e o manjericão. Refogue bem, escorra o excesso de gordura e junte a salsa picada. Coloque este recheio no centro da perna de carneiro (ela fica aberta como um livro) e amarre com barbante de algodão — como mostra a foto. Leve ao forno em assadeira de alumínio, pincelando a carne com o óleo e salpicando alecrim por cima. Deixe assar a 175° sem adicionar nenhum líquido, apenas pincelando com óleo de vez em quando. Depois de 45 minutos no forno, coloque os legumes cortados na assadeira, arrumando-os por espécie, e regue com o concentrado de carne. Deixe no forno até os legumes ficarem cozidos.

Acompanham este prato maçãs assadas no vinho. •

CONTROLE REMOTO TOTAL NO

O controle remoto do novo Colorado Color FM 100 é o único totalmente eletrônico. Não tem peças móveis que gastam, nem motorzinhos que vivem quebrando.
Além disso, é o único que comanda tudo na sua TV. Veja:

1-12 Dígitos.
Possibilitam a programação de 12 canais em VHF ou UHF.
Ligam o televisor diretamente no canal desejado, sem precisar passar por outros canais.

Volume.

Brilho.

Cor.

O Desliga.

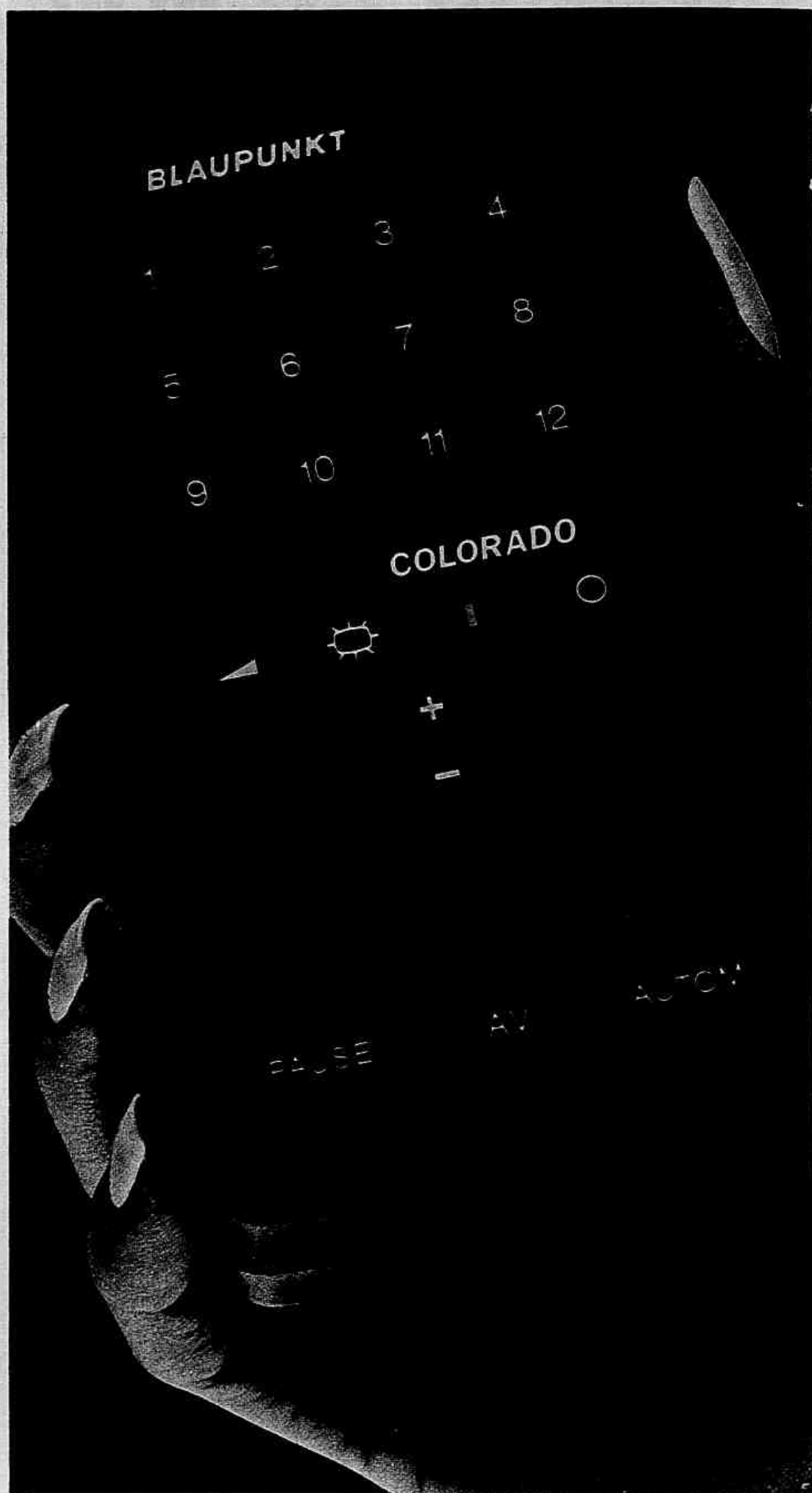
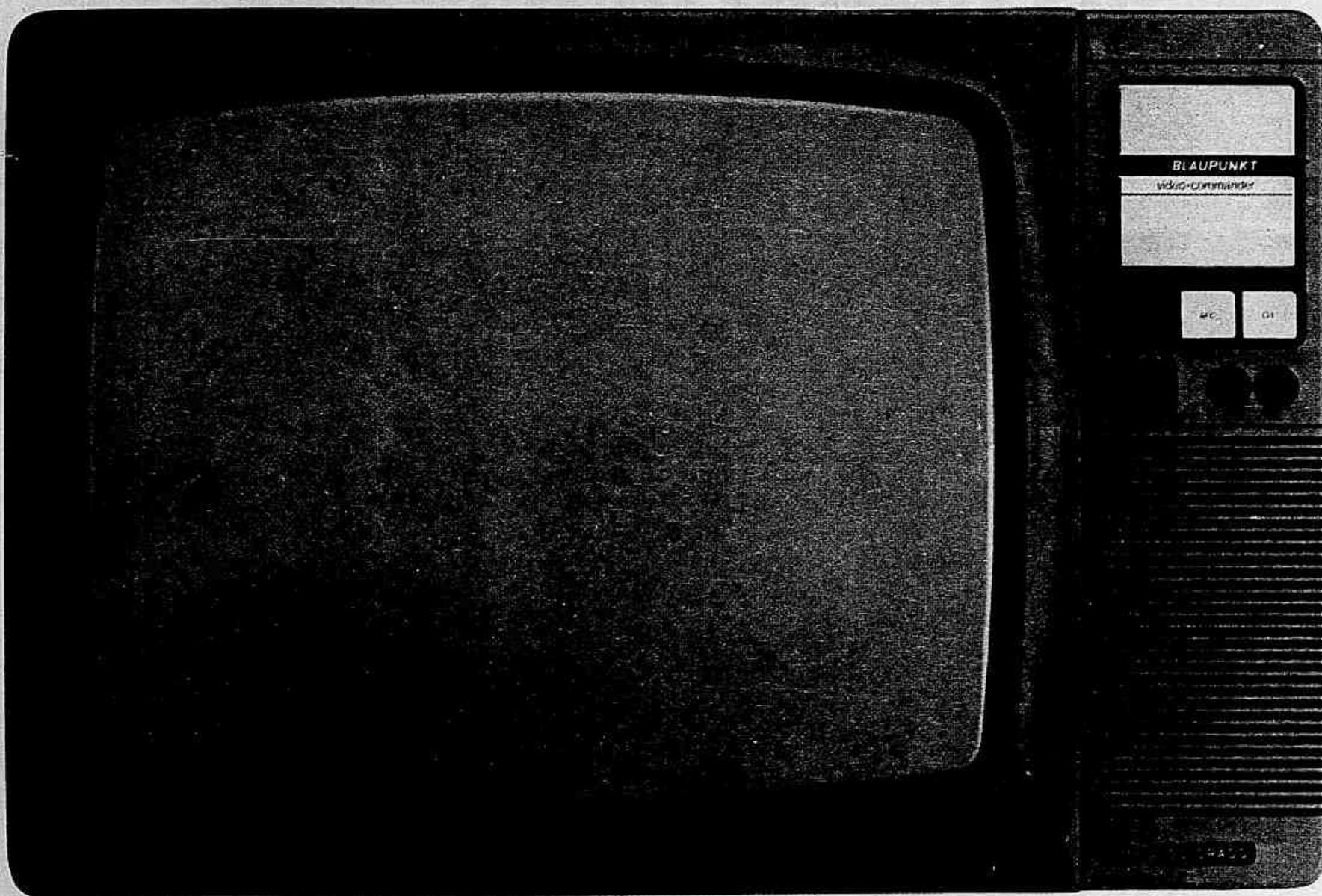
PAUSE Pausa sonora.
Interrompe o som, mas não a imagem. Muito útil quando toca o telefone, etc. Pressionada novamente, o som volta com o mesmo volume.

AV Tecla usada nas gravações ou reproduções por vídeo-cassete.

AUTOM. Ajuste automático.
Acerta automaticamente o brilho, o contraste e a cor.

Piloto.
Acionada qualquer tecla do controle remoto, a luz piloto se acende, indicando o seu funcionamento.

Agora que a Colorado lançou o Color FM 100, o que vai acontecer com os televisores dos outros?

Vão todos pro museu.

NOVO COLORADO COLOR FM 100.

22 polegadas (56 cm).

Outra inovação que faz do novo Colorado a primeira grande novidade em matéria de TV dos últimos 5 anos: Audifone.

Um fone de ouvido sem fio, que permite a você ouvir e ver o seu programa favorito, sem incomodar ninguém.

95% dos componentes do novo Colorado Color FM 100 estão montados em módulos, o que significa rapidez de manutenção e grande economia.

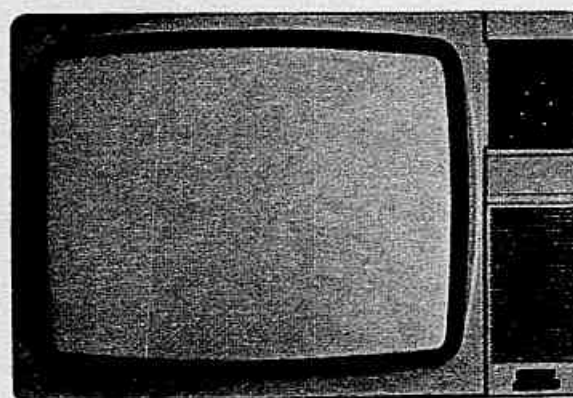
Quando algum circuito dá defeito, uma luz correspondente ao módulo defeituoso apaga e mostra qual é o módulo que deve ser trocado.

Os módulos têm outra grande vantagem: eles são a garantia de que o seu TV nunca ficará ultrapassado.

Quer dizer, cada vez que uma inovação for introduzida no campo da eletrônica, você poderá trocar o módulo antigo por um novo.

De qualquer forma, isto ainda vai levar muitos anos para acontecer: a concepção do novo Colorado Color FM100 é o que existe de mais avançado em todo o mundo.

É a tecnologia Blaupunkt.

E você poderá comprovar tudo isto conhecendo esta maravilha da moderna tecnologia nos principais revendedores do país.

26 polegadas (66 cm).

Durante a Segunda Guerra Mundial, um general alemão declarou que o prédio do Cassino e da Ópera de Monte Carlo era um monumento histórico, e não devia ser tocado, mesmo diante do inexorável avanço das tropas aliadas. Cerca de 30 anos antes, um almirante russo, que perdera nas bancas os salários de todos os seus marinheiros, agiu de modo exatamente oposto: apontou os canhões de sua belonave e ameaçou destruir a casa se o dinheiro perdido não lhe fosse devolvido. Devolveram.

De qualquer modo, o Cassino e a Ópera são realmente locais históricos. Foi ali, em 1897, que um barítono de 24 anos, Enrico Caruso, teve sua primeira grande chance, na ópera *La Traviata,* iniciando uma carreira de sucessos. E também ali foi que outra carreira célebre quase chegou ao fim, quando a atriz Sarah Bernhardt tentou acabar com seus dias depois de perder tudo que lhe restava nas mesas de jogo.

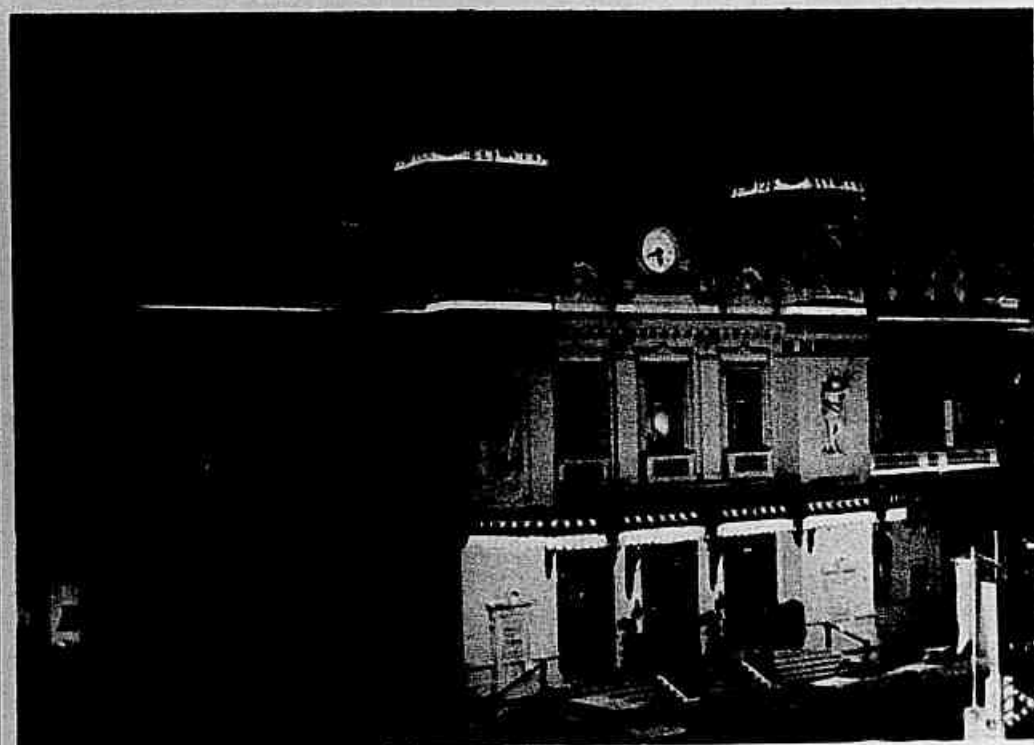
As histórias de Monte Carlo, ficcionais como as de Pirandelo e Graham Greene — além de filmes famosos como *Ladrão de Casaca,* de Alfred Hitchcock — ou verídicas como a do Barão Van Palland e dos dois americanos que quebraram a banca, em muito ultrapassam o que se poderia esperar de todo o minúsculo Principado de Mônaco, de 1,5 quilômetro quadrado, com 22 mil 300 habitantes, encravado no departamento francês dos Alpes marítimos, na Côte d'Azur.

Foi em fevereiro de 1863 que o Cassino e a Ópera abriram suas portas pela primeira vez. Não houve fanfarra, então, nem lista de dignitários reais, nem multidão para aplaudir os convidados. Não

houve sequer jogadores impacientes à espera das alucinantes emoções em torno das mesas. Apenas alguns estonteados moradores do local, que observavam aquele magnífico prédio construído sobre o rochedo onde antes eram despejados os detritos da comunidade. Hoje, 113 anos depois, o Cassino e a Ópera são instituições internacionais, veneradas por milhões de pessoas que todo ano passam temporadas mais ou menos longas em Mônaco.

Poucos anos antes da Segunda Guerra Mundial, três milionários americanos, Porter Clark, Richard Davies e Jack Reynolds, gostavam de fazer brincadeiras de mau gosto em Monte Carlo. Uma das favoritas era pagar boas somas aos cocheiros para alugar seus fiacres e tomar seus lugares. Assim que cada um havia apanhado um cliente, os três se lançavam numa corrida tipo *Ben-Hur* pelas ladeiras de Monte Carlo. Naturalmente, inúmeras queixas eram feitas à polícia.

Toda visita do Rei Leopoldo II, da Bélgica, deixava a polícia de Mônaco pisando em ovos. Não por temor de algum atentado, mas pelo que o próprio Rei poderia fazer. Ele fora acusado de roubar as mulheres que lhe agradavam. A Rainha Marie Henriette, que não tinha nenhuma vontade de ver desfilar o cortejo de amantes de seu marido, retirara-se para o campo, a fim de deixá-lo à vontade. Um dos espetáculos da praia de Monte Carlo era ver Leopoldo envolver cuidadosamente sua barba num protetor de borracha concebido para isso antes de entrar na água. Ele falava sempre de si mesmo na terceira pessoa. Dizia a um criado do hotel: "Você lhe servirá o des-

Dos 22 mil 300 habitantes de Mônaco, 19 mil são turistas permanentes

Há 113 anos, o Cassino equilibra as finanças do mini-Estado

jejum às nove horas", o que podia deixar um não iniciado desconcertado, perguntando-se a quem deveria servir o tal desjejum.

Apesar de ser um dos homens mais ricos do mundo, uma vez que todo o Congo Belga lhe pertencia, Leopoldo examinava com cuidado todas as contas que lhe eram apresentadas, para se assegurar de que não estava sendo explorado. Exigia pregas perfeitas em tudo. Devia-se inclusive passar seu jornal a ferro antes de entregá-lo numa bandeja de prata.

O que surpreende em Monte Carlo é que a clientela não se importa de gastar fortunas para se divertir, mas muitas vezes resiste ferrenhamente a enfiar a mão no bolso para gastar pequenas somas. Por isso existe um túnel que liga o Hotel de Paris ao Cassino do Principado, e nos dias de chuva essa passagem representa uma economia de um ou dois francos para os clientes, que não precisarão depositar seus chapéus e casacos no vestiário do Cassino. Conta-se também que um dia Aristóteles Onassis teve um ataque de cólera porque o garçom quis cobrar-lhe 1,80 franco por um café, quando alguns minutos antes ele vira outro cliente pagar 1,60.

O Cassino também tem uma triste crônica de suicídios. Quando de sua criação, os vizinhos do Principado, como os de Nice e Cannes, onde há também casas de jogo famosas, espalharam a notícia de que Monte Carlo era responsável por uma onda de suicídios que estava dizimando a população. Alguns jornais informaram que cadáveres de jogadores arruinados amontoavam-se nas grutas embaixo do rochedo do Cassino. Outros jornalistas chegaram a dizer que barcos deixavam secretamente o porto de Mônaco, duas vezes por semana, apinhados de cadáveres para serem lançados em alto-mar.

Naturalmente, houve muitos suicídios autênticos em Monte Carlo, mas de qualquer modo em muito menor número do que conta a lenda. Por exemplo: um homem meteu uma bala nas têmporas em cima da mesa onde acabava de perder uma fortuna. Outros se jogaram do alto do rochedo. Não era raro os empregados do Hotel encontrarem nos apartamentos um homem ou uma mulher que se suicidara com veneno, por ter deixado todos os seus bens sobre o pano verde.

A venda de armas de fogo é proibida em Mônaco. As farmácias não vendem nenhum veneno. Os detetives do Hotel têm ordem de revistar as bagagens de todos os visitantes e de retirar as balas dos revólveres encontrados. Uma equipe de empregados de confiança recebeu instruções para enfiar um maço de notas no bolso de todos os suicidas antes de chamar a polícia. Assim, não se poderia dizer que a morte fora causada por perdas nas mesas de jogo. Isto, é claro, levou alguns malandros a se aproveitarem da situação. Certa noite, dois empregados do Hotel passeavam pelos exóticos jardins do estabelecimento, quando perceberam um cadáver estendido sobre o relvado. O homem estava coberto de sangue. Seguindo as instruções, os detetives encheram imediatamente os bolsos do cadáver de dinheiro e se afastaram. No dia seguinte e no outro, nenhum jornal falou de qualquer morto encontrado pela polícia nos jardins do Hotel de Paris, pela simples razão de que nunca houvera cadáver algum ali.

No início do século, a célebre atriz Sarah Bernhardt era o ídolo do público. Poucos sabiam que ela era uma jogadora inveterada. Perdeu somas enormes no Cassino de Monte Carlo. Um dia, a atriz foi ao Cassino com 100 mil francos-ouro, isto é, tudo que lhe restava, como confessara a amigos. Três horas depois, estava sem nada. Ela retornou a seu quarto, e tomou uma dose excessiva de soníferos. Por sorte, um de seus amigos, o Visconde de Rohan, foi visitá-la, descobriu o que acontecera e chamou um médico. E não só lhe salvou a vida como ainda lhe emprestou uma grande soma em dinheiro, que Sarah Bernhardt pôde devolver seis meses depois. O Cassino de Monte Carlo perdera definitivamente a célebre cliente.

A superstição dos jogadores sempre foi extraordinária. O número do vestiário, do quarto, da mesa no restaurante, a data do mês, o número correspondente ao dia da semana ou a idade de uma criança muitas vezes são a causa da escolha de um jogador. A este respeito, diz-se que a pessoa que vai jogar pela primeira vez em Monte Carlo e tem menos de 37 anos ganhará se jogar em sua idade. Alguns excêntricos fazem-se acompanhar de belas mulheres, que lhes servem de talismãs. Dão-lhes uma porcentagem às vezes bem grande sobre seus ganhos, a fim de retribuir o poder da beleza que, segundo eles, enternece os deuses da sorte.

São tão supersticiosos que proíbem suas aliadas de olhá-los durante os jogos, e eles próprios se abstêm escrupulosamente de buscar com o olhar os belos olhos encarregados de fascinar a roleta, tão ciumento é o acaso. Conta-se que uma jovem alsaciana particularmente bela ganhava recentemente de 1 a 3 milhões de francos por semana, apenas para desempenhar esse papel de mascote. E ela devia realmente proporcionar sorte a seus empregadores.

Há também uma tradição que não deixa de causar risos nos habitantes de Mônaco. Muitos jogadores se aproximam da estátua equestre de Luís XIV, que fica na entrada do Hotel de Paris. O joelho do cavalo é acariciado por inúmeros jogadores supersticiosos, que o tocam antes de entrar no Cassino. Até 1914, o traje clássico de *soirée* era exigido nas salas de jogo. Sir William Maywood, magnata da indústria do algodão, apresentou-se certa noite de *smoking* e foi barrado na entrada.

"Quanto custa o estabelecimento? Eu o compro."

Brandia seu talão de cheques, mas retiraram-no educadamente do local. Enfurecido, ele agarrou-se à idéia de comprar o Cassino e instruiu seus auxiliares para que conseguissem a transação. Jurava que, uma vez de posse do Cassino, despediria o pessoal da portaria e exigiria o uso de calças de golfe para a entrada na Ópera. Não pôde concretizar seus planos, pois morreu pouco tempo depois, arruinado por uma baixa do algodão.

Outra fixação crônica dos jogadores é com os chamados sistemas infalíveis. Para a maioria dos *experts*, tais sistemas não existem, mas dois americanos fizeram fortunas em Monte Carlo insistindo obstinadamente num mesmo jogo. Um deles, Bill Darnborough, só jogava no 29, cobrindo de vez em quando todas as chances com o máximo permitido. Um dia ele perguntou a um inglês quanto queria pelo seu carro. "Seiscentas libras", respondeu o homem.

"Um momento", disse Bill, "vou buscá-las". E entrou no Cassino. Menos de cinco minutos depois voltava com o dinheiro, que tinha ganho na roleta com uma única aposta. ●

Caroline, a imagem do turismo democrático

A crise na economia mundial passou ao largo de Monte Carlo — é como se nem tivesse existido. O estacionamento do Cassino, como sempre, tem mais Rolls-Royce por metro quadrado do que qualquer outro lugar. Dos 2 mil 600 quartos da cidade, 1 mil 700 pertencem a hotéis de categoria quatro estrelas. O dinheiro continua jorrando nas mesas de bacará e roleta como se fosse impresso ali mesmo. Mas até mesmo Monte Carlo teria que mudar em alguma coisa. E está mudando.

Depois do apogeu dos príncipes russos exilados e dos milionários americanos, Monte Carlo aos poucos se abre para o turismo barato, com as inevitáveis consequências. No lugar dos smokings *e dos vestidos de noite, vê-se cada vez mais gente de bermudas e camisas floridas nos salões dos hotéis. Os mais conservadores se perguntam aonde Monte Carlo irá parar. Mas só eles estão se preocupando com isso.*

Para Sua Alteza Real, o Príncipe Rainier, tudo isso é muito natural. O Governo, que detém 70% das ações da Société de Bains de Mer (a qual controla quase tudo em Mônaco), só se preocupa com um pequeno setor da indumentária de seus turistas: os bolsos. E, apesar da Princesa Grace nunca perder aquele ar de quem está posando para um escultor, sua filha Caroline representa a nova imagem de Mônaco: sempre de jeans *e* t-shirts, *como qualquer jovem turista em seu Principado. E, se a simplicidade vai bem na Princesa, por que não nos outros, simples mortais?*

Golden Cross
ASSISTÊNCIA INTERNACIONAL DE SAÚDE

HERMAN KAHN

Continuação da página 16

América Latina — pararam de aumentar e algumas já começam a baixar.

P. Mesmo com um declínio em sua taxa de crescimento, você calcula que a população mundial será de 15 bilhões no século 22. De onde virá a comida para alimentar tal população?

R. Para termos uma margem de segurança, perguntamos se o mundo poderia produzir alimentos convencionais suficientes, através da tecnologia convencional existente, para alimentar não apenas 15 bilhões, mas 30 bilhões. Descobrimos que poderia. Só um quarto da terra potencialmente cultivável do mundo está atualmente produzindo alimentos. Através da dessalinização, por exemplo, toda a planície costeira chileno-peruana pode ser cultivada. Atavés da erradicação da mosca tsé-tsé e de progressos na pesquisa do solo, a região subsaariana poderia ser cultivada. A preços mais elevados, áreas marginais poderiam entrar em produção na Bacia Amazônica. O equivalente a outros 3 bilhões de hectares de terra — mais de quatro vezes o total de terras que produziram colheitas em 1976 — poderia ser ganho através de "múltiplas colheitas", ou do cultivo de mais de uma safra por ano no mesmo hectare de terra. Isto exigiria irrigação, mas não é difícil. Finalmente, variedades de grão de grande produção — tritícolas, por exemplo — poderiam duplicar ou triplicar a produção por acre.

P. Tudo isto pressupõe melhor controle da agricultura mundial. Mas veja o que ocorre na Índia. E na União Soviética não melhoraram a produção de trigo dos dias do Czar.

R. Os russos sofreram um desastre no ano passado, mas estão melhorando de ano para ano. Passaram da batata ao cereal, e daqui a 10 ou 20 anos terão uma dieta grandemente apoiada em carne. Precisa-se de uma tonelada de cereal por pessoa para proporcionar uma dieta de carne americana — e mesmo no ano passado faltaram aos russos apenas 60 milhões de toneladas para atingir essa meta. Quanto à Índia, em 1969 os indianos foram quase auto-suficientes na produção de cereais; depois, decidiram empenhar-se na indústria, em vez da agricultura. Foi uma decisão desastrosa.

P. E se essa má administração continuar?

R. Não acreditamos que continue. Mas mesmo que continue, o emprego de agricultura não convencional para produzir alimentos convencionais reduziria o problema. Por exemplo, a agricultura "hidropônica", ou sem terra, poderia ser utilizada para produzir safras livres de doenças ou insetos, com menos água, fertilizantes e outros insumos. As companhias de petróleo também desenvolveram técnicas para produzir diretamente proteína unicelular. Isto exige alto investimento de capital, mas seria completamente exeqüível. Finalmente, se o mundo estivesse disposto a comer alimentos não convencionais, como proteínas unicelulares análogas à carne, poderia se reduzir a produção de alimentos.

P. E se houvesse alguma escassez de energia que fizesse abortar seus planejamentos alimentares?

R. Não consigo conceber nenhuma a longo prazo. Na verdade, é difícil fazer um planejamento para uma escassez dessa.

P. Não há, por exemplo, uma quantidade limitada de petróleo?

R. Mesmo que o petróleo acabe, pode-se liquefazer o car-

KAHN CONTRA OS TÉC

Os pessimistas que defendem o "limite-do-crescimento" dizem:

1. Bolo fixo: *Temos uma idéia bastante boa do que este mundo pode oferecer. O "bolo fixo" é uma boa metáfora, particularmente quando se pensa em recursos não renováveis ou limitados. Devemos partilhar mais justamente os recursos e o espaço da "nave Terra". De outro modo, mesmo que os ricos se tornem mais ricos, os pobres se tornarão mais pobres.*

2. Diminuição de retornos: *A nova tecnologia e os novos investimentos de capital necessários para extrair recursos marginais aumentarão muito a poluição, provavelmente até níveis letais, e acelerarão acentuadamente a próxima exaustão de recursos. De qualquer forma, teremos de enfrentar retornos marginais cada vez menores. O esforço exigido pelos retornos ganhos aumentará muito.*

3. Provável fracasso: *A rapidez da mudança, a crescente complexidade dos problemas e interesses cada vez mais conflitantes tornarão surpreendentemente difíceis a administração eficaz dos recursos, o controle da poluição e a solução de atritos. Fazem-se imperativas uma diminuição do ritmo da mudança, uma simplificação dos problemas e uma centralização do poder de decisão para o mundo — mesmo que isso exija ações revolucionárias ou outras igualmente drásticas.*

4. Rápido esgotamento: *O homem está esgotando rapidamente os alimentos, a energia e os recursos minerais da terra, e até perdendo espaço pelos efeitos da poluição. Muitos recursos básicos logo estarão seriamente reduzidos.*

5. Expansão incontrolável: *Mesmo que se pudesse manter o atual nível de população e produção, o atual crescimento exponencial em ambos (por exemplo, o Produto Nacional Bruto dobra a cada 14 anos, a população mundial a cada 33) acelerará muito a próxima exaustão de recursos e nossa capacidade de enfrentar a poluição — na verdade, a menos que a detenhamos com programas drásticos, será inevitável uma antecipada e catastrófica colisão com limitações de recursos ou restrições à poluição.*

6. Falácia do progresso: *Novos recursos, novas tecnologias e novos projetos podem adiar a imediata necessidade de ações drásticas, mas não por muito tempo. Tal adiamento tornará o colapso final mais severo, e possivelmente até o apressará. A*

NICOS QUE DEFENDEM O "LIMITE-DO-CRESCIMENTO"

prudência recomenda contenção e reduções imediatas.

7. Perigo dos gaps *de renda:* Os gaps de renda internos e internacionais ampliam-se rapidamente, tornando iminente a "guerra de classes" mundial ou uma série de crises políticas desesperadas.

8. As coisas vão mal: A menos que se façam mudanças revolucionárias logo, o século 21 será a maior catástrofe desde a Morte Negra. Danos em larga escala ao ambiente estão arruinando a ecologia em muitas áreas. Bilhões morrerão de fome, poluição ou guerras pelos recursos cada vez mais reduzidos. Outros bilhões terão de ser contidos por brutais Governos autoritários. Na verdade, é melhor que alguns morram hoje do que muitos virem a morrer no futuro. Medidas draconianas podem ser justificadas agora para aliviar a extensão e intensidade do colapso futuro.

O otimista Herman Kahn responde:

1. Bolo crescente: Ninguém sabe com certeza o que a terra contém ou pode produzir — ou que novos usos se pode fazer de velhos materiais. O "bolo crescente" é uma boa metáfora, porque os atuais aumentos localizados na produtividade, riqueza e afluência encorajarão aumentos semelhantes quase em toda parte.

2. Retornos crescentes: Nova tecnologia e novos investimentos de capitais são necessários não só para elevar a produção a níveis desejáveis, mas para ajudar a proteger e melhorar o ambiente, manter baixos os custos e proporcionar superávit econômico em casos de problemas e crises. Se formos razoavelmente prudentes e flexíveis, não teremos nenhuma escassez realmente séria a médio prazo, e a longo prazo as perspectivas são ainda melhores. Mas devemos ficar alertas para a possibilidade de acontecimentos de longo alcance e improváveis, mas potencialmente catastróficos, devido a inovações mal compreendidas ou crescimento inadequado.

3. Provável êxito: Os preços e outros mecanismos de mercado podem resolver a maioria dos problemas econômicos. Uma certa medida, reduzida mas prática, de regulamentação pública pode resolver os restantes. Com algumas possíveis exceções, o nível de administração exigido não é notavelmente alto, particularmente à medida que o sistema político e econômico aprende com a experiência — mesmo que lenta e trabalhosamente.

4. Recursos adequados: Deixando de lado algumas questões muito específicas, seria possível sustentar (por padrões prováveis da classe média) populações mundiais de 20 bilhões a 30 bilhões em níveis de 20 mil a 30 mil dólares per capita (dólares de 1974) durante séculos. Poderíamos fazer isso, em grande parte, usando apenas tecnologia atual ou quase atual. Em vista do progresso tecnológico provável, devemos nos sair muito melhor.

5. Transição para a estabilidade: A população mundial se estabilizará no século 21 em cerca de 15 bilhões, o produto mundial bruto per capita em cerca de 20 mil dólares, e o produto mundial bruto total em cerca de 300 trilhões de dólares. Acrescentando aumentos ou reduções de, digamos, duas, três ou quatro vezes nesses números, a população deve ficar entre 7 bilhões e 30 bilhões, a renda per capita entre 5 mil e 60 mil, e o PMB entre 50 trilhões e 1 quatrilhão.

6. O valor do progresso: Novos recursos, tecnologias e desenvolvimento econômico podem ser usados para solucionar problemas, melhorar a eficiência e elevar a qualidade de vida a um ponto permanentemente alto. Eles aumentam a resistência e a flexibilidade da economia e da sociedade, garantindo-nos contra a má sorte ou a incompetência.

7. A pobreza decresce: O próximo século testemunhará a abolição mundial da pobreza mais absoluta. Tanto os ricos como os pobres ficarão mais ricos, mas alguns continuarão a ser mais ricos que os outros. Os gaps de renda, entretanto, não são necessariamente ruins — são exatamente esses gaps crescentes e o refinamento da tecnologia que tornam fácil acelerar o desenvolvimento econômico para os pobres.

8. As coisas vão bem: É provável que o século 21 testemunhe uma economia pós-industrial (uma economia mecanizada, em que poucas pessoas terão empregos industriais), na qual os problemas mais desesperadores e aparentemente eternos da pobreza humana terão sido grandemente aliviados. Sem dúvida, muitos erros trágicos, muitos sofrimentos e danos marcarão essa transição histórica para uma vida materialmente abundante ao alcance de quase todos, mas a perspectiva final é incrivelmente superior às tradicionais pobreza e escassez. A sociedade e a cultura pós-industriais, que acompanharão afinal a economia pós-industrial, deverão ficar próximas de uma utopia humanista.

HERMAN KAHN

vão, xisto e areias alcatroadas. Se o custo duplicar ou triplicar, a eficiência também duplicará ou triplicará — os carros, por exemplo, farão mais quilômetros por litro — e isso anulará os aumentos de custos. Calculamos que, até 1990, cerca de 50% da energia serão proporcionados por combustíveis fósseis e 50% por fontes nucleares. Então, a energia solar começará a entrar e tornar-se a forma dominante.

P. Que formas de energia solar?

R. Pode ter muitas formas. Por exemplo, há a bioconversão, em que vegetação de rápido crescimento usa a energia solar para se desenvolver, e depois é queimada para impulsionar geradores. Pode-se extrair energia da superfície aquecida do oceano e, simplesmente dexando-se o sol atingir uma superfície negra no deserto do Saara, se produziria calor suficiente para gerar toda a energia necessária no ano 2176.

P. E a energia nuclear?

R. Meu cálculo é de que, no futuro, haverá 10 grandes reservas nucleares nos Estados Unidos. Ficarão distantes das grandes cidades, cada uma ocupando 10 mil acres — mil vezes maiores que as usinas de hoje — fornecendo energia nuclear a todo o país. O processamento e a reciclagem de combustíveis serão efetuados nas reservas. Umas poucas áreas são mais fáceis de proteger, e não se transporta combustível nuclear por aí.

P. E as pessoas dessas áreas não protestarão?

R. Não se pode governar uma sociedade moderna sem incomodar alguns grupos e, com a criação de reservas, 90% da oposição à energia nuclear desaparecerão. E existem tantas

SOLUCIONADA A CRISE MUNDIAL DE ALIMENTOS

Mesmo usando-se os métodos agrícolas convencionais, Kahn acredita que há recursos suficientes para alimentar uma população mundial de 15 bilhões em 2176. Prevê a quadruplicação das terras aráveis do mundo, pondo-se em produção a Bacia Amazônica, o litoral chileno-peruano e a África subsaariana. Isto exigirá irrigação maciça, dessalinização da água do mar, erradicação de pragas e maior fertilidade do solo. Depois, através de "safras múltiplas" — o plantio de mais de uma safra por ano — e de safras de grande produção, como as tritícolas, ele calcula que a produção pode ser aumentada pelo menos 20 vezes. A curto prazo, Kahn prevê que, na próxima década, formas mais eficientes de agricultura serão introduzidas, inclusive a técnica da película nutriente (ou hidropônica, que dispensa inteiramente a necessidade de solo).

Em meados da década de 80, um alimento de alto conteúdo protelnico, a proteína unicelular, cultivado num meio à base de petróleo, ou através da conversão de celulose do lixo, madeira ou detritos agrícolas em glicose e depois em proteína, pode servir como ração animal em larga escala e pouco depois como complementação da dieta humana.

Finalmente, se tudo isto falhar, podem-se mudar totalmente as dietas. A economia, nossa saúde, nossos gostos e a conveniência de alimentos são fatores que, em última análise, determinarão as mudanças a longo prazo na dieta humana. Em 2176, ela pode incluir proteína unicelular, "supercereal" e alimentos sintéticos. Tudo isso seria considerado exótico se existisse hoje, mas nessa época já se terá tornado normal.

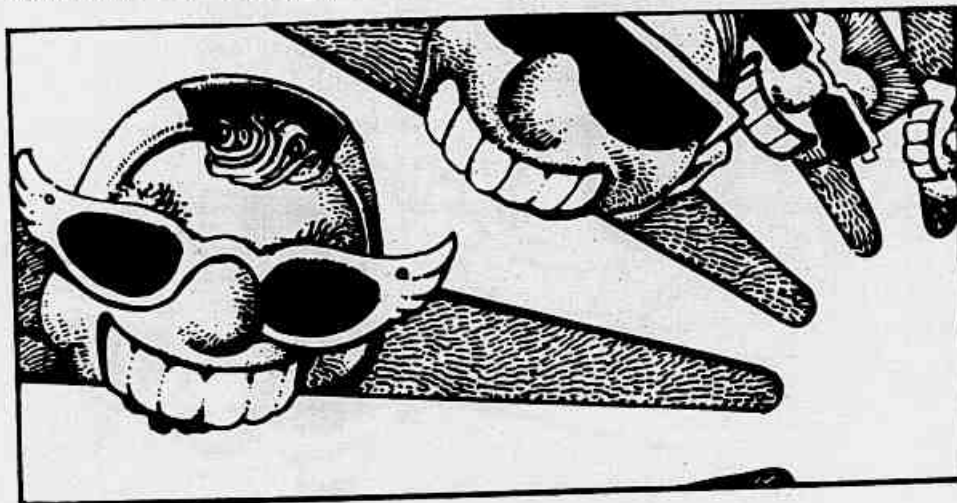
fontes de energia — solar, geotérmica, fusão, fissão — que não há como ficarmos sem energia nos próximos 200 anos.

P. E que dizer de outros recursos naturais? Meadows e Dartmouth não previram uma escassez de alumínio?

R. Impossível. O alumínio constitui 7% da crosta terrestre, e não há meio de esgotá-lo nem em mil anos. O pessoal do "limite-do-crescimento" baseou sua previsão na bauxita, que é apenas uma das argilas de onde se extrai o alumínio. A tecnologia solu-

que nos proporcionarão ferro para o próximo milênio.

P. Isto quanto ao futuro a longo prazo. Mas e os próximos 10 anos?

R. Nos Estados Unidos, vai haver um *boom* econômico — O cionou o problema. Podemos agora extraí-lo de outras argilas. Se o preço da bauxita subir 10 centavos de dólar, não se verão construções de fábricas de bauxita, mas teremos alumínio em abundância. O mesmo se aplica ao ferro. Pode-se ficar sem

minérios de alta qualidade, mas há outros, de baixa qualidade, PNB chegará a 4 trilhões de dólares no ano 2000. Outros países também terão prosperidade. O Japão pode até superar a renda *per capita* dos Estados Unidos.

P. Se o produto bruto mundial crescer como o senhor prevê, a diferença entre nações ricas e pobres não se tornará mais acentuada, levando a maiores tensões?

R. O *gap* de renda entre as nações não é, necessariamente, uma coisa ruim; na verdade, no Instituto Hudson, nós achamos que é a força mais poderosa no mundo para acelerar o desenvolvimento em áreas subdesenvolvidas. A escassez de mão-de-obra no Primeiro Mundo proporcionará emprego para o Terceiro. E, como as sociedades mais afluentes não quererão envolver-se com as indústrias mais sujas, esses empregos podem ser transferidos para áreas onde as pessoas estejam dispostas a ter um maior nível de poluição — contanto que isso não ponha suas vidas em perigo. Finalmente, a tecnologia pode ser transferida diretamente da nação nais rica para as mais pobres.

P. Mas, e as tensões políticas — a discussão entre os defensores do "limite-do-crescimento", os ambientalistas e os que defendem o crescimento acelerado?

R. Creio que essa questão será resolvida, mas primeiro haverá uma severa crise tecnológica, em 1985-86. Não esperamos uma estrada tranquila até o ano 2000. Os problemas que o mundo enfrentará não serão os tradicionais de fome e guerra, mas os progressos da tecnologia em áreas como a genética.

P. Por exemplo?

R. Nossa compreensão da genética, que aumenta rapidamente, logo possibilitará a projeção de filhos "melhores", mas isto pode provocar uma catástrofe cultural. Imagine se todos tiverem um QI de 200? Ou se os fazendeiros projetarem seus filhos com braços mais longos? A última coisa que uma sociedade deve querer algum dia é os pais projetando seus filhos.

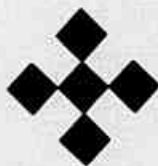
P. Se sobrevivermos à crise tecnológica, que deveremos esperar?

R. Entraremos numa sociedade pós-industrial. As pessoas optarão pela experiência — viagens, arte, cultura, etc. — em vez de bens materias. Isto reduzirá a demanda sobre o sistema industrial. ●

É HORA DE BRASIL.

Vamos lá.

O Brasil está aqui mesmo, pertinho de casa. Mas é um mundo novo esperando por você. Vá ver de perto a paisagem nova, as cidades crescendo, a história passeando pelas ruas, o mar batendo em praias que são pedaços do paraiso.

Vá e volte feliz. Pelo **Credivarig ou a Cruzeiro a Prazo** agora é mais fácil viajar para 57 cidades brasileiras, incluindo todas as capitais dos Estados.
Consulte seu agente de viagem Iata/Embratur.

Vá de VARIG CRUZEIRO

A maior experiência em voar Brasil.

PROP. VARIG 988

Pelo periscópio o comandante identifica a silhueta do inimigo. Ainda no compartimento de manobras, ele

A PATRULHA DO SILÊNCIO

Dois meses no fundo do mar

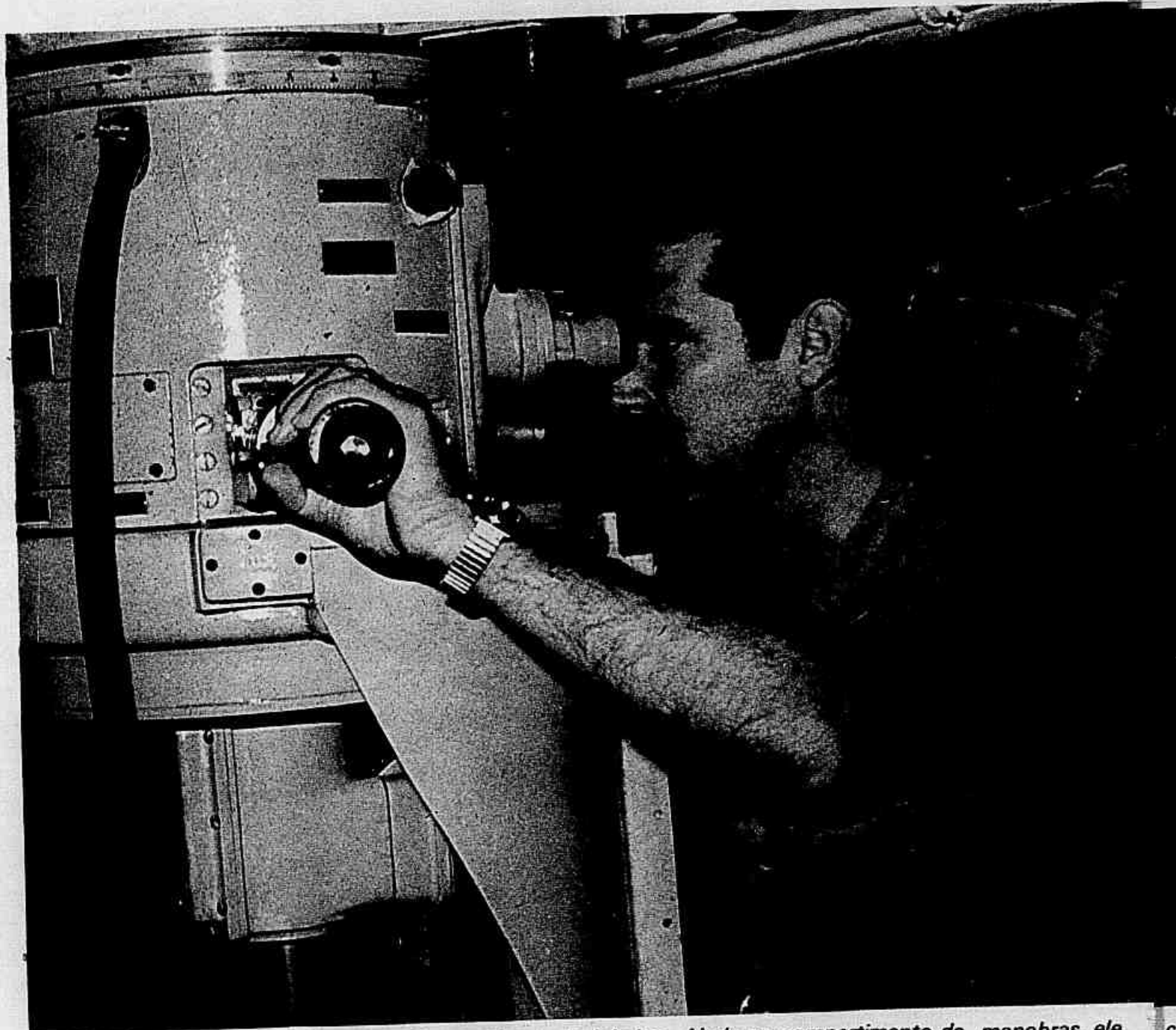
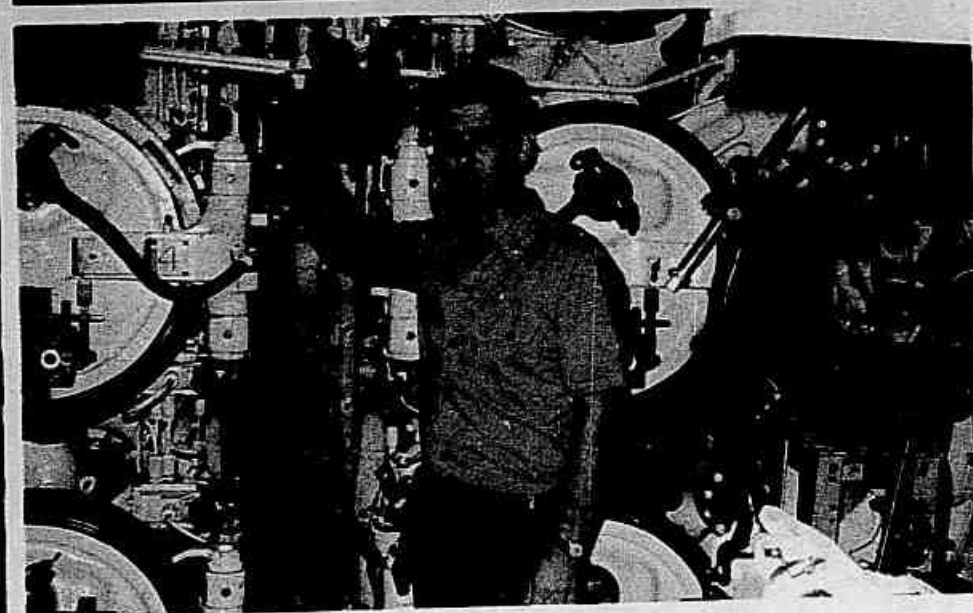
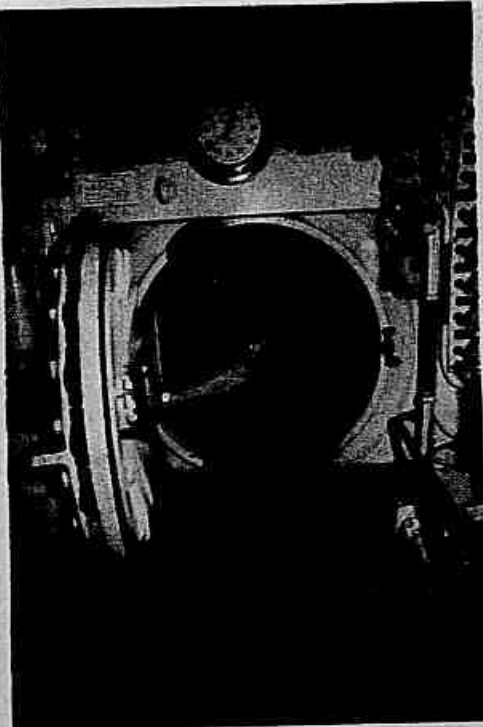
Cleusa Maria • Fotos de Evandro Teixeira

Ele tem 40 anos, quatro filhos, salário médio de Cr$ 18 mil e uma responsabilidade de 2 mil e 400 toneladas. Uma responsabilidade que, em vez de lhe trazer preocupações, só faz com que sonhe de olhos abertos. Mas o Capitão-de-Fragata Ruy Barcellos Capetti tem seus motivos para se sentir assim, pois em junho realizou o maior desejo que um submarinista pode ter: comandar um submarino. Ele é o atual comandante do *Humaitá*, o mais moderno da Marinha brasileira e um dos submarinos convencionais mais silenciosos do mundo. Conhece palmo a palmo os 90 metros de comprimento do seu navio ("Se colocado de pé teria a altura de um edifício de 30 andares", comenta orgulhoso) e explica entusiasmado todos os detalhes que lhe custaram anos seguidos de estudos e treinamentos.

"O *Humaitá* — da classe Oberon, de fabricação inglesa — tem três anos de operação e sou seu terceiro comandante. Mede oito metros de largura, desloca 2 mil 400 toneladas imerso e sua propulsão é assegurada por dois motores diesel de 16 cilindros e 3 mil 600 H.P. Possui ainda dois motores elétricos de 6 mil H.P. para navegação submerso. É tripulado por sete oficiais e 56 praças."

Antes de assumir o navio, ele ocupava a chefia do Estado-Maior da Força de Submarinos e afirma que comandar o *Humaitá* foi a atividade mais excitante que já exerceu até aqui. "Os submarinos sempre me fascinaram pelo seu aspecto diferente e pelo clima de mistério e perigo que envolve suas operações. E hoje estou certo de que o desejo de aventura me levou a ser piloto naval. Quando estou no comando o que mais me emociona é saber que tenho 2 mil e 400 toneladas nas mãos e que posso manobrar e dominar este peso. Cada vez que realizo uma patrulha me lembro de que sou responsável por 40 milhões de dólares (custo atualizado do *Humaitá*) e pela vida de mais de 60 homens que normalmente compõem a tripulação."

Para chegar a isso, porém, ele passou por um longo aprendizado: "A carreira do submarinista começa depois da Escola Naval e de dois ou três anos como oficial formado. Só aí fiz minha opção para o Curso de Aperfeiçoamento de Submarinos, que dura um ano. Os primeiros oito meses são empregados nos estudos técnicos sobre o navio, quando se aprende tudo que é relacionado com suas instalações elétricas, eletrônicas, operações e armamento. Feito isso, há um período de adaptação a bordo de quatro meses. Em geral, quando se entra num submarino e não se sente bem à primeira vista, não adianta insistir. Daí em diante, serve-se a bordo durante vários anos, no chamado "serviço silencioso" e só mais tarde sai a designação para o posto de comando, que é a realização máxima nessa carreira."

Para comandar esse navio é preciso, acima de tudo, de muita vontade, preparo técnico, perseverança e sentido de disciplina, que ajudam a enfrentar os incontáveis riscos e desconfortos comuns numa viagem submarina. Os perigos são os mais diversos, como colisões com outros navios na volta à superfície ou à cota periscópica (limite para se ver a superfície) e esmagamento, no caso de o submarino ultrapassar a tolerância de profundidade a que está sujeito. O *Humaitá* opera numa faixa aproximada de 150 a 200 metros de profundidade. "Entre nós", diz o comandante Capetti, "o submarinista é definido como uma pessoa fria e capaz de reações rápidas diante de situações inesperadas. Outra coisa muito importante é a adaptação entre os homens. É necessário um bom relacionamento, pois se os tripulantes não se entenderem muito bem não conseguirão viver num ambiente fechado por longo tempo, onde se acorda todos os dias vendo as

controla o deslocamento do navio, mergulho e tiros

mesmas caras de sempre. Pessoas temperamentais não se dão bem nesta atividade."

O tempo de patrulha de um submarino convencional, submerso, pode variar de um a 60 dias. Quando se deixa o cais, a vida se resume aos estreitos compartimentos do navio. "Esses 60 dias são o tempo máximo de uma patrulha, que pode cobrir toda a costa brasileira, pois o submarino tem alcance de 10 mil milhas durante as quais pode navegar sem voltar ao porto para reabastecer. A capacidade de submersão é de mais ou menos dois meses, isso se referindo ao combustível do navio e alimentação dos tripulantes. O homem, porém, pode aguentar muito mais. Mas nem todas as patrulhas duram necessariamente tantos dias. Agora, por exemplo, acabamos de voltar de uma viagem de 55 dias, com paradas em cinco portos para manutenção."

Numa viagem submarina podem acontecer muitos problemas de saúde entre a tripulação e, para evitar complicações maiores, faz-se antes do embarque uma rigorosa seleção dos homens que devem compor a guarnição. "Não temos médico a bordo, porque não há instalações para atendimento de casos mais graves. Mas de qualquer modo somos preparados (comandante e imediato) para identificar casos sérios, e cabe a mim decidir se o navio deve ou não voltar à terra. Temos um enfermeiro para resolver os casos mais simples e diagnosticar outras doenças, entretanto não podemos fazer atendimentos mais sérios dentro do submarino. Em tempo de guerra pode acontecer de o doente não ser levado de volta, mesmo correndo perigo de vida, pois a missão é mais importante. Em viagens comuns, porém, o comandante volta à terra, se assim decidir, ou entra em contato com médicos da Base, quebrando a norma de silêncio imposta aos submarinos. Nos meus quatro meses de comando não tive qualquer problema com a tripulação."

O comandante Capetti admite que há um desgate considerável de saúde a bordo de um submarino. As doenças mais comuns são as inflamações agudas, gripes que se propagam rapidamente, problemas de ouvido (por causa da pressão interior) e dores de cabeça constantes, provocadas pela dificuldade de renovação do ar. "Pode-se renovar o ar dando oxigênio e retirando bióxido de carbono. Por isso fazemos uma verificação frequente da taxa de gás carbônico e, se necessário, é feita a renovação. Em certos compartimentos há grande concentração desse gás e a purificação do ar torna-se mais difícil, como nos beliches mais baixos. Aí, o cuidado tem de ser maior, pois o tripulante pode morrer enquanto dorme."

Ele aponta o cansaço como outro problema frequente. Para evitá-lo procura-se reduzir o desgaste desnecessário de energia da guarnição: "Quem trabalha, trabalha. Quem está de folga se poupa ao máximo". De qualquer modo, é preciso estar adaptado para se passar longos períodos submerso. Existem situações desagradáveis e incômodas que são praticamente irremediáveis, como o efeito produzido pelo *snorkel* em operação. "O *snorkel* é um tubo que permite que se aspire ar da superfície, possibilitando o funcionamento dos motores diesel do navio em imersão. Mas ao aspirar da superfície, ele tem automaticamente de impedir a entrada de água do mar e por isso sua válvula abre e fecha muitas vezes, fazendo com que a pressão interior caia para 27 polegadas ou menos. Em geral, operamos com cinco polegadas a menos em relação à pressão atmosférica. Isso provoca uma sensação altamente incômoda, principalmente para os que estão resfriados. A frequência da operação em *snorkel* é de cerca de duas em duas horas."

A vida no submarino é monótona e, embora não exista uma rotina muito rígida, há o chamado dia típico. Quem não está de serviço não tem hora certa para se levantar, mas terá de obedecer ao treinamento e adestramento das diversas tarefas e exercícios programados, para dar a máxima eficiência de operação ao submarinista. Ele deve reagir sempre por reflexo, sem pensar. "Um dos exercícios", diz o comandante, "chama-se *postos de combate* — o submarino numa patrulha tem sempre um alvo, um inimigo suposto. Assim que se percebe esse possível inimigo, o comandante deve fazer a rápida aproximação e atirar o torpedo, que no caso é simulado. O atendimento a esses postos tem de ser imediato, para que o navio esteja pronto para combate dentro de três minutos, no máximo."

Os outros exercícios se relacionam com ameaças à segurança do navio, como as avarias nos lemes horizontais. Eles podem sair de seu lugar original e provocar um descontrole do navio, que irá à tona ou mergulhará, chegando até a ultrapassar o limite de profundidade. Isso é simulado e repetido todos os dias para que, no caso de um acidente semelhante, o erro possa ser corrigido no menor espaço de tempo. "O controle de alagamento, uma das graves emergências que podem acontecer a um submarino, também faz parte dos treinamentos diários. Se uma das redes que leva água do mar para o interior do navio se romper e começar a alagá-lo, as providências têm de ser tomadas no segundo seguinte. A demora pode significar o desastre total, com a perda do próprio submarino. São feitos ainda treinamentos contra incêndio a bordo e salvamento individual que ensina a sair rapidamente do submarino acidentado e parado no fundo do mar."

O submarinista passa todo o tempo se armando contra os perigos e convive com a possibilidade de um acidente com indiscutível sangue-frio. O temor não é suficiente para lhe tirar o bom humor. Em vez disso brinca o tempo todo e parece que sua vulnerabilidade até aumenta a vontade de se divertir. É comum aparecerem *charges* e críticas engraçadas onde o tripulante reclama do cozinheiro ou da falta de

água para o banho. "Essa é uma maneira que encontramos", diz o comandante Capetti, "de tornar mais fácil a vida dentro de um submarino."

Os desconfortos são muitos. Os corredores estreitos só dão para duas pessoas passarem ao mesmo tempo de lado. Não medem mais de 1,80m de altura e um tripulante não muito baixo deverá andar sempre curvado para não bater com a cabeça nas redes, válvulas, lâmpadas, fios e canalizações que proliferam por todos os cantos do navio. "Há até uma brincadeira entre a tripulação", conta ele, "dizendo que se conhece o tempo de alguém num submarino pelos galos na cabeça". A sensação que se tem é a de que se trata de uma prisão, onde o ar está sempre parado e carregado.

O submarino *Humaitá* tem três núcleos para alojamento da tripulação, compostos de refeitório (uma mesa), dormitório (beliches), mesas de xadrez, dominó e aliado — o jogo mais tradicional entre os praças. Em dois destes compartimentos vivem os marinheiros, no outro, os sargentos. "Os alojamentos foram organizados em núcleos para tornar mais aconchegante o lugar onde passamos grande parte da viagem", diz o comandante. Um dos núcleos dos marinheiros fica junto do compartimento de torpedos avante, onde se localiza uma saída de emergência — a outra saída está no extremo oposto, compartimento de torpedos à ré, e não dispensa um *poster* de Elke Sommer nua, única presença feminina nas patrulhas submarinas.

"Existem horas de lazer e de refeições, intercaladas às de treinamento e adestramento", explica o Capitão-de-Fragata. O almoço, ou rancho, como é chamado, pode ser dado entre 11 e 13 horas (há três cozinheiros a bordo), pois uma das coisas que se procura é não ter horários rígidos. Aliás, eles são frequentemente alterados para não criar hábitos fixos, o que facilitaria um possível ataque inimigo, já que é natural um certo relaxamento da segurança nessas horas de troca de turnos ou de refeições. O cardápio é variado. Salada, arroz, *stroganoff*, torta de frutas, frango, pastel de palmito, risoto de camarão, sopas diversas no jantar e batida de limão fazem parte do *menu* dos tripulantes. De manhã, fazem o "rancho de serviço". Quatro horas depois, o almoço normal e, mais tarde, um ligeiro jantar. "Em geral", conta o comandante do *Humaitá*, "evitam-se frituras e temperos como alho e cebola, pois contaminam o ar do submarino. Mas procuramos ter sempre a melhor e mais variada alimentação possível."

Apenas um mês de férias é passado com a família. O resto do ano é no interior do submarino, em vigília permanente

Na Praça d'Armas, local de reunião, refeição e também dormitório dos oficiais, está um dos maiores espaços livres do submarino, quando as camas beliches não estão armadas. Tem sete metros quadrados, mas é dividido ainda entre cinco beliches. Lá está dependurado o único quadro existente no navio — retirado da parede durante as viagens, para não despencar com o movimento do submarino. É uma paisagem a óleo — presente de um inglês e retrata o lugar onde o *Humaitá* foi construído, a Região dos Lagos, na Grã-Bretanha. Na Praça d'Armas e nos alojamentos dos praças, os tripulantes encontram a sua melhor forma de lazer: a exibição diária de filmes, em horários diferentes. Esse é o divertimento de todos. Vêem filmes românticos e de aventuras, nacionais e estrangeiros. Mas os de maior sucesso são os eróticos. "É preciso fazer uma média entre o gosto dos marinheiros e dos oficiais. Mas o aluguel dos filmes é muito caro e nem sempre dá para variar as fitas", comenta o comandante.

Apesar da dificuldade na renovação do ar, é permitido fumar no submarino. Pode-se também beber cerveja, desde que moderadamente. Fora esses pequenos prazeres, a tripulação permanece num rodízio contínuo, durante as 24 horas. Em geral, descansa-se oito horas — esse descanso pode significar reparos e manutenção de equipamentos e também sono — e passa-se quatro em serviço. "Estamos sempre cansados", afirma o comandante Capetti, "e o cansaço supera o sentimento de solidão das viagens longas. Aos poucos a gente também se acostuma com isso."

O coração do submarino se localiza no compartimento de manobras. Ali se controla todo o deslocamento do navio, mergulhos e tiros. É onde estão instalados os dois periscópios, que atingem até 17 metros de altura em relação à quilha do submarino. Nesse compartimento se opera quase sempre com luz vermelha, para evitar o ofuscamento da vista quando se olha para a luz natural (no caso, quando se vê pelo periscópio). Manômetros, inclinômetros, termômetros, radar, sonares, várias válvulas, equipamentos de comunicação, sistema Omega de navegação, indicadores de radioatividade na água e no ar, equipamentos de identificação de inimigos, equipamentos de navegação por satélite, tudo isso se encontra no compartimento de manobras. O *Humaitá* possui dois computadores digitais, um para navegação por satélite e outro para o sistema de direção de tiro.

A paisagem num submarino é sempre a mesma: fiações, redes, válvulas e lâmpadas, distribuídas pelas paredes de fórmica pastel. "Numa viagem submarina nada se vê, nem mesmo a água ou os peixes. Os únicos contatos que temos com o mundo exterior são obtidos através da radiorrecepção de boletins, notícias de agências e o resumo dos principais acontecimentos do dia, enviados pela Marinha. Em compensação, tudo se ouve, os olhos do submarinista são os ouvidos". Os ruídos são divididos em duas grandes categorias: ruídos próprios e barulhos de fontes externas, como os de outros navios, barcos pesqueiros, gelo e os chamados *ruídos biológicos* (peixes, baleias, camarões e toninhas). Ouve-se uma gama imensa de sons. Os peixes fazem um enorme barulho, os camarões parecem uma panela fervendo, o gelo tem um som estranhíssimo e as baleias apitam e gemem.

"Somos especialistas na análise desses sons", diz o comandante. "Procuramos qualificá-los, identificando um por um. Do nosso lado, porém, tentamos fazer o maior silêncio possível, para que os ruídos próprios não sejam transmitidos ao casco, pois dali passariam para a água e seríamos notados. Mas a lei máxima no navio é não se expor jamais. Por isso só chegamos à cota periscópica de duas em duas horas, e com o maior cuidado e discrição para não sermos percebidos."

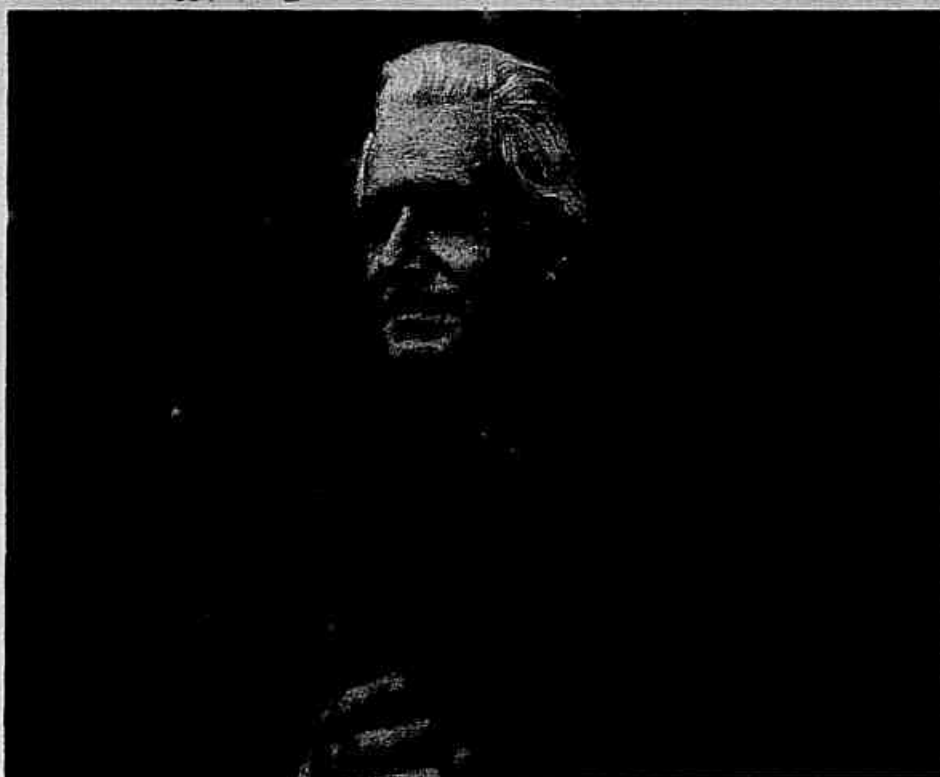
Quando o submarino está atracado, a tripulação passa o dia inteiro a bordo e volta para casa à noite. E essas horas de folga, o comandante Capetti aproveita para as brincadeiras com os filhos ou as dedica a uma partida de xadrez, com a mulher Célia. "Para cada duas semanas de patrulha, fica-se uma no porto, para manutenção. O descanso varia de acordo com o tempo no mar e as missões realizadas. Uma vez por ano, tenho 30 dias de férias, e só aí descanso realmente. O comando, geralmente, dura dois anos e depois passa-se o cargo. Há promoções em seguida. No meu caso serei promovido a Capitão-de-Mar-e-Guerra. Aí então já não comandarei submarinos, mas pretendo continuar ligado a eles, mesmo em terra." ●

FAISÕES

As aves mais bem vestidas do mundo

Christine Ajuz • Fotos de Evandro Teixeira

Apesar da raridade e do alto preço — um casal de faisões alcança de Cr$ 200 a Cr$ 30 mil — um engenheiro civil, português do Algarve, morador do Rio há 30 anos, conseguiu reunir 400 exemplares, representantes de 35 espécies e de todos os gêneros existentes. Ele os cria em Areal, distrito do Município de Três Rios, no alto de um caminho tortuoso que começa no Quilômetro 99,5 da Estrada União e Indústria. Para Alberto José de Brito, o dono dos faisões, criá-los é um *hobby* e uma arte. É algo "a que me dedico por amor". "Gosto de tratar deles", explica, "de admirar suas cores, sua elegância, e garanto que esta criação, iniciada há 10 anos, nunca teve fins comerciais".

Comprar de Alberto um faisão para corte é uma tarefa que exige persistência. De vez em quando ele acaba cedendo — o que é raro — e vende alguns exemplares para restaurantes do Rio, por Cr$ 150 ou Cr$ 200. "Mas não gosto disso", confessa, "meu objetivo é povoar o Brasil com estas aves, evitando, ao mesmo tempo, a extinção de várias espécies, já raras".

Antônio José de Brito não cria faisões para corte. Seu desejo é o de espalhá-los pelo Brasil, tentando evitar sua extinção

O longo convívio com os faisões, os muitos livros que leu sobre o assunto e a permanente correspondência com criadores de todo mundo dão a Alberto indiscutível autoridade para discorrer sobre o tema. "O vôo mais bonito é do Venerado — conta — também chamado de Flecha. Sobe reto, rapidíssimo, com as asas fechadas, e depois se solta no ar, flutuando. Uma beleza". Segundo ele, de todas as espécies, o único faisão monógamo é o Resplandescente, um dos mais coloridos: "Se colocarmos no seu viveiro duas fêmeas, ele

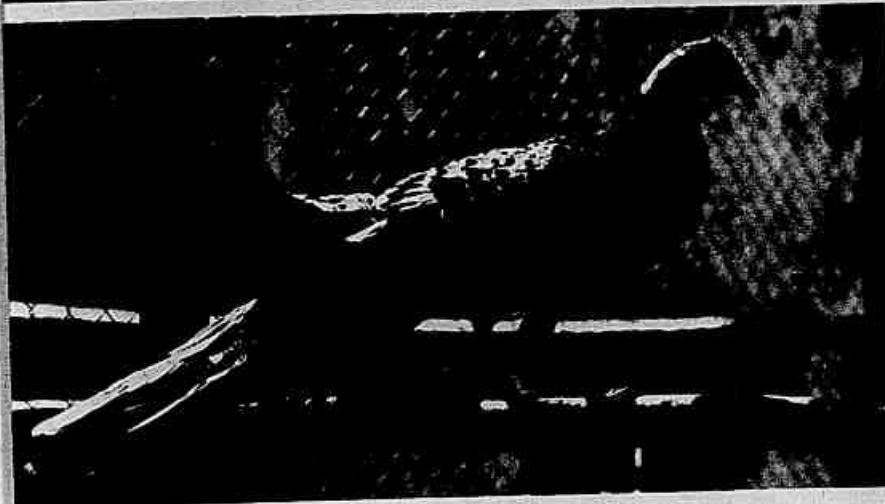
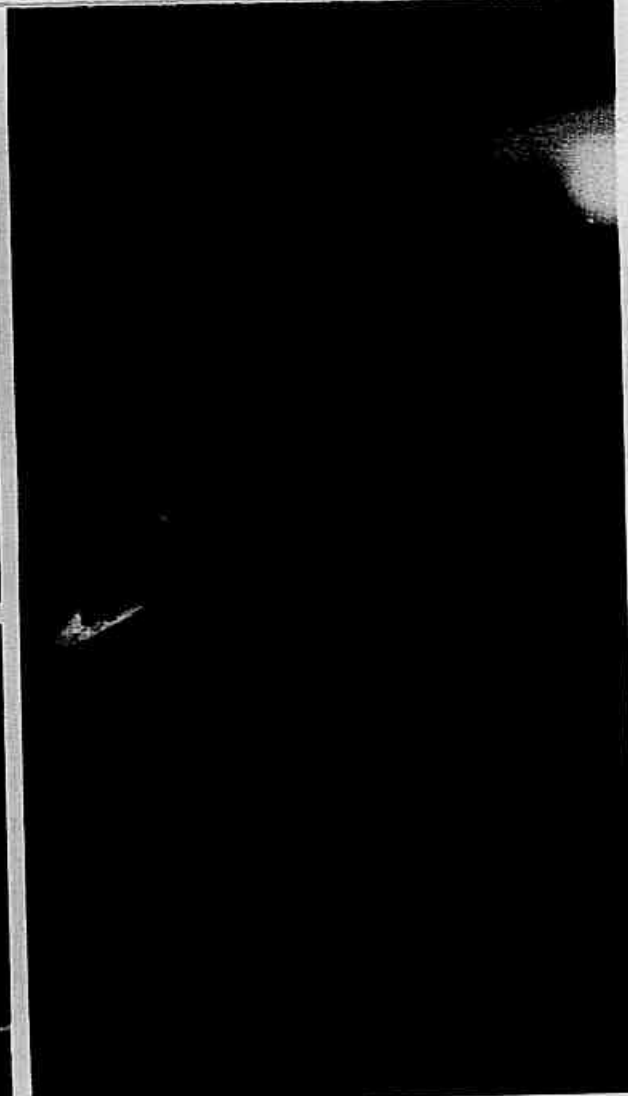
FAISÕES

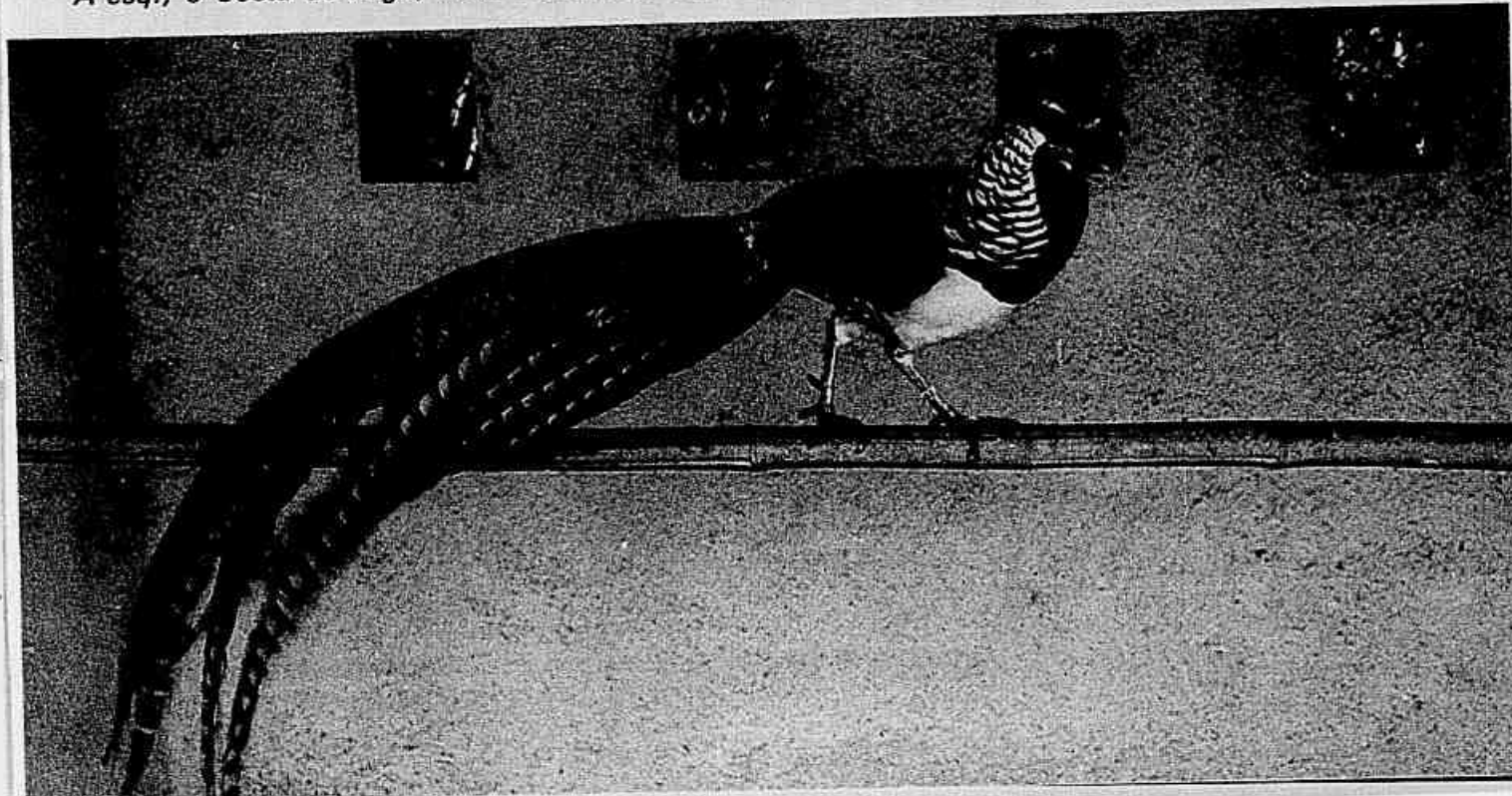
escolhe uma e mata a outra. Um tolo".

De acordo com os historiadores gregos, o faisão comum — o Colar ou Coleira — seria originário do Cáucaso e das margens do mar Negro, de onde teria sido importado para a Grécia, 13 séculos antes de Cristo, por navegadores vindos da Cólchida em busca do célebre Velocino de Ouro. Até aí, é claro, lenda e realidade se confundem. O certo é que na França, Itália e Alemanha, os faisões foram introduzidos pelos romanos, fascinados pela beleza da ave. Há quem diga, no entanto, que mais do que o colorido realmente fascinante das penas da ave, o que atraía mesmo os romanos era o sabor incomparável da carne, embora os primeiros exemplares importados tenham sido trazidos mais como pássaros de viveiro do que propriamente caça.

A discussão é bizantina. Jamais se soube de animal em que a beleza externa interferisse com a finura do sabor. O fato é que na Idade Média — e aqui não cabem dúvidas — a qualidade do faisão como prato de caça já era sobejamente reconhecida, sob o nome de *Coq de Limoges,* de presença obrigatória como convidado de honra nos banquetes mais nobres.

Desse aspecto, no entanto, Alberto José de Brito prefere não falar. Afinal, ele é um criador de faisões e não um *cordon-bleu*. Interessa-lhe a sobrevivência da nobre ave e não a sua extinção através do consumo sôfrego de raros exemplares em lautas mesas. Segundo ele, muitos Governos já tiveram sua atenção despertada para o problema e tomaram as providências necessárias para impedir a exportação indiscriminada dos faisões. É o caso, por exemplo, do tipo Costa do Fogo, da Tailândia; do Nobre, de Bornéu, o mais raro; e do Swinhoe, de Formosa, que em 1964 chegou a desaparecer da ilha. Felizmente três anos depois, por solicitação das autoridades de Taiwan, o Conselho de Preservação dos Pássaros resolveu o problema: 30 espécimes foram

O Resplandescente (esq.) e o Lady Amherst's (dir.) vivem em grandes altitudes. Quando o Himalaia se cobre de neve, descem em grupos de 20 ou 30 em busca de água, e é durante essa excursão que os nativos os caçam com laços

Na foto sup., o faisão comum, de corte; acima, à esq., o Eperonier; à dir., o Prelatos, natural do Vietnã

À esq., o Costa do Fogo, mais comum na Tailândia; à dir., o Mandchuriano, o mais sociável dos faisões

remetidos da Inglaterra com a missão de repovoar a região, para alegria dos apreciadores da ave.

Da família dos *Phasianidae*, os faisões são primos dos pavões e com eles compartilham uma característica: os exemplares mais bonitos são os machos. "É na época da fecundação que os machos iniciam as suas exibições" — explica Alberto. "Abrem as asas e a cauda, batem com a cabeça no chão, circulam em volta das fêmeas e muitos chegam a tirar com o bico todas as pedrinhas, limpando o terreno. No entanto, se a fêmea não estiver pronta para ser fecundada, nada disto adianta. As consequências, dada a insistência do faisão macho, podem ser trágicas", conta Alberto José de Brito. "Cansada pelo assédio, a fêmea se abaixa para recuperar-se. Ele imagina que ela está pronta para aceitá-lo e começa a puxar as penas da sua cabeça, para erguê-la. Muitas vezes acaba matando-a".

Segundo Alberto, as fêmeas — sempre descoloridas e apagadas — podem chocar seus próprios ovos, coisa que realmente fazem em seu habitat natural. Em cativeiro, contudo, convém retirá-los à medida que são postos. Do contrário, além de limitarem a postura (há espécies que põem até 40 ovos), as fêmeas acabam se apegando de tal forma ao ninho que, por recearem a interferência humana, não saem para comer e morrem de inanição. E às vezes é preciso estar atento para que não sejam assassinadas involuntariamente por machos mais afoitos.

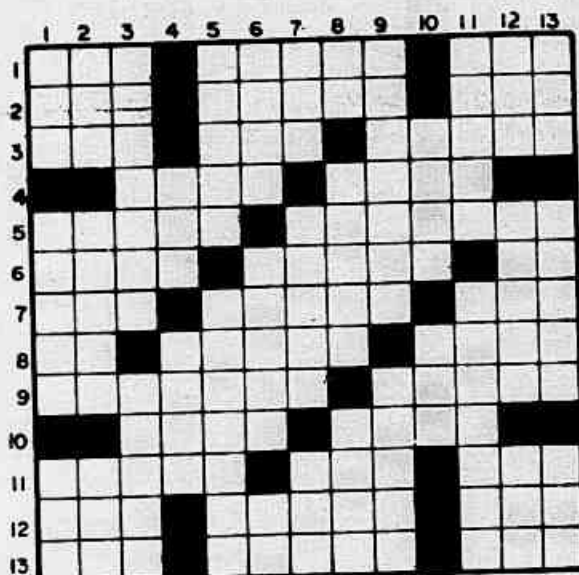
Apesar de em sua maioria serem originários de regiões frias, os faisões se criam muito bem no nosso clima, do que é prova cabal a crescente criação de Alberto. E a quem se propõe a criar exemplares da nobre ave, ele sugere viveiros de 1,70m por 2,50m por casal. É o espaço que considera ideal, desde que não se esqueça de providenciar uma parte coberta, já que é preciso proteger as aves do Sol. Quanto ao piso, que seja de terra, jamais de cimento. Depois, como acontece com qualquer animal, basta manter o lugar sempre limpo e a salvo dos ventos, trocar água e ração uma vez por dia e dar muita atenção e carinho aos moradores. Nestas condições, garante, "as aves mais bem vestidas do mundo se tornam menos agitadas e agressivas e são capazes de ótima postura". Que, por sinal, começa agora, na primavera. ●

PALAVRAS X WORDS

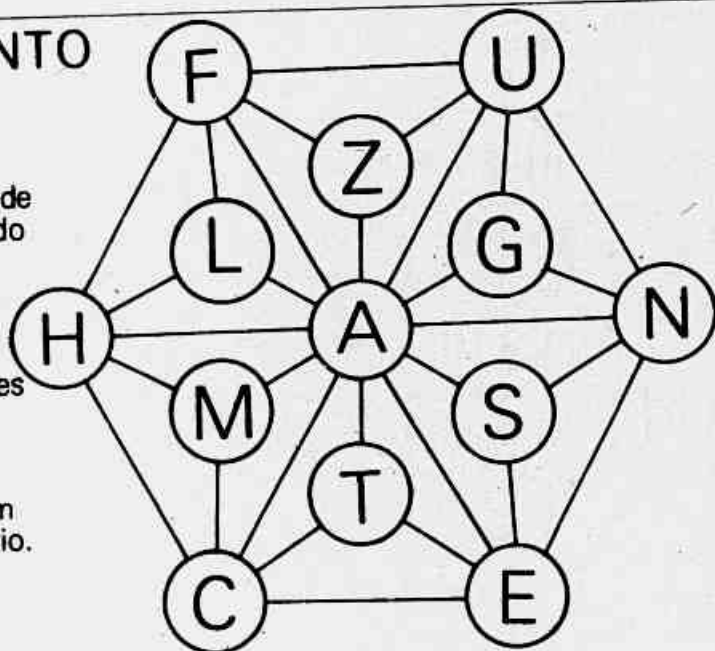
Horizontais:

1. escondeu; trabalho; tímido
2. mineral bruto; sozinho; torta
3. enguia; maio; o menos
4. votos favoráveis; pêra
5. encurralado; provocadoras
6. refrescos; costa; em
7. vara; paz; mentir
8. ou; lixo; elevar
9. o mais próximo; água
10. espelunca (gíria); sugestão
11. tatear; tope; colo
12. nosso; ruído; era
13. esconderijo; tipo de tecido; vermelho

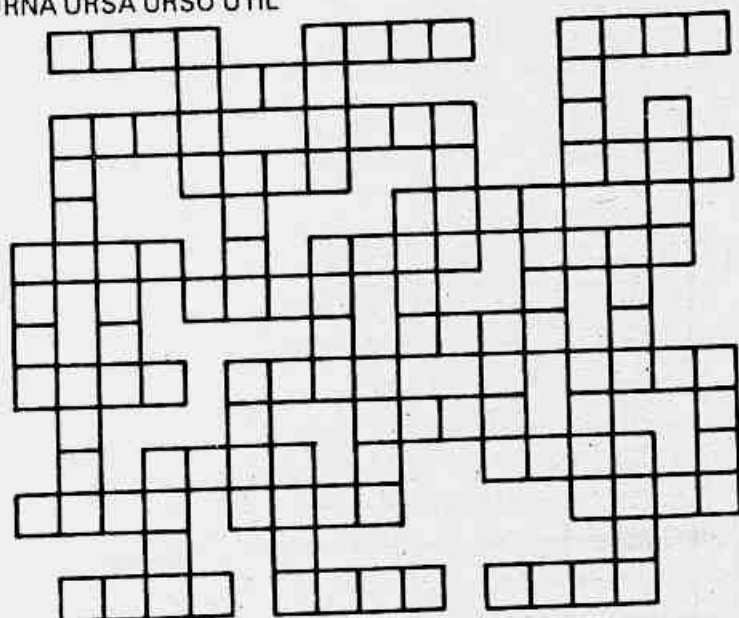
Verticais:

1. enxada; barão; deus
2. ira; adorar; arrepender-se
3. atrasado; adornar
4. sim; viagem
5. aleijou; evitou
6. ai! ai!...; cessar; ui!
7. menino; brinde; gravata
8. sobre; pêssego; mangueira
9. soltar; limpou
10. Este; correu
11. sobressalente; menor
12. dele; levantar; are
13. todavia; guiar; almofada

LABIRINTO

Veja quantas palavras de cinco letras você é capaz de formar, unindo as letras sem pular linhas nem casas. **Não valem verbos, nomes próprios, plurais, nem gírias. Eu formei 44 sem usar dicionário.**

F U Z L G H A N M S T C E

ENTRECRUZADAS

Veja se consegue colocar cada palavra no seu lugar correspondente

De 4 letras: ACUO ÁGUA AMUO ANGU ANUI ATUA ATUM AULA AULO AURA AUTO AZUL DUAL DURA DURO GRAU GROU GURU INDU LULA LUPA MAUÁ MULA MURA NULA PACU PAUL PUPA PURA RAGU RAUL REBU RUAS RUÇA RUÇO RUGA SUGA SUOR TATU TOFU ULNA URAL URCA URNA URSA URSO ÚTIL

LOGOBOLICHE

Se derrubar todos *pins* (formar a palavra completa), você fez um *strike* e ganha 20 pontos. Se não conseguir, tente fazer um *spare*, para ganhar 10 pontos, formando duas palavras menores usando todas as letras. Cada letra só pode ser usada uma vez e vale um ponto. A pontuação máxima possível, fazendo 10 *strikes* e 10 *spares*, é 300. As palavras que você formar não precisam ser as mesmas dadas na solução, porém você não poderá usar nomes próprios, verbos, plural e gíria. A letra inicial de cada palavra encontra-se na linha de *strike*.

A IC QUA TOUR	C OP RAM VEAL
Strike A	Strike C
Spare	Spare

O SO MIG COAL	A AS TAN TOUR	U SO MAN COAT	O II LID CRAM
Strike C	Strike A	Strike C	Strike D
Spare	Spare	Spare	Spare

U ID PAL CASE	R IT SEE ROAD	O II ROC PEST	O II MOT GALE
Strike E	Strike E	Strike E	Strike E
Spare	Spare	Spare	Spare

CRIPTOMANIA

Ó WOVRYB PSMKB MKVKNY O

ZKBOMOB LEBBY NY AEO KLBSB

K LYMK O KMKLKB MYW K NÉFSNK

Esta mensagem foi escrita em código de substituição simples de letras. Por exemplo, SUBMARINO INIMIGO, num código semelhante, seria assim: DFLVJCSXZ SXSVSQZ. Para decifrá-la, basta observar a frequência com que aparecem certas letras ou grupos de letras.

AS SOLUÇÕES ESTÃO NA PÁGINA 38

Conquiste o coração de sua mulher com economia.

Venha buscar um Chevette agora.

Aproveite a Promoção dos Concessionários Chevrolet e venha buscar o seu modelo 76.

BRIDGE

Lizzie Murtinho

O ST SOUTO

Todos os jogadores brasileiros já devem ter ouvido falar no ST Souto, criado por um de nossos bons jogadores, atualmente um pouco afastado das competições. Souto me mandou uma carta, com modificações para seu sistema, e tenho certeza que será de grande interesse, em especial para os que adotaram essa convenção. A idéia é a seguinte:

— A voz de 2 Paus (usada para perguntar os pontos) não será usada nas mãos limites — sete a nove pontos — com naipe rico 4º (não sendo 4-3-3-3)

— Com essas mãos, será preferível dizer 2 Ouros para poder passar ainda no nível de 2.

A seqüência imaginada por Souto fica assim: 1 ST — 2♢

Abridor:
2♡, 2♠ — 16/17 com ♡/♠
3♡, 3♠ — 18/19 com ♡/♢
2 ST — 16/17 sem rico
3 ST — 18/19 sem rico

No caso de o abridor ter os dois ricos, ele preferirá marcar Espadas primeiro

Ex.: 1ST — 2♢
2♠ 2ST
3♡

O respondedor, por sua vez, sabendo a força e o naipe rico de seu parceiro, decidirá onde parar.

No caso de o respondedor ter uma mão com quatro cartas de rico, cinco de pobre e *uma seca*, ele poderá optar pelas seguintes vozes:

2 ST: quando a sua *seca* for o naipe rico do parceiro

3♣/3♢ — quando preferir jogar no seu naipe quinto

Nas mãos em que o respondedor tem um naipe rico de cinco cartas e outro de quatro, deve preferir usar a voz de 2 Paus, pois pode-se jogar ainda no nível de 2.

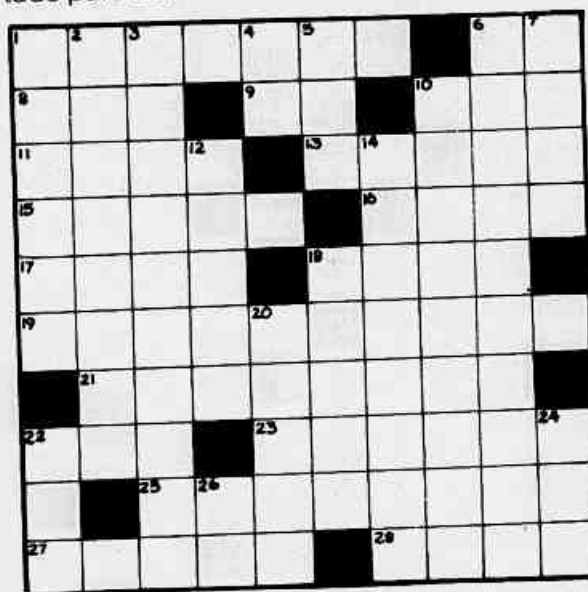
Ex.: 1 ST — 2♣ 1 ST— 2♣
2♢ — 2♡ (*sign off*) 2♡ — passo

Como se pode ver, não há problemas. Você perde o *sign off* em Ouros, mas ganha a chance de jogar em rico num nível mais baixo. Souto nos mandou também uma sugestão para a abertura de 2 ST, mas fica para a próxima.

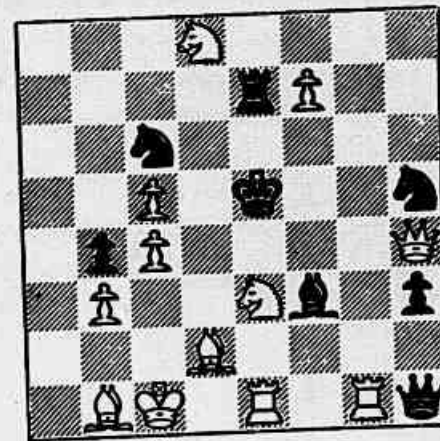
CRUZADAS

Carlos da Silva

HORIZONTAIS — 1 — vencer; ter autoridade sobre; 6 — neste assunto, neste propósito; 8 — eiró; espécie de enguia; 9 — sujeito imprestável; 10 — malícia espirituosa; graça; 11 — (ant.) cortina, estore; 13 — adiro, aquiesço; 15 — amparo, proteção; 16 — agastar, irritar; 17 — doença febril e contagiosa, produzida pelo bacilo de Eberth; 18 — apertes com atilho; ligues; 19 — pessoa que pratica a oniromancia; 21 — ter caridade para com, tratar com caridade; 22 — início de uma nova ordem de coisas; 23 — mover de um lado para outro; 25 — nascido, promanado; 27 — calouro, principiante; 28 — guarnecer de asas.

VERTICAIS — 1 — que está em linha reta; que não faz escala; 2 — dar origem ou princípio a; 3 — que sofreu modificação; alterada; 4 — parte do muro ou parede sem moldura ou ressalto saliente; 5 — mulher que amamenta filho alheio; 6 — incluída no cadastro; 7 — estímulo, impulso; 10 — composições poéticas, próprias para o canto noturno; 12 — exala odor ou cheiro; 14 — pertencente ou relativa à cidade; 18 — colega, companheira; 20 — elemento de composição que exprime a idéia de *espetáculo, vista*; 22 — ave corredora sul-americana muito parecida com o avestruz; 24 — grande número, abundância; 26 — passar de um estado para outro.

Léxicos utilizados: Melhoramentos; Aurélio e Casanovas. Colaborações, correspondência e remessa de livros e revistas para: Rua das Palmeiras, 57, ap. 4 — Botafogo — ZC-02

XADREZ

Ruy Lopez

Problema nº 15:

As brancas jogam e dão mate em dois lances
F. Fleck, 1952

DESAFIANTES

Mecking venceu o Interzonal de Manilha. Bent Larsen, o da Suíça. Entre os dois, uma vasta diferença em idade e em perspectivas. Na casa dos 20, Mecking só tem a temer, de fato, o próprio campeão do mundo, Anatoly Karpov. Com Viktor Korchnoi, que deverá enfrentar no próximo Torneio dos Candidatos, pode jogar de igual para igual, como já jogou, há três anos, nos Estados Unidos, com a vantagem de que agora está mais maduro — e Korchnoi mais velho.

Larsen já entrou na casa dos 40. Foi até bem pouco tempo um dos demolidores do xadrez — e o jogo seguinte, com Andersson, é um bom exemplo do seu estilo combinatório. Mas a idade conspira contra ele — e o fato de que é mais um jogador de torneios do que de *matches* individuais. Dificilmente chegará a colocar-se frente a frente com Karpov.

Bent Larsen x Ulf Andersson

Estocolmo, 1975, Defesa Nimzo-Índia

1. P4D C3BR 2. P4BD P3R 3. C3BD B5C 4. P3R P4B 5. B3D 0-0 6. C3B P4D 7. 0-0 PxPB 8. BxP CD2D 9. D3D PxP 10. PxP P3CD 11. B4B B2C 12. TD1B P3TD 13. P3TD B2R 14. TR1R T1R 15. B2T T1BD 16. C5R CxC 17. BxC D2D 18. D3D P3C 19. P4TR P4CD 20. D3T TR1D 21. T3R P4TD 22. TD1R P5C 23. PxP PxP 24. C2R T7B 25. C4B TxPC 26. B3C C4D 27. P5T P4C 28. BxC BxB 29. T1BD PxC 30. D4C xq R1B 31. DxPB T1B 32. T3CR TxT xq 33. DxT D3B 34. DxT P3B 35. B4B D5B 36. D1C P4B 37. D1T D7T 38. D1R P6C 39. D5R P7C 40. D8T xq abandonam.

SOLUÇÕES

LABIRINTO

ACESA AGATA CACAU CALHA CANAL CANGA CASAL
CHAGA CHAMA CHATA FALAZ FALHA FATAL FAUNA
FLACA FLAMA FUGAZ FUNGA GALHA GANGA GANSA
GAZUA LHAMA LHANA MACAU MAFUA MAGNA MALHA
MANAU MANGA MANSA NAGUA NASAL NATAL SAGAZ
SALAZ SAUNA TACHA TALHA TANGA TENAZ TENSA
UFANA ZANGA

LOGOBOLICHE

AUTARQUICO — OUTRA/CAQUI
COMPARAVEL — LEVA/COMPRA
COSMOLOGIA — SOMA/LOGICO
ASTRONAUTA — SOTA/NATURA
COSMONAUTA — TOSA/COMUNA
DOMICILIAR — DOR/MILICIA
ESCAPULIDA — ID/ESCAPULA
ESTRADEIRO — REI/ESTRADO
ESTROPICIO — EIS/TROPICO
ETIMOLOGIA — E/MITOLOGIA

CRIPTOMANIA

Mensagem decifrada:
É melhor ficar calado e parecer burro do que abrir a boca e acabar com a dúvida.

ENTRECRUZADAS

```
P A U L     M U L A     D U R O
      U L N A           U
R A U L     U R C A     R   P
E     A U R A     U     A C U O
B       R     A T U M       R
G U R U   S   A M U O   U R N A
R   U   T O F U   L     R   U
A   A           L   A G U A   L
U R S A   S U O R       R   P A C U
  U       U   A T U A   U       T
  Ç   R U G A   G       L U P A   I
T A T U   A N G U             A Z U L
      Ç     U                   U
  G R O U   I N D U   D U A L
```

PALAVRAS X WORDS

Across:

1 — hid — labor — shy
2 — ore — alone — pie
3 — eel — may — least
4 — ayes — pear
5 — bayed — teasers
6 — ades — coast — at
7 — rod — peace — lie
8 — or — thrash — rise
9 — nearest — water
10 — dive — hint
11 — grope — top — lap
12 — our — noise — era
13 — den — tweed — red

Down:

1 — hoe — baron — god
2 — ire — adore — rue
3 — delayed — adorn
4 — yes — trip
5 — lamed — prevent
6 — alas — cease — ow
7 — boy — toast — tie
8 — on — peach — hose
9 — release — wiped
10 — East — ran
11 — spare — littler
12 — his — raise — are
13 — yet — steer — pad

CRUZADAS

HORIZONTAIS — dominar; cá; iró; um; sal; rido; acedo; égide; irar; tifo; ares; oniromante; acaridar; era; agitar; dimanado; arara; asar.

VERTICAIS — direto; originar; modificada; nu; ama; cadastrada; alor; serenatas; odora; citadina; amiga; orama; ema; rol; ir.

XADREZ

Problema nº 15: D2B

CADERNO DE
QUADRINHOS
Nº 28 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 19 de setembro de 1976 Não pode ser vendido separadamente

PEANUTS

Charlie Brown e sua patota

SCHULZ

SOU O SEU CHEFE DE TENDA, E QUERO QUE ESCREVA UMA CARTA PARA CASA!

PERNA-LONGA

VÁ TORTURAR A PACIÊNCIA ALHEIA EM OUTRO LUGAR, FRAJOLA!
PRECISA ME AGREDIR?!
O "PERNA" TEM A GRAVATA QUE LHE CONVÉM
T.M. Reg. U.S. Pat. Off.

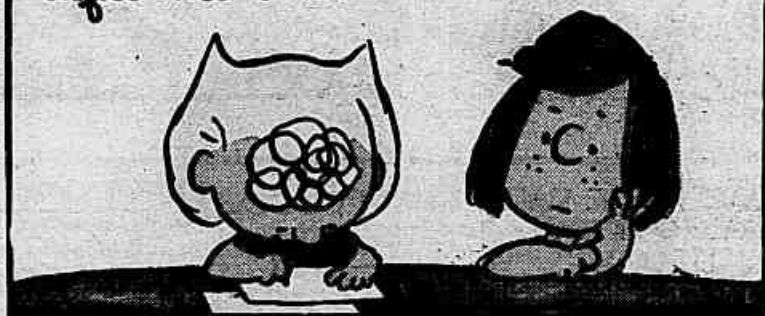
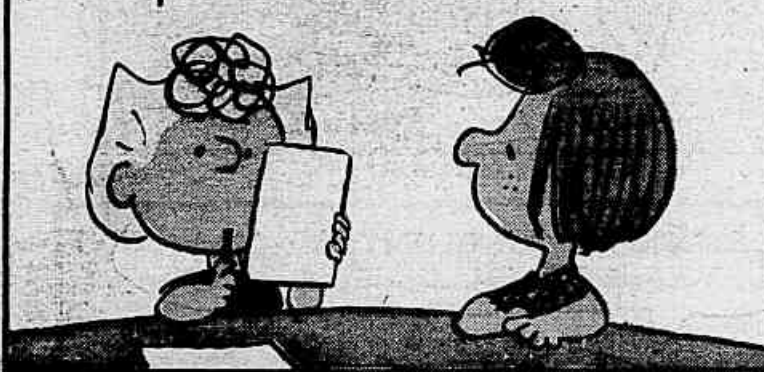
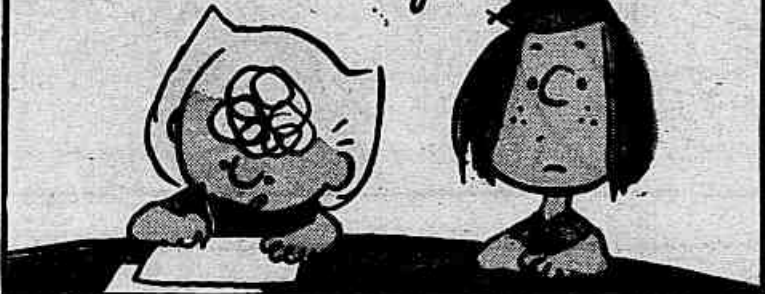
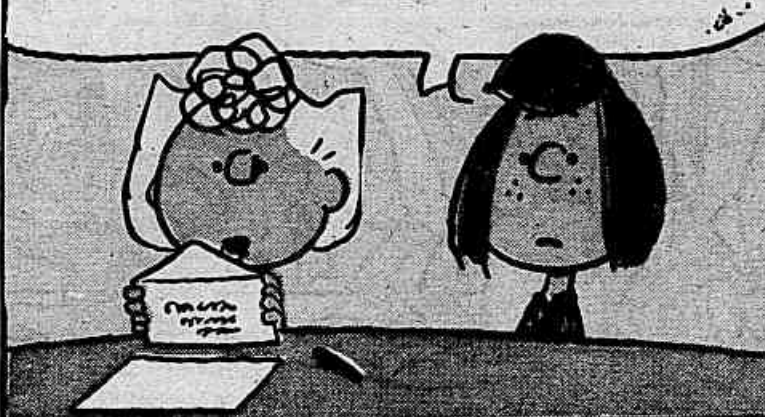
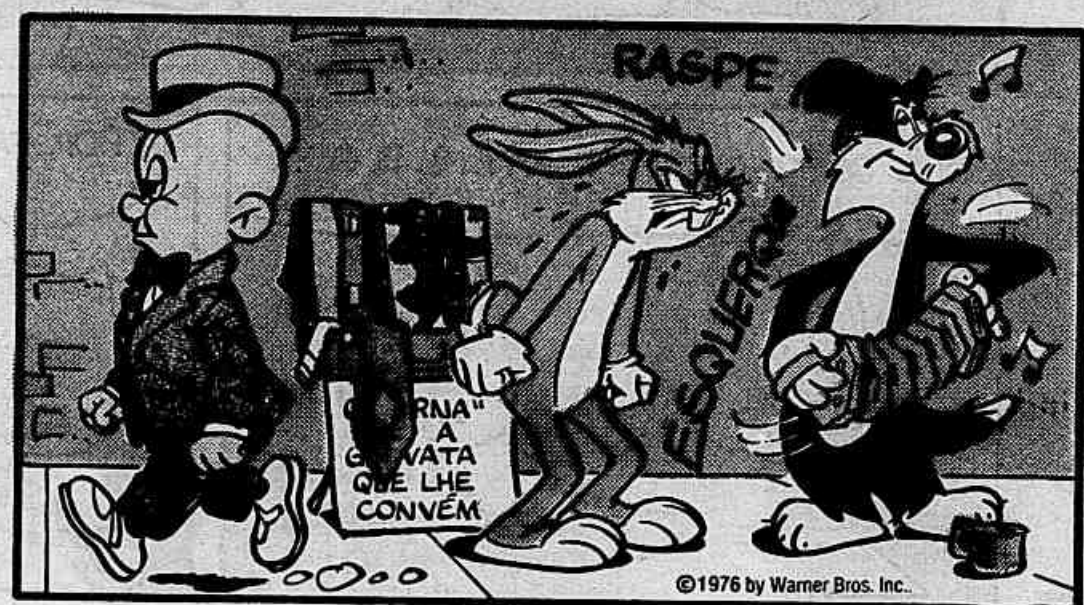
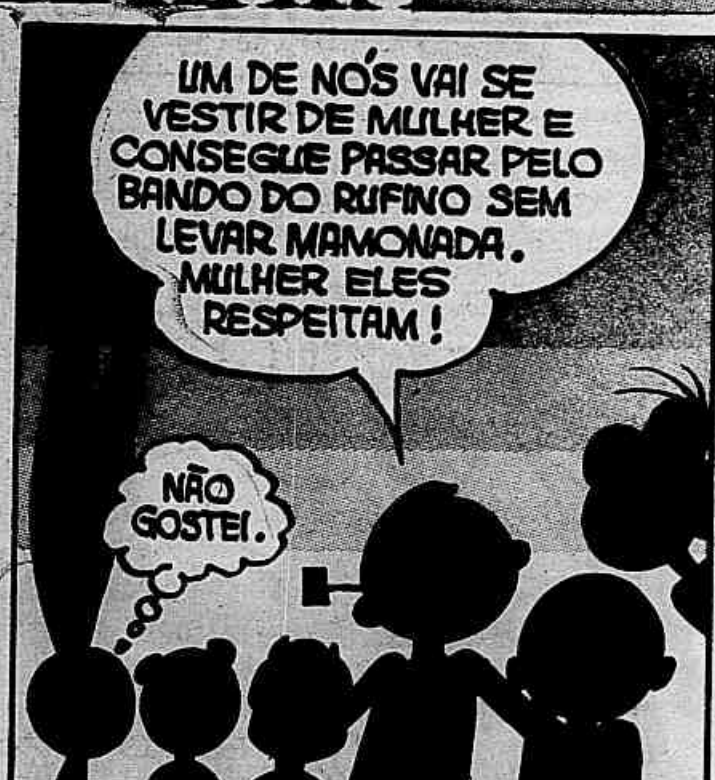
ISTO É UMA VIA PÚBLICA E, ALÉM DO MAIS... BLA... BLA... BLA... BLA... BLA...
CALE A BOCA!

ESSE SEU LINDO TERNO CARECE DE UMA GRAVATA MODERNA, MEU CARO TROCALETRA!
TEM LAZÃO!

É DIFÍCIL ME CONCLENTLAR COM TODA ESTA BALULHEILA!!
ESCRII!
ESQUÁÁÁ

NÃO PODE PARAR UM POUCO, AMIGO? ESTOU EFETUANDO UMA VENDA!
ATENDEREI, EMBORA RELUTANTE, A SEU PEDIDO!
ESQUIIICHE!

NÃO VÊ QUE ESTA GRAVATA NÃO COMBINA COM O AZUL DE SEUS OLHOS, MEU CARO SENHOR DE OLHOS URUBUS, ISTO É, AZUIS??!
RALPH HEIMDAHL AL STOFFEL
7/18

RASPE
ESQUERR
"PERNA" A GRAVATA QUE LHE CONVÉM

AS AVENTURAS DO PERERÊ

BARNEY GOOGLE E SNUFFY SMITH de FRED LASSWELL

STEVE TEM UM SONHO PASSADO EM 1776!
de MILTON CANIFF
O GENERAL ARNOLD FOI PARA FILADÉLFIA...
...E DEIXOU COMO SEU REPRESENTANTE UM TAL DE CORONEL CANYON.

A ATRIZ SAVANNAH GAY ESTAVA À ESPERA DE ARNOLD, MAS ENCONTROU CANYON.
MELHOR PARA ELE...

FUI AVISADA DE QUE ESTÁ REPRESENTANDO O GENERAL ARNOLD...

E EU FUI AVISADO DE QUE OS INGLESES LHE OFERECEM SEU SOLDO...

...MAIS UMA PENSÃO, MAIS...
... BEM, AO TODO 6.315 LIBRAS ESTERLINAS PARA PASSAR PARA O LADO DELES.

COMO SABE DISSO TUDO?
FIZ MEU DEVER DE CASA.

SABE, DETESTO ME METER NESSE SEU JOGUINHO...
... MAS GOSTO MAIS DE VOCÊ NOS FILMES HISTÓRICOS!

ACHO MELHOR VOLTAR PARA SEUS AMIGOS DA QUINTA-COLUNA...
DIGA-LHES QUE CONTINUEM A TENTAR. TALVEZ TENHAM SUCESSO!

ALGO TRANSPIROU! NÃO SE PODE CONFIAR EM NINGUÉM DO GOVERNO!
O GENERAL MANDOU UM REPRESENTANTE LINDO... MAS NÃO ENTENDO NADA DO QUE ELE FALA!
AINDA BEM QUE O BRAVO ARNOLD NÃO CONVERSOU COM SAVANNAH GAY! ELE ESTÁ ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA!
© Field Enterprises, Inc. 1976 5-30

CONTINUA

CEBOLINHA
MAURICIO

ACABO DE DAR UM PRESENTE DE ANIVERSÁRIO PARA A MAGALI!
NÃO PRECISA ME DIZER MAIS NADA!

APOSTO COMO FOI UM PRESENTE FÚTIL E VAZIO, TÃO PRÓPRIO DAS MENINAS...

EU DEI UM LIVRO PARA A MAGALI!

UM LIVRO?
UM LIVRO?
É...

PUXA, MÔNICA! RETIRO TUDO O QUE EU DISSE ANTES!

O SEU PRESENTE FOI SÁBIO E BEM ESCOLHIDO! LIVRO É CULTURA! LIVRO É EDUCAÇÃO!

VAI DESENVOLVER A CAPACIDADE INTELECTUAL DA MAGALI!
VAI?

CLARO! VAI ATÉ AJUDAR A MAGALI A ENCONTRAR UM BOM EMPREGO, NO FUTURO!
AH, ISSO VAI...

PRINCIPALMENTE PORQUE ELA QUER SER MANEQUIM!
FIM

A VOLTA DO O SUPER HORÁCIO

③

MAURICIO

CONTINUA

BRICK BRADFORD

de **Paul Norris**

KID FAROFA

de **Tom K. Ryan**

QUERIDO, NOSSA MÁQUINA DE LAVAR ENGUIÇOU!
OH, NÃO!

PODE LEVAR ESTAS ROUPAS PARA A LAVANDERIA AUTOMÁTICA, PARA MIM?
CLARO!

OLÁ, EU ME CHAMO EUNICE. VOCÊ COMPROU ESSE SABÃO EM PÓ AQUI?

SIM, NÃO É BOM?
TRAGO SEMPRE MEU PRÓPRIO SABÃO. FAZ MEU BRANCO MAIS BRANCO E MEU AZUL MAIS AZUL.

E O VERMELHO MAIS VERMELHO, NÃO?
SIM, É VERDADE MESMO!

EXPERIMENTE ZIPPO.
OH, CLARO!

AQUI ESTÃO AS ROUPAS.
OBRIGADA.
APLA

QUE É ISSO?

NOSSA! PEGUEI A CESTA DA EUNICE!

QUEM É EUNICE?

ESTOU LHE DIZENDO HÁ SEIS HORAS... TUDO QUE FIZEMOS FOI COMPARAR NOSSOS SABÕES!

ARCA dos BICHOS

de Addison

Zezé e Cia

de MORT WALKER e DIK BROWNE

O LONGO DIA CHEGA AO FIM...
ESTOU CANSA-DO.
EU TAMBÉM ESTOU.

PUXA, VIDA, COMO NÓS ANDAMOS!
POBRE-ZINHOS!

AFINAL, OS TELHADOS DE PARIS...
JÁ ESTÁ TARDE. QUE VAMOS FAZER?
BEM, M'SIEU MATINHOS CONHECE UM BOM LU-GAR PARA PASSA-REM A NOITE.

É PERTO DAQUI, M'SIEU?
LOGO DEPOIS DAQUELA CHA-MINÉ!

MEU APARTAMENTO DE COBERTU-RA.

NÃO É LUXUOSO... MAS É QUIETO, SOSSEGADO...

Distributed by King Features Syndicate

É... PARECE QUE MEUS AMIGOS ESTÃO ENSAIANDO!
APLA

SEUS AMIGOS?
SIM. SÃO MÚSICOS!
CONTINUA-